ACADEMIA
SINGULAR, E UNIVERSAL,
HISTORICA, MORAL, E POLITICA,
Ecclesiastica, Scientifica, e Chronologica.

CONSTITUTIVO DE HUM VARAM PERFEITO desde o instante primeiro, que se gera no ventre materno, ätè o instante ultimo, que no claustro da sepultura se resolve.

COMPREHENDE TODOS OS ESTADOS, operações, e modos da vida humana: Artes Scientificas, Liberaes, Politicas, Mechanicas, e Serviz,

AUTHORIZADA COM VASTISSIMAS NOTICIAS, primeiros principios, e antiguidades celebres,

EXTRAHIDAS NAM SO' DA ESCRITURA SAGRADA, SANTOS Padres, e Doutores da Igreja, mas de outros quasi infiniros Escritores, que do Orbe todo universalizado, e singularizado historiàraõ.

TOMO UNICO,

QUE AO SERENISSIMO SENHOR INFANTE

DOM FRANCISCO

Senhor da Caza do Infantado, e Gram Prior do Crato, da Ordem, e Milicia da Sagrada Religiaõ de S. Joaõ de Jerusalem neste Priorado de Portugal,

OFFERECE, E DEDICA

Fr. JOZE' DE JESUS MARIA,
ULYSSIPONENSE,

Religioso da Ordem de S. Francisco, na Provincia da Arrabida, Prégador de Sua Alteza, Missionario por S. Mag. que Deos guarde, no Estado do Brasil, Sácristaõ mór, e Commissario Visitador da Veneravel Ordem Terceira na Sacra, e Real Basilica de N.S. e Santo Antonio junto a Mafra, agora terceira vez eleito Guardiaõ no Convento de S. Catherina de Ribamar.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina de Pedro Ferreira, Impressor da Augustissima Rainha N. Senhora.

M.DCCXXXVII.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

A' custa de hum parente do Autor.

AO SERENISSIMO SENHOR INFANTE

DOM FRANCISCO

Senhor da Caza do Infantado, e Gram Prior do Crato da Ordem, e Milicia da Sagrada Religiaõ de S. Joaõ de Jeruſalem neſte Priorado de Portugal.

DEDICATORIA.

SENHOR

SE as Maximas de Plataõ, e os conſelhos de Seneca naõ deſſem alentos ao meu diſcurço, deſvanecendo a cobardia do meu temor, nem aminha idéa romperia neſte exceſſo, nem me precizaria o credito, e amor da Patria a ca-

 bir,

hir neste absurdo. Absurdo denomino por dous principios a acçaõ que obro: tendo o primeiro por berço a minha temeridade, e o segundo por timber o meu reconhecimento.

No primeiro, porque me arrojei temerario (tal vez que a pezar de meus Antegonistas) a expender em laconico estilo nesta Academia Singular, e Universal, materias taõ alheas da minha profissaõ, tratando em hum unico, e abreviado tomo o que infinitos Authores (quasi de omni scibili) *escrevéraõ na composiçaõ de muitos mil volumes, pertendendo talves que logre a Patria aquella mesma gloria que tantos Reinos, e Imperios do Mundo por seus Nacionaes Escritores, merecéraõ.*

No segundo, porque serei criticado de meus emulos (que mais infeliz me conhecéra naõ os tendo,) pois que para obra taõ pequena, porque minha, imploro o patrocinio de taõ Regio, e Soberano Patrono; e se a lizonja no Mundo faz Gigantes de Pigmeos, tendo nome, e sendo homem só aquelle que tem homem, bem me quer parecer sahi de mim, pois naõ tendo homem, pertendo tenhaõ minhas obras nome, achando em seu favor a V. Alteza a quem Plataõ reconheceo mais do que homem; (1) *e se he proprio da Real soberania o naõ admittir adulaçoens, sem estas pertendo que fique com mayor credito o meu reconhecimento.* (2)

(1) Plato in Repub. Principes, Deos Appellat.

(2) Joan. Sisbar. l. 3. Policrat. cap. 4.

Tem este duas cabeças, e fica sendo monstro na grandeza: conheço o que devo a mim, e reconheço o muito que a V. Alteza devo; e se os Princepes fazendo honras aos que dellas saõ dignos, devem aos indignos só por benevolencia dispensar mercês, (3) *nas elevaçoens da minha indignidade dignificada por V. Alteza com beneficios, e honras tantas vezes, podéra erradamente o amor proprio ficar des-*

(3) Senec. lib. 4. de Benefitiis cap. 28.

desvanecido senaõ conhecera a V. Alteza, e me naõ reconhecèra; em acçoens taõ generosas quiz V. Alteza mostrar o ser de Princepe, tendo do Sol propriedades.

Mais sóes, e com mayor luzimento do que o Poeta vio no Ceo.

Ecce ego tres vidi incerta caligine Soles.

Resistavaõ com ventura os meus olhos no solio deste Luzitano Imperio, observando em todos os mesmos movimentos que nesse Ceo faz o Sol, pois deste he o Princepe retrato:

Quam bene quam similis Rex Solis habetur Imago.
Sol ut agit Cælo, Rex agit in Solio. (4)

Mas como nem de todos he facil a hum pequeno alcançar a benefica influencia de seus favores, (5) eu que com os de V. Alteza me considero taõ enrequecido, vendome na mayor perplexidade com o discurso sopîto no mais attencioso respeito, soçobrado com os temores de naõ parecer ao Sol ingrato como aos Bithinios succedeo, (6) e naõ intentando que V. Alteza com me deixar, me castigue como a elles fez o Sol (7) busco reverente desse brilhante Sol os beneficos influxos, naõ examinando como Aguia seus soberanos resplendores.

Offerto a V. Alteza esta obra que dedico, com o rendimento mais profundo; se parecer (Senhor) injuria, anima-me que naõ poem dezar à Magestade; (8) e se no sentir do Imperador Bazilio. Quanto mayor he a Magestade de quem perdoa, tanto mais brilhante faz a acçaõ que obra, (9) sendo o dissimular acçaõ propria de Princepes, como outro excelso Princepe Carlos V. proferio, (10) confio na piedade de V. Alteza perdoe tudo o que em mim for culpa, dissimulando os meus erros, e obrando como quem he com Real generosidade. (11)

(4) Apud Emman. Thomas no Fenix da Lusitania.
(5) Vide Seneca illustrado.
(6) Ravis. Textor in officina.
(7) Maxim. Tyrius tom. 2. Eusebiata. Julian. Cæsar. in Inst. ad Imperat.
(8) Carolo Paschasio Ethic. 21.
(9) Basil. Imper. cap. 50.
(10) Apud Seneca illustrado.
(11) Alcinous lib. de Doctr. Platonis. Propertius lib. 1. Gestius. Libanius. Policrates. Aristides.

Como

Como pois V. Alteza taõ discretamente sabe unir as inteirezas de Princepe com as afabilidades de Senhor, merecendo applausos da Magestade nas prerogativas de benevolo, conservando sempre do Sol propriedades, dà confiança à minha obrigaçaõ para fazerlhe holocausto do meu agradecimento, naõ conhecendo possa haver outro caminho para o meu dezempenho, mais que este exercicio que dou a V. Alteza para lograr em mim o seu amparo.

Pelo que na sua Regia protecçaõ sahe à luz este livro, e noticioso artefacto, confiando certamente naõ terà oppostos que o critiquem, sendo V. Alteza quem o protège. Digne-se pois, V. Alteza de o favorecer com seu amparo, que eu nesta acçaõ faço o que Seneca, e Themistio me aconselhaõ, (12) supposto vejo, que gratificando como posso tantos favores recebidos; venho a pedir novas mercés, parecendo a Dedicatoria deste livro agradecimento, e sendo empenho, porque naõ podendo dezobrigar a divida, individo mais a obrigaçaõ; mas nisto se parecem os Princepes com Deos, que reconhecendo o que se gratifica, naõ se satisfas recebendo, senaõ dando. De-me V. Alteza exercicios à promptidaõ da respectiva obediencia com que o venero, e receba benigno esta humilde offerta, parto de hum coraçaõ que humilde, e reverente o respeita. Deos guarde a V. Alteza por felicissimos annos, &c.

(12) Seneca de Benefitiis. Themistius orat. 3.

De V. Alteza.

Humilissimo, e fidelissimo C.

Q. S. M. B.

Fr. JOZE' DE JESUS MARIA.

PRO-

PROLOGO
AO LEITOR,
E Defençaõ do Titulo deste livro.

AMigo, ou inimigo, sabio, ou insipiente Leitor, quem quer que fores: para me conformar com o estilo commum, e exemplos modernos totalmente repugnantes à norma seguida dos antiguos, que julgando por infructuoso trabalho dos Escritores o fazerem Prologos, e darem satisfaçoens para abonar suas obras, como se os que lessem houvessem de se governar naõ tanto por seu proprio juizo, quanto por alheas desculpas, e razoens, pego na penna, e jà declaro que totalmente despido do amor proprio naõ he o meu intento dar satisfaçoens affectadas aos Criticos meus Antegonistas, que com a mordacidade das suas linguas, e pouco recta intençaõ se empregarem talvez com emulaçaõ envejosa, ou parciaes impulsos nos meus deslustres, accusando com excesso atè venialidades, só sim pertendo dar aos amigos, e dezapaixonados solida razaõ do meu dito, ou da idèa com que escrevo.

No theatro deste Mundo sahem agora segunda vez fazendo papel as minhas obras, e ficando muito aggradecido a quem se dignou de querer honrar meus escritos na vulgar aceitaçaõ achando-os segunda, e terceira vez impressos quando do Estado do Brazil a este Reyno me restituhi, na presente occasiaõ outra vez offereço aos teus olhos, e exponho à tua leitura este volume, que por ser de curiosas noticias todo cheyo,

poderà ter ainda mayor aceitaçaõ na tua urbanidade; ſe aſſim for, continuarey com outros a que tenho dado principio, e ſe naõ for aſſim, eſpero que pegando na penna me excedas, que como he para credito da Patria, cederey, e me darey por venturoſo quando vir que ſervi à tua inercia de eſtimulo para fazer obras melhores.

A inſcripçaõ deſte unico volume he Academia Singular, e Univerſal; e ſe Plataõ na ſua famoſa Academia naõ conſentia que com mal aparada penna ſe ſingularizaſſe nos eſcritos quem naõ foſſe no engenho unico, e nas ſciencias univerſal, reprehenſivel conheço a minha temeridade; mas anima-me a eſperança de que nos animos generozos, e illuſtres heide merecer deſculpa, eſtimando mais como Antimaço a aceitaçaõ de hum Plataõ (que por tal venero ao heroe ſcientifico) do que a approvaçaõ de todos os que o naõ forem: *Plato enim mihi inſtar eſt omnium.* (1)

Bem ſey que aos criticos parecerà o meu arrojo temerario, olhando para o titulo deſte livro, e reparando no aſſumpto deſta obra; porque ſe os Romanos, como Bergomenſe eſcreve, não conſentião que a penna, e a eſpada do Valerozo Julio Cezar ſe viſſe em outras mãos a que não foſſe poſſivel imitalo nas proezas (2) tambem a mim certamente o não ſeria dezempenhar o titulo, e a empreza; porque ſendo empreza da Real Academia deſcrever inclitas façanhas com que pela penna, e pela eſpada florecèrão neſta Luſitania Sacra, tantos Varoens illuſtres, eu proteſto que a ambiçaõ de tanta gloria me naõ cega a querer tirar nem a eſpada, nem a penna de mãos alheas;

(1) *Apud Tulium lib. 3. de clara oratione.*

(2) *Bergomẽſ de Geſtis Roman. cap. 30.*

lheas; e se a imitaçaõ nos homens he louvavel (3) desculpeme a mayor prudencia, e tenha que me dever a Patria vendome seguir com imitaçaõ reverente as pizadas dos que, se naõ com a espada, com a penna, se fizèraõ no Mundo insignes.

Assim pois Singular, e Universal intituley esta obra: Universal, porque todos nella tem tudo; Singular, porque tudo a todos se reparte, achando cada hum singularisado para si o que em todos se acha universalisado. Expendo summariamente em hum *Tomo unico* o que muitos mil Autores em infinitos volumes escrevèraõ, fazendo o que Cassiodoro em hum seu amigo elogiou: *Coligens quasi in unam Coronam germen floridum per quot librorum campos passim fuerat ante dispersum* (4) e se a discreta Abelha naõ tira o mel de toda a flor ainda que curiosamente a veja, e toque: *Apes non in omnibus floribus insidunt, neque ex eis ad quos accedunt omnia auferre conantur, sed quantum ipsis ad opus necessarium fuerit comprehendentes, reliquum dimittunt* (5) antes regeita a que lhe naõ he util; muitos livros inuteis, e apocrifos dimitti, e só dos que serviaõ para a exacçaõ da minha idèa me aproveitey. Tivera Licio motivo de me acusar, se no erro de Glauco com Diomedes eu cahira (6) e o discreto occasiaõ de reprehenderme se eu como o experto Quimico naõ fizèra, pois se este naõ escolhéra as plantas de que tira a quinta essencia, fora certamente ruina a mesma composiçaõ do remedio. (7)

Naõ deve asseverar o discreto, e douto ser inutil este livro, pois para todos os estados, e condiçoens de gente serve, ficando a minha curiosidade irreprehensivel, porque suposto diga

(3) *Senec. hist.*

(4) *Cassiodor. Epist. 26.*

(5) *D. Bazilius hom. 24. de legend. lib. Genes. 2.*

(6) *Maxim. Tirius ser. 23.*

(7) *Gaylhardas Doctor Pariensis.*

(8) *Marc. Tul.*

Cicero *Non omnium librorum eadem est utilitas* (8) neste pòdem todos achar utilidade. Menos a achàraõ sem duvida antiguamente os curiosos lendo os livros de Democrito que tratavaõ do numero quarto, os que Messala escreveo sobre cada huma letra do Abecedario, os que ElRey Juba compoz tratando da erva Euforbio, os que Phanias imprimio tratando só das ortigas, os com que sahio Synezio só de louvores dos Cravos, os com que se occupou Dionde tratando das Cabeleiras, os que Luciano fez quando escreveo das Moscas, os com que Maron se divertio escrevendo dos Mosquitos, os que estampou Antemio tratando nelles do mosto, os que divulgou Homero quando escreveo do vinho, os que finalmente outros muitos Autores escrevèraõ em outras muy pouco importantes materias, dando com inutilidade ao prello numerosidade de livros; e se o Ecclesiastes està dizendo que - *Faciendi plures libros nullus est finis: frequensque meditatio carnis aflictio est* (9) e no capitulo primeiro *Et agnovi quod in his.... multa sit indignatio, & qui addit scientiam, addit, & laborem* (10) tudo eu quiz obviar neste tomo unico que compuz.

(9) *Ecclesiastes cap. 12.*

(10) *Ecclesiastes cap. 1. in fine.*

Esta certamente foy a causa porque denomino a este *Tomo unico* parecendo abreviada Biblioteca em que exponho no Laconico estilo as universaes materias singularizadas, fiando da tua piedade naõ te escandelizes se vires que trato algumas à minha proffissaõ improprias, em o que naõ me parece fasso pouco em satisfaçaõ do meu assumpto. Se em alguma cousa parecer dissonante no que digo, a quem primeiro o disse me remetto, que se depois da Fé Divina ha Fé humana, ambas

respeita

respeita com a distinçaõ devida a minha credulidade, sem que o apurar verdades seja minha empreza; porque como todas as materias saõ no Mundo opinativas, os que seguirem opinioens contrarias poderàõ naõ as reputar sem sinistro acordo.

Se te parecerem cousas do outro Mundo, ou alheas da verdade as que neste livro leres, *Interroga maiores tuos, & dicent tibi.* (11) Vè as historias, ou corre o Mundo, que se jà houve quem disse que todo na famosa Lisboa compendiado se diviza, *Vidi Orbem in Urbe*, tem a certeza, q̃ nem todo em todo Portugal se encerra. Se por falta de noticias julgares impossiveis varios successos notaveis q̃ relato, achando-se no teu animo a incredulidade de Thomè, se quizeres, vè, e crè; e se a tua frouxidaõ, e tibieza impedir este arrojo, rindote como zoilo, ou hezitando como nescio, lè os livros, ou corre os Reynos, e logo naõ pareceràs mixilhaõ na conxa.

(11) *Deuteron. cap. 22.*

Nenhuma Monarquia conseguio mais applausos do que Roma, em quanto seus alumnos a exornàraõ com escritos, sem temer dos emulos censuras, e quando acçoens taes se suspendèraõ, logo as glorias de Roma se acabàraõ. (12) Quatrocentos mil corpos de livros se abrazàraõ na Biblioteca Real de Alexandria, tendo sido empenho de discretissimos Monarcas (13) e contendo quasi todos (como he crivel) fataes successos de todos, duvidarias se os lesses, assim como lendo os que te exponho, e saõ de muitos mil Autores extrahidos, podes (se fores ignorante) duvidar, porque as naõ vistes com teus olhos.

(12) *Lucio Anao.*

(13) *Senec. c. 9.*

Bem

Bem vez ſer a materia taõ vaſta que menos me cuſtaria fazer mais tomos na formalidade com que eſcrevo; mas ſe as arvores naõ pelo verde da gala, nem pela multiplicidade das folhas ſe eſtimaõ, ſó ſim pela ſingularidade da planta, e qualidade dos frutos, moſtro-te que naõ eſcrevi para avultar, e ſó ſim para ſervir, ficando por tal principio ſingular, e unico eſte tomo, em que offerto ao teu goſto (ſó neſta unica planta) os delicioſos frutos que mais de mil e novecentos Autores com que allego em quaſi infinitos livros que ſaõ das arvores figura (14) quaſi todos peregrinos, porque eſtrangeiros tinhaõ perpendiculares. Aggradece-mo, pois te poupo o mayor trabalho, e te modifico o dezembolço.

(14) *Silvius.*

Em fim: quizera merecer a tua benevolencia por premio de meu laborioſo diſvelo, perdoando os mais defeitos, e diſſimulando as minhas faltas, ſe for a minha locuçaõ taõ deſvalida que para ſahir a publico neceſſite os teus favores; mas porque a ſabedoria Divina repartio a cada hum os talentos conforme a capacidade dos ſogeitos, e nem todos podem ter a meſma clareza, e relevancia nos diſcurſos, a meſma elevaçaõ, e vivacidade nas idèas, a meſma forſa no expreſſivo dos conceitos, a meſma abundancia de loquella no bem limado das palavras, parecendo groceira, e toſca toda a fraze que ſe naõ accomodar com a elegancia pullida do que for ſabio, e mais diſcreto Leitor, reconhecendo eu a minha deficiencia na vulgaridade do eſtilo, a pobreza do meu engenho no conceituoſo dos diſcurſos, e a limitaçaõ da copia no alinho das palavras, humilde, e

reverente

reverente lhe ſuplico queira disfarçar benigno, e attento os meus erros diſſimulando todas as minhas faltas neſte livro, e por eſta repetida ſupplica.

A ti (oh Leitor menos experto, mas curioſo) digo que ſe a multidaõ de livros (como Lucano eſcreve) mais opprime do que enſina, e naõ faz curial, e noticioſo ao homem o ter muitos, pois ſe os naõ uſa, fica parecendo a ſua caza loge de hum mercador livreiro *Si librorum copia doctum redderet, eum qui comparaſſet, magni profecto prætii res eſſet* (15) a naõ quereres abrir todos, e ler muitos como eu fiz, abre, e lé com paciencia eſte livro que por hora dou ao prello, e acharàs noticias que extrahi dos muitos que diverſas Naçoens do Mundo eu abri, e li; para iſſo evita o ocio, ou furta tempo ao ſono, que ſe eſte da morte he figura como o Poeta diſſe. (16)

Stulte quid eſt ſommus? Gelidæ niſi mortis imago: deſperta, e converſa com os mortos, que nelles has de achar mais proveito que na murmuraçaõ dos vivos. O concelho he de amigo: bem vejo que mo naõ pedes, e ſe em to dar te offendo, naõ me tires o CHAPEO.

(15) *Lucan. ad indoct. & mult. ement. lib.*

(16) *Ovid. Poeta.*

VALE.

LICENÇAS
DA ORDEM

FR. Juan de Soto Lector Jubilado, Theologo de Su Mageſtad en la Real Junta de la Immaculada Concepcion, Miniſtro General de toda la Orden de nueſtro Padre S. Franciſco, y Siervo, &c.

Por el tenor de las preſentes, e por lo que a nòs toca concedemos nueſtra benedicion, y licencia para que pueda dar-ſe a la prenſa un libro que hà compueſto el P. Fr. Jozè de Jeſus Maria, Predicador de S. A. Miſſionario Appoſtolico, y Guardian de nueſtro Convento de Alferrara de nueſtra Provincia de la Arrabida, cuyo titulo es - Academia Singular, y Univerſal, &c. con condicion que le vea, y examine de Orden nueſtro el R. P. Provincial actual de nueſtra Provincia de la Arrabida (a quien le cometemos) y que dè ſu aprobacion in ſcriptis para que ſe imprima con eſta nueſtra licencia; y en todo lo de màs ſe obſervaran los Decretos del Santo Concilio de Trento, ac cæteris de Jure ſervandis. Dada en eſte nueſtro Convento de S. Franciſco de Madrid en 9. de Noviembre de 1735.

Fr. JUAN DE SOTO
Miniſtro General.

Loc. ✠ ſig.

P.M. de Su Rma.
Fr. Diego de Eſpinoza
Secretario General del Orden.

CEN-

CENSURA, E APROVAC,AM

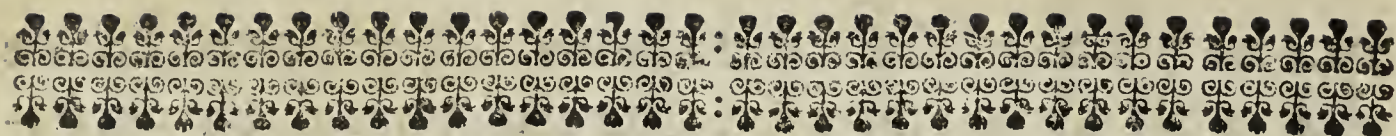
Do nosso carissimo Irmão Fr. Antonio do Nascimento ex Leitor de Theologia, e dignissimo Ministro Provincial actual da Provincia da Arrabida, em que (com autoridade do N. Reverendissimo P. Geral de toda a Ordem) approva este livro, e concede possa usar da licença do N. Reverendissimo P. Geral para se imprimir este livro.

POr commissaõ do N. Reverendissimo P. Frey Joaõ de Soto, Leytor Jubilado, Theologo da Magestade Catholica na Real Junta da Conceiçaõ, e Ministro Geral de toda a Ordem de N. P.S. Francisco, vimos o livro intitulado Academia Singular, e Universal, Historica, Moral, e Politica, Ecclesiastica, Scientifica, e Chronologica, &c. Autor o carissimo Irmão Fr. Jozè de Jesus Maria benemerito filho desta nossa Provincia da Arrabida, Prègador da Real Capella do Serenissimo Senhor Infante Dom Francisco, Missionario Apostolico, e Sanchristaõ mór neste Real Convento do nossa Senhora, e S. Antonio junto à Villa de Mafra; e se a licença que o N. Reverendissimo P. Geral concede ao Autor para imprimir este seu livro, a subordîna à nossa approvaçaõ, pòde o Autor aproveitarse da ditta licença, por quanto em todas as materias que trata neste seu livro se naõ encontra dictame contra a Real Politica, e Doutrina Catholica; antes para constituhirse hum varaõ perfeito em qualquer dos estados, operaçoens, e modos da vida humana, he esta obra utilissima; porque instruindo os costumes com a advertencia dos Exemplos, dispoem as acçoens para o governo mais ajustado, mostrando documentos singulares para o acerto das resoluçoens; encaminha os designios para conservaçaõ dos estados; e prevenindo regras para a reforma dos vicios, adverte a cautella para reparo dos erros; e se parece

que

que na expoſiçaõ de alguns ſuceſſos, ê expecialidade das noticias periga a eſcritura na pureza da verdade, de tal ſorte illuſtra o Autor as maximas da inteireſa, quanto moſtra eſta ſua obra calificada com a liçaõ das Autoridades que refere, com as quais deſvanece as duvidas que podia alterar a repugnancia, por naõ dever couſa alguma à fé dos eſcrupulozos, e aſſim he merecedor de todo o applauſo eſte ſeu livro; pois ſem ſe afaſtar do eſtillo proporcionado ao Hiſtorico, comprehende no Laconico o que facilitou o licito. Pelo que o julgamos digniſſimo de conſeguir por meyo do prèlo o que merecem as obras que ſe fazem dignas de ſe darem à eſtampa. He o que nos parece, &c. Real Convento de N. Senhora, e Santo Antonio junto a Mafra 23. de Janeiro de 1736.

Fr. ANTONIO DO NASCIMENTO.

Miniſtro Provincial.

DO S. OFFICIO

Censura do M. R. P. M. Fr. Alberto de Saõ Jozè Col, Religioso do Carmo da antigua Observancia; Qualificador do S. Officio, e Consultor da Bulla da Santa Cruzada.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Eminencia vi com todo o cuidado o livro intitulado Academia Singular, e Universal, que pertende dar ao prelo seu Autor o Reverendissimo P. M. Fr. Jozè de JESUS Maria benemerito filho da exemplarissima, e reformadissima Religiaõ de S. Francisco da Provincia da Arrabida, Prègador da Real Capella do Serenissimo Infante D. Francisco, Missionario por Sua Magestade, que Deos guarde, nos Estados do Brazil, Guardiaõ nos Conventos de Salvaterra, Alferrara junto a Setubal, e Sanchristaõ mòr do magnifico, e Real Convento de Mafra; e sendo os preceitos de V. Eminencia credores de toda a observancia, este foy para mim o de mayor estimaçaõ, naõ sò pelo anticipado proveito, que tirey da liçaõ deste erudito livro, como tambem pelo excessivo gosto que tive de o ler. Com grande propriedade se intitula este livro Academia Singular, e Universal, e parecendo este titulo à primeira vista involver entre si alguma oppoziçaõ, sò lhe vem de molde semelhante titulo. Singular he este livro pelo admiravel estylo com que he composto, tendo entre todos huma taõ notavel differença no unico, e singular methodo com que foy ideado, que sobre digno apreço, se faz merecedor de veneraçaõ. He tambem Singular pela sua recopilaçaõ, porque

soube

ſoube o Autor clauſurar em hum ſó Tomo tantos, e taõ avultados volumes, que naõ ſó fizèraõ ſuar as imprenſas, mas tambem enchèraõ as livrarias com a multidaõ de ſuas differentes materias. He Univerſal eſte livro, porque nelle ſe vem tratadas todas as ſciencias, e Artes Liberaes, Politicas, Mecanicas, e Serviz, taõ conformes às leys da Hiſtoria, que nem em hum apice ſe deſvia dellas, eſcritas com ſumma elegancia, ſem que pareça a fraze affectada, nem a ſua conciſaõ, noticia deminuta, diſpoſtos com tal engenho os innumeraveis cazos, que reffere, que naõ parecem materias amontoadas, nem impertinentes aos lugares, donde os ajunta. He tambem eſte livro Univerſal, porque para todos ſervem os documentos, que traz para a refformaçaõ da vida, e coſtumes, podendo cada hum com a ſua liçaõ conſtituir-ſe varaõ perfeito, unica baliza, a que o Autor encaminha o incanſavel trabalho de obra taõ util, e proveitoſa para o governo mais ajuſtado das opperaçoens humanas. Em fim eſte livro aſſim como he parto ſingular de hum unico engenho, ha de ter univerſal applauſo, quando ſahir a luz, porque nelle naõ acharàõ os mais eſcrupuloſos couſa, que ſeja contra a noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes: e aſſim havia de ſer; porque ſendo hum dos titulos do Autor o de Miſſionario que com effeito propagou a Fé, he certo, que naõ havia de eſcrever couſa que nem levemente a encontraſſe, ou offendeſſe os bons coſtumes. Por eſta razaõ julgo fazer-ſe o livro digno da eſtampa para que ſe pede licença a V. Eminencia, que mandarà o que for ſervido. Carmo de Lisboa Occidental 2. de Julho de 1736.

Fr. Alberto de S. Jozè Col.

Cen-

Cenſura do M. R. P. M. Jubilado Fr. Manoel de Santa Maria, Qualificador do Santo Officio, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Emminencia, revi o livro intitulado, Academia Singular, e Univerſal, Hiſtoria Moral, e Politica, que pertende imprimir ſeu Author o M. R. P. M. Fr. Jozè de JESUS Maria, Digniſſimo filho da Reformadiſſima, e Exemplariſſima Provincia da Arrabida, Prègador da Real Capella do Sereniſſimo Infante D. Franciſco, Miſſionario Apoſtolico nos Eſtados do Brazil, Guardiaõ nos Conventos de Salvaterra, e Alferrara, e Sancriſtaõ mòr do Magnifico, e Real Convento de Mafra; e nelle naõ achey couſa que encontre a pureſa da noſſa Santa Fé, ou rectidaõ dos coſtumes; antes ſim huma empreſa taõ grande a todas as luzes, que me parecem inadequados por diminutos, os epitetos que lhe dà a profunda humildade do ſeu Autor, intitulando-a Singular, e Univerſal, ſobrenomes que por ſerem poſitivos, naõ declaraõ cabalmente huma grandeſa ſuperlativa. Empreſa taõ alta, e taõ prodigioſa merece intitularſe Singulariſſima, e Univerſaliſſima; porque naõ ha ſingularidade, nem univerſalidade que naõ comprehenda; todas as ſciencias declara, todas as Artes enſina, todas as noticias manifeſta, todas as utilidades communica, as temporaes para a conſervaçaõ do corpo, e as eſpirituaes para a ſalvaçaõ da Alma, com taõ profundo Laconiſmo, que ſoube unir o mais breve eſtillo com o mais claro, recopilando em hum ſó volume todas as Livrarias do Univerſo; pelo que ſe manifeſta digniſſima de todo o aplauſo eſta Academia, e o ſeu Autor da licença que pede a V. Eminencia que

mandarà

mandarà o que for ſervido. Convento de noſſa Senhora de JESUS de Lisboa Occidental 3. de Agoſto de 1736.

Fr. Manoel de Santa Maria.

VIſtas as informaçoens, pode-ſe imprimir o livro intitulado Academia Singular, e Univerſal; e depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, e dàr licença que corra ſem a qual naõ correrà. Lisboa Occidental 3. de Agoſto de 1736.

Fr. R. Alancaſtro. Teixeira. Silva. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO

POde-ſe imprimir o livro de que ſe trata, e depois de impreſſo tornarà para ſe conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 25. de Agoſto de 1736.

Gouvea.

DO

DO PAC,O.

Censura do M. R. P. M. Jubilado Fr. Antonio de Santa Maria, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e do Priorado do Crato, e Prior actual do seu Convento de N. Senhora da Boa hora dos Agostinhos Descalços.

SENHOR.

FOy Vossa Magestade servido mandarme visse este livro, a quem recomenda o Autor, ennobresse o titulo, e exalta o Patrono: o Patrono em tudo Real: o titulo em tudo heroico, e o Autor sempre egregio: egregio o Autor; porque as suas obras o comprovaõ: heroico o titulo porque as suas doutrinas o manifestaõ; e Real o Patrono porque o Regio do seu sangue o firma: só este livro era digno de tal Patrono, acredor de tal titulo, e capaz de tal Autor; por isso egregio, heroico, e Real. O Autor merece sublimadas honras por letras, e virtudes: o titulo he hum epilogo de todas as sciencias humanas, e divinas: e o Patrono hum Infante de Portugal, Sarafim no nome, e na realidade. Ao Patrono devemse-lhe adoraçoens: ao titulo respeitos, e ao Autor tirarselhe o Chapeo, e abaxaselhe a cabeça. A cabeça do Autor he mais preciosa que a que sonhou Nabuco na estatua. O titulo do livro he mais espicioso, que o que gravou Jacob na pedra. O Patrono he mais augusto, que o que buscàraõ tantos sabios nos seus Mecenas: o Mecenas he o Serereni ssimo Senhor Infante Dom Francisco: està ditto tudo: o titulo do livro he Academia

mia Singular, e Universal: comprehende quanto se pode dizer, e o Autor he o ornamento da Religiaõ Serafica, o credito da Santa Provincia da Arrabida, a honra dos Prègadores Appostolicos mais eloquentes, o exemplar dos Religiosos mais reformados: e o Prototipo dos estudiosos mais incansaveis; mas ainda julgo diminuta diffiniçaõ, e por isso imperfeita, este elogio: só em o seu nome explicarey bem todas as prefeiçoens, dotes, e atributos, e predicados que o exornaõ, e illustraõ: o P. Fr. Jozé de JESUS Maria naõ ha mais que proferir; porque tudo o mais he menos, quanto se pode recitar sem adulaçaõ sem vaidade, e sem afectaçaõ. Quem falla com os Monarcas deve detestar, e fugir a estes execrandos, e abonaveis vicios: por isso com a minha costumada innocencia, e sinceridade digo que naõ achey, nem acharà o mais severo Critico neste volume cousa alguma que offenda às Leys do Reyno, e Real serviço de Vossa Magestade que mandarà o que for servido. Lisboa Occidental Convento da Boa hora dos Agostinhos Descalços aos 9. de Outubro de 1736.

Fr. Antonio de Santa Maria.

d Que

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornarà a esta Meza para se conferir, taixar, e dar licença para correr, sem a qual naõ correrà Lisboa Occidental 16. de Outubro de 1736.

Teixeira. Rego.

ESTà conforme com o seu original. Convento de N. Senhora de JESUS de Lisboa Occidental 25. de Outubro de 1737.

Fr. Manoel de Santa Maria.

VIsto estar conforme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 29. de Outubro de 1737.

Fr.R. Alancastro. Teixeira. Silva. Soares. Abreu.

VIsto estar conforme com o original, pòde correr. Lisboa Occidental 29. de Outubro de 1737.

Gouvea.

QUe possa correr, e taixaõ em papel, em mil e novecentos reis. Lisboa Occidental 29. de Outubro de 1737.

Pereira. Teixeira. Rego.

AO AUTOR
ROMANCE.

QUe empenho he eſte oh Eſcritor famoſo,
Pois vendo eſtou em voſſo grande eſtudo,
Que ou o Mundo atè hoje he limitado,
Ou que deſde hoje naõ ha jà mais Mundo?
Ver reduzido ao ſer de hum ſó Volume
Tanta acçaõ, tanta gloria, tanto triunfo,
Ou he moſtrar que os actos foraõ poucos,
Ou que para a eſperança acaba tudo.
Porèm poucos! Se o circulo dourado.
Que forma o Sol no ambito rotundo,
Repartidos a inſtantes os ſuceſſos,
Nos de huma hora comumita os Luſtros?
Acabar a eſperança quando os Pollos
Nos firmes exos ainda eſtaõ ſeguros,
E que cabem no eſpaço de hum ſó dia,
Em cada hora muitos mil aſſumptos?
Pois como vejo neſte livro raro
Em hum ſó corpo tantos corpos juntos?
Se para crer que he muito o vulto he nada,
E para crer que he nada, o objecto he muito.
Mas oh prodigio de hum engenho claro,
Taõ perſpicaz, tam prompto, e taõ agudo,
Que, ainda ſendo taõ vaſto eſte argumento,
Elle faltou, e ſobejou deſcurſo?
Os tempos ſummulou taõ finamente,
Que em paſſados, preſentes, e futuros,
Dos que paſſáraõ nos formou retrato,
E eſte retrato aos outros he tranſumpto.

O milagre alcançou da concha, e cova.
Que ao Santo Douto fez ficar confuzo,
Se as materias de hum vulto dilatado,
Rezumir ſoube em taõ pequeno vulto.
Maõ de Deos eſte livro me parece,
Pois para encherſe a ſemilhança em tudo,
Tras ao homem do nada para a vida,
E da vida o conduz para o ſepulcro.
Cedaõ deſde hoje eſſas eſtatuas de ouro,
A quem o entendimento rende culto,
Que à viſta deſte livro os outros livros,
Mais que eloquentes devem ficar mudos.
Se o ſeculo temera aquelle eſtrago,
Que outro ſentio, de barbaros impulſos
Em que para acabar de todo a gloria
Do entendimento ſevingou o inſulto.
Mas que tudo acabàra, e ſe perdèra,
Como do incendio nos ficarà eſcuzo
Eſte livro, ou padraõ marmoreo, adonde
Artes, e ſciencias nome tem ſeguro.
Seja do typo a ultima fadiga,
Dar a eſte livro o literal debuxo,
E deſcance dos mais; porque ſó elle
Faz para os outros ſem proveito o uſo.
E vós Douto Varaõ, ficay logrando
Ver, por elle que a ſeu reſpeito auguſto,
Naõ para a acclamaçaõ do nome voſſo,
De ſilencio ſe encheu hum, e outro vulgo.
Em quanto elle durar, durarà ſempre
Que o orbe da razaõ nunca he caduco,
Naõ ſe atenda a outra voz que ao voſſo aplauſo,
Nem haja outra liçaõ, que o voſſo eſtudo.

Do Doutor Vitorino Vitoriano Xavier do Amaral.

ROMANCE
AO AUTOR

QUem ha que louvar possa, oh varaõ douto,
Do vosso livro a Universal historia,
Se tem todo o Parnazo em vosso obsequio
Baixa voz, curta lingua, estreita boca.

Que furor haverà, que enthuziasmo,
Que ao que vòs mereceis, louvarvos possa,
Se por mais que o furor nasça valente,
perde o ser, perde a ancia, e perde a força.

Que penna pòde haver, naõ sendo de Aguia.
Que aõ Sol do vosso engenho os rasgos mova,
Se por mais que remonte a penna os rasgos,
Menos sobe, anda pouco, e nada voa.

Só o grande Clarim da vossa fama
Decantarà no Mundo as vossas obras,
Porque como he trovaõ, no que retumba,
Rompe o Ar, fere o Pollo, o Mundo atroa.

Por ser taõ singular o vosso engenho
Só com a admiraçaõ he que se louva,
Porque para ficar suspensa a lingua
Falta a voz, falta o plectro, o pasmo sobra.

Este livro darà do vosso engenho
Cabal conhecimento, e cabal prova,
Porque na vastidaõ destas noticias
O exalta, o aclama, e o abona.

Universal do livro se intitula.
A sabia Academia, a liçaõ douta;
E quanto mais generica se ostenta,
Mais luz tem, mais luz dà, mais nome logra.

Se o Sol tocha do Ceo, Alma do dia,
Com luz univerſal deſterra as ſombras,
Com luz univerſal brilha eſte livro,
Como Sol, como dia, e como Aurora.
Eſte geral eſtudo, eſte Volume
Serà liçaõ de todos proveitoſa,
Que para haver de aproveitar a todos
Muito tem, muito diz, e muito toca.
Que he mais que univerſal voſſa ciencia
Bem neſte livro ſe eſtà vendo agora,
Pois nella a fazeis vòs por abundante,
Taõ patente, taõ clara, e taõ notoria.
Univerſal do livro he a materia
Sendo do meſmo ſingular a fórma,
Que haveis vòs unir eſta implicancia
Por mais timbre, mais luſtre, e por mais gloria.
Mais que em mãos de papel, em folhas de ouro
Devia andar eſta Academia voſſa,
Que para em folhas de ouro ſer gravada
He digna, he Singular, faſſe Credora.
Por ficar voſſo engenho eternizado
No livro eternizais voſſa memoria,
Tendo no voſſo livro o voſſo engenho
Mais brazaõ, mais penacho, e mais Coroa.
Se o tempo gaſtador conſome tudo;
E triunfando de tudo, a tudo poſtra,
Vòs do tempo alcançais para vós meſmo
O laurel, o triunfo, e a victoria.
Levantando eſte livro ao voſſo nome
Tantas Eſtatuas quantas ſaõ as folhas,
Jà nos Aſtros, nos Ceos, e nas Eſtrellas
Vos poem, vos entroniza, e vos colloca.

De Franciſco Manoel de Brito Maſcarenhas.

AO

AO AUTOR
DECIMA

ESte Univerſal Tratado
Da voſſa elegancia empenho
He do voſſo grande engenho
Diſcretiſſimo treslado :
Só por vòs fora ideado
Eſte volume fatal,
Pois neſta liçaõ geral
Nos moſtra a experiencia
Que huma univerſal ciencia
Faz hum livro univerſal.

Do Doutor Antonio Soares de Carvalho.

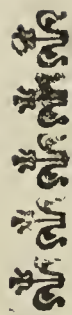
IN LAUDEM TANTI VIRI.

EPIGRAMA.

EST Liber inſignis, qui totam continet artem,
Unicus eſt author, qui bona jura docet.
Lucet at in tenebris, ut Sol,qui circuit orbem,
Idcirco in terris unicus ingenio.

Ex. S. S. S.

Dom Franciſco Antonio Vanicheli.

AU-

AUTHORIS ENCOMIASTICON

ODE

Dicolos Tetraſtrophos.

QUod decus vates proprium laboris,
Dulcis Euterpe, dabit , aut honorem,
Dic , figuranti genus omne mentis
More palæſtræ ?

Finxit argillâ tenui Prometheus
Corpus humanum , neque vivus illi
Spiritus molles animarât artus
Abſque Minerva.

Sed dedit pænas Scythico revinctus
Aſperas clivo ; quoniam imperitum
Solus audacter voluit renaſci
Non ſine furto.

Tum Prometides hominum figuras
Saxeas mundo, comitante Pyrrhâ,
Pone dejecit , ſobolem daturus
Inde revulſam.

At Deus cæli ſapiens creator
Condidit perfectum hominem,ac ſcientem,
Cui dedit cunctam ſubito domare
Ordine prolem.

Sic

Sic quidem formas hominem, ac docendo
Conſtruis doctum, tribuis politum:
Ergo laudandus meritis perinde es
Omnipotentis?

Abſit. Hoc nunquam citharâ canendo,
Mitis Euterpe referas; ſed, o, dic:
Proximos illi tamen occupabit
Author honores.

Quippe ſublimis, gravis, & decorus
Arte, doctrinâ ſuperans magiſtros
Cuncta recluſit, micet inter omnes
Sidera tangens.

D. & O.

Æmidærius Hœſipus Luſitanus Setobricenſis Barbaricus.

ER-

ERRATAS PRINCIPAES QUE SE ACHAM NESTE LIVRO
àlem das faltas de virgulas, e pontos que fazem sentido confuzo.

NO PROLOGO.

Pag. 1. fazendo papel - leg. fazendo seu papel. P.5. successos de todos, duvidarias - leg. sem a virgula ibi: sim ubi successos, ibi regra ultima porque as naõ vistes - leg. os naõ vistes. P.7.regr.1. lhe supplico queira - leg. te supplico queiras. Ibi regr.3. e por esta repetida supplica. - leg. sem o ponto. Ibi p.7. dos muitos que diversas naçoens - leg. de diversas naçoens. Ibi p.7. como o Poeta disse. - leg. sem o ponto.

LIVRO PRIMEIRO.

Cap.1. se propagasse,se a tempo, - lege se propagasse; e a tempo que &c. C.2.pag.6. outral icita - leg. outra licita cousa. Ibi p.8. do que vejo - leg. do que veio. C.4.p.25. pariraõ meninos machos - leg. pariraõ as molheres meninos machos. C.11.p.70. choveo lá - leg. choveo lan. C.12.p.71. Arclebiades- leg. Asclebiades. C.13.p.82. a averigua -leg. a averiguar. C.15.pag.91. a que chamvaõ - leg. chamavaõ Epagomenas. Ibi o anno politico Juliano foy o que- leg. o anno politico Juliano, foy o que &c. C.15.p.92. o digresso que faz o sol - leg.o digresso que faz de huma Estrela.

LIVRO SEGUNDO.

Cap.2.pag.135. morte afrontaza - leg. morte afrontoza. C.6.p.153. no tempo de Sereucho - leg. no tempo de Sereucho. C.6.na 1.regra este impossivel. - sem o ponto. Ibi aparecerá com o Padre, com o Filho &c. - leg. como Padre, como Filho, como Espirito S. C.7. p.170.que apostando leg.-que apostatando.C.11.jacer p.189. -leg. jazer.C.12.p.192.ubi 381. e logo 341. - 341. e depois 381. Nos Cap. deste 2. livro que trataõ dos Hereziarcas,e hereges, vaõ pontos postos de mais entre os nomes dos contheudos, e seus dittos, sem os quaes se deve ler, pois vai a oraçaõ continuada, e com elles em varias partes se trunca ou preverte o sentido.

LIVRO TERCEIRO.

Cap.3.pag.204. opiniaõ solida que Moueff -que Mouzes. C.6.p.225. matou otio - leg. matou o tio. C.8.p.262. aprazivel, e nelle fund- leg. aprazivel, nelle fundáraõ. C.8.p. 266. o Pretor Cayo Lolio - leg. Cayo Lelio. Ibi Fabio Ensileano - leg. Fabio Emiliano. C.10.p. 275. sem attenderem - leg. sem attenderem. Ibi pag. 276. preocupado - leg. preocupada. C.11.p.287. pelos annos de 717. - leg. de 617. C.12.p.294. da nobreza do Paiz - leg. da nobreza dos Paes.

LIVRO QUARTO.

Cap.1.pag.301. adondo - leg. adonde. C.3.p.309. tambem o mandou - leg. tambem mandou. Ibi p.310. regr.1. festiva, tem - leg. festiva, o que tem. C.5.p.317. ser eleito Papa) a hum - leg. hum. C.6.p.323.Menas mor.an. de 532. -leg. anno de 552.C.8.p.336. Heroner. an. de 71. - leg. anno de 109. Ibi p.339. em o numero dos Patriarchas 56. - leg. 59. Ibi p. 340. ubi 1098 - leg. 1058. Ibi ubi 1580. - leg. 1085. Ibi ubi 1610. - leg. 1091. Ibi ubi 1736. leg. 1136. C.9.p.342. creado no anno de 206. leg. de 296. Ibi p. 344. na primeira regra ubi 755. - leg. 799. C.12.no titulo, e compso - leg. e compoz. C.13.p.362. Apcsto I. Paulo -leg. Apostolo S.Paulo. C. 16.p.379.devotas de tam longe -leg. devotas de sam longe.

LIVRO QUINTO.

Cap.1.pag.390. adonde estáo os numeros 253. 343. 113. 18. 271. 303. 307. 340. -leg. sem atençaõ aos pontos, que vaõ de mais, e vareaõ o sentido. C.2.p.396. chellas - lege chélas. C.3.pag. 397. que em Relegioens, Conventos - lege em Religiozos Conventos. C.7.p. 415. o numero - leg.o numerar. Ibi e se estas só o mesmo Deos - leg. e se a estas só o mesmo Deos.

LIVRO SEXTO.

Cap. 3. pag. 44. teve subsistenria - leg. substencia. Ibi p. 445. regr. ult. os Romanos quizeraõ- leg. os Romanos que quizeráo. Ibi p.446.in fine os Masagetas,e &c. - leg.outros Masagetas, e Britanos. C.4.p.452. o grande Emperador - leg. Imperador & sic in cæteris. C.6. p.460. tendo linda molherde - leg. tendo Linda molher de &c.

LIVRO SEPTIMO.

Cap.2.p.474. Lyracusanos - leg. Cyracusanos. Ibi Monelao - leg. Menelao. C.3.p.476.

Cadmo

Cadmo Milegio - leg. Milesio. C.4.p.482. (especializando S. Jeronimo a Budas. - leg. S. Jeronimo) a Buddas. C.5.p.485. parte da Filozofia modernos alleveraõ - leg. parte da Filozofia, como os Filozofos modernos alleveraõ. C.8.pag.504. in fine se devide - leg. se devida. Ibi p.505.cap.28. de Jacob - leg. de Job. Ibi pag.506. dividise - leg. devidese. Ibi pag. 519. nesta, e outras mate ias - leg. nestas, e outras materias. C.12.pag.522. mais nobres - leg. de natureza mais nobre. Ibi p.523. mais opiniaõ - leg. mais a opinimaõ. Ibi p.526. e mais miudeza - leg. e com mais miudeza. Ibi neste Ceo se collecaraõ. - leg. se collecaraõ as aguas C.13.p. 529. os PP. e DD. attendo - leg. attendendo. Ibi p.530. sendo diffinitivo. - leg. sendo diffinido. Ibi p. 533. Guarnecic. - leg. Guarneric. Ibi p. 533. Chercano - leg. Cheriano. C. 15. Prædicatorij dicitur Æscandens - leg. Æs candens. Ibi p. 547. Peccatorum incantat. - leg. incantator.

LIVRO OITAVO.

Cap.3.pag.558. lhe fabricaõ este fabrefacto - lhe applicaõ este fabrefacto.

LIVRO NONO.

Cap.1.pag.568. á marge. lege (6) Genes. C.2.p.569. Elemento pelos influxos da Lua - leg. Elemento, e tendo pelos enfluxos, &c.

LIVRO DECIMO.

Cap.3.pag.592. in ind. Miravelte - leg. Miravette. C.5.p.605. ElRey Sotis a quatro - leg. a quarta. C.7 p.613. in fin. a Schede - leg. a Schedel.

LIVRO UNDECIMO.

Cap.1.pag.625. que chamara Osiris - leg. que se hamara Oziris. C.2.pag.631. in fin. com a rusticidade - leg. como a rusticidade. C.10.p.657. à marge - leg. (2) In vita S.P. Francisci. C.11. p.666. participandose, e no fim - leg. participando-se, emfim. C.11.p.664. no rio Beló - leg. no rio Belo. Ibi p.660. participandose, e no fim - leg. emfim. ibi 661. sem livros - leg. cem livros.

LIVRO DUODECIMO.

Cap.1.pag.673. do que ervio sentendeo - leg. do que servio entendeo. C.2.p.676.677. ubi jugadores - leg. jogadores. C.7.p.699. pobres, e corruptos - leg. podres, e corruptos. C.8.p. 702. in fin, e naõ como - leg. e naõ tomo. C.9.p.705. de tresoras - leg. de tres horas. Ibi p.709. variaõ - leg. variavaõ. C.10.p. in numer. 613. - lege 713.

INDICE I.

No § antes do primeiro Index in fine preza da Fé - leg. pureza. No Index I. Col.3.p.720. Antonio Maria Groza - leg. Gioiozi. Ibi Antonio Muza Bariabolo - leg. Barzabulo. Ibi p. 721. col.1. Antonio Reislingar - leg. Reislinger. Ibi p.722.col.3. in princ. S. Gyrilo Hyerosolemit. - leg. S. Cyrillo. Ibi Concilio Claramoncence - leg. Claramontence. Ibi p.785.col. 1. George Buc amense - leg. Bucanence. Ibi p.727.col.3. in princ. libio Pedovano - leg. libio Padovano. Ibi p.729.col.1. Niculao Lanlei - leg. Niculao Lancelai. Ibi col.2. Oldrado - leg. Oldrando. Ibi p.730 col.2. Pompciano - leg. Pompeiano. Ibi p.731.col.1. Salzado - leg. Salzedo. Ibi pag732.col.2. Wernero Rolcuvind. - leg. Roleuvind.

INDICE II.

Pag. 733. Geovani .... en la historia - leg. Giovani .... ne la historia. Ibi Bonardo, Trategiano - leg. Frategiano ... ne la &c. Ibi Giovania Maria Bonardo - leg. Giovani. Ibi p. 735. Reginaldo Pelo - leg. Reginaldo Pollo. Ibi p.736. Bartalo Marlio. - leg. Bartolo Marlio. Ibi p.738. in princip..... in Hist. la lachimosa - leg. lachrimosa. Ibi p. 739. in pr. Athanazi C hieger, Honumento da China - leg. Monumento. Ibi in §.ult. p. 743. molastia na leitura - leg. molestia.

INDICE III.

Pag.748 cap.9. Scismatieos - Scismaticos. C.10. Pontifices - leg. Pontifeces. C.11.... no nascimento - leg. do nascimento. Ibi p.750.l.4.c.2. na primitiva Igreja - leg. primitiva. Ibi ad cap. 3. Ita Missa est - leg. Ite.

NOTA

No Corpo deste volume por repetiçoens, faltas de assentos, ou plicas, excessos, e diminuiçoens de virgulas, e pontos, com especialidade adonde vaõ as notas dos numeros que apontaõ as alegaçoens das marges, vaõ muitos defeitos, e nas marges varios erros; rogo ao sabio, e discreto Leitor os desculpe, e emmende.

ACA-

ACADEMIA SINGULAR, E UNIVERSAL, HISTORICA, MORAL, E POLITICA.

LIVRO PRIMEYRO

Das Primeiras acçoens, e Operações da Creatura Humana.

CAPITULO PRIMEYRO

Da Existencia da primeira racional Creatura, e como adulterou, o fim para que foy por Deos creada.

DEPOIS de formada pelo Artifece mais supremo esta sumptuosa fabrica do Universo, creado jà o Ceo, e a Terra, estando ainda esta de escuridoens toda cheya, desterrou as trèvas, preparou as luzes, cercou os abissos, formou a esfera, desatou as fontes, deu ley às agoas, sinalou os termos, ligou os fundamentos, sogeitou os brutos, e domou as féras, em o dia sexto, que na melhor opiniaõ (1) corresponde aos vinte e cinco de Março, disse Deos: *Façamos o Homem* (2) à nossa Imagem, e semelhāça (razaõ sem duvida porq̃ depois Trimegisto lhe chamou Deos immortal)

Genes. 1. 1.

(1) Diogo Matute de Penafiel na Prosapia de Christo. Idade 1. cap. 1. §. 3. Fr. Jozè de Jesus Maria na vida, e excel. de N. Senhora l. 3 c. 17. n. 4. Pedro de Mexia na Sylva de var. liç. l. 3. c. 27.

(2) Genes. 1. 2

(3) Naõ falou Deos com ſom de voz, mas ſó eſta voz ſe referio à natureza do Verbo Eterno (4) ainda que muitos PP. e DD. a attribuem ao Eterno Pay que falàra ao Filho, e ao Eſpirito Santo (5) iguaes em a natureza, e poder. Fez o homem à ſua Imagem, e ſemelhança no interior (6) que he o verdadeiro Homem (7) e na juſtiça original: (8) ſe bem alguns Eſcritores dizem, que para formar ao Homem, tomou Deos Imagem, e ſemelhança humana. (9)

Em o Campo Damaſceno (chamado aſſim) (10) ou porq̃ Damaſech ſignifica miſtura de ſangue (11) ou porq̃ tomou o nome de DamaſcoElier, ſervo de Abrahaõ (12) que mereceu ſer primeiro Emporio do Mundo, e baze fundamental dos poſteriores ſeculos; por empenho ſoberano deſſa Trindade beatifica foy formado o primeiro homem logo em idade (13) perfeita, com o corpo de lodo (14) para que conheceſſe era terra (15) ainda que eſcolhida (16) no roſto lhe inſpirou os vitaes alentos (17) em parte ordenados com ſentidos (18) chamoulhe Adam (19) que em Hebreo ſignifica terra vermelha (20) côr que dizem tinha a de que o formàra (21) pozlhe Deos o nome, e naõ elle a ſi como aos outros animaes fizera: (22) illuſtrou-o com bens naturaes e ſobrenaturaes, eſpecialmente da juſtiça original, que no ſentir dos Theologos era huma rectidaõ da natureza humana, pela qual tinha perfeito dominio ſobre as forças ſuperiores (23)

(3) *Trimeg. in Pimand. & ad Aſclep.*
(4) *Mag. ſentent. l. 2. diſt. 13. §. 16.*
(5) *Perer. in Geneſ. l. 4. in Præfat. n. 3. Bened. Fern. in Geneſ. c. 1. ſect. 9. n. 2. in fin.*
(6) *Magiſter ſentent. l. 2. diſt. 16. §. 4.*
(7) *D. Thom. p. 1. q. 93. & art. 6.*
(8) *Gloſ. interlin*
(9) *Eugubin. ſup. Pſ. Domine prob. me. & alii apud Fon. ſec. de Amor. Dei c. 10. & cap. 38. prope fin.*
(10) *Bened. Fern. in 2. Geneſ. ſect. 6. n. 1.*
(11) *Genebrard. in Chronograph.*
(12) *Pineda d. c. 5. §. 3.*
(13) *Magiſt. ſentẽt. l. 2. diſt. 17 §. 3.*
(14) *Geneſ. 2. 7.*
(15) *D. Chriſoſt. in Gen. homil. 13.*
(16) *Phil. 1. de Mundi Opif. circa fin.*
(17) *Geneſ. 2. 7.*
(18) *Mag. ſentent. l. 2. diſt. 17. §. 2.*
(19) *Geneſ. 5. 2.*
(20) *Polyanth. verb. hom. verſ. alii hominem.*
(21) *Diogo Matute Proſap. de Chriſto idade 1. c. 2. Joaõ Franciſco Loredano nel Adamo.*
(22) *Geneſ. 2. 19.*

(23) isto, ou logo no instante em que lhe creou a Alma, ou depois, materia em que disputaõ os Doutores (24) e nelle foy dada esta rectidaõ, e justiça original a toda a natureza humana, do modo que os Theologos o explicaõ. (25)

Em o ameno, e delicioso bosque do Paraizo poz Deos no mesmo dia sexto à hora de Terça a Adam, jà illustrado com a graça, (26) guiando-o hum Anjo (27) ao qual lugar, jà antes do homem, o mesmo Deos creàra (28) sem q̃ os Authores assentem se era realmente corporeo este Paraizo, ou só intellectualmente a Adam representado, havendo entre muitos dissonancias sobre o lugar da sua existencia. (29) Foraõ logo por movimento que Deos lhe dèra, ou por ministerio de Anjos (30) os animaes todos a renderlhe obediencia (31) e Adam por determinaçaõ Divina hia pondo os nomes a cada especie. (32)

Achava-se jà Adam constituhido Principe, e com a posse do logro de hũa sciencia infusa, que Deos lhe concedèra, entendendo ao mesmo tempo, e falando a lingoa Hebrea; (33) porèm achando-se só no Paraizo, entendeo a Sabedoria increada lhe naõ era conveniente (34) e lhe quiz dar huma mulher por companheira (que naõ falta quem diga, elle mesmo a pedira) (35) para que tivesse filhos, que a Deos servissem, e com elles o genero humano se propagasse (36) e a tempo, que no Paraizo Adam se achava

(23) *D. Thom. 2 Sct. dist. 21 quæst 2 art. 3. Perer. in Genes. 3. disp. de tertia excel. Stat. innocent. ex n. 86. Bened. Fern in Genes. 3. Sect. 17. n. 2.*

(24) *Ref. Pineda Monarch. Eccles. l. 1. c 5. §. 2.*

(25) *Per. d. l. 5. in disp de 2. excell. stat. innoc. 9. 3. & 4.*

(26) *Moyses Barsepha de Paradiso. Pined. Monarch. Eccl. l. 1. cap. 11. §. 1. Matute na Prozapia de Christo idade 1. c. 1 §. 3.*

(27) *Bent. Per. in Genes lib. 4. n. 112.*

(28) *Genes. 2. 8.*

(29) *Refert. Perer. sup. ex n. 12. Joan. Micræl. Syntag. hist. l. 1. sect. 1. n. 5. & 6.*

(30) *Perer. in Genes. l. 5. n. 9 Fernãd. in Genes. 2. sect. 10. n. 1.*

(31) *D. Chrisost. in Genes. homil. 9. & 14.*

(32) *Genes. d. c. 2. 20.*

(33) *D. Chrisost. hom. 30. in Genes. Pineda d. l. 1. c. 12. §. 3 & 4.*

(34) *Genes. 2. 18.*

(35) *Fernand. d. sect. 10. n. 2. & cap. 1. sect 8. n. 6. ad med.*

(36) *D. Thom. 1. p q. 92. art. 1.*

todo ſopìto com hum profundo ſono (37) tempo em que myſterios reconditos, e altiſſimos lhe foraõ revelados (38) lhe tirou Deos hũa coſta, conforme alguns Authores dizem, naõ do lado direito, mas do eſquerdo (39) da qual edificou a mulher ſemelhante a elle. (40)

Mandou Deos a ambos eſtes conſortes, q̃ multiplicaſſem, e povoaſſem a terra (41) tempo em q̃ Adam repreſentava idade perfeita de trinta annos (42) e paſſados oito dias de conſervaçaõ da juſtiça original, por induſtria da caviloſa Serpente a perdèraõ, incorrendo primeiro Eva, e logo Adam no original peccado, porque ambos contra o preceito Divino comèraõ da arvore vedada o prohibido pomo (43) e aſſim ficando logo noſſos primeiros Pays ſogeitos a todas as miſerias, naõ ſó ficàraõ elles, mas nelles todos nòs perdidos (44) transferindo Adam eſta miſeria a todos nòs ſeus deſcendentes. (45)

Entrou Deos a ſindicar daquella culpa, e o meſmo Paraizo que tinha ſido feliz theatro da mayor delicia, foy cada-falſo infeliz da mayor diſgraça, pois nelle foraõ noſſos primeiros Pays ſentenciados por Deos, como ſuas culpas mereciaõ, ainda que a Miſericordia Divina conciliou na ſentença a juſtiça com a piedade, favorecendo os Reos, por quem, quando humanado, determinava morrer. A primeira cauſa motiva da ſentença q̃ contra Adam proferio, foy porque tinha ouvido a voz de ſua mulher (46) e a ſentença

(37) Geneſ hic.
(38) D. Aug. l. 9. de Geneſ. ad lit. c. 19. D. Bernard. Serm. in Vigil. Nativit.
(39) Geneſ. 2. Magiſt. d. diſt. 18 §. Pineda d. l. c. 8. 4.
(40) Aug. Bernard. ubi ſup. Hyeron. & alii apud Fernand. ſect. 11. n. 1.
(41) Geneſ. 1. 28.
(42) Hiſtor. Scholaſt. c. 25.
(43) Geneſ. 2. 9. & 3. 17.
(44) Geneſ. Omn. in Adam peccav.
(45) Conc. Trident. ſeſſ. 5. de peccato orig. Mag. Sent. l. 2. diſt. 30. & 31.
(46) Geneſ. 3. 17.

tença foy, que pois peccou em comer, comesse do seu trabalho (47) que a terra lhe seria neste pouco favoravel: (48) que com trabalhos comeria della todos os dias da sua vida: (49) e que lhe produziria espinhos, criando tambem ervas com que se sustentasse. (50) A Eva, nome que teve tanto que peccou, e significa Mãy dos viventes (51) tendo-os ella jà mortos, pois de antes se chamava Virago, nome que Adam lhe tinha posto quando a vio (52) condenou-a Deos dizendo: que lhe multiplicaria as miserias, e os seus partos (53) que com dores pariria os seus filhos (54) que estaria debaixo do poder de seu marido, e este a senhorearia (55) principiando por ella este suplicio, pois por ella principiàra a disgraça. A sentença executada em a multiplicidade dos partos, intimada na conceiçaõ dos filhos, e observada na geraçaõ dos fetos serà do seguinte Capitulo o argumento.

(47) *Genes. 3. In Sudore vultus tui vesce pane.*

(48) *Genes. ib. Maled. terra in opere tuo.*

(49) *Genes. ibi 3. In labor. com. ex ea*

(50) *Genes. ibi. Spin. & turib. germ. tibi.*

(51) *Genes. 3. 20.*

(52) *Genes. 2. 24.*

(53. 54. 55.) *Genes. 3. 17.*

CAPITULO II.

Da Geraçaõ, e Formaçaõ da Creatura humana em o ventre materno, e suas operaçoens desde o instante primeiro.

NAõ saõ viciosos os conceitos no sentir do famoso, e Sapientissimo Salamaõ, se em seu lugar saõ postos, e trazidos a seu tempo por quem quer que sejaõ explanados (1) pelo que supposto a materia presente seja alhea à minha profissaõ, e talvez q̃ criticada, respectivamente ao meu instituto, usarei das

(1) *Ecclesiast. 3. 1.*

palavras

palavras mais modeſtas, e eſtilo mais laconico, ou farei com que por mim fallem os que antes de mim com mais liberdade, e ſciencia na materia, a ſouberaõ filoſofica, e ſcientificamente expor.

He certo ſer a formaçaõ da creatura humana a obra em que a natureza mais ſe eſmèra, e ſaõ as acçoens humanas muitas vezes, quando para eſta fabrica concorrem, as que mais a deſconcertaõ: a vergonha, e honeſtidade, diz Ariſtoteles, que he propria à paixaõ do entendimento, e qualquer que ſe naõ offender com nomes, ou acçoens de impudicicia moſtra carecer deſta potencia. (2) Com eſte indicio deſcobrio Cataõ que Manilio, Varaõ illuſtre, era falto de entendimento, porque em huma occaſiaõ oſculàra ſua mulher na preſença de huma filha ſua, o que baſtou para ſer removido do lugar de Senador que era, ſem mais nunca ſer em tal numero admittido. (3) Do Paraizo foraõ expulſos noſſos Pays primeiros (4) quando depois de perderem o entendimento, conhecèraõ que ſe achavaõ ambos deſcompoſtos, e todos nùs (5) acçoens em que muitos filhos de Adam moſtraõ carecer de entendimento.

(2) *Ariſtotel.* 3. *de Anim.* & 4. *Topic.*

(3) *Cato Maior.*

(4) *Geneſ.* 3. 23. & 24.

(5) *Geneſ.* 3. 7.

Move Ariſtoteles hum Problema: *Cur homines rem agere veneream cupientes, confiteri ſe cupere maxime pudet;* e ſe tem vontade de comer, ou beber, ou qualquer outra licita couſa, ſe naõ pejem de o manifeſtar: E reſponde que ha em as humanas creaturas deſejo de muitas

couſas

cousas necessarias, certamente à subsistencia da vida humana, e algumas taõ importantes, que com a falta dellas perigaria a mesma vida, mas que *rei venereæ libido superfluit, & abundantiæ index est*; (6) porèm sem duvida he taõ falsa a reposta, como escusada a pergunta: o que a mesma natureza com as suas operaçoens comprova; porque naõ só a natureza, e em os seus effeitos as racionaes creaturas se pejaõ do que Aristoteles expoem, mas tambem do que Aristoteles nega; pois actualmente estamos vendo que naõ só os expertos na civilidade politica, mas ainda muitos que nella saõ menos versados se pejaõ de comer, e dormir, e muito mais de dar satisfaçaõ ao expulsivo cõmum; do que tem muitas vezes succedido, que irritada a natureza por suprimida, occasionou a morte pela retençaõ. (7) Este mesmo perigo [diz Galeno] provèm a muitas creaturas: *in difitientia rei venereæ*, e na opiniaõ commua dos Doutores da Medicina *in sexu miliebri* principalmente se verifica, supposto Aristoteles seja de contrario parecer. (8)

(6) *Aristotel. 4. Problem. 30.*

(7) *Experient. Magistra.*

(7) *Idem Arist. & com. DD. Medic.*

(8) *Galen. lib. 6. de locis affect. cap. 6.*

Ex conjunctione maris, & feminæ sabem todos que resulta a propagaçaõ do Universo, e a formaçaõ da creatura humana em o ventre materno: o modo desta, ainda que recondito, naõ menos na geraçaõ, muitos Filosofos antigos, famosos na arte Medica, o explicàraõ: Galeno diz, que entre muitos excrementos, e humores que ha em o corpo humano, só de hum se aproveita a natureza

para

para a geraçaõ, e formaçaõ da humana creatura, e este he o sangue sorozo, que se gèra em o figado, e veyas, no tempo que os quatro humores, sangue, fleuma, colera, e melancolîa alcançaõ a fórma, e substancia que haõ de ter (9) e a isto que Galeno chama excremento, Hipocrates lhe chama *Vehiculum alimentorum.* (10)

(9) *Galen. lib. 1. de Sem c.15.*

(10) *Hipocrat. lib. de Aliment.*

De tal licor como este usa a natureza para digestir o alimento, e fazer que passe pelas veyas, e apertados caminhos, a levar o sustento a todas as partes do corpo, cujo soro atrahissem a si os rins, lançando-o à bexiga, e dahi fóra do corpo, livrando a creatura do pendor que lhe podia occasionar; porèm vendo, tinha certas qualidades convenientes à geraçaõ *in utroque sexu*, proveo a natureza às racionaes creaturas de duas veyas, que levassem parte aos testiculos, e vazos seminarios, com alguma porçaõ de sangue, tudo por Providencia Divina, para que *cum semine tali* a geraçaõ humana se propagasse, sendo sua qualidade, como Galeno escreve, composta de certa acrimonia, e mordacidade irritante pelo salgado (11) do que vejo chamarse aos homens mui lascivos *salaces*, e para a feliz composiçaõ desta fabrica humana, proveo a natureza a parte direita de muito calor, e sequidade, e a parte esquerda de muita frialdade, e humidade, como Hipocrates, e Avicena dizem (12) em ambos os sexos, para que com a comunicaçaõ se aprefeiçoasse o composto.

(11) *Galen. lib. de Genit.*

(12) *Hipocr. Avic.*

Galeno

Galeno verifica, que para ſe gerar no clauſtro materno a creatura humana, hade neceſſariamente haver ſimultaneo concurſo *ex utrâque parte*, de tal ſorte, que de huma das partes ſe hade concorrer para a formaçaõ, e da outra para o alimento do feto(13) o que tambem comprovaõ Hipocrates, e Plataõ, ſuppoſto Ariſtoteles diga, que o ſexo feminino ſó concorre *recipiendo*, ſem mais cooperaçaõ alguma (14) o que he refutado por todos os Authores modernos, affirmando contra as opinioens anteriores ſer directamente preciſo ao meſmo tempo de ambas as partes o concurſo para a perfeita formaçaõ, de tal ſorte, que prevalece a parte de que houver mais exceſſo *per quantitatem*: do que reſulta, que *Si fuerit ex parte hominis* o que naſcer, ſerà macho, *& ſi ex parte muliebri fuerit* ſerà femea (15) e do tal exceſſo acontece terem naſcido de hum parto, tres, e ſinco, e mais crianças, ſuppoſto que por atenuadas na ſubſtancia ſe malogrem, ſendo mui commum o naſcerem duas, e ſucceder que em qualquer parto por accidente, ou haja por movito mao ſucceſſo, ou naſça a creatura aos ſete, ou aos oito mezes, com minoridade de ſubſtancia, pois o eſpaço de nove mezes he o tempo determinado pelo Author da Natureza para naſcer a creatura perfeita; das que naſcem aos ſete mezes, vivem muitas, mas naõ dos que aos oito mezes naſcem, pela mà influencia do Planeta, que entaõ occorre (16) e finalmente quanto ao numero dos

(13) *Galen. lib. 1. de Sem. c. 8. & 15. Hipocrat. & Plat. hic.*

(14) *Ariſtot. de gen. Sem.*

(15) *Ita Joan. Wazung Alemaõ famozo, e he com. nos AA. da Arte Medica modernos.*

(16) *Tomaſo Tomai nel ſuo Giardino del Mondo.*

filhos, que a mulher pòde parir de hum ſó parto *per excellentiam, & potentiam humani ſeminis*, na opiniaõ de Aſclepiades, ſaõ ſete, *ſi intra omnia receptacula matricis, mulier ſemen receperit.* (17) E de Margarida Condeça de Hollanda, em o anno de Chriſto de 1314. ſendo Emperador Arrigo de Luzzemburgo, pario de hum ſó parto trezentos ſeſsẽta e tres filhos vivos, os quaes todos chegàraõ a ſer baptizados (18) porèm tudo como acima jà diſſemos, he accidente.

(17) *Aſclepiad. hic apud Bapt. Fulg.*

(18) *Merula Boerio J. Canelle ſue Auree Deciſioni n.* 148. *Baptiſta Fulgoſo. Ludovico Dominichi nel lib* 4. *della ſua varia.*

O modo porque ſe fórma, e organiza o corpo da humana creatura em o ventre materno, he certamente hum dos mais eſtupendos prodigios da natureza: os Anatomicos, e mais celebres Authores da Medica, verificaõ, que apenas *Mulier recipit more debito humanum ſemen in debito vaſe matricis*, retendo-o ao menos por eſpaço de ſete dias, ſe fórma daquella tal materia tres pequenos foles, de que reſultaõ as tres partes principaes do corpo, coraçaõ, cerebro, e figado (ſuppoſto naõ falta quem diga he ſó hum o limitado folle,) e reduzidas aquellas tres partes pela natureza a conveniente figura, e proprios lugares atè o eſpaço de quinze dias, complectos eſtes, ſe originaõ do figado as veyas, do coraçaõ as arterias, e do cerebro os nervos (19) logo tambem os bofes que à maneira de huma eſponja atrahem o ar com que refreſcaõ o coraçaõ, do qual Galeno affirma, ter hum calor taõ activo, que naõ ſeria poſſivel o aturarſe ſe ſe lhe pudeſſe pôr hum dedo, mas o cerebro, pelo contrario, he frigidiſſimo (20)

(19) *Tamaſo Tomai ubi ſup. & commun. AA.*

(20)logo se vay formando à creatura o estomago, bexiga, intestinos, e mais partes todas do corpo dentro de huma pelicula que defende esta misteriosa fabrica, atè estar nos dias que jà dissemos, perfeitamente formada a organizaçaõ, e figura do corpo humano, que por evitar mayor digressaõ naõ individúo, e a pòdem os curiosos ler em Joaõ Uvazungo Alemaõ, ou em Alessandro Pascoli Peruziano, que escreveo na lingua Italiana mais commua do que aquella em o nosso Portugal, ambos Authores modernos, aquelle no anno de 1644. este a segunda Impressaõ com clarissimas estampas no de 1712. e ultimamente o Douto Mirandela Portuguez. (21)

(20) *Galen. de gener. & format.*

(21) *Nestas materias discorrem com muita variedade os modernos. Sed quid, quid dicant.*

CAPITULO III.

Da Parturiçaõ, e nascimento da racional Creatura, occrrencia de perigos, successos notaveis, e monstruosidades, que no Mundo se admiraõ por excesso, ou defeito, accidente, ou superfluidade da Natureza humana.

TEM seu nascimento natural a perfeita Creatura humana aos nove mezes (como jà dissemos) depois de concebida; e sendo nestes os perigos muitos em a Mãy que a gerou, he de todos o mayor perigo na occcasiaõ em que a chega a parir, naõ só pela activa vehemencia das dores que tollèra (1) mas pela tolerancia da morte a que na parturiçaõ se expoem. (2)

(1) *Comun.*

(2) *Galeno. Hipocr.*

Sahe do claustro materno ao Mundo a

Creatura humana, jà racional pela Alma infundida antes de raciocinar; nasce com a cabeça para diante por Providencia Divina, para que entrando nesta vida temporal veja logo o Mundo, e os seus defeitos, conhecendo a poucos annos a sua fatal miseria; porèm muitas vezes acontece com mais instantaneo perigo alterar por accidente a natureza, ou o successo esta fórma, pois algũas vezes tem acontecido nascer a criança com os pès para diante, outras lançando primeiro algum braço, e outras atravessadas, ou de ilharga, sendo precizo abrirse a Mãy para se resalvar o filho; isto succedeo a Justina mulher do Emperador Marco Aurelio; e aos famosos Augusto Cezar, Scipiaõ Africano, e Andrè Doria, entre outros, sendo de muitos observada a boa inclinaçaõ, e genio dos que assim nascèraõ; e pelo contrario verificada no crudelissimo Nero, em quem foy presagio de deshumana tirania o nascer com os pès para diante. (3)

(3) *Ravis. in Off. Astolf & alii.*

Em outras creaturas humanas se viraõ diversidades raras; pois como Solino escreve, nunca Marco Crasso se rio em sua vida, Socrates nunca foy visto melencolico, Estrabo nunca cuspio, Lucrecio Poeta nunca espirrou, o Emperador Tiberio de noite às escuras via tanto como de dia, Pirrho Rey dos Epirotas tinha em lugar de dentes, sem a fórma destes, hum osso mociço, Lucio Filerio nasceu com dentes, Zoroastro Rey, e inventor (como alguns dizem) da arte

magica

magica naſceu rindo, e Timon Athenienſe naõ podia ſoffrer o ver, nem tratar com gente, ſendo inimigo capital dos homens, e aſſim nem entrava em caza alguma, nem conſentia, que alguem lhe entraſſe em caza. (4)

(4) *Solinus.*

Muitos Doutores, que filoſofárão eſta materia, attribuiraõ taes ſucceſſos à influencia dos Planetas, e diverſidade de Signos, e ſó por ſiniſtros effeitos da natureza entendèraõ provinha a algumas racionaes creaturas a traſmutaçaõ accidental dos ſexos que muitas peſſoas menos noticioſas tem por paradoxo, ſendo certo, como Galeno verifica, naõ diferir o homem da mulher mais do que em ter os membros genitaes fóra do corpo; (5) o que muitas vezes tem ſido obſervado pelos mais peritos Anatomicos; e aſſim, ou eſtejaõ as creaturas dentro ainda, ou jà fóra do ventre materno, para a natureza converter a femea em macho, ou o macho em femea, naõ tem mais que ou extrahir, ou recolher as ditas partes, ſem que neſtas concorra outra couſa mais que hum exceſſo de calor, ou frialdade, ſabendo-ſe que o calor dilata, e a frialdade reſtringe. (6)

(5) *Galen. lib. de diſ ſect. vulvæ, & lib. 2. de Sem. c. 5.*

(6) *Juan Huarte cap. 5.*

Iſto que para alguns poderà ſer admiraçaõ, e novidade, ſe comprova com ſucceſſos acontecidos: Plinio affirma, que no tempo que eſcrevia ſua hiſtoria, achando-ſe em Africa, vira huma femea tranſmutarſe em macho, em o dia que ſe havia ajuntar primeira vez com ſeu marido (7) a qual depois ſe chamou Lucio Coſſiro: Pontano verifica

(7) *Plin. in Hiſtor.*

ſucce-

ſuccedèra o meſmo à mulher de Antonio Speſſa, Cidadaõ de Ebole, chamada Emilia, depois de eſtar dès annos com ſeu marido. (8) Ludovico Dominichi eſcreve, que duas filhas de Ludovico Goarna, Cidadão de Salerno, chamadas Franciſca, e Carlota, chegando à idade de 15. annos ficàraõ *per exitum genitalium* tranſmutadas em homens, com os nomes de Franciſco, e Carloto, mudando os veſtidos; e que o meſmo acontecèra a outra moça, na primeira noite que ſe ajuntou com ſeu marido, de tal ſorte, que reſtituindo-ſe outra vez com diverſa fórma à ſua caza, teve por ſentença em hum pleito, que poz, que outra vez (pois jà eſtava homem) o dote ſe lhe reſtituiſſe. (9)

(8) *Pontanus.*

(9) *Ludovico Domin. nella varia hiſtoria lib. 4.*

Dos que naſcem hermofroditas moſtrando em hum compoſto ſó ambos os ſexos, naõ haverà [por mais ſabido] em os leitores, duvida taõ grande: muitos ſe tem viſto; e eu vi hũ em o Eſtado do Brazil no anno de 1728. era gentio de huma das duas Naçoens, que cathequizei, e aldeei, e lhe puz o nome de Manoel, em o Bautiſmo. Os Filoſofos, e Aſtrologos atribuem ſemelhantes effeitos da natureza ao influxo dos Planetas, dizendo, que coſtumão ordinariamente naſcer na terceira face de Tauro, ſenhoreada por Saturno; e por Conſtituiçoens Apoſtolicas naõ pòdem eſtes uſar mais que de hum ſexo, e conveniente veſtido, ſob penna de ſerem por Ley Eccleſiaſtica, e Real ſeveramente punidos. (10)

(10) *Vid. Conſtit. Apoſtol. e a Ordenaçaõ do Reino.*

De

De muitas creaturas, que do ventre materno nascèrão monstruosas, tratão os Historiadores, sem apontar solidamente o motivo, ou causa efficiente destas monstruosidades. A que Aristoteles aponta, he a aprehenção imaginativa de algum dos que se ajuntaõ em acto (11) opinião a que os Filosofos naturaes assentem, entendendo que no tempo da formação, e não do nascimento recebe a creatura superficialmente por alteração das Estrelas a participação dos quatro humores (12) mas a opinião certa, e infalivel he, porque, ou pela malignidade dos taes humores, ou por castigo, ou por accidente, ou por excesso, ou por defeito da natureza, Deos o permite assim.

(11) *Aristoteles sect. 10. Problem. 12.*

(12) *Hipocrates. Plato. Arist. Galeno.*

Na Cidade de Milaõ anno de 1452. nasceu de huma mulher chamada Faustina, hũa criança, que tinha os olhos em as costas. (13) No Castello de Canosso em Lombardia, pario outra mulher huma criança com o corpo cheyo de pennas, e as orelhas tão grandes, que lhe cobrião todo o corpo. (14) No anno de 1560. nasceo outra monstruosa creatura com cara de homem, tres ordens de dentes, e corpo como Leão. (15) Junto à Cidade de Agnani pario a mulher de hum Pastor, huma menina perfeita em todo o corpo, mas com os pès de cavallo. (16) No tempo do Imperio de Nero, no Castello de Ravenna, que destruhio Luitprando, Rey dos Longobardos, nasceo hum menino com duas cabeças, comia com ambas as bocas, huma

(13) *Lampognani lib. 2. de prodig.*

(14) *Gisberto nele sue Chronic.*

(15) *Tomaso Tomai cap. 19.*

(16) *Aurelio Crescentino p. 3. Centur.*

huma cabeça dormia, e a outra vigiava, hũa boca ria, e chorava a outra: morreu hum alguns dias depois do outro. (17) Neſta Corte de Lisboa vi eu pelos annos de 1719. (com pouca differença) hum homem eſtrangeiro, com duas cabeças, das quaes huma lhe ſahia do peito, e tinha ſeu movimento, moſtrava dẽtes na boca, e cabello comprido na tal cabeça. Iſto não me admirou, tendo lido no douto Chroniſta Fr. Bernardo de Brito, q̃ neſte noſſo Reyno junto a Braga naſcèrão dous meninos, cada hum com duas cabeças. (18) E em outras partes ſe vio hum com quatro, e outro com ſete cabeças (19) e outro em tudo ſemelhante ao que eu acima diſſe que vi, eſcreve o noſſo famoſo Portuguez Antonio de Souſa de Macedo vira em Madrid no anno de 1629. e depois em Inglaterra no anno de 1641. (20) ao que daõ os Medicos, e Filoſofos ſuas razoens concernentes. (21)

Sobre tudo he de admirar o que não ſó em peſſoas particulares, mas em naçoens inteiras, nas partes mais remotas do Mundo ſe diviſou: Eſcreve-ſe em o livro intitulado *Ætas mundi*, authorizado com Santo Agoſtinho, Iſidoro, e Plinio, que os homens Cynocephalos tem corpo humano, e a cabeça de cão, fallão ladrando, e veſtem-ſe ſó com pelles de animaes. Os Cycoples na India tem ſó hum olho na teſta, acima do nariz, chamão-ſe monoculi, comem ſó carne de féras, e fazem guerra aos Grifos Aves. Outros não tem peſcoço, nem cabeça, e tem o roſto

(17) *Tomaſo Tomai nela ſua hiſtor. de Ravena.*

(18) *Fr. Bernard. de Brito na Monarch. Luſitana p. 1. l. 1. c. 10.*

(19) *Brito ſupr. p. 2. l. 6. c. 9.*

(20) *Antonio de Souſa de Macedo p. 2. c. 48 n 10.*

(21) *Franco in cap. Elyſ. q. 45. n. 24. 44. & 45. Hyeronimo Cortes nos ſecret. natur. rat. 5. c. 7.*

roſtro no peito, do tamanho do meſmo peito. Outros ſem nariz, com o roſtro plano, e o corpo direito, e hirto. Outros q̃ naſcem ſem lingua. Outros ſem beiço de cima na boca. Outros ſem boca, a quem os Medicos fazem hum foramen, para com huma penna beberem agoa. Outros com o beiço de baixo tão grande, que com elle cobrem o roſtro todo, quando dormem. Outros em Scithia chamados Pannothos tem orelhas tão grandes, que lhe cobrem o corpo todo. Outros em Ethyopia chamados Artabritas andão como o gado. Outros homẽſinhos, chamados Satyros, tem nariz disforme, cornos na teſta, e pès de cabra. (22)

(22) *Ætas munde in 2. mundi ætate fol.12.*
D. Auguſt. lil.16. de Civitate Dei c.8.
Iſidorus Ethi. l.11. cap.3.
Plinio lib.7. cap.2.

In Geſtis Magni Alexandri ſe eſcreve, que na India ha homens com ſeis mãos. Outros, que nos pès, e mãos tem ſeis dedos. Outros, que ſaõ chamados Apothamos, vivem nas agoas; tem da cintura para cima figura de homem, e para baixo corpo de cavallo. Outros nùs, e cobertos de pello, que habitão nos rios. Mulheres com barbas atè o peito, e a cabeça liza ſem algum cabello. Na Ethyopia occidẽtal ha homens com quatro olhos. Na Epiria homens de boa eſtatura, mas com peſcoço de grou muito grande, e com bico de Ave no lugar da boca. Outros com o peito direito de homem, e o eſquerdo de mulher, e muito grande. (23) Na Ethiopia occidental hà homens ſó com hum pè muito disforme de grãde, a que chamão Unipedes, não dobrão a perna, correm como hum cavallo;

(23) *In geſtis Alex.*

vallo; e diz Plinio, q̃ de Verão ſe deitão na terra, e fazem do tal pè chapeo de Sol. (24) Outros em Scithia, chamados Ipopedes, tem forma humana; mas os calcanhares para diãte, e os pès para tràs, e aſſim andão muito: diz Megaſchenis, q̃ tem oito dedos em cada pè. (25) Em Africa ha familias de gente, q̃ tem duas meninas em cada olho, com elles quãdo irados matão gẽte, e ſeccão arvores. (26) Nas ſolidões de Africa, diz Clitarco q̃ ha homẽs cõ taes unhas, q̃ torrãdo-as ao Sol, fazem dellas paõ, com q̃ ſe ſuſtentão. (27) Creſſias eſcreve, q̃ algumas mulheres na India ſó hũa vez parem, e immediatamẽte os filhos ſe vão enchendo de caãs. (28) Outros q̃ naſcem ſem boca, nũca comem, nem bebem; e ſó ſe ſuſtẽtaõ pelo olfato cõ o cheiro das ervas, flores, e pomos. (29) Outros, q̃ vivem 130. annos, nunca ſe fazem velhos, e neſta com o em ſua meya idade morrem. (30) Outros, que vivem 200. annos, todos de cabellos brãcos, e na velhice ſe lhe fazem pretos. (31) E na Ilha Trabona ha homens, que vivem muitos annos, e nunca tem enfermidade alguma. (32)

(24) *Plinio ubi ſupra l. 7.*

(25) *Megaſchenis apud Plin. hic.*

(26) *Iſigono. Memphodoro.*

(27) *Clitarc. in geſtis Alex.*

(28) *Creſſias de rebus Indiæ.*

(29) *Idem ibi.*

(30) *Oneſcricio.*

(31) *Creſſias ubi ſup.*

(32) *Artemidoro.*

Eſtas, e outras muitas fatalidades, que em diverſas partes do Mundo ſe tem viſto, obſervando-ſe por mõſtruoſidades grandes, ſe aos menos lidos nas hiſtorias forem cauſa de admiraçaõ; aos mais doutos, e ſcientificos, poderão ſer incentivo de filoſofar, ſe foraõ exceſſo, defeito, accidente, ſuperfluidade, ou gracejo da humana natureza; ou ſe pelo Supremo Author da meſma natureza iſto aſſim foy permittido com algũ motivo. CA-

CAPITULO IV.

Continua-se, e confirma-se a materia antecedente com casos singulares, e successos estupendos.

HE principio entre os Filosofos muy commum, que a natureza tanto ama o necessario, quanto aborrece o superfluo (1) e sendo Deos só quem radicalmente conhece, se os effeitos nas creaturas observados, e monstruosidades vistas saõ superfluidades, ou abortos da natureza, que talvez poderàõ ser por alguma occulta causa disposiçoens Divinas, devendo jà ser de admiração aos homẽs o que no anterior Capitulo referi, não menos serà de pasmo, e assombro em a propria materia, o que neste exporei: que supposto, parte talvez occasionarà incredulidade nos animos, naõ saõ materias de fé Divina, resalvo-me em a humana, com os primeiros que o escrevèraõ.

(1) *Ita com. Philosophi.*

Disse eu com a opinião commua, e experiencia observada, que aos nove mezes depois de concebida, nasce a perfeita racional creatura, sendo na opinião de Asclepiades atè sete os filhos, que de hum só parto pòde hũa mulher parir. (2) Mas entre monstruosidades infinitas, que no Mundo se tem visto, tambem muitas em os partos se tem admirado.

(2) *Asclepiad. ubi sup apud Bapt. Fulgos.*

Em Alexandria (escreve Flegonte Traliano) huma mulher em quatro partos deu ao Mundo vinte filhos, sinco de cada vez, e

que outra parira cento e ſinccenta filhos. (3) Na meſma Cidade (eſcreve Paulo Juriſconſulto) pario huma mulher cinco filhos de hum ſó parto: e dahi a quatro dias pario mais hum, ao qual quiz ver Adriano Emperador. (4) Huma Senhora no Reyno de Heſpanha pario hum filho, paſſadas algumas horas pario outro, e dahi a algumas poucas de horas pario mais ſeis filhos. (5) Em Salamanca Cidade do meſmo Reyno huma mulher de hum Livreiro pario nove filhos de hum ſó parto. Na Cidade de Oſtia pario outra de huma vez oito filhos. No Peloponneſo pario outra vinte filhos em quatro partos. (6) Em Cracovia, Margarita mulher do Conde Vitboslao no dia 20. de Janeiro de 1269. pario trinta e ſeis filhos. (7)

Em Meſſina no anno de 1430. eſcreve Nicolao Serpetro, parira de huma ſó vez hũa mulher onze filhos todos machos; e outra que pario ſettenta de huma vez. A Condeça de Querfurt que parira nove, Iſmetrude mulher de Uſnebert Conde de Aſtolf, q̃ parira doze, e outra Senhora, que parira ſeſſenta filhos em doze vezes ſempre ſinco em cada parto. (8) No tempo de Frederico II. Emperador, q̃ reinava pelos annos de 1218. Mattilde Condeça, queera de Ermemberg, filha de Florentino IV. Conde de Batavia pario mil quinhentos e quatorze filhos de hum ſó parto, aos quaes baptizou Ottone ſeu tio, Biſpo de Trajetto, e logo morrèraõ. (9)

Margarita, filha do Conde Florentino, e

(3) Fleg. Tral. apud Cl. Rodigin. . . c. 3. Men. p. 5. c. 7. Cētur.

(4) Paul. Juriſconſ.

(5) Paul. Maſſini c. 1.

(6) Martino Crom. l. 9. de Repub. Pol.

(7) Nicolao Serpetr. Merc. de le Maravig. Port. 1. log. 2. off. 6.

(8) Avent. l. 7. de gl. Anim Berlaim p. 1 c. 6 fol 58.

(9) Menoch. p. 5. c 7. Centur 9. Ludovic. Guizardini. Geogr. de lla Fiàd. Ludovic. Vives. Berlaim p. 1. c. 58. Anton. Torquem. ad Nicul. Serp. Ergeſt Brot. l. 4. Enr. Euzeb. Bapt. Fulgoz. l. 1. c. 6. Andr. Eborenſe Anel de Oland. Albert. Crantiz. in Vendalia. Genebrādo in Clem. 6.

e de Matilde filha de Henrique Duque de Brabancia, do anno de 1276. em idade de quarenta e dous, na ſeſta feira Santa pelo meyo dia pario trezentos ſeſſenta e quatro filhos, e todos foraõ baptizados pelo Biſpo de Guido, os machos com o nome de Joaõ, e as femeas com o de Iſabel; viveraõ pouco, e foraõ ſepultados na Igreja de S. Bernardino, onde ſe vè ſua memoria. Referem graves Authores, ſe vira tal ſucceſſo, porque hindo huma pobre, que tinha baſtantes filhos pedir huma eſmolla a eſta ditta Margarita, a eſcarneceo com palavras injurioſas, dizendolhe não era poſſivel que todos aquelles filhos foſſem de ſeu marido; ao que a pobre reſpondèra que permittiſſe Deos, tiveſſe ella tantos de hum ſó parto, que os não conheceſſe. (10) Artaxerxes Rey da Perſia, teve cento e ſeis filhos. O Rey de Zambra, teve trezentos e vinte e ſinco. O Rey de Gilolo ſeiscẽtos. O Rey Jeronymo de Arabia outros ſeiscẽtos. Outro do meſmo Reyno, ſeiscentos e cincoenta. E Erotino tambem Rey da Arabia teve ſetecẽtos filhos valeroſos Soldados, com q̃ pelejou contra Siria, e Egypto. (11)

Em huma Cidade de Alemanha, pario huma mulher muito rica cento e cincoenta filhos em hum ſó parto: como eſcreve Alberto Magno. (12) De outra fazem mençaõ Nicolao Florentino com Avicena, a qual pario ſettenta filhos de hũa ſó vez. (13) Combe por ſobrenome Calcide na Grecia, pario cem vezes ſucceſſivamente. (14) Refere Nicolao

(10) *Niculao Serpetro Por. 1. log. 3. off. 6. f. 28. con Mar. Polo Ven. Luigi Contarini f. 111.*

(11) *Albert. Mag.*

(12) *Nicul. Fiorent. nel Serm. 6. del nono de gl. Animali, con Avicena.*

(13) *Apud Paul. Maſin cap. 1.*

(14) *Niculao Serpetro.*

Nicolao Serperto, que em Heſpanha houvera hum ruſtico, cujos filhos chegàraõ a povoar huma Aldea de cem cazas; e que hũa velha deſta deſcendencia dizia, falando com outra da meſma progenie: Oh filha da minha filha, dize a tua neta [iſto he à filha da tua filha] q̃ o filho da filha de ſua filha chora. (15)

Em Pavîa, no anno de 674. referem graves Authores, que naſcèrão hum menino, e huma menina juntos, hum com a cabeça de cão, outro com a cabeça de gato. Na meſma Cidade anno de 1474. huma mulher pario hũa gata com face humana. No meſmo anno em a Cidade de Verona naſceo huma menina com duas cabeças, quatro pernas, quatro braços, e todos os mais membros duplicados. Em Navarra anno de 1471. naſceo hum menino com tres cabeças, huma de homem, outra de caõ, e outra de gato, Na Hungria pario hũa mulher a hum menino com a cabeça de Elefante. (16) Em huma Povoaçaõ de Auſtria pario huma mulher tres gatos, dous machos, e huma femea. (17) Huma mulher na terra de Turingia, eſtando tres dias com activas dores de parto, ao naſcer do filho ſe lhe ouvio no ventre hum eſtouro como de hũa peça de artelharia, com tantas chamas, q̃ abrazàraõ os pannos da parida, as mãos, e quaſi o roſto da Parteira, ficando cheya a caza por muito tempo de hum horrivel fetido, que parecia ſulfureo. (18)

Refere Donato, q̃ na Cidade de Bergamo anno de 1628. aos 7. de Março naſceo de huma

(15) *Roſar. f. 20. à 34. Secinara c. 75. Luige Contarini f. 124.*

(16) *Felice Geràrd. ſuo Mercurio feſol. 17 f. 233. 205. 225.*

(17) *Aſcanio Centoriano, Aſtolfo ſua Officina. l. 2. c. 24.*

(18) *Donato Calv. Effem. Sotto na parola prodigi di natura f. 222.*

huma mulher civil hum horrivel monſtro à ſemelhança de hum Demonio vivo, que em diverſas partes do corpo tinha figura de Paſſaro, de Mono, e de Peixe; e logo começou pela caſa a ſaltar. (19) Eſcreve Martin del Rio, que em Bolduch de Flandres houvera hum homem vexado do Demonio, o qual querendo ajuntarſe com ſua mulher, e dizendo por zombaria naquelle acto, que queria gerar hum Demonio, aſſim aconteceo; pois pario ſua mulher hum filho com cara, e aſpecto de hum Demonio, ſaltando logo pela caſa com mais vivacidade da que imitão os que lhe repreſentaõ a figura. (20) O meſmo Author diz, que em Witemberg naſceo hum menino com o roſtro ſemelhante a hum cadaver; dizem que fora, porque a mãy ſe aſſombràra com outro cadaver que tinha viſto. (21) Averroes affirma, que da imaginaçaõ, com que ſe eſtà *in actu generationis*, procede muitas vezes o parir monſtruoſidades: e tràs por exemplo huma mulher, que pario huma Serpente, porque no tempo que ſe ajuntàra com ſeu marido, eſtivera com o ſentido em huma Serpente que no tecto, ou pavilhao tinha pintada. (22) Neſta opinião aſſentam Galeno, e Avicena, entendendo que a cauſa porque os filhos adulterinos às vezes ſe parecem mais com o marido, da adultera, do que com o pay, que os gerou, he pela imaginaçaõ, e medo com que eſtà de que aquelle naõ venha, e a apanhe no delicto. (23)

(19) *Martin del Rio Diſquiſit. Mag. Menoch. p. 1. Cent. 1. cap. 96.*

(20) *Ibi.*

(21) *Averroes.*

(22) *Galen. Avicena.*

(23) *Raſell. in lib. Judic.*

Alibano Rafello efcreve, como teftemunha de vifta, nafcèra hum filho a hum Rey, em cuja Corte affiftia, o qual nas primeiras vinte e quatro horas, que fahio à luz, começou perfeitamēte a fallar, e menear as mãos, profetizando como feu pay havia perder o Sceptro, e ver o Reyno deftruhido. Logo morreo. (24) A Pruffia Rey de Bithinia nafceo hum filho com todos os dentes de fima, e baixo iguaes no feitio, e grandeza. Marco Curio, Egneo Papiro, e Carbone nafcèraõ com todos os dentes. (25) O famofo, e celebrado Hercules nafcèo com tres ordens de dentes, como efcreve Jonnechio. (26) A Valerio Maximo (diz Genitio) que nafcèraõ duas pontas na cabeça. (27) Secinàra diz que no an. de 1010. nafceo em Folinho na Umbria hum menino com feis dentes. (28) Em Sagunto no tempo que Annibal deftruhio aquella Cidade, hum menino, que nàquella mefma hora nafceo, tornou a fugir para dentro do vētre, donde fahio. (29)

Na Bretanha, em huma Ilha chamada a Ilha Santa, nenhuma mulher pejada pòde parir fem que faya para fóra della; e fe algũa o naõ faz affim, tem a morte certa. (30) Na jurifdicçaõ do Conde de Ortemberg nos confins de Tirol hà huma Igreja chamada Sāta Maria de Lugau, fobre cujo Altar fe fe poem os meninos mortos no parto, logo revivem, ou refufcitaõ atè que poffaõ receber a agoa do Bautifmo: o q̃ feito, logo morrem outra vez, e faõ authenticados os milagres. (31)

(24) *Pedro Meffia. Mambrin Rofeo. Franc Sanfovino Selva rinovata p. 1. c. 33. fol 106 c. p. 5. c. 32 fol. 119. P lin. 3. Luigi Contrarini f. 113.*

(25) *Jonechio.*

(26) *Genitio.*

(27) *Secinara trat. 1. f. 13.*

(28) *Idem omnia fupr. apud Valer. l. c 5. de Mirandis. Tomafo Garfoni in Serr. App. prod. Stanz. 2. fol. 190.*

(29) *Pietra Santa Tom. 1. cap. 25. f. 241.*

(30) *Euft. Rud. Pietro Alfaroli Fulgentino. Kuē Servita e Silv. Pietra Santa. tom. 3. c. 25. f. 241.*

(31) Em Soria Seleuco por atteſtaçaõ de Apiano Alexandrino ha huma familia, cujos deſcendentes todos naſcem com huma ancora impreſſa em huma coxa. (32) Sigiberto filho de Dogoberto Rey de França aos quarenta dias de naſcido, baptizando-o S. Amando, com clara voz reſpõdeu *Amen.* Megero conta de Felippe X. Conde de Flandres, que aos tres dias depois de naſcido, falàra claramente. (33) Eſcreve Amato Luſitano, que em Ancona no an. de 1551. em o mez de Dezembro do dito anno pariraõ meninos machos, e ſe alguma femea naſceo, morreu logo; pelo contrario no an. de 1553. todas as crianças que naſcèraõ, foraõ femeas, e ſe algum macho naſceo, eſpirou. (34) Em a Cidade de Nocian, Provincia do Graõ Caõ dos Tartaros, he coſtume, quando pare algũa mulher, hir logo depreſſa o marido para a cama com a criança, e nella eſtà quarenta dias de regimento, recebendo as viſitas dos parentes, e amigos, e comendo os manjares, que havia a parturiente comer, ſendo a mulher quem lhos miniſtra, e naquelles quarenta dias o governa. (35)

(31) Apiano Alexandrino Guerra Civil de Roma Giacomo Certani Ab. la verità vendicata l. 2. f. 158. Alexandro Braccio.

(32) Megero apud Menoch. p. 5. Cent. 10 c 34. Petrus à Natalibus in vita Sanctorum.

(33) Amato Luſitano Centur. 4. Menoch. p. 5. Ctur. 10. 76.

(34) Marco Pol. Venet. c. 89.

(35) Plin. l. 7. cap 4. Anton. Torquemada tr. 1. fol 42.

Confirma-ſe tambem ultimamente a opiniaõ, e materia em que tratamos da mutabilidade dos ſexos. No livro dos Annaes de Roma, ſendo Conſul Publio Licinio Craſſo, e Caio Caſſio Longino, ſe vio huma moça, filha de Caſſino, que tinha de antes ſido homem. (36) Lucio Muſſiano affirma ter viſto em Argo hum homem chamado

(36) Lucio Mutiano. Antonio Torquemada trat 1. fol. 42. Tomaſo Garzoni ſuo ſer. fol 664

Areſconte, que primeiro tinha ſido mulher, chamada Areſcuſa, naõ tinha barba, e cazou com hũa mulher do meſmo povo. O meſmo refere de outro moço na Cidade de Smirna. O proprio comprova ter viſto em Africa, e ſer ſuccedido a Lucio Cidadaõ de Tingitana. (37) No tempo de Alexandre VI. anno de 1492. huma noiva antes de ſe ajuntar com ſeu marido, cantando, e dançando com exceſſo, junto com a mais cometiva das ſuas vodas, ſe tornou homem. (38) Joſciano Pontano Author grave, eſcreve, que huma mulher na Cidade de Gaeta depois de eſtar quatorze annos em caſa de hum Peſcador, ficou homem. (39) O meſmo conta de hũa Matrona, na Cidade de Ebole no anno de 1490. a qual depois de eſtar 12. annos com ſeu marido, mudou o ſexo, e ficando homem, caſou com hũa mulher de quem teve filhos. O meſmo, e ainda com mais circunſtancia refere de outra mulher, que depois de caſar, e parir hum filho, mudou o ſexo, e ficando homem, caſou de novo com outra mulher da qual tambem teve filhos.

(37) *Luigi Contarini ſuo Giardino.*

(38) *Joſciano. Torquemada tr. 1. fol. 42. Julio Cezar de ſolis fol. 74.*

(39) *Iidem ibi.*

Naõ quiz ſe queixaſſem os leytores de que eu me fazia avarento de noticias, por iſſo (ainda que a diſpendio do ſeu trabalho) neſte Capitulo lhe reſtituhi as que nos Capitulos antecedentes, por não ſer extenſo, lhe uſurpei.

CAP.

CAPITULO V.

Da Constituiçaõ substancial, corporea, e quantitativa da Creatura humana, depois que do ventre materno he nascida. Trata se dos Gigantes, e Pigmeos.

TEriaõ, ou, como certamente lhe parece, tem razaõ de se admirar os homens, e ainda de se queixarem da humana natureza, culpando-a de que sendo Máy amante, naõ faça para com os filhos as partilhas muito iguaes: pois que tendo todos os homens essencialmente a mesma natureza, esta se diversifica tanto nos sogeitos, a quem liberalmente se communica individuada; porèm a mim me parecia que contra Adaõ, e Eva nossos Pays primeiros, ficaria mais justificada esta querela, pois da culpa em que cahiraõ, resultou por sua culpa os posteriores successos, que acontecèraõ.

Naõ parece filosofáraõ assim Plataõ, Aristoteles, Galeno, e outros muitos Authores, quando observando a constituiçaõ substancial, corporea, e quantitativa das humanas Creaturas; e vendo serem os homens huns muito valentes, e outros muito fracos, huns mui bem dispostos, e outros muito magros, huns de improporcionada estatura, por pequenos tendo annos, e outros desproporcionada corpulencia, por grande, tendo talves menos idade, attribuhiraõ estes accidentes a outras causas. Plataõ dà a entender que isto procede de alguma irritaçaõ do vi-

cio do temperamento, e constituiçaõ dos humores. (1) Aristoteles diz, que o animo, e valentia natural procede do muito calor. (2) Galeno julga que estas disparidades provem das qualidades do comer antes do acto da geraçaõ. (3) Outros querem que proceda *ex plurimo, vel pauco semine expulso in generationis actu* (4) e outros que provenha do ordinario comestivel, provado com a experiencia; porque os que saõ creados nas Cortes v.g. com manjares delicados, e muito mimo, naõ saõ ordinariamente de tanta substancia, forças, e muitas vezes corpulencia, e ainda nem lograõ tanta saude como os Camponezes, rusticos, e trabalhadores, que com comeres grosseiros, e fortes se alimentaõ, e recebem sem policia o sustento. (5)

(1) *Plato. Dialog. de Natura.*

(2) *Aristotel. sect. 14 probl. 15.*

(3) *Galen. lib. de Cibis boni & mali succi.*

(4) *Tomaso Tomai cap. 20.*

(5) *Juan Huarte.*

He a minha opiniaõ (e cuido naõ me engano no que digo) que o serem muitos homens fracos, pusilanimes, cobardes, e tìmidos, de pouca substancia, pouca força, e apoucada corpulencia, procede tudo de se depravarem os animos pelas culpas, e de se estragarem as naturezas com a infinidade de peccados, em que saõ os homens taõ peritos, com especialidade os que nas Cidades, e Cortes mais tratados, que a poucos annos de nascidos se divisa nelles anticipada a malicia ao uso de razaõ: a experiencia o mostra, e a doutrina dos Santos Padres o confirma. (6)

(6) *S. Ambros. Homil. S. August. Serm. & Homil. S Joan. Chris Hom. S. Joan. Dam. Serm. S. Petr. Chrisol. Serm. S. Antoni Ulyssipon. Opera & Sermones, ac communiter PP. & DD.*

Logo no principio do Mundo, se buscarmos a Sagrada Escritura, acharemos se prevaricàraõ

varicàraõ alguns dos primeiros filhos de Adam, pois ou pelo mao exemplo de ſeus pays, ou por inficionado inſtinto da natureza, adulteràraõ as normas da razaõ. Naõ ſó logo em Caim, mas nos ſeus deſcendentes, e nos de Seth iſto ſe vio verificado; eraõ os filhos de Seth chamados filhos de Deos, pela virtude, e os de Caim filhos dos homens, como filhos da culpa (7) e por iſſo Adam lhe prohibio que ſe ajuntaſſem, ou cazaſſem hũs com os outros(8) mas iſſo naõ obſtante vendo jà com malicia os filhos de Seth, que as filhas de Caim eraõ fermoſas [ſuppoſto as de Seth o ſeriaõ tambem muito,] recebèraõ aquellas por mulheres, e naõ ſe livràraõ do peccado.(9)Oh quantos males vem ao Mundo por mulheres!

Nos tempos antigos, quando o luxo, e a laſcivia naõ dominavaõ tanto em os Imperios do Mundo, e os homens naõ eraõ taõ perdidos por mulheres, nem uſavaõ tanto dos comeres delicados, que inventou o apetite, eraõ Varoens fortes, robuſtos, e corpulentos, e da meſma ſorte os filhos que geravaõ, pela ſubſtancia que tinhaõ, ſendolhe tambem a vida mais duravel: o Texto Sagrado no livro quarto de Eſdras parece que claramente o eſtà inſinuando (10) e Santo Agoſtinho, Homero, Juvenal, e Plinio o eſtaõ tambem dizendo. (11) Aſſim ſe vaõ diminuindo as forças à proporçaõ dos corpos, como Santo Agoſtinho diſſe (12) e Virgilio o reconheceu tambem. (13) Galeno o confirmou. (14)

(7) *Geneſ 6.2. D. Chriſoſt. in Geneſ. homil 22.*

(8) *Joſeph. de Antiquit. l. 1. c. 3. Hiſtor. Scholaſt. c. 31.*

(9) *Geneſ. 27. 6 2.*

(10) *Eſd. l. 4. c. 5. n. 54*

(11) *D. Auguſt. de Civit. Dei l. 15. c. 9. Homer. apud Plin. l. 7. c 16. Juvenal Satir. 15. Plin. d c. 16.*

(12) *D. Auguſt. d. l. 15. cap. 9.*

(13) *Virg. Æneid. 11.*

(14) *Galen. com. 2. de fract. tex. 27. & 6. aphor. 28. 29. & 30.*

De

De homens muito forçoſos que no Mundo houve, fazem os Hiſtoriadores mençaõ: de Polydames filho de Artaxerxes ſe eſcreve, que pegando no pè de hum touro furioſo o teve atè lhe deixar a unha na maõ, e detinha as carroças que corriaõ a quatro cavallos com toda a furia. (15) Tuſio Salvio ſubia eſcadas, levando nos pès duzentos arrates, nas mãos outro tanto, e outro tanto em cada hombro. (16) Athanato paſſeou em hũ theatro veſtido de ſincoenta couraças de chumbo, e com huns çapatos que pezavaõ quinhentos arrates. Plinio affirma que o vio. (17) Amelongo Soldado de Ramualdo Rey dos Longobardos com o bote de hum bordaõ tirou da cella a hum Cavalleiro Grego, e o lançou para o ar por ſima da cabeça. (18) Huma mulher velha vio-ſe andar com hum touro grande nos braços. (19) Cynegiro Athenienſe na guerra contra os Perſas, deteve com a maõ direita huma nao contra a força do vento, cortandolha a deteve com a eſquerda. (20) Milon natural da Cidade de Croton na Italia corria pela poſta com qualquer homem hum eſtadio Romano (que ſaõ 125 paſſos) ſem tomar o alento, levando às ſuas coſtas hum touro vivo: tal força tinha que tambem matava hum touro de huma punhada. (21) Seleuco Nicanor Emperador de Azia fugindo hum touro que eſtava para ſer ſacrificado, o teve com huma mão por huma ponta. (22) Mais que iſto ſe conta do noſſo grande Monarca o Senhor Rey Dom

Pedro

(15) *Celius l.7.c.56.*

(16) *Plin. l.7.c 20*

(17) *Plin. ibidem.*

(18) *Textor in offic. p.1. ex Paulo Diac.*

(19) *Stobeo Ser. 29. in 1. tom.*

(20) *Textor in officina p 1. tit. fortiſſimi ex trogo, & Herodoto.*

(21) *Alexia l.1. c. 19.*
Jul. de Caſtilho hiſt. dos Godos l. 3. diſcur. 3.
Agrid. nos lug. com Verbo Milon 70.
Celius l.11.c.69.

(22) *Genebrard. Chronol l.2.*

Pedro II. que ſanta gloria haja, o qual tinha tal pulſo, e tal força, que fazendo na ſua real tapada,ou picadeiro huma ſorte ao mais brabo touro, no tempo que o inveſtia, aparava com a maõ a pancada, e logo pegandolhe em huma ponta, o virava no chaõ.

Deſte meſmo Rey de Portugal,e de outros ſeus glorioſos anteceſſores ſe recontaõ muytos cazos de grande força,e valor, o que certamente indícaõ as armas com que ſe veſtiaõ, as eſpadas,e maſſas de que uzavaõ: eu vi algumas das que por memoria ſe concervaõ no Real Convento da Batalha,as quais foraõ dos famozos Reys D. Joaõ I. e D. Joaõ o II. que confeſſo me cuſtàraõ a levantalas de hum bofete com as maõs ambas. Das forças de outros inſignes Portuguezes ſe referem maravilhas grandes,e muy ſabidas; naõ ficando em ſilencio o celebre Condeſtavel D. Nuno Alveres Pereyra, e aquelle abraço que deu a certo cavalheiro, partindolhe os oſſos, e tirandolhe a vida: Naõ fallo em acçoens que nos noſſos tempos outros Portuguezes fizeraõ, tendo com os braços abertos dous homens em pé, hum em cada palma da maõ. Outros que com huma maõ pegando pelo pé de huma cadeira, levantavaõ a hum homẽ nella aſſentado. Outros que com as maõs partiaõ pelo meyo duas ferraduras juntas; Outros a huma moeda de ouro pelo meyo; Outros que reſgavaõ hum baralho de cartas junto. Outros que deſpedaçavaõ grilhoens de ferro. Ultimamente nos noſſos dias ſe

fez

fez conhecido hum homem chamado por ironîa o Menino do freixo, era de comprida eſtatura,e botava a barra donde ninguem chegava.

Houve certamente homens de grande eſtatura (ſem ſerem Gigantes,) e com mais ſuſtancia , e forças do que hoje nos noſſos tempos: Poro Rey da India a quem Alexandre venceo, tinha quatro covados,e hum palmo. Gabara Arabio, no tempo de Plinio, tinha mais de nove. Agatho Athenienſe imperando Adriana, tinha de alto oito pès. Ao Emperador Maximino ſerviaõ de aneis os braceletes da Emperatriz ſua mulher, (23) O grande Patriarca S.Bento, tinha dez para onze palmos de altura. (24) ElRey D. Joaõ o II. cujo corpo eſtà incorrupto, no Real Convento da Batalha, repreſentou-ſeme ter mais de nove palmos. No anno de 1634. mudãdo-ſe a ſepultura do Infante D.Pedro, filho de ElRey D. Diniz, e achando-ſe inteira a armaçaõ dos oſſos, tinha de comprido quaſi onze palmos e meyo. (25)

Do Texto ſagrado conſta, que logo no principio do Mundo tivèraõ os Gigantes ſeu principio ; e na Cidade de Henoch, que fundàra Caim (26) e conſta, que de entaõ atè os proximos ſeculos houvèra ſempre Gigantes. (27) Deſtes fabulàraõ muito os Poetas, e lhe dèraõ varios naſcimentos: huns diſſeraõ, que eraõ filhos da terra; outros que de Neptuno, e Iphimidea, outros lhe deraõ diverſa origem. De alguns ſe diſſe que preſumiraõ

(23) *Textor ſupra cum Plinio d.l.7. c. 16.*

(24) *O Doutor Fr. Joaõ de S. Thomàs na Benedictina Luſitana no fim do tomo I.*

(25) *D. Fr. Franciſco Br..ndaõ na Monarchia Luſitana.p. 5.l.17.cap.3.*

(26) *Geneſ.6. Benedict. Perer. in Geneſ.cap.19.n 3.*

(27) *D. Auguſt. de Civit.Dei l.17. cap. 9*
Caſſion.de Gigantib. cap.6.

ſumiraõ lançar do Ceo a Jupiter, e aos mais Deoſes, intentando fazer eſcadas de altos mõtes (28) e q̃ os Deoſes fugiraõ para Egypto dõde em varias fórmas de animaes ſe diſfarſáraõ. (29) Que fizeraõ fatal guerra contra o Ceo, atirando em lugar de pedras com os mayores montes. Que o Gigante Briaréo atirava juntas cem pedradas deſtas, porque tinha cem mãos, e outros tantos braços. (30) Outros, que Atlas ſuſtentava o Ceo com os hombros. (31) Outros que Egeo tinha 50. bocas (32) e a muitos fingiraõ ter extraordinaria grandeza. Mas deixando fabulas, e buſcando a verdade da hiſtoria, he certo que houve Gigantes de deſmarcada grandeza, e tambem homens Pigmeos de muy limitada eſtatura.

(28) Virg. Georg. l. 1. Ovid. Methamorph. lib. 1. fabul. 5.

(29) Ovid Methamorph. l. 5 fabul. 5.

(30) Virg Æneid. l 6.

(31) Ovid. Methamorph. l. 5. & faſtor. 5 Virgil. Æneid. 6.

(32) Virg. Æneid. 10.

CAPITULO VI.

Continua-ſe a materia do Capitulo antecedente, authoriza-ſe, e comprova-ſe com varias noticias.

PAra facilitarmos a credulidade humana em acçoens juſtiſſimamente admiradas, porque nos ſeculos preſentes menos viſtas, e para capacitarmos aos homens qual foſſe a providencia da natureza nas creaturas naſcidas (quando menos ſe depravavaõ) obſervada, continûo a materia antecedente, comprovando-a com vaſtiſſimas noticias de couſas viſtas já em outros ſeculos.

De Milon, natural de Cortona, diſcipulo (como alguns dizem) de Pithagoras, eſcre-

vem Juvenal, e Gellio, era taõ forçoſo, que poſto em pè, nenhuma outra peſſoa por mais força que tiveſſe, o movia, nem lhe tirava da maõ couſa que nella tiveſſe: nos jogos Olympicos, matou de húa punhada a hum Touro, e levando-o á ſua caſa ſobre as coſtas, por eſpaço de hum eſtadio, o comeo todo em hum dia: nota-ſe que era o Touro grande. Eſtando o meſmo Milon em huma caſa converſando com outros Filoſofos, vio tremer huma columna que ao edificio ameaçava ruina, teve-a mão com as coſtas, e mandando ſahir a todos, deu elle hum velociſſimo ſalto, e as caſas cahirão logo ſem perigo de algum. (1)

(1) *Juvenal. Gelio.*

Cleomedes Aſtipaleſe, tendo hum deſafio com Lacco Epidannio o matou de huma ſó punhada, e rompendolhe com a meſma mão o coſtado, tiranamente lhe arrancou fóra o coraçaõ, e os inteſtinos. (2) Lizimaco, Capitão de Alexandre Magno, em caſtigo de dar veneno ao Filoſofo Cliſtene, foy expoſto a hum grande Leaõ para o devorar, e traçando a capa no braço eſquerdo, a tempo que o Leaõ o inveſtia, lhe meteo pela boca a mão direita, pegandolhe fortemente na lingoa, atè que o matou. (3) Junio Valente foy tão forçoſo, que com huma mão ſuſpēdia o velòs curſo da Carroça mais ligeira, puxada pelos mais deſtros cavallos. (4) Tritão ſendo deſafiado a duello por hum esforçadiſſimo homem, e mandado a buſcar armas, ſem eſtas, e ſó com as ſuas mãos ſe poz em

(2) *Plutarc. na vida de Rom.*

(3) *Curcio. Juſtino. Diodoro.*

(4) *Velleio.*

em campo matando ao inimigo armado, e pegando logo nelle, o foy lançar na ſua tenda. (5)

(5) *Plin. 7.*

Polidamante Grego, achando-ſe ſem arma alguma, matou no monte Olympo a hum Leão de inuſitada grandeza. Entrou em hum rebanho, e a hum grande touro que hia correndo, pegou com a mão direita pelo pè, e o não largou, ſenão quando na mão lhe deixou a unha. Retinha com a mão huma carroça no mayor correr dos cavallos. Pela fama das ſuas fòrças o chamou ElRey Dario, dandolhe hum groſſo eſtipendio, e não quiz eſtar com eſte Principe mais tempo, do que em quanto, por fazer experiencia, o deſafiàrão a duello tres famoſos Cavalleiros Perſianos, aos quaes matou logo elle ſó. (6) M. Servilio homem Conſular, vinte e tres vezes combateu corpo a corpo, e ficou ſempre vencedor. (7) Biton pegava em hum grande touro debaixo do braço, ou o punha às coſtas de caminho. (8) Euthimio Locreſſe levou às coſtas huma pedra de notabiliſſima grandeza, tal que encoſtando-a às portas da ſua Cidade, as não poderão abrir. (9) Pluto esforçado mancebo, a tempo que quatro mil Numantinos vinhão ſobre Italia, elle ſó os poz a todos em fuga, atonitos das ſuas forças. (10) Brancio de Loſchi, fazia em pedaços huma corda nova por mais groça que foſſe, pegando nella, e dandolhe huma ſacada com as mãos; com eſtas tambem quebrava groſſos ferros; e no lutar tinha tal força,

(6) *Celio l. 7.*

(7) *Plutarco vit. de Emil.*

(8) *Pauſanias apud Cel.*

(9) *Volaterr.*

(10) *Eutropio. Floro.*

 que

que se não achou em toda a Italia outro semelhante (11) e assim finalmente houve no Mundo outros muitos a quem dotou a humana natureza de forças incomparaveis.

(11) Julio Barbarano.

Naõ falando na quantidade de Gigantes de que (àlem dos jà ditos) os Poetas fabulàraõ, entre os quaes saõ memoraveis Typheo, Japeto, Pophirion, Adamastor, Numas, Astreo, Antheo, Polyfemo, Ephialtes, Aleo, e Encelado: houve outros muitos, e muy notaveis de q̃ os Historiadores curiosamente escrevèraõ. Bartholomeu Marliano que escreveo das antiguidades de Roma, e outros mais Authores que allego, citando a Filostrato, fazem mensaõ de Hillo, filho de Hercules, e de Deyanira, sepultado na Frigia, e dizem, era Gigante taõ grande, que occupava morto nove geiras de terra, que segundo a opinião de Tanara, e Columella, huma geira he 240. pès, e conforme Marliano he de 120. Em Candia se achou outro cadaver de quarenta e seis covados de altura. Na Ilha de Leno se achou outro corpo humano de tal grandeza, que só a caveira levava duas pipas de vinho. (12) Na Polonia se extrahio de hum sepulchro o cadaver de hum Gigante com tal grandeza, ou comprimento, que hum anel, que tinha no dedo mèminho servia de bracelete a qualquer homem ordinario. (13)

(12) Barthol. Marl. de ant. Romæ c. 7. fol. 18
Niculao Serpetro. Port 1. log. offic. 1. fol. 19. Vincent. Tanara Encom. l. 5. Lucio Jun. Moderato Columella, e Pedro Lonro de Agricultura l. 5. cap. 1. fol. 89.
Filostrato. Tanara. Columela. Marlian.
(13) Joan. Stephan. Menoch. p. 3. Cent. 5. cap. 44.

Na Cizilia junto à Cidade de Trapani, ao abrir os alicerces para fazer humas cazas, se achou huma grandissima grutta, e nella hum

hum corpo morto de quaſi incrivel comprimento: eſcrevem graves Authores, tinha hum bordão nas mãos, tão grande como hũa entenna de Navio;e medido o comprimento do cadaver,referem q̃ tinha duzentos covados, e que no caſco da cabeça lhe cabia hum bom moyo de trigo. (14) Em Candia ſe achou outro cadaver de trinta e tres covados, dentro de hum ſepulchro,e outro em outra occaſiaõ, de quarenta e cinco covados. (15)

Na Cizilia nova an.de 1516.cavando-ſe a terra em hum lugar chamado Campo Mazarino ſe achou o cadaver de hum Gigante com dezoito covados de altura, cujos dentes tinhão de comprimẽto quaſi hum palmo Romano.No an.de 1548.foy achado outro de vinte covados. No an.de 1552.todos os cadaveres que ſe achàraõ, tinhão oito covados de altura. (16) Em hum lugar da Provincia de Cilicia, no tempo de Juſtino Emperador, ſe vio huma mulher Giganta, que era mais alta hum covado do que qualquer grande mulher. Na India de Lontano 4. legoas da Cidade de Mexico abrindo-ſe alicerces a huma caza,ſe achàraõ oſſos de algũs Gigantes, e hum dente, tamanho como o punho fechado de huma mão. (17) Na Ilha de Candia ſe achou o cadaver de hum homem de tão grande eſtatura, que era mais comprido,do que a altura das cazas: tinha a ſepultura eſte letreiro: Pallante filho de Evandro o qual matou Turno. (18)o Padre Mendonça

(14) *João Bocacio, Sinforiano Campſno Horto Galico. Antonio Torquemada t.1.fol.28.*

(15) *Antonio Torquemada Tr.1.f 27.*

(16) *Apud Ant. Paul. Maſini c.35*

(17) *Pietro Simon. Aldrovano. Ambroz. ſupra c.fol.37. 38.*

(18) *Filipo da Berg. Anton. Torquem. à Cel. Malaſp. t.3 fol. 27 Thomas Garzor. Serr de Stup. App. Moſt.Stan.1.fol.15.*

Mendóça diz, que posto em pè este Gentio, podia chegar às ameas dos muros de Roma; (19) e Virgilio lhe encareceo sua grandeza. (20)

Em hum Mōte de Creta se descobrio por occasião de terremoto, hum corpo de quarenta e seis covados: alguns quizeraõ dizer era o de Orion, e outros de Oton. (21) Arthacus Persa, Eleazaro Hebreo, Arnathas Bebricio, Orestes, Hartbene, e Gemagog, tinhão de cinco atè doze covados de alto. Tudo referem Historiadores de credito: eu o dou mayor (porque com elles o refere o grande Agostinho) que na costa de Africa em Utica, se vio hum dente queixal de corpo humano, do qual parecia se poderia bem formar hũ cento dos nossos (22) e finalmente de S. Christovão se escreve, e o confirmaõ antiquissimas pinturas, tinha figura, e corpulencia gigantesca; na Igreja de Coria se venèra por reliquia sua, huma queixada; e parte de hum dente molar se acha na Igreja de Astorga, tão grande como hum punho fechado de huma mão. (23)

Com verdade indubitavel achamos na Sagrada Escritura a noticia do Gigante Goliath, que era de seis covados, e hum palmo de alto, e as armas que trazia, erão de tal pezo, que pareceria incrivel, se a mesma Escritura o naõ dissera (24) como tambem que o Rey de Bazan era da casta dos Gigantes, e em Rabbath se mostrava o seu leito, que era de ferro, tinha nove covados de comprido, e

(19) *P. Mendonça in Viridar. l.4 problem.2 n.8.*

(20) *Virgil. Æneid. 11.*

(21) *Josefo de Antiqu. l. 18. cap.6. Plin l.7. cap.16. Textor in offic p.1.*

(22) *D. August. de Civitate Dei l. 25. cap.9. Anton. Torquem t.1. fol.19. Joan. Pio Bolhonès. Sinforiano Campeg. in horto Galico. Ulises Aldrovando Bartholom. Ambrozini l. de monstris. Sigesb. in Chronica.*

(23) *Anton. Torquem. t.1. fol.29. Constanzo Felici suo Kalend. die 25. Jul.*

(24) *1. Reg. 13.*

e quatro de largo(25)e no 3.livro dos Reys se faz mensaõ de hũ Adoniras(26)de q̃ Menochio escreve,q̃ pouco distante da porta da Cidade de Sagunto, q̃ hoje se chama Soria, na Hespanha,anno de 1580. se achou hum grande sepulchro de pedra com caracteres Hebraicos, que diziaõ: *Hic est tumulus Adoniram filius Regis Salomonis,qui venit ut exigeret tributum.*(27)

(25) *Deuteron.* 3. 11.
(26) 3.*Reg.*4.6.
(27) *Menoch.* p.2. *cent.*5.c. 44.

Que de facto houvesse tambem homens Pigmeos, o comprovaõ gravissimos Authores, e S. Alberto Magno com Avicena entendem q̃ os hà, supposto, Cardamo,e Marco Antonio Asten o neguem,dizendo os haveria só no tempo antiguo.(28) Desta casta de homens se faz mensaõ *In gestis Alexandri*; e delles escreve Plinio que habitavaõ na ultima parte dos montes da India: o mesmo disserão Homero,e Aristoteles (29) e tambem Ovidio no seu Methamorphozis o insinúa. (30) He a estatura do seu corpo só tres palmos,e 8.annos he o mais tempo que vivem; as mulheres desta naçāo (diz Solino) parem ao quinto anno; tem estas gẽtes guerra continua com as Aves, chamadas Gralhas, ou Grulhas, contra as quaes formão exercitos acavallo em carneiros, ou cabras,armados de settas,e descem às prayas a quebrar os ovos, e matar os filhinhos daquelles passaros inimigos. Plinio diz que das cascas dos ovos, e pennas das mesmas Aves formão estes Pigmeos as cazas em que habitão. (31)

(28)*Vide estas opinioens, Viana no Coment. a Ovid. Metham.d.l.*6.*n.*5.
(29)*Plinio l* 7 *c.*2. & *l.*3 *c.*23. *Homer. Iliad. l.*1. *circa princip. Aristotel. de natura anim.l.*8.*c.*12.
(30) *Ovid. Metham.l.*6.
(31) *Plinio supra.*

Em certo lugar da India Mediterranea ha outra casta de Pigmeos ainda mais galantes,

porque

porquẽ ſaõ negros, tem palmo e meyo, ou meyo covado de altura, cabellos compridos atè os pès, e barbas grandes atè os giolhos; e ſendo aſſim cubertos todos de cabelos, com elles ſe cingem, e cobrem, ſervindolhe de veſtido: os ſeus boys, e cavallos ſaõ taõ grandes como hũa cabra, e os machos, e jumentos como hum pequeno carneiro. Deſtes Pigmeos tem o Rey daquella Provincia tres mil da ſua guarda. (32)

(32) Nicolao Serpetro Port.1.log.3. oſſ.2. Antonio Pigafeta de rebus Moſt.l.3.

Na Provincia Dondina que tem 54. grãdes Ilhas, ha em huma deſtas homens de eſtatura mui pequenina, como Pigmeos, ou Anoens, tem em lugar de boca hum bico a donde poem hum canudo pelo qual comem, e bebem; não tem lingua, nem fallaõ, mas ſó aſubiáo, e ſe tratão por aſſenos com que ſe entendem. (33)

(33) Apud Anton. Paul. Maſini Bolonhes c.41.

Em hũa terra do Reyno do Grão Cão dos Tartaros ha hũa gente de tão limitada eſtatura como Pigmeos, q̃ tem, com pouca differença tres palmos: ſaõ galantes, e gracioſos, caſaõ em a idade de ſeis mezes, e em dous atè tres mezes parem as mulheres: não vivem mais q̃ ſeis atè ſete annos, ſaõ de ſubtiliſſimo engenho, e muito induſtrioſos. (34) Na Ilha, e Cidade chamada Fracan, ha gentes mui pequeninas, como Pigmeos, que vivem ſó do cheiro dos pomos, e frutos, ſaõ peſſoas ſimplices, e beſtiaes (35) parecendo por galanteyo talvez da natureza eſtes todos na eſtatura meninos recem naſcidos, ſem ſerem Gigantes os que nos preſentes ſeculos eſtamos vendo naſcer.

(34) Joaõ Mandavilla cap.19 148. 151.

(35) Joaõ Mandav. ibi.

CAP.

CAPITULO VII.

Da Creaçaõ que na ſua primeira infancia ſe deve dar à Creatura naſcida; como as Mãys ſe naõ devem deſprezar de ſer as proprias que com ſeu meſmo leite criem a ſeus filhos; e a naõ ſer aſſim, condiçoens que haõ de ter as Amas que os criarem. Expoem-ſe ſucceſſos notabiliſſimos.

NAſce certamente com os filhos grande penſaõ a ſeus Pays, jà na duvida de quaes ſeraõ (1) porque ſe ſahem bons, ainda que dem goſto (2) cauſaõ cuidado grande em tratar delles (3) e ſe ſahem maos, ſobre a triſteza que cauſaõ (4) occaſionaõ a ſeus Pays terriveis pennas (5) ſentindo os ſeus maos ſucceſſos, mais do que os proprios (6) jà pelo grande trabalho que em os criar haõ de experimentar ſuas Mãys; porque ſuppoſto a triſteza grande, que antes de parir tiveraõ (7) lhe eſqueceſſe com o goſto de ver o filho naſcido (8) logo com outras novas penas (ſe eſtà claro o diſcurſo) lhe fica o coração perturbado.

(1) *Eccleſiaſtic.* 3. 18. & 19.
(2) *Proverb.* 10. 1. & c. 15. 20. *etiam* 23. 15. & n 24.
(3) *Virg. Æneid.* 1.
(4) *Proverb.* 1. 1.
(5) *Eccleſiaſtic.* 22. 3.
(6) *In l. iſti quidem* §. *in fin. ff. quod met. cauſa.* §. *ſed veteres, Inſt de noxal. act.*
(7) *Joan.* 16. 21.
(8) *Idem ibi.*

Principia, e às vezes continùa, de dia, e de noite a chorar o filho, e com deſaçocego principia a affligirſe, e laſtimarſe a Mãy, não tendo jà outro remedio, mais que, ou dimittilo de ſi, ou applicarlhe o peito para mamar; e parecendolhe emfim tiranamente mais acomodada do que eſta aquella acção, voluntariamente ſe priva da figura, e obrigação de Mãy, faltando logo à criação do filho, entregando-o a outrem para o lactar, como

ſe da tal Mãy, apennas naſcido, deixaſſe logo de ſer filho. (9)

(9) Sapientiæ 5.13.

Platão, Galeno, e Hipocrates tem por certo, e com elles quaſi todos os Filoſofos na Arte Medica peritos, q̃ da criação primeira, e do leite que ſe dà aos filhos, procede a boa, ou mà inclinação, com que depois de adultos ſe aſſinalaõ (10) obſervando-ſe por certo, que ao leite, que nos criou, devemos o trofeo, ou a mortalha; o valor, ou a cobardia (11) porque ſuppoſto a arvore boa coſtuma produzir bons frutos (12) e pela qualidade dos frutos ſe conheça a ſingularidade da arvore (13) a experiencia moſtra, que ſe aquelles ſe colhem logo quando naſcidos antes de eſtarem ſazonados, e não queremos eſperar que com ſua propria ſubſtancia, e licor os crie a meſma Mãy, que os gerou, tanto logo degeneraõ, que por todos os principios ficão totalmente adulterados.

(10) Plato. Galeno. Hipocr. hic.

(11) Triviensis de Educatione.

(12) Matthæi 3.7.

(13) Matthæi 12 33.

A Providencia Divina nos dous peitos com que criou as mulheres, lhe deu duas fontes com que criaſſem os filhos (14) e a malicia humana lhe tem feito entender naõ ſerem aquelles tanto neceſſarios para alimento dos filhos, quanto trofeos da ſenſualidade (15) boas para paineis, não para Mãys, como Clemente Alexandrino eſcreveo (16) pois na falta da criação, e na do proprio leite privão (ao menos moralmente) os pays aos filhos da poſſe que o Direito lhe dà, que os repreſentem. (17)

(14) Plutarch lib. de Educandi liber.

(15) D Gregor in Epiſt. ad Aug Cãtuar.

(16) Clem. Alex l.1. Pedagog c.2.

(17) L.1.§.1.ff. de ſuis. & legit hæredit § cum filius & § ult. inſtant. de hæredit. Authenth. de hæred. ab inteſt. in princ. collat. 9.

O Direito Civil (não ignoro, mas não

ſey

ſey com que razão) iſenta as mulheres nobres da criação dos filhos (18) porèm não as pòde excluhir da obrigação o amor, e o foro da conſciencia (19) e tem o luxo introduzido ainda nas mulheres mui ordinarias, ou por affectarem nobreza, ou por ſe livrarem do trabalho, eſquecidas do ſer de Mãys, buſcarem Amas às vezes com o genio, e procedimento, q̃ ſuccede, para criarem, e darem o peito a ſeus filhos, ſem attenderem ao q̃ fica dito, q̃ no leite ſe participa as inclinações, e os genios; iſto ſe eſtà vendo em ſucceſſos, infinitos, e eu o obſervei curioſamente no Eſtado do Brazil, adonde fui mandado, vendo que ſem diſtinção as mulheres daquelle Paiz coſtumão quaſi todas dar os filhos a criar, e lactar às ſuas pretas, ou a outras que alugaõ para iſſo, ſendo eſtas no proceder depravadas, nos genios incorregiveis, e nos humores preverſas, hontem gentias, e hoje fazendo figura de Mãys pouco Catholicas; poriſſo me não admirei de muitas couſas, que por irremediaveis, com ſilencio obſervava: exponho iſto por exemplo para que as Mãys que ſe prezaõ de Catholicas, ſe naõ criarem ſeus filhos, cuidem muito nas Amas, q̃ lhe derem, admittindo ſó as em que conhecerem docilidade no genio, clareza em o diſcurſo, recta inclinaçaõ, virtude, e pureza de Alma.

(18) *Tiraquella de Nobilitate cap.* 20. *n.*78.

(19) *Idem ibi. n* 93.

Por ſe livrarem de perigos, que do contrario acontecem, era Ley entre os Romanos, e Lacedemonios, que as Mãys criaſſem,

e lactassem a seu proprio peito os seus filhos (20) e os Alemães castigavaõ como adulteras as mulheres, que a seu proprio peito os naõ criassem(21)por isto huma mulher Romana supoz obrigaçaõ de sustētar com o leite de seus peitos a sua māy, de quem o tinha recebido, e se achava em necessidade (22) e Cruvena mulher Espertana, pelo contrario, porque achando-se sua māy, e sua ama perecendo ambas à fome, e pedindolhe que as soccorresse,tirou o peito, e dādo-o à ama, o negou à māy, ou ao menos a pospoz, dizendo: tenho obrigaçaõ de antepor esta que me creou,a vòs que só me gerastes. (23)Não fizeraõ grande reparo as mulheres que nos cercos de Roma, Jerusalem, e Samaria, comèraõ a seus filhos. (24) Naõ julgàraõ os Romanos pela mayor tirania em Nero o matar Agripina sua māy; nem fez Irene reparo em tirar os olhos a seu filho Constantino (25) porque taes filhos, ao menos certamente estes ultimos naõ foraõ creados ao peito de suas māys.

(20) *Tacitus lib. de variis orationibus.*

(21) *Idem. & Tiraq.*

(22) *Valer. Maxim. de pietate erga parentes.*

(23) *Jeronim. Baptista Palacio de disciplina puerum.*

(24) 4. *Reg.* 6.28.

(25) *Floscul. hist. p.* 2. *cap.* 3. *in fin.*

CAPITULO VIII.

Continùa a mesma materia com divisaõ especial aos que por nascimento se destinguem Principes, e Senhores.

HE sem duvida,a cousa mais apetecida no Mundo pelas mulheres, que nascèram de nobre sangue, com especialidade as Senhoras mais illustres, ou titulares, e muito mais as que com o Regio caracter se illustraõ, o ter filhos

filhos para perpetuar a deſcendencia das familias, para continuar os blazoens das ſuas caſas, para naõ ſe extinguirem neſtas os morgados, Commendas, e Titulos, e finalmente para terem ſucceſſaõ nos Principados, Reynos, e Imperios. Se ſe lhe difficulta eſte bem, ou por cauſas naturaes, ou por diſpoſiçoens Divinas, com mil extremos o ſentem, invejando-o talvez em as miſeraveis, e pobres, queixando-ſe a Deos, que ſó àquellas os filhos ſe multipliquem, e mil deprecaçoens fazem; ſe ſe lhe facilita eſta fortuna, naõ fazem o que devem ao ſer de mãys, pois, nem criaõ, nem dão o peito a ſeus filhos, ou por natural melindre, ou por attençaõ à Ley jà dita, ou por razaõ de Eſtado.

Bem reconheço, que das entranhas da terra naſce toſco o Diamante, e para ter toda a perfeição, e luſtre, baſta que ſeja pelo lapidario polìdo; porèm vejo, e conſidero, que Principe mais illuſtre, e perfeito he aquelle que ſendo lactado pelo ſangue de que naſceo, por quem o pario he creado, naõ ſe dedignãdo de lhe dar o leite quem lhe deu o ſer, pois ſó fica ſendo mãy incomplecta de ſeus filhos aquella que os naõ alimentou aos ſeus peitos.

Naõ teve desluſtre na grandeza, nem dezar na Mageſtade a Rainha Hecuba, porque a ſeus peitos criou ſeu filho Hector, e Penelope a ſeu filho Thelemacho. Naõ teve por oprobrio Teſalonica, criar, e dar o peito a

Antipater

Antipater ſeu filho,e mais correſpondeulhe ingrato; nem Cornelia tão celebrada dos Romanos, ſe pejou de ſuſtentar a ſeu filho o primeiro Graco a ſeus peitos; fazendo-ſe decantada em o Mundo a Mãy do Emperador Honorio, que a ſeus peitos o lactou.(1) Em noſſos tempos ſe fizeraõ com ſoberana gloria aplaudidas as duas eſclarecidas Rainhas de Portugal, e de França : eſta a famoſa Maria de Medices, aquella a Sereniſſima D. Felipa, mulher de ElRey Dom Joaõ o primeiro de glorioſa memoria, as quaes com maternal amor, e raro exemplo, trouxèraõ em ſeus braços, e criàraõ a ſeus proprios peitos todos os filhos,q̃ pariraõ, tendo ſó Amas por razaõ de Eſtado, reconhecendo como ſenhoras taõ diſcretas,q̃ naõ deviaõ tirar ſeus amantes filhos do ſeu bàfo, porque ſe do leite, e primeira criaçaõ procedia aos Infantes os genios,condiçoens, e inclinaçoens que depois haviaõ ter, naõ degeneraſſem aquelles das heroicas acçoens com que ſe ennobreciaõ no eſplendor de ſeu ſangue eſtas glorioſas Mãys, que os criàraõ. (2)

(1) *Claudianus Panig.4.*

(2) *Fr Rafael. de Jeſus.*

Grande parte certamente tem neſte louvor a Sereniſſima Rainha de Portugal D. Maria Sofia; que muito a pezar do noſſo ſentimento he para a vida morta, e em os noſſos coraçoens ſempre viva; pois lembrada que era Mãy dos Soberanos principes ſeus glorioſos filhos, os naõ tirava nunca do ſeu bàfo, cuidando na ſua primitiva criaçaõ muito ſolicita, ſem que as reprehenſoẽs que lhes

lhes dava, e temor q̃ com o ſeu reſpeito lhes infundia, diminuiſſe a Mageſtade, participandolhes aſſim os ſingulares dõs da natureza, e da graça com que no Mundo floreceo, inclinando-os ſempre para o culto Divino, como tão Catholica, e virtuoſiſſima Senhora; e com eſta criação ſe tem feito diſtinguir no Mundo entre os mais Principes ſeu Soberano filho o noſſo Invicto Monarca, e Senhor D. Joaõ V. q̃ ſempre viva, cujo genio, e inclinaçaõ louvavel deſde ſua infancia (pela educaçaõ materna) foy ſempre a couſas de Deos, Templos ſeus, e Altares ſagrados: no q̃ muito mais ſe eſmerou, quando ao Regio throno ſubio, oſtentando ſeu taõ catholico zelo na reforma das Religioens, na veneraçaõ às Igrejas, no reſpeito aos Sacerdotes, e nas erecções de muitos Templos, tudo teſtifica o Regio augmento em que hoje ſe diviſa a Santa Igreja Patriarcal, a ſoberania, e multiplicidade de Miniſtros, que nella louvaõ a Deos, o grande augmento em que poz a S. Sè do Parà, e o reformadiſſimo Convento das Religioſas do Louriçal, que fez com hum Lauſperenne devotiſſimo, tudo para gloria de Deos, gaſtando ſem reparo muitos milhoens com o Rey dos Reys que lhos miniſtra, e moſtrando para tudo o que he ſerviço de Deos hum animo, mais que o de Salamaõ, generoſo. Deixo em ſilencio as infinitas eſmolas que actualmente diſpende a Igrejas pobres, e Conventos Mendicantes, e ſó exponho o que achãdo-me eu preſente, lhe

lhe ouvi, ficando admirado, e ſuſpenſo. Fez eſte Soberano Monarca huma eſmola ao Convento de S. Jozè de Riba-mar, adonde eu morava, ſendo Provincial deſta Provincia da Arrabida Fr. Manoel da Purificaçaõ, nelle aſſiſtente, e em huma tarde que Sua Mageſtade da Quinta de Pedrouços ali foy, lhe gratificou reverente o dito Provincial a eſmola, tẽdoo jà hido fazer o Guardiaõ, ao que ElRey reſpondeo: *Naõ falle o Padre niſſo, porque depois que ſou Rey, nunca dei nada, que me pareceſſe dava alguma couſa.* Nem hum Alexandre tal diſſe! Tudo faz a inclinação às couſas de Deos, e tudo procede da criaçaõ que as Mãys daõ a ſeus filhos.

Naõ ſó nos Ayos, mas com eſpecialidade nas Amas dos Principes, e Senhores deve haver para a eleiçaõ, grande cuidado, reſpectivamente à meſma criaçaõ; porque ſe Aurelia Mãy de Julio Cezar, e Actia Mãy de Cezar Auguſto ſe gloriavaõ de que as acçoens heroicas de ſeus filhos procediaõ da criaçaõ, e leite que ellas peſſoalmente lhes dèraõ (3) as Mãys que o não puderem aſſim fazer, devem pôr diligencia grande em que as Amas ſejaõ bem inclinadas, virtuoſas, e de illuſtre naſcimento: aſſim o fez Andraſto Rey dos Argivos, eſcolhendo para Ama dos Principes ſeus filhos a Alceſte, Eſpoſa de Admeto Rey de Theſalia (4) os Principes Pays de Liber Pater, elegèraõ para Ama deſte filho a Ino, filha de Cadmo, e Armonia (5) de tão illuſtre ſangue, e nobreza, que caſou

(3) *Phavorinus Herodotus.*

(4) *Raviſus in offic. verbo Nutrices.*

(5) *Raviſus ibi.*

zou ſegunda vez com Athamas Rey dos Thebanos, e de tal virtude, que a venerou a Gentilidade por Deoſa. (6) Finalmente, às ſingulares virtudes com que era dotada D. Auzenda, peſſoa nobiſſima, e Ama, que foi do grande, e memoravel Rey de Portugal D. Affonço Henriques, ſe atribuhio parte das inclitas virtudes deſte Soberano Monarca, a quem Chriſto Jeſus Crucificado fez no Campo de Ourique, aquella grande mercè taõ ſabida; e para a gratificaçaõ, e reconhecimento às Amas, que rectamẽte os criaraõ, tem os Principes exemplo no grãde, e famoſo Notho; q̃ vindo vitorioſo de hũa illuſtre batalha, e eſperando-o no caminho Cornelia ſua Mãy, e Ama que o criou, querendo diſpenſarlhe donativos dos deſpojos que extrahio, deu a ſua Mãy hum anel de prata, e à ſua Ama hum colar de ouro: na acçaõ fez a Mãy reparo, vendo ſiniſtra antepoſiçaõ na precioſidade da prenda, ao que lhe reſpondeo o filho, „Naõ he juſta, Mãy minha, a voſſa „ queixa; porque ſe vòs me trouxeſtes nove „ mezes em voſſo ventre, eſta me trouxe „ dous annos em os ſeus braços, cõmunicandome cõ o ſeu leite o valor, e o ſuſtẽto; vòs „ concebeſteme pelo amor q̃ tiveſtes a outrem, e ella crioume pelo affecto q̃ me teve „ a mim; ella me recebeo em os ſeus braços „ quando vòs apenas me pariſtes, logo me „ deſterraſtes dos olhos. Eſte, e outros prodigioſos ſucceſſos, que por fugir à extenſaõ, naõ repito, pòdem os curioſos ver nos AA. q̃ à margem aponto. (7)

(6) *Dictionar. Hiſtor. verbo-Ino.*

(7) *Antonio Paulo Maſini de Bolonha. Scuola del Chriſtiano.*
Lucio Ampelio noticie del Mondo.
Joaõ Felice Aſtolfo Officina hiſtorica.
Tiraquela de Nobilitate cap. 2. n. 92.

CAPITULO IX.

Propoem-se lances singulares de amor de Pays, e Mãys para seus filhos, e destes para seus Pays, e Mãys.

PAra graciosamẽte expor aos Pays, e Filhos, a materia deste Capitulo presente, lhe devia propor por exemplar mais catholico, a primeira Mãy, e o primeiro Filho, que illustràraõ a Ley da Graça (1) mas como naõ seja licito: *Miscere Divina profanis*, advirto só que he preceito Divino (como consta da Escritura Sagrada no Exodo, e Deutoromio, que os filhos honrem, e amem a seus Pays (2) que com reverencia os temão, como no Levitico manda (3) mas que naõ seja este amor que lhe tiverem, de tal sorte, que amem os Pays mais do que a Deos, como o mesmo Christo por S. Matheus insinúa. (4) Tambem os Pays entendaõ devem amar a seus filhos, dandolhe todo o bom conselho (5) de tal sorte que quando for necessario, pareçaõ effeitos do amor a reprehensaõ, e o castigo. (6) Narrarei pois só alguns successos de amor quasi gentilico entre Pays, e Filhos, para que dos que forem licitos, ou se admirem, ou formem idèas ao Divino os que se prezarem de Catholicos.

(1) *Luc.* 2. 7. 44. 48. & 51.
(2) *Exod.* 20. 12. *Deuteron.* 5. 16.
(3) *Levit.* 19. 3.
(4) *Matth.* 10. 37.
(5) *Prov.* 1. 8.
(6) *Apoc.* 3. 19.

Micerino Rey do Egypto teve hũa filha, a quem com mil extremos amava, esta morreu antes de cazar; e seu Pay para mostrar o extremo do seu amor, mandou fabricar hum boy de ouro, dentro do qual meteu aquelle cadaver,

cadaver, e o fez collocar em o altar entre os ſeus Deoſes, para ſer de todos adorada. (7) Egeo naõ conſentindo que Thezeo ſeu filho ſe apartaſſe delle, pelo muito que o amava, lhe conſentio em huma occaſiaõ, fizeſſe hũa viagem maritima, com condiçaõ de que naõ foſſe grande a demora, e que quando ſe recolheſſe, para ſinal de que vinha vivo, trouxeſſe a nao huma bandeira branca, e ſe foſſe morto, puzeſſem os marinheiros a bandeira de que uſavaõ; ao recolherſe naõ houve lembrança do preceito, pelo goſto com que Thezeo vinha, pela vitoria do Minotauro, que tivera, e naõ vendo o triſte Pay a bandeira que determinara, ſupondo morto a ſeu filho, com impaciente amor atirou comſigo ao mar, e ſe afogou. (8)

(8) Catullo.

Pittio de Bithinia, peſſoa grande, e poderoſa, taes extremos fez na morte de hum ſeu filho, a quem ElRey Xerxes mandàra tirar a vida, que aborrecendolhe a communicaçaõ dos homens, renunciou em ſua mulher todos os dominios, e mandando fabricar huma limitadiſſima caza na circunferencia do lugar em que ſe tinhaõ enterrado os oſſos de ſeu querido Filho, deixando nella ſó hũa mui pequena freſta, por onde ſe lhe deſſe de comer, ali ſe meteu ſem mais ſahir, chorando ſempre, atè que emfim perdeu a vida. (9)

(9) Dion. Alic.

Architas Tarentino, homem taõ grande Geometrico, e peritiſſimo em o governo Monarquico, vio-ſe precizado pelo amor, repetidas vezes andar brincando com as ſuas

 crianci-

criancinhas, como ſe fora menino. (10) Agezilao Rey de Lacedemonia, vendo hum dia a hum menino ſeu filho, brincar em hũa ſala publica do Palacio acavalo em huma cana, tanto ſe eſqueceo de ſi, e ſe traſportou do amor, que fez o meſmo acompanhando a criança. (11)

(10) *Celio.*

(11) *Plutarco.*

Anio Rey de Toſcana, tendo huma filha, em cuja beleza quazi idolatrava, chamada Salia, furtandolha Cateo do ſeu palacio, cativo do amor, da ſaudade, e da penna, deſeſperado ſe foy precipitar em hum arrebatado rio. (12) Gordiano (o velho) Emperador de Roma, tendo a noticia de que era morto hum filho ſeu, a quem amava muito, naõ querendo tambem jà mais viver, com ſuas mãos ſe affogou, morrendo deſeſperado. (13) Orode Rey dos Parthos, ſabendo q̃ Pacoro ſeu filho amado combatendo contra Ventidio Romano, perdera a vida, tanto ſe ſufocou com a penna, que (como ſe fora caõ) morreu danado. (14) Priamo Rey de Troya vendo cativa, e queimada a ſua Cidade, e que ſe achava cativo com ſeus filhos, ſabendo, que hum deſtes por nome Polite, a quem muito amava, era morto por Pirro, proferindo deſeſperadiſſimas palavras, quaſi arrebentou com penna. (15)

(12) *Dioniſio.*

(13) *Diodoro.*

(14) *Diodoro idem.*

(15) *Virg. 2. Æneid.*

Hecuba ſabendo que Poliodoro ſeu filho fora morto por Polineſtor ſeu genro, ſupoſto a eſte venerava, de tal ſorte ſe ſufocou com o nimio amor que ao filho tivera, que naõ ſocegou atè naõ ver tirar

os

os olhos fóra a ſeu genro (16) Thomiris Rainha dos Scithas amou com tal extremo a Sargapiſſe ſeu filho, que ſabendo era eſte morto por maõs de Ciro, naõ ſó cuidou de ſe martirizar a ſi propria; mas colhendo ás mãos a Ciro em huma batalha, o fez pôr baſtantes horas em huma Cruz: depois mandando-o tirar, lhe fez dar muitas punhaladas, e aſſim quente o corpo determinou o meteſſem em hũ odre cheyo de ſangue, dizendo ella: jà bebi o ſangue de que eu tinha tanta ſede. (17) O exceſſo de amor ao filho a preciſou a eſta tiranîa.

(16) Diodoro.

(17) Plutarcho.

Antigno, pelo amor, e veneraçaõ que tinha a ſeu Pay, a tempo que alcançou huma famoſa vitoria, vencendo, e pondo em fuga ao inimigo, naõ quiz que a ſi, ſenaõ unicamente a ſeu Pay ſe atribuiſſe o triunfo, e lhe deu logo a poſſe do Reyno de Chipre em que o poz, privando a ſua peſſoa deſta honra q̃ pelas armas alcançàra. (18) Leaõ o menor, governando hũ anno ſó o ſeu Imperio, pela veneraçaõ, e affecto, que tinha a ſeu pay, ſe privou voluntariamente da Coroa, e lha poz em a cabeça, collocando-o logo em o throno, naõ conſentindo que como filho pudeſſe ter mais, nem tanta authoridade como ſeu Pay. (19)

(18) Paulo Diacono

(19) Zonaras

Anfinono, e Anapio, Cizilianos, e Irmãos, vendo, que naõ ſó a Cidade de Catania, mas toda a Ilha de Cizilia ſe ſufocava em cinzas, pelos coſtumados incendios do monte Ethna, que quaſi a abrazavaõ, e ſe

achavaõ

achavaõ em perigo inſtantaneo os habitadores, incitados do paternal amor, a toda a preſſa carregàraõ ambos com ſeus Pays às coſtas, livrando-os, e ſalvandolhe a vida. (20) O meſmo eſcreveraõ de Eneas com ſeu Pay Anchizes em os incendios de Troya (21) Oppio ſabendo que ſeu amado Pay era buſcado, e perſeguido por Scila para lhe dar a morte, e que por ſer ja pezado, e velho naõ poderia fugir, carregou com elle às coſtas por montes, e matos até o pôr em Cizilia, aonde lhe ſalvou a vida (22) Cleobe, e Biton ambos irmãos, vendo que Argia ſua Mãy por falta de cavallos naõ podia ir ao templo na carroſſa, e naõ eſtava bem ao ſeu decoro ir apé, porque era gran Sacerdotiſſa, com amor mui reverente ſobmetèraõ os peſcoços ao jugo, e aſſim a conduziraõ. (23)

20) Silio.
(21) Virgilio.
(22) Dioniz.
(23) Cicero. Claudiano.

Scipiaõ ſendo ainda mancebo, e achando-ſe com ſeu Pay na batalha de Ticino (ou de Trebia, como outros dizem) vendo ao dito ſeu Pay cercado de muytos Carthaginenſes, que aos fios da eſpada certamente o matavaõ, intrepidamente os inveſtio a todos, ſem recear o ſeu proprio, e maior perigo, fazendo aberta, pela qual ſeu Pay pudeſſe fugir, como fez por ſalvar a vida. (24) Antigono II. filho do Rey Demetrio, vendo a ſeu Pay prezo, por induſtria de Seleuco ſeu inimigo, para o precizar aſſim a entregarlhe algumas Cidades do ſeu Reino, que por armas lhe naõ podia tirar, cõſentindo-ſe induſtriozamente ao Rey prezo, que eſcreveſſe a

(24) Livio. Stacio.

Antigono

Antigono seu filho, o avizou, e capacitou pelo contrario a que de nenhuma sorte cedesse hum ponto da sua regalia, nem entregasse Reyno, ou Cidade alguma, que de todas queria ficasse legitimo herdeiro, e para isto se lhe naõ dava de morrer naquella prizaõ: Antigono pelo contrario o fez, porque antepondo com excesso de amor a honra, e liberdade de seu Pay a todas as honras, e conveniencias proprias, escreveo logo a Seleuco soltasse a toda a preça seu Pay Demetrio; e lhe daria todas as terras que tinha á sua obediencia. (25)

(25) Ravisio.

Jacopo de Piero em a Villa de S. Agada do Cõdado de Firenze, matou a outro moço seu companheiro, e sabendo-o logo seu Pay o aconselhou que fugisse; buscando-o logo a justiça, e naõ o achando prendeo, o Pay, que por naõ padecer o filho (se aparecesse) confeçou de plano ter elle sido o pessoal homicida; pelo que tendo logo sentença de morte natural, e indo jà para o lugar do supplicio, sahio o filho ao encontro com lagrimas, e gritos, requerendo à justiça que soltassem logo aquelle innocente Pay, e o enforcassem a elle, porque elle era o que tinha feito tal delicto; Suspendeo-se a execuçaõ, e presentouse o novo Reo à Senhoria, ou Magistrado, repetindo o mesmo, com assombro dos que o viraõ, e quizeraõ todos livrar a ambos, se a Ley naõ fora irrefragavel, pelo que com lagrimas do povo todo, morreo decapitado Jacopo, honrado filho (26) sendo logo seu Pay livre, e solto.

(26) Matteo Vill. lib. 10. cap. 32.

O

O Conde Hugolino Pizano achando-ſe prezo com dous filhos em huma alta torre, cujas chaves ſe lançàraõ em hum rio, vendo os filhos, que ſeu Pay deſeſperado com fome, mordia as ſuas proprias mãos, lhe pediraõ com inceſſante ſupplica que os comeſſe a elles, e de fome não pereceſſe. (27) Raſſimonda, filha do Rey de Gepidi, ſabendo que outro Rey inimigo, dera morte afrontoza a ſeu Pay em huma batalha, ſem que a fizeſſe eſquecer deſta injuria, o eſtar feita Rainha, porque logo cazada com Alboino Rey dos Longobardos, o mayor empenho que com ſeu marido teve, foy o apanharſe às mãos aquelle Rey tirano, para ſe lhe dar caſtigo. (28) Outra filha, vendo prezo a ſeu amante Pay em hum carcere, e condenado à pena ordinaria de morrer à pura fome, deſprezando todos os perigos da vida, ſuſtentou ao Pay com o leite de ſeus peitos; vendo os guardas que eraõ paſſados mais de ſete dias, ſem aquelle homem morrer, pozſe de vigia o Carcereiro, e preſenciando o ſucceſſo, e cauſa, foy dar conta ao Magiſtrado, ſendo a filha conduzida, a qual com razões, e lagrimas, de tal ſorte os convenceo, que a Pay, e filha ſe lhe deu logo gracioſamente a liberdade. (29)

(27) *Dante.*

(28) *Paulo Diacono.*

(29) *Celio.*

CAP.

CAPITULO X.

De como os Pays cuidadozamente devem procurar o Sacramento do Baptiſmo a ſeus filhos rècem naſcidos, naõ lho demorando. Moſtra-ſe a qualidade de Baptiſmos que ſe uſáraõ, quaes os que admite a Igreja, quem foraõ ſeus Inventores, e as primeiras peſſoas, que no Mundo os receberaõ.

NAſce a Creatura humana concebida em a original culpa (1) pois todos a contrahimos em noſſos primeiros pays (2) e porque eſta punha obice à Graça, nos acudio logo Chriſto, como Medico ſoberano, com o remedio, applicandonos o banho mais ſaudavel em a Sagrada fonte do Baptiſmo, capacitando-nos ſó com eſte o podermos entrar no Reino do Ceo (3) havendo certamente occaſioens em que o Baptiſmo baſta ſó para ſalvar. (4)

(1) *Pſ. 50. 7.*

(2) *1. Corinth. 15. 22. Conc. Trid.*

(3) *Joan. 3. 5.*

(4) *1. Petr. 3. 21. Conc. Trident.*

O primeiro modo de Baptiſmo que ſe praticou jà no tempo da Ley da natureza, e depois no da Ley eſcrita, foy a Circuncisaõ, da qual foy Deos Senhor noſſo o primeiro Inventor, determinando-a ao Patriarca Abrahaõ, como conſta do Genezis (5) e logo aſſinalou o tempo que podia ſofrer demora, qual foy o de oito dias (6) Abrahaõ que jà ſe achava com muita idade, quiz logo ſatisfazer ao preceito Divino, e foy neſte Mundo a primeira creatura que ſe circuncizou, tendo noventa e nove annos (7) o meſmo ſe fez logo a Iſmael ſeu filho, que jà tinha treze annos, e à mais familia toda. (8) Eſte era o Baptiſmo que deſde entaõ

(5) *Geneſ. 7. 10. 11.*

(6) *Geneſ. 7. 12.*

(7) *Geneſ. 7. 24.*

(8) *Ibi. uſq ad 27.*

atè a vinda de Christo se praticou sempre no Mundo, como de toda a Sagrada Escriptura claramente consta, tendo-se nella repetidas vezes tratado. (9)

Sabido pois que foy a Circuncisaõ o mais antigo de todos os mandamentos, e preceitos, como diz S. Joaõ Chrisostomo (10) e nem antes de Abrahaõ, nem de Mousés houve alguem que puzesse preceitos semelhantes, como Josepho escreveo (11) daqui se passou a muitas, e muy diversas naçoens, quais foraõ os de Phenicia, os de Arabia, e Sarracenos. Plinio diz só tiveraõ os Judeos, os Ethiopes, e os Egypcios. (12) Theodoreto, e com especialidade Herodoto affirma o observàraõ os Colchos, e os Egypcios (13) tambem; e por se guardar nesta acçaõ o mandamento de Deos, entre os Judeos valia para apagar o peccado original, como diz S. Gregorio (14) assim como agora nos valle a nòs o Sacramento, e agua do Baptismo, faltandolhe só naquelle a Graça, que se nos participa neste.

He de Fé, o Texto Sagrado o comprova, que o Instituhidor do Santo Sacramento do Baptismo em a Ley da Graça, foy Christo: e mandando a sua voz qual era o Baptista Precursor (15) a este (diz S.Lucas) foy feita a palavra do Senhor em o anno quinto decimo do Imperio de Tiberio Cezar (16) e sahira o Baptista por toda a regiaõ do Jordaõ a prègar o mesmo Baptismo com tanto fruto, que como diz S.Matheus lhe sahio logo

toda

(9) *Exod.* 4.25. *Idem.* 12.44.48. *Levitic.* 12.3. *Deuter.* 10 16. *Idem* 21.12.& 30.6. *Josue cap.* 5. 2.3.5.7.8. *Judith* 14. 6. *Jerem* 4.4.& 9 25. 1.*Macab.* 1.63 64 & 2.46. 2.*Macab* 6.10. *Luc.* 1.59.& 2. 21. *Joan.* 7.22. *Act. à cap.* 7.*usque* 21. 1 *Cor* 7.18. *Galat. à cap.* 2. *usq. ad* 6.*Philip.* 3. 5. *Colon.* 2.11. *Rom. a* 2. *usque ad* 15. *Ephes.* 2.11. 4. *Esdr.* 1. 31.

(10) *D.Joan. Chrisost. homil.* 52. *in Math.*

(11) *Joseph. de antequit cõtra Apion.*

(12) *Plin. hic.*

(13) *Herodoto.*

(14) *D.Gregor.P.*

(15) *Luc.* 3.4.

(16) *Luc.* 3.1.

toda a Cidade de Jerusalem, toda Judéa, e todos os povos que avizinhavaõ com o Jordaõ, aosquais neste mesmo rio o Precursor de Christo baptizava (17) confessando todos primeiro os seus peccados, a qual acçaõ no sentir de S. Cypriano conduzia para se instruhirem os peccadores, e aparelharse para receberem a Fé (18) Christo Jesus nosso Divino Mestre quiz tambem ser baptizado por Joaõ para exemplo, e tambem para approvar, e confirmar o tal Baptismo. (19)

(17) *S. Math.* 3. 5. & 6.

(18) *S. Cypriano.*

(19) *Math.* 3. 6. *Marc.* 1. 9.

Aqui teve principio a Religiaõ Christãa, porque despois de instituhido, e posto em praxe o Baptismo, recebendo os Apostolos o Espirito Santo, comessáraõ logo a prègar a Doutrina de Christo, a cuja acçaõ deu principio S. Pedro na mesma Cidade de Jerusalem, com razoens taõ efficacissimas que logo naquelle dia se baptizàraõ tres mil pessoas entre homens, e mulheres (20) e para confirmaçaõ da verdade da Fé, sárou S. Pedro, mesmo ahi á entrada do Templo junto à porta Especiosa, hum homem coxo, e tolhido desde que nascèra, dandolhe saude em nome de Jesu Christo (21) do que rezultou grande crescimento à Igreja pela multidaõ de gentes que concorriaõ aos Apostolos para serem curados huns, e baptizados outros, propagando-se assim a Fé, e Religiaõ Catholica (22.)

(20) *Acta Ap.* 41.

(21.) *Acta Apost.* 3. 7.

(22) *Acta Apost.* 5. 16.

Neste tempo Filippe, hum dos sete Diaconos converteu os Samaritanos à Religiaõ Christaã, e baptizou a Simaõ Mago, a cuja

confirmaçaõ acudiraõ Pedro, e Joaõ. S. Paulo deu tambem logo principio a publicar a Doutrina, Felippe o imitou chegando atè Ethiopia; e indo por mãdado de Deos (como consta dos Actos dos Apostolos) (23) à Cidade de Gaza, baptizou hum Eunucho mordomo de Candaces, Rainha de Ethiopia, e depois o mesmo Eunucho baptizou a Rainha com toda a sua familia, e muita parte do povo. S. Pedro saindo da Cidade de Joppe, a donde resucitou Tabinta defunta (24) foy para a Cidade de Cezarèa, e ali baptizou a Cornelio Centuriaõ com toda a sua familia, e foy o primeiro Gentio que recebeo o Santo Baptismo; e a Cidade de Antioquia tem a gloria de ser a primeira em que os homens se appelidàraõ Christãos. (25)

(23) *Acta Ap.* 8 *a n.* 29. *usque* 40.

(24) *Acta Ap.* 9. 40.

(25) *Acta Ap.* 11. 26.

Para o exercicio de propagar a Fé, e administrar o Baptismo se repartiraõ os Apostolos por diversas partes do Mundo: a S. Thomè coube por destribuiçaõ ir aos Parthos; a S. Pedro as Provincias de Galacia, Pontho, Bithinia, e Capadocia: a S. Andrè a Scythia; a S. Matheus a Ethyopia; a S. Bartholomeu a India citerior; a S. Joaõ a Azia; e os mais Apostolos foraõ tambem por diversas partes, e Cidades, prègando, baptizando, e fazendo singulares prodigios, que os Doutos curiozos poderaõ lèr nos Actos Apostolicos *à Capite* 12. *usque ad finem.*

Hæc in Act. Apostolorum.

A forma do baptizar que os Apostolos tiveraõ, foy a mesma que Christo lhe deu: *Baptisantes eos In nomine Patris, & Filii, & Spiritus Santi,* fazendo

fazendo cada hum dos Miniſtros peſſoal a acçaõ *Ego te baptizo* (26) a qual fórma conſerva a S. Igreja Catholica. A materia do Baptiſmo he agoa natural elementar, e o naõ pòde ſer eſtilada de quaes quer flores. O Miniſtro deve ſer o proprio Parroco, ou outro Sacerdote com licença, e em cazo de neceſſidade pòde baptizar qualquer creatura humana, com intençaõ de fazer o que faz a Igreja, proferindo as palavras juntamente quando lançar a agoa, iſto he, ajuntando a materia com a fórma. O modo pòde ſer de tres ſortes, ou por abluçaõ, ou por aſperſaõ, ou por immerſaõ. O Baptiſmo pòde ſer de tres modos: Baptiſmo de ſange, Baptiſmo de fogo, Baptiſmo de agoa: o ultimo he o precizo, ſe for poſſivel; q̃ a naõ o ſer, qualquer dos primeiros dous: iſto he o do martirio, ou o do dezejo, com contriçaõ viva baſtaõ para pôr a creatura em Graça. (27)

(26) *Math.* 28.19.

(27) *Sacer Conc. Trid. Conſtitut. Apoſt. Decreta Pontific. Ritual. Rom. & comuniter Theologi.*

O tempo que aquelles Pays que ſe prezarem de Catholicos, devem demorar o Baptiſmo a ſeus filhos, hade ſer por determinaçaõ Eccleſiaſtica, e conſelho Apoſtolico, o menos que puderem, deſpois da Creatura ſer naſcida; naõ ſó por lhe naõ dilatarem a Graça baptiſmal, mas pelo perigo que devem evitar de morrer pagãa. Em Inglaterra, Reino a donde floreceo tanto o Chriſtianiſmo, ſe obſervava o coſtume de baptizar as Crianças no meſmo dia de naſcidas; e S. Cypriano eſcreve, ſe devia entre todos os Chriſtaõs aſſim fazer, reputando-o por acçaõ

muy

muy Catholica. (28) Os Judeos expunhaõ as crianças ao ſeu Baptiſmo, ou Circunciſaõ no ſeptimo dia reſpectivamente ao mandato Divino. O meſmo obſervavaõ os Romanos, imitando aos Hebreos, e chamavaõ ao tal dia ſeptimo --Laſtrico,-- porque nelle ſe lavavaõ, e limpavaõ os Meninos. Plutarco, pela razaõ natural, e Medica o aprova, dizendo que eſte ſetêno dia he para os meninos muito perigoſo, principalmente ſe do ventre materno trouxerem alguma enfermidade. (29)

(28) *D. Cyprian. Epiſt. 3. ad Fidum.*

(29) *Plutarch. hic.*

Hyginio, Pontifice Romano, determinou que ao Baptiſmo de qualquer criança aſſiſtiſſe hum Padrinho, para que eſte Sacramento ſe naõ reiteraſſe, como por Decretos Pontificios he prohibido: iſto ſe entende àlem da Comadre, que vay conduzir a Creatura para ſe lhe adminiſtrar o Sacramento. (30) O Sagrado Concilio Tridentino manda que a eſte acto aſſiſtaõ indiſtinctamente dous Padrinhos (31) eſtes ſervem de teſtemunhas por diſpoſiçaõ Eccleſiaſtica (32) e para terem fé pela criança innocente, que a naõ pòde ainda ter.

(30) *Hyginus P. M. Decreta Pontificia.*

(31) *Conc. Trident. cap. 2. ſeſſ. 24.*

(32) *Eccleſ. Conſtit.*

CAP.

CAPITULO XI.

Continùa a materia do antecedente, confirmada com opinioens de selectissimos D.D e Theologos. Admiraõ-se prodigios da Sagrada Fonte Baptismal, e descrevem-se de outras notaveis fontes (como materia apta) singulares maravilhas.

SAbido jà como deixàmos dito, que Christo Senhor nosso foy o primeiro Inventor, ou Instituidor do Santo Sacramento do Baptismo, como àlem da collecçaõ do Texto o diffinio o Sacro Concilio de Trento, e o declaràraõ os SS. PP. e DD. da Igreja (1) alguns Theologos questionàraõ se o Senhor fizera esta prodigiosa acçaõ antes da sua morte, ou se depois de resuscitado? Naõ faltando quem siga a opiniaõ segunda (2) saõ muitos mais os que verificaõ, e comprovaõ a primeira, com solidos fundamentos. (3)

Negaõ alguns Authores, que o tempo, dia, e hora em que Christo para remedio nosso instituhio este Sacramento, fosse aquelle em que por Joaõ foy baptizado (4) mas tem-se por opiniaõ mais certa, e provavel, que na hora dita em que foy Christo baptizado, foy por Christo o Sacramento do Baptismo instituhido (5) dando por fundamental razaõ, que no mesmo dia em que Christo foy baptizado pelo Baptista, fora o Baptista baptizado por Christo, naõ com o mesmo, mas com outro Baptismo, donde se infere fora este de novo por Christo instituhido

(1) Conc. Trid. sess. 7. can. 1 de Sacr. ingenere & can. 1. de Baptismo. omnes PP. Ss & DD. Vide Navarr. cap. 23. n. 2. Henriques l. 2. c. 1. n. 8. Covar. l. 1. var. c. 23. Suar. tom. 3. disp. 19 sect. 1. Reginald. lib. 27. n. 5.

(2) Ruperto lib. 4. in cap. 3. Joan. Alex. Alès q. 12. art. 1. Canon. 8 de Locis c 5 Sum. Theolog. 6. loco pag. 121.

(3) Ex cap. 1. Joan. & 4. August. tract. 5. Magist. sent. in 4. dist. 3. D. Thom. 3. p. q. 66. Henriq. l. 2. c. 2. n. 3. & c. 5 valentia q. 1. punct 4. Granados tom. 5. in 3. parte Ochagavia q 2. n. 3. & 6. Villalobo trat. 5. diff. 2. Hurtado disp 1. de Bapt. Pesantius, Leandro, Vasques, Palaus, Reginaldus, Vega, Dicastillo, Franciscus, de Abra cum August. Cirill. & Hyeron.

(4) Sotus in 4. dist. 3. q. 4 art 1. Suar. disp. 19 sect 2. in fine. Ægidius q. 66. art. 2. Hurtad. disp. 1. diff. 13. Layman tr. 2. cap. 2. Bart. ab Angelis dialog. 4. § 7

(5) Nazianz. orat. 40 in Bapt D. Chrisost. hom. 22. D. Hyeron. in Math. c. 3. Imperf. ibi. D. Thom. 3. p. q. 38. art 6. Grassius decis. aur. p. 2. l. 1. c. 3. Mag. sent. in 4. dist. 3. Sotus dist. 3. quæst. unica Caiet. 3. p. q. 66. art. 2. Vasques disp. 140. c. 6,

tuhido (6) verificando-ſe com probabilidade por muy famoſos Authores, que a promulgaçaõ do Baptiſmo fora complectamente feita trinta annos depois de Chriſto padecer, quando Veſpaziano, e Tito deſtruhiraõ a Jeruſalem, e os Apoſtolos ſahiraõ pelo Mundo a prègar a Evangelica Doutrina (7) ſuppoſto haja Authores que digaõ ſe promulgàra no dia do Pentecoſtes (8) ao que ſe naõ aſſente, porque ainda depois do Pentecoſtes, Paulo circuncizou a Thimotheo, e Pedro guardou os Legaes. (9)

Para Miniſtro deſte Sacramento he neceſſario Creatura humana (como diſſemos) e os D.D. o confirmão, (10) ſem que baſte hum Anjo bom, ou mao, como Luthero com inſolencia eſcreveu (11) e ſó de poder de Deos abſoluto poderà hum Anjo do Ceo baptizar. (12) Victor Papa XV. extendeo eſte indulto ás peſſoas de ambos os ſexos em cazo de neceſſidade; para o que, ſuppoſto eu diſſe era neceſſario fé, e intençaõ em quem baptiza para mayor perfeiçaõ, como alguns Authores dizem (13) he certo, e diffinido por muytos Sagrados Concilios que eſta fé do Miniſtro naõ he eſſencialmente neceſſaria para o valor do Sacramento (14) ainda genericamente, ou geralmente fallando, de todos os Sacramentos. He neceſſario eſte Sacramento do Baptiſmo a todas as racionaes, e humanas creaturas *neceſſitate medii, & neceſſitate præcepti* para ſe haverem de ſalvar: colligeſe o primeyro do Sagrado Concilio

Tridentino,

(6) *Magiſt. Sent. ubi ſupra Soto. Caietan. Vaſques, vide Leandro de S. Sacram. tom 1. tract. 2 q 5. Petrus Ledeſma de Bapt. c. 2. Vivaldus de Bapt. c. 1. n. 15. Filiuc. tract. 2. c. 1. q 4. n. 9. Bart. de Ledeſma. Valentia. Belarmin. Granad. Suar. Sayrus Bonac. Emman. Rodrig. Emm Suares. Vega*

(7) *Scotus diſt 3. q 4. D. Thomas 1. 2. q. 106. art. 4. ad 4 Bonac. diſput. 2. q. 2. punct 2. n. 13. Henriq. l. c. 2. n. 7. Archãgelus diſt. 3 pag. 29. Leandro de S. Sacram t. 1. tr. 2.*

(8) *Belarm. de Bapt. cap 5. Ægid. q 69. n. 24. Petrus de Canedo de Bapt. c. 1. Suar. & Filliuc.*

(9) *Actor. 10.*

(10) *Belarmin Suares, Lugo. Raconius, Caetan & comun.*

(11) *Lutherus de Miſſa privata apud Berlarmin. l. 1. c 24.*

(12) *Ita DD. ſupra ex lege communi.*

(13) *D. Cyprin. Ep. 70. & 71. & 73 Agrippinus Epiſc. Cartag.*

(14) *Conc. Nicen. 1. can. 19 aliás 17. Conc. Canthagin. 1. can. 1. Conc. Conſtant. ſeſſ. 8. Conc. Trident. ſeſſ. 7. can. 4. & can. 12. de Sacr. in genere. D Thom. Belarm. Suar. Vaſq.*

Tridétino(15)e colhe-ſe do Texto Sagrado. (16) O meſmo Sacro Concilio expreſſamente verifica o ſegundo, anathematizando a quem o contrario diſſer. (17) Finalmente entendaõ os Pays, ou quem ſeu lugar tiver, o ſolicito cuidado com que ſe haõ de haver, em que ſe naõ dilate o ſacro Baptiſmo aos meninos, porque em obrar o contrario, peccaõ mortalmente contra a caridade, pelo grande perigo da damnaçaõ a q̃ expoem aquella innocẽte creatura, como Nazianzeno diz(18)e tambem, porque coopèraõ contra o antiquiſſimo coſtume da Igreja, como Soto, Tabiena, Bellarmino, e outros muitos DD. eſcrevem, e Pedro de Ledeſma clariſſimamente o expoem (19) ſem q̃ deſte preceito ſe eſcuzem os adultos, pois a todos igualmẽte a Divina Ley obriga (20) e naõ pòdem ſalvarſe ſem chegar à Sacra fonte Baptiſmal.

(15) *Colex Trid. ſeſſ. 6. cap. 4. Suar. Filuc. Ægid.*
(16) *S. Joan. cap. 13.*
(17) *Conc. Trid. ſeſſ 7. cant. 5.*
(18) *Nazianz. orat. 40.*
(19) *Sot. diſt. 3. q. 10. Tabien. bapt. 5 § 12. Bellarm. de Bapt. c. 8.*
(20) *Conc. Trid. ſeſſ. 6. can. 21.*

Deſta ſagrada fonte, e ſua prodigioſa virtude ſe eſcrevem ſingulariſſimos prodigios, dos quaes exporei alguns para corroborar a Fé della aos Catholicos, e tambem de outras fontes, como materia remota do Baptiſmo, reſpectivamente às ſuas agoas, por encher aos curioſos de noticias, expenderei algumas maravilhas. Martino de Roà na Vida da Veneravel D. Sancha de Carrilho, eſcreve, que querendo Deos Senhor noſſo fazer huma mercè grande àquella ſua ſerva, ao tempo, que ſe achava na Igreja Paroquial, ſendo conduzidos alguns Meninos para a Sacra fonte Baptiſmal, vio, que a cada hum

daquelles a quem o Baptiſmo ſe conferia, Chriſto Jeſus, como abrindo o ſeu peito, lhe parecia que os regenerava pela Graça. (21) Gregorio Turonenſe diz, que em a noſſa Heſpanha hà hum lugar, em cujo Templo exiſte huma pia de Marmore famoſa, a qual enchendo-ſe de agoa milagroſamente, e ſem concurſo humano, e ſendo benta pelo Biſpo com effuſaõ dos Santos olios em Sabbado Santo, aproveitando-ſe os fieis em muitos, e diſtinctos vaſos deſta agoa, naõ tem algũa diminuiçaõ; mas tanto que ſe entra a baptizar os Meninos, tambem miraculoſamente ſe diminue, de tal ſorte, q̃ acabado o ultimo Baptiſmo, ſe naõ vè na Pia algũa agoa. (22)

Em o carcere Mamertino hà huma Fonte, que milagroſa, e repentinamente naſceo a tempo que o grande Apoſtolo S. Pedro ali ſe achava prezo, e foy eſta a Fonte baptiſmal em que o meſmo Apoſtolo baptizou a Proceſſo, e Martiniano: dizem que ainda hoje ſe conſerva de tal ſorte, que correndo a ella os fieis a tirar quantidade de agoa, nunca neſta fonte diminuhio, nem creſceo. (23) Em França, e na Heſpanha, ſe diz haver algumas Fontes Baptiſmaes, que ſem obra humana, e ſó por ſi meſmas ſe enchem de agoa no dia da Paſcoa da Reſurreiçaõ, ſegundo o uſo da Igreja. (24)

Da fonte Salmace em Caria, eſcreve Bonardo, que todo o Menino, que nella ſe banhava, ficava femea, e toda a Menina ficava macho, com os ſexos tranſmutados, e as ac-

(21) *Tomaſo Auriemma Stanze del Anima c. 1. f. 4.*

(22) *Gregor. Turonenſe de Gloria Martyrum l 2. cap. 24. Menoch. p. 2. cãt. 4. c. 85.*

(23) *Jacomi Boſi. l. 6. cap. 4. fol 596. Tomás Bozius de Sigz. Ecc. l. 1. cap. 15. Pietra ſanctu T. 3. c. 17.*

(24) *Maſſini cap. 3. f. 339.*

çoens

çoens de tal ſorte, que os que tinhão ſido machos, ficaõ timidos, fracos, e cobardes; e as que tinhaõ ſido femeas, ficaõ valentes animoſas, e varonîs. (25) Na India Occidental em hũa Ilha chamada Boiuca hà hũa fonte, cuja agoa bebida faz cahir da cabeça as cans, e torna os homens moços. (26) Em Mamonia de Hibernia hà huma fonte, em cuja agoa qualquer peſſoa que ſe lava, fica com a cara de velho, e os cabelos logo brancos. Na Ultonia ſe acha outra fonte, que pelo cõtrario, torna os cabelos de brãcos em pretos. (27) No Egypto hà huma fonte, que faz ficar calvo a quem della bebe. (28) Em Sua outra fonte, cuja agoa faz cahir os dentes; e em Grecia a fonte Clitorio, faz quem a bebe aborrecer para ſempre o vinho, e goſtar com exceſſo a agoa. (29)

(25) *Joaõ Maria Bonardo Minera del Mondo l.1.cap.11.*

(26) *Francisco Lopes da Camera histor. das Ind. Occid c. 41.45.*

(27) *Joan. Lorenço Anania Fab. del Mondo. T. 1. 3.*

(28) *Joaõ Maria Bonard Miner. del Mondo l.1. cap.11.*

(29) *Idem. ibi.*

Em Cypro ou Chypre hà hũa fõte chamada Atamaſto, q̃ nas creſcẽças da Lua metendo-ſelhe hum pao, ou hum madeiro, de repẽte ſe acende. (30) Em Navacria, Cidade de Arcadia, hà huma fonte taõ fria, que ſua agoa correndo pelo chaõ, fica logo pedra. (31) As agoas da fonte Capriolo, correndo ao rio ſe convertem em pedras, de tal ſorte q̃ ao meſmo rio, ajuntando montes, impede o ſeu curſo, fazendolho buſcar por outra parte. (32) Na China ha hũa fonte, cuja agoa converte a terra em pedra. Em Calabria hà duas fontes chamadas Grati, e Sibari, as quaes fazem o cabelo de côr de ouro, a quem as bebe. Em Granoble no Delfinado ha huma

(30) *Idem ibi.*

(31) *Idem ibi.*

(32) *Idem ibi.*

I fonte

fonte chamada fonte de Epiro, que ſuſtenta hum lenho acezo, e ſe eſtà apagado o acende logo , eſta atè o meyo dia ſe ſeca, e tornando a creſcer , eſtà pela meya noite cheya toda. (33) Em Ethiopia nos Garamantis hà huma fonte chamada fonte do Sol que de dia faz, ou tem a agoa doce , e taõ fria , que ſe naõ pòde beber; e de noite taõ quente, que metendolhe a maõ, ſe naõ pòde ſuportar. Em Ethiopia ha huma fonte , cujas agoas fazem o meſmo effeito, que o azeite , e uſa dellas a gente para ſe alumear. [34]

Santo Agoſtinho, e Petrarca, dizem que no boſque, ou mato Dodonea ha huma fonte, cuja agoa apaga o fogo acezo, e acende o fogo apagado. (35) Herodoto faz mençaõ de duas fontes, huma de Cardiane junto a Daſcile, cuja agoa ſabe a leite; e outra que corre ao rio Hipano, que amarga como fel. (36) Entre Rafanea, e Atea, Cidades de Soria, ha hũa fõte, a qual por tempo de ſeis dias eſtà ſequiſſima, chegado o dia ſetimo corre copioſiſſimamẽte, mas entrando o outro dia fica ſeca como de antes, atè outra vez tornar o dia ſetimo , razaõ porque lhe puzeraõ o nome de Sabatina. (37) No alto de Alemanha ha huma fonte que ſe alguem falla perto della, faz-ſelhe logo a agoa turva , e ſe eſtà com ſilẽcio tem a agoa perfeita, e clara. (38) Em Illirico hà huma fonte de agoa doce, que abraza como fogo tudo o que a ella chega. (39) Em Armenia, nos confins do Jordaõ, hà huma fonte, cuja agoa he como perfei-

(33) Meſſina. Roſeo. Sanſovini.

(34) Pedro Mexia Silva de var. liç. p. 2. c. 28. Caio Plinio. Joan. Baptiſta Fidelis Cent. 4. cap 49. Arnano Quinto Curſio. Diodoro Siculo hiſt. de Alexãdro Magno. Plinio, Solino, Mexia p. 1. cap. 28. Maffei grad. 2. c. 15.

(35) D. Auguſt. l. 5. de Civitat. Dei. Petrarcha tom. Garſi ſuo Serr. f. 701.

(36) Pedro Mexia Barthol. Dionigi ſecunda Silv. p. 1. c. 2. f. 39. Herodcto.

(37) Ibidem Mexia, & Dionigi p. 1. c. 2. f 39.

(38) Iidem. ibi.

(39) Joaõ Bapt. Fulgoſo. Pedro Mexia. Mambrino Roſeo. Franciſco Sanſou Silv. renov. p. 2. c. 28. f. 192. v.

perfeitiſſimo azeite, do qual ſe uſa para o comer, para alumear, e delle ſe carregaõ navios. (40)

Ultimamente (naõ fallando em rios, por naõ fazer prolixa a hiſtoria) concluo a narraçaõ das fontes ſó apontando por aſſombro o ſeguinte: Em Genova, anno de 933. hũa fonte lançou ſangue em lugar de agoa hum dia todo. Em Pullia, anno de 890. correo ſangue de outra fonte. Em Lorena, anno de 1006. huma fonte de agoa clara ſe converteo tambem em ſangue. Em Toſcana, anno de 478. choveo ſangue, e depois leite. Em Lombardia anno de 563. Em Roma, anno de 600. e no de 847. em Conſtantinopla, anno de 547. Em França, anno de 822. Em Polonia, e Breſcia, anno de 847. e em outras partes de Italia, anno de 1006. choveo tambem copioſo ſangue. [41] Em Conſtantinopla anno de 1006. tambem hum dia todo choveo cinza. Em Amiterno choveo terra. Em Interamma anno de 2774. correo hum rio de leite. Em Roma, anno de 647. choveraõ pedras. Na Cidade de Horchia em Germania, anno de 827. chovèraõ taõ grandes pedras, que matàraõ gentes, e beſtas. (42) Em França, no tempo do Papa Eugenio II. houve tal tempeſtade, que refere o famoſo Illeſcas na Hiſtoria Pontifical, que entre as pedras que chovèraõ, e matàraõ muita gente, choveo huma de gelo coalhado, que tinha quinze pès de comprido, e ſeis de largo. (43) Na terra de Rivolta, territorio

(40) *Marco Polo Venet. Maravil. del Mondo c. 11.*

(41) *Joſepho Roſacio 6. idade do Mũdo fol. 19. 27. Felipo Secinara tr. de Terrem. c. 59. à c. 63.*

(42) *Roſacio fol. 23. a fol. 30 Secinara c. 52. à c. 59. Julio Cezar de Solis d. fol. 70. 73.*

(43) *Illeſcas Hiſtor. Pontifical t. 1. fol. 180. Joan. Stef. Menochio p. 1. Cent. 1. cap. 66.*

ritorio de Bergamo no dia 9. de Março, anno de 1300. estando o Ceo sereno, cahio delle huma pedra taõ grande como a cabeça de hum homem. (44) No territorio de Bressia, e no de Cremona anno de 1234. choveo saraiva da grossura de hũa noz, nas quaes se divisavaõ caracteres, que diziaõ JESUS. (45) Em Amaterno, e Avinhaõ, anno de 860. dous dias continuos choveo lã. Neste mesmo anno, em França, choveo leite, e em Genova pedaços de carne. (46) Em o territorio Bolonhez, anno de 1537. naõ só choveo sangue, mas pedaços taõ grandes, e condensos de tempestade, que pezàraõ 21. libras. (47) E em Bolonha, anno de 850. chovèraõ Serpentes. (48.)

(44) *Donato Calvio na palavra prodigio fol.*282.

(45) *Ludovico Caviteli histor. de Cremona.*

(46) *Nicol. Talone apud Massini c.*18.

(47) *Niculao Talone hist. Sancta l.*5.*c.* 19.

(48) *Massini c.*18. *fol.*148.

CAPITULO XII.

De como logo na primeira flor da puericia, tendo jà a Creatura de poucos annos algum uso de rasaõ, a devem hir applicando ao conhecimento do verdadeiro Deos, instruindo-a na Catholica Doutrina. Mostra-se a diversidade de Deoses, quaes foraõ os primeiros da Gentilidade, os primeiros Templos, Idolos, e Idolatras.

JA' se contaõ annos à Creatura humana, de quem o Santo Job escreve, que saõ muy breves os dias (1) e como hum dia, que hontem jà passou, conta David Profeta Rey, diante de Deos, os annos; (2) porèm he sem duvida, que se os annos em servir, e amar a Deos, se occupaõ logo, saõ annos que parecem dias; e os dias que em distrahiçoens humanas se emprégaõ, saõ dias

(1) *Job.* 14.5.

(2) *Ps.*89.4.

dias, que ſe naõ devem computar, nem em mezes, nem em annos. (3) Deſejaõ ordinariamente os pequenos por idade, parecerem homens pelos annos, ſem conſiderar que eſtes annos, os quaes na idade ſe lhe augmentaõ, na vida ſe lhe diminuem; e o mais util he ſer pequeno em a terra, para ſer grande no Ceo (4) pois lograõ com excellencia feliz grandeza no Ceo os que ſaõ pequenos em a terra. (5)

(3) *Job.* 3.3. & 6.

(4) *S. Math.* 18. à n. 3.

(5) *S. Math.* 23. 12.

Muitas creaturas houve no mundo que ſendo em ſua primitiva infancia creadas cõ o leite, ou delicioſo nectar das virtudes, contàraõ tantos annos de vida, quantos tambem de Santidade; e outras a quem por paternal incuria eſta creaçaõ faltou puxando-os mais para o mal a propençaõ, e natural deſtino, quazi ſe lhe devem reputar por morte os dias, e annos da ſua vida. (6)

(6) *Pſ.* 54. 16. & 68. 39.

Dos Deoſes a quem a Gẽtilidade adorou, e ſupoz ſerem eternos, dizem os antigos, q̃ o ſahirem taõ virtuoſos, e alentados, procedèra da boa creaçaõ que em pequenos dèra Amaltéa a Jupiter, a Neptuno Calphurnia, a Alexandre Hellanica, Ericlia a Uliſes, Caetana a Eneas, Amida a Arclebiades, e a Eupheme as Muſas; e ſe a eſtes veneràraõ por Deoſes ſendo homens, he certo que a natural junto com a eſpiritual creaçaõ pòde conſtituir aos homẽs quazi Deoſes, fazendo a vontade de Deos. (7) Attendaõ pois os Pays que ſe prezarem de Catholicos, a diligencia, e cuidado que devem ter em que ſeus filhos tanto

(7) *Mathæi* 12. 50.

to que fallarem, e tiverem qualquer, ainda que pouco, uso, ou conhecimento de razaõ, cresçaõ juntamente na idade, e na virtude, ensinandolhe os primeyros rudimentos da Fé, com a Doutrina, e Oraçoens, indo pouco a pouco capacitando-os no conhecimento do nosso verdadeiro Deos. (8)

(8) *S. Matris Ecclesiæ communiss. doctrina & S.S. P.P.*

Quando nos tempos antigos (sendo Deos mais antiguo do que os tempos) (9) naõ havia em os homens conhecimento, nem fé de que este Senhor Soberano era hum em a Essencia, e Trino em as Pessoas (10) adoràraõ os homens as pessoas em que se lhe reprezentava com ignorancia terem de Deoses a Essencia, tributando primariamēte estes cultos aos seus Reys, ou adulando nisto a felicidade presente, ou pelas conveniencias que lhe provinhaõ desta lizonja, e adoraçaõ que lhe tributavaõ, antepondo sempre aquelles em quem consideravaõ mais relevantes virtudes, e assim desde entaõ principiàraõ logo a levantarlhe simulacros. (11)

(9) *Ecclesiastici.* 42. 21. *Ecclesiastes* 1. 10.

(10) *Symbol. S. Athan. & com Theologor. doctor.*

(11) *Poliod. Virg. lib.* 1. *cap.* 5.

S. Cypriano escreve que estas acçoens gentilicas foraõ a baze fundamental da vaã, e superticioza religiaõ, doutrinando nesta os Pays aos filhos, e os filhos aos netos, e descendentes. (12) Em o tempo de Jupiter (diz Lactanio) se erigiraõ os primeyros templos, e se offerecèraõ nestes as primeyras oblaçoens aos Deoses, ou que pouco antes deste tempo; pois consta que antes de nascer Jupiter, ou sendo ainda menino, Melisso que o creava, ordenou os primeyros sacrificios

(12) *S. Cyprian. lib. Deorum.*

cios a Saturno, e à Terra, pays do mesmo Jupiter (13) isto foy pelos annos 222. antes da guerra de Troya, e pelos de 3180. depois da creaçaõ do Mundo, no qual tempo se diz por opiniaõ de Theophilo, fora tambem adorado Bello, pelos Babilonios, e Assirios. (14)

(13) *Lactantius lib. 2. cap. 11.*

(14) *Theophilo in lib. de Tempor. ad Autolicum.*

Na adoraçaõ, e culto de infinitos Deoses, a quem a Gentilidade idolatra venerou, saõ tambem as opiniões infinitas. Herodoto, e Estrabo, querem q̃ os Egypcios fossem os que primeiro que todos levantàraõ templos, altares, e Estatuas aos Deoses. (15) Outros affirmão com Diodoro, que tivèraõ principio em o Rey Mennes, e em outro Capitulo, que os primeiros que os honràraõ foraõ os de Ethiopia. (16) Outros dizem, que Mercurio foy o primeiro que inventou sacrificios aos seus Deoses; outros, que os Ethiopes inventàraõ primeiro para veneraçaõ dos Deoses, procissoens, sacrificios, e solemnidades, do que dà testemunho com muitos, e muy antigos Authores, Homero na sua Illiada a Jupiter, e outros Deoses (17) supposto Lactancio assevèra que Mellisso Rey de Candia teve nestas acçoens a primazia. (18)

(15) *Herodoto lib. 2. Estrabo lib. 17. de Geograph.*

(16) *Diodoro lib. 1. Idem lib. 4.*

(17) *Homero in Illiada ad Jov.*

(18) *Lactant. lib. 1. de Institut.*

Muitos outros AA. nas opiniões se diversificaõ: dizem hũs q̃ nos tempos de Reuvel, ou Rageu, a quem varias naçoens chamaõ Belhahah, Baalim, Beelphegor, Beelzebù, pelos annos de 2773. se principiou a adorar por Deoses aos Principes (19) outros q̃ Jupiter

(19) *Hirtman Schedel in 6. Mundi aetat. fol. 16. in fine.*

K

ter em Arcadia foy o primeiro, que mandou adorar Deoſes, inſtituhio Sacerdotes dos Idolos, e levantou Altares, e então lhe puzeraõ o tal nome de Jupiter, pela vivacidade, e engenho, e o adoràraõ por Deos, ſendo antes Lizania o ſeu nome (20) e principiàraõ a adorar Deoſes particulares; logo o fizeraõ a Membrot filho de Jupiter, e lhe chamàraõ Deos Sol (21) e a Diana ſua irmã adoràraõ tambem, e foy a primeira Deoſa. (22)

(20) *Apud eundem in 6. Mundi ætate fol. 25.*

(21) *Idem ibi*

(22) *Idem ibi cum Iulio.*

Outros Authores dizem, que Fauno inſtituhio em Lacio eſte culto; outros que ahi meſmo fora Jano; outros, que em Roma o erigio Numa Pompilio; outros que Orpheo na Grecia; outros, que Cadmo, natural de Phinicia, e filho de Agenor o enſinou aos Gregos; outros, que Orpheo o fez em Thracia; outros que Cecrope Rey de Athenas foy o primeiro que invocou a Jupiter; que eſte enſinou aos de Thracia os ſacrificios Orgias, e que o templo primeiro, e mais antigo dos Deoſes foy o de Dodoneo em Grecia, e ultimamente entre muitos, a ter os Deoſes com generalidade, tendo ſido ſó eſtes homens grandes; pois naõ ſó intitulàraõ a Jupiter Deos do Ceo, mas a Plutaõ Deos do Inferno, a Eolo Deos dos ventos, a Vulcano Deos do fogo, a Marte Deos da Guerra, a Saturno Deos das trèvas, a Neptuno Deos das agoas, a Apollo Deos da Muſica, a Cupido Deos do Amor; a Bacco Deos do vinho, a Ceres Deoſa do paõ; a Diana

Deoſa

Deosa dos bosques, a Minerva Deosa da Sabedoria, a Venus Deosa da fermosura, e finalmente outros muitos, que por superflua cousa naõ repito.

Alem destes, foraõ os Idolatras infinitos, porque naõ fazendo mensaõ de Eneas com os seus Pennates, nem de outros particulares, e sem conto, de que os Antigos escreveraõ, só digo, que os Chinas tem Idolos sem numero a que adoraõ; porque naõ só adoraõ ao Sol, e ao Diabo, mas só no Templo da Cidade de Ucheu se lhe contaõ 112. Idolos (23) e de varios Idolos em outras partes do Mundo, faz mençaõ Isiodo, ou Heziodo, dizendo que por elles davaõ respostas falsas trinta mil Demonios. (24) Cento e quatorze vezes cada dia se costumaõ lembrar de seus Deoses em diversos Idolos os Reys de Malavar na India; e para que esta obrigaçaõ lhe naõ esqueça, trazem ao pescoço hum colar com outras tantas perolas grossas. (25) Entre os da famosa Cidade de Alexandria, houve hum celebre Idolo de Seràpis, que mandou fazer o Rey Sesostres, e se compunha de todos os metaes, pedras, e madeiras de mayor estimaçaõ, e preço. (26)

Dos metaes mais preciosos mandou Nabuchodonosor fazer hum Idolo, ou Estatua sua, para que todos os Babilonicos nella o adorassem. (27) Em hum Novilho de ouro chegàraõ os Israelitas a idolatrar cegamente. (28) Os Persas adoràraõ ao Sol, e os

(23) *Fr. Pedro de Alfaro teste an. de 1580.*

(24) *Hesiod. apud Clem. Alex. in Exortat. ad gentes. Euseb. Cæzar. de Preparat. Evangelica l. 5. c. 15.*

(25) *Paul. Venet. in histor. rerum Oriēt. l. 3. c. 23.*

(26) *Spondano an. 389. n. 15.*

(27) *Dan. 2. 32.*

(28) *Exod. 32. n. 4. & 5.*

(29) Celio Rodigino l.18.cap.7.

Egypcios a terra (29) muitos na Mauritania, a Lua, e os Pretos na Asia, e Africa as cobras. Na America muitos Gentios os imitaõ; e duas naçoens destes, com mixtos de outras, das quaes eu tive experiencia depois que os domei, e sogeitei, nada adoravaõ, e só era seu Deos o seu ventre. Na Europa houve muita idolatria, nos tempos antigos, e ainda em o nosso Portugal ha memorias de templos a diversas Deidades, erectos algum dia pelo Gentilismo.

Das Nynfas pelos Poetas celebradas houve tambem muitas idolatrias, e confórme os lugares em que estas lhe apareciaõ, lhe davaõ differentes nomes, sendo tambem diversos os lugares em que as adoravaõ: As Nynfas Dryades, e Hamadryades nos bosques; às Napêas, nos valles; às Lemoniades, nos campos; às Dorides, e Nereidas, ou Nerinas, no mar; às Potamides, nos rios, às Nayades nas fontes; às Lymnades, ou Limnèas nos lagos, e tanques; às Anigrades em o rio Nigro; os Faunos, nos bosques; às Corycedes, no Parnazo; às Harpias, Furias, e Diras, em Diversas partes; finalmente: os Lares, os Pennates, os Tirios, Silenos, Duzios, de que Santo Agostinho falla (30) os Tervictos de que escreveo Alberto Krantzio (31) pelos quaes entendemos os Duendes, os semicapros, Silennos, Silvanos, e Satyros petulantes, de quem o nosso Camoens faz mensaõ em suas Eglogas na pessoa de Agrario (32) tudo foraõ Deoses

(30) D. Dug. lib. 15. de Civitate Dei.

(31) Karantz in [illegible]nia l. 2. cap. 24.

(32) Camoens Eglog. 6.

ſes, a quem a barbara,e cega gentilidade idolatrou, àlem de outros, em o numero quaſi infinitos, cuja materia mui diffuſamente alguns Authores trataõ,aos quaes me remeto, e a omitto(33)ſendo a minha opiniaõ illuſtrada com a luz da Fè, e Eſcrituras, que nenhum de todos os expreſſados era Deos, mas ſó ſim, todos huns Demonios. (34)

(33) Gyrald. in Hiſtoria Deorum. Natal com. in Mytologia.

(34) Pſalm. 95. 5.

Que ha Deos certamente exiſtente, conhecem todas as humanas creaturas, que tem qualquer luz de intelligencia; pois como Damaſceno eſcreve: a meſma natureza humana naturalmente o eſtà ditando (35) e Tertuliano tambem o verifica, dizendo: que o primeiro dotte da Alma racional, he a noticia de Deos. (36) Que eſte Deos Soberano he ſó hum a quem todo o Chriſtianiſmo reverente adora, o deviaõ jà ter por certo todos os Idolatras,e hereges, que unido o Polyteiſmo com o Athecìſmo tem ſido infinitas vezes convencidos na adoraçaõ que a tantos Idolos, e a tantos Deoſes tributàraõ; e ſegundo diz Tertuliano, menos impio parecia negarſe a exiſtencia de hum ſó Deos, que affirmar de muitos Deoſes a exiſtencia. (37)

(35) Damaſcen. l. 7. de Fide cap. 1.

(36) Tertul. lib. 1 adverſus Marcionem.

(37) Idem ibi.

Saiba pois o Mundo todo, que Deos aſſim neceſſariamente he unico, que he abſolutamente impoſſivel o haver muitos Deoſes; aſſim o enſina a Fè, o propuzeraõ os Theologos, os DD. e PP. o defendèraõ; e meu grande Meſtre o Subtil Eſcoto o provou em ſeus ſapientiſſimos Eſcritos por ſete

razões:

razoens: 1. pelo ſeu infinito entendimento: 2. pela infinita vontade: 3. pela infinita bondade: 4. pelo infinito poder: 5. pela meſma razaõ de infinidade: 6. pela neceſſaria exiſtencia: 7. pela ſua Omnipotencia. (38) He eſte verdadeiro, e unico Deos, que adoramos em tres Peſſoas diſtinctas, como a Fè nos manda crer: *Ut unum Deum in Trinitate, & Trinitatem in unitate veneremur* (39) e todas as tres Peſſoas diſtinctas ſaõ ſó hum Deos verdadeiro (40) ſem que entre a Eſſencia, e attributos Divinos, haja diſtinçaõ Eſſencial, nem Real, como os Sagrados Concilios diffiniraõ, e os Theologos enſinàraõ (41) ſuppoſto houveſſe tantos Hereſiarcas, e Sectarios, que com barbaridade grande o quizeraõ totalmente controverter, cujos ditos, e inſolentiſſimos eſcritos foraõ em diverſos Concilios, e Synodos refutados, e condenados. De tudo daremos noticia a ſeu tempo.

(38) *Doctor Subt. in 1. diſt. 2. q. 3.*

(39) *Simbol. S. Athan. & com. Theolog.*

(40) *Idem ibi.*

(41) *Cõcil Lateran. cap. Firmiter. Concil. Tolet. 11. Concil. Florent. Fraſen. Baſol. &c.*

CAP.

CAPITULO XIII.

De como os Pays desde a meninice devem dar principio a applicar seus filhos no aprender a ler, escrever, e contar, pondo-os em aptidaõ para qualquer vida, que hajaõ de seguir. Expoem-se quem foram daquellas tres Artes os Inventores, e que usos observàraõ diversas naçoens do Mundo.

HUma das cousas mais necessarias, e precisas com que os Pays devem mandar instruir seus filhos a poucos annos de nascidos, tendo para isso aptidaõ, he o ler, escrever, e contar; e julgo esta prenda taõ util à perfeiçaõ da creatura humana; que naõ reputo homem perfeito ao que nella naõ foy exercitado.

Quem fossem os Inventores das letras, e quaes as primeiras letras, que inventàraõ para a percepçaõ commua das cousas todas, ha nos Escritores antigos, e modernos opinioens quasi infinitas. Plinio depois de haver referido diversos pareceres nesta materia, e ter dito, que os Assirios foraõ os primeiros que inventàraõ as letras; que Mercurio as achasse no Egypto; que os Pelasgos as levàraõ a Italia; que os Fenices as conduziraõ a Grecia; q̃ o famoso Capitaõ Cadmo achasse só dezaseis letras, e Palamedes na guerra de Troya accrescentasse mais quatro, dà o seu acertado parecer dizendo, que entende terem principiado as letras com o Mundo. (1)

(1) *Plinius.*

Epulemo Author Grego, e celebre escritor do seu tempo diz, que os Chinas se vanglo-

vangloriavaõ muito de ſerem os primeiros Inventores das Letras. (2) Diodoro verifica, que Mercurio no Egypto; mas quaſi ſe contradiz em outra parte, attribuindo aos Ethiopes eſta gloria. (3) Olao magno eſcreve, que Carmenta, vindo com Evandro de Grecia a Oſtia, e terras de Roma, fora quem primeiro as enſinàra. (4) Lucano Principe da hiſtoria Grega, quer que os Fenices as inventaſſem na Grecia. (5.) Outros finalmente dizem, q̃ Trimegiſtro as achou, e Simonides as accreſcentou no numero.

(2) *Epulemo apud Viana no Prologo.*

(3) *Diodor. Sicul. lib. 1.*

(4) *Olao Magno.*

(5) *Lucano lib. 3.*

As opinioens mais attendiveis, porque entre outras, mais provaveis, ſaõ, ou a que refere Crinito com os ſeguintes verſos, que affirma ter achado em hum pequeno livro da Biblioteca Septimana:

Moyſes primus Hæbraicas exaravit literas,
Mente Phœnicès ſagaces condiderunt Atticas;
Quas Latini ſcriptitamus, edidit Nicoſtrata.
Abraham Syras, & idem reperit Chaldaicas.
Iſis arte non minori protulit Ægyptias
Gulſila prompſit Getarum, quas videmus ultimas. (6)

Ou o que ſeguem Genebrardo, e Cedreno, affirmando que Seth, e Enós ſeu filho, levantàraõ humas columnas, de ladrilho huma, e outra de pedra (das quaes Joſefo faz menſaõ) em as quaes elles eſcrevèraõ as primeiras letras, que inventàraõ. (7)

(6) *Crinito apud Joan. Felic. Aſtolfum Officin. hiſtor. c. 12. pag. 327.*

Naõ faltàraõ Authores, que diſſeraõ, terem-ſe achado as letras em o tempo de Nino; mas Plinio na opiniaõ diſcorda, eſcrevendo, que em Babilonia ſe achàraõ ladrilhos com letras eſcritas; e regulando o tempo

(7) *Genebrard. in Chronograph. lib. 1. Cedren. in Com. hiſt. Joſeph. de antiquit. lib. 1. cap. 3.*

po

po que aponta, foy isto mais de trezentos annos antes do diluvio, e mais de setecentos annos antes do tempo de Nino. (8) O certo he, que pelos annos do Mundo 987. que foraõ antes do diluvio 669. deixou Henoch escrito hum livro de que S. Agostinho faz mensaõ (9) o qual conservàra Noè no tempo do diluvio; e ao depois se perdèra (10) como referem Tertuliano, e Beda.

Nem obsta a esta opiniaõ o dizer Berozo que Noé escrevera muitas cousas (11) nem que hum anno logo depois do diluvio se principiou em Caldèa a escrever tudo o que succedia. (12) Tambem naõ o que Varro, e Genebrardo referem da Sibilla Persica, ou Caldea, que escrevéraõ (13) nem o que Pineda, e Estrabo escrevèraõ de Tùbal, filho de Japhet, dando Leys por letra. (14) No Sacro Texto achamos que pelos annos de 888. em a sahida do Egypto deu o Senhor Ley escrita aos Hebreos, e o Santo Job que viveo pelos annos de 740. deixou para nosso exemplo escritos os seus successos. (15)

A opiniaõ que sigo, e me parece entre todas a mais solida, he, que Adam nosso Pay primeiro, a quem Deos participou todas as sciencias, e intelligencia das cousas, foy o que primeiro inventou as Letras, modo explicativo das gentes; e logo seus filhos, e netos, de cuja intelligencia Henoch participou, pois se diz alcançou ainda vivo Adam, e o tratara; e Noè as percebeu, e

(8) *Plinius lib. 7. cap. 56.*

(9) *D. August. de Civit. Dei lib. 15. cap. 23.*

(10) *Tertul. de habitu mulier Beda in d. Epist. Jud. Thad.*

(11) *Beroso lib. 1. de flor. cald.*

(12) *Beros. idem d. l. 1.*

(13) *Varro apud Lactant. Genebrard. l. supra an. mundi 1887.*

(14) *Pin. da Monarchia Eccles p. 1. l. 1. c. 13. § 4. e cap. 23. § 4. Strabo l. 3.*

(15) *Matute d. c. 6. ex Ant. Beuter.*

guardou, ſendo com anterioridade inventadas. (16) Deſta opiniaõ foram Santo Agoſtinho, e Euſebio. (17)

(16) *Vide Jo Felic. Aſtolf. Off. hiſtor. lib. 3 ad fin.*
(17) *D. Aug. de Civ. Dei. Euſeb. l. 10. de præparat. Evangelica.*

Que figura porèm tiveſſem eſtas letras na idèa de ſeu primario inventor, eu me naõ reſolvo a averigua; mas ſó tenho por certo naõ ſerem da fórma, e figura que moſtraõ as letras de que hoje nòs uſamos. Franco, e Zonaras eſcrevèraõ, que as taes letras primeiras eſcritas por Seth, e Enòs, que jà diſſemos, parte eraõ como figuras de animaes, e outras como hieroglificos que ſignificavaõ huma ſó palavra inteira, ou todo hum conceito (18) e Mexia faz mençaõ de hum livro compoſto deſtas letras pòr Oro Apollo Eſcritor Grego. (19)

(18) *Frāc. in camp. Elyſ. q. 3. n. 2. Zonaras anal. 1. de liter. hierogl.*
(19) *Mexia na Silva de varia liçaõ.*

Das letras que hoje nòs uſamos, foraõ diverſos os inventores: Silvio, dizem que inventàra o H, K, e Q; que o X, e o Z, foraõ mendicadas dos Gregos no tempo de Santo Agoſtinho (20) mas Ravizo verifica, que Sep-Carbilio Grammatico inventàra o G, e Claudio Centiniano o h, (21) Eupolemo Author Grego defende a opiniaõ pela parte dos Egypcios, dando a eſtes por Inventores das letras, que uſamos, e dizendo, que as aprendèraõ de Mercurio Trimegiſtro. (22) Outros aſſeveraõ, que a figura das letras que uſamos, foraõ quatro inventadas por Palamedes na guerra de Troya, outras quatro por Simonides Medico, e ſeis por Cadmo. (23) Os Ethiopes uſavaõ ſó de ſete letras, e cada

(20) *Apud Aſtolf.*
(21) *Raviz. officin.*
(22) *Eupolem. apud Vianna no Prolog. do com. a Ouvidio*
(23) *Plin. l. 7. c. 56. Tacit. annal. 11. Alex. ab Alex. Gen. 12. Herodat. lib. 5. Diodor. Sicul. l. 6. c. 18. Apollon. Tyan. lib. 4. Georg. Valla Placent. lib. 31. de expet.*

cada huma tinha quatro ſignificados. (24) Os Hebreos, Syrios, e Chaldeos tinhaõ vinte e duas. (25) Os Latinos tiveraõ quinze, depois chegaraõ a vinte e tres, acrecentando o F, K, Q, X, Y, Z, H, tomando o F, dos Eolios, o O, eo Y, dos Gregos, acrecentando eſtes tambem as ſuas letras (26) Dos Eolios ſe tomou tambem o ph, em lugar do f, muy uzado, como v. g. Orpheo por Orfeo; e Claudio Cezar mandou que o f ſe uzaſſe em lugar de u, eſcrevendo, fixit pro vixit. (27) Os Alemaens na ſua latinidade (diſ-ſe) que ainda hoje o uzaõ

(24) *Alex. ab Alex.*

(25) *S. Hyer. Prolog ad lib. Reg.*

(26) *Cornel. Tacit. Cicero. Priciano.*

(27) *Cornel. Tacit.*

Eu em labyrinto tal de opinioens, nem affirmo, nem refuto, terem as letras que nòs hoje uzamos, a meſma figura que tiveraõ as que tè aqui tratàmos; porque tendo os Gregos letras proprias, como moſtraõ os ſeus eſcriptos, tambem os Hetruſcos tiveraõ proprias letras, as quaes diz Cornelio Tacito na Hiſtoria Imperial que Demarato Corynthio lhas enſinou (28) e Cicero verifica, que os de Phrygia tiveraõ tambem letras proprias. (29) Titolivio dà a entender o meſmo quanto aos Romanos (30) e Plinio o julga reſpectivamente aos Aſſiyrios (31) pelo que venerando a opiniaõ do D. Maximo, e inclinandome muito à do noſſo famozo Britto, mais me perſuado que as letras em diverſos tempos, e ainda em huma naçaõ por algum ſiniſtro ſucceſſo, tiveraõ variedade nas fórmas, e nas figuras. (32)

(28) *Cornel. Tacit. lib. 11. Hiſtor. Imp.*

(29) *Cicer. lib. de Natura Deorum.*

(30) *Titoliv. l. 6. de Fundat. Romæ*

(31) *Plinius lib. 7. de Hiſtor. naturali.*

(32) *D. Hyeron. in Prolog. ad lib. Reg. Brito na Monarch. Luſitana p. 1. l. a. c. 3.*

CAPITULO XIV

Continûa a meſma materia, moſtrando o modo antigo com que ſe eſcrevia, e a fórma com que as letras ſe eſtampavaõ. Trata-ſe de peſſoas que nos poſteriores ſeculos foraõ neſta acçaõ eminentes.

NO antecedente Capitulo jà diſſemos que o primario modo por que eſcreviaõ os Antigos era com letras que tinhaõ figura de animaes, e outras como hyeroglificos ſignificativos de huma palavra inteira: neſta fórma certamente he, que ſe achavaõ eſcritas as colunnas de Seth, e Enòs (1) e eſte coſtume, em parte, obſervaõ ainda os Hebreos no ſeu modo explicativo de eſcrever (2) e tambem os Gregos, e Hebraicos; os Romanos quazi os imitavaõ uzando de certos ſinaes, porque entendiaõ o expreſſivo de algumas couſas (3) Os Portuguezes o naõ reprovaõ quando por rubricas ſe aſſinaõ; Cicero o enſinuou a Pompeo, quando querendo eſte grande Principe pôr ſeu nome, e titulo no famozo Templo da Vitoria que havia edificado, tomando pareceres de doutiſſimos Romanos, eſtes ſe encontravaõ, e o Principe da eloquencia ſendo conſultado, reſpondeo determinando que ſe eſtampaſſem ſó as primeiras letras. (4)

A fórma que ſe obſervava no eſcrever, tem diverſidade grande, aſſim como em o ler: os Egypcios eſcreviaõ fazendo as regras às aveſſas, iſto he da parte direita para a eſquerda,

(1) *Zonaras Annal. 1. de lit Hierogl. Franco in Camp. Elyſ. q. 3. n. 2.*

(2) *D. Hyeron. tom. 2. Epiſt. in Epiſt. ad Paul. de interpret. Alphabeti.*

(3) *Alex. ab Alex. cap. 30 ad fin. l. 2.*

(4) *Ferreira de Vera no Prolog.*

querda, acabando as ſuas adonde as noſſas principiaõ, e aſſim meſmo liaõ (5) eſte coſtume obſervaõ ainda hoje os Arabigos, praticaõ os Siriacos, e na Berberia o imitaõ muitos Mouros, e outras naçoens. Os Ethiopes naõ faziaõ as regras de lado a lado, mas ſim de ſima para baxo. Plinio, e Tacito dizem que a letra de que uſavaõ antigamente os Gregos era quazi como a Latina (6) e hoje eſtà diverſificada; em a Heſpanha depois que foy dominada dos Romanos, e admittida a letra Latina, ſe praticou, e uzou muito a gotica, cujos letreiros ainda ſe vem hoje em muitas partes eſtampados.

(5) Alexander ab Alex. ubi ſupra.

(6) Plin. l. 7. c. 58. Tacit. ubi ſupra.

O em que antiguamente ſe eſcrevia, e lia eraõ ladrilhos de barro, pao, chumbo, e pedra, de que ainda hoje em o noſſo Portugal ſe achaõ cipos, e veſtigios antiquiſſimos, e hum vi eu bem perto de Lisboa, em o Convento de Chelas do tempo das Virgens Veſtaes. Muitos Autores dizem, que o primeiro uzo de eſcrever fora em folhas de Palma (7) eu o naõ duvido, porque em folhas de outra arvore, naõ hà muitos annos recebi cartas, e as mandey, eſcrevendo-as com a ponta de huma cana, achando-me nos matos, ou certoens do noſſo Brazil. Das taes folhas pois, dizem ſe deduzio o chamarſe folha ao papel em que ordinariamente eſcrevemos. Os Italianos lhe chamaõ charta, de huma Cidade aſſim chamada perto de Tyro, talves porque alli primeiro ſe fabricàra, aſſim como ao pergaminho ſe poz o nome

(7) Plinius l. 13 cap. 11.

nome por ſe inventar na Cidade de Pergamo em Azia, reinando nella Eumenes. (8) Tambem antiguamente ſe eſcrevia nos entrecaſcos das arvores, ou teas ſubtìs extrahidos das arvores, tirada primeiro a cortiça; e por ſe chamar a iſto liber em a lingoa Latina (9) ficou eſte nome aos livros; aſſim como do junco Papyro, achado em Syria junto ao rio Euphrates, e no Egypto junto ao Nilo (10) feito em maſſa com outros mixtos, e formado delle huma tal qualidade ſe derivou o nome que hoje damos ao papel, uzando-ſe entaõ daquelle para a eſcrita antes jà de reinar Numma Pompilio em Roma. Eſcrevia-ſe tambem antiguamente em pannos de linho preparados com outros materiaes, como tambem em taboas lizas enceradas, e em delgadas laminas de chumbo, com penas de cana, que para iſſo aparavaõ, e lhe chamavaõ eſtylos, donde veyo (ou foſſem de ferro, ou de cana) quando hum homem eſcreve bem com elegancia, o dizer-ſe, que tem bom eſtilo. Hoje eſtà pratico em todas as Naçoens o uzo commum do papel, fabricado de panno de linho pizado, e feito em polme dentro da agoa, no qual eſcrevemos de huma, e outra parte, o que antiguamente ſe naõ fazia, pois ſe naõ coſtumava eſcrever nas coſtas do que jà eſtava eſcrito; algũs Francezes ainda hoje o praticaõ; e o uzo dos pergaminhos em cartas de Officios, Foraes, Privilegios &c. He em o noſſo Reino praticado.

(8) *Alexander ab Alexandro d. c. 30. poſt princip.*

(9) *Ambroz. Callep. Verbo Liber.*

(10) *Ouvid. Metham. lib. 19.*

Neſta

Nesta boa prenda do saber bem escrever, teve eminencia antiguamente Estrabon, de quem fazem mençaõ Plinio (11) e Cicero (12) os quaes dizem que com grande perspicacia escrevera em letra taõ miuda a grande Iliada de Homèro, que coube no vaõ de huma nòs (valha a verdade.) Com esta posso eu verificar que entre todas as Naçoens do Mundo, sem que a exceda a Franceza, tem a Portugueza, na materia, primazia em ambos os Sexos, e diversidade de pessoas, em o que naõ devemos tirar a palma por mais generalidade aos nossos Vianezes. Em os nossos tempos se admiràraõ nesta Corte de Lisboa pennas notaveis, que naõ fallando por veneraçaõ em Reaes pessoas, serà injusto deixarmos de respeitar as Excellentissimas cazas de Abrantes, Valença, Calharîz, e Ericeira, em preclarissimas Senhoras, àlem de infinitas pessoas particulares.

(11) *Plin. l. 7 c. 21.*
(12) *Cicer. 4. Academ.*

Na minha Provincia da Arrabida floreceo com esta prenda, entre outras, o famozo Fr. Francisco de Negreiros, que na penna foy certamente admiravel, e se achaõ ainda hoje letras suas em livros, e em escritos que parece de estampa, ou de forma, sendo tambem no debuxo taõ eminente, que à penna bordou em setim branco hum vestido para o Senhor Rey D. Pedro II. que Santa Gloria haja, do qual aquelle Monarca muyto se prezou; naõ fallando por mais notorio em o celebrado Mestre de S. Vicente, Compositor famozo na materia, e em outros

tros muytos, que compondo huns nesta materia, e escrevendo outros, foraõ certamente muy notaveis, naõ só no escrever, mas no contar; sendo sabido dos homens discretos, e lidos nas historias, que he conta Arabica, e por esta naçaõ inventada o algarismo de que os Portuguezes uzamos, e em as mais das Naçoens hoje se pratica, devidida em quatro especies, àlem de outras sutilezas de conta inventadas.

CAPITULO XV.

Dos Celebres, e antiquissimos modos de contar, praticados em diversos Imperios, Reynos, e Naçoens de todo o Mundo.

NAM me pareceo era rezaõ (naõ obstante o succinto com que escrevo) deixar de noticiar aos curiozos a multiplicidade nos modos de contar, que em diversas partes do Mundo se observou por muitos seculos. Os Vulsinos, e depois delles os Romanos na sua primitiva creaçaõ, antes de terem noticia dos modos de contar, contavaõ pelo modo que as nossas velhas ignorantes pelas suas contas, contaõ; pois para numerar dias, ou annos, muitos aggregavaõ montes de pedras, e para significarem com mais certeza o numero dos annos, uzavaõ de pregos de metal que lhe serviaõ de letras como entre nòs o algarismo, e os pregavaõ nas portas de seus Templos, para significar o numero dos seus annos. (1)

(1) *Liv. Dec.* 1. *l.* 7. *in principio. Alexander ab Alex. Genial. l.* 1. *c.* 6. & *vide Atlas Mundi.*

Uzaraõ

Uſáraõ depois os Romanos de numeros reprezentados por figura de riſcas, determinando por evitar confuzoens que a tal conta chegaſſe ſó a quatro; que duas riſcas unidas pela parte inferior valeſſem ſinco, fazendo como fórma de hum V, donde veio que duas letras deſtas unidas por ambas as partes inferiores como hum -X- valleſſem dez, hum L- ſincoenta, hum C- cento, hum D- quinhẽtos, hum M- mil; logo variáraõ, querendo que eſta figura IↃ valleſſe tambem quinhentos, e eſta CIↃ mil. Outros uſáraõ de eſcrever por cifras, e diz Euzebio que Tyro, criado de Cicero, diſto fora inventor (2) a que ſe chamava eſcrever furtivo. Deſte modo uſou Julio Cezar, como refere Suetonio (3) e hoje entre muitos curioſos ſe uſa em eſcritos de ſegredo, eſcrever por letras de algariſmo, por pontos, ou por cifras.

(2) *Euzebio. Gelio.*

(2) *Suetonius.*

Os Gregos uſáraõ de modos mui diverſos no expreſſivo, aſſim do eſcrever, como do contar, porque com mui deſſemelhantes figuras nos Caratheres, e acrecentàraõ no ſeu Alfabéto mais tres letras. Naõ me reſolvo a expôr aqui, nem abreviaturas, nem nottas, porque entre nós ſaõ inuzitadas. Por Calendas, Nonas, e Idus ſe contavaõ tambem antiguamente; e o modo com que o faziaõ, moſtro nos ſeguintes verſos aos curiozos, expreſſados.

Prima dies Menſis cujuſque, eſt dicta Kalenda:
Sex Nonas Maius, October, Julius, & Mars;
Quatuor at reliqui: dabit Idus quilibet octo.

Os Hebreos contavaõ os annos por luſtros, e a cada luſtro era ſinco annos; tambem por Trietères, que cada hum era o computo de tres annos. Os Gregos contavaõ por Olympiadas, e cada hũa era o eſpaço de quatro annos: principiou-ſe eſte computo aos ſinco annos do Reinado de Ozias Rey de Judà (4) que ſegundo a calculaçaõ de Euzebio foraõ 4424. annos depois da creaçaõ do Mundo; 25. annos antes da fundaçaõ de Roma; e 774. annos antes do Naſcimento de Chriſto. (5) Os Gregos, e Romanos uſáraõ tambem de contar por Epactas, e eraõ os dias de exceſſo que fazia o anno cõmum Solar ao Lunar; de Cyclo decemnovenal, que era periodo de 19. annos; de Aureo numero; de Indiçoens, que cada huma he Cyclo de quinze annos communs, cujo uſo ſe atribue ao tempo de Conſtantino Magno, pelos annos de Chriſto 312. o que Baronio, e Eſcaligero ſupoem muito mais antigo. (6)

(4) *Tirinus in chronico.*

(5) *Euzeb. in Calcul. tempor.*

(6) *Baronio Scaligero.*

Neſte Capitulo me parece naõ ſer improprio fazer mençaõ da muita variedade com que antiguamente, e em parte ainda hoje ſe praticavaõ os annos, dias, e horas. O Anno Egypcio, ſegundo o Chronicon Alexandrino, era primariamente hum ſó dia, depois foy hum mez, a que chamavaõ huma idade da Lua, ultimamente o contàraõ com 360. dias, e no fim lhe acreſcentàraõ mais

mais ſinco dias, a q̃ chamvaõ Epagomenas. (7) O Anno Turqueſco ſe contava, e conta pelas Luas, ſeis cheyas, e ſeis mingoantes, e fica ſendo de 354. dias. O Anno Arabigo tem o meſmo numero, e fórma, mas conta-ſe do dia da fugida de Mafoma da Caza de Mecca, que dizem foy quinta feira 25. de Julho do noſſo Anno de Chriſto de 622. e na ſeſta feira principia o ſeu anno, tendo o tal dia por Domingo ſeu.

(7) *Alexandrin. in Chronicon.*

O Anno dos Arcadios tem tres mezes. O Anno dos Gregos principia no Solſtiticio eſtivo. O Anno Iphito era da meſma ſorte calculado por hum homem grande chamado Iphito no anno de 777. antes de Chriſto. (8)Os Annos Agonaes,iſto he,das lutas eraõ de quatro annos noſſos, e os inſtituhio Domiciano Auguſto no anno quinto do ſeu Imperio. O Anno vago foy introduzido por Nabonaſſar introduzido Rey de Babilonia, principiava a 26. de Fevereiro, dia da ſua felicidade, e tinha 365. dias ſem contar mais horas.

(8) *Livius l. 27. Pindarus Ode 3. Stropha. 2. Baron. Anno Chriſti 88. Ex Ceſorin. de Die natali c.14.*

O Anno Sabbatico dos Iſraelitas era o anno ſetimo. (9) O Anno Romano Priſco praticou-ſe no tempo de Romulo, e tinha 354. dias com dez mezes. Numa lhe acreſcentou mais dous mezes, Janeiro, e Fevereiro. O Anno politico Juliano foy o que introduzio o famozo, e primeiro Emperador Julio Cezar para emendar os mais, dandolhe 365. dias, e 6. horas, porèm ſem mais differença: cauſa porque ainda depois foy

(9) *Levitic. 25.4.*

corregido; e parece ſer o que uſamos. O Anno biſſexto tem mais hum dia q̃ o ſolar ordinario, pela correcçaõ Gregoriana. O Anno de Saturno dizem que tinha 40. dos noſſos annos. O Anno Climaterico he o que enſerrava ao juſto tantas vezes ſete. O Anno Platonico, a que outros chamaõ anno magno, queriaõ alguns que tiveſſe 12954. annos dos noſſos, outros que tinha 15000. e outros que 16000. ſendo deficil o ſeu movimento, e mediçaõ de ſe averiguar (10) e o anno Enneatico, he aquelle que comprehende tantas vezes o numero de nove.

(10) *Vide Ciceronem in Hortens. Macrob. l. 2. cap. 11.*

Os Mathematicos, e Aſtrologos admitiraõ Anno Solar Sydereo, que he o que gaſta o Sol, deſde o digreſſo que faz o Sol de huma Eſtrella fixa, atè o regreſſo para a meſma, que ſaõ 365. dias, 6. horas, 9. minutos, 39. ſegundos, conforme a calculaçaõ de Dechales: mas conforme a Ricciolo, os meſmos dias, e horas, porèm ſó 8. minutos, 57. ſegundos, e 25. terceiros. (11) Anno Solar Tropico, o qual tem 365. dias, e 6. horas menos 5. minutos, ou menos 11. eſte foy emendado no Kalendario Gregoriano, anno de 1582. mandando o Papa Gregorio XIII. que a 5. de Outubro do dito anno ſe contaſſem 15. do mez. O P. Ricciolo dà ao tal anno ſolar 365. dias, 5. horas, 48. minutos, e 40. ſegundos; a qual divizaõ do anno em 355. dias attribuem os Rabinos doutos a Henoc, ſexto neto de Adam. (12) O modo de dar principio à conta dos dias deſte

(11) *Vide P. Andrea Taquet lib. 5. Aſtronomiæ. c. 1. n. 15.*

(12) *Athan. Kirker. Turris Babel l. 2. c. 4.*

deste tal anno entre os Hebreos, era do Equinocio verno; entre os Gregos, do Solsticio; entre os Epypcios, do Outono; e entre os Romanos, do Inverno. O Anno Lunar Astronomico commum tem 12. Luas que saõ 364. dias, 8. horas, 48. minutos, e 36. segundos. O Civil naõ tem mais que os dittos 354. dias.

Mez Astronomico he o movimento que faz o Sol, ou melhor digo, he o movimento synodico que faz a Lua, quando se aparta do Sol, e torna a recorrer com elle; em cujo Cyclo gasta 29. dias, 12. horas, 44. minutos, e dous segundos. O Mez Civil, saõ os mezes que seguimos, e observamos, e corresponde ao Hebraico, suposto que naõ em a igualdade, porque os nossos mezes naõ saõ todos iguaes nos dias, e horas, como pela experiencia, de todos he sabido.

Havia antiguamente semana de annos, e era em cada setimo anno que descansava a terra, e os frutos que por si nasciaõ, eraõ para todos os viventes, communs; desta se fala no Levitico. (13) Havia semana de mezes, quando no mez setimo jà recolhidos os frutos se celebrava o dia da propiciaçaõ, e disto fala tambem o Levitico. (14) Havia semana da semana de Annos, e era os 49. annos antecedentes ao Jubileo, em que se tocavaõ as trombetas, e tornava a possessaõ de todas as cousas a seus antigos donos, e naquelle anno naõ se cultivavaõ as terras. Houve semanas de Daniel, e tinha cada huma sete annos.

(13) Levitic. 25.

(14) Levitic. 23.

nos. Houve ſemana de ſemanas, e era os 49. dias antecedentes à feſta do Pentecoſtes, e no dia 50. ſubio Moyſès ao monte, e recebeo de Deos a Ley eſcrita. Ultimamente houve, e hà ſemana commua, e he a que obſervamos, conſta de ſete dias civîs, ou vulgares, e foy inſtituhida pelo meſmo Deos, que creou o mundo nos primeiros ſeis, e deſcançou no ſetimo. (15) Os Judeos contaõ eſta ſemana de Sabado a Sabado; os Turcos de ſexta a ſexta feira, e os Chriſtãos de Domingo a Domingo.

Quanto aos dias, havia dias de Deos (de quem o ſaõ todos) e os hà, e ha de haver, porque no ſentir de Bolducio, Vatablo, e S. Odo Abbade Cluniacenſe ſignificaõ a Vida do meſmo Deos, ou a Eternidade. (16) Dias do Ceo, que na opiniaõ do grande Agoſtinho ſaõ a Eternidade dos Bemaventurados. (17) Dias do Lenho, que conforme S. Jeronimo, Procopio, Lira, e Ozorio, tambem ſaõ a Eternidade dos Bemaventurados (18) e conforme Damaſceno ſaõ a duraçaõ da Ley da Graça, e Igreja Catholica, deſde que o Lenho da Cruz no Calvario ſe levantou. (19) Dia humano, que he a duraçaõ da vida dos mortaes. (20) Dia A[illegible]n- phidronico, que era o quinto dia do n[illegible]d- mento da criança, no qual os Gentios [illegible]teq 8: em o lar da chaminè ajuſtavaõ, e pu[illegible]tro do nome à criança que naſcia, rito qu[illegible]cou nos hoje dizem ſe eſtila nos ruſticos d[illegible]no n 2) (21) Dia natural he o ſemicirculo [illegible]mar dias deſte

(15) Geneſ. 1.

(16) S. Odo l. 16. in Job. Vatabl. Bolducius.

(17) Aug. ibi, & l. 3. de Verbis Domini.

(18) Ex Iſaia 65. 22 D. Hyer. Procop. Lira. Ozor.

(19) D. Joan. Damaſc.

(20) 1. Corinth. 4. 3. Hyerem. 17. 16.

(21) Ex Dominic. Macro. in Hierolexic.

creve o Sol desde o Nascente ao Poente. Dia Artificial, e he em quanto o Sol apparece sobre os Orizontes, e hà luz no dia. Dia Egypciaco, que era o primeiro de Janeiro, em que a Gentilidade fazia muitos ritos, e se pediaõ Janeiras. Ultimamente (por naõ ser extenso) Dias Curiaes, postriduaes, decretorios, comiciaes, feriaes, fastos, profestos, nefastos, e criticos. Finalmente: Dia civil, ou vulgar, que com os Romanos antigos, todos os sogeitos à Igreja observamos, contando de meya noite a meya noite. Os Hebreos, Babilonios, Persas, e Baleares o contavaõ (como escreve Clavio) (22) da nascença do Sol a outra nascença; os Egypcios de Occaso a Occaso, e os Umbros, como tambem os Athenienses, de meyo dia a meyo dia.

(22) *Clavius in 2. 6. de Spara.*

Quanto à intelligencia das horas, he de saber, que este vocabulo, Hora no sentir de alguns doutos Escritores, he derivado do nome Hortus, que na lingua Egypciaca quer dizer Sol, porque este no seu curso faz as horas; e pela repartiçaõ que fez Hermes Trimegistro, era a duodecima parte do dia inteiro, e valia por duas horas das nossas; (23) tanto dizem valer ainda hoje as horas na Conchinchina. (24) Horas do anno saõ suas quatro Estaçoens: Inverno, Primavera, Estio, e Outono: Eustachio o dà a entender na Iliade de Homero. (25) Horas dos Hebreos: cada huma continha tres das nossas, e compunha-se de quatro cada hum dia.

(23) *Hermes Trimeg.*

(24) *Noticias sumar. da Conchinchina.*

(25) *Eustach. in Iliad. Homeri.*

Horas

Horas do dia, e horas da noite: reputavaõ-ſe 12. de luz, e 12. de trèvas, o que Dechales reprovou pela neceſſaria incerteza que admitiaõ. (26) Hora Civil he a que nòs admittimos conpondo-ſe com 24. deſtas, pelo que Joaõ Noviomago chamou à hora, meya onça do dia. (27)

(26) Dechales Mũdi Mathematici. Tr. 31. propoſitione 1.

(27) Joan. Noviomago.

Eſta hora ainda ſe divide em quadrantes, e cada quadrante he o meſmo que hum quarto de hora. Subdivide-ſe em eſcrupulos, que na opiniaõ de Ptolomeo eraõ dous minutos de hora. (28) Dos Eſcrupulos Judaicos cabiaõ mil e oitenta em cada hora. Tambem em minutos, dos quaes contèm 60. huma hora: os Mathematicos outra vez ſubdividem hum minuto em 60. ſegundos, e o ſegundo em 60. terceiros: Em Momentos tambem; e antiguamente ſe compunha de 40. huma hora; e Beda diz que os Mathematicos dividem cada hum em 60. oſtenſos. (29) Tambem finalmente: em pontos, inſtantes, e àtomos, tudo quazi vale o meſmo; ſempre admitida diminuiçaõ diſcreta nas abreviadas partes daquelle limitado todo.

(28) Ptolomæus.

(19) Beda l. de Temporum ratione.

CA-

CAPITULO XVI.

De como he convenientissimo para o trato da Civilidade, a aplicaçaõ da Orthografia; mostra-se o como se deve usar na loquella, e na escrita; aponta-se os que houve mais eminentes, e primeiros Inventores; expoem-se diversidade de linguas, e seu principio.

NAM basta certamente a quem curioso aprende o saber no papel estampar as letras, conhecerlhe na leitura as figuras, e comprehender das sommas o algarismo; mas tambem se lhe faz preciso para a perfeiçaõ da obra, e claresa do discurso, e expediçaõ da lingua o saber Orthografía: pois com suas regras, e dictames, quem aprende cabalmente, se aprefeiçoa, sem a nota de dezares na Civilidade politica.

Antiguamente se naõ cuidava em tal materia nessas idades primeiras: porque sendo a lingua Hebrèa a primeira que se ouvio no Mundo, articulada por Adam nosso Pay primeiro (1) confundida esta por Deos nas setenta e huma familias descendentes dos tres filhos de Noè por supplicio da sua culpa (2) só em Heber quarto Neto de Noè, esta ficou observada, e nos descendentes estabelecida; donde veyo o chamarem-se Hebreos de Hèber (3) e logo entaõ veyo a ficar o Mundo com setenta e dous idiomas, ou setenta e duas linguas diversas (4) isto he a Hebrèa que jà dissemos, e as setenta e huma das jà mencionadas familias differen-

(1) *Aponensis, & alii, quos refert Gaspar dos Reis Franco in Camp. Elys. jucundar. quæst. 6. 55. n. 14. & 15.*

(2) *Genes. 2. 7. Genes. 2. 10.*

(3) *D. August. de Civit. Dei l. 16. cap. 11. & l. 18. cap. 39.*

(4) *Genebrard. in chronolog.*

tes todas, e todas por regioens diverſas muy commummente tratadas. (5) Ainda a lingua Hebrèa, que diſſemos, ſuposto que entre todas mais antigua querem muitos, ſe dividiſſe com Chaldaica, Syriaca, Egypcia, e Phrigia.

(5) *Gen. d. c. 10. 5. & c. 11. 8.*

Se o uſo da lingua materna em qualquer naçaõ he abſolutamente natural, ſem ſer enſinada, nem por principios de Orthografía, para ſua perfeyçaõ completa, aprendida, he entre muitos Philoſofos antiguos celebre queſtaõ; ſendo os mais quem tem a parte negativa. Antes de hum anno naõ fallaõ os Meninos, porque atè alí naõ eſtaõ diſpoſtos para ouvir diſtinctamente (6) e ſe alguns antes de tempo fallàraõ (7) foy milagre, ou foy portento. (8) Pſameticho Rey do Egypto o quiz obſervar curioſo, entregando dous meninos a hum Paſtor, para no mato os criar de ſorte, que naõ ouviſſem fallar peſſoa alguma, para ver o que fallavaõ: e recondufidos depois de paſſados tempos, e contados annos, ſó diſſeraõ, Bec, ſendo voz que tinhaõ ouvido ao gado naquella montanha. (9) E em 30. meninos fez tambem eſta meſma experiencia o Gram Mogor, e nada fallàraõ (10) do que Fontacha veyo a entender, que ainda que o fallar ſeja natural do homem, ha de ſer aprendendo o que ha de articular (11) e Ariſtoteles veyo a inferir que hum homem por naſcimento ſurdo, ha de tambem ſer neceſſariamente mudo; porque naõ ouvindo, naõ póde ter a percepçaõ do

(6) *com Ariſtotel. Mexia na Silva l. 1. c. 36 ante med.*

(7) *Plin. l. 11. c. 15. Late Franco in cãp. Eiyſ. q. 55. Appendix Marian. Scoti. an. 1117. Sophron Prat. Spirit. Camoens luziad. cant. 4. eſt. 3. Maiol. colloq. 4. ad fin.*

(8) *D. Auguſt. de civit. Dei l. 3. c. 31.*

(9) *D. Auguſt. de quant. animar. c. 18. tom. 1.*

(10) *Franco ſuper n. 24. ex Sennerto & Drexel.*

(11) *Fontacha Late luminari 2. cap. de auribus.*

do enſino (12) nem por conſequencia ſe po-de inſtruhir nas regras da Orthografía, que no ler, e eſcrever devia obſervar para o trato commum da civilidade politica.

(12) *Ariſtotel Hiſtor. de animal.*

A Orthografía nenhuma outra couſa he, ſe naõ huma arte de eſcrever com certeſa, as vozes ſem erro articuladas, pondo as letras devídas à direita pronunciaçaõ, ſendo eſta huma voz de huma, ou muitas ſylabas, a qual ſe chama voz articulada, porque ſendo ouvida, ſe eſcreve na fórma que ſe entende; e aſſim ſe diſtingue da voz confuſa, a qual naõ repreſenta mais que hum ſimples ſom. Compoſtas pois, e unidas as letras, ficaõ ſylabas, e juntas eſtas, ficaõ diçoens, a que os Filoſofos chamaõ *termos*, e ultimamente ſe compoem clauſula, ou periodo, que conſta de varias oraçoens aſſinaladas com virgulas, pontos, ſinaes admirantes, e interrogantes, parenthezis, notas, e acentos, de tal modo que naõ he menos perfeiçaõ da Orthografía a congrua pontuaçaõ, do que o fallar, ler, e eſcrever com certeſa, que naõ poſſa ſer dos politicos criticada.

As letras, diſſeraõ os Antigos, que tiveraõ denominaçaõ de Legiteræ, que para com os Latinos quer dizer, alivio de caminho para ſaber ler; outros querem que ſe deduza de Linio, que ſegundo os Gramaticos ſignifica manchar, ou de Litura que ſignifica borraõ, reſpectivamente aos ſinaes pretos com que ſe eſcreve; ſendo certo que conforme as linguas, ou ſaõ mais, ou menos as letras, con-

forme ſuas pronuncias, ou modos de explicar; para o que os Hebreos ſe valèraõ de vinte e duas, imitando-os os Caldeos, e Sirios, ſupoſto que com diverſas figuras; e nòs com os Latinos uſamos de vinte e tres em o noſſo Alfabeto.

He pois certamente a Orthografía a baze fundamental de todas as ſciencias, pois ſem aquella nenhuma deſtas ſe pòde perfeitamente adquirir. Quintiliano o affirmou (13) cauſa porque ſendo o Filoſofo taõ ſciente, cuidou muito de enſinar eſta arte ao grande Alexandre, e os Romanos a julgavaõ por huma das mais importantes às Reſpublicas, e neſta materia foraõ eminentes.

(13) *Quintil. lib. 1. Inſt. orat.*

Julio Cezar, famozo Emperador, naõ prezado menos da penna, que da eſpada, eſcreveo ſabiamente muitos livros da Etymologia das palavras. O Emperador Auguſto Cezar ſeu ſobrinho foy à ſua imitaçaõ neſta arte peritiſſimo, e della fez taõ grande apreço, que privou de Officio a hum legado Conſular ſó por diviſar hum erro de Orthografía em huma carta que lhe eſcreveo. O Emperador Tiberio Cezar eſcreveo ſobre a Orthografía, à qual para mayor perfeiçaõ accreſcentou algumas letras, moſtrando quanto a eſtimava. O Emperador Carlo Magno, Varaõ doutiſſimo, e muy perito nas linguas, Hebrea, Grega, e Latina, ſe occupou em eſcrever, e reduzir à arte periodos de outras linguas. Marco Varraõ, homem doutiſſimo compoz livros da Analogia neceſſa-

ria

ria para o bem eſcrever; e o famoſo Orador Marco Meſſála Corvino por muitos principios illuſtre, eſcreveo hum particular Tratado ſobre cada húa das letras do Alfabeto.

CAPITULO XVII.

Moſtra por obſervaçoens clariſſimas, que entre as mais linguas eſtrangeiras, a lingua Portugueza de que neſte Reyno uſaõ os Politicos, he no expreſſivo a mais excellente, na pronuncia a mais admiravel, e na copia a mais peregrina.

MUITO antigo he em os Eſcritores ſublimar com applauſos relevantes as excellencias, e perfeiçoens, cada hum da lingua materna com que foy educado naquelle Reyno, ou Cidade em que foy naſcido, materia em que ſubtís engenhos eſcrevèaõ jà muitos volumes, e aſſim ſem que ſeja intento meu fazer aqui odioza eſta acçaõ, pois que ſou Portugues por naſcimento, e nelle a famoſa Corte de Lisboa, minha Patria, naõ me parece dou aos Criticos motivo de cenſura, quando ſó laconicamente neſte abreviado capitulo intento moſtrar as perfeiçoens, excellencias, e relevantes applauſos da Luſitanica Lingua, e Portuguez Idioma.

Tanto que Deos caſtigou o Mundo com o diluvio univerſal em o tempo de Noè; e o Gigante Nembrot, neto de Cam, intentando atrevidamente reſiſtir à Divina Omnipotencia, e no meſmo tempo celebrar ſeu nome em o Mundo, quiz dar fim à conſtruc-

çaõ

çaõ, e fabrica da ſoberba torre de Babel, em que aſſima fallamos (1) ſe achou logo entre todos os Opifices das 21. familias, tal confuzaõ de linguas, que nenhum ſe entendia, ſimboliſando Babel eſſa meſma confuſaõ (2) e aſſim diſperſos por varias partes do Mundo, e participando a ſua deſcendencia tanta variedade de linguas, aportou em Heſpanha Tubal filho de Japhet, e Neto de Noè, adonde foy Setubal a primeira povoaçaõ que fundou, materia que em outro capitulo, no ſeu lugar trataremos.

(1) Geneſ. ubi ſupr.

(2) Septuag. Interpr.

Com o decurſo do tempo ſe povoou Portugal, e toda Heſpanha deſta gente na deſcendencia propagada, fallando a lingua Heſpanhola, como querem muitos Autores, mas na formalidade que tiveſſe eſta, com diſſonancia aſſentem, entendendo que na occurrencia dos tempos participarà vocabulos de outras naçoens que vieraõ, como foraõ os Gregos, Romanos, Latinos, e Godos. Dos Gregos que em companhia de Hercules; na Heſpanha ſe eſtabeleceraõ, quando Hercules a veyo governar; dos companheiros de Ulyſſes que fundou, e povoou Lisboa, razaõ porque no Latino Idioma he Ulyſſipo; ou de Luzo companheiro principal de Bacco que a fundara, cauſa porque ſe appellida Luſitania, ſe he que Lizias o naõ fez (3) participàmos os vocabulos, que com corruptèlla entre nòs ſe uſavaõ, atè que dos ultimos Romanos que neſte Paìz eſtiveraõ, tomamos parte de alguns vocabulos

(3) Variant AA.

cabulos Latinos, com que defecada alguma materialidade de mal pulidos idiomas, ficou a lingua Portugueza mais excellente, e hoje purificada de todo por peritiſſimos Orthogràfos, dimittidas pelos politicos algumas pronuncias antiguas: a que entre os diſcretos com civilidade ſe pratìca, parece ſer entre as das mais naçoens do Mundo com juſtiſſima cauſa, eſtimada.

Antiguamente ſe fallava entre as Naçoens do Mundo com mais generalidade, que todas, a lingua Grega: ſendo com excellencia grande mais que todas eſtimada pela copia das palavras, abundancia de frazes, e graça no dizer; que com ſuperioridade à Latina lhe reconheceo Quintiliano (4) por mais que Cicero o refutàſſe conſiderando na Latina a arrogancia, e a brevidade com que ſe explica.(5) Mas he de advertir, que cõſervando-ſe atè o cattiveiro de Babylonia anteriormente a lingua Hebrèa, e logo miſturando-ſe com a Chaldea, deſtas ſe aperfeiçoou depois a Grega; e vindo finalmente os Romanos a Portugal, nos participàraõ a lingua Latina em muita parte, e pela congruencia, e connexaõ que tinha com a noſſa, ficou eſta com aquella aperfeiçoada, e limada, contendo em ſi as cinco excellencias requeſitas na mais prefeita lingua; quais ſaõ, eſcrever o que falla, ſer boa na pronuncia, ſer copioſa de palavras, ſer apta para qualquer eſtylo de compor, e o ſer em alguns vocabulos taõ breve, que chega a exceder à lingua

(4) *Quintil. l.* 12 *cap.* 10.

(5) *Cicero l.* 1. *de finibus. Macrob. in Saturn. l.* 2. *cap.* 2.

lingna Latina. Haja viſta à linguage de todas as mais Naçoens do Mundo, e digaõ-me qual he, a que cabalmente tem todas eſtas cinco excellencias? E quando outra naõ tivera a lingua Portugueza, baſtavalhe por timbre a aptidaõ, que logra para fallar todas as mais linguas, naõ tendo eſtas para expreſſar vocabulos Portuguezes, tal aptidaõ. (6)

(6) *Experient. magiſtra.*

Reconhecem todas as linguas eſtrangeiras que a lingua Latina he entre todas a mais exellente; o que ſe comprova pela univerſalidade, com que entre todas as Naçoens he eſtimada, e tratada: logo ſe a lingua Portugueza politica, he a que com a Latina tem mais propriedade, e ſemelhança, ſendo tambem a que por todas as quatro partes do Mundo com o mayor credito ſe extendeo; ſegue-ſe que entre as linguas eſtrangeiras, pela imitaçaõ da Latina he naõ menos excellente que eſta a Portugueza.

A menor deſta Propoſiçaõ praticamente aprovo: leyaõ os Latinos, e leyaõ os Portuguezes a ſeguinte proza de Manoel Severim de Faria noſſo Eſcritor, que me parece ſe naõ haõ de nella equivocar, pois em ambas as linguas ſe pòde ler.

O quam glorioſas memorias publico, conſiderando, quanto vales nobiliſſima Lingua Luſitana, cum tua facundia exceſſivamente nos provocas, excitas, inflammas: quàm altas victorias procúras, quàm celebres triumphos ſperas, quàm excellentes fabricas fundas, quàm perverſas furias caſtigas,

tigas, quam ferozes insolencias rigosamente domas, manifestando de proza, de metro, tantas elegancias Latinas. (7)

Veja-se, e lea-se este Soneto de Jozè Barrozo de Almeyda, em ambas as linguas juntamente. (8)

Cantando-te per modos eminentes,
(Quando glorias adornas Mantuanas)
Tanto excusando stàs musas humanas,
Quantò a Divino stylo differentes.
De Phebo spera tu palmas florentes,
De cujo solo, ò bella Aurora manas,
Ante confuzas nubes Virgilianas
Manifestando luzes refulgentes.
Eternamente docta, Phenix rara,
Viva feliz, per modos peregrinos
Mantuanas reliquias renovando;
A cuja gloria es Lusitania clara
Mantua, dando stylos tam divinos,
Patenope memorias conservando.

Que fosse a lingua Portugueza respeitada em todas as quatro partes do Mundo naõ só Europa, mas Azia, Africa, e America o testificaõ os infinitos Imperios, Reynos, e Naçoens que pagàraõ a Portugal tributo, e em seu lugar o prometo mostrar aos curiosos expressado; naõ sendo tambem pequena gloria para a Igreja Romana a espiritual conquista que ao mesmo tempo fez a Igreja Lusitana. (9)

Que aos Portuguezes seja sua lingua taõ propria como a Latina, e esta taõ natural

O como

(7) *Emmanuel Severim de Faria in tom.*

(8) *Jozè Barroz. de Alm. em louvor do Commentador, commentou em Portug. as Georgicas de Virgilio.*

(9) *Leyaõ nos Chron. Lusitanos que diffusamente o escrevèraõ.*

como a propria ſe tem viſto repetidas vezes em caſos de facto acontecidos, que corroboraõ o meu dizer, pois ſe faz memoria de crianſas que humas de poucos mezes, e outras de poucos annos, fallàraõ, e entẽdiaõ Latim naturalmente ſem lho enſinarem. Leaõ-ſe os Autores, que à marge aponto. (10)

Ultimamente: ſe o louvor dos eſtranhos faz prova mais efficàz, ſejaõ os noſſos poucos affeiçoados, e famozos Caſtelhanos o celebrado Poeta Lopo da Vega Carpio (11) e o famoſo Miguel de Cervantes (12) q̃ admitindo aquelle na lingua Portugueza ſuperioridade ainda à Latina, e Toſcana, eſte a poem com a Heſpanhola em competencias.

(10) *Manoel de Faria e Souza no Epitome das hiſtor. Portuguez. Franciſco de Monſaõ no Eſpelho de Princip. Chriſtaõ. Dom Manoel de Guſmaõ no Epitome do Emper Carlos V nota os Heſpanhoes.*

(11) *Lopo da Vega Carpio na ſua deſcriçaõ da Tapada de Villa Viçoza.*

(12) *Mig. de Cervant. nas Excelenc. de Valença.*

CAPITULO XVIII.

Como os Pays deſde a puericia devem coſtumar, e criar ſeus filhos com a moderaçaõ devida, e ſem exceſſos no comer, beber, e dormir. Apontaõ-ſe com ſucceſſos muy notaveis, as pernicioſas conſequencias que do contrario ſe ſeguem.

A Conſervaçaõ da vida humana he nos racionaes individuos de Direito natural, e Divino, e ſendo os filhos pedaços da Alma de ſeus pays, muitas vezes acontece que os pays (ſem querer) concorrem para a perdiçaõ da Alma, e vida de ſeus filhos, pois repreſentandoſelhe util o que he deſneceſſario, e verificando-ſe o Axioma Filoſofico que (1) ninguem appetece o mal como mal, ſe naõ debaxo da razaõ de bom, em muitas occaſioens eſſe bem que entre mimos, e delicias

(1) *Ita Philoſoph. cum Ariſtol.*

para

para a ſua nutriçaõ,e creſcimento lhe concideraõ bom , ſe converte com deterioridade ſua em grande mal.

Bem conheço que ſem comer, beber, e dormir ninguem pòde naturalmente viver, mas he certo que ſe neſtas acçoens humanas faltar a ſobriedade, fica ſendo à creatura muy nocivo; e ſe os pays elevados no amor dos filhos ſem parcimonia os criaõ, ficaõ para ſempre mal coſtumados, e vicioſos, diviſando-ſe irremediaveis os erros que da ſua mà creaçaõ lhe provieraõ, ſe depois com o conhecimento intellectual naõ os emmendàraõ.

Naõ ignoro que ſem iſto, ſó por força de genio, e inclinaçaõ do vicio muitas creaturas no Mundo ſe dezordenàraõ, mas he certo que indagada ſua creaçaõ primeira,em os mais, deſta haõ de proceder os vicioſos erros com que ſe achaõ preocupados, tendo no comer, beber, e dormir mil demaſias, ou affectadas com luxo, e delicia nos que ſaõ por naſcimento Senhores, do que muitos o prezumem ſem o ſer, pelo dinheiro que tem, ou procuradas por vicio, e loucura nos que ſaõ com effeito humildes, e pobres.

Em os Hiſtoriadores antigos, e modernos, em as letras Divinas, e profanas encontro com a curioſidade da leitura,caſos notabiliſſimos de mil exceſſos na materia,por diverſos, e extravagantes modos, de que refirirei alguns para confuzaõ dos vicioſos, e recreaçaõ dos que o naõ forem.

He bem ſabido que Ezaù pela gula vendeo o ſeu morgado reputando-o por bem pouco. (2) He bem notorio que o avarento rico, deſejava ſer todo bocas para melhor ſe fartar. (3) He bem conſtante a ſuperflua, e louca demaſia de Aſſuero, Heliogabalo, e Nabuchonozor todos perdularios, e perdidos pelo exceſſo dos ſeus banquetes. O Imperador Caligula gaſtou unicamente em banquetes a opulencia de riquiſſimos thezouros. (4) O Imperador Vitelio que em hum ſó banquete de iguarias exquiſitas pelo ſeu apetite gaſtou dez mil cruzados. (5) Cleopatra Rainha do Egypto em ſó outro que deu a Marco Antonio, gaſtou quazi quinhentos mil cruzados. (6) Clodio Ezopo deu hum prato avaliado em 600. ſeſtercios, que cada hum ao menos tinha dez mil reis. (7) Metridates Rey de Ponto foy taõ diſſoluto no comer, e beber, que prometia premios a quem o excedeſſe, ou igualaſſe, e naõ ſe achou no Mũdo quem lhe levaſſe ventajem. (8) Galba Imperador fez em ſua vida mais guerra às cozinhas, q̃ às Naçoens eſtrangeiras (9) Xerxes Rey de Perſia indo a Grecia com hũ Exercito poderoſo ſó com premios aos cozinheiros, moſtrou liberalidades, e acçoens de Principe (10) e finalmẽte Gathia Rainha de Siria foy taõ deſatinada em a gula, que perdendo a gala, mandou botar bando na ſua Corte, que com penna de morte natural ninguem fizeſſe banquete a amigos, ou parentes ſem primeiro a ella convidarem. (11)

(2) *Geneſ.*
(3) *S. Math.*
(4) *Textor T. de Guloſ. Dion.*
(5) *Nicetus in vitel.*
(6) *Plin. l. 9. c. 35.*
(7) *Cardozo, de Moneta.*
(8) *Appiano.*
(9) *Flavio Vop.*
(10) *Virgil.*
(11) *Laertio.*

Luculo

Luculo por fantaſtica deu a Pompeo, e Cicero huma cea avaliada em mil duzentos e ſincoenta eſcudos de ouro. (12) Azinio cujas obras condiziaõ com o nome, appeteceo comer hum Barbo (pexe bem rediculo) porque o naõ havia, e pagou por elle a quem o deſcobrio, duzentos eſcudos de ouro.(13) Demetrio Principe, gaſtava todos os annos as ſuas rendas em vinho , e varios comeres com a gente mais baxa , e vil da ſua Corte. (14) Quartorupo de Moravia ſintio mais huma ruina que experimentou a ſua adega, do que ſe perdeſſe os ſeus dominios. (15) Celio riquiſſimo tudo vendeo , e gaſtou em vinho, e ſuperfluos comeres. (16) Filoſſeno quiz excogitar modo com effeito com que tiveſſe peſcoço de Grou, para mais tempo eſtar goſtando o que comia (17) acçaõ em que com diligencia muitos no Mundo o imitàraõ.

(12) *Plutarco.*
(13) *Plutarco.*
(14) *Zeuclo.*
(15) *Silvio hiſt.*
(16) *Virgil.*
(17) *Clearco.*

Se de mais peſſoas neſta materia viciosas quiſermos fazer mençaõ, acharemos hum Domicio Afro, que naõ tinha coraçaõ para ſe levantar da menza, ficando nella couſa de comer, que era muito (18) hum Clodio Albino, que comeo em huma manhãa quinhentos figos, cem peſſegos, dez melloens, vinte arrates de uvas, quarenta oſtras, e cem tordos. (19) Milon de Crotona comeo de huma vez junto vinte e dous grandes pezos de carne, outros tantos paens, e tres quartas, ou vaſilhas de vinho. (20) Theogenes de huma vez comeo hum javalì, hum carneiro,

(18) *Ericlides.*
(19) *apud Aſtolf.*
(20) *Theodoro.*

hum

hum grande leitaõ, cem paens, e bebeo hum odre de vinho. (21) Infinitos foraõ outros em o numero; deixemolos, pois he vergonhosa a materia, e faz contra o meu intento muy prolixa a historia, ainda que por ser cousa de comer, a alguns seja de gosto. Pouco menos he a quantidade de pessoas em que os historiadores fallaõ, que no dormir sem horas, nem limitado tempo, foraõ mui viciosas e excessivas; * tambem naõ as despertemos do seu sono, e só vejamos os ultimos effeitos que destes vicios, talves que muitas vezes occasionados da mà criaçaõ que muitas pessoas por mimo, e culpa de seus pays tiveraõ, lhe rezultàraõ.

(21) *apud Macedo.*

* *De hoc lege Paulo Maria Massini, e muitos outros Authores que nisto fallaõ.*

Valentiniano Imperador perdeo a vida arrebentandolhe interiormente huma vea pelo excesso com que huma vez comera, e bebera. (22) A Septimio Severo Imperador resultou da mesma causa ter dores taõ activas que lhe tiràraõ a vida. (23) Childerico de Saxonia pelo excesso de huma cea, amanheceo morto. (24) Nisseo tiranno de Siracussa por semelhante principio cahio morto de repente. (25) Tarquinio Prisco querendo naõ perder huma grossa espinha de peixe que gostava, morreo afogado com ella. (26) Archezilao tanto bebeo, que se achou morto (27) e finalmente sendo na materia os sucessos infinitos, sobejavaõ para exemplo os que continuamente estamos vendo, diante dos nossos olhos no mesmo Christianismo; pois em huns por mà criaçaõ (como dissemos)

(22) *apud Astolf.*

(23) *Sesto Aurelio.*

(24) *Gregor. Turonense.*

(25) *Tomás Fac.*

(26) *Fulgozo.*

(27) *Ermippo.*

dissemos) outros por luxo, e vangloria, outros por moda, e capricho, e muitos só por vicio, com estes excessos taõ peccaminosos perdem a vida por colicas, estupores, poplexias, parlezias, e outras enfermidades semelhantes, que no sentir de Aristoteles, Hipocrates, Galeno, e Avicena provèm daquelles principios; e o mais he a lastimosa perdiçaõ das suas Almas.

CAPITULO XIX.

De como os Pays devem costumar seus filhos desde sua adolescencia em o honesto modo de trajar, e vestir, confórme a qualidade das pessoas. Expoem-se o costume que em diversas Naçoens do Mundo se praticou. Quem foraõ seus primeiros Inventores. Abomina-se o luxo, e declaraõ-se as perniciosas consequẽcias, que do contrario se seguem.

POR mais que Christo em sua doutrina Santa aos homens encomende naõ sejaõ solicitos dos vestidos com que haõ de compor seu corpo (1) naõ he possivel fiarem da altissima providencia de Deos, que os attenda; porque com o mayor disvelo os vejo tratar tanto do seu adorno, e ornato; e sem conciderar que nossos primeiros pays quando jà no estado da culpa se achàraõ nûs, logo com gala de verdura se vestiraõ (2) os seus filhos com multiplicadas culpas ficaõ, quando com tanta verdura, e profanidade de vestidos se adornaõ, sendo estes indicativo certo de que alli ha vicios; pois como S. Bernardo affirma: naõ se daria ao corpo taõ precioso culto

(1) S. Math.

(2) Genes. 3.7.

culto das galas, se ao animo se désse cultura das virtudes. (3)

(3) *S. Bernardus in Apolog.*

A materia de que a nossos primeiros pays cortou Deos a gala primeira, foy de lã, ou de pelles de animaes com que os vestio (4) e desta sorte em os successivos sete seculos continuàraõ vestidos de pelles em o Mundo, suposto Lucrecio o duvidou, ou o naõ entendeo assim (5) e só passado este tempo, Noema sexta neta de Adam, por seu filho Caim, inventou o lanificio (6) e tambem da mesma materia vestidos. (7) Logo muitas mulheres neste exercicio a imitàraõ; e foy este o ministerio em cuja occupaçaõ louva o Espirito Santo huma mulher perfeita. (8) Neste tempo em que o luxo (talvez que por falta de meyos) ainda naõ se conhecia, naõ haveria modas, pois lendo, e buscando curiosamente os antigos Escritores, naõ achei que formalidade aquelles vestidos tivessem.

(4) *Genes. 3. 21. Abulensis in cap. 3. Genes.*

(5) *Lucretius l. 5.*

(6) *Floscul. histor. p. 1. c. 1.*

(7) *Benedict. Fernand. in Genes. Sect. 19. n. 7.*

(8) *Proverb. 13. 19.*

Depois do diluvio (diz Berozo) que Titea, a que outros chamàraõ Vesta, mulher de Noè, a qual foy na curiosidade eminente, ensinou a fiar (9) e a tecer as mulheres deste novo Mũdo. (10) Supposto Justino escreve, q̃ os Athenienses foraõ os primeiros q̃ usáraõ de lavrar a lã, dando algum feitio aos vestidos (11) e a opiniaõ entre todas mais seguida, tem a Minerva por authora, pois existio muitos annos antes, que se fundasse Athenas. Os Povos de Phenicia, diz Poliodoro, foraõ os primeiros que usáraõ trazer vestidos

(9) *Berozo l. 3. de Flor. Chaldaic.*

(10) *Matute na Prozap. de Chr. idad. 2. cap. 1.*

(11) *Justin. l. 2.*

vestidos de lá, ou pelo de animaes (12) o que nos seus descendentes se perpetuou, e com a continuaçaõ do tempo em diversas Naçoens do Mundo se especialisáraõ modos em o vestir, pela idèa dos inventores.

(12) *Poliodoro. V. l. 3.*

Os Celtas usavaõ de roupas atè o giolho com o feitio quasi de tunicela. (13) Os Romanos usavaõ de hum vestido a que chamavaõ Laticlavo, inventado pelos habitadores das Ilhas Balleares, os quaes foraõ os primeiros que usáraõ pôr, ou trazer certo modo de guarniçaõ à roda das mãos. (14) Julio Cezar a usou, e foy no Mundo o primeiro que trouxe huns cravos bordados, porque intertextos na veste de que usava, a que deu o nome de tunica palmata clavicata. (15)

(13) *Plin.*

(14) *Suetonio Tranquilo.*

(15) *Idem Suet. Tranquil.*

A primeira que inventou fazer, e trazer saya foy Tanaquil, Rainha de Roma antiquissima, para sua compostura. (16) A fórma de capa inventàraõ primeiro os Gregos. O vestido a que chamavaõ Dalmatica, que naõ era muito larga, mas comprida, foy invento dos povos de Dalmacia (17) e os Gregos inventàraõ outro que usáraõ muitos seculos quasi com o mesmo feitio, porèm mais largo que a Dalmatica, e com mangas muito largas; como tambem inventàraõ, e usaraõ de outra fórma de vestido, a que chamavaõ Mantian, donde vem a palavra Mantèlo, ou Mantelum, que se entende por huma capa pequena (18) esta ainda hoje se reputa pelo vestido mais grave, que se pratica nas Cortes.

(16) *Solino Servio Suet. Tanq.*

(17) *Plinio.*

(18.) *Celio. Plin. Suet. Tranq.*

Os Macedonios, e Gregos usáraõ de outros diversos vestidos, que inventàraõ; mas para hum, e outro sexo tinhaõ por vestidos mais graves, e honestos humas roupas largas atè o chaõ com mangas pouco largas (como hoje em as senhoras Portuguezas he a melhor moda,) e se entaõ se distinguiaõ porque as mulheres lhe punhaõ certa guarniçaõ pela fimbria, e os homens as trasiaõ com hum cinto apertadas; este mesmo uso tiveraõ os Romanos, e dizem alguns que deste traje foraõ elles em diversos tempos os inventores. (19) Para os Militares inventàraõ tambem os Gregos, e usáraõ os Macedonios hum vestido curto chamado Chlamyde, e outro chamado Leva, que he o mesmo que cotta, ou saya de malha. (20)

(19) *Berozo. Justino. Polliodar.*

(20) *Poliod.*

Os Francezes antiguamente inventàraõ hum certo vestido a que chamavaõ Bragas, cuja fórma suponho ser a dos calçoens, ou siroulas que hoje se pratica variada. Os de Phrygia que habitavaõ no monte Yda, foraõ os inventores de fazer roupas, vestiduras, e meyas de agulha. Os Hetruscos, e Toscanos usávaõ antiguamente de trazer capotes feitos desta sorte. Os de Sidonia, despois que Arachne donzela de Lydia inventou o uso do linho (21) foraõ os primeiros que praticàraõ, e usáraõ os Sindones, a que chamamos hoje lençoes, e lenços. O uso dos manguitos de peles, ou forrados dellas foy invento dos Inglezes (22) os Schytas o praticàraõ muito (23) e os Romanos o prin-

(21) *Plinio l. 7.*

(22) *Polliod. V. na histor. de Inglat.*

(23) *Ouvid l. 3. de Tristibus*

principiàraõ a usar em o tempo de Nero Imperador para deffença do frio, fazendo-os das peles mais mimosas, móda que ainda hoje vejo praticada. (24) As luvas inventàraõ os Gregos, e Chaldeos, para só as usarem os Sacerdotes dos seus Deoses; e hoje por taõ ridiculadas que andaõ por mãos de todos, saõ os Sacerdotes do verdadeiro Deos os menos que as trazem.

(24) Seneca in Epistol.

Tambem se usava antiguamente outra qualidade de vestidos com que hoje rarissimas pessoas se acomodaõ, sendo a móda que mais deviaõ usar, a estes se chamava cilicio, tecido de sedas asperas de animaes, ou de cabelos de cabra com fio dobrado, do que foraõ primeiros inventores os de Cilicia, donde se lhe deriva aquelle nome (25) entaõ cobriaõ os Gentios suas costas, e peito destas vestes, hoje as pessoas Catholicas com a mayor profanidade descobrem por móda o peito, entrando assim atè nos Templos de seu Deos, e apennas cobrem as costas; entaõ achavaõ os Gentios lhe fazia conta, e ainda era util para a deffença dos inimigos do corpo o trazelo vestido de cilicio atè a cintura, hoje fazem que naõ entendem os Christãos, nem lhe faz conta o trazer ao menos quatro dedos de cilicio na cintura de seu corpo, sendolhe taõ util para a deffença dos inimigos da Alma; e se os Israelitas, e Ninivitas para conseguir, e merecer darlhe Deos o perdaõ das suas culpas se vestiraõ de cilicio, lançando cinza sobre

(25) Varro o testefica.

(26) *Danielis*

as ſuas cabeças (26) erradiſſimamente entendem que o haõ de merecer, e conſeguir os que botando tantos pòs em a cabeça talvez naõ os tendo para a boca, e veſtindo cambrayas, e ollandas por cilicio, talvez que à cuſta de outrem, preſumem de ſer Catholicos.

A JESU Chriſto noſſo Redemptor fez Maria ſua Mãy Santiſſima, quando o educava huma tunica inconſutil de lã branca, inteiriça, e feita com agulha por ſuas Virginaes mãos; veſtio eſta a ſeu amoroſo Filho quando teve ſinco annos de idade, pois ſó atè eſte tempo trouxe camiſa de linho pouco fino, e ſe concerva huma por precioſa Reliquia na Igreja de Santa Maria Mayor em a Cidade de Roma. (27) Concervou Chriſto aquella tunica toda a ſua adoleſcencia, creſcendo a meſma tunica com o corpo (28) atè que os Judeos lha deſpiraõ, e deſpedaçàraõ taõ tiranamente; ſobre eſte como cilicio da tunica inconſutil uſou Chriſto ſó de outra tunica atè os pès, e de hum manto, ou capa tudo de lã, como praticàvaõ os Paleſtinos Orientaes, os Farizeos, e os Hebreos, tendo a eſtes Deos determinado que os ſeus veſtidos foſſem de huma ſó materia, ou todos de lã, ou de linho todos. (29)

(27) *Joaõ Tiepoli tr. 5. fol. 29. Lorenço Macelli l. 5. cap. 26.*

(28) *Maſſini, e Maſelli.*

(29) *Numer. c. 15. num. 11.*

Com eſte honeſtiſſimo modo de veſtir foy educado Chriſto em ſua adoleſcencia por Maria ſua Mãy Santiſſima, e por Jozè ſeu putativo Pay; e ſupoſto eraõ por ſanguinidade deſcendentes da Real familia de David,

vid, naõ ſe deſpreſando Jozè do Officio de pobre Carpinteiro, ou tambem Ferreiro, como alguns Authores dizem (30) quizeraõ que aquelles, os quaes de Chriſto Chriſtãos ſe appellidaõ, ao meſmo Chriſto imitaſſem: cuidem pois os Pays em coſtumar ſeus filhos deſde ſua adoleſcencia ao honeſto, e parco modo de veſtir para que naõ ſe demaziem depois com a ſuperfluidade do luxo, pois ſaõ as galas invento, e redes do Diabo. (31)

(30) *Baron. Pedro à Natal. Alapide.*

Perniciosas ſaõ por mil principios as conſequencias que do contrario ſe ſeguem; pois querendo o filho do Carpenteiro, Ferreiro, ou qualquer homem mecanico, ou pobre, tratarſe com boas cabeleiras, ollandas, pannos finos, ſedas, e tiſſús, ſe poem em perigos de furtar, deſpreſando a ſeus pays; e ſuas filhas, que como aquelles querem andar, e nas galas, e biſarrias deſde o bico do pè tè à cabeça, a todas as peſſoas nobres, e ricas que tem póſſes, querem exceder, ſe expoem ao perigo de ultrajar a ſua honra, e fama, para conſervar o luxo, e biſarria, fazendo-ſe alvo infeliz da murmuraçaõ de todos. Em fim conheça-ſe cada hum, evite o luxo, corte o ſuperfluo, viſta como póde, traje como Chriſtaõ, e pague como deve.

(31) *S. Ambroſ. S. Aug. S. Bern. D. Jozè de Barzia Zambrana. Deſp P. Manoel Bernardes Floreſt.*

CA-

CAPITULO XX.

De como em os que naſcèraõ Principes, e Senhores para diſtinçaõ da Peſſoa, e eſplendor da Mageſtade póde ſem vicioſa cenſura, ſer admitido o exceſſo em as gallas, a riqueza, e precioſidade nos veſtidos.

EM toda a materia (entende o vulgo) naõ ha regra ſem excepçaõ, e eu lhe quero fazer o goſto admitindo-a jà neſta materia. Em o Capitulo precedente fallámos na ſuperfluidade dos veſtidos, e luxo em o Mundo praticado com módas, e diverſidade de coſtumes; ſuppoſto daqui ſe origina a deſtruiçaõ de muitas cazas, e ſe tinha viſto no Mundo ruina de inteiras Monarquias, naõ obſtante ſerem os Principes eſpelho de ſeus vaſſallos, e naõ terem mayor obrigaçaõ de ſer, e parecer Catholicos os vaſſallos, do que os Principes, he racionavel, e juſto que pois em o poſterior naſcimẽto ha deſſemelhança, tambem em o tratamento da peſſoa haja real differença.

Bem ſey que alguns com eſcrupuloſa critica me quereràõ dizer, que todos os filhos de Adam naſcemos nùs; e que naõ ſaõ de materia diverſa, todos os que de Adam exiſtem filhos, pelo que ſe em os vaſſallos todo o luxo de gallas, e veſtidos he arguido, em os Principes, que nos devem dar exemplo deſde ſua adoleſcencia, devia mais ſer toda a ſuperfluidade, e luxo das galas reprovado; quanto mais que os Principes naõ

ſe

ſe conſtituem taes pelos veſtidos, mas ſim pelo naſcimento, ou caracter, e aſſim como os Sacerdotes immediatos pela regalia ao Principe, ou ſejaõ Eccleſiaſticos, ou Regulares ſe diſtinguem pela Coroa, e veſtes compridas atè os pès, deſſemelhando-ſe ſó nas cores, como antiguamente (diſſemos) ſe praticava, mas ſem precioſidade, ou luxo; aſſim os Principes ſem luxo, e precioſidade de veſtidos ſe poderiaõ bem tratar, e muito bem conhecer.

Reſpondo que naõ reputo louvavel aos Principes exceſſos, e demaſias occaſionadas pelo luxo, de ſorte que hajaõ de dar nota, e mao exemplo aos vaſſallos; e ſupoſto eſtes, e aquelles igualmente naſcèraõ nùs, moſtrando que de hum ſó Adam exiſtem filhos, vejo que quando Deos creou Principe a Adam logo de todas as irracionaes Creaturas, que ſó immediatamente houve no Mundo, em que lhe deu dominio (1) o diverſificou; e na veſte o diſtinguio, e finalmente como Principe que era, foy em o naſcimento Adam a todos os mais deſſemelhante. (2)

(1) *Dominamini piſcibus maris, & volatilibus Cæli. Geneſ.*

(2) *Geneſ.*

Ainda nas meſmas irracionaes, e vegetativas Creaturas parece que a Providencia do Creador Divino admitio ſe reconheceſſe excellencia com diſtinçaõ; quiz naſceſſe o Leaõ, e ſe cubriſſe o ſeu corpo com mayor gadelha, diſtinguindo-ſe entre os animais no poder, e fortaleſa, e diviſandoſelhe na cabeça a fórma de huma Coroa, porque na Républica das Feras havia exiſtir Principe.

Quiz

Quiz nacesse a Aguia com distinçaõ na magestade de seu corpo, e ornato da Coroa que na cabeça lhe formaõ suas pennas, porque na Republica das Aves havia a Aguia ser Rainha. Quiz que o Girasol se acreditasse flor gigante por força de nascimento, e nelle se divizasse huma dourada Coroa, porque na Republica das Plantas lograva o Principado. Quiz que a Roza se revestise de purpura, se adornasse de gala, e em si se visse a mais mimosa fragrancia, porque na Republica das Flores havia a Roza ser Rainha. Quiz que o Cedro com a mayor magestade dilatasse o copado de seus ramos, e se distinguisse na pompa, e crescimento aos mais lenhos, porque se havia reconhecer Principe em a Republica das Arvores; e finalmente ainda admitindo o Creador Divino algũa distinçaõ nos particulares, aos animaes vestio de differentes cores, às aves de diversas pennas, às plantas de dessemelhantes folhas, às flores de desiguais tintas; a tudo (sem culpa) consentio Deos diversidade para fermosura do Mundo; e aos Principes (sem vicio) deve o Mundo consentir distinçaõ na pompa sem grande excesso, conciderando nisso gloria accidental do mesmo Deos, que lho permite.

Nos Principes julgou Seneca conveniente vestirem com esplendor por decoro da Magestade (3) e com razaõ certamente; porque se os Principes como homens dos outros se naõ distinguem; justo he que como

(3) Senec. l. 1. Palat. Rub. in Rub. de denot §. 11. n. 10.

mo Principes, dos que o naõ ſaõ, ſe differencem, pois naõ ha Ley Divina, nem politica humana que permita ao humilde igualar no traje ao illuſtre, nem conceda ao illuſtre imitar ao Princepe em as galas. Os Romanos quando ſenhoreàraõ o Mundo, o determinàraõ aſſim por Ley expreſſa, aſſinalando com diſtinçaõ os veſtidos, conforme as qualidades. Ariſtoteles louvou em Alexandre o tratarſe com precioſas galas moſtrando que era Rey (4) e noſſo famoſo Rey o Senhor Dom Manoel todos os dias (ſem exceſſo) veſtia alguma peça nova (5) pelo que ſendo licito ſó ao Principe as ricas galas, deve ſempre ſe he Catholico, evitar nellas o vicioſo exceſſo, attendendo o parecer de Auguſto Cezar com virtudes moraes Principe Gentio, o qual dizia: que o exceſſo demaſiado nas galas era bandeira da ſoberba, e ninho da luxuria. (6)

(4) *Ariſtot. in princ. Epiſt. ad Alexandr. in lib de Rhetor.*

(5) *Damiaõ de Goes na Chron. delRey D. Manoel p. 4. cap. 84.*

(6) *Sueton. in vita Auguſti cap. 73.*

Para os Principes ſó propriamente ſe deſtinàraõ no Mundo os veſtidos precioſos, merecedores de eſtimaçaõ pelo colorado, e pelo rico. Foy a Purpura achada pela Ninfa Tiros por diligencia de Hercules (7) e em Roma ſó ſe permitia o uſo della aos Senadores, e Magiſtrados, com tanta reputaçaõ que em tempo do Emperador Auguſto Cezar cuſtava hum arratel de purpura em tinta cem dinheiros, ou dez eſcudos de ouro Heſpanhoes. Ao Emperador de Conſtantinopla Juliano ſe deu por mimo condu-

(7) *Pollux lib. 1. de Verb. ad Commod. Imper.*

ſido da India a ſemente dos bichos da ſeda, para que deſtes extrahida, pudeſſe fabricar-ſe para ſi huma gala rica. (8)

(8) *Procopio Grego.*

Principiaría muito antes em outras partes o uſo da ſeda, pois Solino, Servio, Plinio, e Virgilio lhe aponta diverſos naſcimentos (9) huns dizem foy achada a ſeda pelos Seres, Povos de Scythia, outros que nos de Ethiopia (10) outros que pelos da Ilha de Coa, de cuja materia ſe faziaõ entaõ para os Principes as veſtiduras bombiſſinas; Pamphilia filha de Platis inventou o modo de fiar, ou tirar, e tecer a ſeda (11) e o primeiro que de ſeda ſe veſtio foy o Emperador Antonio Heliogabalo (12) teve a ſeda tal eſtimaçaõ dos Principes, que no tempo do Emperador Aureliano cuſtava huma libra, ou arratel de ſeda outro de ouro (13) depois ſe fabricàraõ em Damaſco ſedas a que ſe deu eſte nome, outra de lã, e ſeda, que ſe inventàraõ em Flandres, ao que ſe ſeguìraõ varios inventos de tafetàs, ſetins, veludos, ſendo ultimamente Italia, e França ſingulariſadas neſta obra com mais inventos.

(9) *Plinius l.7.*

(10) *Virg. Georgic.*

(11) *Ariſtotel. lib. de animalib. Plinius lib.2.*

(12) *Lampridius.*

(13) *Vopiſco.*

Ainda ſó para os Principes, e Senadores Romanos havia mais diverſidade de veſtidos pois naõ fallando em a Toga, havia outro veſtido precioſo chamado Bulla de ouro para os Infantes; e tunica Senatoria, que era hum veſtido ſem mangas, que traſiaõ os Principes, è Senadores ſobre a carne, aſſim

aſſim como uſaõ hoje das camizas, a roupa Real, a que tambem chamàraõ Toga, ou veſte undalata, parecida com o chamalote que hoje ha, foy invento de Caya Cecilia chamada por outro nome Tanaquil (14) e Servio Tulo Rey de Roma foy quem primeiro o uſou. Os Babilonicos inventàraõ meter diverſidade de cores em as teas de lã, e ſeda que ſerviſſem para veſtidos dos ſeus Principes (15) e Attalo Rey de Azia inventou o tecer fio de ouro com a ſeda. (16) Ultimamente para que ainda as meſmas paredes dos Palacios em que habitaõ os Reys eſtiveſſem muy ricamente veſtidas, os antigos lhe inventàraõ tapeçarias precioſas, pois como Servio eſcreve, ſe achàraõ as primeiras no Palacio delRey Attalo de Azia, quando o Povo Romano a quem deixou por herdeiro, chegou a hir tomar poſſe (17) tudo conduſia ao externo eſplendor, e diſtinçaõ da Mageſtade.

(14) *Plin l.8.*

(15) *Marcial.*

(16) *Plinius l.8. & lib. 33.*

(17) *Servius lib.3 Georgic.*

Eſtas ricas veſtes permitidas ſem exceſſo aos Principes ainda na ſua educaçaõ, tambem ſaõ permitidas às Princezas, e Senhoras grandes, mas naõ ao commum das mulheres; a eſtas em a Naçaõ Romana, donde ſe vio o governo mais acertado, prohibia a Ley Oppia trazerem veſtidos de cores, e pôrem em ſi mais de meya onça de ouro. (18) O Emperador Heliogabalo lhe deputou lugar como Senado, adonde conſultaſſem que veſtido, e calçado haviaõ de uſar, e ſe lhe ha-

(18) *Valer. Maxim. lib.9.c.1.n.5.*

via conceder, ou prohibir, conforme o naſcimento de cada huma. (19) Para o adorno das Senhoras, e boa eleiçaõ de galas, eſcreveo Cleopatra Rainha do Egypto hum curioſo livro, aquelle perdeo-ſe, e eſte acabouſe.

(19) *Mexia l. 2. c. 29.*

LIVRO

LIVRO SEGUNDO

Da Vida Eſpiritual.

CAPITULO I.

De como para qualquer eſtado que hajaõ de tomar, e ter os filhos, ou ſejaõ Principes, ou nobres, ou mecanicos, ou plebeos, devem os Pays inclinalos logo em o principio ao caminho das virtudes; moſtrando-lhe que he raiz de toda a Santa humildade.

POUCO importa à racional Creatura que naſceo com a luz da Fé em o gremio da Igreja o dizer que he Catholica, ſe pela falta da boa educaçaõ, obrando mal, o contradiz; porque ſe nas trèvas do Gentiliſmo cego, ſe faziaõ venerados os que nas virtudes moraes mais reſplandeciaõ; muito melhor para com Deos ſe fazem attendidos os que com o leite das eſpirituaes virtudes ſaõ criados.

Capacitado pois o Catholico (como diſſemos) nos primeiros rudimentos da Fé, tenha o ſer que Deos em o naſcimento lhe permitiſſe, ſiga depois qualquer rumo, a que o leme do ſeu entendimento, e vontade o inclinar, ſempre para o exercicio das virtudes, por inſtrucçaõ paterna deve propender;

der; e como ſem alicerce naõ ha ſolido edificio, deve ſer a virtude da humildade o ſeu mais ſolido fundamento.

Pelo Evangeliſta S. Matheus nos manda Chriſto aprender eſta virtude (1) Maria Santiſſima Māy de Chriſto a praticou, e por ella tanto mereceo (2) todos os mais Heroes Santos de hum, e outro Teſtamento felizmente os imitàraõ, fazendo-ſe por eſte principio muito illuſtres, ainda diverſificando-ſe na fortuna do naſcimento; porque ſe quem mais ſe humilha, mais ſe exalta; (3) e naõ ha mayor nobreſa que a virtude, (4) pela da humildade fica mais ſuperiormente engrandecido, aquelle que eſtà nella mais fundado.

(1) *Math.* 11.20.

(2) *Luca* 1.48.

(3) *S. Math.*

(4) *S. Gregor. P. in lib. Moral.*

Dous generos de humildade ſe pratìca haver no Mundo, huma herdada, outra adquirida: aquella ſe diſtingue nos grandes, e nos pequenos: eſta ſe differença nos malignos, e nos virtuoſos; tratando pois ſó deſtes quando fallo da Humildade Virtude, digo novamente que ha duas humildades, huma do entendimento, e a outra da vontade; mas ſendo jà eſta muy excellente virtude, pois nas acçoens Fiſicas, e Moraes exemplarmente ſe exercita, aquella ſem duvida he mais ſublime, porque muito remontada ſe eleva.

He a humildade do entendimento hum conceito baxo que de ſi propria faz a Creatura, procedido, e gerado da verdade que penetramos de noſſas miſerias, e defeitos;

e quanto

e quanto mais he este conceito pelo entendimento elevado, tanto mayor he o da vilesa que de nòs formamos. Huma, e outra humildade he dom sobrenatural, que como hum grande peso inclina o coraçaõ a buscar o centro do seu nada, e o lugar mais infimo a baxo das Creaturas. (5)

(5) S. Bernard. Ser. 42. in Cant.

Pergunta o Doutor Angelico se deve o homem sogeitarse a todos pela humildade? E fazendo distinçaõ ao que o homem tem de si, que saõ só deffeitos, e miserias; e ao que tem de Deos; que he tudo o que toca à perfeiçaõ, e salvaçaõ, dissolve a duvida, respondendo: que pelo que o homem tem de Deos naõ requer forçosamente a humildade que se sogeite aos outros, pelo que tambem elles de Deos tiverem; mas que pelo que o homem tem de homem, deve sogeitarse humilhado a qualquer outro homem, pelo que este homem tiver de Deos. (6)

(6) S. Thom. 2. 2. quæst. 161. art. 3.

Com esta, e desta sorte florecèraõ infinitas Creaturas de hum, e outro sexo, seguindo no Mundo a vida espiritual; e sendo impossivel referir as acçoens, e nomes de todas, o naõ serà expôr alguns por exemplares. O S. Rey David em muitos lugares de seus Psalmos se confessa o mais humilde de todas as Creaturas (7) e ficou com mayor lustre sua Regia Coroa. S. Paulo por humilde, se reputou pelo peccador mayor dos que Christo veyo salvar (8) e ficou no Apostolado com o mayor credito. Francisco meu Patriarca Santo, se reconheceo o mais

(7) Psalm. repet.

(8) 1. Thimot. 1. 15.

mais vil de quantas Creaturas humildes no Mundo havia (9) e nem poriſſo (como foy revelado ao V. Fr. Rufino) deixou de ſe lhe preparar no Ceo entre os Serafins huma excelça Cadeira, que perdeo Lucifer por ſoberbo. (10) S. Vicente Ferreira tanto ſe humilhou, que ſe conciderava o mais fetido, e aſqueroſo pelas ſuas culpas, e miſerias (11) e mais era Varaõ taõ Santo, que ſe acclamou Anjo do Apocalypſe.

(9) *Cornejo tom. 1. liv. 2. cap. 23.*

(10) *Cornejo ibi Robolledo na Chron. lib. 1. c. 29.*

(11) *P. Andreas Ferrer. na vida do Santo l. 2. cap. 2.*

Naõ quero individuar mais exemplares; e em huma ſó palavra digo tudo: que entaõ foraõ os Santos mayores Santos, quando à imitaçaõ de Chriſto mais ſe abatèraõ, e humilhàraõ; pois he a Santa humildade em todo o Sacro Imperio de Chriſto a melhor joya, e entre todas as Religioens Sagradas, a melhor prenda com que o que preſumir de mais Catholico ſe ha de ennobrecer; e ſe a humildade que os Santos tinhaõ naõ parava na do entendimento que elles aprendèraõ de ſi meſmos mediante a luz ordinaria, mas paſſava tambem à da vontade, que aprendèraõ, e participàraõ de Chriſto mediante a luz extraordinaria, ſem alli envolver erro, que toque à parte intellectiva (12) cuidem os peccadores com todos os affectos do ſeu entendimento, e vontade a aprender, e eſtimar eſta virtude da humildade Santa, que Chriſto como Meſtre taõ Divino lhe moſtrarà ſem embaraços grandes o caminho porque ſe haõ de ſalvar, naõ lhe fazendo obſtaculo qualquer vida activa em que ſe exercite,

(12) *Diogo Alveres da Paz t. 2. de Inquiſ. pacis. p. 3. l. 4. cap. 5.*

exercite, para que deixe ſempre de ſeguir ao meſmo tempo a vida eſpiritual, em que he muy ajuſtado buſcar ſolido director.

Se neſta virtude eſpecial da Santa humildade quizerem os diſcretos cultivar mais o ſeu diſcurço, alèm de muitos livros modernos em que ſaõ dignamente eſtimaveis todas as obras eſpirituaes do P. Manoel Bernardes, P. Manoel Conciencia, P. Fr. Manoel de Deos, e outros, leyaõ as prodigioſas Vidas de Santa Thereza de JESUS, e do meu S. Pedro de Alcantara ſeu director, em que acharàõ dictames ſolidos da humildade; a Vida de Dona Marina de Eſcobar, que a Deos atribuhia o claro conhecimento de ſeu humilde ſer, e em fim muitos outros tem; e de Padres acharà eſta ſingular virtude tratada, e bem eſcrita por S. Agoſtinho, S. Gregorio M. S. Bernardo, S. Thomàs, S. Anſelmo, S. Dorotheo Archimandrita, S. Bazilio, S. Joaõ Climaco, S. Diadoco Biſpo, Caſſiodoro, e outros muitos. (13)

(13) *P. Bernard. Exercic. Spirit. Flor. &c.*
P. M. Concienc.
P. Fr. Man. de Deos. Obras, e vida de S. Thereza, e vida de S. Pedro de Alcant.
P. Pinto Ramires na vida da V. Marin. de Eſcobar p. 2. e 3.
D. Aug. lib. Moral. & ſerm.
D. Gregor. l. 9. Moral.
D. Bernard. Opera & ſerm. de grad. humilit.
D. Thom. 2. 2. q. 161.
D. Anſelm. lib. de ſimilitud. Cap. 100.
D. Doroth. Arch. doctr. 2. de humilitate.
D. Bazil. de abdic.
S. Joan. Clim. grad. 25.
S. Diad. de perf. cap. 95.
Caſſiodor. Colat. 11.

CAPITULO II.

De como os Pays desde a adolescencia devem persuadir, e precisar seus filhos à recta observancia da Ley Divina, e seus dictames, mostrandolhe o quanto (espiritual, e temporalmente) lhe he conveniente. Apontaõ-se para exemplo nosso, varios castigos do Ceo cahidos em os erros da Gentilidade, por falta da observancia de suas mesmas Leys, dadas pelos seus falços Deoses.

EM amar a Deos, e ao proximo consiste toda a formalidade da Ley Divina (1) e sendo este Sagrado jugo taõ suave, e sua carga taõ leve (2) quem deixarà de observar com gosto os dez dictames em que a mesma Ley se individùa, se com discurso claro, e luz da Fé se capacita em que espiritual, e temporalmente nella tem conveniencia; que como esta arrasta os animos dos homens, seja embora tambem esta quem os precize.

He tal a Providencia, e Piedade de Deos, que em todos os seus preceitos attende ao nosso bem, e utilidade propria espiritual, moral, temporal, e civil. Diz Christo no I. mandamento da sua Ley: que o amem: nesta recta observancia se accreditaõ os homens politicos, e attentos, naõ sendo ingratos, conhecendo o quanto devem a Deos que os criou, conserva, vivifica, e sustenta, mostrando tambem de seu amor os quilates em se humanar, dar pelos homens a vida (3) e deixarselhe Sacramentado para sempre com elles assistir no Mundo, em quanto este durar (4) havendo darlhe

(1) *Fides orthodoxa cum com. PP. & Theolog.*

(2) *S. Math.*

(3) *Simbol Fidei, & S. S Evangelist.*

(4) *Joan.*

lhe em fim no Ceo a ſua Gloria com o tal merecimento. Em o II. lhe determina :que naõ jurem ; ainda que Deos o naõ mandàra, conforme a civilidade politica, nenhum homem devia tal fazer, naõ ſó porque he moſtrar ter a ſua peſſoa pouco credito no que diz, e que poderàõ naõ o crer ſe naõ jurar ; mas porque he offender em diverſos modos o reſpeito da peſſoa com quem falla, faltando à corteſia.

No Mandamento III. em que Chriſto diz que naõ trabalhem os Domingos, e dias Santos, moſtra tambem o amor que tem aos homens; porque dandolhe ſeis dias para trabalhar, lhe ſolicita naquelles o ſeu deſcanço para o corpo, e lhe facilita mil bens eſpirituaes para ſua Alma, querendo com eſpecialidade neſſes dias communicarſe mais com elles na aſſiſtencia dos Santos Sacrificios, e frequentaçaõ dos Sacramentos, como nos mais exercicios Santos, permitindolhe tambem que tenhaõ honeſtos, e licitos alivios para o corpo. No IV. Mandamento lhe manda honrar os Pays; iſto naõ ſó he taõ ſuave,que a meſma natureza o inclina, e ainda nos Gentios, e barbaros por natural deſtino (ſem haver ley que conheçaõ) ſe pratica; mas porque neſta acçaõ, àlem de ſer politica, e racional, ſe deſcobrem, e experimentaõ temporaes conveniencias.

Manda Chriſto em o V. Mandamento naõ matar: e ſendo iſto de Direito natural, nos evita Chriſto como amante o mayor

perigo para a Alma, e corpo; porque se quem vay a dar se arrisca a levar, e quem vay a matar se expoem ao perigo de ser morto, perdendo algum a vida, e mais a Alma em tal conflicto, claro fica que desta acçaõ prohibida resulta aos homens a mayor utilidade. Em o Mandamento VI. da Ley prohibe Christo aos homens as lascivias, dandolhe nisto tambem utilidade; porque se conforme a opiniaõ dos antigos, e modernos Autores da Medicina, este vicio perjudica a saude, diminue as forças, e encurta as vidas (5) abstendo-se os homens, tem naturalmente mais vida, forças, e saude para servirem a Deos, e para se servirem a si sem o padecimento de espirituaes, e corporaes enfermidades.

(5) *Aristot. Galen. Avicen. Hipocr. & com. DD. Med.*

No VII. Mandamento determina Christo: que naõ furtem; e nisto em que aos homens se podia representar utilidade, tem a mayor desconveniencia (naõ obedecendo;) por que naõ ficando nunca seu o que naõ he proprio, ou tem neste Mundo de o restituhir, ou no outro tem de o pagar; àlem disto se quem furta usurpa os bens alheos, e às vezes se lhe faz preciso tirar vidas, mal pòde fazer que se concervem preservados os seus bens, pondo-se a tiro de o privarem casual, e ainda afrontosamente da vida propria.

Manda Christo no VIII. Mandamento: que naõ levantem falços testemunhos: isto segura aos homens naõ se tratarem com falsidades;

ſidades; e he huma das principaes acçoens de mayor politica,fundada em o Direito das gentes, pois eſta ſó ſe preza de honrar a todos, e naõ dezacreditar algum. Em o IX. Mandamento determina: naõ dezejem a mulher do ſeu proximo; niſto acode Deos pela honra dos homens; e tendolhe no Sacramento do Matrimonio deixado remedio para a ſenſualidade, naõ podia deixar de ſer acçaõ baixa, e vil intentarem os homens com diſcredito o que he alheyo, quando com credito, e honra (do modo aſſima dito) o pòdem tambem ter proprio. No X. e ultimo Mandamento determina Chriſto: que naõ cobiçem as couſas alheas. Niſto ſolicita para os homens o melhor ſocego do ſeu animo, querendo viva cada hum contente com os bens que tem, e Deos lhe deu; porque naõ ſendo correlativo o cobiçar, e poſſuhir, he fatuidade entenderem que haõ de poſſuhir o que com cubiça ſe expozerem a deſejar.

Naõ tinhaõ certamente tal ſuavidade, e utilidade tanta as infinitas Leys que aos homens antiguamente puzeraõ ſuas fabuloſas, e fementidas Deidades, mas pela falta de obſervancia, ou de reſpeito, permitio Deos Altiſſimo para exemplo noſſo experimentaſſem do Ceo caſtigos, e ſentiſſem fatalidades.

Anthioco Rey de Azia, e de Aſſiria quando tomou à força de armas Jeruſalem, e deſpojou com inſolencia o Templo do Senhor,

nhor, abrazou os Livros das Efcrituras Sagradas, e Ley Divina, e dedicou ao ferviço de Jupiter Olimpico os paramentos Sacerdotaes; mas logo experimentou de Deos caftigos em huma grande enfermidade, na qual corrompendo-fe o feu corpo, e enchendo-fe de afquerofos bichos, o deixàraõ ao dezemparo feus parentes, amigos, e vaffalos todos, vindo Antiocho a defpedaçarfe a fi, e morrer dezefperado. (6)

(6) *Lib. Machab.*

Seleuco Rey de Soria mandando em outra occafiaõ defpojar por Eliodoro o mefmo Templo de Deos em Jerufalem, querendo-fe efte moftrar mais obfervante da Ley humana que da Divina, entrando naquella empreza, foy graviffimamente caftigado por dous Anjos. (7) Cambiffes Rey da Perfia, capital inimigo de tudo o que foffe Religiaõ, e obfervancia de Ley ainda que Gentilica, vendo no Egypto eftar facrificando hum boy ao Deos Api, dezembainhando a efpada lhe deu por defprezo huma cutilada em a perna; mas dahi a pouco montando acavalo, meteo, fem querer, pela fua perna propria a mefma efpada, e perdeu muito a feu pezar a vida. (8)

(7) *Jofef. Hebreo à hiftor. dos Machab.*

(8) *Herodoto.*

Heliogabalo Emperador querendo precifar a huma das Virgens Veftaes a que (naõ obftante a inviolavel Ley que obfervava) fe deixaffe libidinofamente profanar, valendo-fe aquella de huma eftatua da Deoza Pallas, mandou lançar no fogo a eftatua mais a Virgem, entrando logo a diffipar tudo

tudo o que fosse Religiaõ, e Leys que os Romanos observaõ; mas teve o desestrado fim de ser apunhaladas morto, e tambem em outro semelhante fogo seu cadaver abrazado. (9)

(9) *Suetonio.*

O Emperador Commodo a tempo que os Sacerdotes em observancia da sua Ley estavaõ huma vez fazendo Sacrificio à Deosa Izide, os molestou com despreso vilipendiando os seus mesmos ritos; mas mereceo tal odio dos seus proprios vassalos, que matando-o a punhaladas estando em o leito, lançàraõ seu corpo em o rio Tevere, despresado. (10)

(10) *Suetonio.*

O Emperador Nero entrando a ultrajar as Leys, e ritos de seus Deoses, como tambem tudo que fosse Religiaõ, fazendo hũa acçaõ de despreso à Estatua da Deosa Siriaca, foy por todo o Senado Romano deposto do Imperio, e fugindo por temer lhe dessem morte affrontasa, foy elle dez●sperado, de si proprio homicida. Nos Historiadores antigos acharàõ os curiosos infinitos sucessos semelhantes; eu me satisfaço de propor só estes por exemplar aos Catholicos, para que na consideraçaõ de acontecimentos semelhantes observados em os que naõ guardàraõ as Leys, nem respeitàraõ os Templos de seus falços Deoses, cuidem muito em venerar do verdadeiro Deos os Sagrados Templos, e em observar à risca os mandamentos todos da sua Sagrada Ley. Se na materia os discretos quizerem mais noti-

cia

Sabelius.
Georgio Scolare.
Cosimo Bartholi.

cia leyaõ ao menos Sabelio, Georgio Scolare, e Cosimo Bartholi ne' suoi discorsi historic.

CAPITULO III.

De como se devem presar muito de honrar a Religiaõ Christã com especialidade os que se accreditaõ Catholicos, experimentando por isso na vida espiritual, e temporal grande conveniencia. Apontaõ-se peregrinas acçoens de Principes, e grandes Senhores, que felizmente o observàraõ.

A Religiaõ Christã que todos sabem foy por JESU Christo nosso Redentor instituhida, e pelos Sagrados Apostolos propagada, quando por preceito de seu Divino Mestre sahìraõ pelo mundo a prègar a Evangelica Doutrina (1) he a unica, e verdadeira Religiaõ que haõde, e devem seguir todos os que se pertenderem salvar. Bem he verdade se naõ acha dilatada esta por todos os Imperios, Reynos, e Naçoens do Mundo; mas cumprida a palavra Divina, virà sem duvida tempo em que no Mundo naõ haja mais que hum só Pastor, e hum só rebanho (2) sendo tudo Christianismo pelo Vigario de Christo apascentado.

(1) *S. Math.*

(2) *S. Math.*

Lactancio ponderando a essencia da Religiaõ Christã, considera que o Catholico por natural inclinaçaõ a deve, e appetece honrar (3) pois Deos nos criou para o amar, e servir, sendo esta por Divina insinuaçaõ (como das Sagradas letras consta) a vonta-

(3) *Lactantius de Ira Dei.*

de

de do Senhor (4) e nos dezeja ſempre a ſi unidos com eſtreito vinculo de amor, e caridade; e Cicero fallando genericamente deſta palavra Religiaõ, diz ſe deriva deſta outra palavra Relegere, entendendo por ella os que relèm, ou trataõ com zelo, e honra às couſas que pertenciaõ aos Sacrificios dos Deoſes, os quaes jà antiguamente ſe appellidavaõ Religioſos. (5)

(4) *Deuteron. cap. 6.*

(5) *Cicero lib. 2. de natura Deorum.*

Os Egypcios, a quem Herodoto, e Eſtrabo daõ neſtas acçoens a primaſia (6) ainda que Diodoro, e Homero ſejaõ de opiniaõ contraria (7) ſe diz que foraõ famoſos por affectivos; mas os Ethiopes de quem Homero fallou, chegàraõ a receber eſpeciaes favores de ſeus Deoſes a quem honravaõ com extremo, e nunca alguem os pode vencer, nem conquiſtar.

(6) *Herodoto l. 2. Eſtrabo. l. 17. Geogr.*

(7) *Diodor l. 1. & 4. Homero in Iliad.*

Jà no tempo da Ley eſcrita ſendo reconhecido, e venerado o verdadeiro Deos, foraõ Aram, e Mouſès em o zelo, e honra da Religiaõ eminentiſſimos, tendo-o ſido Enoch, e Elias muito aſſinalados; e imitando-os neſta taõ glorioſa acçaõ outros Patriarcas, e Varoens Santiſſimos, de cujos eſclarecidos nomes as letras Divinas, e humanas daõ ſolida noticia, deixàraõ feliz exemplar aos Catholicos, e naõ menos aos ſeus Principes, dos quaes honrando a Religiaõ Chriſtã, e prezando-ſe diſto muito, foſſem exemplo a ſeus vaſſalos, reconhecendo huns, e outros por experiencia as conveniencias eſpirituaes, e temporaes, que lhe reſultavaõ.

O famoſo Emperador Conſtantino Magno, cujo renome mereceo por ſuas inclitas virtudes, tanto honrou a Religiaõ Chriſtã, que ſendolhe dadas no Concilio Calcedonenſe culpas de alguns Sacerdotes por eſcrito, naõ as quiz ler, e as queimou, lembrado ſerem Miniſtros de Deos, a quem o meſmo Senhor honràra. (8)

(8) *Sabelius. lib. 9. Decad. 7.*

O Emperador Theodozio querendo ſahir com Eugenio, e Arbaſte em batalha, naõ confiou tanto de ſuas valeroſas armas, quanto do Divino poder, e occupando o primeiro dia em oraçaõ, e exercicios da Religiaõ Chriſtã, naõ ſó reconheceo conveniencias eſpirituaes, mas temporaes, pois conſeguio por ajuda de Deos huma glorioſiſſima vitoria. (9)

(9) *Sabelius.*

O famoſo Carlos Magno por honra, e credito da Religiaõ Chriſtã naõ temendo os incomodos occaſionados pela inclemencia do tempo, ſubio duas vezes em peſſoa à aſpereſa dos montes Alpes, huma em deffença de Adriano Papa invadido por Deziderio Rey dos Longobardos; e outra em ſocorro do Pontifice Leaõ III. a quem queria expelir o povo Romano ſublevado. (10)

(10) *In ejus vita & Chron.*

Clodoveo Rey de França, a quem converteo Clotilde ſua mulher Catholica, filha de Gundebaldo Rey de Borgonha, e foy baptizado por S. Remigio Biſpo de Rems, teve a dita de lhe aparecer do Ceo huma candida Pomba, trazendo oleo Santo para o ungirem entaõ verdadeiro Rey, e aos Mo-

narcas

narcas ſeus ſucceſſores, accreditando-o Deos eſpiritual, e temporalmente por honrar a Religiaõ Chriſtã. (11)

(11) Hiſtor. de França.

Fernando Rey de Caſtella chamado o Catholico experimentou grandes mercès de Deos peleijando valeroſamente pela exaltaçaõ da Fé em honra da Religiaõ Chriſtã. O meſmo fizeraõ Pelagio, Alfonço II. o caſto, e Alfonço VIII. tambem Rey de Caſtella (12) e ſe por eſtas, e outras heroicas proeſas feitas em deffença da Igreja, e honra da Religiaõ conſeguiraõ aquelles Monarcas o titulo de Reys Catholicos, que concervaõ, tambem Pipino Rey de França acudindo ao Pontifice Eſtevaõ por honra da Religiaõ Chriſtã quando Aiſtulfo Rey dos Longobardos com violencia de poderoſas armas a perſeguia, mereceo para ſi, e ſeus futuros ſucceſſores o titulo de Reys Chriſtianiſſimos.

(12) Juan Botero

Ivo Rey de Inglaterra proſperou com o mayor exceſſo no ſeu Reyno a Religiaõ Chriſtã, em que ditoſamente, e com fortunas grandes floreceo; e naõ ſó fez o ſeu Reyno feudatario à Igreja, mas determinou que às familias principaes daquella Monarquia ſe ſingularizaſſem neſta acçaõ. Edelwulfo tambem Rey de Inglaterra em tempo do Papa Leaõ IV. foy a Roma peſſoalmente (como Ivo) levar reverente o ſeu tributo: Neſta Catholica acçaõ ElRey Cunton levando immenſos donativos o imitou; e ElRey Joaõ, filho de Richardo em honra da Reli-

giaõ Chriſtã fez feudataria à Igreja em ſetenta libras de ouro cada anno, Bertanha, e Hibernia. (13)

(13) *Aſtolf. com muytos A.A.*

Mas bem reconheço merecer dos meus Nacionaes juſta cenſura, pois ſendo os Monarcas de Portugal, quem com ſingular exceſſo a todas as Naçoens do Mundo honràraõ com ſuſpenſivo credito a Religiaõ Chriſtã, concervando-ſe ſempre eſte Reyno em a pureſa da Fé, ſem hereſia alguma introduſida; ſem vaguear o meu diſcurço, aqui ſó tinha muito que dizer, pois bem ſabia que ſendo todo Portugal, e ſuas Conquiſtas todas antiguamente ſenhoreadas por inimigos da Fé, a impulſo das valeroſas Armas Portuguezas, com cuſto de tanto ſangue, e golpe de tantas vidas, ſe erigio o mayor troféo à Religiaõ Chriſtã, por eſta Naçaõ taõ reſpeitada, e ſempre por Deos favorecida, com o logro de tantas mercès eſpirituaes, e temporaes.

Em o primeiro Rey de Portugal D. Affonço Henriques ſe vio logo verificado o mais activo zelo, e honra da Religiaõ Chriſtã, ſendo o Campo de Ourique theatro primeiro de ſuas glorias, e todo Portugal hum compendioſo mapa de muy repetidos triunfos, e mereceo lograr eſte inclito Monarca, e ſeu Reyno, eſpiritual, e temporalmente, favores do Ceo taõ relevantes, como adiante veremos. (14)

(14) *Leyaõ a Chronica deſte Rey.*

O famoſo, e notavel Rey de Portugal D. Manoel, cujo ardente, e generoſo peito

ſe

ſe abrazava com zelo da Religiaõ Chriſtá, honrando-a, e dilatando-a na execuçaõ de glorioſos deſignios, e enchendo o Occeano de repetidas armadas, mereceo ſer appellidado Emperador do Oriente, pois a impulſo de ſuas valeroſas armas conquiſtando neſſa India a Goa, Malaca, e Ormús, expelindo, e debelando os inimigos de Chriſto em mar, e terra com miraculoſas batalhas. (15).

(15) *Leyaõ a Chronica deſte Rey*

Mas com que eſtou, ſe intento fugir à extençaõ na eſcrita? Tem os curioſos em as Chronicas de Portugal o aſſumpto deſte capitulo verificado, ſe quizerem ler com admiraçaõ as repetidas Conquiſtas feitas por Monarcas de Portugal, naõ ſó ecclipſando tantas vezes as Luas Ottomanas, mas triunfando do barbariſmo nas quatro partes do Mundo com a mayor honra da Religiaõ Chriſtá, e dilataçaõ da Fé.

Por outro modo naõ menos excellente honràraõ outros excelſos Monarcas Luzitanos (com utilidade eſpiritual) a Religiaõ Chriſtã, naõ ſó mandando repetidas vezes Miſſionarios às ſuas Conquiſtas a enſinar, e inſtruhir na Evangelica doutrina, mas ainda a propagar noſſa Santa Fé, aos que na cegueira do gentiliſmo lhe faltaſſe eſta Divina luz, do que eu em peſſoa poſſo ſer boa teſtemunha, pois a eſta inclita, ainda que ardua empreſa fuy mandado, deixando duas Naçoens de Gentios barbaros, e brabos, jà totalmente ſogeitos, pelo zelo de hum taõ Catholico Rey. Lar-

Largo campo ſe eſtava agora repreſentando ao meu diſcurſo na ponderaçaõ de infinitas acçoens Catholicas que em honra da Religiaõ Chriſtã tem feito em ſua vida (que por muitos annos a logre) noſſo Auguſtiſſimo Monarca exiſtente o Senhor Rey Dom Joaõ V. jà no reſpeito com que trata os Sacerdotes, naõ conſentindo que algum diante de ſua Regia Peſſoa ajoelhe; jà no cuidado que tem em que as Religioens ſe reformem; jà no zelo Catholico de que os Moſteiros de Freiras ſe naõ profanem; jà na inclinaçaõ affectiva, e devoçaõ cordeal aos Altares, e Templos Sagrados, naõ reparando em as mayores deſpezas no culto Divino, ſó para que Deos ſeja com a mayor perfeiçaõ louvado, e com a mayor honra accidentalmente engrandecido,

Bem ſe verificaõ eſtas acçoens de ſeu Catholico zelo, e generoſo animo (entre outras infinitas que naõ repito) na famoziſſima Prociſſaõ de Corpus que inſtituhio, na magnificencia, e Eccleſiaſtica pompa da Santa Igreja Patriarcal que eſtabaleceo, e na ſumptuoſiſſima fabrica do Regio Convento, e Santa Bazilica Mafrenſe que fundou, naõ reparando em mais de quatorze milhoens de deſpeza, * ſendo todo o ſeu intento querer que Deos foſſe com a mais activa perfeiçaõ louvado, e ſua Religiaõ Catholica tiveſſe a mayor honra. Neſta materia fuy eu jà extenſo em outra occaſiaõ, quando fuy mandado eſcrever a funçaõ toda, e ſuas protentoſas

* *Hoje que pela occupaçaõ em que o A. ſe acha neſte Real Convento, e obſerva a precioſidade, e magnificencia que nelle ſe contem, entende que a deſpeza referida talvez ſe duplicou, com o que tem concorrido.*

toſas occurrencias, ſendo eſta a mayor que todo Portugal, e Europa vio na admiravel Sagraçaõ daquelle Templo; e ſe meus eſcritos naõ ſahirem à luz publica, ſatisfaço-me com a inexplicavel honra de ſe acharem por depoſito em mãos Reaes.

CAPITULO IV.

Moſtra, que com actos internos da vida eſpiritual deve indifferentemente qualquer Catholico honrar a Deos, fugindo de o offender com a torpeſa dos vicios. Applicaõ-ſe por ſaudaveis remedios penitencias, e jejuns. Apontaõ-ſe os modos, e inſtituhiçoens que antiguamente ſe praticàraõ.

NAõ conſiſte ſó nas acçoens, e operaçoens externas a eſſencia de hum Catholico perfeito; porque podendo-ſe reputar muitas como virtudes moraes, eſtas ſe diviſávaõ em Gentios, a quem a luz da Fé faltava; mas he precizo ao perfeito Chriſtaõ, que com animo puro, e ſincero ſeja o meſmo que parece, amando interiormente com todos os affectos da ſua Alma a Deos, e cuidando de andar na ſua preſença ſem admittir os vicios, inimigos capitaes da vida eſpiritual.

Bem conheço que a malicia humana, e propria fragilidade mais ſe facilita com propençaõ à vida licencioſa, do que ſe inclina aos apertos de huma eſpiritual vida, appetecendo os alivios mais que as mortificaçoens; porèm he certo por experiencia obſervada que ſe o Chriſtaõ ſe naõ eſquece de ſi, e de Deos ſe lembra, todas as mortificaçoens

ficaçoens por amor de Deos lhe ſaõ alivio, e todas as laxidoens perigoſas à ſua Alma, lhe ſaõ tormento.

Sempre Deos ſe acha propicio para acudir com ſufficientes auxilios ao peccador que deſpois de qualquer lapſo ſe arrepende; mas quer tambem que o peccador faça de ſuas culpas penitencia, que ſe antes de as cometer baſtaria a eſpiritual, mortificando activamente todas as ſuas paixoens, e ſentidos, depois de cahir ſaõ ſaudaveis remedios os jejuns, e penitencias, porque precizas para alcançar de Deos miſericordia

Para os meſmos Gentios terem propicias ſuas fabuloſas Deidades, e tambem para applacarem a ira de ſeus Deoſes, faziaõ antiguamente, e muitos ainda hoje, penitencias indiziveis; porque os Indios Occidentaes, como conſta da Relaçaõ do novo Reino de Granada do anno 1643. coſtumavaõ fazer hum convite em que ſe embriagavaõ com exceſſo, e em obſequio de ſeus Deoſes ſe nomeava hum, que voluntariamente poſto nù em pè entre os de mais, todos às dentadas lhe tiravaõ pedaços de carne, e comendoo aſſim vivo em quanto a tinha, lhe deixavaõ em fim os oſſos esburgados. (1)

(1) *Na Relaçaõ do novo R de Granad. pag. 107.*

Outros barbaros Indianos chamados Biſſanareſſos coſtumaõ levar pelas ruas da Cidade todos os annos o principal Idolo de ſeu Deos, e para lhe darem obzequioſo culto com acçoens de penitencia ſe lançavaõ por terra huns eſperando a fortuna de que por ſima

ſima do ſeu corpo paſſem as rodas da triunfante carroça em que vay collocado o Idolo, e outros tem pela mayor fortuna em que abertos forames no ſeu corpo, poſſaõ hir por elles enfiados naquellas cordas (2) entendendo naõ podem fazer mais grato ſacrificio a ſeu Deos.

(2) *Nicoló de Conti.*

Os Abiſſins na Ethiopia que adoraõ por Deos ao ſeu Rey, ſe eſte por algum incidente perde hum olho, ou quebra alguma perna, elles fazem o meſmo voluntariamente a ſi, e quando morre o tal Rey reputado por elles Deos, muitos ſe mataõ a ſi, e os mais ſe envergonhaõ muito de ficar com vida, vendo ſem ella ao ſeu Deos. (3) Os Perſianos, os Scithas, os Pados, os Dragolas, os Giavos, os Ormuzios, os Arabios, e outras muitas Naçoens gentilicas tinhaõ diverſos modos de penitencia para terem benevolos os ſeus Deoſes, modificandolhe a ira, e merecendo ſeus auxilios; huns tinhaõ por ventura enterrarſe vivos nos alicerces em que ſe erigiaõ templos a ſeus Deoſes; outros lançavaõ-ſe vivos no fogo em ſacrificio, outros ſe percepitavaõ nos rios, outros com ferros deſpedaçavaõ as proprias carnes; e finalmente faziaõ outros ſemelhantes deſatinos. (4)

(3) *Luca de Liuda trat. delli Tapuij*

Eſtas imprudentiſſimas penitencias naõ aconſelho eu aos Catholicos, ſó para confuſaõ propria lhas proponho, ſervindolhe de eſtimulo o que os Gentios (que tambem eraõ homens) obravaõ, para merecer a gra-

(4) *Ludovico Bartemo. Marco Polo. Menochio. Gaſparo Nuguz. Pietro de la Valle. Juan Botero. Giovani Felic. Aſtolfo.*

ça benigna de ſeus Deoſes, animando-ſe aſſim com a luz da Fé os que eſtaõ no gremio do Chriſtianiſmo a fazer alguma penitencia por ſuas culpas, pois ſem eſta (como as Letras Sagradas em muitos lugares verificaõ) tem a ſua ſalvaçaõ muito arriſcada, e com ella podem merecer a Divina Graça tendo a Miſericordia de Deos ſempre propicia. (5)

(5) *Jerem. D. Hieron. & com.PP. & DD.*

Entre as penitencias que na Chriſtandade ſe praticaõ, he o jejum huma penitencia ſuave, e ſaudavel. Foy Chriſto para exemplo noſſo o primeiro que na Ley da Graça o inſtituhio, e em ſi proprio o obſervou; à ſua imitaçaõ o fez S. Pedro, e mais Apoſtolos Sagrados; muitos diſcipulos tiveraõ, e a Igreja por determinaçaõ de ſeus Pontifices o eſtabeleceo. (6)

(6) *Math. 26. S. Ignatius M. Epiſt. 8. Origin. hom. 10. in Leviticum. Baron. an. Dom. 57. n. 202.*

O jejum (ſabe o Leytor entendido) que deſde o principio do Mundo, e todo o tempo da meſma Ley da natureza foy, por ſeu modo, praticado. Adam foy o primeiro a quem Deos o poz como preceito, quando da arvore vedada lhe prohibio comeſſe os pomos (7) e S. Ambrozio entende que no ſexto dia da creaçaõ do Mundo foy eſte Divino preceito com univerſalidade intimado (8) ſendo eſte o preceito primeiro que Deos poz em o Mundo, e nos primeiros ſeculos ſe obſervou, de que moſtra o Texto cabal prova em Noè, Mouſés, Elias, e outros muitos: tambem os Ninivitas (9) e dizem ſe chama eſte modo de penitencia

(7) *Geneſ.*

(8) *Ambroſ. in lib. de jejun.*

(9) *Sacra Pag. in mult. loc.*

jejum,

jejum, porque segundo Cornelio Celso tem este mesmo nome huma certa tripa que ha no estomago, a qual nunca està repleta do alimento que a creatura come, porque se o recebe, logo aos intestinos o destribuhe. (10)

(10) *Cornel. Cels. lib. 4.*

Mas tornando nòs à Ley da Graça, em cujo tempo falavamos, achamos nos PP. e DD. que dos Apòstolos proviera o costume de jejuar com especialidade as quartas, e sextas ferias (11) no que Clemente Alexandrino descubrio misterio (12) na Igreja Oriental se prohibio o jejuar com especialidade nos Sabbados, e Domingos, que tambem alguns usavaõ (13) e nos Cannones Apostolicos se acha a mesma prohibiçaõ, exceptuando sò Sabbado Santo (14) o fundamento que para isto houve, foy occasionado pelas insolencias de Simaõ Mago, Saturnino, Menandro, Carpocrates, e Bazilides (15) mas como o fogo das suas herezias se extinguio logo pelos motivos que S. Agostinho, e Cassiano apontaõ, o jejum do Sabado se innovou (16) como consta dos Concilios (17) mas o do Domingo deixou prohido o Papa Telesphoro, e S. Gregorio Papa fez o mesmo, como tambem Melchiades Papa.

(11) *S. Ignatius Epist 8. Origenes Hom. 10. in Leviticum. Tertul. advers. Psycheos c. 14. Baronius an. 57. num. 202.*

(12) *Clem Alex. lib. 7. Stromat.*

(13) *S. Ignat. Ep. 8. Azor Instit. Mor. l. 7. c. 26. q. 3.*

(14) *Cannon. 55.*

(15) *S. Epiphanius heres. 21. usque 28.*

(16) *D Augnst. Ep. ad Casulanum 86. Cassian. collat 3. cap. 10.*

(17) *Conc Eliberinum. Conc. Agathense.*

O jejum das quatro Temporas he tradiçaõ dos Apostolos, como affirmaõ Calixto I. e Leaõ I. Pontifices Romanos; e tambem o do Advento do Senhor; que o da Quaresma sabido he foy o mesmo Christo quem o insti-

instituhio. (18) O jejum das Vigilias dos Santos atribuem huns a S. Gregorio Papa, e outros ao Concilio Cabilonense. (19) O jejum do Sabbado admitio a Igreja à honra de N. Senhora; o dos Domingos, e segundas innovàraõ os Manicheos (20) e os Farizeos observavaõ nas segundas, e quintas ferias jejuavaõ. (21) A quem naõ pòde observar a formalidade de jejum que a Igreja por determinação dos Concilios pratica, aconselha Origenes que ao menos jejuem de todo o peccado, não recebão o manjar da malicia, não gostem as viandas do deleite, nem toquem o vinho da lascivia.

(18) *S. Math.*

(19) *Conc. Cabilonense in Decret.*

(20) *S. Leaõ Papa ser. 4.*

(21) *S. Hyeronim. Epist. 28. & 97.*

CAPITULO V.

De algumas virtuosas acçoens, e exercicios utilissimos à vida espiritual. Prova-se o quanto esta he estimada de Deos, para credito da Religiaõ Christã. Mostraõ-se sucessos infelicissimos de Principes que a naõ estimàraõ, e a perseguiraõ.

QUazi infinitos saõ os excercicios, e virtuosissimas as acçoens que em si contem a vida espiritual, principalmente sendo ajustadas à recta razaõ, e norma prudencial de quem as saiba dirigir, sendo de todos o melhor modo, que basta seja Deos quem as conheça, porque das exterioridades julgaõ os mundanos como querem, pois vem que muitas pessoas affectaõ exteriores acçoens em que parece se rediculaõ, fazendo outras pela distinçaõ que de si fazem, se prezumatem

tem jactancia no que obraõ. (1)

(1) *Joan. de Avila. Lysieux Philosoph. Christ.*

Tantas saõ as acçoens, e exercicios da vida espiritual, que na ponderaçaõ de suas solidas doutrinas parece que o animo desmaya em as seguir, antes que as possa executar; e expoem-se se quizer abraçar todas, a naõ poder com perfeiçaõ conseguir huma. De todas he o exercicio da Santa Oraçaõ a baze fundamental: e podendo aquella ser mental, vocal, ou mixta, pela mental com especialidade se eleva tanto a Creatura, que ou na via purgativa, ou na illuminativa, ou na unitiva, pòde extrahir para si espirituaes augmentos, e alcançar de Deos estupendissimos favores. (2)

(2) *Alonço Rod. Adeodato Cont. Fr. Luis de Gran. Fr. Mart.*

Christo no seu S. Evangelho aconselha que o bom Catholico se retire ao interior da sua casa, e fechada a porta ore a seu Eterno Padre; e os Padres insinuaõ que para a boa disposiçaõ saõ utilissimas seis partes, ou circunstancias que devem concorrer: Liçaõ, Preparaçaõ, Meditaçaõ, Acçaõ de graças, Offerecimento, e Petiçaõ; mas naõ repugna isto a que sem taes circunstancias, fóra de casa, na rua, na praça, no campo, e em qualquer serviço occupada a Creatura, possa mentalmente orar, ainda naõ estando em os Sagrados Templos de JESU Christo. (3)

(3) *Math. 6. 6. Henriq. Arpio. Alma instruida. Arbiol.*

Este he o Santo exercicio com que as acçoens internas, e externas da Creatura se sabem dirigir a Deos seu Creador, jà com o reconhecimento do muito que a este Senhor devemos pelo beneficio da Creaçaõ, Concervaçaõ,

vaçaõ, e Redempçaõ: jà para que lembrandonos concideradamente o muito que por nòs padeceo Chriſto, nos animemos a padecer tambem por ſeu amor: jà por nos vermos fortificados por aquelle meyo para deſterrar de nòs todos os vicios, e abraçar as virtudes todas: jà por merecermos ſer fortificados na Fé, Eſperança, e Caridade: jà para animoſamente nos vencermos, ſem que em alguma operaçaõ ſe ſogeite o eſpirito à carne: jà para o claro deſengano da ligeireſa da vida, e infalibilidade da morte: jà para bem podermos diſtinguir o temporal do eterno: jà para nos animarmos a deligenciar o premio ſem cahir na infelicidade de merecer o caſtigo: jà para deſprezar os deleites, e glorias do Mundo, ſuſpirando ſó pelas glorias, e delicias do Ceo. (4)

(4) Poente. Ludovic. Bloz. S. Thereza de J. Euzeb. Nemb. P. Bernard. Arbiol.

He muito util aos exercicios deſta vida a liçaõ dos livros eſpirituaes (ſem que ſe deixe a obrigaçaõ pela devoçaõ) a aſſiſtencia aos Santos Sacrificios da Miſſa, e cuidado de ouvir a palavra de Deos com atençaõ proveitoſa; a frequencia nas Confiſſoens, e Communhoens, mas naõ tanto a miudo que inconcideradamente o faſſaõ por uſo, ou coſtume, indo para a menza da Sagrada Communhaõ com a meſma facilidade que o official mecanico para a logea: devem muito conſiderar o ajuſtado da conciencia, e a pureſa da Alma que he preciſa para receberem em ſeu peito o Diviniſſimo Sacramento, ſem incorrerem na ſentença do

Apoſtolo,

Apoſtolo, o qual diz que quem recebe indignamente o Corpo de Chriſto, recebe a condennaçaõ eterna. (5)

(5) *Joſeph Lopes na Lucerna Miſtica. Fr. Luis de Gran. Alonço Rodr. Barthol do Quent. Ad Coronth.*

Sabido he que foy Chriſto, e logo ſeus Apoſtolos Sagrados os primeiros Inventores, e directores primeiros da vida eſpiritual, ſendo o meſmo Chriſto quem no Horto enſinou primeiro a orar, e deſpois no Cenaculo inſtituhio o Eucariſtico Sacramento, deixando aquelle Senhor eſte nectar taõ Divino para eſpiritual ſuſtento dos que verdadeiramente o amaõ, ficando aſſim de Deos muy queridos, e eſtimados; e ſupoſto ſe deva fazer juizo que mais o amaõ aquelles que mais ſe chegaõ, olhem que tem mil perigos eſta eſpiritual vida, e lhe concidero tanto utiliſſimas quanto frequentiſſimas as Communhoens eſpirituaes. (6)

(6) *Math. Joan. Cum Sequela PP. & DD.*

Tanto eſtima Deos, e correſponde amante aos que o ſeguem, e buſcaõ em a vida eſpiritual, quanto aborrece, e caſtiga aos que ſe lhe oppoem, e perſeguem; porque como a Piedade, e a Juſtiça ſaõ em Deos atributos iguaes, he bem que cada hum receba como merece; e como nos Principes, e Senhores he mayor a culpa, porque mais eſcandaloſo o erro, apontarey caſtigos de Deos experimentados por quem commeteo tal culpa. (7)

(7) *Henriq. Arp. Ludovic. Bloſ. Com. Theolog. Fr. Luis de Gran.*

Domicio Nero que foy o primeiro Principe Romano que quiz eſtorvar a doutrina dos Apoſtolos, e a alguns mandou tirar a vida, vio-ſe por caſtigo de Deos preci-

ſado

ſado a pedir que lhe tiraſſem a propria, experimentando oprobrios. Domiciano por ſemelhante culpa foy caſtigado de Deos, permitindo que ſeus proprios Camariſtas o mataſſem, dandolhe ſete punhaladas. Vario Eliogabalo foy com deſprezo lançado em o lugar mais immundo, e extrahido ſeu cadaver foy botado em o Tevere para nem ficar delle memoria. Julio Maximino foy prezo por ſeus meſmos Soldados, que executando nelle acçoens muy vìs, lhe tiràraõ afrontoſamente a vida. (8)

(8) *Pier. Valer. Plutarc. Aſtolfo. Emilio Probo. Dioniſ Cartuz.*

Valeriano ſendo vencido por Sapor, Rey de Perſia, foy metido em huma gayola de ferro, e deſpois ſervio de eſtribo para nelle pôr ſeus pès o Rey vencedor. Maximiano chegou por juſto caſtigo de Deos a tal miſeria, que os bichos o comèraõ vivo, dandolhe muy cruel morte. Licino que perſeguio a Conſtantino Magno, foy morto às eſtocadas pelos ſeus. Juliano Apoſtata infame perſeguidor do nome de Chriſto querendo confundir com a renovaçaõ de huma infame ſecta os que ſeguiaõ a vida eſpiritual, foy caſtigado por Deos com peſte, em ſupplicio da ſua inſolencia, reſplandecendo ſempre a Miſericordia, e a Juſtiça Divina, conforme os merecimentos. (9)

(9) *Raviſo. Cornel Tacit. Donato. Egeſippo. Apollodor.*

CAPI-

CAPITULO VI.

Dos Hereziarcas, hereticos inventores de pernicriozas doutrinas, e Sectarios que no Mundo tem havido naõ só antes da vinda de Christo, mas nos primeiros quatro Seculos depois. Tocaõ-se os pontos principaes de seus erros condennados.

AFfirma S. Epiphanio que antes de intentarem os homens aquelle louco edificio da Torre de Babel, de que se lhe occasionou talvez a confusaõ das linguas, naõ houvera herezia, secta, nem dissençaõ em opinioens (1) e só depois que se ouvio multiplicidade de linguas, he que os erros destas principiàraõ.

(1) *S. Epiphan lib. 1. adversus hereses cap. 5.*

Antes do Nascimento de Christo.

Houve vinte herezias, ou sectas, que todas se reduzem a estas mais principaes: Barbarismo, Scythismo, Helenismo, ou Grecismo, Judaismo, e Samaritanismo.

O Barbarismo principiou dos filhos de Adam por dez geraçoens, e perseverou atè o tempo de Noè, intentando seus professores pôr Leys à morte, e assinalar termos à vida, de que naõ conheciaõ autor certo.

O Scythismo durou do tempo de Noè atè a distruiçaõ da torre, e dahi a poucos annos se extinguio.

O Helenismo principiou no tempo de Sercucho, e aqui teve principio o culto dos Idolos, e se originàraõ as superstiçoens, cultos, e ritos. Dividio-se o Helenismo em duas sectas: Pythagoricos, e Platonicos, de

que naſcèraõ os Peripateticos; Clemente Alexandrino (2) diz que em quatro, pondo tambem os Stoicos, e Epicuros.

(2) *Clem. Alex.*

O Samaritaniſmo teve huma Religiaõ mixta do Judaiſmo, e Gentiliſmo; e ſe dividiraõ ſeus profeſſores em quatro Sectas, como ſegue Tertuliano (3) Gothenos, Seveos, Eſſenos, e Daſitheos.

(3) *Tertulian.*

Os Judeos, ou judaiſmo ſe dividio em ſete Sectas.

1 Eſcribas peritos na Ley, e tradiçoens recebidas de ſeus mayores, eraõ obſervantes, mas ſuperſticioſos.

2 Farizeos, que affectavaõ vida Santiſſima com preſumida excellencia aos mais: obſervavaõ as tradiçoens dos antigos, guardavaõ continencia atè certo tempo, jejuavaõ, lavavaõ muitas vezes os corpos, e os ſeus veſtidos ſe differençavaõ muito dos demais.

3 Saduceos, que tivèraõ em Sadoc o ſeu principio, negavaõ a reſſurreiçaõ dos mortos, e que havia Anjos, e Eſpiritos.

4 Hemerobaptiſtas, que naõ differiaõ dos Judeos, mais que em ſeguir naõ ſer merecedor de eterna vida, ſe naõ o que cada dia ſe lavaſſe.

5 Oſſenos, que tudo faziaõ quanto na Ley eſtava eſcrito, mas punhaõ additamentos ſeus às Eſcrituras, e negavaõ alguns dos poſteriores Profetas.

6 Nazareos, que prohibiaõ o uſo das carnes, naõ comiaõ couſa animada, naõ eſta-

vaõ

vaõ pelos ditos de alguns Profetas, e repugnavaõ os Patriarcas, de que trata o Pentateuco, dando só credito a Abraham, Izaac, Jacob, Mousés, Aram, e Josuè.

7 Herodianos, os quaes seguiaõ que Herodes era Christo, e lhe applicavaõ a veneraçaõ, e nome que a Christo se tributava; os ultimos foraõ Theodas Judeo, e Judas Galileo: do primeiro se faz mençaõ nos Actos dos Apostolos (4) o qual se jactava ser Profeta, e dizia ter poder para dividir as aguas do Jordaõ, e suspender suas correntes. Do segundo faz memoria Jozefo, (5) o qual ensinava deviaõ ser extinctos todos os magistrados dos Judeos, e que a hum só Deos por Senhor, e Rey se havia conhecer.

(4) *Actor. 5.*

(5) *Joseph. de Bello Judaico lib. 3.*

Todos os erros supraditos que houve antes da vinda de Christo, se naõ devem suppôr, e appellidar tanto herezias, quanto dissertaçoens vans, e erroneas sentenças da verdade, ou Religiaõ.

Nota.

Dos que houve nos primeiros quatro Seculos despois de nascido Christo.

SECULO I.

Simaõ Mago (diz S. Epifanio, (6) que foy o primeiro, e primeiras que todas as suas herezias; delle se faz mençaõ nos Actos Apostolicos (7) e foy baptizado por S. Felippe. Vendo que pela imposiçaõ das mãos dos Apostolos se dava o Espirito Santo, quiz precizar aos mesmos Apostolos que por dinheiro lhe concedessem a mesma virtude de conferir a propria graça, e naõ

(6) *D. Epiphan.*

(7) *Actor. 8.*

 conse-

conſeguindo eſte impoſſivel.

1 Entregou-ſe à arte Magica, e por virtude do Demonio enganou a muitos.

2 Enſinou que elle era Deos, o qual em Samaria apparecera com o Padre, em Judea com o Filho, e nas gentes com o Eſpirito Santo.

3 Affirmava que Deos naõ criàra eſte Mundo.

4 Negava a Reſſurreiçaõ da carne.

5 Perſuadia a que indeferentemente ſe havia uſar das mulheres; e de huma por nome Elena que apropriou a ſi, fabulou mil inſolencias hereticas. (8)

Os Pſeudo-Apoſtolos; de tal ſorte recebiaõ de Chriſto o Evangelho, que praticavaõ ſer a obſervancia da Ley neceſſaria para a ſalvaçaõ. Contra eſtes ſe juntou o primeiro Concilio dos Apoſtolos em Jeruſalem. (9) Deſte numero ſe eſcreve foraõ os Thebucianos, os Cleobanos, Doſitheanos, Gortheanos, e Masbotenos. (10)

Os Nicolaitas, deſtes ſe faz mençaõ no Apocalipſe (11) tiveraõ por cabeça a Niculao, hum dos ſete Diaconos, como ſe diz. (12)

1 Eſte praticou que qualquer homem pudeſſe licitamente uſar da mulher que quizeſſe, e appeteceſſe. Niſto houve grande Secta.

2 Que o Mundo naõ fora feito por Deos.

3 Que outros certos Principes, cujos nomes horrendos expreſſava para occaſionar terror,

(8) *Vide Fraſen. tom. 2. Theolog. in Ind. Hæreſ.*

(9) *Actor. 15.*

(10) *Nicephorus ex Egeſipo.*

(11) *Apoc. 2.*

(12) *Apud D. Auguſtinum.*

terror, foraõ os que tinhaõ formado o Mundo.

Alexandre, Himeneo, e Phileto descahiraõ da Fé.

1 Ensinando que naõ havia ressurreiçaõ alguma.

2 Que as ceremonias Moisaicas se deviaõ observar. (13)

(13) Thimot. 1. 1.

Hermogenes, e Phigelo com os Azianos foraõ Schismaticos todos, e cahiraõ em muitos erros.

Os Menandrios de Menandro discipulo de Simaõ Mago.

1 Ensinava que elle era a força de Deos mandada do Ceo para a salvaçaõ do genero humano. (14)

(14) Tertul. lib. de praesc. cap. 46.

2 Que elle tinha sogeito a seu mando as Angelicas virtudes que edificàraõ o Mundo. Em o mais naõ defiriaõ de seu iniquo Mestre.

Os Nazarenos confessavaõ a Christo por Messias, e Filho de Deos; mas affirmavaõ, e deffendiaõ que com a mesma Ley de Christo se havia observar em tudo a mesma Ley de Moisés.

Os Cerinthianos de Cerintho, ou Merintianos de Merintho.

1 Diziaõ que o Mundo fora feito pelos Anjos.

2 Que a Circuncizaõ se havia observar.

3 Que o Testamento velho se havia guardar inviolavel.

4 Que JESU Christo fora só homem.

5 Que naõ ressuscitàra ainda, mas havia ressuscitar.

6 Que

6 Que mil annos depois de se acabar o Mundo, nos quaes os escolhidos haviaõ reinar com Christo, se haviaõ entregar aos appetites corporeos.

1 Os Ebronitas affirmavaõ que Christo fora só homem.

2 Que os Mandamentos da nossa S. Ley se haviaõ guardar ao modo errado que elles observavaõ, que era o Judaico. S. Lucas os condenou na Igreja Anthioquena.

Os Bazilidianos de quem foy cabeça Bazilides seguiaõ.

1 Que havia 365. Ceos, para que com seu numero se constituhisse o numero perfeito dos dias de cada hum anno.

2 Que o Author destes Ceos era hum Deos chamado Abcazas.

3 Que este Mundo, e o homem naõ fora feito por Deos, mas sim pelo trecentessimo sexagessimo quinto Ceo.

4 Que Christo S. N. naõ fora crucificado pelos Judeos, mas que em seu lugar fora posto na Cruz, Simaõ Cyrineo que a ajudou.

Herisiarcas do segundo Seculo.

OS Saturninos de Saturno discipulo de Menandro.

1 Affirmavaõ que o Mundo fora creado *præter scienciam Dei Patris* por sete Anjos, os quaes entre si unidos compuzeraõ a fabrica do homem à semelhança da quella suprema virtude em que elles mesmos se deleitavaõ.

2 Que vendo o naõ podiaõ aperfeiçoar, estava

eſtava jà o homem concebido com exiſtencia como de hum bixinho ſem ſe poder levantar, entaõ aquella virtude celeſte o atendeo como perfeita imagem ſua; e communicandolhe a ſua força o erigio com vida.

3 Que hum daquelles Anjos fora o Deos dos Judeos, que como os outros desfalecèra na virtude, e por iſſo de commum concelho de Deos Padre fora elle dito Saturnino mandado para ſeu director, havendo de ſalvar os que nelle creſſem.

4 Que as vodas eraõ inatendiveis como pelo Demonio inventadas.

5 Que ſe deviaõ abſter os homens de comer animaes viventes, para aſſim voarem mais ligeiros ao Ceo.

6 Que as Profecias foraõ humas feitas pelo Demonio, e outras pelos Anjos fabricadores do Mundo, aos quaes, e ao meſmo Deos dos Judeos reziſtira Sathanàs.

Carpocrates Filozofo mui ſabio, diſſe.

1 Que Chriſto fora mero Homem, naſcido de Maria, e Jozè.

2 Que o Mundo naõ fora feito por Deos.

3 Que nada era mao por natureza, ſim ſó por opiniaõ.

4 Que os Anjos maos ſe aplacavaõ com os peccados da torpeza.

5 Que as mulheres deviaõ ſer communas para todos.

6 Que as Almas hiaõ de huns para outros corpos, para mais peccar.

Os Valentinianos de Valentino, proferiraõ

raõ mil diſparates fabulozos, e hereticos, que naõ repito: entre os erros principaes.

1 Seguiaõ que Chriſto vivera com corpo Celeſte, e nada de Maria.

2 Que do 30. ſeculo fora gerado o Diabo, e delle naſcèraõ os outros.

3 Que naõ havia reſſurreiçaõ da carne, e ſó a Alma, e Eſpirito he que recebiaõ de Chriſto a ſalvaçaõ. (15)

Os Secundianos, Ptolomeos os ſeguiraõ diminutos. (16)

Os Heraclianos, e Colabarſinos os reiteràraõ. (17)

Os Ophitos denominados a *Colubro*, pois Ophis (*grece*) he cobra.

1 Diziaõ que Chriſto fora a cobra, que enganàra Adam, e Eva.

2 Adulteravaõ com huma cobra as adoraçoens a Euchariſtia.

Os Caianos davaõ culto a Caim; e a Judas Iſcariotes, a quem atribuhiaõ alguma divindade, julgando haver predeſtinaçaõ na entrega para o fim da ſalvaçaõ humana; e daqui

1 Blasfemavaõ noſſa Santa Ley.

2 Negavaõ a Chriſto ſeu Author; e a reſſurreiçaõ da carne.

Os Setianos, Anticatas, Abelianos, ou Abeloitas, e Peratas tiveraõ varios erros; os ultimos que Chriſto tinha tres corpos.

Os Arconticos, Marcioniſtas, e Apellitas alguns erros graves tiveraõ. Os ultimos diziaõ que Chriſto aſſumira carne humana dos

(15) *Tertul. impug. & Zachæus Cæſarienſis anathematiſavit.*

(16) *Diodor. Ep. Cretenſ. damnavit.*

(17) *Clemens P. punivit. S. Theodor. Epiſc. ultimos anathematiſavit.*

dos Elementos, outra vez lha reſtituhira quando ſubio para o Ceo, adonde entràra ſem ella. (18)

Os Cerdonianos 1 Negavaõ que o Deos da Ley, e dos Profetas era bom, nem foſſe Pay de Chriſto, mas que o Pay de Chriſto era bom.

2 Que Chriſto naõ naſcera de mulher, nem padecèra, e tudo o mais que nòs ſeguiamos, e tinha a Fé, era huma mera ficçaõ. (19)

Os Severianos negavaõ a reſſurreiçaõ da carne, &c.

Os Tacianos, e Engratitas, negavaõ o Sacramento do Matrimonio. (20)

Os Cathaphriges negavaõ haver tres Peſſoas na Trindade Santiſſima, e ſeguiaõ não haver mais que huma ſó peſſoa na Trindade; iſto entre outros muitos erros que S. Jeronimo, e S. Agoſtinho lhe apontaõ. (21)

Os Pepuzianos dizem haver duas Igrejas. (22)

Os Artotiritas e Quartodecimanos tem erros rediculos. (23)

Os Adamianos andavaõ ſempre nùs como Adam, e negaõ o Santo Matrimonio.

Os Helcezeos adoravaõ duas mulheres por Deoſas.

Os Thedotianos affirmavaõ que Chriſto era ſó Homem. (24)

Os Melchizedechianos diziaõ que Melchizedec naõ fora homem.

Os Bardeſſanitas diziaõ que a Creatura da Alma era boa, mas que a da carne era mà. (25)

(18) *Diodor. Arcoticos condemn. Tertul. Marcion. convicit.*

(19) *S. Apolonius damnavit.*

(20) *S. Epiphan. conv. Idem ibi.*

(21) *D. Auguſt. D. Hyeron. Ep. 54. ad Marcelam.*

(22) *Apolon. Ep. Convicit.*

(23) *Dioniſ. Epiſc. & Victor Roman. damnavit.*

(24) *Dioniſ. Epiſc. refutavit.*

(25) *Teocritus convicit.*

Os Noecianos, que Christo he o mesmo Pay, e Espirito Santo. (26)

(26) *Hos Traquilus Episcop.*

Os Valezios castravaõ-se a si, e aos seus hospedes: tinhaõ mais erros. (27)

(27) *Istos Synodus Achaia damnav.*

Os Catharos naõ admitiaõ segundas vodas; e negavão a Penitencia. (28)

(28) *Cornel. Episc. refutavit.*

Os Angelicos ensinavaõ se devião adorar os Anjos. (29)

(29) *Istos Theophilus Episcop.*

Os Apostolicos viviaõ com ritos separados da Igreja. (30)

(30) *De his. S. Augustinus.*

Os Sabelianos, e Praxeanos, ensinavão haver huma Pessoa só em Deos, e que essa mesma he Padre, Filho, e Espirito Santo.

Os Origenarios discipulos de Origenes, deffendião o peccado nefando.

Outros Origenarios, ou Adamancios 1 Negaõ a ressurreiçaõ futura dos mortos; dizem que o Espirito Santo fora Creatura; e entendem não haver Ceos mais que só por allegoria. Tem mais erros. (31)

(31) *Apud D. Augustinum.*

Os Paulianos, que Christo não fora mais que homem, e só tivera principio desde o tempo em que nascèra de Maria.

Os Manicheos, ou Manes Persa, pois Manicheo lhe chamàraõ os seus Discipulos, teve muitos, e gravissimos erros em a Fé.

1 Negavaõ a Santissima Trindade.

2 Dizião haver dous principios coeternos; hum bom, outro mao.

3 Repudiavaõ o antiguo Testamento.

4 Negavaõ que Christo verdadeiramente padecèra.

5 Proferiaõ blasfemias contra a pureza da Senhora.

6 Dizia

6 Dizia que o peccado era a ſubſtancia do homem.

7 Chamava-ſe a ſi Chriſto, e Paracleto, &c.

Meleſſio interpolou os dogmas de Novato; foy hereje.

Os Meleſſianos ſeus Sectarios tiveraõ uniaõ com os Arianos.

Os Hierachitas de quem foy author, e meſtre Hieraca.

1 Negavão a reſſurreiçaõ da carne.

2 Recebem a ſi todos o que não cazaõ, cuja acção repugnaõ.

3 Deffendem não pertencer os meninos ao Reyno do Ceo, porque naõ ha nelles merecimentos alguns com que os vicios ſe reparem.

DO III. SECULO.

ARio Africano, enſinou que o Filho de Deos era Creatura; porèm não coeterna, e ſubſtancial ao Padre.

Os Donacianos de Donato, ou Donatiſtas, primeiro forão Sectarios, depois herejes; e a eſtes em ſeus erros ſe ajuntàraõ os Circumcelioens inſolentes, grandes homicidas de ſi, e dos outros. (32)

Os Meſſalianos, Euchetas, Euſemitas, Eſpirituaes, e Martinianos, viveraõ com ſeus erros neſte tempo.

Macedonio enſinou que o Filho era em tudo ſemelhante ao Pay, mas que o Eſpirito Santo era Creatura; e que todas as Creaturas tinhaõ alguma parte da eſſencia do Eſpirito Santo. (33)

(32) *Melcchiad. Papa damnavit.*

(33) *S. Damaſus Papa, & Concil Conſtantinop. I.*

Aecio, que o Filho de Deos não era ſemelhante ao Pay.

Apolinar, ou Apolinario, pay, e filho enſinàraõ

1 Que o Verbo Divino encarnàra ſem Alma racional.

2 Que as Divinas Peſſoas naõ erão iguaes.

3 Que o Eſpirito Santo era grande, mayor o Filho, e maximo o Padre.

Os Urcicinos, Autropomorphitas, e Andropianos, foraõ Sectarios, e ſeguiaõ que Deos tinha forma humana; tiveraõ mais.

Os Antidicomaritas negavão a Virginal pureſa da Santiſſima Virgem Maria, proferindo blasfemias indiziveis. (34)

(34) *Theodoretus Episc. contra hoc egit.*

Os Meſſalianos tivèraõ erros muy rediculos.

Os Paternianos enſinavão que as partes inferiores do corpo humano foraõ feitas pelo Diabo, e não por Deos, erão impuros.

Os Tertulios dizião que as Almas dos homens maos ſe convertiaõ em Demonios, ou ao menos em beſtas, &c.

Os Patalorinquitas, em hereticas acçoens ſe rediculavão.

Os Metangiſmonitas contra a Peſſoa do Padre, e do Filho proferiaõ tal blasfemia, que por execranda a não repito.

Os Seleucianos, ou Hemelianos, entre mais herezias

1 Dizem, que a Alma naõ pertence a Deos, nem foy della Creador.

2 Negão que Chriſto ſe acenta à maõ direita do Padre.

3 Negaõ

3 Negaõ o Real Pariso.

4 Naõ recebem com agua o Baptismo.

5 Dizem que a ressurreiçaõ da carne não he futura, e só na propagaçaõ humana em os filhos se verifica.

Os Proclianitas seus Sectarios, negaõ de mais a Encarnaçaõ.

Os Patricianistas, dizem que a substancia da carne humana não fora criada por Deos, mas sim pelo Demonio. (35)

Os Ascitas erràraõ na acçaõ de hum louco disparate.

Os Aquarios fazem na Missa o Calix só com agua, dando frivolas, e sofisticas razoens deste seu erro.

Os Colutianos, e Florianos tivèraõ erros muito loucos.

Os Antidicomarianos, a quem Joviniano seguio, cahiraõ em famosos, e graves erros.

Os Priscilanistas, àlem de outras muitas herezias

1 Ensinavaõ que o corpo mao provinha do Demonio.

2 Negavaõ a ressurreiçaõ dos corpos.

3 Affirmavão que as Almas eraõ substancia de Deos.

4 Que era licito jurar, e perjurar.

5 Detestavaõ o Sacramento do Matrimonio, entendendo que os meninos nelle nascidos naõ pertenciaõ a Deos, só sim os que eraõ, ou fossem concebidos do Espirito Santo.

(35) *Optatus, contra egu.*

DO

DO IV. SECULO

OS Hidroteutas diziaõ, que a agua era Deos; naõ tinha principio nem fim, lavava as culpas, perdoava peccados, e tinha o Eſpitito Santo.

Os Ametritas diziaõ haver innumeraveis Mundos, do que ſe ſeguiaõ grandes erros.

Os Pſycopneumones, diziaõ que as Almas boas dos homens ſe convertiaõ em Anjos, e as dos maos em eſpiritos de Demonios.

Os Adecerditas, que quando Chriſto deſceo aos Infernos, lhe ſahio ao encontro toda a multidaõ de Almas q̃ creraõ, e ſe ſalvaraõ.

Os Nudipedales entendiaõ mal a Ley na deſcalcès. (36)

(36) *De his. S. Auguſtinus.*

CAPITULO VII.

Dos Hereziarcas, Hereges, Sectarios, que houve nos ſeis ſeculos ſeguintes.

NO SECULO V.

PElagio dizia 1 Que ſó elle contrahira o peccado de Adam.

2 Que naõ houvera peccado original algum na ſua poſteridade.

3 Que as oraçoens a Deos eraõ inuteis para o bem obrar, porque eſte ſó dependia do livre arbitrio da humana Creatura.

4 Que a morte naõ era penna do peccado, mas condiçaõ da natureza.

5 Vilipendiava as veſtiduras Sacerdotaes, e Epiſcopaes.

Celeſtio em Africa foy ſeu Sectario.

Vigilancio, 1 diſſe era vã a invocaçaõ dos Santos.

2 Que

2 Que era Idolatria o culto que ſe dava às Reliquias.

3 Reprobava os jejuns, e o Celibato dos Sacerdotes.

Neſtorio, 1 Affirmava haver em Chriſto duas peſſoas.

2 Negava que a Santiſſima Virgem Maria fora Mãy de Deos.

3 Conſagrava, e commungava em paõ fermentado, com duas eſpecies.

Eutiches, além de outras propoziçoens hereticas, enſinou que em Chriſto havia ſó huma natureza. Seguiraõ a eſte Hereziarca muitos Sectarios inſolentes; e foraõ os Monophyſitas, os Tritheitas, Acephalos, Severitas, Julianiſtas, Theodozianos, Contocaptilas, Angleitas, Agnoitas, que ſe dividiraõ em Damianos, Paulianos, e Petreanos. Os Jacobitas, e os Armenios, eſtes diziaõ, e enſinavaõ

1 Que Chriſto naõ encarnàra nas entranhas de Maria.

2 Que Chriſto tivèra corpo incorruptivel no inſtante de concebido.

3 Que por ſi ſó, e por propriedade da natureſa ſe havia adorar.

4 Que em Deos havia quaternidade de Peſſoas.

5 Que a Divindade padecera.

A eſtes ſe ajuntou Pedro Cnafeo, que diſia: toda a Trindade Santiſſima fora crucificada.

Os Pacificantes faziaõ uniaõ entre Catholicos, e Eutiches (37) DO

(37) *Concil. Calcedon. condemnavit.*

DO VI. E VII. SECULO.

OS Menothelitas admitiaõ em Chriſto 1 ſó vontade. (38)

(38) *Concil. Conſtantinopol. 3. damnavit.*

O Mahometiſmo, de que o perfido Mafoma foy Author

1 Enſinava que Deos tinha eſſencia corporea dotada de Alma.

2 Que em Deos naõ havia tres Peſſoas.

3 Que Chriſto naõ era Deos, mas ſó grande, e Santo Profeta.

4 Que naõ padecèra, e aos Judeos ſe offerecèra em ſeu lugar huma fantaſma.

5 Que as ceremonias Moizaicas ſaõ neceſſarias para a ſalvaçaõ.

6 Que as boas obras naturaes merecem a vida eterna.

7 Que a vida eterna conſiſte nos goſtos temporaes.

Teve, e tem ainda infinitos Sectarios.

DO VIII. SECULO.

OS Iconomacos negavaõ a adoraçaõ das Imagens. (39)

(39) *Micæna Synodus 2. damnavit.*

Os Agonyekitas deffendiaõ ſe naõ ajoelhaſſe orando.

Os Aldebertinos, em materia de Reliquias, erràraõ.

Os Albanenſes enſinàraõ

1 Que naõ houvèra algum Juſto antes da vinda de Chriſto.

2 Admitiaõ dous principios, hum bom, e outro mao.

3 Criaõ que Deos naõ previa o mal, e eſte ſe fazia por miniſterio dos Demonios unicamente.

4 Faziaõ

4 Faziaõ o Mundo eterno, e que eternamente duraria.

5 Diziaõ, que não havia algum peccado original.

6 Que Deos naõ creava Almas de novo, mas eſtas hiaõ de huns para outros.

7 Que o juramento de nenhum modo era licito.

8 Que os Sacramentos naõ tinhaõ força alguma ſendo conferidos por mãos dos Miniſtros.

9 Que não havia neceſſidade alguma de ſe confeſſar o homem.

10 Que nenhum homem preverſo podia ſer Biſpo.

11 Que o Matrimonio era illicito.

12 Que nada em a Igreja ſe havia poſſuhir, ſe naõ em commum.

13 Que naõ havia de haver reſſurreiçaõ dos corpos.

Elipando dizia que Chriſto ſó fora Filho adoptivo de Deos.

Os Paulianiſtas, àlem da Secta dos Manicheos que proffeſſavaõ, tinhaõ erros no Baptiſmo, e Santiſſima Euchariſtia. Negavaõ o culto à S. Cruz; regeitavaõ os Sacerdotes, e a ſi chamavaõ Chriſtãos.

DO IX. E X. SECULO.

Goteſcalco, que renovou a herezia dos Predeſtinados

1 Diſſe (àlem do mais) que Chriſto não morrera por todos.

2 Que Chriſto não queria a ſalvaçaõ de todos. (40)

(40) *Concil. Mogunt. cond.*

Y Clau-

Claudio Taurinenſe ſeguio a Secta de Neſtor Jenoclaſta: e Ario

1 Foy fatal inimigo dos Santos.

2 Condenava as peregrinaçoens aos lugares Sagrados.

3 Reputava nullo o Baptiſmo ſem o ſinal da Cruz. (41)

Protho, que ſeguio o Schiſma dos Gregos, renovado quatorze vezes. (42)

Joaõ Scoto (não o Doutor ſubtil) mas o diſcipulo de Beda que apoſtando, diſſe que no Euchariſtico Sacramento eſtava ſó a figura de Chriſto corporal. (43)

(41) *Jonas Epiſc. Aurelianenſis ſcripſit contra.*

(42) *Concil Conſtantinop. 4. cond.*

(43) *Concil. Vercelenſ. cond. Ita Landfrancus Epiſc.*

CAPITULO VIII.

Dos Hereziarcas, Herejes, e Sectarios que tem havido nos ultimos ſete Seculos.

SECULO XI. E XII.

BErengario diſſe, e enſinou aos ſeus Sectarios

1 Que na Eucariſtia ſó eſtava o corpo de Chriſto figurativamēte.

Depois revocando o erro

2 Diſſe que a ſubſtancia do pão eſtava com o corpo de Chriſto.

3 Que os Meninos ſe naõ haviaõ baptizar. (44) Morreu Catholico.

Os Simoniacos introduziraõ a Simonia na Igreja.

Os Bengomilos 1 Negavaõ a Trindade na Divindade.

2 Diziaõ que Deos tinha forma humana.

3 Que o Mundo fora creado pelos Demonios.

(44) *Vincentius Bellovac refert. l. 26. cap. 30.*

4 Que

4 Que às Imagens ſe naõ havia dar culto, nem obzequio.

5 Que o ſeu Baptiſmo, e naõ o noſſo, era de Chriſto.

6 Que a ficçaõ em materias de Religiaõ era licita.

7 Que o Archanjo S. Miguel he o que encarnàra.

Tandeno, ou Tanquelino 1 dizia quê ſó a Fé juſtificava.

2 Que a Eucariſtia era deſneceſſaria.

3 Que a copulaçaõ carnal era licita indiferenter

Os Petrobuzianos tinhaõ com errada doutrina

1 Que o Baptiſmo naõ era neceſſario aos meninos.

2 Que Chriſto naõ eſtava realmente na Eucariſtia.

3 Que os ſuffragios eraõ inuteis aos mortos.

Pedro Abailiardo, entre outros erros, dizia, e enſinava

1 Que o Padre era plena potencia; o Filho certa potencia; o Eſpirito Santo nenhuma potencia.

2 Que o Eſpirito Santo naõ era da ſubſtancia do Pay.

3 Que o Eſpirito Santo era Alma do Mundo.

4 Que Chriſto não aſſumira natureza humana para nos livrar do Demonio.

5 Que não peccàraõ os que crucificàraõ a

 Chriſ-

Christo com ignorancia.

Gilberto Porretano Theologizou com erros a natureza de Deos. (45)

(45) *Conc. Remense cond.*

Os Henricianos seguiraõ o mesmo que os Petrobuzianos.

Os Apostolicos novamente revivèraõ com mais erros.

1 Affirmando que o Matrimonio não era licito.

2 Que os meninos se naõ deviaõ baptizar.

3 Que elles eraõ os Appostolos mandados immediatamente por Deos.

4 Que naõ havia Purgatorio, nem se deviaõ fazer preces por Defuntos.

5 Condenavaõ os effeitos, e essencia de todos os Santos Sacramentos.

Os Valdenses insolentissimos, que existiraõ pelos annos de 1181. negavaõ (unico verbo) e contradiziaõ quasi tudo o que usa, e pratica a S. Igreja Catholica Romana, com mil blasfemias. (46)

(46) *Lucius Papa damnavit.*

Pedro Joaõ hereticamente blasfemou contra a Igreja. (47)

(47) *Guido Carmel, & Bernardus de Lutcemburgo in Catalog. hæresum.*

Almarico contra a Pessoa de Deos teve dez erros conhecidos. (48)

(48) *Rigordus in vita Philippi ref.*

Os Albigenses perseguiraõ a Igreja com opinioens, e com armas. Punhaõ em Deos dous principios coeternos, hum bom, e outro mao, imitando os Manicheos; e proferiaõ outros erros semelhantes. (49)

(49) *S. Antoninus in sum. histor. p. 3. tit. 19. cap. 1.*

DOS SECULOS XIII. E XIV.

GUillelmo de S. Amor, e Deziderio Longobardo inimicissimos dos Religiosos

ſos Mendicantes, aquelle enſinou, que ſó era licito deixar tudo, ſem ſer para iſſo obrigado; e eſte acreſcentou, que não era licito inſtituhir, nem entrar em Religiaõ que naõ tiveſſe poſſeçoens ao menos em commum. Tiveraõ outros varios erros.(50)

Os Traticelos com Dulcicio Navarienſe, proferiraõ varias blasfemias hereticas contra a Santa Igreja Romana. (51)

Os Begardos, e Beguinas, tiveraõ ſemelhantes erros. (52)

Lolardo Gualter diſſe que Lucifer fora injuſtamente condennado por Deos. (53)

Marſilio de Padua, e Joaõ de Janduno, tiveraõ erros grandes em a Fé. (54)

Os Flagetantes 1 enſinavaõ que ninguem ſe podia ſalvar, ſem ſe baptizar primeiro com o proprio ſangue açoutando-ſe. 2 Deſpreſavaõ os Sacramentos. 3 Negavaõ haver Purgatorio na outra vida. (55)

Joaõ Wicleffo pelos annos de 1352. a quem ſuccedeo Joaõ Hus fatais Hereziarcas, com ſemelhança nas impias doutrinas, proferiraõ, e enſinàraõ tão horriveis, e blasfemas propoſiçoens, que me naõ reſolvo a repetilas, por não offender os pios ouvidos dos Leitores. (56)

Jeronimo de Praga os imitou, e todos foraõ punidos. (57)

Os Huſiſtas ſe dividiraõ em varias Sectas: huns ſe chamàraõ Orebitas, outros Thaboritas, outros Orfanos, outros Adamitas, e outros

(50) *S. Thomas in Opuscul. contra Impug. Relig. S. Bonav. in Opuſc. Variis.*

(51) *Cæleſt. P. damnavit. Vide Nauclarum.*

(52) *Vide Alvarum de Plantu Eccleſiæ.*

(53) *Thritemius in Cronico. a. 1325.*

(54) *Joan. Papa damnavit.*

(55) *Vide Bernardum de Lutxemburgo in catalago Hæreſ. & Niculaum Sanderum de Viſib. Monarch Eccl.*

(56) *Vide Sedulium Lege Fraſenium in Ind. Hæreticorum,*

(57) *Concil. Conſtantinienſe. Seſ. 15.*

outros Pichardos; ſendo Pichardo Francès de naçaõ, que enganou a muitos de Bohemia, dizendo que elle era o Filho de Deos, e ſe chamava Adam. (58)

(58) *Vide Æneam Silvium de Origine Bohemorum cap. 40. uſque ad 47.*

Hermano Rieſvich erradamẽte enſinou

1 Que a Alma morria com o corpo.

2 Que naõ havia Inferno.

3 Que em Chriſto houvera ignorancia.

4 Que a noſſa Santa Fé era fabuloſa.

5 Que o Evangelho era falço. (59)

(59) *Bernardus de Lutxemberg. in Catalog. Hereticorum.*

DOS SECULOS XV. XVI. E XVII.

MArtinho Luthero naſcido em o anno de 1383 (dizem que de hum Demonio incubo) Hereziarca inſolentiſſimo, em que parece ſe vè recopilada a perfida doutrina dos mais todos, imitador do pay dos Hereziarcas Simaõ Mago, profferio blasfemias indiziveis, verificando que elle era a ſumma virtude de Deos, e Evangeliſta do Senhor, com outros mais erros que tais principios ſe ſeguiraõ, os quaes foraõ examinados, e cenſurados pelos Theologos Parizienſes. (60)

(60) *Eraſmus Roterodamus. Vide Thomam Illiric. apud D. Bail in apparat. ad Conc. Trid.*

Andrè Carloſtadio primeiro diſcipulo de Luthero junto com Huldrico Zuinglio, e Joaõ Oecolampadio principiàraõ todos a herezia Sacramentaria no anno de 1526. enſinando que no Eucariſtico Sacramento naõ eſtava o corpo de Chriſto, *niſi in ſigno*; e que as Imagens de Chriſto, e dos Santos ſe deviaõ deſtruhir. (61.)

(61) *Vide Joan. Cochleum in lib. de Actis Lutheri an. de 1527.*

Balthezar Pacimontano, e Bernardo Rothmano inſtituhiraõ a Secta dos Anabatiſtas no

no anno de 1527. a qual tambem he veneno do Lutheranismo, e se dividio em varias Sectas comprehendendo muitos erros. (62)

(62) Lege Card. Hosium lib. 1. de Hæresibus nostri temporis. & Joan. Colcheum de actis Lutheri

Felipe Melanchton discipulo de Luthero em o anno de 1530. foy author da Secta dos Confessionistas, admitindo só duas partes no Sacramento da Penitencia: Contriçaõ, e Fé. (63)

(63) Vide ibi. Colcheum.

Joaõ Calvino, ou Cauvino, diabolico Hereziarca, nascendo no anno de 1509. foy conhecido pelo homem mais impio, e mais blasfemo contra Deos, e espalhou por toda Germania, França, e Italia erros infinitos contra principalissimas verdades de nossa Santa Fé, e Sacramentos, cujas insolencias me naõ resolvo a proferir. (64)

(64) Vide Prateolum; Bolzecum. Frasenium.

Miguel Serveto Hespanhol de idade de 25. annos publicava que elle era o mayor Profeta do Mundo: escreveo sete livros de erros da Trindade Santissima com mil disparates. Calvino o fez queimar no anno de 1555. (65)

(65) Vide Joan. Colcheum supra. ad an 1532. Lege Surium in histor. ejusdem. anni.

David Georgio Bataviense publicava ser o mayor de todos os Profetas, e filho de Deos mayor que JESU Christo, e que tres annos depois da sua morte havia ressucitar, e restituhir o Reyno de Israel. (66)

(66) Lege Surium in tota historia ann. 1555.

Gaspard Suvenchfeldio Confessionista inventou seus particulares dogmas; verificou que a Natureza de Christo humana, depois que subio ao Ceo, se transmutou em Divina; e que os homens só com o espirito nos devemos contentar. (67)

(67) Vide Fredericum Staphilum de Concordia Lutharanorum.

Andrè

André Offiandro Confeffionifta inventou novos erros, enfinando que a Caridade, Juftiça, e Sabedoria pelas quaes o homem he jufto, e fabio, he a mefma Effencia de Deos; e que Chrifto juftificava os homens fó quanto à naturefa Divina. (68)

(68) *Vide Fredericum ibi. Lege Surium in hiftor. an. 1561.*

Joaõ Brintino Confeffionifta diffe mais: que a Humanidade de Chrifto defde que encarnou, eftivera fempre em toda a parte. Daqui nafceo a Secta dos Ubiquiftas. (69)

(69) *Vide Frederic. & Surium in hiftor. an. 1564.*

Mathias Illyrico Lutherano, entre errados dogmas de que foy Author, enfinou que o peccado original era fubftancia.

Os Libertinos 1 que ha fó hum efpirito immortal.

2 Que os Anjos, e as Almas dos homens naõ eraõ immortaes.

3 Que Chrifto verdadeiramente naõ morrera na Cruz.

Valentino excitou novamente o Arianifmo, enfinando propofiçoens hereticas no myfterio da Santiffima Trindade. (70)

(70) *Belarminus citat Benedictum Aret. authorem damnatum.*

Francifco David com muitos Tranfilvanos enfinou hereticas propoziçoens contra o mifterio inefavel.

Os Puritanos em Inglaterra tiveraõ principio no tempo que a Rainha Elizabeta fe feparou da Igreja Catholica: jactavaõ-fe de Calviniftas reformados, e tiràraõ do fim dos Pfalmos o Gloria Patri, &c.

Os Pacificadores quizeraõ unir a Religiaõ Catholica com a Calvinifta, dizendo atrevi-

atrevidos, que essencialmente naõ deferiaõ.

Os Armenianos, ou Romonstrantes perfidos Calvinistas seguiraõ as opinioens daquelle Hereziarca.

Conrado Vostrio errou nas perfeiçoens Divinas.

Os Metaforistas admitiaõ em Deos metaforas tudo.

Martinho Luthero sahio com 95. propoziçoens só contra Indulgencias, e se contaõ na sua herezia mais de quinhentos artigos todos falços, e hereticos. Por Leaõ X. foraõ todos condenados com seu impio Autor, como se pòde ver na Bulla deste Santo Pontifice. (71) Deste infame Hereziarca sahiraõ treze ramos de Sectas, que foraõ

(71) *Leo 10. in Bul Colcheo, an.* 1517. *Pratcolo. Erasmo Prefat. in histor. & acta Lutheri.*

Os Autonomos, Ossiandros, Estancarianos, Mayoristas, Amstorfianos, Synergistas, Flaccianos, Adiaphoristas, Substanciarios, Accidentarios, Pessingeros, Musculanos, e Ubiquistas.

Sahiraõ mais do mesmo tronco outras Sectas Collateraes; e saõ

Os Leutheropapistas, Lutherioziandrinos, Lutherocalvinianos, e Lutherozinlhanos.

Em fim foy Luthero taõ impio, que naõ só os Autores Catholicos disseraõ mal delle, mas tambem ainda os proprios Herejes, como foraõ Erasmo, Buccero, Conrado Gesnero, os Theologos Tigurinos, Joaõ

Campano, Francisco Estancaro, Estaphilo, Vicelio, Brunio, como se vè nos seus livros.

A Secta dos Calvinistas, Autor Joaõ Calvino, de quem assima tratàmos, o qual por sua doutrina mostra juntamẽte ser Arriano, Manicheo, Donatista, Nestoriano, Judeo, e Mafometico, condennado em o Santo Concilio de Trento, se diverificou em os nomes pelo discurso do tempo, conforme as Naçoens em que se propagou; porque os de Inglaterra chamaõ-se Puritanos; em França Hungonotes; em Hollanda Gensẽos; em Bohemia Picarditas; em Helvecia Sacramentarios, ou Zuwinlhanos.

Conc. Trident. condemn.

Discordaõ ainda em os nomes estes perfidos Sectarios, pela diversidade dos dogmas que seguiraõ; porque huns se chamaõ Trinitarios, outros Samosatenos, outros Anglocalvitas, ou Anglocalvinistas, outros Antipurianos, outros Piscatorianos, outros Arminianos, outros Gemmarianos, outros Vostrianos, outros Libertinos, outros Calvinopapistas, outros Calvinoturcistas.

Theodoro de Beza discipulo de Calvino Hereziarca

1 Negou ser Deos Omnipotente.

2 Negou que se devia orar pelos grandes peccadores.

3 Disse que nenhum peccado he mortal, ou venial para os predestinados.

4 Que o Diabo persuadira a invocaçaõ dos Santos.

5 Pre-

5 Preverteo os ſentidos da Sagrada Eſcritura, &c. (72)

(72) Eſcreveo delle Conrado Sehluſſelburgio Lutherano.

Janſenio ſeguio nos erros a Luthero, Calvino, e Buccero; eſcreveo mil inſolencias em nome de S. Agoſtinho para as introduzir paulatinamente no Chriſtianiſmo. (73)

(73) Vide Eſtefano de Camps; e o cond. a Academia Lovianenſe.

Paulo Suave Hereje impugnado pelo Cardeal Esforſa. (74)

(74) Card. Esforſa.

Molinos Sectario infame, com o pertexto da Oraçaõ de quiete praticou em Roma, e eſpalhou na Chriſtandade doutrinas impias, e perniciofas, que por ſe acomodarem à vida licencioſa que a natureza mais abraça, tem nella cahido muitos ignorantes.

Outros mais Sectarios tem havido: para noticia baſtaõ eſtes.

CAPITULO IX.

Perſeguiçoens que a Santa Igreja Catholica tem padecido por ſeus inimigos: Annos em que as experimentou occaſionadas por barbaros, Sciſmaticos, e Herejes.

SEmpre o Paraizo da Igreja ſe vio invadido de atrevidas feras, que perſeguindo o rebanho de Chriſto ahi apaſcentado o pertendèraõ devorar, e com effeito parte eſpalhàraõ, e diminuiraõ, nas eras que para noticia ſuccintamente exponho, àlem das que nos annos de 34. e 63. ſe movèraõ contra os Apoſtolos.

Em o anno de 66. e nos dous ſeguintes fez o Emperador Nero primeira perſeguiçaõ à Igreja.

Em o anno de 92. foy a segunda perseguiçaõ pelo Emperador Domiciano.

Em o anno de 100. foy a terceira perseguiçaõ sendo Emperador o impio Trajano; e se continuou no Reynado de Adriano pelos annos 120.

Em o anno 164. foy a quarta perseguiçaõ no tempo de Marco Aurelio Antonio; e se renovou no anno 17. do seu Reynado.

Em o anno de 204. foy a quinta perseguiçaõ no tempo do Emperador Septimio Severo.

Em tempo do Imperio de Maximino foy a sexta perseguiçaõ.

Em o anno de 257. imperando Decio principiou a setima, e continuou no tempo dos Emperadores Galo, e Voluziano.

Em o anno de 259. foy a oitava imperando Valetiano, e Galieno.

Em o de 273. foy a nona imperando Aureliano, e continuou no tempo de Numeriano, anno de 283. e no de Diocleciano em o de 284.

Em o anno de 301. foy a decima perseguiçaõ imperando Diocleciano, e Maximiano, continuou em tempo do Imperio de Maximino Galerio, e Maximino an. de 304.

Em o de 316. foy a undecima imperando Licinio, e durou na Persia reynando Sapor 2. annos de 343.

Em o anno de 361. foy a duodecima perseguiçaõ em tempo de Juliano Apostata.

Em o de 376. principiou a dos Arrianos

12. e continuou em ſeis partes diverſas eſtando vigoroſa atè o anno de 483.

Deſtas ſe occaſionàraõ

No an. de 504. hũa perſeguiçaõ em Africa.

No anno de 511. outra pelo Emperador Anaſtacio Maniqueo.

No anno de 536. outra por Theodorico em Italia.

No anno de 546. outra em Italia por Totila Rey dos Godos.

No anno de 573. outra pelos Longobardos na Italia.

No anno de 588. outra por Leovegildo em Heſpanha.

No anno de 609. outra pelos Judeos em Antioquia.

No anno de 614. outra por Coſroas na Perſia.

No anno de 657. outra em Conſtantinopla por Conſtante.

No anno de 713. outra em Africa por Ulit Rey dos Sarracenos.

No anno de 718. outra por Haumar ſegundo Sarraceno.

No anno de 726. atè 734. outra por Leaõ Iſaurico Emperador.

No anno de 772. outra no Egypto pelos Sarracenos.

No anno de 812. outra pelos meſmos na Syria.

No anno de 816. outra em Conſtantinopla por Leaõ Armeno.

No anno de 850. outra em Cordova por ElRey Abderamo.

Nos

Nos annos de 857. 859. 870. 884. as houve particulares em diversas partes do Mundo, e se difundiraõ nos annos de 925. 938. 975. 980. 997. 1008. 1076. 1113. 1130. 1142. 1183 1028. 1220. 1266. 1305. 1338. 1415. 1430. 1470. 1510. 1529. 1535. 1558. 1559. 1562. 1605. 1630.

Basta para noticia ao curioso Leytor.

CAPITULO X.

Scismas que houve contra a Santa Igreja Catholica, e Scismaticos Pontifices nos dezasete Seculos depois do Nascimento de Christo.

NAõ he de admiraçaõ para os Catholicos ter emulos a Igreja de Christo, pois assim o tinhaõ anteriormente vaticinado os Profetas; e se o Sol porque tanto resplandece, naõ faltaõ atrevidos vapores que o assombrem, a Igreja de Deos mais que o Sol resplandecente, tem muitos que com temeridade a perturbem. Tais foraõ os Antipapas, que ajudados de varios Scismaticos quizeraõ substituhir o lugar dos legitimos Successores de Pedro occazionando mil horrores, e infundindo repetidos erros nos animos bem intencionados dos Fieis. Para noticia, exponho.

SCISMA I.

Novato I. Antipapa de Naçaõ Romano, ambiciosa, e atrevidamente no anno de 254. agregou discipulos à sua falsa doutrina, e lhe pôz o nome de Limpos Scismaticos Nova-

Novatianos, e o reconhecèraõ cabeça da Igreja, ſendoa entaõ S. Cornelio Papa.

SCISMA II.

Felix II. Diacono de Liberio (eſtando eſte impiamente deſterrado pelo Emperador Conſtantino) foy em ſeu lugar intruzo pelos Sciſmaticos Arrianos, e feito Antipapa, pois Liberio legitimamente o era. Socedeo em o anno de 355.

SCISMA III.

Urſicino Antipapa III. eleito, conſtituhido e obedecido pelos Sciſmaticos ſeus ſequazes, ſendo entaõ legitimo Pontifice S. Damazo Portuguez, em o anno de 367.

SCISMA IV.

Eulalio Antipapa IV. achando-ſe com parcialidades Roma, foy eleito a favor de Simmaco Perfeito daquella Cidade, ſendo Bonifacio I. o verdadeiro, e legitimo Pontifice que exiſtia em o trono, pelos annos de Chriſto 418.

SCISMA V.

Lourenço Antipapa V. condenado depois em hum Concilio Romano no anno de 499. e antes eleito no de 498. contra S. Simaco, que era entaõ o verdadeiro Pontifice.

SCISMA VI.

Dioſcoro Diacono eleito Antipapa excõmungado por Bonifacio II. legitimo Pontifece anno de 530.

SCISMA VII.

Vigilio Diacono Antipapa por induſtria ſendo vivo Silverio legitimo Pontifice, anno

no de 538. por morte deſte Santo Pontifice foy entaõ legitimamente eleito ;

SCISMA VIII.

Theodoro, e Pedro Romanos, foraõ eleitos, e introduzidos Pontifices na Igreja em o anno de 686.

SCISMA IX.

Paſcoal, e Theodoro Pontifices Sciſmaticos, ao meſmo tempo divididos em contendas, atè que Sergio foy legitimamente eleito no anno de 687.

SCISMA X.

Theophilato illegitimamente eleito Pontifice, e reconhecido por tal, depoſto pela legitima eleiçaõ de Paulo I. em o anno de 757.

SCISMA XI.

Conſtancio Antipapa no anno de 767. e da meſma ſorte Felippe no de 768. expulſos pela legitima eleiçaõ de Eſtevaõ IV. anno de 768.

SCISMA XII.

Zinzino pouco tempo Antipapa, expulſo pela eleiçaõ de Eugenio II. anno de 824.

SCISMA XIII.

Joaõ Diacono Antipapa intruzo por força, expulço pela eleiçaõ de Sergio II. anno de 844.

SCISMA XIV.

Anaſtacio Antipapa eleito por Luis II. ſendo legitimo Pontifice Benedicto III. anno de 855.

SCIS-

SCISMA XV.

Sergio Antipapa, ſendo Formoſo o Pontifice, anno de 891.

SCISMA XVI.

Benedicto Antipapa, expulſo pelo Pontifice Eſtevaõ VII. anno de 697.

SCISMA XVII.

Leaõ dito VIII. Antipapa eleito por Othon I. ſendo Papa Joaõ XII. anno de 962. ſegunda vez intruzo contra o Pontifice Benedicto V.

SCISMA XVIII.

Bonifacio Cardial Antipapa fazendo matar ao Papa Benedicto VI. foy expulſo por Benedicto VII. no anno de 975.

SCISMA XIX.

Joaõ B. de Placencia introduzido Antipapa por Creſcente tirano de Roma ſendo Pontifice Gregorio V. foy expulſo, e mandado matar pelo Emperador Othon III. em o anno de 996.

SCISMA XX.

Gregorio Antipapa intruzo em o anno de 1012. ſendo Papa Benedicto VIII. e foy expulſo no anno de 1013.

SCISMA XXI.

Benedicto IX. Silveſtre III. e Joaõ XX. Antipapas todos tres ao meſmo tempo em Roma; expulſos na eleiçaõ de Gregorio VI. anno de 1044.

SCISMA XXII.

Joaõ B. intruzo Antipapa no anno de 1058. degradado pelo Pontifice Niculao I. anno de 1059.

SCISMA XXIII.

Cadaloo B. dito Honorio II. Antipapa, contra Alexandre II. no anno de 1061.

SCISMA XXIV.

Guilberto dito Clemente III. Antipapa pelo Emperador Henrique IV. contra Gregorio VII. no anno de 1080.

SCISMA XXV.

Silveſtre III. Antipapa contra Paſchoal II. anno de 1106.

SCISMA XXVI.

Mauricio Francez Antipapa intruzo pelo Emperador Henrique V. contra o Pontifice Gelazio II. no anno de 1118.

SCISMA XXVII.

Theobaldo Cardeal dito Celeſtino II. cedeo a Lamberto no anno de 1122. cannonicamente eleito no de 1124. dito Honorio III.

SCISMA XXVIII

Pedro Leaõ, dito Anacleto Antipapa contra Innocencio II. no anno de 1130. morrendo no de 1138. elegeraõ ſeus parciaes outro, chamandolhe Victor IV. eſte cedeo ao verdadeiro Pontifice Innocẽcio II. no anno de 1138.

SCISMA XXIX.

Octaviano chamado Victor no anno de 1159. a quem ſucedeo Guido chamando-ſe Paſcoal III. anno de 1170. e a eſte ſucedeo Joaõ Abbade chamando-ſe Calixto III. no anno de 1176. todos tres Antipapas, ſendo Pontifice Alexandre III. anno de 1178.

SCIS-

SCISMA XXX.

Pedro de Carbare introduzido pelo Emperador Luis de Baviera, chamado Niculao V. anno de 1328. ſendo Pontifice Joaõ XXII.

SCISMA XXXI.

Roberto Cardeal, dito Clemente VII. Antipapa, ſendo Pontifice Urbano VI. no anno de 1378.

SCISMA XXXII.

Pedro de Luna Antipapa chamando-ſe Benedicto XIII anno de 1392. depoſto no Concilio de Conſtancia, anno de 1416.

SCISMA XXXIII.

Gil Munhoz chamado Clemente VIII. Antipapa eleito por Affonço Rey de Aragaõ, anno de 1424. ſendo Põtifice Martinho V.

SCISMA XXXIV.

Amadeo Ermitaõ, Duque, que tinha ſido de Saboya, Antipapa intruzo, reconhecido pelos Alemaens com o nome de Felix V. em o anno de 1439. contra Eugenio IV. Pontifice verdadeiro. Cedeo no anno de 1449. e teve entaõ mais ſocego a Igreja Catholica, experimentando a Nau de Pedro, mais bonanças depois de taõ tiranas tempeſtades.

CAPITULO XI.

Dos nomes, numero, e vaticinios das Sybillas que predisserão os successos misteriosos do Nascimento, Vida, Morte, e Ressureição de Christo, fundamento originario da vida espiritual.

AS Sybillas, cujo nome por opinião de Suidas quer dizer Profetizas, cujos ditos, e escritos não faltou quem reputasse por apocrifos, mas pelos successos se acreditàrão verosimeis, e são respeitados com atenção pelos Escritores Catholicos, cujo numero contão atè onze, forão nascidas em as trevas da Gentilidade, mas cheyas de virtudes moraes se reputão illustradas pela Sabedoria Divina, tivèrão nomes diversos respectivamente às patrias em que nascèrão, e nos seus vaticinios, ou profecias se diversificàrão.

A primeira Sybilla foy a Persica, que outros chamàrão Caldèa, ou Babilonica, e viveo no anno 2733. da creação do Mundo. Esta profetizou: Que o Verbo invizivel serà palpavel: que sendo Deos grandissimo nascerà de huma Virgem casta; e que nascido de huma Mãy Virgem se assentarà em hum jumentinho, &c.

A Sybilla segunda foy a Erythrea, natural de Erytra, Cidade de Jonia em Grecia, seu proprio nome dizem que foy Heraphile, e florecéra no anno de 2842. da creação do Mundo, e foy a substancia da sua Profecia: Na ultima idade se humilharà a geração Divina:

vina : unirſehà a Divindade à Humanidade: o Cordeiro hade jacer no feno: Deos, e Homem ſerà nutrido como menino : elegerà o numero doze nos Peſcadores humildes, e hum diabo ; e quatro animaes ſe levantaràõ para ſuas teſtemunhas, &c.

Terceira Sybilla foy a Cumana, natural de Cumis, Cidade de Jonia em Grecia. Floreceo no anno da creaçaõ do Mundo 2877. dizem huns fora Deiphobe o ſeu nome proprio, outros verificaõ ſe chamou Amalthea. Foy ſua Profecia, ou vaticinio : Entaõ virà aos mortaes o ſemelhante aos meſmos mortaes na terra, Filho do Pay Omnipotente veſtido de corpo. Continuou por diante moſtrando em anagrama de letras Gregas o Santiſſimo nome de JESUS.

Quarta Sybilla foy a Phrigia, que floreceu no ſobredito anno de 2877. e vaticinou em Aneyra. Sua Profecia foy : O vèo do Templo ſe raſgarà : huma tenebroſa noite opprimirà por tres horas o meyo dia ; e com ſonno de tres dias pagarà o fado mortal, &c.

Quinta Sybilla foy a Delphica, ſendo ſeu proprio nome Themis, ou Authemis, e a fazem muitos natural de Delphos, Cidade de Beocia ; floreceo mais de cem annos antes da guerra de Troya. Foy ſua Profecia : Iſrael lhe darà bofetadas, e o cuſpirà com malvada boca ; darlhehà a comer fel amargoſo, e vinagre duro, &c.

Sexta Sybilla foy a Lybica, e ſe naõ averigua adonde naſceo, e floreceo, conforme o nome

o nome ſe entende que foy na Lybia. Eſta profetizou: Virà dia em que o Senhor alumiarà o denſo das trevas, e ſe diſolverà a Synagoga, &c. A Virgem Senhora das gentes o terà no regaço, reynarà a Mizericordia; e o ventre de Sua Mãy ſerà a balança de todos.

Setima Sybilla foy a Samia, chamada por outros Pithia, que floreceo no anno de 3589. Diſſe em ſua profecia: Virà o dia, e naſcerà da pobrezinha, e as beſtas da terra o adorarào, e ſe dirà: louvai-o nos Ceos, &c.

Oitava Sybilla foy a Heleſpontica naſcida em Marmeſſia, ou Marpeſſo Aldea de Troya. Foy eſta ſua Profecia: Eſtando eu em meditação profunda, vi enriquecer a huma Donzela caſta com huma dignidade engrandecida, julgando-a Deos por digna de parir em grande reſplendor hum Filho que ſerà geração fermoſa, e verdadeira de Deos ſummo, &c.

Nona Sybilla foy a Cumèa, aſſim chamada pela Cidade de Cuma principal das trinta Cidades Eolicas: dizem vaticinou em Italia. Foy ſua Profecia: Quando Deos enviar do alto Ceo o Rey, então darà a terra aos miſeros mortaes frutos abundantiſſimos de pão, vinho, azeite: o Ceo choverà mel, e correrào mananciaes de leite: o povoado eſtarà cheyo de bonanças, e tudo vivirà em fartura, &c.

Decima Sybilla foy a Tyburtina, e ſe chamou Albunea, a qual vaticinou em Tibuli não

naõ muito diſtante de Roma, em tempo de Auguſto Cezar. Foy ſua Profecia: Naſcerà o Ungido em Bethlem, e ſerà anunciado em Nazareth, reinando o Touro pacifico, e fundador da quietaçaõ, &c.

Undecima Sybilla na opiniaõ de varios Authores foy a Agripa, a qual dizem profetizou: Chorarà Deos alegria eterna, e ſerà pizado pelos homens, &c. Se na materia quizerem os Leytores mais noticia, leyaõ a Varro, Salmeiraõ, Leaõ Sancio, Menochio, Pannuino, Virgilio, Beda, e outros, cujos nomes vaõ inſertos no Indice geral dos Autores com que ſe acredita eſte volume.

CAPITULO XII.

Concilios geraes celebrados pela Univerſal Igreja para refutaçaõ de erros, eſtabelecimento da Fé, deffença do Chriſtianiſmo, e credito da vida eſpiritual.

SEmpre cuidàraõ muito por obrigaçaõ preciza os Pontifices Romanos como vigilantiſſimos Paſtores em acudir ao rebanho de Chriſto que lhe era commetido, porque ſe o meſmo Chriſto deixou noventa, e nove ovelhas no dezerto por hir buſcar huma que ſe lhe perdia, ſeus ſubſtitutos em a terra tambem cuidàraõ ſempre muito na conſervaçaõ deſte rebanho para que naõ ſe eſpalhaſſe, nem por omiçaõ ſua, alguma ovelha ſe perdeſſe.

Ainda em tempo dos Sagrados Apoſtolos deſde o anno 34. atè o de 78. do Naſcimen-

cimento de Chriſto ſe celebràraõ ſinco Concilios; e em diverſas partes, depois dos Apoſtolos ſe celebràraõ mais doze atè o anno de 319. depois dos quaes ſe celebrou o

I. Concilio geral Niceno em tempo de S. Silveſtre Papa no anno de 325. ſendo Prezidentes, e Legados do meſmo Pontifice Ozio, Vito, e Vicente, aſſiſtindo 318. Padres.

II. Concilio geral Conſtantinopolitano a que aſiſtiraõ 150. Biſpos, e ſe celebrou no annno de 381.

III. Concilio geral Ephezino, a que preſidiraõ Arcadio, e Projecto Legados Apoſtolicos com aſſiſtencia de 200. Biſpos em o anno de 341.

IV. Concilio geral Calcedonenſe, a que preſidiraõ Paſcaſino, Lucencio, e Juliaõ Legados do Papa com aſſiſtencia de 630. Biſpos no anno de 451.

V. Concilio geral, e ſegundo Conſtantinopolitano a que preſidio Euthiquio Patriarca aſſiſtindo 165. Biſpos. Vigilio Papa o aprovou no anno de 553.

VI. Concilio geral, e terceiro Conſtantinopolitano a que preſidiraõ Abundancio de Paterno, Joaõ Biſpo Portuenſe, e Joaõ de Reggio Legados Apoſtolicos, com aſſiſtencia de 166. Padres, anno de 680. e 681.

VII. Concilio geral Niceno ſegundo em Bythinia a que preſidiraõ Pedro Arcediago, e Pedro Abbade Legados do Papa, e Tharazio Patriarca de Conſtantinopla, com aſſiſ-

aſſiſtencia de 250. Padres, anno de 787.

VIII. Concilio geral Conſtantinopolitano quarto, ao qual preſidiraõ Donato, Marino, Eſtevaõ, e Ignacio Legados do Papa, com aſſiſtencia de 102. Biſpos, anno de 879.

IX. Concilio geral Lateranenſe primeiro, no qual preſidio em propria peſſoa o Papa Calixto II. com mais de 300. Biſpos, em o anno de 1122.

X. Concilio geral Lateranenſe ſegundo, a que peſſoalmente preſidio o Papa Innocencio II. com aſſiſtencia de mil Biſpos, anno de 1139.

XI. Concilio geral Lateranenſe terceiro, preſidindo o Papa Alexandre III. com aſſiſtencia de 300. Biſpos, anno de 1163.

XII. Concilio geral Lateranenſe quarto, a que preſidio Innocencio III. aſſiſtindo com alguns Patriarcas, e Legados, 70. Arcebiſpos, 400. Biſpos, mais de 800. Abbades, e varios Embaixadores de Principes, anno de 1215.

XIII. Concilio geral primeiro de Leaõ, a que preſidio o Papa Innocencio IV. aſſiſtindo muitos Cardeaes, e Patriarcas com 114. Biſpos, anno de 1243.

XIV. Concilio geral ſegundo de Leaõ, a que preſidio Gregorio X. com aſſiſtencia de 500. Biſpos, 60. Abbades, 4. Prelados, e 2. Embaixadores, anno de 1274.

XV. Concilio geral Vienenſe, a que preſidio o Papa Clemente V. a que aſſiſtiraõ 3.

Reys, 3. Patriarcas, 300. Biſpos, e muitos Abbades, anno de 1311.

XVI. Concilio geral Ferrarienſe a que preſidio Eugenio IV. com aſſiſtencia do Emperador, e muitos Cardeaes, e Prelados; anno de 1438. continuou em Florença, anno de 1439.

XVII. Concilio geral, e quinto Lateranenſe, a que preſidio o Papa Julio II. com aſſiſtencia de muitos Prelados no anno de 1511. continuouſe ſendo Papa Leaõ X. anno de 1513. e ſe acabou no anno de 1517.

XVIII. Concilio geral Tridentino, no qual preſidiraõ os Legados Apoſtolicos de Paulo III. anno de 1545. Os de Julio III. no anno de 1551. e os de Pio IV. no anno de 1560. com aſſiſtencia de 4. Legados, 2. Cardeaes, 25. Arcebiſpos, 168. Biſpos, 7. Abbades, 7. Geraes de Ordens Regulares, 39. Procuradores de Biſpos auſentes, muitos Padres, e varios Embaixadores de Principes Chriſtãos. Concluhio-ſe no anno de 1564. Outros muitos Concilios houve naõ geraes, que ſe naõ julgar diſconveniente a ſua individuaçaõ por difuſa, a ſeu tempo a moſtrarey.

LIVRO

LIVRO TERCEIRO

Da Vida, e Eſtado Real.

CAPITULO I.

Da Eſſencia Qualitativa de hum perfeito Monarca, ſublimidades que logra, e laboriozo diſvelo a que ſe ſogeita neſta vida.

NAõ pòde huma Creatura humana em o Mundo chegar a mayor ſublimidade do que verſe em hum trono coroado Rey, ſendo ſubſtituto, e vivo ſimulacro do ſupremo, e Divino Monarca que rege a toda a terra (1) e Vice-Rey deſte ſoberano Senhor em o Mundo. (2) Ephantes, e Plataõ verificàraõ ſer ſua qualitativa eſſencia eminente à humana natureza, e a fabrica de ſua composiçaõ huma Divindade humanada, ou huma humanidade quazi divinizada. (3) A todo ſeu Imperio manda, e governa, ſendo ſó Deos quem o governa, e manda.

(1) *Belarmin. de Offitio Principis lib.* 1. *cap.* 1. *Plutarc. de doctr. Principis. Simano de Repub. l.* 3. *cap.* 6.

(2) *Plat. Plutarc.*

(3) *Ephantes apud Stobeum Ser.* 47. *Plat. de Repub.*

Naſce Rey, ou he eleito; porèm muitas vezes Deos o elege antes de naſcido. Tem da luz as excellencias, que quando mais alto eſtà poſta, entaõ mais brilha; do Sol as propriedades, quando como Principe generoſo diſpende luzes, e cuidadoſamente

he benefico para todos. Do Ar tem a valentia, quando com hum furibundo ſopro derruba ſoberbos edeficios, ſe lhe reziſtem. Do Fogo a actividade, quando aos que atrevidos muito ſe lhe chegaõ, abraza. Da Terra a providencia quando ſe dezentranha para com a precioſidade de ſuas riquezas utilizar a todos. Do Mar ſingularidades, quando ninguem lhe acha fundo, e de todos he temido.

Mas oh que penſionada vida he a de hum Monarca, ſogeita a hum laborioſo diſvèlo, e expoſta aos olhos de todos! jà quando cenſuraõ deſte Mar o precipitado das ondas; da Terra o que deixa levar das aguas; do Fogo o que deſtroe com ſuas lavaredas; do Ar a deſconveniencia de ſeus impetos; jà quando do Sol motejaõ os eclipſes, e da luz o alheyo com que luſtra.

He precizo a hum Rey ſer Argos em à viſta, para que tudo atenda, e a nada falte, ſendo ſuas acçoens taõ rectas, e bem dirigidas que poſſa ſer eſpelho a ſeus vaſſalos, pois aſſim ſem occazionar eſtimulos, pòde com rectidaõ ſeveramente punir os deſmanchos, e erros de ſeus ſubditos, e evitado o ocio naõ preciſo, muito tem que cuidar na ſua Monarquia com trabalho, e com diſvelo ſe ſe quiſer accreditar Principe perfeito

Eſta certamente foy a cauſa porque Themiſtocles diſſe que os Principes devem ſer criados com apertos, para que entre os trabalhos alcancem as glorias (4) e Egezippo, que

(4) *Themiſtoc. orat.*

que devem ſer educados com amor à ſua Republica (5) applicados ao governo politico, e pratico, para ſe induſtriarem no exercicio, (6) exercitando-ſe o engenho (7) modificandoſe-lhe com prudencia as iras, e paixoens dezordenadas (8) e fazendo com que atendaõ ao bem de ſeus vaſſalos (9) moſtrandolhe com reſpeito, amor.

Os Cetros que foraõ mais obedecidos no Mundo, foraõ de Aguſto Cezar, Alexandre Magno, Seleuco Rey de Azia, Tiberio Cezar, Craſſo Romano, e Vivaldo Rey de Inglaterra, pelo amor que tiveraõ a ſeus vaſſalos, moſtrando que eraõ Pays, e mais Senhores (10) pois he a clemencia virtude propria nos Principes (11) e com eſta ſe vem os ſubditos emmendados, e corregidos, (12) vecendo-ſe aſſim melhor, que com a ſoberania (13) de que os animos às vezes ſe eſtimulaõ.

Entre os grandes trabalhos que o bom Principe experimenta com continuos diſvelos no regimen da ſua Monarquia, deve applicarſe às virtudes, à liçaõ dos livros, e ao exercicio das armas (14) naõ obſtante o trabalho que tiver no ſeu expediente, no deſpacho das partes (15) na vigilancia dos Miniſtros (16) no cuidado da obſervancia das Leys (17) na recta diſpoſiçaõ dos governos, em caſtigar os delinquentes, e premiar os benemeritos. (18)

He ſem duvida que a humanidade dos Monarcas he como a dos outros homens, e appete-

(5) *Egeſip. l. 1. cap. 11.*

(6) *Leo Imperat. cap. 2. Tracticor.*

(7) *Catſiu. Embl. Ethicor. 29.*

(8) *Dioniſ. Caſſiodor.*

(9) *Simmachus l. 9. Epiſt. 82. Hierocles c. 6. ad carm. Pythagor. Dion Pruſæus orat. ad Trajan. Franc. Patric. hiſt Dialog. 5.*

(10) *Maximus Tyrius.*

(11) *Iſidor. Peluſiota.*

(12) *Gruterus tom. 2. lib. 3. t. de Clem.*

(13) *Themiſt. or. 3. Propercio. Grutero. Zonaras. Policracio.*

(14) *Policrates cap. 14. S. Hyeron. Ep. 30. Ariſtides orat. 2. Joan. Sarisbar. lib. 7. Bruſchenſ. in Hermet. Baldeſano in Stim. Vit. adol. l. 1. cap. 13. D. Diogo. Sávedra Emprez. 17. Polit. Hierocles c. 52. Lucian. Seneca. Auzonio.*

(15) *Joan. Sarisbar. Egeſippo.*

(16) *Batillo.*

(17) *Catſio. Joaõ Dantico.*

(18) *Propecio. Alcinoo.*

appetecendo todos o defcanço, e o divertimento, he miferia que hum Rey (a fatisfazer os encargos da fua Monarquia) naõ pòde ter divertimentos, nem defcanço. (19) Quanto mais alto he o pofto que cada hum logra, tanto mais he o trabalho, e pençoens a que fe fogeita. (20) O Emperador Sardanapalo fó huma vez no anno apparecia em publico. (21) Os da China rariffima vez faõ viftos, e por vidraças. Cezar appetecendo divertirfe nos jogos Olympicos, fe abfteve, confiderando que naõ tinha igual com quem competiffe. ElRey Dom Joaõ II. de Portugal faindo a efpairecer em as ribeiras do Tejo, querendo por divertimento correr em o cavalo, diffe a huns Miniftros que tambem a cavalo o feguiaõ, correffem; ao que refponderaõ: que tal naõ faziaõ com hum Principe, e fó atras de ladroens corriaõ, &c. Felippe Rey de Macedonia dormitando a tempo que tinha de defpachar, deu a Machetas hum defpacho pouco conforme à razaõ, ao que exclamou o Pertendente, appelo; e o Rey defpertando lhe perguntou com ira, para quem? ao que refpondeo, de ElRey dormindo, para ElRey acordado. (22) Tirana vida! cruel officio! pois fendo hum Rey Senhor dos outros, parece naõ pòde fer fenhor de fi, pois nem fe pòde divertir, nem defcançar.

(19) *Erafmus. Eftoleo Embl. Harmon. polit.*

(20) *Belarm. de officio Principis Natal. com. in mithol. S. Salvianus. S. Izidorus.*

(21) *Tzetzes apud Bulg. de Imper. lib. 1. cap. 11. Drexelio in Gazoph. p. 1. c. 2.*

(22) *Floscul. hist. Fern. Mend. Pint. Fr. Raph. de S. Marianna. Belarmin. Sávedra. Quinto Curc. Plutarc.*

CAPI-

CAPITULO II.

Explica-se a inteligencia deste nome Rey, e se mostra como, e quem foy o Rey primeiro que no Mundo houve, modos de governo, fórmas de Coroa, e Cetro, e seus primeiros Inventores.

SAnto Izidoro, a quem na opiniaõ seguiraõ S. Salviano, e Scipiaõ Amirato, querendo sabiamente explanar a inteligencia, ou significado deste nome Rey, escreveo estas palavras: *Reges a recte agendo vocati sunt: ideoque recte faciendo Regis nomen tenetur: peccando amittitur. Recte ergo illi Reges dicuntur, qui tam semetipsos, quam subditos bene regendo modificare noverunt* (1) E incluindo-se em palavras taõ sentenciosas, e poucas, a obrigaçaõ que chega a contrahir quem com o excelso nome de Rey se póde no Mundo apelidar, julgo na materia desnecessario todo o mais dizer.

(1) *D. Isidor. lib. 3. de sum bon. S. Salvianus. Scipiaõ Amirat. dissert. polit. l. 2.*

Tres saõ os modos de governo que especialmente se tem no Mundo praticado, os quaes Plataõ insinuou: Monarchico, Aristocracio, Democracio; o primeiro he quando hum só manda, e he Senhor: o segundo, quando determinadas pessoas principaes mandaõ, e governaõ: o terceiro, quando o povo rege, e determina. (2) Todos estes modos se praticàraõ antiguamente em Roma no tempo dos Emperadores barbaros (3) e hoje só se observaõ no modo que em diversos Paizes se pratica.

(2) *Plato in lib. de Regno.*

(3) *Alex. ab Alex. Ravis. Text. in offic.*

Os Egypcios (escreve Plinio) foraõ os pri-

primeiros que admitiraõ, e praticàraõ Senhorio Real (4) porque julgaraõ ſerlhe impoſſivel o viver ſem Rey (5) e foy Menes o primeiro que tiveraõ, como Herodoto eſcreveo (6) mas com tal condiçaõ, que nenhum era eleito Rey, ſem ſer primeiro Sacerdote, e algumas vezes que por aclamaçaõ do povo o contrario ſocedeo, era preciſado o Rey eleito a logo ſer Sacerdote. (7)

(4) *Plin. l. 7.*

(5) *Herodoto l. 2.*

(6) *Idem ibi. & Diodor. l. 1.*

(7) *Plato in lib. de Regno.*

Os que primeiro deraõ alguma formalidade ao governo Monarchico, diz Plinio, que foraõ os Athenienſes, ſendo Cecrops o ſeu primeiro Rey, contemporaneo de Mouſés (8) e Nino Rey dos Aſſirios foy o primeiro que prevaricou ambicioſo à ſeria rectidaõ dos Reys, fazendo-ſe Senhor de toda a Azia, excepto a India. (9)

(8) *Plinio ſupra Juſtino l. 2.*

(9) *Euzeb. l. 10. de Præpar. Evang.*

Ao governo Democracio (diz Jozefo) deraõ principio os Hebreos, e entre ſi o praticàraõ (10) naõ obſtante Plinio com menos fundamento atribua tambem aos Athenienſes (11) porque computados os annos, tiveraõ muito mais anterioridade os Hebreos, a tempo que naõ exiſtia Athenas.

(10) *Joſepho l. 20. de Antiquit.*

(11) *Plin. ſupra.*

Ao governo Ariſtocracio naõ ſe pòde averiguar com certeza quem deu principio, ſó conſta acharſe entre os Romanos no tempo que dimitiraõ os Reys; mas entende-ſe haverem ſido os Hebreos quem primeiramente o praticàraõ; pois conſta que em tempo de ElRey Nino os Hebreos mais nobres, e principaes governavaõ, e adminiſtravaõ a Republica dos Egypcios pelos annos

da

da Creaçaõ do Mundo 3185. no qual tempo se diz nascèra Abraham. (12)

O primeiro que no Mundo inventou Coroa, diz Plinio, que foy Libero pay de Bacco, e a pôs em sua cabeça (13) esta parece foy de Era; e de varios ramos de arvores se praticou o fazerem-se coroas para os governos, para os triunfos, para os Sacrificios, e para os jogos, mas de flores as inventou Glicera com idèa de Sycionio seu amante (14) ou de Pauzanias que o substituhio (15) e no Inverno que naõ havia flores, se usava fazer coroas de humas varinhas pintadas, quando muito douradas, ou prateadas. (16)

Quem primeiro ostentou coroas de ouro, diz Plinio, que foy Crasso para os triunfos (17) mas reputa-se verosimel por opiniaõ de Euzebio, que Moušés muito tempo antes as inventou, e dedicou a Deos (18) o que Jozefo confirma (19) e sendo os Athenienses, Egypcios, Romanos, e Persas os que mais as praticàraõ vulgarizadas, fazendo-o tambem os Gregos, e outras Naçoens que entaõ jà havia no Mundo, quando de ouro, prata, ferro, Cinamomo, Oliveira, Azinheiro, Louro, Hera, Parras, Espigas, e cousas semelhantes para diversos ministerios as usavaõ, dandolhe nomes diversos, como era, Coroas Reaes, Triunfaes, Civicas, Militares, Castrenses, Muraes, Obsidionaes, Navaes, Valares, Gemmatas, Rostratas, de que Plutarco, Plinio, Jozefo, Valerio Maximo,

(12) *Josefo. de Antiquit. Apion. Ravisio Tex. Dioniz. Alicarn.*
(13) *Plin. l. 7. & lib. 16.*
(14) *Plin. l. 35. & l. 29. ante.*
(15) *Idem ibi.*
(16) *Idem ibi.*
(17) *Plin. l. 21.*
(18) *Euzeb. l. 10. de Præparat. Evang.*
(19) *Josefo l 3. ant.*

 Tito-

Tito Livio, Euzebio, e outros fazem mençaõ; (20) e se tem por opiniaõ mais commua que Coroas Reaes foraõ os Cezares Romanos os primeiros que com formalidade as usáraõ, sendo para Monarcas propriissima no uso, e a Duques, e outros Senhores permitida pelos Reys com diversa fórma, por razaõ de Estado, praticando-se este honorifico indulto pelos Emperadores Romanos.

(20) *Plutarc. in lib. & cap. divers. Plin. in divers. Josef. de Antiq. Valer. Max. Titol. in divers. Euzeb. in Præp. Evang.*

No uso, e fórma dos Cetros, e tambem vestes Reaes houve diversidade no Mundo. Dionizio, Estrabo, e Lucio Floro com outros muitos Escritores dizem que os doze povos de Toscana, a quem Tarquino Pisco sogeitou, foraõ os primeiros que inventàraõ estas insignias Reaes, sendo o mesmo Tarquino quem por determinaçaõ do Senado Romano as usou. (21) O Cetro Real que entaõ se praticava, eraõ certas varinhas atadas, e entre ellas huma machadinha. (22) As vestes com distinçaõ para os Principes eraõ largas, e compridas, de côr purpurada, e tunica palmata, que era bordada, tecida, ou guarnecida de prata, e ouro (23) hoje usaõ os Monarcas Cetro, e vestidos na fórma que em seus Reynos se pratica, e elles querem, porque como Senhores Soberanos o pòdem fazer sem offença da Magestade.

(21) *Dionis. l. 3. Estrabo. l. 5. de Gerograph. Lucio Flor. l. 5.*
(22) *Estrabo. Plutarc. Plin. Luc. Flor.*

(23) *Dionis. Estrabo. Lucio Floro suprà alleg.*

CAPI-

CAPITULO III.

Da Invençaõ das Leys, determinaçaõ de Carceres, privilegio de Azílos, imposiçaõ de Tributos, instituiçaõ de Justiças, e outras acçoens só proprias de Reys, ou Principes Soberanos.

VAstissima he esta materia; como quazi todas as mais que neste volume escrevo; mas como em os Escritores he trabalho grande o querer em pouco dizer muito, naquelles digo, que seguirem empresa semelhante à que ideei, he só o meu intento tocar, e abreviar.

Dar Leys aos homens he propriissimamente só de Deos; e depois de Deos só he proprio dos Monarcas aos seus vassalos que regem, por permissaõ Divina; saõ as Leys como Chrisippo (1) e outros muitos explicàraõ, huma observancia, e conhecimento das cousas Divinas, e humanas, determinaçaõ das cousas justas, e prohibiçaõ das inconvenientes, e injustas.

(1) *Chrisippo & alii quamplur.*

Sabemos todos que foy o Monarca Soberano do Ceo, e terra quem primeiro deu Leys ao Mundo, e Adam o primeiro homem que foy punido, porque as quebrou. (2) Reconhecemos todos ter havido Ley da Natureza, Ley Escrita, e a Ley da Graça, em que como Catholicos vivemos; mas a Ley da Natureza (restricta) foy depois por varios Principes a certas normas reduzida precisamente, permitindoo Deos para governo do Mundo, paz das gentes, e civilidade dos homens.

(2) *Genes. cap. 2. & 3.*

Desta pois, que aqui falamos, entendèraõ os mesmos Gentios sem conhecimento do verdadeiro Deos, que fora Jupiter a quem tinhaõ por seu primeiro Deos, o que a inventou. (3) Ouvidio dà esta primasia à Deosa Ceres (4) e Herodoto he deste sentir. (5) Por opiniaõ de muitos, foy Rhadamanto o primeiro que fez Leys no Mundo, e outros sucessivamente o imitàraõ fazendo outras, e dandoas a Naçoens diversas, como Dracon primeiro que outro aos Athenienses, Solon aos Egypcios, Q. Mercurio aos Ethiopes, Minos aos de Creta, e Candia, Licurgo aos Lacedemonios, Caronda aos de Cartago, Chandaro aos de Tyro, Phoroneo aos Argivos, Apolo aos Arcades, Pytagoras aos Italianos, Romulo aos Romanos, Druide aos Francezes, os Magos aos Persas, Trimegisto aos Thebanos, Zalmolsis aos Scythas, Phido aos de Corintho, e finalmente outros muitos que naõ repito (6) mas tenho por opiniaõ solida que Mouésés foy o primeiro homem depois de Adam que deu no Mundo Leys, e estas aos Hebreos, as quaes na eminencia do Monte Sinay participou do Supremo Legislador. (7) A' Lusitania as deu Tubal pelos annos 150. depois do diluvio. (7)

Os Carceres para mandarem os Reys prisionar delinquentes, suposto haja quem diga que foy invento dos Romanos, como tambem as algemas, e grilhoens, e Eutropio o atribua a Tarquinio Soberbo (8) fas-se atendivel

(3) *Cicero. Plutarch. &c.*
(4) *Ovidio 5. Metham.*
(5) *Herodot. l. 6.*
(6) *Isidor. l. 5. ety. Diodor. l. 3. cap. 5. Ravis. in offic. Lampridius. Plato. Aloysius de Piza. Andreas de Padua. Euseb.*
(7) *Exod. 32. Euzeb. l. 10. de Praparat. Evang. Abul. in Exod.*
(7) *Fr. Hector Pinto Brito. Faria. Souza de Macedo. Vasco Mouzinho.*
(8) *Eutropius.*

divel o ſentir de Titolivio, que mais antigamente ElRey Anco o inventàra, e uſára (9) ſe he que naõ foy ainda mais antigo eſte invento, como o entendem Joſefo, e Herodoto (10) ſupondo-ſe com opiniaõ mais provavel que Nembroth primeiro tirano, foy ſeu primeiro inventor.

(9) *Titolivius.*

(10) *Joſeph. de Ant. Herodot.*

Os azilos a que ſe acoitaõ os delinquentes, dizem Servio, e Stacio, que foy invento dos filhos, e deſcendentes de Hercules, os quais temendo ſerem juſtiçados pelos inimigos que a ſeu Pay tinhaõ occaſionado a morte, edeficàraõ hum Templo em a Cidade de Athenas, a que chamàraõ Miſericordia, ou azilo, alcançando dos Principes indulto para que toda a peſſoa que a elle ſe recolheſſe, naõ pudeſſe por violencia ſer extrahida. (11)

(11) *Servius in l. 8. Ar.aid. Stacius in l. 12. de Thebaid.*

A impoſiçaõ dos tributos eſpecialmente nas fazendas pela ſua avaluaçaõ, e rendimentos, diz Titolivio, que foy Servio Tulo quem primeiro o praticou (12) mandando reſiſtar em ſinco livros diverſos as poſſeſſoens, conforme a graduaçaõ das peſſoas, julgando ſer aſſim mais conveniente para a ſubſiſtencia do Imperio, do que o modo atè eſte tempo praticado de ſe pagar tributo, ou cenſo por cabeças, como coſtumavaõ os Romanos. A opiniaõ que concidero mais certa, he que muitos annos antes de haver Romanos no Mundo, foy Mouſés que inventou, ou determinou eſte cenſo, ou tributo por cabeças ao povo Hebreo, impondo-ſe eſpecial-

(12) *Serv. Tulo.*

cialmente aos que tiveſſem de vinte annos para ſima: conſta da Eſcritura Sagrada. (13)

(13) *Exod 30. Vide Nath. 22.*

Mandar bater, e cunhar moeda, diz Herodoto que foy inventado pelos de Lidia, aſſim em ouro, como prata. (14) Os Emperadores Romanos a mandàraõ fazer de ouro no anno de 647. da fundaçaõ de Roma, e ao primeiro dinheiro que ſe fez, chamàraõ Ducado (15) tomando-ſe poſteriormente o coſtume de eſtamparem na moeda as effigies de ſeu Soberano; e no anno de 484. tambem da fundaçaõ de Roma ſe principiou a cunhar dinheiro de prata, e na tal moeda ſe eſtampava huma carroça tirada por dous, ou quatro cavallos. (16) Eutropio ſe diverſifica na opiniaõ reſpectivamente aos annos de antiguidade mais, ou menos. (17)

(14) *Herodot. l. 1. hiſtor.*

(15) *Plin. l. hiſtor.*

(16) *Titolivius.*

(17) *Eutropius.*

Deixemos para outro lugar a Inſtituiçaõ das Juſtiças, porque ſem demora quero aqui expor hum Catalogo curioſo dos Monarcas do Mundo, todos os de que achey noticia, incluindo como taes os Pontifices Romanos; e como Portuguez direy finalmente alguma couſa do Imperio Luſitano.

CAPI-

CAPITUO IV.

CATALOGO

De todos os Principes, Reys, Emperadores, Pontifices, e mais Potentados que tem havido no Mundo desde o principio da sua creaçaõ atè o tempo presente.

Descendencia de Adam.

Annos do Mundo.

1 Adam creado por Deos.
15 Caim. } filhos.
30 Abel. } filhos.
130 Seth. } filhos.
235 Enòs, de Seth.
325 Caiman, de Enòs.
395 Malalael, de Caiman.
460 Jared, de Malalael.
622 Enoch, de Jared.
687 Matusalem, de Enoch.
874 Lamec, de Matuzalem.
1056 Noè, de Lamech.
1556 Sem, e outros Irmãos, de Noè
1656 O Diluvio universal.
1658 Arfaxad, de Sem.
1693 Sale, de Arfaxad.
1723 Heber, de Sale.
1757 Faleg, de Heber.
1787 Reu, de Faleg.
1819 Sarug, de Reu.
1894 Nachor, de Sarug.
1878 Tarè, de Nachor.
1948 Abraham, de Tarè.
2023 Entrada na terra da promiçaõ.
2047 O incendio de Sodoma.
2048 Isaac, de Abraham.
2108 Jacob, de Izaac.
2110 Florece Jozè.
2369 Nasce Aram.
2372 Nasce Mousés.

Antes da vinda de Christo.

Juizes dos Hebreos.

2452 Mousés.
2492 Jozuè.
2526 Othoniel.
2558 Aioth.
2638 Debora.
2678 Gedeaõ.
2718 Abimelec.
2721 Tola.

2744 Giair.
2766 Gefte.
2768 Efebon.
2779 A ialon.
2789 Labdon.
2797 Sanfaõ.
2817 Heli.
2857 Samuel.

Reys dos Hebreos.

2869 Saul.
2897 David.
2937 Salamaõ.

Reys de Judà

2977 Roboaõ.
2994 Abias.
2997 Afa.
3038 Jozafat.
3063 Joram.
3071 Ochozias.
3072 Athalia.
3079 Joâz.
3119 Amazias.
3140 Azarias.
3200 Jonathas.
3216 Achàz.
3232 Ezechias.
3261 Manaffes.
3316 Amon.
3318 Jozias.
3349 Joachaz
3349 Joachim.
3360 Jeconias.
3361 Sedechias.
3372 Tranfmigraçaõ de Babilonia.

Reys de Ifrael.

2977 Jeroboaõ.
2999 Nadab.
3001 Baafa.
3025 Hela.
3025 Zambri.
3027 Ambri.
3039 Acab.
3050 Ochozias.
3063 Joram.
3075 Gieu.
3103 Joachàz.
3120 Joàz.
3136 Jereboaõ.
3177 Zacharias.
3177 Mananehen.
3187 Faceia.
3189 Facea.
3190 Ozeas.

Reftituiçaõ do Povo Hebreo à fua antigua liberdade.

3442 Liberaçaõ dos Hebreos.
3557 Judith Rainha.
3776 Onias Pontifice.
3786 Simaõ.
3787 Nova perfeguiçaõ do Povo.

3788 Jaſon.
3791 Menelao.
3793 Nova perſeguiçaõ.
3794 Os Machabeos.
3795 Matatias.
3797 Judas Macabeo.
3803 Jonathas.
3820 Simaõ, outro.
3828 Hircano.
3861 Ariſtobolo I.
3862 Alexandre.
3889 Alexandra.
3898 Hircano, e Ariſto-
bolo II.
3919 Antipatro Idumeo.
3920 Antigono I.
3925 Herodes I.
3926 Antigono II.
3928 Herodes II.
3929 Annanael.
3930 Ariſtobolo III.
3936 Herodes III.
3955 Herodes IV.

Reys de Italia.

1765 Noè.
1798 Gomero Gallo.
1856 Otho.
1906 Cham.
1925 Noè.
2007 Crano Raſeno.
2066 Arunno.

2104 Tagete.
2146 Sicano.
2176 Evachio.
2206 Apis.
2216 Leſtrigon.
2261 Hercules.
2291 Tuſco.
2318 Altheo.
2325 Heſpero.
2336 Atlante Italo.
2355 Margete.
2375 Corito.
2408 Jaſio.
2458 Coribante.
2506 Turreno.
2557 Tracon Priſco.
2580 Abante.
2595 Olano.
2616 Verbeno.
2658 Oſcho.
2692 Darcon.
2736 Tiberino.
2776 Mezencio.

Reys antigos de Germania.

1798 Tuiſcon.
1864 Mano.
2037 Ingevon.
2074 Iſtevon.
2124 Hermion.
2118 Marſo.
2234 Gambrino.

2278 Suevo.
2324 Vandalo.
2365 Teuton.
2392 Alman.
2455 Boio.
2516 Ingrame.
2568 Adalogerico.
2617 Laerte.
2668 Ulizes.

Reys antigos da Hespanha, a qual deve á nossa Lusitania o berço glorioso de seu nascimento, como a diante mostrarei.

1800 Tubal.
1954 Ibero.
1991 Jubula.
2055 Brigo.
2106 Tago.
2137 Betto.
2164 Geriaõ.
2194 Os Gerioens.
2255 Hercules Libio.
2256 Hispalo.
2263 Hispano.
2291 Hercules.
2314 Hespero.
2325 Atlante.
2336 Oro.
2383 Sicano.
2413 Eleo.
2458 Luzo.
2488 Ulo.
2548 Testa.
2622 Roma.
2657 Palante.
2727 Euno.
2805 Gorgori.
2882 Abido.

Reys antigos de França.

1805 Giavan.
1958 Mago.
2010 Saro.
2068 Briusso.
2080 Bardo.
2140 Longo.
2209 Lucio.
2223 Celte.
2274 Galate I.
2315 Narbon.
2235 Ludo.
2388 Belgio.
2456 Alobrogo.
2516 Roma.
2551 Paris.
2590 Lemanio.
2648 Olbio.
2668 Galate II.
2709 Hanno.
2754 Remo.
2792 Franco I.
2818 Franco II.

Monar-

Monarcas dos Assirios.

1789 Nembrote.
1851 Bello.
1906 Nino primeiro Monarcha.
1958 Semiramis.
2000 Zamei Ninias.
2038 Arrio.
2068 Aralio.
2108 Baleo.
2138 Armatrite.
2176 Belloco. I.
2211 Baleo.
2263 Altade.
2295 Mamiro.
2325 Mancaleo.
2365 Ifereo.
2375 Mamelo.
2405 Esspareto.
2445 Ascatade.
2485 Aminta.
2530 Belloco. II.
2555 Bellopar.
2585 Lampride.
2617 Sosare.
2637 Lampare.
2667 Pania.
2712 Sosarmo.
2731 Mitreo.
2758 Tautane.
2790 Teuteo.
2830 Timeo.
2860 Dercilo.
2900 Eupale.
2938 Laostene.
2983 Pintidia.
3013 Ofarteo.
3033 Ofraganeo.
3083 Ascrazape.
3125 Sardanapalo.

Reys dos antigos Sicioens.

1875 Egialeo.
1927 Europo.
1972 Estelchino.
1992 Api.
2017 Telazio.
2069 Egidio.
2103 Tarimaco.
2148 Leucippo.
2201 Mesapo.
2248 Erato.
2294 Plemmeo.
2342 Ortopoli
2405 Marato. I.
2435 Marato. II.
2455 Echiteo.
2510 Chorace.
2540 Epopeo.
2575 Laomedonte.
2615 Sicion.
2660 Polibo.
2696 Adrasto.
2700 Inaco.
2742 Festo.

2750 Zeuzippo.
2754 Polifide.
2785 Pelaſgo ultimo.

Reys dos Argivos.

2109 Inaco I. Rey.
2159 Foroneo.
2219 Apis.
2254 Argo.
2324 Graſſo.
2378 Forba.
2413 Troiſa.
2459 Crotofo.
2480 Eſteleno.
2491 Danao.
2541 Linceo.
2581 Abante.
2602 Preto.
2619 Acrizio ultimo.

Reys de Lacio.

2336 Roma filha d' Atlante famoſa Luſitana.
2382 Romaneſſo.
2453 Pico Priſco.
2510 Fauno Priſco.
2540 Amno Faunigena.
2594 Vulcano.
2630 Marte.
2653 Ceculo Saturno.
2689 Pico II.
2723 Fauno II.
2747 Latino.
2786 Eneas.
2789 Aſcanio.
2827 Silvio.
2856 Eneas Silvio.
2887 Latino Silvio.
2937 Alba.
2986 Atis.
3000 Capi.
3028 Capetto.
3041 Tiberino.
3049 Agrippa.
3089 Aremolo.
3108 Aventino.
3145 Proca.
3168 Amulio.

Reys dos Romanos.

Depois de fundada em o monte Capitolino de Italia a entaõ pequena povoaçaõ de Roma por Atlante Italo XIV. Rey da Luſitania donde governava Heſpanha, e tambem Italia, concorrendo para eſta acçaõ ſua filha Roma naſcida em Portugal, tendo ſido eſta a primeira Senhora de Roma impondoſelhe o ſeu nome; paſſados muitos annos, o que primeiro a reedificou, e governou como Rey, foy no anno de 3210

3210 Romulo.
3211 Rapisce Sabina.
3247 Romulo foy morto.
3248 Numa Pompilio.
3289 Tullo Hostilio.
3321 Anco Marcio.
3344 Tarquinio I.
3381 Servio Tullo.
3415 Tarquinio II.
3450 Acabàraõ os Reys de Italia.

Reys do Egypto.

2242 Amasi I. Rey.
2267 Chebron.
2280 Amenosi I.
2301 Meste.
2313 Misarmutosi.
2339 Tuternosis.
2348 Amenosi II.
2379 Oro.
2417 Achencre.
2429 Achori.
2438 Chencre.
2454 Chenchreachecre.
2462 Cherre.
2477 Armeodanao.
2482 Ramesse.
2550 Menosi.
2590 Zeto.
2645 Rampse.
2711 Amenosi III.
2751 Attizano.
2777 Tuori.
2784 Rapsimite.
2926 Vafre.
2960 Sesac.
2986 Chemis.
3036 Cleobs.
3092 Cefrene.
3142 Micerino.
3171 Azichi.
3177 Anizi.
3178 Salaco.
3227 Seton.
3260 Os Dinastas.
3277 Psametico.
3331 Necaqui.
3350 Psamite.
3354 Vafre.
3385 Amasi
3437 Psametico II.
3546 Amiteo.
3553 Nefre.
3563 Achori.
3572 Nettanabo I.
3589 Nettanabo II.

Reys de Athenas.

2408 Cecrope I. Rey.
2458 Granao.
2467 Anfitreaõ.
2477 Ericbtonio.
2527 Pandio I.
2567 Eritheo.
2617 Cecrope II.

2657 Pandio II.
2682 Egeo.
2730 Thezeo.
2760 Meneſteo.
2784 Demofonte.
2817 Offinte.
2829 Aſida.
2836 Timoete.
2838 Melanto.
2875 Codro.

Reys de Troya.

2484 Dardano I. Rey.
2515 Erittonio.
2590 Troe.
2650 Ilo.
2705 Laomedonte.
2741 Priamo.
2784 Acabou o Reyno.

Reys de Mecenas.

2656 Euriſteo I. Rey.
2702 Atreo, ou Trieſte.
2768 Agamenon.
2786 Egiſto.
2792 Oreſte.
2829 Afida.
2830 Pentillo.
2836 Timoteo.
2861 Titamene ultimo.

Reys de Lacedemonia.

2862 Euriſto I. Rey.
2904 Agide.
2905 Acheſtrato.
2940 Labote.
2977 Doſiſto.
3006 Agelizao.
3050 Archelao.
3110 Teleco.
3150 Alcamene ultimo.

Reys de Corintho.

2862 Atlete I. Rey.
2897 Trion.
2934 Agilao.
2971 Primina.
3006 Baci.
3039 Agela.
3071 Eudemo.
3096 Ariſtomedes.
3131 Egemon.
3147 Alexandre.
3172 Feleſteo.
3184 Anſomene.
3185 Acabou o Reyno.

Reys de Tiro.

2923 Hira I. Rey.
2955 Baleſtrato.
2971 Adaſtrato.
2983 Aſtrato.

2995 Aſtarino.
3004 Felette.
3620 Itøbalo.
3035 Badeſoro.
3045 Margeno.
3052 Tiro.
3070 Pigmaliaõ ultimo.

Reys dos Caldeos.

3140 Fulbellocco.
3188 Fullaſſar.
3217 Salmanaſſar.
3230 Senacherib.
3240 Aſſaradon.
3247 Merodach.
3299 Benmerodach.
3320 Nabuchodonozor I.
3345 Nabuchodonozor II.
3390 Fulmerodach.
3420 Regaſſar.
3423 Labbaſſar.
3429 Balthazar ultimo.

Reys dos Medos.

3140 Arbace.
3168 Mandane.
3218 Soſarmo.
3248 Articarmo.
3298 Arbiano.
3320 Arceo.
3360 Artino.
3382 Aſtibaro.
3402 Apanda ultimo.

Reys de Macedonia.

3149 Granao I. Rey.
3178 Ceno.
3190 Tirima.
3228 Perdica I.
3279 Argeo.
3317 Filippe I.
3355 Europo.
3481 Alcete.
3410 Aminta I.
3460 Alexandre. I.
3503 Perdica II.
3532 Archelao I.
3559 Archelao II.
3563 Oreſte.
3566 Pauzanias.
3567 Aminta II.
3598 Alexandre II.
3594 Ptolomeo. I.
3598 Perdica III.
3604 Filippe II.
3627 Alexandre Magno.
3640 Arideo.
3647 Caſſandro.
3664 Antipatro.
3668 Demetrio.
3672 Pirro.
3673 Lyſimaco.
3679 Ptolomeo II.
3681 Soſtene.

3683 Antigono I.
3718 Demetrio II.
3728 Antigono II.
3743 Filippe III.
3778 Perſe ultimo.

Reys de Lydia.

3184 Ardizio I. Rey.
3222 Aliates. I.
3224 Mele.
3246 Candaulo.
3263 Giges.
3299 Ardo.
3336 Sadiato.
3351 Aliates II.
3417 Creſſo.
3432 Teve ſim.

Reys da Perſia.

3418 Ciro I. Rey.
3437 Cambiſſes.
3440 Dario.
3476 Xerxes I.
3496 Artabano.
3497 Artaxerxes.
3537 Xerxes II.
3537 Sogdiano.
3538 Dario.
3557 Mnemon.
3597 Ocho.
3625 Arſame.
3626 Dario.
3632 Acabou-o Alexandre Magno.

Reys de Alexandria.

3632 Alexandre Magno.
3637 Ptolomeo I.
3677 Ptolomeo II.
3715 Ptolomeo III.
3741 Ptolomeo IV.
3758 Ptolomeo V.
3782 Ptolomeo VI.
3817 Ptolomeo VII.
3847 Ptolomeo VIII.
3862 Ptolomeo IX.
3872 Ptolomeo X.
3880 Ptolomeo XI.
3911 Cleopatra.
3918 Cahio nos Romanos.

Reys de Siria.

3638 Seleuco I.
3689 Anthioco I.
3703 Anthioco. II.
3718 Seleuco II.
3737 Seleuco III.
3740 Anthioco o grande.
3776 Seleuco IV.
3787 Anthioco IV.
3797 Anthioco V.
3802 Demetrio I.
3811 Alexandre I.
3818 Demetrio II.

3826 Anthioco VI.
3835 Demetrio III.
3839 Alexandre II.
3841 Anthioco VII.
3853 Anthioco VIII.
3871 Seleuco V.
3874 Anthioco IX.
3875 Anthioco X.
3876 Demetrio, e Felipe.
3879 Felippe só.

Reys de Azia.

2643 Antigono.
2661 Demetrio.

Reys de Pergamo.

3679 Filetero.
3699 Eumenes I.
3721 Atalo.
3765 Eumenes II.
3808 Atalo II.
3829 Atalo III.
3884 Acabou nos Romanos.

Reys dos Parthos, antes da Vinda de Christo.

3719 Arſace I.
3740 Arſace II.
3760 Pampacio.
3772 Farnace.
3780 Mitridate I.
3827 Fraate I.
3855 Artabano.
3857 Pacoro.
3880 Fraate II.
3890 Mitridate II.
3903 Orode.
3934 Fraate III.
3956 Fraate IV.

Emperadores Romanos.

3912 Julio Cezar.
3918 Octaviano Aug.

Em o anno 42. do ſeu Imperio, e ſeguida a opinião mais ſolida, em o anno 5199. da Creação do Mũdo, depois do diluvio 2952. annos na hebdomada 65. na Olympiade 194.

Naſceo JESUS Chriſto noſſo Redemptor.

Annos de Chriſto.
15 Tiberio.
38 Caligola.
42 Claudio.
56 Nero.
69 Galba.
70 Othon.
70 Vitelio.
71 Veſpaziano.
80 Tito.
83 Domiciano.
97 Nerva.
99 Trajano.

118 Adriano.
139 Antonino Pio.
162 Antonino Vero.
181 Commodo.
194 Pertinace.
194 Juliano.
194 Severo.
211 Baſſiano.
218 Macrino.
219 Heliogabalo.
223 Alexandre.
236 Maximino.
238 Balbino.
239 Gordiano.
245 Felippe.
250 Decio.
253 Gallo.
254 Emiliano.
254 Valeriano.
269 Claudio.
269 Quintilio.
271 Aureliano.
276 Tacito.
277 Floriano.
277 Probo.
283 Caro.
283 Numeriano.
284 Diocleciano.
285 Conſtanço, e Galerio.
313 Conſtantino Magno.
337 Conſtantino II. e os Irmãos.
362 Juliano Apoſtata.
363 Joviniano.
364 Valentiniano.
374 Valente.
375 Graciano.
385 Valentiano III.
391 Eugenio.
394 Honorio.
423 Joaõ.
425 Valentiniano III.
455 Maſſino.
456 Avito.
457 Maiorano.
462 Severiano.
468 Antemio.
472 Retimero.
472 Olibio.
473 Glicerio.
475 Nepote.
476 Auguſtolo.

Emperadores do Oriente na diviſaõ do Imperio.

364 Valente.
379 Theodozio.
394 Arcadio.
408 Theodozio II.
450 Marciano.
457 Leaõ.
474 Leaõ II.
479 Zenon.
491 Anaſtacio.
518 Juſtino I.
527 Juſtiniano I.

565

565 Juſtino II.
576 Tiberio II.
583 Mauricio.
602 Foca.
611 Heraclio.
641 Conſtantino III.
641 Heracliano.
641 Coſtante.
664 Conſtantino IV.
686 Juſtiniano II.
712 Felippe.
715 Artemio, ou Anaſtacio II.
716 Teodozio III.
717 Leaõ III.
741 Conſtantino V.
775 Leaõ IV.
780 Conſtantino, e Irene.
802 Niceforo.
811 Michel Curopa.
813 Leaõ V.
821 Michel Phrigio.
829 Theofilato.
822 Michel III.
867 Bazilio.
886 Leaõ VI.
908 Alexandre.
909 Conſtantino VII.
221 Romano.
948 Conſtãtino iterum.
962 Romano iterum.
964 Niceforo Foca.
970 Joaõ Gemiſco.
976 Bazilio II.
1026 Conſtantino VIII.
1029 Romano.
1035 Michael Paflagonio.
1041 Michael Calafate.
1042 Theodora I.
1042 Conſtantino IX.
1054 Theodora II.
1056 Michael Stratoico.
1057 Izaacio Commeno.
1060 Conſtantino X.
1067 Eudoxia.
1068 Romano Diogenes.
1071 Michael Paraponacio.
1078 Niceforo.
1081 Aleſſio I.
1118 Caloiano.
1143 Manoel I.
1180 Aleſſio II.
1183 Andronico I.
1185 Izaacio.
1195 Aleſſio III.
1203 Aleſſio IV.
1204 Aleſſio. V.
1205 Baldovino.
1205 Henrique.
1216 Pedro.
1221 Roberto.
1228 Baldovino.
1260 Michael. VIII
1282 Andronico II.
1325 Andronico III.

1338 Joaõ I.
1354 Joaõ II.
1384 Andronico III.
1387 Manoel II.
1418 Joaõ III.
1421 Joaõ IV.
1445 Teve fim.
1453 Em Conſtantino.

Emperadores Romanos deſde Carlos Magno.

801 Carlos Magno.
814 Ludovico I.
840 Lotario I.
855 Ludovico II.
875 Carlos Calvo.
877 Ludovico Balbo.
879 Carlos Craſſo.
888 Arnolfo.
899 Ludovico III.
912 Conrado. I.
919 Henrique I.
636 Othon I.
973 Othon II.
983 Othon III.
1002 Henrique II.
1024 Interregno. - - - - -
1025 Conrado II.
1039 Henrique III.
1056 Henrique IV.
1106 Henrique V.
1125 Lotario II.
1139 Conrado III.
1152 Federico I.
1119 Henrique VI.
1198 Felippe II.
1208 Othon IV.
1220 Federico II.
1250 Interregno. - - - - -
1273 Rodolfo.
1291 Interregno. - - - - -
1292 Adolfo.
1299 Alberto I.
1309 Henrique VII.
1313 Interregno. - - - - -
1314 Ludovico IV.
1347 Carlos IV.
1379 Wenceslao.
1400 Roberto.
1411 Segiſmundo.
1438 Alberto II.
1440 Federico III.
1449 Maximiliano I.
1519 Carlos V.
1559 Fernando I.
1566 Maximiliano II.
1576 Rodolfo II.
1612 Mathias.
1619 Fernando II.
1638 Fernando III.
1658 Leopoldo.
1705 Jozeph Jacob.
Carllos VI.

Sammos

Summos Pontifices.

44 S. Pedro.
57 Lino Toſcano.
78 Cleto Romano.
90 Clemente Romano.
102 Anacleto Grego.
109 Evariſto Grego.
118 Alexandre Romano.
128 Xiſto Romano.
139 Telesforo Grego.
149 Igyno Grego.
153 Pio Aquileienſe.
164 Aniceto Siro.
173 Sothero Campano.
180 Eleutherio Grego.
195 Victor Africano.
207 Zeferino Romano.
218 Caliſto Romano.
223 Urbano Romano.
231 Ponciano Romano.
236 Antero Grego.
237 Fabiano Romano.
251 Cornelio Romano.
253 Lucio Romano.
255 Eſtefano Romano.
257 Xiſto II. Grego.
260 Dionizio Monacho.
271 Felix I. Romano.
275 Eutichiano Thoſcano.
283 Cayo Damalcino.
296 Marcelino Romano.
304 Marcello Romano.
310 Euzebio Grego.
311 Melchiades Africano.
314 Silveſtre Romano.
336 Marcos Romano.
336 Julio Romano.
353 Liberio I. Romano.
359 Felix II.
361 Liberio II. iterum.
366 Damazo Portuguez.
385 Siricio Romano.
398 Anaſtacio Romano.
402 Innocencio Albano.
416 Zozimo Grego.
419 Bonifacio Romano.
423 Celeſtino Campano.
432 Xiſto III. Romano.
440 Leaõ Thoſcano.
461 Hilario Sardo.
467 Simplicio Tiburtino.
483 Felix III. Romano.
492 Gelazio Africano.
496 Anaſtacio II. Romano.
498 Simaco Sardo.
514 Hormiſda Campano.
523 Joaõ I. Toſcano.
526 Felix IV. de Samo.
530 Bonifacio II. Romano.
532 Joaõ II. Romano.
534 Agapito Romano.
535 Silverio Campano.
577 Vigilio Romano.

555 Pelagio Romano.
560 Joaõ III. Romano.
575 Benedicto I. Romano.
579 Pelagio II. Romano.
590 Gregorio I. Romano.
604 Sabiniano Toſcano.
607 Bonifacio III. Romano.
608 Bonifacio IV. Romano.
615 Deodato Romano.
619 Bonifacio V. Napolitano.
622 Honorio Campano.
635 Sede Vacante.
637 Severino Romano.
683 Joaõ IV. Damalcino.
640 Theodoro Grego.
647 Martinho Toſcano.
653 Sede Vacante.
654 Eugenio Romano.
657 Vitaliano Campano.
672 Deodato II. Romano.
676 Dono Romano.
679 Agaton Siziliano.
682 Leaõ II. Siziliano.
683 Sede Vacante.
684 Benedicto II. Romano.
685 Joaõ V. Antioqueno.
686 Cannon de Tracia.
687 Sergio Soriano.
701 Joaõ VI. Grego.
705 Joaõ VII. Grego.
707 Sizinio Siro.
707 Conſtantino Toriano.
716 Gregorio II. Romano.
731 Gregorio III. Siro.
741 Zacharias Grego.
752 Eſtevaõ II. Romano.
752 Eſtevaõ III.
757 Paulo Romano.
768 Sede Vacante.
772 Adriano Romano.
796 Leaõ III. Romano.
816 Eſtevaõ IV. Romano.
817 Paſcoal Romano.
824 Eugenio II. Romano.
827 Valentino Romano.
828 Gregorio IV. Romano
844 Sergio II. Romano.
847 Leaõ IV. Romano.
847 Leaõ V. Romano.
853 Joaõ
855 Benedicto Romano.
858 Niculao Romano.
867 Adriano II. Romano.
872 Joaõ VIII. Romano.
882 Martinho II. Francez.
884 Adriano III. Romano.
885 Eſtevaõ V. Romano.
891 Formozo Portoenſe.
895 Bonifacio Toſcano.
896 Eſtevaõ VI. Romano.
897 Romano Romano.
897 Teodoro II. Romano.

897

897 Joaõ IX. Romano.
897 Benedicto IV. Rom.
902 Leaõ V. de Ardea.
902 Christovaõ Romano.
902 Sergio III. Romano.
910 Anastacio III. Rom.
912 Lando Romano.
913 Joaõ X. Romano.
928 Leaõ VI. Romano.
928 Estevaõ VII. Rom.
930 Joaõ XI. Romano.
935 Leaõ VII. Romano.
939 Estevaõ VIII. Alemaõ.
942 Martinho III. Rom.
946 Agapito II. Rom.
956 Joaõ XII. Romano.
963 Leaõ VIII. Romano.
965 Joaõ XIII. Romano.
972 Dono II. Romano.
972 Benedicto V. Rom.
974 Bonifacio VII. Rom.
975 Benedicto VI. Rom.
984 Joaõ XIV. Romano.
985 Joaõ XV. Romano.
995 Joaõ XVI. Romano.
995 Gregorio V. Saxonio.
998 Silvestre II. Francez.
1003 Joaõ XVIII. Rom.
1003 Joaõ XIX. Romano.
1009 Sergio IV. Romano.
1012 Benedicto VII. Tuscul.
1024 Joaõ XX. Romano.
1036 Benedicto VIII. Tuscul.
1045 Silvestre III. Rom.
1045 Gregorio VI. Rom.
1047 Clemente II. Saxonio.
1048 Damazo II. Bavaro.
1049 Leaõ IX. Alemaõ.
1055 Victor II. Alemaõ.
1057 Estevaõ IX. de Lorena.
1059 Niculao II. de Saboya.
1061 Alexandre II. Milanez.
1073 Gregorio VII. Saonense.
1086 Victor III. de Benevento.
1088 Urbano II. Francez.
1099 Pascoal II. Toscano.
1118 Gelazio II. de Caieta.
1119 Calixto II. Borgonh.
1124 Honorio II. de Imola
1130 Innocẽcio II. Rom.
1132 Celestino II. Toscan.
1144 Lucio II. Bolonhez.
1145 Eugenio III. Pizano.
1153 Anastacio IV. Rom.
1154 Adriano IV. Ingles.

1159

1159 Alexandre III. de Sena.
1181 Lucio III. Toſcano.
1185 Urbano III. Milanez.
1187 Gregorio VIII. Beneventano.
1188 Clemente III. Romano.
1191 Celeſtino III. Romano.
1198 Innocencio III. d' Anagni.
1216 Honorio III. Romano.
1227 Gregorio IX. d' Anagni.
1241 Celeſtino IV. Milanez.
1243 Innocencio IV. Genovez.
1254 Alexandre IV. d' Anagni.
1261 Urbano IV. Francez.
1265 Clemente IV. Narbonez.
1271 Gregorio X. Placentino.
1276 Innocencio V. Borgonhez.
1276 Adriano V. Genovez.
1276. Joaõ XXI. Portuguez.
1277 Niculao III. Rom.
1281 Martinho IV. Turonenſe.
1285 Honorio IV. Rom.
1288 Niculao IV. Eſculano.
1294 Celeſtino V. d' Iſernia.
1294 Bonifacio VIII. Romano.
1303 Benedito II. d' Tervigi.
1304 Sede Vacante.
1305 Clemente V. Aquitano.
1314 Sede Vacante.
1316 Joaõ XXII. Francez.
1334 Benedito XII. Tolozano.
1342 Clemente VI. Francez.
1352 Innocencio VI. Frãcez.
1362 Urbano V. Francez.
1370 Gregorio XI. Frãc.
1378 Urbano VI. Napolitano.
1389 Bonifacio IX. Napolitano.
1404 Innocencio VII. Salmonez.
1406 Gregorio XII. Veneziano.

1409 Alexandre V. d'Candia.
1410 Joaõ XXIII. Napolitano.
1417 Martinho V. Rom.
1431 Eugenio IV. Veneziano.
1447 Niculao V. d' Sarzana.
1455 Calixto III. Hesp.
1458 Pio II. Senense.
1464 Paulo II. Veneziano.
1471 Xisto IV. Saonense.
1484 Innocencio VIII. Genovez.
1492 Alexandre VI. Hespanhol.
1503 Pio III. de Senna.
1503 Julio II. Saonez.
1513 Leaõ X. Florentino.
1522 Adriano VI. Flamengo.
1523 Clemente VII. Florentino.
1534 Paulo III. Romano.
1550 Julio III. Florentin.
1555 Marcelo II. Senez.
1555 Paulo IV. Napolit.
1560 Pio IV. Milanez.
1566 Pio V. Alexandrino.
1572 Gregorio XIII. Bolonhez.
1585 Xisto V. Marchiano.
1590 Urbano VII. Rom.
1590 Gregorio XIV. Milanez.
1591 Innocencio IX. Bolonhez.
1592 Clemente VIII. Florentino.
1605 Leaõ XI. Florent.
1605 Paulo V. Romano.
1621 Gregorio XV. Bolonhez.
1623 Urbano VIII. Florentino.
1644 Innocencio X. Rom.
1655 Alexandre VII. Senense.
1667 Clemente IX. de Toscana.
1670 Clemente X. Rom.
1676 Innocencio XI. Milanez.
1689 Alexandre VIII. Veneziano.
1691 Innocencio XII. Napolitano.
1700 Clemente XI. Rom.
1720 Innocencio XIII. Romano.
1725 Benedicto XIII. Napolitano.
1730 Clemente XII. Florentino. Viva.

Reys dos Parthos, depois de nascido Christo.

4 Fraate V.
13 Orode.
14 Bonon.
20 Artabano II.
42 Bardano.
50 Sotario.
51 Vologez I.
91 Artabano III.
109 Pacoro.
114 Cosroas.
150 Vologez II.
198 Vologez III.
212 Artabano IV.

Reys da Persia.

228 Artaxerxes.
242 Sapor I.
273 Ormisda.
274 Vararano I.
277 Vararano II.
293 Vararano III.
293 Narseo.
301 Misdac.
309 Sapor II.
379 Artaxerxes II.
389 Sapor III.
395 Vararano IV.
405 Isdigete.
426 Vararano V.
446 Vararano VI.
463 Perize.
483 Valente.
487 Canade.
532 Cosroes I.
580 Ormisda.
588 Cosroes II.
627 Siroe.
628 Adhezir.
628 Sarbara.
629 Bornaro.
630 Hormisda.

Duques de Brabancia.

375 Tassandro.
416 Anstgizio.
436 Carlos I.
460 Lando.
478 Austrazio.
504 Carlos II.
536 Carlos III.
586 Carlos IV.
620 Pipino I.
647 Grimoaldo.
660 Bega.
685 Pipino II.
714 Carlos V.
741 Pipino III.
768 Carlos VI.
814 Luis I.
841 Carlos VII.
877 Luis II.
880 Carlos, e Luis.
886 Luis III.

889

889 Odon.
901 Carlos VIII.
927 Rodolfo.
929 Luis IV.
954 Carlos IX.
1001 Othon.
1004 Gerbriga.
1108 Gotfredo I.
1140 Gotfredo II.
1142 Gotfredo III.
1185 Henrique V.
1230 Henrique VI.
1247 Henrique VII.
1260 Joaõ I.
1296 Joaõ II.
1312 Joaõ III.
1355 Margarita I.
1385 Margarita II.
1404 Antonio.
1405 Joaõ IV.
1426 Felippe I.
1430 Felippe II. o Bom.
1467 Carlos X.
1477 Maria.
1481 Felippe III.
1506 Carlos XI.
1549 Felippe IV.
1599 Alberto por Izabella.

Reys dos Longobardos.

390 Agilmundo.
423 Lamiſſo.
426 Letho.
466 Gildeoche.
482 Claffon.
487 Tadon.
507 Uvacon.
511 Valtarito.
522 Andoino.
545 Alboino.
571 Clefi.
583 Antari.
588 Agilulfo.
604 Adoaldo.
627 Arioaldo.
637 Rotaro.
652 Rodoaldo.
656 Ariperto.
666 Partaro.
666 Grimoaldo.
675 Graribardo.
675 Partaro.
692 Cuniperto.
705 Luitperto.
706 Godiberto.
707 Ariperto.
712 Aſprando.
713 Luitprando.
743 Aldiprando.
744 Racchizio.
750 Aiſtalfo.
756 Deziderio.

Reys de Heſpanha.

411 Ataulfo.

417 Sigerico.
418 Uvallia.
441 Theodoreto.
454 Thurismundo.
457 Theodorico.
469 Eurico.
485 Marico.
506 Gezelarico.
510 Amalarico.
531 Thendio.
548 Theodizelo.
549 Agila.
552 Atanagildo.
563 Loiva I.
572 Leonegildo.
586 Recaredo.
601 Loiva II.
603 Huterigo.
610 Gondemaro.
612 Sisebuto.
621 Ricaredo.
621 Suentilla.
631 Sizenando.
635 Chintilla.
639 Toelga.
641 Flavio.
651 Recesvindo.
669 Bamba.
680 Ervigio.
687 Egica.
701 Vitizza.
711 Roderico.
714 Interregno.
717 Pelagio.
736 Favilla.
738 Affõso I. Catholico.
757 Froila I.
768 Aurelio.
774 Silo.
783 Mauregato.
788 Veremundo I.
791 Affonso II. o Casto.
814 Ramiro I.
851 Ordonho I.
862 Affõso III. o grãde.
910 Garcia.
913 Ordonho II.
923 Froila II.
924 Afonso IV.
931 Ramiro II.
950 Ordonho III.
955 Sancho I.
967 Ramiro III.
982 Veremundo II.
999 Affonso V.
1028 Veremundo III.
1038 Fernando I.
1065 Sancho II.
1073 Affonso VI.
1109 Affonso VII.
1126 Affonso VIII.
1157 Sancho III.
1158 Affonso IX.
1214 Henrique.
1216 Fernando II.
1252 Affonso X. o Sabio.

1284 Sancho IV.
1295 Fernando III.
1310 Affonſo XI.
1350 Pedro o Cruel.
1369 Henrique II.
1379 Joaõ I.
1390 Henrique III.
1407 Joaõ II.
1454 Henrique IV.
1474 Fernando IV.
1506 Felippe I.
1517 Carlos I.
1558 Felippe II.
1598 Felippe III.
1621 Felippe IV.
1665 Carlos II.
1700 Felippe V.
1724 Luis I.
Interum Felippe V.

Reys de França.

420 Faramundo.
430 Clodio.
449 Meroveo.
461 Childerico I.
484 Clodoveo I.
516 Childeberto.
561 Clotario I.
565 Ariberto.
573 Chilperico I.
587 Clotario II.
631 Dagoberto I.
645 Clodoveo II.
663 Clotario III.
668 Childerico II.
680 Theodorico I.
693 Clodoveo III.
698 Childeperto.
716 Dagoberto II.
720 Clotario IV.
722 Chilperico II.
726 Theodorico II.
741 Clodoveo IV.
751 Pipino.
768 Carlos Magno.
814 Luis Pio I.
841 Carlos Calvo.
877 Luis II.
880 Luis, e Carlos Magno.
886 Carlos o gordo.
889 Othon.
901 Carlos o ſimples.
927 Rodolfo.
929 Luis IV.
946 Lotario.
987 Luis V.
988 Hugo Capetto.
997 Roberto Pio.
1030 Henrique.
1061 Felippe I.
1109 Luis VI.
1138 Luis VII.
1181 Felippe II.
1224 Luis VIII.
1227 Luis IX. o Santo.

1271 Felippe III.
1286 Felippe IV.
1314 Luis X.
1316 Felippe V.
1321 Carlos.
1328 Felippe VI.
1350 Joaõ.
1364 Carlos o Sabio.
1380 Carlos de Valois.
1424 Carlos VII.
1460 Luis XI.
1483 Carlos VIII.
1497 Luis XII.
1515 Franciſco I.
1547 Henrique II.
1559 Franciſco II.
1561 Carlos IX.
1574 Henrique III.
1589 Henrique IV.
1610 Luis XIII.
1643 Luis XIV.
1715 Luis XV.

Doges de Veneza.

421 Principio de Veneza.
453 Augmento deſta Cidade.
697 Pauluccio I. Doge.
717 Marcello.
726 Orſo.
737 Deodato.
738 Galla.
739 Domingos.
741 Mauricio.
742 Joaõ.
742 Beato.

Com mayor ſublimidade.

809 Angelo.
828 Juſtiniano.
829 Joaõ I.
837 Pedro I.
864 Orſo I.
881 Joaõ II.
887 Pedro II.
888 Pedro III.
909 Orſo II.
932 Pedro IV.
939 Pedro V.
941 Pedro VI.
959 Pedro VII.
976 Pedro VIII.
978 Vital I.
979 Tribun.
991 Pedro IX.
1009 Othon.
1026 Pedro X.
1032 Domingos I.
1043 Domingos II.
1071 Domingos III.
1084 Vital II.
1096 Vital III.
1102 Ordelafo.
1120 Domingos IV.
1130 Pedro XI.
1148 Domingos V.
1156 Vital IV.

1173 Sebaſtiaõ.
1178 Orio.
1192 Henrique
1205 Pedro X I I.
1229 Jacome I.
1249 Marino I.
1252 Rhinier.
1268 Lourenço I.
1275 Jacome I I.
1280 Joaõ I I I.
1289 Pedro X I I I.
1312 Marino I I.
1313 Joaõ I V.
1328 Franciſco I.
1339 Batholomeo
1392 Andrè I.
1354 Marino I I I.
1355 Joaõ V.
1356 Joaõ V I.
1361 Lourenço I I.
1365 Marcos.
1367 Andrè I I.
1380 Miguel I.
1381 Antonio.
1400 Miguel II.
1413 Thomàs.
1423 Franciſco.
1457 Paſcoal.
1462 Chriſtovaõ.
1471 Niculao I.
1473 Niculao I I.
1474 Pedro X I V.
1476 Andrè I I I.
1477 Joaõ V I I.
4485 Marcos.
1485 Agoſtinho.
1501 Leonardo.
1521 Antonio.
1523 Andrè I V.
1538 Pedro X I V.
1545 Franciſco.
1553 Marcos.
1554 Franciſco.
1556 Lourenço.
1559 Jeronimo.
1567 Pedro XV.
1570 Luis.
1577 Sebaſtiaõ.
1578 Niculao.
1585 Paſcoal.
1595 Marino.

Reys de Eſcocia.

422 Ferguzio.
440 Eugenio I.
461 Dongardo.
465 Conſtantino I.
465 Conſtantino I I.
482 Congallo.
501 Conrano.
535 Eugenio I I.
568 Convallo I.
578 Chinatilho.
580 Aidano.
606 Chenneto I.
606 Eugenio I I I.

620

620 Ferquardo I.
632 Donaldo I.
647 Ferquardo II.
664 Malduino.
684 Eugenio IV.
688 Eugenio V.
697 Ambrecheleto.
699 Eugenio VI.
716 Mordaco.
732 Etfino.
762 Eugenio VII.
765 Ferguzio II.
767 Solvacio.
787 Acayo.
819 Convallo II.
824 Dongalo.
830 Alpino.
834 Chenneto II.
855 Donaldo II.
860 Conſtantino III.
874 Etho.
876 Gregorio.
893 Donaldo III.
903 Conſtantino IV.
906 Malcolmo. I.
959 Indolfo.
968 Dulfo.
972 Culeno.
976 Chenneto III.
1000 Conſtantino V. o Calvo.
1002 Grimo.
1011 Malcolmo II.
1040 Duncano.
1047 Macabeo tirano.
1061 Malcolmo III.
1097 Donaldo IV.
1098 Doncano.
1098 Donaldo V.
1100 Edgaro.
1109 Alexandre.
1125 David I.
1153 Malcolmo IV.
1165 Guilhelmo.
1214 Alexandre II.
1249 Alexandre III.
1280 Odoardo.
1293 Joaõ.
1306 Roberto.
1329 David II.
1371 Roberto II.
1390 Roberto III.
1406 Roberto IV.
1424 Jacome I.
1437 Jacome II.
1460 Jacome III.
1488 Jacome IV.
1533 Jacome V.
1542 Maria.
1564 Jacome VI.
ou pode-ſe ler Jacobo, &c.
Carlos filho de Jacobo.

Reys dos Wandalos.

429 Genſerico.
470 Honorico.

478 Guntamundo.
495 Trasimundo.
522 Hilderico.
529 Gilimero.

Duques de Baviera.

456 Aldegerio.
504 Theodo I.
512 Theodo II.
537 Theodo III.
569 Theodeberto I.
598 Garibaldo.
612 Theodo IV.
630 Theodeberto II.
650 Theodo V.
690 Theodo VI.
708 Theodo VII.
735 Odilon.
765 Tassilon.
785 Carlos Magno.
814 Luis I.
840 Lotario.
855 Luis. II.
875 Carlos Calvo.
877 Luis III.
879 Carlos III.
888 Arnolfo I.
899 Luis IV.
912 Arnoldo.
937 Arnolfo II.
953 Henrique I.
955 Henrique II.
994 Henrique III.
1001 Henrique IV. o Santo.
1071 Guelfon I.
1101 Guelfon II.
1118 Henrique V.
1125 Henrique VI.
1139 Henrique VII.
1180 Othon I.
1183 Luis V.
1231 Othon II.
1249 Luis VI.
1253 Henrique VIII.
1290 Othon III.
1294 Luis VII.
1312 Henrique IX.
1333 Joaõ I.
1347 Estevaõ I.
1379 Estevaõ II.
1388 Joaõ II.
1393 Federico.
1394 Henrique X.
1397 Ernesto.
1438 Alberto. I.
1450 Luis VIII.
1479 George.
1502 Alberto II.
1508 Guilherme I.
1550 Alberto III.
1579 Guilherme II.

Reys de Italia.

477 Odoacre.
494 Theodorico.

526 Atalarico.
534 Theodato.
536 Vitige.
539 Ildovardo.
540 Ararico.
541 Totila.
552 Teia.

Mais modernos.

801 Pipino.
813 Bernardo.
818 Luis I.
823 Lotario I.
844 Luis. II.
877 Carlos Magno.
879 Carlos II.
888 Berengario, e Guido.
894 Berengario, e Lamberto.
898 Berengario só.
900 Luis, e Berengario.
923 Rodulfo.
926 Ugo.
947 Berengario II. e Ugo.
949 Berengario só.

Exarchos de Ravenna.

569 Longino.
583 Esmaragdo.
587 Romano.
998 Gallicano.
602 Esmaragdo.
612 Lamigio.
616 Eleutherio.
628 Izaccio.
641 Theodoro.
648 Olimpio.
952 Theodoro.
686 Joaõ.
702 Theofilato.
725 Paulo.
727 Euthico.

Califes dos Sarracenos.

623 Mahometo.
631 Eubocara.
634 Aomar I.
948 Ozmen.
956 Muhamad.
660 Ali.
661 Alacemo.
680 Moavia.
683 Giezid I.
684 Abdalon.
707 Abdimelech.
716 Zulami.
719 Aomar II.
721 Giezid II.
724 Euclid.
742 Giezid III.
743 Joes.
744 Maruan.
745 Abubala.
755 Abedella.
756 Abdala I.
772 Madiz.

786 Mouſés.
788 Aaraõ.
809 Mahometto.
820 Abdala.
832 Maamad.

Reys de Polonia.

700 Lecho.
728 Gracco.
728 Lescho I.
730 Vanda.
750 Primislao.
780 Lescho II.
801 Lescho III.
815 Popelo I.
830 Popelo II.
842 Piaſto.
895 Semovito.
902 Lescho IV.
921 Semoſmilao.
962 Mieſco.
999 Boleslao I. Romano.
1025 Mieſco II.
1041 Caſimiro I.
1068 Boleslao II.
1082 Uladislao I.
1103 Boleslao III.
1140 Uladislao II.
1146 Boleslao IV.
1174 Mieslao.
1178 Caſimiro II.
1194 Lescho V.
1243 Boleslao V.
1279 Lescho VI.
1290 Henrique I.
1295 Primislao II.
1300 Wenceslao.
1306 Uladislao III.
1333 Caſimiro III.
1370 Luis.
1472 Iduvige.
1486 Jaleaõ.
1487 Uladislao V.
1490 Cazimiro IV.
1490 Joaõ.
1501 Alexandre.
1507 Sigiſmundo I.
1548 Sigiſmundo II.
1574 Henrique II.
1576 Eſtevaõ.
1588 Sigiſmundo III.

Reys de Inglaterra.

805 Egberto I. Rey.
837 Edelfo.
857 Ethelbaldo.
858 Ethelberto.
863 Ethelredo.
872 Aluredo
901 Odoardo, ou Duarte I.
925 Adelſtano.
940 Edmundo.
946 Eldredo.
955 Edvino.
959 Edegardo.

975 Odoardo, ou Duarte S. II.
978 Etheldredo.
1016 Edmundo.
1017 Canuto I.
1036 Haraldo.
1041 Canuto II.
1043 S. Odoardo, ou &c. III.
1066 Hrraldo II.
1067 Guilherme I.
1088 Guilherme II.
1101 Henrique I.
1136 Eſtevaõ.
1154 Henrique II.
1189 Ricardo I.
1201 Joaõ.
1217 Henrique III.
1273 Odoardo IV.
1308 Odoardo V.
1327 Odoardo VI.
1377 Ricardo II.
1400 Henrique IV.
1414 Henrique V.
1423 Henrique VI.
1461 Odoardo VII.
1484 Odoardo VIII.
1484 Ricardo III.
1486 Henrique VII.
1510 Henrique VIII.
1552 Odoardo IX.
1553 Maria.
1558 Eliſabetha.
1602 Jacobo I.

Adonde digo Odoardo, lem outros Duarte, e Eduardo outros.

Reis de Aragaõ.

829 Junico.
860 Garcia.
891 Sancho Garcia.
927 Garcia Sancho.
962 Sancho.
1035 Ramiro.
1063 Sancho.
1094 Pedro I.
1108 Affonço I.
1126 Ramiro.
1147 Ramundo.
1163 Affonço II.
1196 Pedro II.
1213 Jacobo.
1276 Pedro III.
1283 Affonço III.
1291 Jacobo.
1327 Affonço IV.
1335 Pedro IV.
1387 Joaõ.
1396 Martinho.
1410 Fernando.
1416 Affonço V.
1458 Joaõ II.
1476 Fernando II.
1516 Carlos de Auſtria.
1555 Felippe I. Rey de Heſp.

1598

1598 Felipe II.

Reis de Navarra.

829 Ennico Conde de Bigorra.
860 Garcia I.
891 Sancho I.
927 Garcia II.
962 Sancho II.
1035 Garcia III.
1076 Sancho Garcia.
1080 Ramiro.
1134 Garcia IV.
1151 Sancho IV.
1195 Sancho V.
1234 Theobaldo I.
1253 Theobaldo II.
1270 Henrique I.
1274 Felipe formozo.
1305 Luis.
1316 Joanna I.
1349 Carlos I.
1386 Carlos II.
1425 Joanna II.
1478 Francisco.
1482 Joaõ.
1518 Henrique II.
1572 Henrique III.

Duques de Saxonia.

842 Lodulfo.
859 Bruno.
880 Othon.
916 Henrique
936 Othon Magno.
964 Hermano.
986 Bannon.
1010 Bernardo.
1063 Odulfo.
1073 Magno.
1086 Lotario.
1125 Henrique soberbo.
1139 Henrique Leaõ.
1180 Bernardo II.
1212 Alberto I.
1260 Alberto II.
1297 Rodulfo I.
1356 Rodulfo II.
1370 Vvenseslao.
1388 Rodulfo III.
1420 Alberto III.
1424 Federico I.
1428 Federico II.
1464 Ernesto.
1486 Federico III.
1525 Joaõ.
1532 Joaõ Federico.
1547 Mauricio.
1553 Augusto.
1586 Christiano.
1511 Christiano, e os Irmãos.

Principes de Hollanda, Zelanda, e Senhores da Frizia.

863 Theodorico I.
903 Theodorico II.
988 Arnoldo.
993 Theodorico III.
1039 Theodorico IV.
1048 Florentino.
1062 Theodorico V.
1092 Florentino.
1123 Theodorico VI.
1163 Florentino III.
1190 Theodorico VII.
1203 Ada.
1204 Guilherme I.
1223 Florentino IV.
1235 Guilherme II.
1255 Florentino V.
1296 Joaõ de Hollanda.
1300 Joaõ II.
1305 Guilherme III.
1337 Guilherme IV.
1340 Margarita.
1351 Guilherme V.
1358 Alberto.
1414 Guilherme VI.
1417 Joaõ III.
1424 Jacoba.
1433 Felipe o bom.
1467 Carlos o guerreiro.
1477 Maria Carlezia.
1481 Maximiliano.
1494 Felipe d'Auſtria.
1506 Carlos V. Emperad.
1549 Felipe II. de Auſtria.
1599 Alberto por Izabela.

Principes de Flandres.

876 Baldovino I.
879 Baldovino II.
918 Arnolfo o grande.
954 Baldovino III.
967 Arnolfo II.
989 Baldovino IV.
1035 Baldovino V.
1068 Arnolfo III.
1070 Roberto I.
1072 Roberto II.
1111 Baldovino.
1118 Carlos.
1127 Guilherme.
1128 Theodorico.
1168 Felipe.
1191 Margarita I.
1194 Baldovino VI.
1205 Joanna.
1244 Margarita II.
1279 Guido.
1305 Roberto.
1322 Luis.
1346 Luis.
1388 Margarita III.
1404 Joaõ.
1429 Felipe.
1463 Carlos.

1477 Maria Carlezia.
1481 Filipe de Auſtria.
1506 Carlos V. Emperad.
1549 Felipe de Auſtria II.
1599 Alberto por Izabel.

Reys da Noruega.

878 Araldo I.
931 Henrique.
932 Aquino I.
959 Araldo II.
974 Aquino II.
994 Olau I.
1011 Aquino III.
1013 Olau II.
1028 Suenon.
1040 Magno o bom.
1046 Araldo.
1066 Olau III.
1092 Magno II.
1102 Sigivardo.
1116 Magno III.
1125 Araldo.
1130 Siuardo.
1139 Ingon I.
1155 Aquino IV.
1157 Erlingo.
1168 Magno IV.
1178 Suero.
1203 Aquino V.
1204 Gutor.
1205 Ingon II.
1217 Aquino VI.
1263 Magno V.
1280 Henrique
1299 Aquino VII.
1319 Magno VI.
1364 Aquino VIII.
1380 Olau IV.
1387 Margarita q̃ o unio com a Dania.

Reys de Ungrîa.

997 S. Eſtevaõ I. Rey.
1039 Pedro Alemaõ.
1040 Aba.
1041 Pedro-outravez.
1047 Andrè I.
1059 Bella.
1063 Salamaõ.
1074 Geiza I.
1077 Ladislau I.
1095 Calomano.
1116 Eſtevaõ II.
1135 Bella II.
1145 Geiza II.
1165 Eſtevaõ III.
1176 Bella III.
1198 Emerico.
1201 André II.
1235 Bella IV.
1275 Eſtevaõ IV.
1278 Ladislau II.
1291 André III.
1301 Vvenceslao.
1304 Othon.

1310

1310 Carlos.
1342 Luis.
1382 Maria.
1386 Sigiſmundo Emperador.
1438 Alberto Emperador
1440 Uladislau.
1445 Ladislao III.
1458 Mathias.
1489 Ladislau IV.
1516 Luis.
1527 Joaõ.
1540 Fernando de Auſtria.
1564 Maximiliano Emperador.
1572 Rodolfo Emperad.
1608 Mathias II. Emper.
1618 Fernando II.
1625 Fernando III.
1647 Fernando IV.

Duques de Saboya.

998 Bertoldo I. Conde.
1027 Umberto I.
1045 Amadio I.
1080 Umberto II.
1100 Amadio II.
1148 Umberto III.
1201 Thomaz.
1233 Amadio III.
1240 Bonifacio.
1256 Pedro
1268 Felippe.
1285 Amadio IV.
1322 Eduardo.
1329 Amadio V.
1342 Amadio VI.
1383 Amadio VII.
1398 Amadio I. Duque.
1434 Luis.
1465 Amadio IX.
1471 Felisberto I.
1485 Carlos I.
1489 Carlos II.
1497 Felisberto II.
1504 Carlos III.
1554 Manoel.
1580 Carlos.

Reys de Dania.

1046 Suenon.
1074 Araldo.
1076 Canuto.
1088 Olau.
1090 Henrique I.
1102 Niculao.
1134 Henrique II.
1136 Henrique III.
1210 Vademarco.
1242 Henrique IV.
1250 Abel.
1252 Chriſtovaõ.
1259 Henrique.
1286 Henrique.
1321 Chriſtovaõ.

1333

1333 Valdemaro.
1340 Valdemaro.
1375 Margarita.

Reys da Noroega, e Dania, depois de Margarita.

1412 Henrique.
1439 Christovaõ.
1448 Christieno I.
1481 Joaõ.
1513 Christieno II.
1532 Federico.
1533 Christieno III.
1559 Federico II.
1588 Christieno IV.

Reys de Persia modernos.

1051 Zadocco.
1053 Bogassa.
1056 Aspasal.
1066 Moleco.
1070 Belseroco.
1098 Incognito.
1240 Hollon.
1265 Abriga.
1283 Argon.
1298 Cassano.
1351 Carbadago.
1390 Tamerlao.
1402 Escarocco.
1438 Usumcassano.
1478 Jacuppo.
1485 Aluante.
1494 Ismael.
1525 Tamas.
1576 Caidar.
1577 Mehemet.
1595 Abbas.

Reys de Napoles, e Sezilia.

1060 Roberto.
1085 Rogerio Duque.
1110 Guilherme I.
1127 Rogerio II. Rey I.
1153 Guilherme II.
1166 Guilherme III.
1189 Tancredi.
1195 Guilherme. IV.
1195 Henrique.
1198 Federico II. Emperador.
1250 Corrado.
1254 Manfredo.
1265 Carlos de Anjú.

Reys de Sezilia.

1281 Pedro.
1285 Jacobo.
1296 Federico.
1336 Pedro.
1342 Luis.
1355 Federico.
1378 Maria.
1402 Martinho.
1408 Martinho.
1410 Joanna.

1413 Fernando.
1416 Affonſo.
1458 Joanna.
1477 Fernando.
1516 Carlos.
1555 Felippe
1598 Felippe.

Reys de Napoles.

1285 Carlos.
1309 Roberto.
1342 Joanna I.
1382 Carlos.
1400 Ladislao.
1414 Joanna II.
1434 Affonſo.
1438 Renato.
1442 Affonſo II.
1458 Fernando I.
1474 Affonſo.
1495 Carlos.
1495 Fernando II.
1496 Federico.
1501 Luis.
1503 Fernando.
1515 Joanna III.
1517 Carlos V. Emperador.
1555 Felippe I. de Heſpanha.
1598 Felippe II.

Reys de Bohemia.

1087 Uratislao I. Rey.
1093 Corrado,
1199 Primislao.
1231 Uvenceslao.
1254 Othocaro.
1278 S. Uvenceslao.
1305 Uvenceslao.
1307 Henrique.
1307 Rodolfo d'Auſtria.
1308 Henrique.
1311 Joaõ.
1346 Carlos IV. Emperador.
1378 Uvenceslao VII. Emperador.
1420 Sigiſmundo Emperador.
1438 Alberto Emperad.
1439 Ladislao.
1458 George.
1471 Uladislao.
1516 Luis.
1527 Fernando Emperad.
1564 Maximiliano Emperador.
1576 Rodulfo Emperador.

Reys de Jeruſalem.

1099 Gotfredo.
1010 Baldovino I.

1118

1118 Baldovino II.
1131 Fulcaõ.
1142 Baldovino III.
1152 Almerico I.
1173 Baldovino IV.
1174 Baldovino V.
1185 Guido.
1196 Almerico II.
1210 Joaõ.

Reys modernos de Portugal.

Seu principio, excellencias, grandeza, e antiguidade exporey em outro capitulo, por naõ confundir a ſerie no Catalogo.

1113 Henrique de Lorena.
1113 Affonço I. Rey.
1185 Sancho I.
1212 Affonço II.
1224 Sancho II.
1246 Affonſo III.
1279 Dionizio, ou Dinis.
1325 Affonſo IV.
1357 Pedro I.
1368 Fernando.
1383 Joaõ I.
1433 Eduardo, ou Duarte.
1438 Affonſo V.
1481 Joaõ II.
1495 Manoel.
1521 Joaõ III.
1557 Sebaſtiaõ.
1578 Henrique Cardeal.

Por falta de ſucceſſaõ atenuado o Reyno na decima ſexta geraçaõ, governàraõ intruzos.

1580 Felippe I. de Heſpanha.
1598 Felippe II.
1621 Felippe III.

Pôs Deos os olhos neſte Reyno que eſtabelecéra Imperio para ſi, e foy acclamado por ſeu Rey natural

1640 Joao IV.
1667 Affonſo VI.
1683 Pedro II. como Regente, e como Rey.
1706 Joaõ V. noſſo Auguſto Monarca que muitos annos viva, tendo entre ſeus legitimos ſucceſſores a Jozè I. em o nome, Principe jurado.

Duques de Auſtria.

1146 Henrique.
1177 Leopoldo I.
1194 Federico I.
1198 Leopoldo II.

1232 Federico II.
1246 Margarita.
1281 Alberto I.
1308 Federico III.
1330 Leopoldo III.
1346 Alberto II.
1358 Rodulfo.
1363 Alberto III.
1395 Alberto IV.
1404 Alberto V.
1439 Federico IV.
1493 Maximiliano.
1504 Felippe.
1506 Carlos, e ſeus Succeſſores.

Reys de Suecia.

1150 S. Henrique I.
1160 Carlos.
1168 Canuto.
1192 Suerchero.
1210 Henrique II.
1218 Joaõ.
1222 Henrique III.
1250 Valdemaro.
1277 Magno I.
1290 Begero.
1319 Magno II.
1363 Alberto.
1395 Margarita.
1396 Henrique IV.
1438 Chriſtovaõ.
1470 Carlos.
1482 Stenon I.
1513 Suanton.
1532 Stenon II.
1560 Goſtano.
1576 Henrique V.
1592 Joaõ.
1602 Sigiſmundo.
1607 Carlos.
1632 Guſtavo Adolfo.
Chriſtina.

Reys de Chipre.

1210 Hugo I.
1223 Henrique I.
1256 Hugetto.
1266 Hugo II.
1283 Joaõ I.
1285 Henrique II.
1292 Guido.
1296 Almerico.
1316 Hugo III.
1353 Pedro.
1371 Pedrinho.
1383 Jacobo I.
1412 Giano.
1432 Joaõ II.
1460 Carlotta.
1463 Jacobo II.
1473 Jacobo III.
1475 Catherina, a quem os Venezianos tomàraõ o Reyno; e no anno de 1571. o tomaraõ os Turcos aos Venezianos

Du-

Duques de Ferrara.

1195 Azzo Marquez de Eſte.
1212 Aldobrandino.
1213 Azzon.
1266 Obizzo.
1293 Azzon.
1308 Ricciardo.
1336 Azzon.
1352 Aldobrandino.
1361 Niculao.
1388 Alberto.
1393 Niculao.
1441 Leonel.
1450 Borſo I. Duque de Ferrara, Modena, e Regio.
1471 Hercules I.
1504 Affonſo I.
1534 Hercules II.
1559 Affonço II.
1595 A. S. Igreja de Roma.

Duques de Lituania.

1240 Stroinato.
1264 Vorſalio.
1270 Vitano.
1300 Gedimino.
1326 Olgerico.
1381 Giagelon.
1387 Scargelon.
1392 Vitoldo.
1430 Suidrigello.
1432 Sigiſmundo.
1440 Cazimiro.
1447 Alexandre.

Senhores dos Turcos.

1300 Othomano.
1328 Orcanna.
1350 Amorat I.
1390 Baiazetto I.
1397 Calepino.
1411 Mouſés.
1414 Mahomet I.
1422 Amorat II.
1451 Mahomet II.
1482 Baiazetto II.
1512 Selimo I.
1520 Solimaõ.
1566 Selimo II.
1574 Amorat III.
1595 Mahomet III.
1604 Achmat.

Duques de Milaõ.

1395 Joaõ I. Duque.
1402 Joaõ Maria.
1412 Felippe.
1446 Franciſco Sforſa I.
1466 Galeazzo.
1477 Joaõ.
1490 Luis.
1508 Maximiliano.

1522 Francisco Sforsa II.
1535 Carlos Emperador.
1555 Felippe I. Rey de Hespanha.
1598 Felippe II.

Duques de Urbino.

1444 Federico I. Duque.
1508 Guidobaldo I.
1538 Francisco I.
1578 Guidobaldo II.
1582 Francisco II.

Duques de Mantua.

1519 Federico I. Duque.
1540 Francisco.
1550 Guilherme.
1587 Vicente.

Duques de Florença, e Toscana.

1530 Alexandre I. Duque
1537 Cosmo.
1574 Francisco.
1587 Fernando.

Duques de Parma.

1537 Pedro Luis I. Duque.
1547 Octavio.
1586 Alexandre.
1592 Raunucio.

CAPI-

CAPITULO V.

Especializa-se quanto a Portugal a materia do antecedente Cap. Mostraõ se os principios, e antiguidade da Lusitania, sua primeira fundaçaõ, e Reys primeiros mais individualmente; como tambem a fundaçaõ de Lisboa; e de outras povoaçoens succecivas.

POr naõ confundir a serie do antecedente Catalogo, reservey para agora summariamente explanar os primeiros principios da Lusitania, e seus antiguos Reys, evitando a confuzaõ que pòde haver nos curiosos respectivamente aos Monarcas de Portugal, e Castella; e se aos criticos parecer que nestes Capitulos me afasto alguma cousa do assumpto que prometi, desculpem-me, pois sou de Naçaõ Portuguez, e sem offença da verdade exponho o que nos Authores estrangeiros, e naturaes achey, e tenho lido, sem que haja nesta materia de fazer affectada opiniaõ por mim.

Pelos annos de 1656. solares da Creaçaõ do Mundo, em que acabava a primeira idade delle com a occasiaõ do diluvio em tempo de Noè, repartio este a seus tres filhos Sem, Cham, e Jafet destinandolhe partes diversas para habitarem, e propagar o Mundo; deu Azia a Sem, Africa a Cham, e Europa a Jafet, o qual antes de vir para ella

ella, teve ainda lá na Armenia hum quinto filho chamado Tubal, que eſcolheo para ſua habitaçaõ a ultima parte da Europa em que ſe acha ſituado eſte Reyno de Portugal.

Tubal jà com muitos deſcendentes (que entaõ dava-os Deos com abundancia) ſahio pelo mar mediterraneo atè chegar ao eſtreito que chamamos hoje de Gibraltar, e vindo ao Occeano, lembrado do anterior perigo, o temeo; pelo que coſteando ſó a terra, deu na foz de hum rio alegre, e viſtozo adonde portou, e ahi fez a primeira povoaçaõ fundando-a para nella habitar, a que chamou Cetubála, que quer dizer ajuntamento, ou povoaçaõ de Thubal, a que hoje corrupto o vocabulo chamamos Setubal, celeberrima Villa de Portugal, ſendo eſta de toda a Heſpanha a povoaçaõ primeira, como muitos Autores moſtraõ, e pelo decurſo do tempo, àlem da innundaçáo das aguas que padecia com incomodo grave dos habitantes, ſe reſtabeleceo, ſim à borda da mar, mas em breve diſtancia fronteira, e em terra firme, ficando a ſituaçaõ antigua chamada hoje Troya.

Com Jafet, e ſeu filho Tubal veyo (entre muitos companheiros) Eliza, que de Tubal era ſobrinho, e biſneto de Noè; e fundou no meſmo tempo a Lisboa chamandolhe Eliza, ou Elisboon, que quer dizer habi-

habitaçaõ de Eliza, ao qual chamàraõ os antigos Luzo, e Lizias, e outros o apelidàraõ Phoroneo, ou Prometheo, de quem se diz foy o primeiro inventor do fogo. Vejaõ os curiosos o Arcebispo D. Rodrigo da Cunha na Historia Ecclesiastica, àlem de muita quantidade de Escritores que por fim allegarey para probabilidade do que nestas materias pertencentes a Portugal eu disser.

D. Rodr. da Cunha Hist. Eccles. 1. p. cap. 2. & 3. e outros muitos Authores.

Naõ faltaõ tambem Autores que escrevessem (o que eu naõ duvido) que reinando Gorgoris, vindo pela destruiçaõ de Troya hum Rey seu por nome Ulyzes fugitivo, e seguindo casualmente a mesma viage que Jafet, e Tubal trouxeraõ, entrando pela boca do Tejo, e chegando ao Porto de Lisboa, a reedeficàra, e Gorgoris Rey que naquelle tempo existia, lhe dèra huma filha com quem cazára, e muitos Lusitanos para povoarem, e que deste Ulyzes tomàra Lisboa o nome, que em Latim he *Ulyssipo*; mas sendo invadido pelos Gregos se retirou, ficando Lisboa reedificada pelos annos de 1180. antes da vinda de Christo ao Mundo; suposto haja outros Autores que nesta materia sigaõ mui sinistro parecer, naõ querendo houvesse tal Ulyzes, nem aparecesse em Portugal; e que Homero falando delle, foy por figura, ou idèa de hum Capitaõ perfeito.

Tubal, de quem dissemos ser o primeiro fundador de povoaçaõ na Lusitania, logrando esta a primazia na Hespanha toda, foy

dos Portuguezes o primeiro Rey pelos annos 145. do diluvio, 1801. da creaçaõ do Mundo, e 2161. antes da vinda de Christo. Reynou Tubal 155. annos, morreo aos 300. annos depois do diluvio, e foy sepultado no Promontorio dito, hoje Cabo de S. Vicente; conservou a lingua Hebrea, e observou a Ley da Natureza com o conhecimento de hum só Deos; deixou muita descendencia, para com ella se estabelecer esta parte primeira de toda Hespanha.

O segundo Rey de Lusitania, e jà nascido nella que dissemos foy Hibero, se extendeo mais em os dominios, porque acompanhado de Nembroth seu segundo primo, neto de Cham, e bisneto de Noè, fizeraõ povoaçoens na Hespanha, que do tal Hibero se chamou Hiberia, e foy este Rey o primeiro inventor da pescaria. Reynou 33. annos, e morreo aos 333. depois do diluvio.

A Hibero neto de Tubal sucedeo seu filho Jubeda, ou Jubalda, em cujo tempo morreo na Italia em idade de 900. annos seu tresavò Noè; Reynou 66. annos, morreo aos 400. depois do diluvio deixando jà feitas muitas povoaçoens na Cantabria chamada hoje Castella.

A Jubeda sucedeo em Rey da Lusitania, e parte fundada de Hespanha seu quarto filho Brigo, que por muito afeiçoado aos Lusitanos com quem vivia, lhe fundou muitas Cidades com o cognome de Briga, como a Cidade de Lagos no Algarve, a que chamou

Lago-

Lagobriga; a de Coimbra, a que chamou Conimbriga, &c. Reynou 51. annos, e mandou povoar a Hibernia.

Seu filho Tago, que foy o quinto Rey da Lusitania, de donde governava as terras, e povoaçoens fundadas na Hespanha, foy quem deu o nome ao nosso celebrado Rio Tejo; e em 30. annos que reinou, quiz mostrar aos posteriores, e Catholicos Reys de Portugal, o brio do sangue Lusitano com que nascèra, pois a outras duas partes do Mundo com dominaçaõ se extendia, mandando povoar Berberia na Africa, Fenicia, e Albania na Azia.

O sexto Rey da Lusitania, e filho de Tago chamado Beto, dilatou mais na Hespanha o seu dominio, e esta tomou delle o nome apelidando-se Betica, e hoje Andaluzia; reinou pouco mais de 30. annos, morreo no de 2167. da creaçaõ do Mundo. 511. annos depois do diluvio, e 1190. antes do Nascimento de Christo; e nelle porque naõ teve suceçaõ, acabàraõ os primeiros legitimos, e naturaes Reys da Lusitania.

CAPITULO VI.

Reys que se seguiraõ, e Pavoaçoens que se continuàraõ. Mostra-se como Lusitania deu origem a Troya, ser a Castella, fundaçaõ a Roma, e restauraçaõ a Cezilia.

VAga a Coroa Lusitana pela razaõ jà dita, veyo de Africa o fatal Gigante Geriaõ Deabo, e com simuladas caricias atrahio a si os animos dos Portuguezes pela invençaõ de novos Sacrificios, e muitos Deoses, e o elegeraõ por seu Rey, que foy o setimo, sendo este o inventor primeiro de achar minas, e extrahir dellas ouro, e prata, como logo fez na Lusitania; mas os Andaluzes, a quem dava Leys, naõ o sofrendo, chamàraõ secretamente o celebre Capitaõ de Italia Oziris Dionizio, que vindo com bom exercito, deu batalha a Geriaõ, junto do Guadiana, e o venceo, tirandolhe tambem a vida, pondo em vergonhosa fuga a seus tres filhos chamados todos Gerioens Luminicos, a quem depois chamou Oziris, e fez a todos tres em diversas partes Reys de Lusitania, e Hespanha, deixando intruza a Idolatria tè a vinda dos Apostolos, que foy 1760. annos depois, e introdusido o modo de contar annos de quatro mezes, como se contàvaõ no Egypto, que depois os Romanos alteràraõ, contando-os de doze; e retirouse Oziris outra vez para Italia.

Os tres Irmãos Gerioens, de quem falàmos, foraõ oitavo, nono, e decimo da Lusitania

tania Reys ; e tambem das terras povoadas na Hespanha, os quaes temèraõ muito a Thyphon Governador do Egypto, Irmão mais velho de Oziris, e em fim os matou a todos tres ; pelo que fazendo-se constante este facto a hum filho que ficàra de Oziris chamado Orco, e depois Hercules Libio, naõ só matou Otio, e ao Gigante Antheo Senhor da Libia, mas intentou dominar a Lusitania. Outros Escritores dizem ser Hercules, e naõ Thyphon quem matou aos tres Reys Gerioens em dezafio, e levantou por credito do seu esforço,e triunfo as duas columnas celebradas.

Hercules naõ pode por mais que quiz, dominar os Lusitanos, e temendo-os porque lhe via estimulados os animos, conseguio só delles por termos cortezes, e politicos elegessem Rey a Hispalo seu filho; foy este o undecimo Rey jà de toda Hespanha por tempo de 14. annos, e lhe socedeo seu filho Hispaõ, ou Hispano, de quem provèm o nome radical de Hespanha, pelos annos 604.do diluvio, e 1702. antes do Nascimento de Christo ; reinou 33. annos, e morreo sem filhos ; o que sendo noticiado a Hercules, deixou Italia, e veyo soceder na Coroa ao neto. Reinou 20. annos, morreo no de 656. depois do diluvio, 2312. da creaçaõ do Mundo, 1670. antes do Nascimento de Christo; e os de Cadiz o adoràraõ por Deos.

Antes de Hercules morrer, nomeou para

ra decimo quarto Rey da Luſitania, e Heſpanha hum irmão, ou parente ſeu, chamado Heſpero, de quem novamente Heſpanha tomou o nome de Heſperia, ou Heſperida; a eſte com repetidas batalhas deſpojou do Reyno ſeu Irmão Atlante Italo, tendo jà governado 11. annos; e foy Atlante taõ affectuoſo aos Portuguezes, que ſempre viveo com elles, pelo valor, e generoſo animo que lhe conhecia, governando da noſſa Luſitania todas as terras de que tinha ſenhorio em Heſpanha, e Italia toda, ſendo o decimo quinto Rey.

Soube Atlante na Luſitania, que Heſpero fugitivo para Italia, lá ſe hia ſenhoreando de toda ella, tomou o expediente de là hir com hum exercito de Portuguezes, pois do ſeu valor muito ſe fiava, e reſultou deſta execuçaõ do ſeu deſignio, que vendo Heſpero tal gente de quem a experiencia lhe tinha jà dado a conhecer o animo, da neceſſidade fez virtude, e promptamente ſe rendeo; porèm recõcentrando a ſenſibilidade da ſua penna, dahi a poucos dias perdeu a vida, deixando hum filho por nome Saturno com quem ElRey Atlante cazou Electra ſua filha, naſcida em Portugal, e os mandou povoar, e governar as terras que tinha junto aos montes Alpes.

Ainda na ſua companhia levava Atlante mais outra filha, chamada Roma tambem em Portugal naſcida, e vendo o grande amor que eſta tivera ſempre aos ſeus naturaes, lhos

deu

deu em Italia por vaſſalos,pois levava muita gente em tom de guerra na ſua comitiva, e lhe fundou huma povoaçaõ no monte Capitolino, a que poz o nome de ſua filha, chamandolhe Roma, de que a meſma ficou logo conſtituhida Senhora; a qual povoaçaõ com o decurſo dos tempos deſtruhida, foy muito depois por Romulo reedificada, e vindo de antes a ſer aſſento dos Emperadores, hoje he dos Pontifices ſupremos da Igreja mageſtoſo ſolio. Sim ha Eſcritores que attribuaõ a primitiva fundaçaõ de Roma a outra Roma filha de Aſcanio, e neta de Eneas; outros, a huns Gregos ali chegados de Troya, mas eu reputo a opiniaõ primeira por mais provavel, e conforme ao que li na Monarquia Luſitana. A fundaçaõ de Roma dizem alguns que foy 678. annos depois do diluvio, 1334. da creaçaõ do Mundo, 1628. antes da Vinda de Chriſto; mas pareceme que implica, e naõ me intrometo a averiguar.

Fez Atlante deſta vez ſua reſidencia na Italia, deixando em Heſpanha a Sicoro ſeu filho com o caracter de Rey, e foy o decimo ſexto, eſtabelecendo na Luſitania o ſeu trono. Sicano ſeu filho lhe ſocedeu no Reino, que foy o decimo ſetimo, e governou em paz 31. annos, mas ſabendo que em Italia ſe achavaõ os Luſitanos perſeguidos dos Aborigenſes, e Enotrios reſpectivamente à fundaçaõ de Roma, ſe reſolveo a lá hir com hum exercito de Luſitanos, e Andaluzes,

luzes, e logo naõ ſó os deſtruhio, mas aos Gigantes Cyclopas, e Litrigoens, que roubavaõ a Tinacria, em cujo obſequio aquelles povos obrigadiſſimos a Sicano, chamàraõ àquellas terras Sicania, e depois Cezilia, reſtaurada, e habitada pelos Luſitanos naquelle tempo.

O decimo oitavo Rey foy Siceleo filho de Sicano; e neſte tempo jà em Italia reinava Jazio filho da famoſa Portugueza Electra, de quem jà tratàmos; e Dardano ſeu filho fundou a Troya pelos annos de 1509. antes da vinda de Chriſto, o qual matando a Jazio por traiçaõ, ficou à força de armas reinando naõ ſó na Luſitania, e Heſpanha, mas tambem na Italia.

Foy ſeu filho Luzo o decimo nono Rey da Luſitania, e Heſpanha, pelos annos de Chriſto de 1509. e os Luſitanos o coroàraõ ſolennemente no celebre templo de Hercules em o lugar chamado hoje Cabo de S. Vicente; eſte foy o que mais dilatou as terras da Luſitania com muitas fundaçoens que fez; dizem alguns Eſcritores que do nome deſte Rey ſe chamàraõ os Portuguezes Luſitanos, e eſte Reyno Luſitania; outros, que de Luzo, e do rio Ana (na lingua Mouriſca) que he o Guadiana; e outros, que de Lizias. A antigua Luſitania comprehendia as Cidades de Badajòs, Albuquerque, Merida, Guadalupe, Talavera, Alcantra, Placencia, Samora, Avila, Ciudad Rodrigo, Salamanca, e outras muitas terras da parte de Caſtella

na

na eſtremadura, e toda Galiza; hoje conſerva ainda Portugal no ſeu dominio a Provincia de Entre Douro, e Minho, que era da Galiza antigua, a Provincia de Tràs dos montes, que era do Reyno de Leaõ, e algumas terras que foraõ das Provincias Betica, e Andaluzia.

O vigeſimo Rey da Luſitania, e Heſpanha Senhor da Italia, foy Siculo, filho de Luzo, pelos annos de 2486. da creaçaõ do Mundo, 830. do diluvio, 1476. antes da vinda de Chriſto; eſte tambem foy a Italia com exercito contra os Aborigenſes, a quem fez reſtituhir as terras que tinhaõ uzurpado; tambem foy a Tinacria, e deſtruhio os Gigantes que a infeſtavaõ. Querem alguns Autores que deſte Rey Siculo tomaſſe Cezilia o nome: reinou 60. annos, e morreo ſem deſcendencia.

Concervou-ſe muitos annos Portugal em liberdade ſem querer, nem aceitar Rey algum, pelos annos 890. do diluvio, 1416. antes da Vinda de Chriſto; e ſó Heſpanha dahi a 2. annos elegeo para ſeu Rey a hum Capitaõ Africano chamado Teſta, ou Tritaõ, que os governou 74. annos, e lhe ſocedeo no Reynado (como muitos dizem) ſeu filho Romo, no anno 12. do ſeu reinado: entrou em Andaluſia com exercito de Gregos o celebre Capitaõ Bacho, de quem os Poetas fabulàraõ, e intentando franquear para Luſitania o ſeu caminho, experimentou muito à ſua cuſta qual era o valor do

braço Portuguez, mal logrando o ſeu intento; ſó induſtrioſamente conſeguio o que por forças naõ pode alcançar; porque impondo a hum filho ſeu o nome de Lyzias, praticando-ſe jà entaõ a tranſmigraçaõ das Almas, com grande ardid eſpalhou que o tal Lyzias ſeu filho tinha a alma de Luzo, e aſſim o admitiraõ por ſeu Rey, radicando-ſe entaõ mais o nome de Liſitanos por Lyzias, ou Luſitanos por Luzo; foy o Rey vigeſimo primeiro da Luſitania.

Gorgoris nacional da Luſitania foy deſta o vigeſimo ſegundo Rey; e Heſpanha tambem o aceitou, morto Eritheo que là reinava; governou 77. annos: dizem que morreo aos 1227. depois do diluvio, 1709. antes do Naſcimento de Chriſto.

Abidis ſeu filho, a quem ſe atribue o invento de lavrar, e cultivar a terra, plantar arvores, e fazer enxertos tudo com propriedade, foy o ultimo, e vigeſimo terceiro Rey dos antigos que teve a Luſitania. Dizem os Eſcriptores fora eſte o que fundou a famoſa Villa de Santarem, e delle tomou o nome chamando-ſe primeiro Abidis, logo Scalabis, ou Scala Abidis, depois Scalabicaſtro, no tempo dos Romanos Julium preſidium, e em o noſſo Santa Irene, em attençaõ a eſta Santa; hoje corrupto o vocabulo, Santarem.

CAPI-

CAPITULO VII.

Estragos que padeceo Hespanha, invazoens que Lusitania teve, modo com que se rebaterão, e varias povoaçoens illustres que consequentemente na Lusitania se fundàrão.

NOvamente se achava jà a nossa Lusitania sem Rey, e sem querer aceitar a quem como tal a governasse, ao que se lhe seguio, como tambem a Hespanha, o padecer fatais estragos, sobrevindolhe huma seca, e esterilidade taõ grande por tempo de 26. annos continuos que obrigou aos naturaes a sahir das suas terras, pois nem agoa tinhaõ para beber, e se viaõ destituidos de todos os meyos com que se podessem alimentar, causa porque a muitos apanhou a morte dando os primeiros passos para o retiro.

Naõ muitos annos depois socedeo na Hespanha o fatal incendio dos Perineos, que durou por muitos mezes; mas em fim sendo extinto, vieraõ diversas gentes estrangeiras, querendo Senhorear as terras que se achavaõ dezertas, e acometidos de Lusitanos que em menos distancia se achavaõ, trocàraõ por violencia estes com aquelles o seu retiro: reputa-se o incidente destes successos ser pelos annos de 933. antes do Nascimento de Christo.

A' Lusitania, e Hespanha tornàraõ outra vez varias Naçoens ambiciosas, pelos annos 758. antes da Vinda de Christo, em

que ſe diz fora reedificada Roma por Romulo, tendo ſido 873 annos primeiro fundada por Roma famoſa Portugueza, ou por ſeu pay, como diſſemos, ficando ella por primeira, e legitima Senhora. Outra vez foy Luſitania, e Heſpanha acometida de ambicioſas Naçoens, e atè Nabuchodonozor Rey de Babilonia veyo no anno de 581. antes de Chriſto, e ajuntando-ſe os povos, acudindo a eſta invazaõ fortemente os Luſitanos, naõ pode paſſar de Toledo, porque o fizeraõ preſſuroſamente retirar; pouco depois invadiraõ os Phenices a Heſpanha, e principiou Carthago a ſenhorear parte della no anno de 509. antes da Vinda de Chriſto.

Veyo depois Annibal de Carthago a favorecer os ſeus; e ſó os valeroſos Luſitanos lhe reſiſtiraõ, havendo taõ fatal batalha, q̃ de huma, e outra parte ficàraõ mortos 80000: os Luſitanos finalmente o matàraõ, fogindo logo o reſto dos Africanos que no exercito trazia.

Em o anno de 501. antes do Naſcimento de Chriſto achando-ſe Heſpanha deſtruhida, invadiraõ os Luſitanos, e puzeraõ fóra das ſuas terras a huns barbaros que daquella parte vinhaõ fugitivos, que ſe entendeeraõ do illuſtre ſangue dos Chaldeos, e por elles em fim foy a Cidade de Vizeu fundada.

Em o anno de 434. antes do Naſcimento de Chriſto tornou de Carthago huma

ma armada de Africanos que no rio Douro com infelicidade naufragou; e com licença que aos Luſitanos pediraõ, fundàraõ a Cidade de Brachara, ou Bragada, hoje Braga. Outros Eſcritores dizem que fora fundaçaõ dos Egypcios; outros, que de huns Francezes Celtas chamados Bracharos 296. annos antes de Chriſto; e outros, que huns Gregos a fundàraõ pelos annos de 1150. antes de Chriſto, e ſó 30. annos depois de Lisboa.

Em o anno de 372. antes da Vinda de Chriſto chegàraõ à noſſa Luſitania 4. navios de Gregos vindos do Peleponeſo com gentes da Provincia Laconica, e huns povos chamados Colimbrios, os quaes depois, e com licença fundàraõ junto do Rio Munda, ou Mondego, a Cidade que chamàraõ Colimbria, e hoje dizemos Coimbra.

Em o anno de 372. antes de Chriſto, alguns deſtes Gregos paſſando a diante, e fazendo aſſento em hum ſitio apraſivel, e nelle fundàraõ huma povoaçaõ com o nome de Talabrica, ou Talabriga, a que hoje chamamos a villa de Aveiro.

Em o anno de 347. antes de Chriſto, e 3615. da creaçaõ do Mundo, eſtando em Andaluzia Rohodes Cappitaõ Carthaginez, ſe paſſou à noſſa Luſitania com pertexto de mercancias, e introduſido familiarmente com os Portuguezes do Algarve, com licença ſua, fundou ali a Cidade de Lacobriga, dita hoje Cidade de Lagos.

Em o anno de 250. antes de Chriſto veyo

veyo hum Carthaginez Hemilear, tendo chegado outro Maherbal, ambos em romaria à Deosa Minerva; e nesta Cidade cazou aquelle com huma muito nobre, e rica Portugueza, que comsigo transportou aos dominios de Carthago; e em huma das Ilhas Balleares chamada Coelheira nasceo o famoso Annibal pela razaõ dita, Portuguez, que foy terror dos Romanos, anno de 245. antes da Vinda de Christo.

Ultimamente, passados mais poucos annos, vieraõ os Romanos a Hespanha, e fazendo tambem entrada por algumas terras de Portugal, foraõ valerosamente rebatidos pelos nossos habitadores da Serra da Estrella, elegendo por seu Capitaõ ao famoso Viriato, e foraõ expulsos fugitivos os que escapàraõ de serem mortos. Outras mais Cidades, e povoaçoens se achavaõ jà fundadas em a nossa Lusitania neste tempo, e os curiosos poderàõ investigar nos Escritores que naõ forem taõ succintos como eu.

CAPITUO VIII.

Mostra-se a lealdade que os Lusitanos tiveraõ sempre a seus Principes. O Valor agigantado com que deffendèraõ seus dominios; O esforço com que triunfáraõ dos Romanos em doze batalhas succecivas que lhes deraõ.

SAbido jà sumariamente qual fosse o principio, e quaes (individualmente) os primeiros Reys de Portugal, antes que de nossos Lusitanos, e Augustissimos Monarcas jà nos poste-

posteriores Seculos individue a opulencia, e dilatados dominios àquelles q̃ abusando apaixonadamente da perspicuidade de seu discurso reputaõ quasi nada este Reyno, olhando só a extençaõ limitada de seu ambito; direy primeiro para credito da Naçaõ qual seja a lealdade, valor, e brio dos Portuguezes, concorrendo Escritores estrangeiros com publica confissaõ, pera que *Laus in ore proprio non vilescat.*

O discretissimo Affonço de Mendonça em huma eloquente Oraçaõ que fez a Felipe III. de Castella, confessa que lhe pareceo tal a lealdade Portugueza, que quazi era igual com a Fé que tem a Deos, a Fé, e lealdade que observou terem ao seu Rey. Duarte Nunes de Leaõ parece que o comprova tratando d'ElRey D. Sancho de Portugal; ao mesmo tempo que deste Monarca criticou acçoens.

Ludovico Vertaman Veneziano, Senador, tendo corrido a mayor parte do Mundo, e vendo a guerra dos Portuguezes na India adonde se achou, escreveo assim: *Ego universum terrarum orbem peragravi, multis sæpe bellis interfui, sed hac gente Lusitanorum fortiorem vidi neminem.*

O diligentissimo Contextor das Chronicas de Hespanha, professor Belgico, e Salmaticense, diz assim: *Quænam gens toto reperiretur orbe, Regi suo obsequentior quam Hispani, quos cum quotidie Reges sui in remotissimas regiones ... ad oppugnandos barbaros mittant, ea accinguntur alacritate, quasi sine*

pulvere

pulvere & ſanguine rem eſſent domi geſturi; Nota *cujus rei meo juditio palmariam ſibi laudem vendicant Luſitani, adeo Regi ſuo dediti, quaſi ex unius vita vita pendéret omnium.* Se aſſim o confeſſaõ os eſtranhos ainda com ſuſpeiçoens de inimigos, naõ he juſto o deixem de eſcrever os naturaes: Viriato famoſo Portuguez, de quem ultimamente tratàmos, com ſuas acçoens heroicas o comprove, e naõ ſe accreditando valeroſo o que vence a fracos, cobardes fugitivos, tendo ſido os Romanos naquelles Seculos por ſeu invencivel animo, e valeroſa eſpada, terror, e açoute do Mundo, vejamos como ſe houvèraõ com elles Viriato, e outros Portuguezes nas occaſioens que ſuccintamente direy, em que chegàraõ a medir eſpada.

Foy Viriato famozo Portuguez naſcido em a Cidade de Vizeu aos 200. annos antes da Vinda de Chriſto, e cazou na Cidade de Evora com huma muito nobre Portugueza; ſendo pelos Portuguezes aclamado Rey, tendo 40. annos de idade, 160. antes de Chriſto vir.

Pelos annos 147. antes de Chriſto, conciderando Viriato a obrigaçaõ que tinha pela Regia dignidade taõ ſublime em que ſe achava, teve primeira ocaſiaõ de moſtrar aos valentes Romanos quem eraõ os valeroſos Portuguezes, pois vindo ſobre as noſſas terras 10U. daquelles, auxiliados de alguns poucos Andaluzes, governados todos pelo Pretor Romano Caio Vitelio, foy eſte preſionado,

ſionado, e degolados 4U. dos ſeus por Viriato com exercito Portuguez. O Tenente Queſtor, que eſcapou fugindo, voltou logo com 6U. Romanos, os quaes em ſegunda batalha foraõ por Viriato deſtroſſados.

Cayo Plaucio, Capitaõ Romano, vindo com exercito contra Caſtella, e ſabendo-o Viriato o foy buſcar por Toledo, adonde lhe fez emboſcada, e trazendo o Capitaõ Romano 10U. homens de pè, 1300. de cavalo, ficàraõ mortos mais de 4U. fugindo os outros.

O meſmo Cayo Plaucio exaſperado do ſucceço reforçou o exercito, e junto a Evora eſperou Viriato a quem prezentou batalha, e nella com perda ſemelhante à primeira ficou vencido, aviſando a Roma que Viriato ſe faria Senhor della ſe o intentaſſe, pelo ſeu valor.

Eſpedio logo Roma ao Pretor Claudio Unimano com hum poderoſo exercito no anno de 146. antes de Chriſto, e com infelicidade ſua ficou por Viriato deſtruhido todo, dividindo com generoſa partilha a ſeus ſoldados riquiſſimos deſpojos, e reſervou ſó para ſi os Romanos Eſtandartes, que expos nos montes mais altos da Luſitania.

Cayo Negidio Pretor Romano intentando-o deſpicar, invadio as terras da noſſa Luſitania, fazendo entrada pela Provincia da Beira com hum exercito de gente Romana quaſi innumeravel, e junto a Vizeu o buſcou Viriato pondolhe apertado cerco por

eſtar intrinxeirado, e acometendo-o por duas partes, totalmente o deſtruhio, ficando todos os deſpojos, e Eſtandartes.

Antes de ſe completar o anno de 145. veyo de Roma com exercito o Pretor Cayo Lolio, e vendo a Viriato ſe pôs em fuga temendo darlhe batalha, Viriato o ſeguio entrando as terras que Roma dominava na Heſpanha, fazendo nos Romanos grande hoſtilidade em choques repetidos.

No anno de 143. antes de Chriſto, exaſperada jà Roma, mandou hum Conſul em peſſoa por nome Fabio Enſileano, que tinha vencido todo o Reino de Macedonia, Irmão de Scipiaõ que deſtruhio a Carthago; trouxe exercito de 15U. homens de pè, e 2U. de cavalo, entrou pelas ſuas terras de Heſpanha, e em lugar acommodado para batalha ſe intrinxeirou, Viriato com os ſeus Portuguezes o foy buſcar, e dezafiou, mas o Conſul cheyo de pavor a nada ſe moveo, nem aceitou batalha; Viriato repetidas vezes o picou, mas o Conſul naõ ſahio; deſtruhiolhe os campos, tomoulhe duas Cidades, matou nellas a muitos Romanos, deixoulhe preſidios Portuguezes, tomoulhe hum Comboy, e o Conſul em huma noite de Setembro com ſeu exercito fugio ſem ordem, do que Viriato ſe aproveitou ſeguindo-o duas milhas, e havendo muitas mortes.

Em o anno de 142. antes de Chriſto, vieraõ de Roma os Pretores Pompilio, e

Julio

Julio contra Viriato, trazendo hum poderoſo exercito; deu batalha com taõ infelis ſuceſſo, que perdendo o exercito todo ſe retirou com muy poucos fugitivo, e Viriato entrando pelas terras dos Romanos na Heſpanha, ufano com a vitoria aſſolou tudo, e ſe recolheo à Luſitania.

Em o anno de 141 antes de Chriſto mandou Roma a Quinto Pompeo nomeado Pretor da Heſpanha com hum grande exercito; Viriato o eſperou, venceo, e deſtruhio matandolhe 5U. Romanos, e tomandolhe 27. Eſtandartes, como tambem a Cidade de Utica por elles bem preſidiada.

Aſſombrada, e dezeſperada jà Roma com 10. batalhas perdidas, tomou o expediente de mandar outra vez aos famoſos Conſules Quinto Fabio Maximo, e Lucio Metelo Calvo com exercito de 18U. homens de pè, 1600. de cavalo, 10. Elefantes encaſtelados, e armados, e 30. cavalos Numidas, ſocorro d'ElRey de Africa; Viriato depois de varios ſucceſſos que naõ repito, completamente os venceo matandolhe 5600. Romanos, fugindo hum dos Conſules com os que eſcapàraõ no conflito.

Em o anno de 139. antes de Chriſto, Serviliano Pretor Romano intentando vingarſe de Viriato lhe pôs cerco a huma praça importante: Viriato ſe introduſio nella de noite ſem ſer ſentido, e ſahindolhe ao outro dia com Infantaria, e Cavalaria Portugueza os fez fugir para hum monte adon-

de os cercou; e podendo degolar a todos o naõ fez, antes lhe concedeo tregoas que pedirаõ em nome da Republica, e Senado Romano.

Em o anno de 138. antes de Christo veyo de Roma o Consul Quinto Servilio Scipiaõ, e quebrando as tregoas que seu irmão pedira, lhe mandou Viriato tres Embaixadores estrangeiros ao seu exercito procurar as causas; o Consul os subornou de tal sorte, que acabando com elles (o que com Portuguezes naõ faria) tirassem a Viriato a vida; estes abusando do nimio favor, e attençaõ com que Viriato os tratàra, vigiando-o quando dormia, atreiçoada, e aleivosamente naquella noite o mitàraõ; e só desta sorte he que os Romanos o vencèraõ, e no anno de 136. antes de Christo se fizeraõ Senhores da Lusitania, menos da Provincia entre Douro, e Minho, adonde foraõ por vezes bem rechassados naõ só pelos homens, mas ainda pelas mulheres, que valerosamente pelejavaõ; e ultimamente pelos Bracarenses foy vencido em batalha campal Decio Bruto no anno de 135. antes de Christo, e exasperado se retirou para Roma no anno 130. havendo suspençaõ de armas entre estas duas Potencias por tempo de 55. annos.

CAPI-

CAPITULO IX.

Continua se a materia do Capitulo antecedente comprovada com sucessos de outras muitas batalhas em que contra os Romanos ficàraõ os Lusitanos vitoriosos.

PAra haver prova legal, conforme a disposiçaõ do Direito, devem contestar duas testemunhas ao menos, e eu para comprovar sem suspeiçaõ o que assima disse, entro jà a dar o famoso Sertorio estrangeiro, suposto que depois naturalisado Portuguez, por segunda testemunha, a pezar dos valentes, e bellicosos Romanos, podendo justificadamente fazer mençaõ de outras batalhas infinitas em que diversas Naçoens das quatro partes do Mundo reconhecèraõ à sua custa qual fosse o agigantado valor desta Naçaõ Portugueza sempre de todos respeitada, e temida.

Pela suspençaõ de armas entre Lusitania, e Roma, estranhavaõ muito os Portuguezes naõ ter adonde exercitar o seu valor; pelo que em o anno de 80. antes de Christo, chamàraõ de Africa a Sertorio, que naturalisado Portuguez, e cazado na Cidade de Evora com huma Portugueza nobilissima, o constituiraõ Capitaõ, e Principe; e solicitando os Portuguezes logo nova guerra contra os Romanos, subordinando-se voluntariamente o exercito às disposiçoens de Sertorio, principiàraõ contra os Romanos a dar batalhas, e foraõ 5. as que logo em breve tempo se viraõ.

A primeira foy de huma armada Portugueza contra o Capitaõ Cota, valeroſo Romano, e ficou vencido.

A ſegunda foy contra Didio, a quem os Portuguezes, entrando o Aldaquibir, rompèraõ, e deſtruhiraõ o bom exercito Romano, em cujos deſpojos ſe achàraõ muitas armas brancas, e foy eſta a occaſiaõ primeira em que os meſmos Portuguezes, perſuadidos por Sertorio, as veſtiraõ.

A terceira batalha foy contra Phidias Pretor Romano, e nella miſeravelmente foy morto, com todo o ſeu exercito perdido.

A quarta batalha ſe deu a Quinto Metello Conſul Romano, que mandando adiante, quando ſahio de Roma, a ſeu Capitaõ Lucio Domicio, perdeo eſte a ſua vida, e Roma o ſeu exercito.

A quinta batalha quiz ver ainda o meſmo Conſul, mandando outro Capitaõ chamado Troyano com o reſiduo do anterior exercito que fugira, e retirando-ſe entaõ por ſalvar a vida, naõ podèraõ deſta vez eſcapar à morte.

Impacientada jà Roma juſtamente com a infelicidade de taõ ſiniſtros ſucceſſos repetidos, mandou contra os Luſitanos ao Pro-Conſul Manilio, a que outros chamaõ Lucio Lolio, com hum horrivel exercito, e muita Cavalaria Franceza; e atraveſſando os Perineos lhe ſahio o exercito Portuguez muito diminuto em o numero reſpectivamente,

mente, a quem de tal ſorte temeo Manilio, que ſem aceitar, nem dar batalha ſe pôs com ſeu exercito em vergonhoſa fugida, levando ſempre nas coſtas, atè que jà com poucos dos ſeus ſe recolheo em Lerida.

Quiz Roma expelir de ſi eſte oprobrio, e mandou logo ao celebrado Pompeo juntamente com Metelo, que chegando a tempo que Sertorio com ſeu exercito Portuguez eſtava cercando huma Cidade em Valença, dimitido o cerco, inveſtio o famoſo exercito Romano a que matou 10U. homens, pondo aos mais em apreſſada fuga, e deſtruhindo a Cidade que eſtivera pondo em cerco, ſe recolheo a Evora, adonde por aqueducto de famoſos arcos que mandou fazer, meteo na Cidade a excellente agua da prata, cercando tambem a meſma Cidade de famoſos muros.

Em o anno de 75. antes de Chriſto, veyo por huma parte Pompeo, e Metelo por outra, cada hum com ſeu exercito Romano contra Luſitania: Sertorio com os ſeus Portuguezes lhe ſahio, dando taõ forte batalha a Pompeo, que gravemente o ferio, e com perda de muita gente ſalvou a vida fugindo; o meſmo ſuceſſo experimentou Metelo, a quem logo foy buſcar, e lhe fugio com os ſeus mal ferido.

Mandou Sertorio apreſtar logo huma armada ligeira, que entrando o Mediterraneo, tomou todos os ſoccorros que teve noticia vinhaõ de Roma, naõ deixando porto

to inimigo que naõ roubaſſe, nem nao Romana a que naõ puzeſſe o fogo; o que ſabido, Pompeo, e Metelo, ſe puſeraõ em fuga, eſte para hum Certaõ eſcondido, aquelle para França retirado.

Herculo Tenente de Sertorio com hum pé de exercito Portuguez, neſte tempo deu batalha a Probo Emiliano Capitaõ de Roma, ao qual matàraõ deixando 11. Eſtandartes.

Sertorio ſoube que de França vinha jà Metelo com outro exercito, e lhe ſahio ao encontro vencendo-o, tirandolhe as vidas, e ricos deſpojos.

O meſmo Sertorio foy temerariamente com pequeno exercito Portuguez atè dentro de Valença buſcar Metelo, e achando-o jà bem reforçado, ſupoſto em batalha lhe matou 8U. homens, tambem a Sertorio matou 6U. e foy vencido eſte primeira vez.

Retirado Sertorio a refazerſe de gente, viveres neceſſarios, tornou logo, e achando a Pompeo ſobre Placencia vendo que eſte acompanhava a Metelo, lhe deu fortiſſima batalha, precizando-o a vergonhoza fuga.

Naõ ſatisfeito Sertorio, foy buſcar em peſſoa a Metelo que achou com outro exercito Romano cercando Calahorra, e preſentandolhe batalha, lhe matou 3U. Soldados velhos pondo a Metelo em fuga, e a Calahorra na ſua obediencia.

A eſte tempo noticiado Sertorio, que algũs Romanos ſeus ſequazes, que trazia comſigo

ſigo no exercito, miſturados com os Portuguezes, o queriaõ por traiçaõ matar, revelou-o aos confidentes Portuguezes, e eſtes fazendo logo guerra civil em dezordenada batalha, tiràraõ a vida com repetidos golpes a todos os Romanos, exceptuando ſó ao Capitaõ Pernepe, por conhecerem era muito amigo de Sertorio; e foy eſte o meſmo que atreiçoadamente deſpojou a Sertorio da vida, acçaõ taõ abominavel, e vil, que Pompeo, e Metelo ſendo neſte ſuceſſo intereſſados, matàraõ logo a Pernepe; naõ deixou Sertorio ſucceçaõ, e as duas Potencias ſe viraõ pacificadas atè que Julio Cezar veyo a Luſitania, excepto

Em o anno de 63. antes de Chriſto, em que os Luſitanos habitadores da Serra da Eſtrela ſahiraõ impetuoſamente contra as terras ſogeitas a Roma, permanentes na ſua obediencia, e neſtas fizeraõ baſtante hoſtilidade, pondo tudo em revolta, e dezaſſocego.

Acudio Roma no anno de 59. antes de Chriſto, e mandou logo ſobre Luſitania a Julio Cezar, e entrando bem à ſua cuſta, enveſtio os Serranos com perda de muita gente que lhe matàraõ, e de tal ſorte vigoroſamente lhe rebatèraõ o impeto, que naõ por força, mas por ardid militar os pacificou, e retirou-ſe a Roma.

Tornàraõ ainda os Luſitanos governados por ſeu valor, e generoſo brio, a fazer guerra contra Roma, e outra vez tornou

tambem Julio Cezar para os pacificar, como fez, e se restituhio no anno de 44. antes de Christo.

Ainda finalmente outra vez tornou a vir Julio Cezar de Roma a Lusitania, mas pacifico para melhor os observar, e entendendo que esta Naçaõ taõ fiel, e valerosa naõ se dominava por impulso de violentas armas, e só se poderia fixamente ter sogeita com politicas mercès, e generosos beneficios; sendo intitulado Emperador dos Romanos em o anno de 39. antes de Christo, mandou de Roma, adonde jà se achava, Embaixadores a Lusitania, que voluntaria se lhe respeitava sogeita, e lhe fez muitas mercès, como tambem lhe deu titulos. A Beja Cidade nossa deu o titulo de Paz Julia, e Colonia Romana; a Evora, o de Municipio Romano, e Liberalitas Julia; a Santarem, o de Colonia Romana, chamandolhe Julium præsidium; a Mertola no Algarve, o de Municipio Romano, e lhe chamou Julia Mertilis; e a Lisboa, de quem foy com honra recebido, concedeo o titulo, e privilegios de Municipio dos Cidadoens Romanos, mercè que naõ consta se concedesse a outra Cidade do Mundo.

Pareceme basta o referido para comprovaçaõ do meu conceito; e se tal foy a fidelidade, e valor dos Lusitanos em os primeiros Seculos da sua subsistencia, ainda nas mantilhas da gentilidade enfaxados, antes de ser Christo nascido, ponderem os Criticos

ticos diſcretos que das hiſtorias Portuguezas naõ tiverem plena noticia, quaes feriaõ dos Luſitanos as acçoens quando ajudados da Divina graça, e inſtruhidos na diſciplina militar, Chriſto lhe deu as ſuas armas, e intitulou a eſte Reyno Imperio ſeu, dilatando-ſe os ſeus dominios no Mundo todo (como diremos logo) e na materia que tratamos, ſe mais quizerem ſaber os curioſos, leyaõ os Autores, e Eſcritores que abaixo apontarey, que ao meu aſſumpto naõ pertence dizer mais, antes fujo quanto poſſo ao ſer extenço.

CAPITULO X.

Moſtra-ſe, a pezar dos Criticos, a dilatada extençaõ de Portugal, ainda a reſpeito dos mayores Imperios do Mundo, para credito da Naçaõ.

NAõ poſſo certamente com impaciente dezaſocego tolerar o pequeno vulto que Portugal ſempre fez na opiniaõ dos Eſcritores eſtrangeiros, pois regulando-ſe pelos Mapas, ou concidèraõ o Reyno de Portugal hum ponto reſpectivamente aos mais Reynos do Mundo, ou envolvem a Portugal com Caſtella chamando a tudo Heſpanha, ſem attenderem (como temos viſto) que Heſpanha, e Caſtella foy no ſeu principio pela Luſitania dominada, ainda que por incidentes depois lhe foy Portugal ſogeito, naõ deixando de ſer para Portugal grande credito, ſendo, como dizem, taõ pequeno

em o corpo, gerar hum filho taõ gigante como pintaõ, ſe naõ quizerem julgar foy aborto, ou ſuperfluidade da natureza o ver naſcido de hum parto generoſo, e forte, ainda que pequeno, hum filho menos forte, e generoſo, ainda que na eſtatura grande.

Eu naõ intento negar que a noſſa Luſitania com o decurſo de tempos infelices, e incidentes de ſucceſſos graves tendo jà ſido preocupado pelos Romanos, Godos, e Mouros ſe vio reduſida ao limitado ſer de huma Provincia, que como tal a governou o famoſo Conde D. Henrique por Affonço VI. de Caſtella, e Leaõ, com cuja filha (1) foy cazado, e delles naſceo o primeiro Rey Catholico nacional D. Affonço Henriques, Rey, digo determinado por Deos, que no Campo de Ourique ſe dignou de lhe aparecer, e dar as armas que em brilhante eſcudo logra com ſuſpenſivo credito eſta Monarquia, que o meſmo Chriſto inſtituhio com fortuna noſſa Imperio ſeu: *Volo enim in te, & in ſemine tuò Imperium mihi ſtabilire*, como conſta da depoſiçaõ, e juramento de taõ Catholico Rey feito nas Cortes de Coimbra em o anno de 1152. (2) mas he ſem duvida que eſte corpo por tantos inimigos deſmembrado, foy em muita parte por taõ inclito Monarca reunido, a impulſo de 17. valeroziſimas batalhas, em que ſe vio ſempre triunfante, e pelo decurſo dos tempos em repetidas conquiſtas (com inveja dos mais Reynos) ſe vio eſte muito florente, e avul-

tado

(1) *Vide Maſcardo concl.* 882. & 884. *Rèzende. Romaõ. Zuritta. Nune*:, *e aos mais que aponto in fine.*

(2) *Lege Viegas, e outros Chroniſtas que diffuſe o trataõ.*

Nota

Venêro, e aſſinto às Decizioens da Real Academia.

tado no poder, na extençaõ, e na formalidade.

Bem reconheço, e confeſſo que Portugal conciderado ſó ſeu corpo conjuncto, ſem atenderem os que apaixonados o criticaõ ao muito que ſeus braços ſe extendem, he Reyno na extençaõ pequeno reſpectivamente a outros Reynos, e Imperios mayores que ha no Mundo, mas ainda aſſim ſe eu naõ me engano, para credito da Naçaõ, ſem que me cegue o amor da patria, heide logo moſtrar qual ſeja, para que a verdade ſe clarifique.

He certo que Rey ſe diz aquelle que com eſte caracter taõ ſublime rege a muitos povos com univerſalidade, e por iſſo ſe devem (*lato modo*) apelidar Reyno aquelles povos todos que por hum ſó Rey ſaõ regidos, e por ſemelhante principio ſogeitos, ſem que ſeja precizo à entidade de Reyno eſtarem unidos huns aos outros os Povos todos (3) o que nem ſempre he poſſivel, pois em muitas Monarchias ſe achaõ disjunctos, e talvez com outras potencias intertextos; pelo que (*lato modo loquendo*) concluhimos que, ou ſe denominem Eſtados, ou hereditarios, ou conquiſtados, ou ſogeitos, ſe pòde collectivamente apelidar Reyno, ſe ha quem com verdadeiro caracter de Rey os rege, tendo em todos abſoluta liberdade de dominio.

(3) *Ariſtides. Xenophonte. Oroſio. Sarisberienſis. Dio Pruſaus. Egeſippus. Philoſtratus.*

Para clareza do que intento juſtamente aſſeverar, he primeiro neceſſario atender

que

que conforme a opiniaõ dos Geografos modernos tem o ambito da terra toda em circuito 9000. legoas, e de diametro 2865. e que esta em quatro principaes partes se divide Europa, Azia, Africa, e America, sendo estas quatro em quazi infinitas partes por Monarchias, e Reynos diversos, subdivizas.

Verificaõ ter Europa 900. legoas de comprido, e 800. de largo; Azia 2000. de comprido, 1400. de largo; Africa 1600. de comprido, 1400. de largo, e America 3000. legoas de comprido, 2500. de largo; occupando a todo este terreno mais de noventa Monarcas com seus Imperios, e Reynos.

As Monarchias mayores de que os historiadores trataõ, saõ o Imperio da China, e o Imperio Ottomano, que parece bastavaõ estes para quasi preocupar o Mundo todo. Fr. Joaõ Gonçalves de Mendõça que entendo escreveo pelos annos de 1586. e mostra serem netos de Noè os primeiros povoadores da China, diz que este dilatado Imperio (chamado na sua lingua Taybinco, tem em circuito pela mensura do Paiz 69516. die, que pela conta Portugueza corresponde a 3. mil legoas, e de largo 1U800. contendo em si as 15. Provincias Paguia, Foquiem, Olaõ, Cyncay, Susuam, Tolanchia, Cansay, Oquiam, Aucheo, Honã, Xantaõ, Quicheu, Chequam, Sesuan, e Saxii, nas quaes se achaõ 591. Cidades, 1593, Villas, e nos presi-

Fr. Jo. Gonçalves de Mendonc.

Eduardo Barboza. Ital.

Fr. Pedro de Alfaro.

presidios de todo o Imperio se contavaõ sinco milhoens 846U500. soldados de pè, e 948U350. de cavalo.

O Imperio Ottomano, de que escreveo em lingua Toscana Joaõ Sagredo, e foy seu tradutor na Hespanhola D. Francisco de Olivares Murilho pelos annos de 1684. diz que esta Naçaõ Turquesca, tendo seu principio obscuro, porque huns seguraõ a sua descendencia dos Tartaros do monte Caucazo, outros lha supoem dos Partos quando senhoreavaõ os Persas, e outros lha verificaõ dos Escitas, ou Numandios apossados do Paiz Turhestan, donde o nome de Turcos lhe provem, he a que no Mundo mais se extendeo depois dos Romanos. Dizem os Escritores ter este Imperio de Poente a levante, isto he, desde os Estados Veneza atè Persia 900. legoas de comprido, e do meyo dia ao Setentriaõ, que he da Arabia atè Jorgia 1000. tendo sogeitos a si os Imperios de Constantinopla, Trapizondo, e Babilonia, Metropoli do Imperio Caldeo; e contendo 40. Reynos com innumeraveis Provincias, incluindo as conquistadas, e feudatarios, com disparadas situaçoens em partes diversas, e remotas.

Joaõ Sagredo.

D. Franc. de Olivar Muril.

Portugal que com taes Imperios naõ pòde ter semelhanças, conjunctos numericamente os seus dominios que jà pertendo expor, os quaes nas quatro partes do Mundo se divisaõ enlaçados, e mensurada logo por Arithmetica a grandesa deste todo em o

possivel, hade aparecer agora naõ só neste quadro, mas em todo o painel do Mundo, figura de respeito, para confusaõ de quem apaixonadamente lhe naõ sabe lançar as primeiras linhas ao retrato.

Na Europa sabem todos, ter esta Coroa o Reyno de Portugal com cinco Provincias.

	sua Longitud.	Latitud.
Provincia de Entre Douro, e Minho. - - - - - - - - -	18 -	12.
Provincia do Alemtejo. - -	36 -	34.
Provincia da Estremadura. - -	35 -	18.
Provincia da Beira. - - - -	34 -	33.
Provincia de Tras dos Montes.	30 -	20.
E o Reyno do Algarve. - - -	28 -	08.

Legoas.

Oliveira.

Nas Africas, e mar Atlantico.

O Reyno de Angola.	As Praças de Ceuta.
O Reyno de Congo.	Tangere.
O Reyno de Moçambique.	Arzila.
	Azamor.
O Reyno de Patè.	Safim.
E outros vinte nas Costas, e Certaõ.	Santa Cruz.
	Cabo de Aguero.
O Senhorio de Guinè.	Mazagaõ.

Botero.

Ilhas.

A Ilha da Madeira.	Ilha do Fayal.
Ilha de Porto Santo.	Ilha do Pico.
Ilha Terceira Angra.	Ilha das Flores.
Ilha de S. Miguel.	Ilha do Corvo.
Ilha de S. Maria.	Ilha de Cabo verde.
Ilha Graciosa.	Ilha de Santiago.
Ilha de S. George.	Ilha do Fogo.

Barros. Goes. Fructuozo. Cordeiro.

Ilha

Ilha de Mayo.
Ilha da Boavista.
Ilha de S. Vicente.
Ilha de S. Luzia.
Ilha do Sal.
Ilha Braba.
Ilha de S. Antaõ.
Ilha de S. Niculao.
Ilha do Principe.
Ilha de Fernaõ do Pó.
Ilha de S. Helena.
Ilha de S. Thomè.
Ilha de Anno bom, com outras adjacentes.
Ilha de Fernaõ d'Noronha.
Ilhas Dezertas.
Ilhas de Canarias.

Portos, Cidades, Fortalezas, e Feitorias.

O Porto de Arde.
O Porto de Ocre.
O Porto de Calabar.
A feitoria de Corisco.
A feitoria de Judà.
O Castello de S. George, ou Mina.
O Castello de Senna.
A Cidade, e Fortaleza de Loanda.
Mombaça, e Casto.
A Fortaleza, e feitoria de Sofalla.
A Fortaleza de Quiloa. *Oliveira.*
A Fortaleza de Melinde.
A Fortaleza de Cabo branco.
E outras com povoaçoens Pequenas.

O Direito de dominio desde o mar roxo, e golfo Persico até Timor, Solor, Sumba, e Macau.

Na Azia, e India.

O Reyno de Ormùz feudat.
A Cidade de Calaiato.
O Vice-Reynado da India.
A Cidade, e Ilha de Goa.
A Cidade, e Fortaleza de Diu.
A Cidade de Daman.
Vailyte.
Cacil. *Oliveira.*
A Cidade de Baçaim. *Botero.*

Tanà.
Chaul.
A Cidade de Macau.
A Cidade de Nagapataõ.
A Cidade de Malàca.
A Colonia, e Cidade de S. Thomè.
A Cidade de Cranganor.
Avor.
Barcelor.
Mangalor.
Calecut.
A Cidade de Cochim.
A Fortaleza de Cannanor.
A Fortaleza de Manarà.
A Fortaleza de Maluco.
A Fortaleza de Bengala.
A Fortaleza de Pegú.
A Ilha de Ceilaõ.
A Ilha Banda.
A Ilha, e Fortaleza de Kiſme.
As Ilhas Malucas, &c.

Na America.

O Vice-Reynado do Brazil.
O Governo, e Capitanîa geral da Bahia.
O Governo, ou Capitanîa dos Ilheos.
O Governo, ou Cap. do Eſpirito Santo.
O Governo, ou Cap. de Porto ſeguro.
O Governo, e Cap. do Rio de Janeiro.
O Governo, ou Cap. de S. Vicente.
O Governo, e Cap. geral de S. Paulo.
O Governo, ou Cap. da Nova Colonia.
O Governo, e Cap. geral das Minas.
O Governo, ou Cap. de Sergipe.
O Governo, e Cap. de Pernambuco.
O Governo, ou Cap. de Tamaracà.
O Governo, ou Cap. da Paraiba.
O Governo, ou Cap. do Rio grande.
O Governo, ou Cap. do Searà.

O

O Governo, e Cap. geral do Maranhaõ.	O Governo, ou Cap. do Parà.

Com muitas Fortalezas, Cidades, Villas, Aldeas, e Ilhas, e o fatal Rio das Amazonas.

Pelo que como ſeja uſo politico em os Monarcas do Mundo intitularſe Reys daquellas terras que, ou por poſſe, ou por herança, ou por dominio, ou por Conquiſta, ou por Direito lhe pertencem, tendo ſido, ou ſendo ſeus (como naõ ſó nas Potencias Catholicas, mas ainda nas barbaras eſtamos vendo) ſupoſto nas Conquiſtas de Africa, e Azia tenha padecido deterioridades eſte Reyno por invazoens injuſtas, pertençoens ſofiſticas, e dimiçoens tiranas, com eſpecialidade no tempo em que os Felipes de Caſtella o governàraõ; ſe por algum dos modos ditos tudo o que foy, e he de Portugal, he Portugal, e ſe tudo o que he deſte Reyno he Reyno, e por tal ſe póde reputar, pois he hum ſó Rey o que o rege com abſoluto dominio, computemos jà por Arithmetica racionavelmente, e ſem exceſſo ſua grandeza, e largueza, conciderado ao meſmo tempo junto o que pelas quatro partes do Mundo (como jà vimos) he divizo.

	Leguas. Longitud.	Latitud.
Tem a Coroa de Portugal nos dous Reynos, e cinco Provincias da Europa, pela conta aſſima expreſſada - - - - -	181	- 125.

Tem as Ilhas que ſaõ deſta

	Long.	Latit.
Coroa na Africa, e mar Atlantico concideradas juntas, e medidas por Geografos - -	382	164.
Tem as 12. Ilhas Canarias a que Portugal tem Direito, pois ſendo ſuas por deſpeza dos Infantes D. Henrique, e D. Fernando, ſe achaõ injuſtamente alienadas, atendida a grandeza da Gram Canaria, por reputaçaõ - - - - - - - -	200	090.
Tem os 24. Reynos da Coſta, e Certaõ de Africa aſſima ditos, conciderada racionavelmente ſua grandeza pela Longitud, e Latitud de todos como juntos - - - - - - - - - -	2000	980.
Tem o Senhorio de Guinè taõ dilatado, por reputaçaõ, que aos ſeus habitadores ſe faz incomprehenſivel - - -	1000	500.
Teraõ as Cidades avulſas, Caſtelos, Fortalezas, Feitorias com ſeus terrenos que ninguem medio - - - - -	030	012.
Tem na Azia o Vice-Reynado da India com todas as mais terras deſta Coroa aſſima expreſſadas, e tambem o Reyno de Ormùz, por reputaçaõ - - - - - - - - - - -	800	350.

Tem na America o Vice-Reynado do Brazil com to-

dos

dos os governos, Capitanias, Cidades, Villas, e Aldeas, medida ſua longitud pela Coſta do mar, e ainda contando algumas Ilhas. - - - - - - - - 1041 - 600.

Long.	Latit.
1041	600

Sem fazer mençaõ do Rio das Amazonas, que ha opiniaõ ter 900. leguas pela terra dentro, e tambem ſem fazer conta às terras em que eſta Coroa tem direito de Dominio, nem a outras que, ou ignore, ou por inadvertencia à comprehençaõ me eſcapem.

Pelo que tudo atendido, e ſomado à margem por Arithmetica concluimos ter o Reyno, ou Coroa de Portugal em todas as ſuas terras, ainda que diſperſas, concideradas juntas, ſinco mil ſeiscentas e trinta e quatro leguas Portuguezas. *

Longit. Leguas.
0 1 8 1
0 3 8 2
0 2 0 0
2 0 0 0
1 0 0 0
0 0 3 0
0 8 0 0
1 0 4 1
5 6 3 4

E meſmo aſſim tambem, atendida a Latitud de todas as terras deſta Coroa, e conciderads como juntas, ſomadas por Arithmetica à meſma marge por computo eſtimativo aquellas de cuja menſura os Eſcritores naõ tratàraõ, achamos ſer duas mil outo centas e vinte huma leguas. *

Latitud. Leguas.
0 1 2 5
0 1 6 4
0 0 9 0
0 9 8 0
0 5 0 0
0 0 1 2
0 3 5 0
0 6 0 0
2 8 2 1

* *Naõ ſe eſtimule o apaixonado Leitor: atenda o ſentido que dou a eſta medida; e aos graos nella naõ reſpeicte.*

CAPI-

CAPITULO XI.

Mostra-se a grandeza intensiva de Portugal, numero da gente, sem fazer mençaõ das Conquistas, e resenha só da famoza Cidade de Lisboa, isto antiguamente, pois se acha hoje avultada.

SAbida jà a extençaõ de Portugal, só brevemente falta ver a sua intençaõ, sem que seja minha usurpar, ou officio de Chronista, ou honra de Academico.

Joaõ Botero, e Fr. Bernardo de Brito escreveraõ, que quando no tempo dos Romanos mandou Augusto Cezar: *Ut describeretur universus Orbis*, fazendo entaõ Portugal muito menos vulto do que hoje, se achàraõ nelle por lista sinco milhoens, sessenta e oito mil cabeças de familias naõ fallando nas familias destas; e hoje vendo-se este Reyno às quatro partes do Mundo extendido com tantas Conquistas, Estados, e Dominios, concidere attento o Leitor quantos milhoens de Vassalos esta Coroa terà, e quaes tambem podem ser as forsas desta sublime potencia.

Botero.

Brito in Monarch. Lusit.

Para melhor, e sem paixaõ lhe facilitar o discurso, observemos só a Cidade de Lisboa, Corte dos Reys de Portugal; que se houve jà quem tendo opiniaõ por si, e vendo Roma, disse: *Vidi Urbem in Orbe*, e chegando a ver Lisboa disse: *Vidi Orbem in Urbe*, naõ farà admiraçaõ o que Gonçalo de Avila, que por Hespanhol naõ he suspeito, asseverou, reputando a Lisboa por si só hum Reyno intei-

Avila in Theatr. Matriti.

inteiro: *Uyssipo est regnum per se.*

Tinha Lisboa quando muito mais pequena do que hoje setenta e sete altas torres nos seus muros com vinte e duas portas, àlem de outras dezasete subterraneas; depois para impedir aos inimigos a entrada pela sua barra se lhe mandàraõ fazer para o mar duas grandes torres, e quatro estupendas fortalezas cheyas de grossa artelharia, e ultimamente quantidade de fortes em toda a marinha, bem artelhados, e muralhas de parapeito, em que se he necessario, se poem tambem muita quantidade de artelharia, fazendo tudo a esta famoza Cidade do Mundo inconquistavel.

O numero da gente que tem Lisboa ao certo, he reputado por impossivel numerarse: Os discretos Cosmografos Gonçalo de Avila, e Niculao de Oliveira, que escrevèraõ em tempo que os Felipes governàraõ Portugal, disseraõ ter esta Cidade mais de 500000. pessoas, sem numerar os Estrangeiros que sempre excedem o numero de 20. e de 25000. e querendo como tambem Joaõ Botero fazer disto hum curioso Mapa contando só duas legoas a esta Cidade de comprimento, lemite que hoje muito excede, porque de Bethlem atè Sacavem se acha tudo povoado, crescendo actualmente os edificios, e Palacios em o numero, achàraõ naquelle tempo pelos annos de 717. ter Lisboa 40. Parroquias, e nellas mais de 29000. familias; mais de 3000. Clerigos;

Avila.
Oliveira.
Botero.

24. Conventos de Frades, e nelles 1465. Religiosos; 18. de Freiras com 1830. Religiosas, computo que hoje taõ largamente se excede, que só os 3. Conventos S. Clara, S. Monica, e S. Anna entendo que com todas as pessoas que tem dentro, excedem o predito numero; como tambem notàraõ à Cidade mais de 7000. quintas, e Palacios, e mais de 27000. moradas de cazas, muitas destas com 5. e 6 andares todos com diversas familias, muy poucos, ou quazi nenhuns quintaes, que a estarem as cazas sem sobreposiçaõ, e com quintaes, ou jardins, seria sem duvida mayor Lisboa que Constantinopla, Paquim, Canzi, Pariz, Napoles, e outras, que com a tal formalidade se divizaõ situadas.

Avilaõ

Oliveira

No ambito de Lisboa, sinco leguas em redondo observou Oliveira haver em aquelle tempo 59. Paroquias com 13403. fogos, e nelles 46400. pessoas; e na frente de Lisboa àlem do rio em semelhante destricto achou só 29. Paroquias com 7177 fogos, 26386. pessoas, naõ fallando em Clerigos, Frades, e Freiras; pelo que sendo hoje Lisboa muito mayor, e muito mais povoado de todos os Estados de gente o seu ambito, que só de Conventos no predito circulo achamos os Reaes Conventos de Mafra, e Odivellas, este com 800. pessoas, e aquelle com 300 na mesma Corte a Santa Igreja Patriarcal com muitos Ecclesiasticos, àlem de outras Igrejas, e Conventos de novo erectos:

Oliveira.

con-

conciderem Lisboa o que agora he; e se a Felipe III. causou admiraçaõ o ver que na Procissaõ de Corpus a q̃ na dita Corte assistio em o anno de 1619. hiaõ só de Irmãos do Senhor 3388. que seria se bem se ponderasse a Regia Procissaõ de Corpus que hoje na mesma Corte se pratica.

Observou mais a curiosidade daquelles peritos Escritores para em tudo dizerem que cousa seja Lisboa, fallando só do Regio Hospital desta Corte (em que ha outros) que no anno de 1618. se curàraõ nelle 11150. pessoas, e na Real Caza da Misericordia se mandàraõ dizer por Capelaens, e mais Ecclesiasticos avulsos 28272. Missas pelos bemfeitores, do que bem se colige qual seja a numerosidade tambem do Clero; que para admiraçaõ da do Povo houve curioso no mesmo tempo dos Felipes que notando o concurso de cada dia a Lisboa, observou que pelas portas de S. Antaõ entravaõ 1500. bestas carregadas, pelas de S. Vicente 1000. e pelas da Esperança 1200. tudo para consumo da Cidade, àlem das muitas embarcaçoens de toda a sorte, que fazem as conduçoens pelo Tejo; como tambem naquelle tempo para o gasto da mesma Cidade naõ taõ grande como hoje he, rezistou se matavaõ nos açougues della por cada hum anno 1000. carneiros, 1500. capados, e 11000. bois, cuja barata importancia passava de 55000. cruzados. *

Tudo o mencionado hoje muito se excede; e he quasi impossivel fazer ao certo o numero de tudo que existe.

Naquelle tempo havendo jà em Portu-

gal no Estado Ecclesiastico tantas Dignidades sublimes, Priorados grandes, e no Estado secular tantos Titulos, e Cavalheiros Illustrissimos, verificaõ os sobreditos Escritores que só o Excellentissimo Duque de Bragrança que entaõ como tal existia, tinha 85000. vassalos, 1. Cidade, e 48. Villas, servia-se com 500. domesticos, dispunha de 45. Commendas, dava muitos Priorados, e Beneficios de 2000. e 2500. cruzados, punha 1300. Ministros de Justiça, e tinha servido aos Reys de Portugal com 20000. homens de armas seus; e no Ecclesiastico o Gram Prior do Crato que entaõ só tinha de renda 26000. cruzados, era Senhor de 12. Villas, 94. lugares com 6000. fogos e 30000. pessoas, dava 91. Beneficios Ecclesiasticos, e provia 2540. Officios de Justiça, com mais tres Judicaturas, e tinha jurisdiçaõ espiritual, e temporal, criminal, e civil. Isto he só indice de que cousa seja Portugal, e a Corte de Lisboa, da qual conclue as excellencias, que naõ posso referir, Gonçalo de Avila alegado por outro Escritor Veneziano dizendo que se naõ vè outra semilhante em todo o Orbe Christaõ: *Denique non est quidquam simile videre in toto Orbe Christiano.*

Avilla in Theatro Matriti.

Se fosse do meu assumpto cabalmente explicar que cousa Portugal fosse, a gente que tem, a opulencia, riqueza, e forças em taõ amplos Estados, e Dominios, seria este volume todo pequeno Mapa para o descre-

ver;

ver; porque se no tempo que Fructuozo, Oliveira, e Cordeiro escreveraõ só as nossas Ilhas pela individual computaçaõ que fizèraõ, tinhaõ mais de 1 1 3 5 0. fogos com mais de 60000. pessoas, naõ fallando em 26. Conventos que entaõ só havia nellas com 312. Frades, 420. Freiras, como tambem nas mesmas se achavaõ 46. fortalezas, e Castellos com 845. peças de artelharia, e só no Reyno a que os Criticos querem chamar unicamente Portugal, escreveo Botero Hespanhol, se contavaõ 470. Castelos fortissimos, e bem artelhados em o anno de 1689. tendo entaõ só esta Coroa de renda 5. atè 6. milhoens, que diria eu hoje se fallasse individualmente em tudo a que chamey Portugal, conciderando ao mesmo tempo 27. milhoens de renda a esta taõ Regia, e taõ sublime Coroa. Basta, e jà pesso perdaõ aos Discretos se capitularem por grande a minha digreçaõ, pelo impulso do credito, e amor da Patria; e como para os curiosos naõ desejo ser avarento de noticias, jà aponto os famosos Escritores, naõ só para me acreditarem todas as que neste Livro dey, e delles as extrahi, mas tambem para que se fertilizem os seus discursos, se quizerem com a leitura dar gostoso pasto aos seus entendimentos.

Fructuozo.
Oliveira.
Cordeiro.
Jo. Botero.

Authores, e Escritores

Com que todas as materias contidas neste Livro se acreditaõ.

1 Auberto Mirreu.
2 Hieronimo de Cevallo.
3 Jacobo de Payva de Andrade.

4 Athæneo.
5 Polibio Megapolitano.
6 Marineo Ceziliano.
7 Heſpilbergio.
8 Gaſpar Balbo.
9 Hyeronimo Coneſtagio.
10 Hugo Linſcotano.
11 Ludovico Vertaman.
12 Garibay.
13 Joaõ Doglioni.
14 Antonio de Nebrixa.
15 D.Pedro Cubero.
16 Joaõ Botero.
17 Rebulloza.
18 Gonçalo de Avila.
19 Lopo da Vega Carpio.
20 Miguel de Cervantes.
21 Frãciſco de Monſaõ.
22 Franciſco Lopes da Camera.
23 Andrè de Rezende.
24 Rodrigo Sanches.
25 Joaõ Vaz, ou Vaſeo.
26 Vaſconcelos.
27 Jozè Teixeira.
28 Damiaõ de Goes.
29 Joaõ Caramuel.
30 Marianna. } deſatent.
31 Ferreiras.
32 D. Manoel de Guſmaõ
33 Azinheiro.
34 Mafeo.
35 Luis Marmol de Carvalhal.
36 A. de Libertate Portugaliæ.
37 Speculum Tiran. edit Paris.
38 Joaõ de Barros
39 Frutuozo.
40 P. Antonio Cordeiro.
41 D. Rodrigo da Cunha.
42 Manoel de Faria, e Souza.
43 Niculao de Oliveira.
44 Brito, e Brandaõ, &c.
Chron. de Portugal, e Heſpanha.

CAPI-

CAPITULO XII.

Vida Civil, e Politica, obſervada pelos illuſtres, e Nobres.

O Artifice ſoberano que fabricou o Ceo, e a terra, quiz para fermoſura della ſe compuzeſſe de montes ſublimados a infinitos vales; porque ſupoſto a natureza foſſe a meſma, houveſſe diſtinçaõ em os eſtados. Criou arvores de diverſas qualidades, permitindo que humas excedeſſem a outras na grandeza, e quanto mais dilataſſem ſuas raizes pela terra, tanto mais os ſeus braços ſe extendeſſem, e de excelſos ramos ſe coroaſſem; aſſim meſmo permitio que os homens no Mundo ſe diſtinguiſſem, para que bem ſe governaſſe; porque ſupoſto todos ſejaõ barro, o Oleiro ſabe diſtinguir do groceiro o mais fino, ſendo eſte mais do que aquelle eſtimado.

A vida civil, e politica de que ſummariamente fallo, e reconheço immediata, por participaçaõ, às Mageſtades, quero entender daquelles Cavalheiros, e Senhores que com excelços titulos, e pompoſo eſtado afermozeam as Cortes, e aſſiſtem a ſeus Monarcas, ficando ſeus ſubalternos os que ſem outro modo de vida tem nobreza, ſendo ſó de ſuas rendas ſuſtentados.

Tres ſortes ha de nobreza (eſcreveo Nazianzeno) (1) Nobreza de Origem, nobreza de Sangue, e nobreza de Obras; e ſu-

(1) *Nazianz. de Nolit.*

ſupoſto na opiniaõ dos Miſticos ſeja mais illuſtre a terceira, fallaremos aqui ſó da ſegunda que nas Cidades, e Reynos com apparato luſtra, ſem ventilar a queſtaõ nas Academias repetidas vezes diſcutida, ſe he melhor a adquirida, ou ſe a herdada.

Fazem mais vida, e eſtudo da civilidade politica os de nobreza herdada, do que os que a tem adquirida, porque ſe a deſtes ſe firma nas ſuas obras, ou nas de ſeus proximos aſcendentes, a daquelles ſe eſtabelece, e clarifica no illuſtre de ſeus ſolares, expreſſando-ſe naõ ſó com ſublimados titulos, mas com apelidos certos que acreditaõ os eſcudos de ſuas armas, logrando aſſim tal excellencia, que nunca a fidalguia dos Solares deixou de ſer herança dos filhos, ſe naõ quando a gravidade da culpa os desherdou da nobreza do Paiz. (2)

(2) *l. 2. ff. de Sentenc. pac. & reſt. & tex. in d 2. ff. de interd. & relegat.*

He antiquiſſima a eſtimaçaõ, e reſpeito que ſempre mereceo a mais nobre fidalguia: Cicero para querer moſtrar a de Heraclio, e Diodoro Melitenſe a de Aulo Gelio, e Marco Orphio, ſó diſſeraõ que eraõ homens de ſolar, e nobiliſſimas origens. (3) Entre os Romanos tinha jà a nobreza illuſtre reſpeito grande, ſendo decretado por Leys eſpecialiſſimas que naõ foſſem os Cavalheiros ſogeitos às pennas dos plebeos: que ſó elles occupaſſem os primeiros degraos em o Teatro: que naõ pudeſſem ſer condennados à morte pelos Tribunos: que à morte foſſe condennado quem lhe perdeſſe

(3) *Cicer. 3. in act. 4. & 6. Varr. Idem in orat. pro Cluentio. Idem in Ep. 12. ad quinque Fratr.*

o

o respeito, e outras muitas cousas que por extenso naõ repito; vide. (4.)

Naõ só do illustre de seu sangue, e padroens quanto mais antigos melhores, mas das mercès de seus Monarcas procedem aos Cavalheiros às honras; mas muitos Principes se offendem, se lhes pedem, como se vio em ElRey Theodorico, castigãdo a Selim seu criado benemerito; porque naõ fiàra da sua generosidade o dezempenho (5) Outros as offertaõ, e por excelsso caprixo naõ se aceitaõ, como se vio no Serenissimo Duque de Bragança D. Theodosio com Felipe III. de Castela vindo a este Reyno (6) outros quando as dispençaõ, fazem ser mais illustre o illustre, como se vio em ElRey D. Affonço II. de Castella com o Cavalheiro Alvaro Nunes, dandolhe generozo dous Solares (7) porèm he certo que a fidalguia illustre por si só se nobilita. (8)

Na assistencia a seus Monarcas tem exercicio a illustre fidalguia, mas concidero a sua concervaçaõ muy perigosa, porque com mais difficuldade restitue hum Monarca à sua graça o vassalo que lhe contrariou o gosto, ou huma vez o offendeo, do que Deos a hum peccador arrrependido, que infinitas vezes contra sua Divina Magestade peccou. Quantos odios, q̃ emulaçoens, que invejas, e que lizonjas se naõ observaõ em os Palacios dos Principes, a quem todos mentem, como hum Aulico discreto disse, sendo, ou o respeito, ou adulaçaõ, ou a dependencia

Que

(4) *Bapt. Fulgoz. Ravizio Carvalho Illustr. Macara de Illustr. Tirraquel. de nobilit. c. 10. n. 120. Gracia de nobilit. glos. n. 117.*

(5) *Humer. Veronens. tractat de just. cap. de Ambit.*

(6) *Fr. Raphael de J. na Chron. delRe D. Joaõ IV. p. 1. cap. 4. n 7. do prel.*

(7) *Chron. de Affonço II. de Castel. cap. 64.*

(8) *Ita de Jure Bald. in l. siqua c. de secund. nupt. & in l. Nobiliores. cap. de comere. & merc. & in l. peradopt. ff. de adop. & in l. providendum cap. de poses. Lucas Pennoto in l. mulier cap de Dignit. l. 12. Alberic. in rubr. ff. de senator. Tiraq. de nob. c 31. Joan. Plat. in l. 1. de cond.*

quem naõ deixa fallar o que com discurso claro se entende, e assim se falta à verdade. Que encargos naõ terà hum Conselheiro, que culpas naõ cometerà hum valido? Mas oh que infelicidade se depois de lograr excelsas honras, descahio o Valido, e Conselheiro! Nas letras Divinas tem por exemplo a Aman, e nas historias humanas ao Conde Duque Dom Alvaro de Luna; discorra cada hum como quizer, que suposto só esta materia fosse bastante para hum volume, eu só a este Livro dou Fim.

LIVRO

LIVRO QUARTO

Vida Ecclesiastica.

CAPITULO I.

Do altissimo estado Sacerdotal, sua primeira instituiçaõ, dignidade excelça, e veneraçaõ grande imitada depois pelos Gentios, e posteriormente reformada por Christo na Ley da Graça.

O Sacro Ministerio Sacerdotal (de que muitos indevidamente fazem vida, pois adulterando os fins, se prevaricaõ nos modos) he o estado mais excelço que no Mundo pòde lograr huma creatura humana, pois quasi excedendo a esfera da propria naturexa (1) na pureza deve ser Anjo (2) nas acçoens parecer Christo (3) na representaçaõ existir Deos. (4)

(1) *D. Ambroz.*
(2) *Origen.*
(3) *Ad Corinth. 1.*
(4) *Ps. 81.*

Interpreta-se este nome *Sacerdote* por exposiçaõ dos P.P. *Sacer dos*, *Sacer dux*, *Sacer dans*: Dote Sagrado, Capitaõ Sagrado, Dadiva Sagrada; e tendo Caracter de Sacerdote que a Deos he dedicado, sete incumbencias lhe provèm da obrigaçaõ: Orar pelo povo, offerecer Sacrificios pelo povo, ensinar o povo, guiar o povo, encaminhar o povo, ser Juiz, e ser

e ſer Paſtor quando Miniſtro dos Sacrificios. (5)

(5) *Origines. Laureto Sylva alegor. lit. S.*

Taõ grande he o poder de hum Sacerdote, que com poucas palavras que profere, preciza o meſmo Chriſto a deſcer do Ceo à terra, e porſe em ſuas mãos ſagradas (6) taõ grande a dignidade que alcança, que em ſuas mãos quotidianamente chega Chriſto a encarnar como no ventre Sacro da Senhora (7) taõ grande a felicidade que logra, que a impulſo de ſuas vozes vindo o Senhor do Ceo à terra, faz por qualquer Sacerdote o meſmo que fez huma vez ſó pelo Mundo todo.

(6) *Ita de Fide.*

(7) *D. Petr. Dam.*

No Povo Judaico, e Hebreo aſſeveraõ os Eſcritores antigos ſe conſtituhiraõ os primeiros Sacerdotes que o Mundo vio. (8) Entende-ſe que Noè foy o primeiro, pois que em levantar altar a Deos, e offerecerlhe Sacrificios teve a primazia (9) aſſim meſmo Melchizedec, o qual igualmente ſacrificou, fazendo-o tambem depois Abraham (10) Iſac, e Jacob; advertindo porèm que naõ obraraõ taes acçoens com Sacerdotal authoridade, mas ſim ſó com huma virtuoſa, e natural Religiaõ.

(8) *Jozepho de antiq.*

(9) *Geneſ. 8. 20.*

(10) *Geneſ. 12. 7.*

Tambem Moyſés foy eſpecialiſado em levantar Altar a Deos (11) mas o primeiro que por mandado de Deos na Ley antigua foy com formalidade conſtituhido, e conſagrado Sacerdote, ſendo como tal ungido temos a Aram, cujas acçoens por diſpoſiçaõ do Senhor lhe fez ſeu Irmão Moyſés (12)

(11) *Exod. 17. 15. & Exod. 27. 1.*

(12) *Exod. 28. 1. & 29.*

ao

ao qual neſta acçaõ ſe ſeguiraõ ſeus filhos Nadab, Abiud, Eleazar, e Ithamar (13) mas como os PP. e DD. fundados no que expreſſa o Sagrado Texto (14) denominaõ a Aram Pontifice, pois nas veſtes com que Deos mandou a Moyſés que o veſtiſſe, ſe eſpecializou, por naõ fazermos confuzaõ, fique iſto rezervado para ſeu proprio lugar.

(13) *Exod.* 28. 2.

(14) *Exod.* 28. *per totum.*

As veſtiduras que Deos mandou dar aos Sacerdotes communs, quaes eraõ os filhos de Aram jà mencionados, conſtavaõ de huns pannos menores chamados *fœminalia* de linho, tunicas, ou alvas tambem do meſmo, cingidouro de quatro cores tecido, e barrete redondo na figura de huma esfera aberta por ſima (15) deſtas por mandado do Senhor determinou Moyſés que uzaſſem em ſerviço do Altar, e atè para os Pontifices em o meſmo miniſterio eraõ commuas eſtas veſtiduras. Logo depois foraõ inſtituhidos tambem por Moyſés alguns gràos de Ordens, figura do que hoje ſe obſerva, e em ſeu lugar tratarey.

(15) *Exod.* 28. 40. *& deinceps Joſeſo de Antiq. D. Hyer. Ep. ad Fabiol.*

Vendo aſſim o ſuceſivo Gentiliſmo as honras que aos Sacerdotes ſe tributavaõ, elegeraõ tambem, ſupoſto que ſuperſticioſamente, Sacerdotes de ſeus Idolos; e tanta chegou a ſer a veneraçaõ que lhe davaõ, que entrou hum gentio a duvidar pudeſſe haver no Mundo homem taõ inſolente, e taõ bruto, que ſe atreveſſe a vilipendiar os Sacerdotes de ſeus Deoſes. (16) Era tal o reſpeito com que os tratavaõ, e de tal ſorte os

(16) *Plaut. in Rudent act. 1. Scen. 2.*

attendiaõ, que os Romanos ſem o ſeu conſelho naõ moviaõ guerra; os Chinas pela ſua direcçaõ diſpunhaõ os ſeus governos; os Caldeos naõ davaõ por valida eſcritura alguma, que por ſua maõ naõ foſſe feita; os Perſas naõ ſahiaõ às campanhas ſem ſua determinaçaõ, e finalmente tendo-os como por Vice-Deoſes em o Mundo lhe pediaõ para o outro os Chinas cartas de favor, entendendo que com ellas lograriaõ huma gloria infalivel. (17)

(17) *Jozefo de ant. Methaſtenes. Cornel. Tacit. Fernaõ Mend Pinto*

Chegou tempo em que Deos querendo acudir pela ſua honra, devendo ſer ſó por unico, e verdadeiro Deos reconhecido, permitindo encarnaſſe o Divino Verbo nas entranhas de huma Virgem pura, para reſgatar o Mundo perdido todo (18) entrando eſte Senhor depois de humanado a deſtruhir abſurdos, reformou a Ley antigua, e tranſformaraõ-ſe no figurado as figuras.

(18) *S. Athanaſ. in Simbol. Fidei.*

Foy o Cenaculo theatro glorioſiſſimo da mais feliz ſoberania; pois que ſendo Chriſto noſſo primeiro Pontifice, e Sacerdote ſoberano (19) hoſtia, e Sacrificio, em attençaõ à Ley antigua, que naõ vinha desfazer, mas completar (20) tendo elegido doze Diſcipulos como para Pontifices, ou Biſpos, aos quaes denominou Apoſtolos, cujo numero ſe extendeo depois (como Sacerdotes menores com o nome de Diſcipulos) a mais ſetenta e dous, de que trataremos; naõ conſtando dar Chriſto àquelles outras algumas Ordens, mais que o grau de ſerem

(19) *Pſ.* 109. 2. *ad Hæbr.* 4. *S. Auguſt. S. Hyeron. Origines.*

(20) *Math.* 5. 17.

chama-

chamados à ſua companhia, no Cenaculo, adondo conſagrando ſeu Diviniſſimo Corpo nas eſpecies de paõ, e vinho, os conſtituhio (com ampliſſimos poderes) Sacerdotes (21) dignificando-ſe primeiro neſta ſublimada honra o grande Apoſtolo S. Pedro. As vèſtes que para os Sacrificios depois uſaraõ os Sacerdotes, foraõ, e ſaõ com ſemelhança às da Ley antigua, inſinuadas pelos Apoſtolos, e eſtabelecidas com toda a perfeiçaõ pela Igreja.

(21) *Ita ex Sacra. pag. tenent. com. SS. PP. & D.D.*

CAPITULO II.

Faz ſe mençaõ, para noticia, de quem foraõ os ſetenta e dous Diſcipulos de Chriſto; explica-ſe o modo porque foraõ quaſi todos Ordenados Sacerdotes; que dignidades occupàraõ na Primitiva Igreja; e de que principio provèm trazerem os Sacerdotes feita em a cabeça Coroa.

SAbido he de todos os Catholicos, pois à ſua veneraçaõ ſe faz conſtante, quem foraõ os doze Diſcipulos do Sacro Apoſtolado de Chriſto, ainda o que foy ſubſtituhido no lugar de Judas prevaricado; mas como naõ ſeja a todos taõ notorio quem foſſem os outros ſetenta e dous Diſcipulos, e quais delles exercèraõ o Sacerdotal miniſterio, moſtro ſerem ſuas incumbencias, e ſeus nomes os ſeguintes.

1 Agabo Profeta de Antiochia.
2 Alexandre Biſpo de Avinhaõ.
3 Amao, mencionado por S. Ambroſio.
4 Ampliato Biſpo de Edeſſa.

5 Ananias Biſpo de Damaſco.
6 Andronico Biſpo de Pannonia.
7 Antipas Biſpo de Pergamo.
8 Appelles Biſpo de Smirna.
9 Ariſtarco Biſpo de Apamia.
10 Ariſtono Biſpo de Salamina.
11 Archipo Socio de S. Paulo.
12 Ariſtobulo Biſpo de Bertanha.
13 Antimo mencionado por S. Paulo
14 Azinorito Biſpo de Ircania.
15 Barnabas Biſpo de Milaõ.
16 Barlimeo illuminado.
17 Ceffas Biſpo de Canea.
18 Carpo Biſpo de Macedonia.
19 Cezar Biſpo de Durazzo.
20 Clemente Biſpo de Sardica.
21 Cleofas, a quem Chriſto apareceu.
22 Creſcente Biſpo de Vienna.
23 Epafra Biſpo de Rhodes.
24 Eufrodizio Biſpo de Filipopoli.
25 Erneſto Biſpo de Pancade.
26 Hermete Biſpo de Dalmacia.
27 Hermete Biſpo de Filipopoli.
28 Herodion Biſpo de Patras.
29 Evodio Biſpo de Antiochia.
30 Filozofo Biſpo de Paflagonia.
31 Flagaõ Biſpo de Maraton.
32 Jaſſon Biſpo de Tarſo.
33 Jezu Biſpo de Cleantipoleo.
34 Joaõ cognominado Marcos.
35 Joaõ (o Evang.) Biſpo de Ephezo.
36 Jozeph de Arimathea.
37 Jozeph Juſto Biſpo de Eutropoli.

38

(1) *Pedro a Nalal. libr. 6. c. 100.*
Jacomo Filipo de Bergamo no Suplemento das Chronic. l. 8. t. 122.
Antonio Monachleno D de Sorbona na Inſtit. da Relig. Chriſt.
Joaõ Baptiſta Rizzoli na ſua Chronolog.

38 Judas chamado Barzabas.
39 Ignacio Biſpo de Antiochia.
40 Janio Biſpo de Apamia.
41 Lazaro Biſpo de Marſilia.
42 Lucio Biſpo de Laodicea.
43 Lucio Biſpo de Cirenne.
44 Lucas Evangeliſta Antioch.
45 Manaem Antiocheno.
46 Marcos o Evangeliſta.
47 Marcos Biſpo de Apolonia.
48 Marcial Biſpo de Limoges em Frãça.
49 Maximino Biſpo de Aix.
50 Manaſon Biſpo de Tarſo.
51 Mathias o ſubſt. no lugar de Judas.
52 Narcio Biſpo de Patras.
53 Nathanael Biſpo Biturienſe.
54 Nicodemus que ſepult. a Chriſto.
55 Patrobas Biſpo de Napoles.
56 Priſco Biſpo de Colofon.
57 Quarto, Biſpo de Berito.
58 Ruffo Jerolozomitano.
59 Ruferio Biſpo de Tebe.
60 Celidonio Biſpo de Aix.
61 Silvano Biſpo de Tezalonica.
62 Sila Biſpo de Corintho.
63 Simeaõ Biſpo de Hyeruſalem.
64 Simeaõ Biſpo Boſtuenſe.
65 Simaõ Leprozo, a quem curou Chriſto.
66 Euſtachio Biſpo de Conſtantinop.
67 Suſipatro Biſpo de Iconio.
68 Tadeo diverſo do Apoſtolado.
69 Terzo Biſpo de Meiaido.

70

70 Urbano Biſpo de Macedonia.

71 Zacheo Biſpo de Cezarea.

72 Zima Biſpo de Diſciopoli, a quem outros chamaõ Zena.

Advirto que alguns Authores acho diſcordes em os nomes deſtes ſetenta e dous Diſcipulos (1) e naõ me meto a opinar.

O modo porque no tempo dos Apoſtolos ſe ordenavaõ os Sacerdotes, era pondoſelhe as mãos ſobre a cabeça, na qual acçaõ ſe lhe dava o poder mediante a graça do Eſpirito Santo (2) aſſim ſe praticou atè que os ſubſequentes Pontifices puzeraõ muitos additamentos a eſta ceremonia ſacra da Inſtituiçaõ Sacerdotal, julgando neceſſario tudo para o luſtre, e concervaçaõ honorifica da Igreja. Daqui ſe entende ſer provinda a acçaõ authoritativa de benzerem os Sacerdotes com a maõ, imitando naõ ſó aos Sagrados Apoſtolos, mas a Chriſto noſſo Divino Meſtre, pois como S. Jeronimo eſcreve, abençoava algumas creaturas que procuravaõ o tacto fizico de ſuas mãos Sagradas. (3)

(2) 1. ad Thimotheum 5. & 2. ad Thimoth. Acta Apostol. Chriſoſt. hom. 16. in Ep. Paul. ad Thimot. D. Ambroſ. Origines. D. Cyprian. Ep. 4. ad Felicem.

(3) D. Hyeron. hom. in Math.

O coſtume que ſe obſerva nos Sacerdotes, e Miniſtros da Igreja de trazer em a cabeça coroa, (a qual ſe naõ entende como muitos cuidaõ pela parte ſuperior rapada, mas ſim pelo circilio de cabelo que em roda fica,) he por outro principio, antiquiſſimo; entaõ ſe reputava eſta pela acçaõ de mayor deſprezo, o que ſe vio quando ElRey Hamon por oprobrio mandou rapar a cabeça a

certos

certos vassalos d'ElRey David, do que se originàraõ guerras entre estes Principes (4) naõ menos quando Arichperto usurpando o Reyno de Lombardia, mandou por affronta grande em odio do Principe Linthperto rapar a Rothario a cabeça.

(4) *Paralipomenon. livr. 1. cap. 19.*

Jozefo no livro quarto das antiguidades entende que este costume proveyo dos Nazareos, e o praticavaõ naõ por desprezo proprio, mas sim por culto de Religiaõ. (5) O V. Beda diz que foy esta acçaõ recebida dos Santos Padres, e aprovada pelos Decretos para que os Ministros da Igreja a usassem por dignidade, e honra, desvanecendo a superstiçaõ de ter sido opprobrio. (6) Jacome Bossio escreve que os Sacerdotes com especialidade Religiosos usaõ, e trazem a tal coroa na cabeça, em memoria dos escarnios, opprobrios, e martirios que se fizèraõ a Christo, e lembrança da Coroa de espinhos que puzeraõ em sua cabeça Sagrada. (7)

(5) *Josefo l. 4. antiq.*

(6) *Beda in histor. Eccles.*

(7) *Jacom. Bossio ne Croci triunfante l. 1. cap. 4. f. 90.*

O certo he que Moysés, attendido o supradito uso dos Nazareos, como Origenes diz (8) foy quem determinou aos Sacerdotes da Ley escrita fizessem as barbas, e a coroa. Aos da Ley da Graça o decretou o Apostolo S. Paulo (9) o mesmo S. Apostolo o praticou em si, como S. Jeronimo escreve (10) e dos Pontifices Romanos foy Anacleto V. successor de S. Pedro, o primeiro que como Ley o estabeleceo aos Ministros da Igreja.

(8) *Origen. in Numer.*

(9) *D. Paul. in Ep. 1. ad Corinth. c. 11.*

(10) *D. Hyeron. l. 1. contra Jovin.*

CAPITULO III.

Mostra-se quem foy o primeiro Sacerdote que depois de Christo disse Missa; modo com que antiguamente se dizia; additamentos que lhe fizeraõ diversos Pontifices Romanos; e razaõ porque no fim se diz Ite Missa est.

DAs santas ceremonias que por disposiçaõ Divina insinuou Moysés a Araõ primeiro Sacerdote da Ley escrita para com a devida perfeiçaõ fazer Sacrificios a Deos, e da sagraçaõ naõ só da pessoa, mas dos Altares, e paramentos Sacerdotaes (1) se extrahiraõ alguns costumes observados ainda hoje, por determinaçaõ de Pedro, e seus Successores, nos Sacerdotes da Ley da Graça, os quaes sendo reduzidos authoritativamente a melhor forma, e acrescentados pelos Romanos Pontifices para lustre da Igreja, fazem que seja este Santo Sacrificio para Deos muito agradavel.

(1) *Exod.* 28. & 29.

He sem duvida que depois de Christo foy o grande Apostolo S. Pedro o primeiro que disse Missa, ou só como hoje se pratica, ou juntamente com os mais Apostolos como Christo fez, o que no tempo presente só se observa por disposiçaõ da Igreja quando os Bispos conferem as Ordens Sacras, porque neste cazo com elle simultaneamente dizem Missa os que se ordenaõ Sacerdotes, pois o mesmo fez Christo com seus Discipulos quando Sacerdotes os instituhio.

Parece

Parece que mais ſummario do que hoje ſe fazia entaõ eſte Santo Sacrificio, pois ſó conſtava eſſencialmente de tres partes: Offerecer, Conſagrar, e Commungar. Santiago o Menor quando Biſpo de Jeruſalem, em atençaõ a alguns Myſterios Sacros foy o primeiro que fez algum additamento à Miſſa, do que poſteriormente S. Bazilio, outros Santos, e muitos Pontifices tomàraõ motivo para acreſcentar a Miſſa com mais ceremonias.

O Introito que o Celebrante diz antes de ſubir ao Altar, principiando do Pſalmo *Judica me Deus*, foy determinaçaõ de Celeſtino Papa.

A Confiſſaõ que faz em o meſmo lugar, querem alguns Autores, foſſe inſtituiçaõ de Ponciano Papa; e outros que do Papa Damazo.

A Antifona, ou Oraçaõ que ſe ſegue depois do Introito, foy inſtituhida por S. Gregorio Papa.

Os nove Kirios que ſe cantaõ, ou dizem na Miſſa, foraõ ordenados pelo meſmo Pontifice Gregorio.

A oraçaõ, ou huma, ou mais da Miſſa foy diſpoſiçaõ da Igreja, reſpectivamente à feſtividade de que ſe reza.

A Epiſtola ſe diz por mandato tambem do ſobredito Papa Gregorio.

A Alleluia ſe tomou dos de Jeruſalem.

O Tracto, e Hymnos foy compoſiçaõ do Papa Gelazio, para ſe dizerem conforme o tempo.

 O

O Evangelho insinuou S. Jeronimo que se dicesse na Missa; e o Papa Anastacio I. determinou estivessem todos em pè ao tempo que se cantasse, ou lesse, mostrando Catholica promptidaõ para deffender a doutrina Evangelica.

O *Communio* foy determinado por S. Gregorio Papa.

O Offertorio, pela acçaõ de Christo.

O Prefacio que se diz antes do Canon, foy composto em diversas fórmas pelo Papa Gelazio; e o Papa Urbano compoz por devoçaõ de N. Senhora o das suas festividades.

O *Sanctus* triplicado, que se costuma dizerem todas as Missas, tomado como parece de Izaias, foy por Xisto Papa determinado.

O Canon, que principia *Te igitur*, foy composto, e mandado dizer por Gelazio Papa.

O *Communicantes*, pelo Papa Syricio.

O *Qui pridie, quam pateretur* atè chegar às palavras da Consagraçaõ, dispoz Alexandre I. Papa.

O *Hanc igitur oblationem* atè donde diz *Placatus accipias*, foy acrescentado pelo Papa Leaõ.

O que para diante se segue atè *Tua pace disponas*, foy acrescentado mais por S. Gregorio Papa; e se entende que tambem as palavras seguintes, *Jubeas grege numerari.*

O *Sanctum Sacrificium, immaculatam Hostiam*, foy composto, e mandado dizer por Leaõ Papa.

As

As palavras da Consagraçaõ, temos dito que por Christo.

As mais acçoens seguintes se entende serem determinadas com especialidade pelos Papas Gelazio, e Gregorio.

A paz que o Sacerdote dà na Missa, he à imitaçaõ de Christo, communicada aos Sacerdotes por mandato de Leaõ II. Papa; e participada aos leigos assistentes, pelo mesmo Pontifice; mas tenho por opiniaõ mais certa que o Papa Innocencio I. foy quem primeiro a mandou dar aos Sacerdotes.

A Communhaõ do Sacramento, tem a Christo nosso Divino Mestre por Soberano Autor.

A acçaõ de se virar o Sacerdote na Missa muitas vezes para o povo dizendo *Dominus vobiscum*, foy tomado das ceremonias dos Hebreos em os Sacrificios; ou imitada de outra semelhante palavra proferida por Booz, como consta do cap. 2. do livro de Ruth.

O *Benedicamus Domino* he do mesmo livro extrahida, formal resposta que a Booz se deu; e tambem he de varios passos da Sagrada Escritura, imitada.

Para as Missas que naõ forem Feriaes, ou de Defuntos, acrescentou o Papa Telesphoro, e mandou se dicesse o *Gloria in excelsis Deo*; e nas Missas Clasicas determinou por Decreto o Papa Martinho I. se dicesse o Credo; tambem o mandou o Papa Marcos o dizerse no fim da Missa, ou cantando, ou com voz intelligivel *Ite Missa est*, quando he festi-

festiva, tem seu principio algum tanto obscuro, pela diversidade de opinioens sofisticas; huns lhe assinalaõ a origem dos Egypcios, outros dos Sacerdotes de Izis, e outros dos Romanos. Advertindo-se primeiro que este vocabulo Missa naõ he Grego, ou Latino como muitos cuidaõ, mas sim Hebraico, como Joaõ Reuchlin affirma; e della por addiçaõ se deriva outra Missach, que quer dizer oblaçaõ, ou Sacrificio, se vem assim a comprovar, que se os Gregos no fim dos seus Sacrificios, como Apuleio escreve, diziaõ *Lanis ephesis*, isto he que se podia jà o povo hir embora; e os Latinos no fim dos seus, tambem diziaõ *Missio populis*, que quazi contem o mesmo; nòs tambem os Sacerdotes Christãos por determinaçaõ da Igreja dizemos no fim do Santo Sacrificio ao povo *Ite, Missa est*, que quer dizer idevos com Deos, que se acabou o Sacrificio da Missa; e no *Deo gratias* responde o Acolito por todos, graças ao Senhor.

Joan. Reuchlin Alem. l. 2. de prin. Hebraic.

O certo he que neste Santo Sacrificio naõ ha acçaõ alguma sem interpretaçaõ, incluindo em si grandes mysterios; para que rectamente os Ministros possaõ exercer ceremonias taõ Santas, e de taõ relevante autoridade, devem ser scientes em as Rubricas, noticiosos dos Decretos, e intelligentes dos Autores, cujos nomes no Indice geral vaõ expressados; e aqui para os menos expertos, tambem apontarey: vide Michael Baul, Bissos, Gavanto, Campello, o P. Martins

tins de Rebus Ecclesiasticis, o Ritual de Durando, o Ceremonial Romano, e o Ceremonial dos Bispos, e outros muitos.

CAPITULO IV.

Mostra-se quem determinou com formalidade as Vestes Pontificaes; o uso, e principio de se sagrarem os Vazos, e Paramentos Sacerdotaes; o modo com que antiguamente se conferiaõ os graos das Ordens com diversidade à forma que hoje na Igreja por determinaçaõ Pontificia se pratica.

SAbido jà quem foy o primeiro Sacerdote da Ley Escrita, notorio tambem fica quem foy o primeiro Pontifice na mesma Ley. Consta da Escritura Sagrada (1) que por dispoſiçaõ insinuada por Deos a Moysés quando elevou à dignidade Sacerdotal, e Pontificia à Aram, logo entaõ se instituiraõ com formalidade as Vestes Pontificaes que havia usar, com distinçaõ das vestiduras que os mais Sacerdotes communs haviaõ ter, das quaes a Igreja Catholica na Ley da Graça attenciosamente teve que imitar.

Vestio Moysés a Aram, depois que o lavou, e ungio, como Deos lhe dispozera; e observado o Sacro Texto (2) com as ponderaçoens de Origenes, S. Jeronimo, e outros Padres (3) ouvido tambem Jozefo (4) mandando-o por dispoſiçaõ do mesmo Deos compor com pannos menores da cintura atè o giolho, chamados *Fæminalia*, em ordem à honestidade, sem o que naõ poderia entrar no Santua-

(1) Exod. 28.

(2) Exod. 28. & 29.

(3) Origenes. D. Hyeron. &c.

(4) Jozef. de antiquitatibus.

Santuario a fazer algum Sacrificio (5) na fórma ſeguinte o adornou.

(5) *Exod. 28. in fine.*

Lançoulhe huma tunica branca, ou alva de linho atè os pès com que o corpo todo ſe cobria, e pela cintura com hum cingidouro de quatro cores, encarnada, roxa, verde, e branca ſe atava. Sobre eſta lhe poz logo huma tunicela precioſa, e mais curta, de cujas fimbrias pendiaõ ſetenta e duas campainhas de ouro interpoſtas com outras engraçadas pendulas, que tinhaõ feitio como de humas Romans, e o cingio.

Logo lhe poz a viſtedura talar, chamada por outros eſtola, e immediatamente o ſuperhumeral de ouro, Hyacinto, e purpura, veſte que ſe diz tinha mangas, mas era nos hombros colhida, e em cada hum ſe via engaſtada huma pedra Onycha como o Texto diz, que Origines chama Eſmeraldas, e Sardonias Jozefo (6) nas quaes ſe diviſavaõ gravados os nomes dos doze Patriarcas mayores, e menores, filhos de Jacob, ſeis em cada huma dellas.

(6) *Origines. Joſeſo.*

Nos hombros deſte ſuperhumeral ſe viaõ dous aneis de ouro (naõ fallando em outros mais que tinha) pelos quaes ſe paſſava huma cadea, e deſta pendia ſobre o peito o Racional, que era huma lamina quadrada tudo de fino ouro, na qual ſe viaõ engaſtadas doze pedras precioſas em quatro ordens diſpoſtas: na primeira, Sardio, Topazio, Smaragdo: na ſegunda, Carbunculo, Sapphiro, e Jaſpe: na terceira, Ligurio Achates, e

Ame-

Amethysto: na quarta, Chrysolito, Onychino, e Berylo, em as quaes tambem se divisavaõ gravados os nomes dos doze filhos de Israel.

Ultimamente sobre a cabeça do Pontifice Aaram pôs Moysés o Cidari q̃ era hum como barrete pequeno com que lhe cobrio a coroa, como v. g. os Bispos hoje usaõ a que vulgarmente chamamos *Soli Deo*, com distinçaõ na côr, forma, e grandeza do que usa o Summo Pontifice, denominado Camauro. Logo em sima lhe pôs a Mitra de candido, e fino lenço em figura de hum globo aberto em duas partes, nas quaes se figurava hum, e outro Testamento, a cuja imitaçaõ usaõ os Bispos de Mitra com diversa fórma, no que para distinçaõ a estes, o Pontifice supremo usa de Tiara diversificada na figura; e finalmente cingio Moysés a cabeça de Aaram com huma fita, daqual pendia sobre a testa huma abreviada lamina de fino ouro em que estava esculpido o Santo nome de Deos, do que tudo se extrahiraõ as vestiduras que hoje os Principes da Igreja usaõ nos seus Pontificaes.

Com parte destas vestes, mas naõ todas mandou Deos a Moysés vestisse aos Sacerdotes menores, quaes foraõ os filhos de Aaram, permitindo que usassem de pannos menores jà ditos, tunica branca de linho (isto he Alva) cingida como dissemos, e tendo o cinto as quatro cores, e barrete em a cabeça; os mais Paramentos Sacerdotaes

de que uſaõ,deſtinàraõ para ſi, e para os mais Miniſtros da Igreja os Romanos Pontifices na Ley da Graça.

Santificados eraõ certamente todos eſtes Sacerdotaes Paramentos jà no tempo da Ley Eſcrita (7) e muito mais o foraõ na Ley da Graça, pois paſſou a ſer figurado a figura. Os Vazos Sagrados ſó neſta Santa Ley por Chriſto inſtituhida ſe praticàraõ, para o que a naõ haver determinaçoens da Igreja, para ſerem Sagrados, lhe baſtaria o fiſico contacto do Corpo, e Sangue de JESU Chriſto em o Santo Sacrificio, e entre os Hebreos na Ley Eſcrita ſó victimas ſe ſacrificavaõ.

(7) *Exod.* 28.

O uſo de Calices que na Primitiva Igreja ſe obſervava, he declarado pelos Eſcritores antigos; eſtes aſſeveraõ que foraõ de madeira os primeiros que ſe uſáraõ no tempo dos Apoſtolos; mas porque eſta naõ era materia apta, pois, ou com facilidade embebia aquelle Sacro Licor, ou abrindo ſcizuras o podia conſumir, determinou o Papa Zeferino que ſó em vazos de vidro ſe conſagraſſe; mas como neſtes ſe experimentava facil a confracçaõ, entràraõ a uſar de Calices de metal, dos quaes ſe diz que obſervando o Papa Urbano I. a aſpereza do ſabor, eſtabeleceo que ſó em vazos de ouro, prata, ou ao menos de eſtanho, ſe conſagraſſe. (8)

(8) *Gratianus. Origenes.*

O Papa Sixto I. mandou que os Corporaes foſſem de pano finiſſimo, e naõ de outra mate-

materia, prohibindo aos ſeculares, e muito mais a mulheres que nem Corporaes, nem Calices, nem couſa ſagrada tocaſſem. (9)

(9) Origenes.

Logo depois do Sacerdocio de Aaram foraõ inſtituhidos por Moyſés como em graos de menor Ordem os Levitas filhos de Jacob; eſtes em Lingua Grega ſe chamavaõ Diaconos, e correſpondiaõ aos Nathinneos em a Hebrèa; depois de ter a idade de vinte e cinco annos eraõ elegidos, ſendo ſeu miniſterio ſervir aos Sacerdotes nos Sacrificios, como tambem os Subdiaconos para que aos Diaconos ajudaſſem, e todos em tendo ſincoenta annos de idade, logo deſiſtiſſem, dandoſelhe entaõ outra occupaçaõ. (10)

(10) Numer. 8.

Foraõ depois inſtituhidos os Acolytos, ou Acolutos para o ſerviço da Igreja; os Hoſtiarios, que por diſpoſiçaõ da Ley haviaõ aſiſtir no Templo para o guardar; os Leitores para ler, e explicar os livros dos Profetas (pois ainda naõ havia Evangelhos;) e tudo iſto hia por ſucceçaõ de linhage como o Sacerdocio. Ultimamente ſe diz que no meſmo tempo, e Templo inſtituhio Salamaõ os Exorciſtas para que invocaſſem o nome de Deos ſobre os Cathecumenos, e expeliſſem os Demonios, cuja fórma diz Jozefo, que o meſmo Salamaõ lhe inſinuou. (11)

(11) Joſefo.

Diverſa deſta fórma que entre os Hebreos ſe uſava, he a que hoje na Igreja Catholica por determinaçaõ dos Romanos

Pontifices se pratica, recebendo primeiro os graos de Hostiario, Leitor, Exorcista, Acolyto, Subdiacono, e Diacono, o que hade ser elevado à dignidade de Sacerdote, ou Presbytero: he sabido, e naõ pertendo ser extenso. Vide (12)

(12) *Luc. in Act. Apost. D. Paul. D. Cyprian. D. Hyeron. D. Joan. Chrisost. Origines Enzeb.*

CAPITULO V.

Das Eleiçoens dos Pontifices Romanos, seu poder, e authoridade em todo o Mundo. Trata-se da erecçaõ da dignidade Cardinalicia, e Episcopal.

HE bem sabido de todos os Catholicos que foy JESU Christo o primeiro, e supremo Pontifice na Ley da Graça, deixando a Pedro por seu substituto, e Vigario em a terra, ao qual, e em sua figura a todos os seus legitimos succeçores entregou as misteriosas chaves, dandolhe amplissimo poder em todo o Ceo, e terra toda.

Tomou a intendencia da eleiçaõ Pontifical o Collegio dos Sacerdotes Romanos; e com o decurso do tempo, por obviar queixas dissonantes, e disturbios do povo, entrou este simultaneamente com seus votos, sem os quaes se naõ reconhecia verdadeiro o Pontifice, sendo approvada sua eleiçaõ pelo Emperador de Constantinopla, o que se observou atè o anno de 685. do Nascimento de Christo.

Neste tempo o ser Pontifice era mais tormento que dignidade, pois experimentando de tiranos Emperadores, e ainda dos

Lom-

Lombardos inauditas insolencias, se acolhèraõ aquelles Santos Prelados ao azilo de Carlos Martelo, Pipino, e Carlos Magno Reys de França; a este nomeou Leaõ III. para confirmar dahi adiante a eleiçaõ dos mais Papas; passando esta acçaõ extrahida dos Emperadores de Constantinopla aos Emperadores, e Reys Occidentaes.

Pelos annos de 1059. o Papa Niculao II. como consta dos Decretos Cannonicos (1) commeteo, e estabeleceo a eleiçaõ dos Pontifices só aos Cardeaes que fossem curas de Almas, concorrendo com approvaçaõ os mais Sacerdotes, e povo Romano, podendo ser assumpto ao Trono Pontifical qualquer Sacerdote benemerito.

(1) Decret. Can. dest. 23.

Alterouse, porque se adulterou por alguns Schismaticos este costume, o que se experimentou sensivel pelos annos de 473. (entendo que acrescentados na era, ou numero assima dito) em que com seu poder se quizeraõ outravez os Emperadores introduzir, atè que finalmente se estabeleceo a acçaõ de eleger Pontifices só em os Eminentissimos Cardeaes, observando-se o costume de ser eleito Papa (que he o mesmo que *Pater Patrum*) a hum daquelle Collegio Sacro.

Este assim Cannonicamente eleito teve poder, e authoridade antiguamente de eleger os Emperadores Occidentaes: Leaõ III. assima expressado elegeo a Carlos Magno, e lhe deo a Coroa chamada Platina Diadema.

Joaõ

Joaõ XII. elegeo Emperador a Othon Rey de Alemanha, e Gregorio V. de autoridade propria querendo honrar ſua Naçaõ (como ſe eſcreve) commeteu eſta excelſa regalia aos Arcebiſpos de Moguncia, Treveris, e Colonia, ao Marquez de Brandemburg, Conde Palatino, e Duque de Saxonia, e ao Rey de Bohemia * conſervando em ſuas peſſoas outras bem ſabidas, e notorias regalias taõ exelças, e eminentes, que de juro, como Cabeça da Igreja, e Vice-Deos em a terra, ſe lhe deve a mayor veneraçaõ, e reſpeito. No Catalogo dos Monarcas Soberanos expuz aſſima o dos Romanos Pontifices como Principes ſupremos triplicadamente laureados.

* *Hoje ſaõ mais os Eleitores.*

A eminente dignidade Cardinalicia ſe acha na variedade dos Doutores em ſeu principio equivocada com a Epiſcopal, tendo eſta precedencia àquella na antiguidade, pois na Sede Romana teve a origem, e os Pontifices deſte titulo ſe prezàraõ. Foy o Papa Evariſto quem primeiro depois dos Apoſtolos, e Diſcipulos de Chriſto deu titulos aos Presbyteros; e depois pelos annos de 267. o Papa Dionizio poz em direcçaõ os Biſpados com aſſinalado termo, e juriſdiçaõ, e inſtituhio com formalidade Parrocos aſſim chamados, aludindo talvez a certo officio que havia entre os Romanos da meſma ſorte dito, ſendo deſtes o exercicio hoſpedar os Embaixadores, e daquelles o miniſterio enſinar, e reger aos fieis.

Do

Do titulo de Cardeal, aſſim chamados *Quaſi Cardines Eccleſiæ*, acho ſer Andrè Siculo Barbacio o primeiro que eſcreveo (2) foraõ deputados para Conſelheiros, e aſſim ſe chamavaõ antiguamente os Biſpos. Pelos annos de 236. ſe vio a Igreja com eſte titulo em formalidade, concluindo Marcelo o que fizera Ponciano; e pelos annos de 244. Innocencio IV. lhe deu ſublimadas honras, e purpuradas veſtes. (3)

(2) *Andr. Sicul. Barbac.*

(3) *Guid. Arced. Franc. Zabarel. Martin. Ciſterc. Origenes. D. Hieron. Damaz. Platina.*

CAPITULO VI.

Da Relevante Dignidade Patriarcal. Moſtra ſer Conſtantinopla quem na elevaçaõ deſte titulo em ſeus Prelados logrou a primazia. Aponta ſe quem foraõ os que teve, e termos a que ſua authoritativa juriſdiçaõ ſe extendia.

Conſtantinopla, de quem ſe diz ſer a mayor Cidade do Mundo todo, e por avizo do Ceo como eſcreve Sozomeno, foy edificada (1) chamada antiguamente Bizancio pelo ſeu fundador Brizes em o anno 3395. da creaçaõ do Mundo, foy ao povo Romano fideliſſima, em quanto Veſpaziano, Nigro, e Severo a naõ privàraõ da liberdade; no que tambem os quiz imitar o Emperador Galieno, e tendo-a quaſi deſtruida lhe concedeo ſe reſtauraſſe; e Conſtantino pelos annos de 324. a eſcolheo para Corte de ſeu Imperio augmentando-a, e lhe chamava Conſtantinopla, e nova Roma, adonde os Pontifices Romanos celebràraõ muitos Conci-

(1) *Sozomen.*

Concilios, e nas Igrejas do Oriente (com ſubordinaçaõ à Romana) mereceo entaõ lograr o Principado.

Foy ſeu Prelado o primeiro que na Igreja logrou no titulo de Patriarca a primazia, ſendo de antes Biſpo ſuffraganeo ao Primàz de Heraclea; aquelle titulo lhe foy dado em hum Cannon do ſegundo Concilio celebrado em a meſma Cidade, anno de 553. ſupoſto houve debates grandes entre o Emperador, e Padres do Concilio reſpectivamente aos poderes, e terras da juriſdiçaõ.

Teve eſta Sé Patriarcal de Conſtantinopla trinta e nove Arcebiſpados ſogeitos, quaes eraõ Quion, Lemno, Mileto, Moronea, Leontopolis, Bizia, Carabizia, Dercos, Selybria, Germia, Pario, Arcadiopolis, Selga, Neapolis, Nice, Clipſella, o Apros, Meſſina, Cherſaõ, Sugdaya; Cotthia, Garella, Briſſis, Lencas, Phulas, Soteropolis, Cudras, Miſthea, Pedachtoa, Pharſala, Matrache, Egina, Carpatho, Mezembria, Eroina, Contradic, Jonia, Germa, e Boſporo.

Teve tambem eſta famoſa Patriarcal Primàz oitenta Igrejas Metropolitanas ſuas ſuffraganeas, que naõ exponho por fugir à extençaõ, e com ellas entre mais Provincias que naõ refiro, occupava parte de Azia, Armenia, Cappadocia, Galacia, Bythinia, Ancyra, Thrazia, Macedonia, Lydia, Pamphilia, Paphlagonia, Theſalia, Lycaonia, Ponto, Pizidia, Calabria, Caria, Corſica,

Etholica,

Etholia, Lesbo, Achaya, Germania, e Lacedemonia.

1 Foy Patriarca primeiro de Constantinopla no sentir dos Escritores Metrophanes, Catholico, o qual tinha sido creado Bispo Bizantino em o anno de 314.

2 S. Alexandre eleito Patriarca no anno de 317.

3 S. Paulo Patriarca creado no anno de 340. e desterrado tres vezes pelo Emperador Constancio, morreo no de 351.

4 Macedonio Patriarca feito pelos Arrianos, intruso pelo impio Emperador Constancio no anno de 351. expulso do Patriarcado por Acacio no Concilio Constantinopolitano.

5 Eudoxio creado no anno de 360. tendo já sido Bispo de Germanica na Syria, e depois, de Antioquia. Foy fautor dos Arrianos.

6 Evagrio (Catholico) creado no anno de 370. expulso da sua Cadeira pelo Emperador Valente, que introdusio Demophilo.

Patr. 7 Semi Arriano.

8 S. Gregorio Nazianzeno creado em o anno de 378. foy expulso por odio dos Arrianos, mas confirmado novamente em o Concilio Universal que a hi se celebrou no anno 381.

9 Nectario (ainda Cathecumeno) foy eleito Bispo, e Patriarca de Constantino-

pla no anno de 382. e morreo no de 397.

10 S. Joaõ Chrisostomo creado no anno de 397. deposto, e degradado por justamente arguir a Imperatrix Euxodia anno de 403. chamado brevemente, mas outravez desterrado no de 404. morreo no de 407.

11 Arsacio, creado no anno de 404. naõ foy aprovado, nem aceito pelo Papa Innocencio por se conhecer herege, morreo no de 405.

12 Attico, creado no mesmo anno de 405. morreo no de 425.

13 Sisinio foy logo creado Patriarca, e morreo anno de 427.

14 Nestorio foy eleito no anno de 428. declarou-se herege, e morreo infeliz no anno de 431.

15 Maximiano Varaõ insigne foy creado vivo ainda seu antecessor, e morreo no anno de 434.

16 S. Proclo foy creado Patriarca, e morreo no anno de 446.

17 S. Flaviano, creado no de 446. foy desterrado por calumnias de Euthyques a quem como herege condennàra, morreo Martyr em o desterro no an. de 449.

18 Anatolio intruzo Patriarca, expulso no anno de 449. declarou-se herege no de 453. morreo em seus erros no de 458.

19 Gennadio Varaõ Santo, e literatissimo foy creado Patriarca no anno de 458.

morreo

morreo com raros finais no de 471.

20 Acacio, creado no meſmo anno, fez illuſtres acçoens pela Igreja, mas em fim communicando com os hereges, morreo no de 488.

21 Phranitas no meſmo anno foy eleito, e tambem morreo herege.

22 Euphemio ſendo Catholico foy creado no anno de 489. e ſe fez herege no de 492. foy juſtamente por hum injuſto Emperador depoſto, e deſterrado no de 515.

23 Macedonio Catholico, creado no anno de 495. morreo em hum deſterro no anno de 515.

24 Thimotheo intruſo no de 511. morreo no de 517.

25 Joaõ Catholico, de Capadocia morreo no anno de 520.

26 Epiphanio Catholico creado no anno de 520. morreo no de 535.

27 Anthimo creado no dito anno, morreo hereje no de 536.

28 Menas, creado por Pelagio Papa, anno de 536. morreo no de 532.

29 S. Eutichio creado no anno de 553. morreo no de 583.

30 Joaõ III. intruſo no anno de 564. morreo no de 578.

31 S. Eutichio aſſima dito, repoſto de hum deſterro ſendo vivo.

32 Joaõ IV. creado no anno de 583. morreo no de 596.

33 Ciriaco, creado no anno de 596. morreo no de 606.

34 Thomàs, creado no anno de 606. morreo no de 608.

35 Sergio creado no de 608. morreo herege no de 639.

36 Pyrrho, creado no anno de 639. morreo no de 642.

37 Paulo II. creado no anno de 642. morreo herege no de 651.

38 Pyrrho assima dito, restituhido antes de morto, anno de 652.

39 Pedro, creado no anno de 653. morreo herege no de 656.

40 Thomàs II. creado no anno de 656. morreo herege no de 658.

41 Joaõ V. creado no dito anno, morreo herege no de 664.

42 Constantino I. creado no anno de 664. morreo no de 666.

43 Theodoro, creado no de 666. morreo herege no de 674.

44 Jorge Catholico, creado no anno de 678. morreo no de 682.

45 Theodoro neste anno foy reposto por seus Sectarios.

46 Paulo III. creado no anno de 684. morreo no de 691.

47 Calinico, creado no anno de 691. deposto no de 703.

48 Cyro Catholico, creado no de 703. desterrado no de 712.

49 Joaõ VI. creado no de 712. descuberto

to herege, governou dous annos.

50 S. Germano creado no de 714. morreo no de 726.

51 Anaſtacio intruſo no anno de 730. morreo herege no de 753.

52 Conſtantino II. intruſo no de 754. degolado no de 767.

53 Nicetas, creado no anno de 766. morreo herege no de 780.

54 Paulo IV. creado no de 780. retirouſe para o Moſteiro, e morreo ſantamente no anno de 784.

55 S. Tarazio foy compelido a deixarſe ordenar Summo Sacerdote deſta Igreja no anno de 784. morreo milagroſo no de 806

56 S. Nicephoro creado no de 806. morreo no deſterro, anno de 828.

57 Theodoro intruſo no anno de 814. herege, morreo no de 835.

58 Joaõ eleito no anno de 835. herege, expulſo no de 843.

59 S. Methodio creado no anno de 842. morreo no de 847.

60 S. Ignacio creado no anno de 847. morreo ſantamente no de 878.

61 Phocio intruſo no Patriarcado, e expulſo no anno de 858.

62 S. Ignacio, dito, reſtituhido à ſua Igreja anno de 867.

63 Phocio, dito, reſtituhido do degredo, anno de 878. depoſto no de 886.

64 Eſtevaõ, creado no an. de 886. morreo ſantamente no de 888.

65 Antonio, creado no anno de 888. morreo como Santo no de 890.

66 Niculao, creado no anno de 890. morreo no de 930.

67 Euthymio, creado no anno de 901. morreo ſantamente no de 920.

68 Niculao, dito, eſtabelecido no Trono, de que fora expulſo.

69 Eſtevaõ, creado no anno de 930. morreo no de 933.

70 Theofilato creado no anno de ſua idade 16. por ſer filho do Emperador Romano, foy conſagrado no de 944. morreo no de 956.

71 Polyeucto, creado no anno de 956. morreo no de 970.

72 Bazilio, creado no anno de 970. depoſto no de 975.

73 Antonio, creado no anno de 975. morreo no de 981.

74 Niculao, creado no anno de 981. morreo no de 995.

75 Sizinio, creado no anno de 995. morreo no de 998.

76 Sergio Sciſmatico, ſubrogado no anno de 998. morreo no de 1019.

77 Euſtachio eleito no dito anno, morreo no de 1025.

78 Aleixo creado no anno de 1025. morreo no de 1043.

79 Miguel creado no anno de 1043. morreo no degredo, anno de 1058.

80 Conſtantino creado no dito anno, morreo no de 1066.

81

81 Joaõ Xiphilino ſubſtituhido no anno de 1066. morreo no de 1078.

82 Coſmas, creado no anno dito, morreo no de 1086.

83 Euſtachio, creado no meſmo anno, morreo no de 1089.

84 Niculao, creado no anno de 1089. morreo no de 1117.

85 Arſenio, creado no de 1143. antes, e depois dizem haver outros.

86 Coſmas II. creado no anno de 1146. morreo no ſeguinte.

87 Caritas ſocedeo no Trono, e viveo hum anno.

88 Lucas II. creado no de 1148. morreo no de 1166.

89 Miguel Anchialo creado no de 1166. morreo no de 1175.

90 Theodoro creado no dito anno, morreo no de 1183.

91 Bazilio, creado no dito anno, morreo no de 1193.

92 Nicetas foy creado, e morreo no dito anno.

93 Adoſitheo no meſmo anno aconteceo o meſmo.

94 Jorge foy eleito no meſmo anno, e lhe ſocedeo Joaõ Camarreo.

95 Miguel IV. entrou no anno de 1206. e governou ſete annos.

96 Theodoro III. entrou no de 1213. governou hum anno.

97 Maximo, no de 1214. governou dous annos.

98 Manoel entrou no anno de 1216. governou 6. logo Germano, outra vez Manoel, e Arſenio occupàraõ o Trono.

99 Methodio principiou a governar no anno de 1240.

100 Germano III. governou no anno de 1254.

101 Nicephoro IV. entrou no de 1261.

102 Joſeph, no ſeguinte anno, e governou 13.

103 Joaõ, no de 1275. e governou 9. annos.

104 Gregorio creado no de 1284. governou 6.

105 Athanazio, no de 1290. governou 4.

106 Joaõ XI. foy creado, no anno de 1294.

107 Athanazio entrou ſegunda vez no anno de 1302. governou 7.

108 Niphon governou 4. annos; e Joaõ XII. 7.

109 Geraſimo entrou a governar do anno 1320.

110 Iſaias Monge entrou no de 1322. e governou 9.

111 Joaõ XIII. Catholico, governou 15. annos.

112 Izidoro entrou no de 1346. e governou 4.

113 Calixto principiou no anno de 1350.

114 Philoteo entrou no de 1363. governou 12. annos.

115 Macario no de 1375. governou 3. annos.

116 Nilo entrou no de 1378. governou 3. annos; outros, que mais.

117 Antonio IV. entrou no de 1398. governou 5.

118 Calixto II. entrou no anno de 1403. governou 16.

119 Euthymio II. governou do anno 1419. atè 1424.

120 Jozeph II. no anno de 1439. governou mais de 15. annos.

121 Gregorio III. governou atè o anno de 1453.

122 Gennadio entrou no de 1453. e atè o de 1570. governàraõ 10.

123 Jeremias II. entrou neſte dito anno; e atè o de 1612. governàraõ 10.

124 Neophito entrou no de 1612. e governou atè o de 1618.

125 Timotheo entrou no anno de 1618.

Nota Eſtes Patriarcas foraõ Gregos; e alguns mais que ſe ſeguiraõ, depois que os Francezes tomàraõ Conſtantinopla, vide nos Annaes de Baronio.

Patriarcas Latinos ſe eſcreve foraõ.

Thomas I. anno. de 1204.
Matheus an. de 1211.
Niculao an. de 1230.
Pãtaleaõ an. de 1251.
Hugo an. de 1306.
Pedro, e Geſtio de Arimino.

Henrique anno de 1243.
Guilhelme anno de 1345.
Paulo an. de 1364.
Jaques an. de 1375.
Guilhelme II. an. de 1378.

Angelo (foy Papa) an. de 1398.	Joaõ de la Rocha an. de 1423.

* Neste tempo aos 21. de Mayo de 1453. foy tomada Constantinopla por Masamede II. Emperador dos Turcos,

CAPITULO VII.

Da segunda Igreja Patriarcal de Alexandria, destrictos a que se extendia sua jurisdiçaõ, e Patriarcas Gregos, e Latinos que occupàraõ aquelle Trono.

ALexandria, famosa Cidade do Mundo, fundada por Alexandre Magno, em o anno quinto do seu reinado, e 3722. da creaçaõ do Mundo, servio de lustrosa Corte aos Reys do Egypto, atè que Augusto a subordinou, e reduzio ao ser de Provincia Romana.

Sua Patriarcal Igreja Primàs de todo o Egypto foy fundada por Saõ Marcos em o anno 46. do Nascimento de Christo, sendo mandado àquella Cidade por Saõ Pedro; e esta Primazia respectivamente às Igrejas do Egypto foy approvada pelo Concilio Niceno, celebrado no anno de 553.

Sua jurisdiçaõ comprehendia as duas Provincias do Egyto, e duas Metropolis, sendo estas nove por todas as que governa no dito Egypto, Thebaidas, Arcadia, Augusta, Tolometta, ambas as Lybias, Alexandria, com seus destrictos; e nos primeiros seculos floreceo, dando ao Ceo muitas mil Almas.

** Ad totum hoc caput. vide. Decret. & acta Innoc. Felicis Gelas. Hormis, de Vigilii. Gregorii, Adriani, Leonis IX. Roman. Pontif. Concil. gener. 8. Const. an. 896. Card. Baronium. Nycephor. Theodor. Menolog. Græcum. Curopalates in Catalogo. Petr. Antioquer. Zonaras. Michael Cærular. Concil. Constantin. can. 5. vel ut alii canone 3. Etiam cap. 22. dist. cap fin. §. Idem Romanor. cum glos. 74. quæst. 2. Cap. Renovantes 22. dist. Lex Imp. Justin. in l. Non plures Cod. de Sacrosanta Ecclesiæ. Lex Imp. in autent. Colat. 1. Concil. 2. Constantinopol. an. 553. Concil. gen. 8. Constantinopol. a. 896. ultra alegationem supra, declaratum Ilhescas Historia Pontifical. 6. Synod. Constantinopol. a. 692. Catalog. Græcum & Latin. Patriarc. hujus Ecclesiæ.*

1 Saõ Marcos interprete de Saõ Pedro, em cujo nome fundou esta Igreja, foy seu primeiro Prelado, anno 46. de Christo, morreo no anno 64. do mesmo Senhor, ou de seu glorioso Nascimento.

2 S. Aniano, creado Patriarca no anno de 64. morreo no de 87.

3 S. Abilio, creado no anno de 87. morreo no de 100.

4 Cerdo governou dez annos, e morreo no de 110.

5 Primo neste anno foy creado, e morreo no de 122.

6 Justo, creado no anno de 122. morreo no de 133.

7 Humenes, creado no dito anno de 133. morreo no de 144.

8 Marcos II. creado no anno de 144. morreo no de 151.

9 Celadion, creado no anno de 151. morreo no de 165.

10 Agripino, creado no anno de 165. morreo no de 182.

11 Juliano, no de 182. morreo no de 190.

12 Demetrio, creado no anno de 190. morreo no de 234.

13 Heraeleas, creado no de 234. morreo no de 248.

14 Dionizio, creado no anno de 248. morreo no de 266.

15 Maximo, creado no anno de 266. morreo no de 285.

16 Santo Thomàs, creado no an. de 285. morreo no de 300.

17 Saõ Pedro, creado no anno de 300. morreo Martyr no de 310.

18 Aquillas, creado no anno 310. morreo no de 311.

19 Alexandre, creado no anno 311. morreo no de 326.

20 Santo Athanazio, creado no anno de 326. morreo no de 372.

21 Pedro, creado Patriarca no an. de 372. morreo no de 380.

22 Thimoteo, creado no anno de 380. morreo no de 385.

23 Theophilo, creado no anno de 385. morreo no de 412.

24 S. Cirilo lhe ſuccedeo no anno de 412. e morreo no de 444.

25 Dioſcoro neſte anno foy creado, e morreo infeliz no de 451.

26 S. Proterio, creado no anno de 452. morreo no de 457.

27 Thimoteo (outro) intruzo no anno de 457. matou-ſe no de 477.

28 Thimoteo (outro) confirmado pelo Papa no anno 460. morreo no de 482.

29 Pedro, creado, e intruzo no de 482. morreo herege no de 490.

30 Joaõ, creado no anno de 482. morreo no de 484.

31 Athanaſio II. foy eleyto no anno de 490. herege, morreo no de 497.

32 Joaõ II. creado no anno de 498. herege, morreo no de 506.

33 Joaõ III. eleito no anno de 506. herege, morreo no de 516.

34 Dioſcoro à forſa intruzo no anno de 516. ſendo herege.

35 Thimoteo (outro herege) lhe ſuccedeo intruzo, e governou dous annos.

36 Aſterio, creado no anno 521. governou 14. annos.

37 Theodozio, creado no anno de 535. herege no de 536. deſterrado.

38 Paulo Catholico, creado no anno de 536. governou hum anno.

39 Zoilo, creado no anno de 537. morreo no de 553.

40 Appolinar, creado no anno de 551. Varaõ notavel, morreo no de 570.

41 Joaõ IV. creado no anno de 570. morreo no de 581.

42 Eulogio, creado no anno de 581. morreo no de 608.

43 Theodoro, creado no anno de 608. morreo no de 610.

44 S. Joaõ Elemoſinario, creado no anno de 610. morreo no de 620.

45 Jorge, creado no anno de 620. morreo no de 630.

46 Cero, eleito no anno de 630. herege, morreo no de 640.

47 Pedro, herege intruzo, governou dez annos; e entrou outro Catholico.

48 Coſmas, mais depois eleito, abjurou a herezia no anno de 742.

49 Miguel, Catholico, creado no anno de 780. como alguns dizem, ao qual ſe ſeguiraõ Alexandre, e Marcos, Patriarcas Gregos.

50 Santo Athanazio, creado Patriarca pelos Latinos no anno de 1219. a quem se seguiraõ Joaõ Niphon, Silvestre Melecio, Cirilo, e Gabriel; ha opinioens se a este se seguio outro Cirilo.

Dos Patriarcas Latinos acho.

Joaõ de Aragon, creado no anno de 1330. a quem dizem precedeo outro, que assistio no Concilio de Vienna, anno de 1311. Guilhelmo Bispo de Pariz, Umberto Bispo de Vienna, Arnaudo, Seguino, outro Seguino, Pedro, Simaõ, e Caetano atè o anno de 1647. *

* *Ad totum hoc caput vide. Cannones Apostolic. 21. & 22. Concil. gener. Ephesin. Concil. Calcedon. Eucumen. Decreta Damasi, Leon. X. Felic Clement. VIII. & aliorum. Pontif. Romanor. S. Gregor. l. 6. Epist. 37. ad Eulog. Eustachium. D. Gregor. Nazianz. D. Joan. Damascen. Cosmam Ab. cap. 40. Card. Baronium. Catalog. Patriarch. hujus Eccles. Græc. & Latin.*

CAPITULO VIII.

Da Santa, e famosa Patriarcal de Antioquia, sua ampla jurisdiçaõ, termos a que se estendia; e Prelados que governàraõ.

Antioquia famosa Cidade, principal de todo o Oriente, e Metropoli de Syria, dizem os historiadores, que fora fundaçaõ de Seleuco Rey primeiro da mesma Syria no anno 12. de seu reinado aos 3754. annos da creaçaõ do Mundo; foy antiguamente chamada Quersoneso, talves, que pela vizinhança das agoas do rio Oronte, e foy Corte de muitos Emperadores gentios, logrando depois a honra de ser venturoso solio de toda a Igreja Catholica.

Nesta fatal, e celebre Cidade poz o grande Principe dos Apostolos São Pedro, primeira

meira vez ſua Pontifical Cadeira em o anno 39. do Naſcimento de Chriſto, como os Eſcritores dizem, e della reza a Igreja Catholica determinadamente, tendo eſta Patriarcal Igreja a gloria de ſer primeiro berço do Chriſtianiſmo fundamental, merecendo tambem ſer chamada depois pelo Papa Innocencio, Irmãa da Igreja Romana, ſupoſto foſſe a 3. na ordem das Igrejas Patriarcaes entaõ eſtabelecidas.

Comprehendia entaõ a juriſdiçaõ deſta famoza Igreja parte de Azia, Carmania, e ambas as Armenias, Lycia, e Cilicia; como tambem as Provincias da Syria, Aſſyria, Mezapotamia, Media, Parthia, e Perſia, tendo a ſi ſogeitas 13. Sés, quaes eraõ 1. a de Tyro hoje chamada Sor, 2. Tarſo, em Cecilia, 3. Edeſſa hoje Rhaſiem Mezapotamia, 4. Apamia em Phrygia, 5. Hierapolis, 6. Boſtra, 7. Anararra, 8. Celeucia, 9. Damaſco, 10. Ameda, 11. Sergiopolis, 12. Theodoſiopolis, 13. Eveſa chamada Ems; e em todo o deſtricto da ſua juriſdiçaõ tinha 24. Biſpados, e 10. Arcebiſpados ſogeitos, e 8. Metropolis que ſubſiſtiaõ por ſi meſmas.

1 Prelado primeiro, e fundador deſta Igreja diſſemos jà que foy o grande Apoſtolo S. Pedro no anno 39. do Naſcimento de Chriſto, e ſete annos Santamente governou.

2 S. Evodio ſubrogado por S. Pedro neſte Patriarcado (e naõ S. Ignacio como querem

querem outros) morreo no anno de 71.

3 S. Ignacio, creado no anno de 71. Martyr morreo no de 109.

4 S. Heron I. creado no anno de 71. Martyr morreo no de 131.

5 Cornelio, creado no anno de 131. morreo notavel no de 143.

6 Heron II. Catholico, creado no anno de 143. morreo no de 170.

7 Thophilo Catholico, creado no anno de 170. morreo no de 182.

8 Maximo chamado por outros Maximino, creado no de 182. morreo no de 191

9 S. Serapiaõ (celebre) creado no anno de 192. morreo no de 213.

10 S. Asclepiades, creado no annode 213. morreo no de 229.

11 Phileto, creado no anno de 220. morreo no de 230.

12 Zebenno, creado no anno de 230. morreo no de 241.

13 S. Babilas, creado no anno de 241. morreoMartyr no de 253.

14 Fabio, creado no anno de 254. morreo no de 255.

15 Demoriano, creado no anno de 255. morreo no de 262.

16 Paulo, creado no de 262. herege expulso do Trono no de 272.

17 Domno, creado no anno de 272. morreo no de 277.

18 Timeo, creado no an. de 277. morreo no de 283.

19

19 S. Cyrilo, creado no anno de 283. morreo no de 299.

20 Tyranno (Catholico) creado no anno de 299. morreo no de 312.

21 Vital, creado no anno de 312. morreo no de 314.

22 S. Philogonio, creado no anno de 314. morreo no de 319.

23 Paulino I. (Catholico) creado no an. de 319. morreo no de 324.

24 S. Euſtatio, creado no anno de 324. deſterrado pelo Emperador Conſtancio, e morrendo foraõ eleitos varios Patriarcas hereges, Eulalio, Euzebio, Euphronio, Placencio, Eſtevaõ, Leoncio, Eudoxio, e Aniano; logo depois Melacio no anno de 36. deſterrado tambem logo por Catholico, e ſendo intruzo pelos Arrianos Exzóio, foy expulſo, e poſto Paulino Catholico em o trono, anno de 362. o qual morreo no de 389. ſubſtituindo-o Evagrio que no meſmo anno morreo.

25 Flaviano, creado no anno de 378. morreo no de 404.

26 Prophirio intruzo no anno de 404. morreo no de 408.

27 Alexandre (bom Catholico) creado no anno de 408. morreo no de 411.

28 Theodoto (Catholico) creado no anno de 411. morreo no de 427.

29 Joaõ creado no anno de 427. morreo no de 440.

30 Domno II. (Apoſtata) eleito no anno de 440. depoſto no de 449.

31 Maximo, creado no de 499. confirmado por Leaõ Papa, morreo no de 456.

32 Bazilio (Catholico) creado no anno de 456. morreo no de 458

33 Acacio (Catholico) creado no anno de 458. morreo no de 459.

34 Martirio (Catholico) creado no anno de 459. morreo no de 476.

35 S. Eſtevaõ, creado no de 477. celebrando o matáraõ hereges no de 479.

36 Eſtevaõ ſegundo (Catholico) creado no anno de 479. morreo no de 482.

37 Calendion, creado no anno de 482. deſterrado no meſmo an. pelos hereges.

38 Paladio, herege intruzo no an. de 486. morreo no de 496

39 Flaviano (Catholico) creado no de 496. degradado pelos hereges no de 512.

40 Severo impio herege, intruzo no anno de 513. morreo no de 518.

41 Paulo, creado no anno 519. morreo no de 521.

42 Eufrazio, creado no anno de 521. morto no de 525.

43 Efrem, creado no de 526. morreo no de 546.

44 Domno III. creado no de 546. morreo no de 561.

45 S. Anaſtacio Synaita, creado no anno de 561. morreo no de 599.

46 Gregorio, creado no anno de 572. morreo no de 594

47 S. Anaſtacio Junior, creado no anno de 599. morreo no de 609. Martyr.

48 Gregorio II. creado no anno de 609. morreo no de 629.

49 Anaſtacio III. creado no anno de 629. morreo no de 640.

50 Macedonio, creado no anno de 640. morreo no de 649.

51 Macacio (pois dos que houve atè o anno de 680. ſe naõ acha noticia) foy depoſto do Trono por herege no anno de 681.

52 Theofanes Catholico lhe ſuccedeo, e morreo no anno de 685.

53 Conſtantino, creado no anno de 686. deixou eſta Igreja ſem Paſtor, pois eſteve vaga 40. annos.

54 Eſtevaõ IV. (Catholico) creado no anno de 744. morreo no meſmo anno.

55 Theofilato (Catholico) creado no anno de 744. morreo no de 761.

56 Theodoro (Catholico) creado no anno de 761. morreo no de 787.

57 Theodoreto, creado no anno de 787. e ficou vago o Trono atè o an. de 869.

58 Chriſtovaõ (Catholico) foy creado no anno de 960.

58 Theodoro lhe ſocedeo, mas naõ ſe ſabem os annos, &c.

60 S. Macacio II. creado Patriarca; ſabe-ſe que morreo anno de 1012.

61 S. Eleutherio lhe ſuccedeo, naõ ſe diz qual, nem em que tempo.

** Ad hoc caput vide Decreta Cyriaci Leonis, & aliorum Pontif.*
Concil. Calcedon. 7. gener.
Innoc. P. Ep. 14 ad Bonifac Præsbit.
Martyrolog. Roman.
D. Joan. Chrisost.
D. Hyeronim.
Origines.
Theodoret.
Dionis. Alexandr.
Theopil. Alexandr.
Belarmin.
Euseb.
Evagrium.
Baronium.
Felic. P. in Ep ad Zen. ut videtur in 5. Synod. act. 1.
Catalog. Patriarch. hujus Eccles. Græc. & Latin.

62 Pedro, creado no anno de 1050. confirmado por Sam Leaõ Papa.

63 Joaõ, creado no anno de 1098. naõ se sabe quando morreo.

64 Opicio sabe-se que lhe succedeo.

65 Joachim foy creado no anno de 1580.

66 Hiecotheo, creado no anno de 1610.

67 Athanazio, creado no mesmo anno lhe succedeo.

** Dos Patriarcas Latinos acho.*

1 Bernardo morreo anno de 1736.

2 Rodolfo I. foy deposto.

3 Hamecico morreo anno de 1193.

4 Rodolfo II. morreo anno de 1219.

5 Reineiro, creado neste anno.

6 Helias, creado no anno de 1239.

7 Alberto pelos annos de 1245.

8 Christiano, anno de 1268.

9 Dionizio, creado no anno de 1423.

10 Jacobo, morreo anno de 1457.

11 Joaõ de Arcour naõ se sabe.

12 Geraldo da mesma sorte.

13 Pancirolo, a este deu o Papa o Pallio no anno de 1646.

CAPITULO IX.

Da quarta, e famoza Patriarcal de Jerusalem, Patriarcas que teve, e destrictos a que sua ampla jurisdiçaõ se extendia.

JErusalem, celebre Cidade pelos sucessos que nella se viraõ, chamada antiguamente Salem, e depois Jebus, appelidada nas Escrituras Sagradas

Santa

Santa Cidade, Cidade do grande Rey, foy fundada por Melchiſedech Cananeo 2177. annos antes de ſua ruina, eſteve ſugeita aos Jebuzeos atè o tempo que David a ſenhoreou, conſtituindo-a Corte, e cabeça do ſeu Reyno na Judea: Nabuchodonoſor a diſtruhio, e depois de reedeficada em parte com ſeu Templo, a ſenhoreàraõ os Aſſirios, os Romanos, e ultimamente os Ottomanos.

Foy taõ excelſa a preheminencia deſta Patriarcal (para cujo honorifico titulo concorrèra o Papa Vigilio, ſendo antes conhecida por tal em o Concilio Niceno, e depois no Concilio geral Conſtantinopolitano) que mereceo antiguamente ſer chamada *Mater aliarum Ecleſiarum*; e ao ſeu Prelado denominou Saõ Clemente: *Epiſcopo, Epiſcoporum.*

Teve eſta Santa Patriarcal na ſua juriſdiçaõ 25. Biſpados, e o entendem alguns Eſcritores, que àlem deſtes teve outros tantos ſufraganeos; como tambem quatro Sés Archiepiſcopaes, debaixo das quaes ſe comprehendiaõ 76. Biſpados; e foraõ Patriarcas deſta Igreja.

1 Santiago Apoſtolo, o qual foy creado primeiro Biſpo, e Patriarca no anno de Chriſto 34. e morreo no de 63.

2 S. Simeaõ de Cleophas, creado no anno 63. e morreo Martyr no de 109.

3 Juſto I. creado no anno de 109. e morreo no de 113.

En-

Entrou a perseguiçaõ dos Judeos contra a Igreja, a qual durou 25. annos; e nestes se contaraõ 13. Patriarcas.

S. Zacheo, S. Thobias, S. Benjamin I. S. Joaõ I. S. Mathias, Benjamin II. Felipe, Seneca, Justo II. Levi, Ephrem, Joseph, e Judas, todos da progenies dos Judeos.

4 Marcos foy o primeiro creado Patriarca dos Gentios em o anno de 138. e morreo no de 157. ao qual succederaõ no throno Cassiano, Publio, Maximo, Juliaõ, Cayo I. Simmaco, Cayo II. Juliaõ II. Capiton, Valente, Doliquiano, S. Narcizo, Dio, Germano, Gordio, todos Catholicos.

5 S. Alexandre, creado no anno de 199. morreo Martyr no anno de 253.

6 Mazabenes Catholico, creado no anno de 253. morreo no de 266.

7 Hymeneo Catholico, creado no anno de 266. morreo no de 296.

8 S. Zambdas, creado no anno de 206. morreo no de 298.

9 Hermon dito Thermon, creado no anno de 298. morreo no de 312.

10 S. Macacio, creado no anno de 312. morreo no de 331.

11 Maximo, creado no anno de 331. morreo no de 351.

12 S. Cyrilo, creado no de 351. morreo no de 386.

13 Joaõ II. creado no anno de 386. morreo no de 416.

14 Prylio, creado no anno de 416. morreo no de 429.

15 Juvenal, creado no anno de 429. morreo no de 457.

16 Anaſtacio, creado no anno de 457. morreo no de 577.

17 S. Martirio, creado no anno de 477. morreo no de 485.

18 Saluſtio Catholico, creado no anno de 485. morreo no de 492.

19 Helias Catholico, creado no anno de 492. morreo no de 513.

20 Joaõ herege, depois Catholico, morreo no anno de 525.

21 Pedro Catholico, morreo no anno de 546.

22 Macacio II. Catholico, morreo no anno de 549.

23 Euſtoquio Catholico morreo no anno de 561.

24 Joaõ IV. Catholico morreo no anno de 594.

25 Amòs, creado no anno de 594. morreo no de 601.

26 Eziquio, creado no anno de 601. morreo no de 609.

27 Zachacias, creado no anno de 609. morreo no de 632.

28 S. Sophronio, creado no anno de 633. morreo no de 636.

29 Servio herege lhe ſuccedeo, homem tido por herege.

30 Socedeo a eſte hum Patriarca Catholico, cujo nome ſe naõ ſabe.

31 Seguiraõ-ſe Theodoro, anno de 759.

He-

Helias, anno de 787. Joaõ, an. de 755.

32 Theodozio Catholico, morreo no anno de 896.

33 Joaõ, creado no meſmo an. de 896. Catholico.

34 Oreſtes, creado no anno de 1006.

35 Simeaõ Catholico, creado no anno de 1088.

36 Lazaro he quem achey ſe lhe ſeguio no anno de 1310.

37 Joachim no de 1580. Germano no de 1583. Sofronio, 1600. Theophanes, 1618.

** Dos Patriarcas Latinos.*

1 Daiberto, creado no annode 1095.
2 Ebremano intruzo anno de 1096.
3 Gilelino, morreo no de 1112.
4 Arnaõ no de 1118.
5 Guacimondo no de 1128.
6 Eſtevaõ, no de 1130.
7 Guilhelme, no de 1146.
8 Folqueiro, no de 1156.
9 Amaro, no de 1180.
10 Heraclio, no de 1187.
11 Miguel, no de 1199.
12 Alberto, no de 1204.
13 Rodolfo, no de 1214.
14 Geraldo, no de 1227.
15 Roberto, no de 1230.
16 Jacobo, Guilhelme, Thomàs, anno de 1263.
17 Joaõ de Verchelli, no an. de 1278.
18 Niculao, no de 1279.
19 Rodolfo, no de 1294.

** Ad hoc caput. vide Conc. Nicæn Cannone 7. Concil. gen. Conſtantinopol. a. de 381. Concil. Sardicence. Concil. Ephæſin. Concil. Calcedon. Paul. ad Cor. c. 15. Decret. Urban. II. Urban. V. Hormiſdæ, Vigilii, Gregor. & alior. Pont. D. Hyeronim. D. Gregor. Pap. D. Clem. Pap. in Epiſt. ad Jacob. Stephan. ad Synod. Romanum. Juſtinian. in Ep. ad Hormisd. P. Tertul. l. 4. contra Marcion. Nicephor. Euzeb. Bibliotec. Patr. Imp. Juſtin. in novel. Catalog. Patriarchar. Græc. & Lat. hujus Eccleſ.*

20 Bazilio, no de 1295

Seguiraõ-ſe Antonio, Pedro de Plana, Pedro de Caza, Pedro de Palude, dous Ghilhelmes, dous Felippes, Bernardo, Luis, que morreo anno de 1479. Maximis, que foy creado em Roma no anno de 1654.

CAPITULO X.

Moſtra o fundamento aluzivo que ſe ſupoem haver para a creaçaõ dos Biſpos, Arcebiſpos, e Patriarcas com ſuas Collegiadas; aponta-ſe a preheminencia da Veſte chamada Palio a alguns Prelados concedido; e expoem-ſe o principio que teve a acçaõ de beijar o pè ao Papa, e a maõ naõ ſó aos mais Principes Eccleſiaſticos, mas ainda ſeculares.

ANtiquiſſimo he, porque jà praticado na Ley da Natureza, e ainda no tempo da Ley Eſcrita entre os Gentios que cegamente idolatravaõ ſuas deidades fementidas, eſtabelecer ſem autoridade Miniſtros Sacerdotes de ſeus Deoſes para que nos Templos aos Sacrificios aſſiſtiſſem; e a eſtes, conforme a menor, ou mayor dignidade (pois entre ſi os deſtinguiaõ) lhe chamavaõ, Flamines, e Archiflamines, tendo eſtes a ſua reſidencia nas mais populoſas, e grandes Cidades, aquelles em as outras mais pequenas.

Iſto talves que attendido, e tranſmutado o profano em o Divino, dà a entender S. Clemente, que o grande Apoſtolo S. Pedro na Primitiva Igreja para o perfeitiſſimo culto do verdadeiro Deos inſtituhio naõ ſó

Sacerdotes particulares, mas aos Sacerdotes mayores chamados entre os Hebreos Pontifices, deu o nome de Bispos, e Arcebispos. (1)

(1) *D. Clem. in Lib. de Relig. Christiana.*

Jà anteriormente, como escreve Festo Pompeo (2) das pessoas mais graves, e benemeritas do Imperio Romano tinha Numma Pompilio seu segundo Emperador, eligido para o culto de seus Deoses, e mayor autoridade de seus Templos hum Pontifice Maximo, e foy Marcio o primeiro elegido, como tambem tinha creado àlem dos Sacerdotes cõmuns, outros especiaes Sacerdotes a quem particularmente destinguio com vestes diversas, e notaveis, e lhe deu Cadeiras altas em os Templos, nos quaes se haviaõ de achar todas as vezes que houvesse solemnes Sacrificios. (3)

(2) *Fest. Pomp.*

(3) *Plutarch. in Problem*

No Sacro Imperio da Igreja assim mesmo sendo elegido hum Pontifice Maximo, foraõ creados (como jà dissèmos) naõ só Sacerdotes communs, mas outros especiaes Sacerdotes, quaes saõ os Bispos, a quem se deu sublimidade de assento em as Igrejas, para nos dias solemnes assistir, e especialidade ainda nas vestes commuas de que havia usar.

Pela continuaçaõ do tempo crescendo o povo Catholico em o gremio da Igreja, para o seu bom regimen, entendèraõ os Pontifices Romanos ser conveniente sublimar accidentalmente esta dignidade Episcopal, creando nas Cidades principalissimas Arcebispos,

bispos, a quem os mais Bispos daquelle destricto todo, fossem sogeitos, e estes se chamavaõ Primazes, ou Patriarcas em vocabulo Grego, que era o mesmo que Principes entre os Bispos, como nos tempos succecivos se intitulàraõ os quatro de que nos antecedentes capitulos fizemos jà mençaõ.

Propagando-se ulteriormente a Fé por quazi infinitos Reynos, e dilatados Imperios, se deu o titulo de Metropolitanos aos Arcebispos das Cidades Capitaes, e mais populosas, concervando o titulo de Primàs só aquelle, cujos antecessores obtivèraõ em hum Imperio, ou Reyno a primeira Cadeira, sendo preferidos na autoridade ainda aos mais Arcebispos; e o Papa Aniceto por Decreto seu determinou que naõ pudesse Prelado algum lograr tal titulo, sem autoridade da Santa Sé Apostolica.

O Papa Clemente segundo foy o primeiro que a estes dignissimos Prelados concedeo trazerem Cruz levantada quando sahissem fóra, permitindo a alguns para mais relevante autoridade de suas pessoas, e concedendolhe usassem de Palio, que he huma veste pequena, ou insignia branca, e redonda posta ao pescoço com pequenas faxas pendentes, bordadas nellas quatro Cruzes encarnadas; o que na dignidade Episcopal só foy concedido pelo Papa Marcos ao Bispo de Hostia, em atençaõ de ser este o que costuma sagrar aos Pontifices Romanos.

Como todas as cousas com o decurso

dos tempos mais ſe purificaõ, e aperfeiçoaõ, entendèraõ os Romanos Pontifices, concorrendo varias repreſentaçoens de Principes Eccleſiaſticos, e Seculares, que para mayor fermuſura da Igreja, autoridade de ſeus Prelados, e culto perfeitiſſimo do verdadeiro Deos, houveſſe mais Miniſtros com dignidades ſubalternas, e por Bullas Pontificias ſe erigiraõ Collegiadas em as Sés principalmente, tambem em Regias Capellas com Conegos, e Dignidades que hoje vemos; e nas Parroquias ordinarias ſe inſtituiraõ Collegiadas Menores com Priorados, e Beneficios.

O coſtume de ſe beijar o pè ao Pontifice, giolho aos Patriarcas, anel, ou maõ aos mais Principes da Igreja, e ainda aos mais Principes ſeculares he antiquiſſimo, e jà do tempo dos Romanos, os quaes o praticavaõ nos Pontifices, que tinhaõ ſendo barbaros gentios, alguns Autores vereficaõ que entre os Hebreos ſe obſervàra; e naõ era bem ſe reconheceſſe menos ſuperioridade, e veneraçaõ atenta nos Pontifices, e Prelados do verdadeiro Deos. Chriſto Pontifice ſoberano como as Divinas letras o appelidaõ (4) diz o Texto que conſentira lhe beijaſſe os pès a Magdalena, ſendo mulher peccadora (5) e o Centuriaõ o quiz fazer a S. Pedro. (6)

Aos Principes Seculares (diz Plutarco (7) ſe praticou eſta atencioſa reverencia jà deſde o tempo dos Romanos para reconhecimento da Mageſtade. Seneca eſcreve (8) que

(4) *Pſ. David. D. Paul.*

(5) *Math.*

(6)

(7) *Plutarch.*

(8) *Seneca.*

que Julio Cezar foy o primeiro que o instituhio dando a beijar o pé ao Pompeo Africano. Os Emperadores Cayo Calligula, e Diocleciano determinàraõ positivamente que se lhe fizesse; porèm os mais Emperadores considerando talvez impropria esta accçaõ, diz Pomponio Leto (9) só davaõ a maõ a beijar a seus vassalos, levantando nos braços proprios aos illustres, e à gente ordinaria consentiaõ que só lhe beijassem o giolho.

(9) *Pompon.Leto.*

Hoje só se pratica, e se recebe por mercè muito estimada darem os Monarcas, e Principes Reaes sua Real maõ a beijar aos seus vassalos, mostrando nesta acçaõ naõ só a Magestade de Principes, mas o amor de Pays; e para que nos Principes Ecclesiasticos esta acçaõ tambem se estabalecesse, concedèraõ os Pontifices Romanos Indulgencias, e graças a todas as pessoas que dos modos ditos aos Principes Ecclesiasticos reverenceassem.

CAPI-

CAPITULO XI.

Da Parcimonia com que antiguamente viviaõ os Sacerdotes em Pobreza, e Castidade Conjugal; mostra-se quem lhe concedeo os Dizimos, e Permicias, e ultimamente quem os dispensou em poderem ter herdades, rendas, e posseçoens.

PElas forças da Ley Escrita dada por Deos a Moysés, se praticava entre os Hebreos naõ terem os Sacerdotes posseçoens, para que livres dos cuidados, e intendencias do seculo, podessem melhor exercer seu ministerio, e occuparse só em o serviço do Altar, e Templos do seu Deos, sem haver falta em a perfeita exacçaõ dos Sacrificios; pelo que como Origines escreve (1) sendo naquelle tempo os Sacerdotes licitamente cazados, como S. Agostinho escreve (2) diz Jozefo que para a sua necessaria sustentaçaõ todo o povo em commum promptamente concorria (3) e assim serviaõ a Deos em castidade conjugal.

(1) *Origenes.*

(2) *D. Aug. de bon. Matrim.*

(3) *Jozef. de Antiquit. Judaic.*

Entendendo a Sabedoria increada que esta caridade dos homens poderia ser deficiente em prejuizo grave dos Sacerdotes pobres, insinuou a Moysés estabelecesse por Ley indefectivel, como consta das Letras Sagradas em o Exodo, Numeros, e Deuteronomio, q̃ todas as pessoas sem excepçaõ contribuissem por obrigaçaõ preciza dando a Deos (isto he pagando aos Sacerdotes que o representaõ, e servem) os dizimos, e permicias

micias de todos os frutos que tivessem (4) ainda de todos os gados que lhe nascessem, ou criassem.

(4) *Lib. Exod. Lib. Numer. Deutoronom.*

Esta irrefragavel Ley se observava naquelle tempo em todo o seu rigor sem glosa, interpretaçaõ, ou epiquèa quando os discursos dos homens se naõ prevaricavaõ tanto com offensivas, e perniciosas sutilesas, e havia mais sinceridade, por isso com prompto animo, e sem violencia pagavaõ naõ dos peyores, mas sim dos melhores frutos os dizimos, e permicias á Igreja.

Naõ só das cousas minimas (como agora, e isto em algumas partes se pratica) mas ainda dos generos de mayor valor como Boys, Vacas, &c. e bestas todas que nasciaõ, dizem Origines, e S. Jeronimo (o que a Ley comprova nas Escrituras mencionadas) se pagava permicias, dando-se o que fosse primeiro no nascimento; das Creaturas racionaes que a qualquer cazal primeiro nasciaõ, se pagava tambem permicias aos Sacerdotes, redemindo-se (como o Texto diz) isto he dando em dinheiro huma tal quantia no modo possivel proporcionada (5) que commumente eraõ cinco siclos.

(5) *Origenes. D. Hyeron. in Ezechielem. Numer. Cap. 3. & Cap. 12. Exodi.*

Este rito pela Ley de Moysés estabelecido se vio em parte, ainda nos Romanos quando gentios, observado; Herodoto escreve casos semelhantes, pois entre si os Romanos praticavaõ offerecer ao seu Deos Jupiter a decima parte dos seus frutos, e bens que tinhaõ; outros o faziaõ a Hercu-

les;

les; e de Luculo eſcreve Feſto que pela obſervancia que niſto teve, logrou as mayores opulencias, e riquezas. Cyro Rey de Perſia quando venceo os de Lydia, deu a Jupiter a decima parte dos ſeus deſpojos; e o meſmo (diz Ouvidio fizera Bacho quando venceo os de Scythia. (6) Outros muitos Principes gentios, em diverſas naçoens os imitàraõ.

(6) *Feſto Pomp. Herodoto. Ouvid. in Faſt.*

Ainda com mais rigoroza obſervancia ſe praticava antiguamente em alguns terrenos, ou Provincias a pontual ſatisfaçaõ dos dizimos; porque aquellas peſſoas que nem por ſi, nem por expenſas proprias fabricavaõ fazendas, e ſó as arrendavaõ, os que tinhaõ ſalarios de officios publicos, ganancia de mercadorias, lucro de vendas, renda de qualquer couza, ſoldada de ſeu ſerviço, e jornal, ou paga de ſeu trabalho, de tudo pagavaõ aos Sacerdotes dizimo, o que hoje me naõ conſta que em parte alguma ſe obſerve; e ſó em alguns Reynos ſey ſe eſtilla eſta ſatisfaçaõ aos Monarcas, impoſta por annual tributo.

Em fim attendendo os Pontifices Romanos a que os animos dos fieis ſe afrouxavaõ, e ſeria precizo correndo o tempo procederſe a Cenſuras para ſe ſatisfazerem dizimos, conciderando o prejuizo que experimentaria o Eſtado Eccleſiaſtico, prevendo indecencias no tratamento com desluſtre da Igreja, querendo prover de remedio a indigencia dos Sacerdotes, e obſervando que ſupoſto Chriſto na Ley da Graça recomende

de muito nas ſuas peſſoas a pobreza (7) lha naõ prohibe em commum, o Papa Urbabano uſando de caritativa urbanidade os diſpenſou a que em commum podeſſem aceitar poſſeçoens, rendas, e herdades para o decorozo tratamento das ſuas peſſoas, e Sacerdotal dignidade, ſem que houveſſe meu nem teu; hoje ſe acha iſto com tal exceſſo prevaricado, que a experiencia moſtra o que eu naõ poſſo com penna eſcrever.

(7) S. Math.

CAPITULO XII.

Moſtra de donde teve origem o Coro em que os Sacerdotes louvaõ a Deos nos Templos; quem inſtituhio as ſete Horas Cannonicas; quem determinou ſe cantaſſem os Pſalmos, e ordenou mais Cantos em a Igreja com Orgaõ; quem aſſinalou formalidade em a reza, e compzo primeiro as liçoens que nella ſe dizem.

DA Igreja Triunfante à Militante Igreja, entendo que ſe participou certamente o coſtume de ſer Deos louvado a Coros; porque ſendo ſete os Coros de Anjos que no Ceo continuamente louvaõ ao Senhor, era bem que em ſete horas diverſas cada dia louvaſſem a Deos em Coros no Ceo das Igrejas, Templos ſeus, os Sacerdotes, fazendo dos meſmos Anjos, por juſtiſſimas cauſas, a figura.

Jà antiguamente no tempo da Ley Eſcrita ſe diz que entre os Hebreos ſe praticava, porque Aſaph lhe enſinàra eſte modo, dandolhe nelle methodo de cantar em o

Templo, e David o pôs em melhor praxe quando (como Jozefo eſcreve (1) inſtituhio a ſete Coros com armonioſa conſonancia a muzica que ſe havia ir cantando diante da Arca do Teſtamento; naõ ſe entendendo por eſte nome Coro outra couſa no ſentir de Seneca, e Macrobio (2) mais que huma alternativa conſonancia de vozes bem ordenadas, e unidas; e Plataõ interpreta eſte nome Coro, alegria. (3)

(1) *Jozefo l. 2. de Antiquit.*

(2) *Seneca. Macrob. Verbo. Chorus.*

(3) *Plato l. 2.*

Conſta o Divino Officio que os Sacerdotes no Coro rezaõ de ſete horas Canonicas deſtinctas, quaes ſaõ Matinas com ſuas Laudes, Prima, Terça, Sexta, Nona, Veſperas, e Completas, todas extrahidas, e compoſtas pelos Pſalmos do S. Profeta, e Rey David, cuja formalidade diz S. Cypriano ſer tomada do Profeta Daniel pelos tempos deſtinctos em que orava (4) S. Jeronimo diz que foraõ inſtituhidas em atençaõ àquellas em que os Sagrados Apoſtolos coſtumavaõ orar (5) fundado no que ſe refere em os Actos Apoſtolicos (6) da Sagrada hiſtoria ſe collige, que o meſmo S. Jeronimo foy o que as diſpôs, primeiro para Euzebio Cremonenſe, e depois para os Sacerdotes, o que toda a S. Igreja Catholica por diſpoſiçaõ do Papa Pelagio II. confirmaçaõ do S. Pontifice Damazo, e concelho dos SS. e antigos Padres aceitou (7) e com pontualidade ſe obſerva.

(4) *S. Cyprian.*

(5) *D. Hyeron.*

(6) *Acta Apoſt.*

(7) *Hiſtor. Sacra.*

Para mayor perfeiçaõ do culto Divino introduziraõ na Igreja os Pontifices Damazo,

zo, Vitaliano, e Gelazio ſe cantaſſem todos os dias eſtas ſete horas Canonicas, conforme as ſolemnidades das feſtas; para as mayores introduzio S. Gregorio Papa o inſtrumento chamado Orgaõ, que ſe diz ſer formado por David, e propriamente feyto para os louvores de Deos, como o S. Rey Profeta obſervava; e para as feſtas menores ſem o tal Orgaõ, ſe pôs na Igreja em coſtume o uſo de canto fermo, o qual coſtume de ſe dizerem cantados em o Templo os louvores a Deos, dizem Origenes, Plutarco, Lucio Apuleyo, e Titolivio eſcrevendo da fundaçaõ de Roma ſer antiquiſſimo (8) e jà pelos Hebreos obſervado.

(8) *Origen. Plutarch. Luc. Apul. in ſuo Azin. aur. Titoliv. lib. 9. de fund. Rom.*

Ainda mais quizeraõ os Pontifices Romanos aperfeiçoar eſte Divino culto; pelo que o Papa S. Gregorio determinou ſe diſſeſſe no principio de cada hora o Verſo, *Deus in adjutorium meum intende*, extrahido de hum Pſalmo de David, acreſcentando em o fim o *Gloria Patri, &c* e do S. Pontifice Damazo ſe eſcreve ſer o que mandou ſe diſſeſſe tambem o meſmo *Gloria Patri, &c.* no fim de cada hum Pſalmo à honra da Trindade Beatiſſima, e o Credo, ou Simbolo da Fé (em voz ſubmiſſa) no principio de cada huma das ſete horas Canonicas, acçaõ que hoje ſe faz por direcçaõ da Igreja ſó a Matinas, Prima, e deſpois da Capitula nas Completas.

A introducçaõ de ſe cantarem Hymnos nas meſmas horas Canonicas, ſe atri-

bue a diversos Pontifices segundo a opiniaõ de varios Autores: huns dizem que foy Gelazio, outros que Vitaliano, outros que S. Damazo, e outros que S. Gregorio Papa, e as liçoens das vidas dos Santos que nas Matinas se dizem, foraõ primeiro compostas por Uzuardo Monge, e Paulo Diacono; com pouca differença em o anno 800. do Nascimento de Christo, a rogos do Christianissimo Emperador Carlos Magno, como tambem dispozeraõ as do commum, que a Igreja aceytou, e usa, acrescentando-se outras mais na forma que hoje vemos.

O Papa Urbano II. no Concilio celebrado em Claramonte Reyno de França instituhio, e decretou se dissessem ad libitum, e com mais abreviada formalidade outras sete horas Cannonicas, compostas tambem dos Psalmos de David, em honra de Maria Santissima Mãy de Deos, o que em muitas Religioens por obrigaçaõ se costuma.

CAPITULO XIII.

Expoem-se o uso dos Sacramentos da Igreja a beneficio dos Catholicos; mostra-se o principio da sua instituiçaõ, e o modo de que se usáraõ antiguamente.

DE todos os fieis Catholicos professores verdadeiros da Ley de Christo he sabido serem sete os Santos Sacramentos da Igreja instituhidos pelo mesmo Christo como Autor da Ley da Graça simbolisados anteriormente

mente em varias figuras da Ley Eſcrita; e ſupoſto que jà em outras partes neſte volume tocamos em a materia preſente ſendo com outras envolvida, agora como em lugar proprio ſerà mais individuada.

Entre os Hebreos, e com forças de Sacramento como alguns Doutores Eſpeculativos, e Moraes aſſeveraraõ, ſe obſervou inviolavel a Circuncisaõ eſtabelecida por Ley Divina inſinuada por Deos, e por Abraham, e Moyſés fideliſſimamente obſervada, como do meſmo Sacro Texto ſe colige, e na antiquidade precede (como Jozefo, e Chriſoſtomo eſcrevèraõ) a todos os mandamentos, e preceitos que aos Hebreos foraõ dados (1) praticando-ſe por opiniaõ de graves, e antigos Autores primeira, e ſegunda circunciſaõ, eſta do Eſpirito, a quella da carne. (2)

Em os ſucceſſivos ſeculos ſe participou eſte rito a diverſas Naçoens do mundo ainda Gentilicas, e Barbaras; dizem que os povos de Phenicia neſta exacçaõ ſe ſeguiraõ, logo os de Arabia, Sarracenos, e Mauritanos hoje ditos (3) Plinio eſcreve que os Judeos, Ethiopes, e Egypcios o obſervàraõ tambem (4) e a eſtes imitàraõ os de Colchos como Herodoto eſcreveo. (5)

Em o anno 15. do Imperio de Tiberio Cezar tendo naſcido de Zacharias, e Izabel Joaõ que no ventre materno fora ſantificado, cõſtituhido por diſpoſiçaõ do Ceo Precurſor de Chriſto, foy o primeiro q̃ a toda a Regiaõ de Judea, Jeruſalem, e Jordaõ principiou

(1) *Jozefo contra Apion. Chriſoſt. hom. 52 ſup. Math.*

(2) *Apud Origin. & Jozef. atque Lactantium.*

(3) *Jozefo. D. Cyprian.*

(4) *Plinius hic.*

(5) *Herodotus.*

cipiou a prègar o Baptiſmo da Penitencia para remiſſaõ dos peccados, ſervindo eſte de diſpoſiçaõ para receber o Sacro Baptiſmo de Chriſto que proximamente naſceo, ſendo eſte Senhor o Meſſias que jà na Ley havia tantos ſeculos prometido. (6)

Eſte Sagrado Baptiſmo de Chriſto ſe conſtituhio Sacramento taõ preciſo, que ſem elle ſe naõ pòde alguem ſalvar (7) o meſmo Chriſto o honrou com ſua ſoberana Peſſoa recebendo-o das mãos do Baptiſta, ao qual tambem depois baptizou Chriſto (8) acçaõ que tambem participou a ſeus Diſcipulos (9) e eſtes cheyos de Eſpirito Santo principiàraõ a adminiſtrar eſte Sacramento, e foy S. Pedro o primeiro que baptizou tres mil Judeos (que convertera) ſó em hum dia; e dos Gentios foy Cornelio Centuriaõ em Cezarea com toda ſua familia o primeiro por S. Pedro baptizado. (10) Deſtrohe eſte Sacramento ao peccado original: ha de huma ſó vez ſer recebido, com agua natural adminiſtrado, por immerçaõ, aſperçaõ, ou abluçaõ, tendo a meſma èfficacia em os caſos jà ſabidos o de ſangue, e o de fogo; a formalidade he notoria. (11)

O Sacramento da Confirmaçaõ teve tambem ſua figura na Ley Eſcrita, quando com hum certo Olèo ſe ungia primeiramente ſó aos Sacerdotes, e Reys, como ſe vio em Aaram, e ſeus filhos confirmando-os Moyſés; em Saul, e ſeu filho a quem o Profeta Samuel ungio, e confirmou. (12) Com diverſa

(6) *Luc. Evang. D. Cyprian. D. Chriſoſt.*

(7) *Math. Luc. Ad Epheſ. Acta Apoſt.*

(8) *Chriſoſt.*

(9) *Joan 3. & 4.*

(10) *Origenes.*

(11) *De hoc Vide Conſt. Papæ Hygini Victoris, & alior. PP. & Conc. Trid. ſeſſ 24.*

(12) *Joſef. l. 6. Antiquit. Lactantius.*

diverſa formalidade, e força de Sacramento ſe participa na Ley da Graça aos Chriſtãos baptizados confirmando-os em a Graça no Baptiſmo recebida. O Papa S. Silveſtre, como diz Innocencio III. nas Epiſtolas Decretaes deu a norma praticada (13) manando dos Apoſtolos Sagrados o coſtume.

(13) *Innoc. 3. in Epiſt. Decret.*

O Sacramento da Communhaõ qual he o Eucariſtico Sacramento inſtituhido por Chriſto no Cenaculo, como de todos os Catholicos he ſabido, foy dado pelo meſmo Senhor nas eſpecies de paõ, e vinho, em Cõmunhaõ primeiramente a ſeus Diſcipulos certeficando-lhe era ſeu Corpo, e Sangue (14) a todos os Fieis na Primitiva Igreja ſe participava eſta Communhaõ Sagrada cada dia (15) ao principio (dizem alguns Autores) em ambas as eſpecies, mas logo ſó em as de paõ. O Papa Anacleto approvou o coſtume de commungar todos os dias; outros Pontifices ſeus ſucceſores o reſtringiraõ evitando indecencias, e ſó para os Sacerdotes ficou eſte indulto rezervado. O Papa Zepherino eſtabeleceo o preceito de commungar huma vez cada anno pela Paſcoa da Reſſurreiçaõ; e Fabiano decretou que tres vezes cada anno commungaſſem: prevaleceo na obſervancia com o decurſo dos tempos o que Zepherino diſpôs. (16)

(14) *Joan. 6. 13. 18. Math. 26. Marc. 14. Luc. 22. 1. ad Corinth.*

(15) *Tertulian. Luc. in Acta Ap.*

(16) *Vide Conſtit. Zepher. & Pont. Rom. Pontific.*

O Sacramento da Penitencia quanto à eſſencia, e quanto à fórma ſe entende ſer por Chriſto inſtituhido quando entregando a Pedro as chaves, lhe deu poder para ligar, e diſſolver,

dissolver, perdoando, e absolvendo os peccados do Mundo. (17) Este poder se participou aos Apostolos, e todos os Sacerdotes da Ley da Graça fazendo-se a Confiçaõ, acçaõ preciza a todo o peccador que se quizer reconciliar com Deos por graça, ao que nos persuadem as Letras Divinas, e nos incitaõ os Santos Padres, e Doutores. (18) Na Primitiva Igreja se usava o fazerem-se as Confiçoens publicas (19) mas conhecida por desconveniente esta acçaõ, por concelho dos SS. PP. e disposiçaõ dos Pontifices, se entrou a praticar, como hoje a Confiçaõ secreta, impondo-se aos Confessores sigillo, para naõ ser odiosa.

(17) *Vide Sacra. Evangelia.*

(18) *Ps. in divers. Ezechiel. Proph. D. Paul. Aug. Hier.*

(19) *Origines. Tertulat. D. Cyprian.*

O Apostolo S. Paulo nas Epistolas que escreveo a seus Discipulos nos aconcelha que cheguemos primeiro à este Sacramento antes de receber o Corpo de Christo Sacramentado (20) o Papa Zepherino o determinou por formal preceito; Innocencio III. o mandou fazer a todos os que tivessem uso de rezaõ, e outros muitos Pontifices o confirmàraõ. (21) Sabido he dos Catholicos as condiçoens que devem ter os actos do penitente para ser a Confiçaõ bem feita, de sorte que se evitem nullidades, e fiquem pelos merecimentos da Sagrada Paixaõ de Christo, perdoadas as nossas culpas, alcançando absolviçaõ dos nossos peccados.

(20) *S. Paul. in Epist.*

(21) *Vid. Constit. Zepher. Innoc. & alior. Pontif.*

Jà no tempo da Ley Escrita se usava a expiaçaõ, ou Confiçaõ, suposto naõ era Sacramento: he tratada especialmente por

David

David repetidas vezes em os ſeus Pſalmos, (22) entaõ ſe fazia, ou vocal, ou mentalmente ſó a Deos ſem preſença de Miniſtro, como hoje praticaõ os hereges, e Sciſmaticos. Os Gentios o faziaõ, ou lavando-ſe repetidas vezes, ou roſciando-ſe com ramos de Oliveira, como diz Virgilio (23) ou purificando-ſe com o calor de fogo com enxofre, como diz Ouvidio (24) ou infundindo ſobre os ſeus corpos quantidade de ovos freſcos quebrados, como eſcreve Juvenal, ſendo tudo ritos Gentilicos, e coſtumes barbaros de Idolatras. (25)

(22) *Pſ. in diverſis Locis.*

(23) *Virg. Æneid.*

(24) *Ovvid.*

(25) *Juvenal.*

O Sacramento da Extrema Unçaõ foy praticado pelos Apoſtolos, ſegundo a mente, e diſpoſiçaõ Divina; foy inſtituhido para os Enfermos quando jà nos ultimos paraciſmos da vida, e a eſtes ſó ſe applica, para que ungidas pelo Sacerdote as partes em que parece tem reſidencia os cinco corporaes ſentidos, Deos ſe digne de perdoar o que por elles tiver o enfermo delinquido, e afugentado ultimamente o poder do demonio que entaõ mais ſe esforſa vigoroſo, logre a creatura (delle triunfante) a gloria do Ceo para que foy creada. (26)

(26) *S. Marc. in Evang. Epiſt. Cannon. B. Jacobi Ap. S. Gregor. P. Paul. 5. Rit.*

O Sacramento da Ordem, fica jà tratado neſte quarto livro da preſente obra em que eſtamos.

O Sacramento do Matrimonio que por tal foy eſtabelecido por Chriſto, e ſeus Diſcipulos na Ley da Graça, e praticado entre os Catholicos de ambos os ſexos, o deixou

o Senhor na ſua Igreja para remedio da concupiſcencia, licitando-ſe por eſte principio o que aliàs ſeria illicito, porque peccaminoſo, conforme os ditames da noſſa Santa Ley, explicaçaõ dos SS. PP. e Conſtituiçoens dos Pontifices Romanos.

Na Ley Eſcrita em que o Matrimonio naõ tinha forſa de Sacramento, havia certos preceitos como conſtituiçoens que à riſca ſe obſervavaõ, a que Moyſés ultimamente pôs varias reſtricçoens, para que o Matrimonio contrahido entre os Hebreos ſe differenſaſſe do q̃ ſe uſava anteriormente entre os Gentios, para que huns com os outros nos barbaros ritos naõ ſe aſſemelhaſſem.

Na Ley da Graça conſtituhido o Matrimonio Sacramento da Igreja, teve no principio varias permiſſoens licitas, que ou a malicia dos homens, ou o decurſo dos tempos converteo em abuſos ſendo uſos; e por obviar diſturbios que parecendo uteis à propagaçaõ do Mundo, podiâo ſer perniciosos à ſalvação das Almas, e eſcandaloſos à percepçaõ das gentes, entràraõ os Romanos Pontifices a reformar, e reſtringir, fazendo conſtituiçoens para ſe haverem de obſervar, depois que o grande Apoſtolo I. Paulo a eſta acçaõ dera principio.

Eſte Santo Apoſtolo prohibio primeiramente a multidaõ de mulheres, eſcrevendo aos Corinthios ſeus Diſcipulos que tiveſſe ſó huma cada hum. (27) O Papa Fabiano prohibio que ſe naõ contrahiſſe Matrimonio entre

(27) *D. Paul. ad Corinth.*

entre parentes dentro do quinto grao (28) (já Moysés o tinha feito no primeiro, e segundo. (29) O Papa Julio restringio mandando que naõ cazasse alguem com parenta dentro do setimo grao, o Papa Gregorio, estabeleceo depois este Decreto. (30) O Papa Innocencio III. consultando o parecer dos PP. e DD. conciderando prejuizos graves no povo Catholico, posteriormente modificando as ditas Constituiçoens Apostolicas unicamente prohibio a contraçaõ de Matrimonios entre parentes assim por sanguinidade, como por affinidade dentro do primeiro, segundo, terceiro, e quarto grao, o que hoje indefectivelmente se observa, excepto quando o Romano Pontifice dispensa. (31)

(28) *Vide Gracian. & Const. Fabian.*

(29) *Lib. Exod.*

(30) *Vid. Const. Ap. P. Julii. & Gregor.*

(31) *Vid. Const. Ap. Innoc. 3. Vid. l. 4. Decretalium.*

Acresceo mais com providencia a previdencia de outros Pontifices para excluhir escandalos, e evitar perigos. O Papa Theodato prohibio se contrahisse Matrimonio havendo parentesco espiritual. S. Gregorio Papa prohibio os Matrimonios entre cunhados (que se usava nos Hebreos,) o Papa Alexandre III. o confirmou. Os Papas Evaristo I. e Sothero prohibiraõ se celebrasse este Sacramento sem assistencia de Sacerdote. O Concilio Tridentino prohibe os cazamentos clandestinos, sem as circunstancias que outros Pontifices insinuaõ, e os Theologos Moraes ensinaõ. (32)

(32) *Vid. Constit. Theodat. Gregor. Alex. Evarist. & Sother. Rom. PP. Conc. Trident. ses. 24. c. 2. Vide DD. & Theol. Moral.*

Do Matrimonio como cõtrato falaremos largamente, quando tratarmos da vida Conjugal.

 CAPI-

CAPITULO XIV.

Do Originario coſtume de ſe dedicarem, e ſagrarem os Templos, de ſe guardarem as feſtas, de ſe Cannonizarem os Santos, de ſe venerar ſuas Reliquias, e pôr no Altar ſuas Imagens.

TOdas as acçoens que no Mundo obraõ as racionaes Creaturas, ſendo com acèrto dirigidas, provém de algum principio, e ſaõ terminadas a algum fim; ſendo pois pela Catholica precepçaõ bem conhecido o fim terminativo das acçoens que trata eſte prezente Capitulo, bem he que moſtremos quaes foraõ os principios de que ſe originàraõ.

Salamaõ Principe mais ſabio do Mundo, (notorio he pelas letras Divinas, e humanas) depois que edeficou aquelle magnifico, e ſumptuozo Templo, que do Orbe ſe reconheceo ſer maravilha, logo a Deos o dedicou; e para que os homens conheceſſem que era caza do Senhor, não ſó o enriqueceo, e adornou com cuſtozo apparato, e primoroziſſimo culto, mas determinou que aos dez dias do mez ſetimo foſſe ſagrado aquelle Templo; acçaõ que de novo repetio aos doze dias do mez primeiro dos Judeos que o reſtauràraõ, quando do Babilonico cativeiro foraõ livres, e deſte tempo adiante ſempre a Dedicaçaõ, e Sagraçaõ deſte Templo foy ſolemnizada. (1)

(1) *Vid. Sacram. pag. Jozef. Origen. Theopilat.*

E ſe dedicar nenhuma outra couſa he, como diz Chrizoſtomo, ſe naõ dar principio

pio a couſa ſagrada para uſar della em o culto de Deos (2) he ſem duvida que jà antes de Salamaõ, Moyſés o tinha feyto, quando edeficou o tabernaculo que dedicou, e conſagrou a Deos, como do Sagrado Texto conſta (3) e deſtes principios provèm que por determinaçaõ da Igreja ſe ſolemnize a Dedicaçaõ dos Templos, ſendo eſtes infalivelmente bentos, ou ſagrados, com deſſemelhança dos que os Gentios edeficavaõ a ſeus Idolos. (4)

(2) *Chriſoſtom. in Ep. Pauli ad Hebræos.*

(3)

(4) *Plutarch. Virgil. Origen. Ouvid. Juvenal.*

O ſolemnizar, e guardar as feſtas teve tambem principio no povo Hebreo, cujo dia principal era ſolemniſſimo, e dedicado a Deos, durando até a noite ſeu applauſo. No Sabbado faziaõ outra feſta, e neſte dia ſe naõ fazia outro ſerviço. No dia primeiro do mez ſetimo guardavaõ a feſta das Trombetas, chamada Neomenia, porque na entrada da Lua, no mez Xantico em que principiava o anno aos quatorze de Lua feſtejavaõ a ſua Paſcoa matando o Cordeiro figurativo. Em o tal mez guardavaõ ainda outra feſta, a qual era dos Paens azimos, e durava ſete dias. Depois de paſſarem ſete ſemanas tinhaõ a feſta chamada Aſarcha, ou quinquageſima, e entaõ offereciaõ os paens fermentados. Solemnizavaõ tambem a feſta dos ſete Setes em o mez ſetimo no dia Sabado. Tinhaõ tambem a feſta dos Tabernaculos chamada Scenopegia, e a da Repropiciaçaõ, que era muito ſolemne; e nòs os Catholicos temos por determinaçaõ da Igreja,

preceito

preceito ſeu, e determinaçaõ dos Pontifices muitos dias, e feſtas de guarda, huns mais, e outros menos ſolemnes, conforme as feſtividades de Chriſto, e de ſeus Santos. (5)

(5) Origenes. in Levitic. D. Hyeron. D. Cyprian.

O Papa Pio I. deſte nome determinou que a Paſcoa da Reſurreiçaõ ſe celebraſſe em Domingo, e ſupoſto entrou eſta materia a porſe em opinioens, novamente a eſtabelecèraõ Eleuthero, e Victor Pontifices ſucceſſivo hum ao outro. Os Domingos, e feſtas que dizemos de Sabahò foraõ ordenados para ſe guardarem, pelos Sagrados Apoſtolos, e Padres antigos da Igreja, o que os Pontifices approvàraõ, e ſe eſtabeleceo no Concilio celebrado em Leaõ de França, extendendo-ſe o indulto aos dias principaes de noſſa Senhora, Apoſtolos, e primeiros Martyres: a todos os Santos juntos (dizem alguns Eſcritores) que Gregorio IV. deſtinou feſtividade no dia 1. de Novembro; Urbano IV. o fez à Cruz Santiſſima de Chriſto, e Euchariſtico Sacramento. Outros muitos Pontifices eſtabelecèraõ feſtas de guarda às muitas celebridades que hoje veneramos. (6)

(6) Conſti. Rom. Pontif. Pii. Eleuther. Victor. Gregor. IV. Urban. IV. ex Ap. & PP. Concil Lenenſe. Bed. Baron.

Entre os antigos quaſi deſde o principio do Mundo foy coſtume o terem em grande conta, e veneraçaõ aos homens que, ou viaõ dotados das moraes virtudes, ou no Orbe obravaõ façanhas, pois entre os mais com ſuperioridade os deſtinguiaõ, ou nelles idolatravaõ (7) neſta acçaõ com eſpecialidade foraõ celebres os Romanos quando viaõ

(7) Joſef. de Antiq. Aul. Gel. Strab. Plin.

viaõ que valeroſamente algum dava o ſangue pelo credito, e amor da patria, ou fazia alguma proeza grande, pois com graves ceremonias, e veneraçoens repetidas, ou Principes os conſtituhiaõ, ou no numero dos ſeus Deoſes os colocavaõ. (8)

(8) *Vitruvius. Lucan. Diodor. Cicero. Virgil. Servius. Herodotus.*

No Sacro Imperio da Igreja ſendo Eſtevaõ, e os Apoſtolos Sagrados os primeiros que a impulſo de cruel martyrio deraõ ſeu ſangue por Chriſto, merecèraõ por ſuas celeſtiaes virtudes ſer com eſpecialidade grande venerados, e pela Santidade conhecidos, tendo conſecutivamente imitadores, pelo que dignando-ſe os Pontifices Romanos (a quem o Eſpirito Santo aſſiſte) de interporem ſua autoridade obviando qualquer perigo de idolatrias, declaraõ Santos (por inſpiraçaõ Divina) e puzeraõ em o numero dos Bemaventurados aquelles inclitos heroes de tantos merecimentos, e foraõ os Pontifices Felix, Gregorio quem annualmente lhe inſtituhio celebridade; e o Papa Alexandre III. decretou que naõ foſſe tido por Santo Varaõ algum, ainda que da mais juſtificada vida, ſem que primeiramente foſſe Canonizado pelo Pontifice Romano, iſto he declarado, e poſto em o Catalogo dos Santos ſolemnemente, o que à riſca ſe obſerva. (9)

(9) *Conſt. Ap. Felic. Gregor. Alexandre III. Epiſt. Decretal.*

Como no principio da Igreja logo o amor de JESU Chriſto entrou a penetrar as Almas dos Fieis, e muitos de hum, e outro ſexo ſe animavaõ a padecer martyrio pelo

meſmo

mesmo Christo, o que tambem com grande gloria, e credito se vio nos primeiros trinta e dous Pontifices que a Igreja teve, suposto sete sem effuzaõ de sangue entre crueis trabalhos acabàraõ, os Catholicos que em Roma havia sepultavaõ com occulta diligencia os seus corpos, e principiava Deos a manifestar a sua gloria por meyo daquellas Santas Reliquias, pois ao seu contacto muitos enfermos saravaõ, sendo tidas na veneraçaõ de todos; pelo que com attenciosa providencia os Pontifices Cleto, e Anacleto assinalàraõ lugares em que só pessoas semelhantes fossem sepultadas, impondo o Papa Cleto pennas graves a quem prohibisse que os fieis visitassem os Sepulcros dos Apostolos, e permitindo os mais Pontifices successores a licita veneraçaõ às Reliquias suas, e dos mais Santos canonizados, e beatificados. (10)

(10) *Const. Ap. Cleti, & Anacleti Rom. Pont. & Chron. Pontif.*

Quanto a exporem-se nos Altares à veneraçaõ publica as Imagens de Christo, e dos seus Santos, houve varias controversias entre os antigos Padres, pelo temor de se suscitarem idolatrias. Moysés porque no povo Hebreo o experimentou, tendo erecta na figura da Serpete a Imagem de Christo, e Cruz, asperamente o prohibio (11) David Profeta Rey tambem o aconcelhou (12) mas como a Ley antiga era como sombra da Ley da Graça, muitas cousas que naquella eraõ vedadas, hoje saõ nesta permitidas.

(11) *Exod. Levitic. D. August.*
(12) *Ps. in diversis.*

S.

S. Joaõ Damasceno refere, por opiniaõ sua, que o mesmo Christo estando neste Mundo mandàra sua miraculosa Imagem a Abagaro Principe dos Essenios, a qual obrou maravilhas (13) e em sua Paixaõ Santissima permittio deixar em duas occasioens para a nossa veneraçaõ, retratada com proprio Sangue, sua Sacratissima Imagem. (14) Saõ Lucas repetidas vezes pintou, e offereceu a Imagem Santissima de Maria Mãy de Deos, para que nos Templos, e fóra delles a veneràssemos (15) e no mesmo tempo se formàraõ varias Imagens dos Apostolos Sagrados, tidas em muita veneraçaõ dos fieis todos (16) e destes principios procedeu o uso de exporem os Catholicos nos Altares estas, e outras semelhantes Imagens de Santos à nossa pia veneraçaõ, attendendo naõ ao que ellas saõ em si, mas sim ao que figuraõ, e representaõ. (17)

(13) *D. Joan. Dam. Euzeb. de Prepar. Evangelic. & Histor. Eccles.*

(14) *Ex SS. Evang. & PP. Eccles.*

(15) *Opinio commun. & traddicion.*

(16) *Euzeb. in Histor. Eccles.*

(17) *D. Bazil. de Imag.*

Sendo Emperadores, Constantino, e Justiniano, se convocou o sexto Concilio Constantinopolitano, no qual por commua opiniaõ dos Padres, se decretou (contra a opiniaõ dos hereges, que o impugnàraõ) fossem as Imagens de Christo, e de todos os seus Santos collocadas nos Altares em os Templos à publica veneraçaõ de todos (18) naõ só para que os imitassemos nas virtudes, mas para que lembrando-nos pela figura o figurado, podessemos por este meyo implorar favores Divinos, e gratificar aos Santos nas suas figuras, que os representaõ, o seu amparo

(18) *Acta Conc.*

e patrocinio com festivos cultos, e primorosos applausos; privativamente mandou o Papa Agatho pintar Imagens dos Santos no Portico de Saõ Pedro, dizem huns que no anno de 680. e outros, que no de 703. o que muitos attribuem ao Papa Constantino celebrando Concilio contra os erros do Emperador Filippico, nesta materia. (19)

(19) *Vid. Euzeb. & Bazil.*

O Emperador Leaõ III. obstinadamente mandou prohibir este culto com pennas graves, em todo o seu Imperio; mas fallecendo da presente vida, a Emperatriz Irene sua mulher, requereo ao Papa Gregorio hum Concilio em Nicea, no qual se ajuntàraõ 350. Bispos, desejoza de que se estabalecesse o que fosse mais acertado, e se confirmou por licito, e muito justo o culto das Imagens dos Santos em os Sagrados Templos, e Altares, como se pratica, com aquella veneraçaõ taõ sómẽte q̃ os Pontifices mandaõ, e os Padres explicàraõ. (20) O costume de venerar os prototipos nas Imagens he quasi taõ antigo como o Mundo, do que se achaõ cheyas as historias: Os Romanos foraõ insignes (ainda que por modo barbaro) neste culto: Outras muitas Naçoens do Mundo com o nimio culto idolatràraõ, pois levantando imagens, ou Estatuas por lisonja aos que em vida tinhaõ obrado proezas, a muitos que por meros homens conhecèraõ, cegamente por Deoses adoràraõ. (21)

(20) *Acta Conc Nicen. Const Pontif. Vid. PP. & DD. in hoc.*

(21) *Jozef. de Antiquitat. Luc. Flor. Fest Pomp. Apulleio. Juvenal. Virgil. Mar. Polliod. Virgil Aul. Gel. Laercio. Plutarch. &c.*

CAPI-

CAPITULO XV.

Da Origem que teve o uſar ſe de Lampadas nas Igrejas, acender Velas, ornar Altares, tocar os Sinos, offerecer Milagres de cera, e pintados.

CErcado de fogo vio Moyſés a Deos em huma C,arça (1) e cheyo de luzes ſe lhe oſtentou Chriſto no Thabor (2) moſtrando, que entre luzes queria ſer venerado, e com propriedades de fogo conhecido. O Profeta parece que aſſim o entendeo, quando Fogo o appelidou (3) e ſe os Gentios Perſianos, como Herodoto eſcreve, adoraõ ao fogo por Deos (4) ſendo o verdadeiro Deos quem com o fogo de ſeu Amor Divino eſpiritualmente noſſos coraçoens inflama, juſto era que ou com tochas acezas em as mãos (de boas obras (5) lhe aſſiſtiſſe-mos, ou com Lampadas de fogo inextinguivel, como às prudentes Virgens do Evangelho aconteceo o acompanhaſſe-mos. (6)

(1) *Exod. in div.*
(2) *Math. 17.*
(3) *Iſai.*
(4) *Herodot.*
(5) *Luca 12. D. Gregor. P. in Lucam.*
(6) *Math. 25.*

Guardavaõ as Virgens Veſtaes antiguamente o fogo inextinguivel, è por obſequio reverente, diante dos Emperadores o preſentavaõ (7) envolvendo hum quaſi prudente acerto com hum gentilico rito; porque ſe entre todos os Elementos perduraveis, o do fogo he que ao Ceo mais ſe aveſinha, nelle queriaõ moſtrar huma Divindade do Ceo, ao Mundo participada, e concervada.

(7) *Nicolas Jonoz. Voogt.*

Por diſpoſiçaõ do Ceo determinou

Moysés em o Levitico (8) se conservasse perpetuamente o fogo em o Altar, e para isto havia sempre deputado Sacerdote vigilante, querendo houvesse promptidaõ em os Sacrificios que a Deos obsequiosamente se offertavaõ. O mesmo Moysés, e depois delle Salamaõ (consta das letras Divinas, e das historias humanas) foraõ os que no Templo do Senhor introduziraõ o uso dos Candelabros. (9) Jà no tempo dos Romanos se praticava pôr vèlas, ou tochas acezas diante dos seus Idolos (10) de cujos principios todos, querendo os Pontifices Romanos se dèsse ao verdadeiro Deos reverente culto, determinàraõ que nenhum Sacerdote fizesse Sacrificio sem luzes acezas, e que estas em oleo, ou cera se conservassem (por diligencia dos Ministros) inextinguiveis na presença de Christo Sacramentado em os Templos, e seus Altares, sendo esta acçaõ a todas as Santas Imagens, com a proporçaõ devida, *ad libitum* permitidas. (11)

(8) *Levitic.*

(9) *Vid. Exod. Levit. & lib. Reg.*

(10) *Herodot.*

(11) *Vid. Const. Apostol. & Decret. Episc.*

O costume de se ornarem os Templos, e Altares era antiguamente rito dos Gentios, os quaes quando em dias particulares festejavaõ os seus Idolos, lhe ornavaõ os Altares, e Templos com ramos de Hera, e Louro, adornando tambem os porticos, e portas com grinaldas de varias flores em obsequio daquella divindade idolatrada; disto fazem mençaõ repetidas vezes os historiadores, e Poetas antigos; Virgilio em muitas

tas partes nos ſeus livros o relata. (12)

Martinho I. Pontifice Romano em os Decretos Canonicos prohibio eſtas acçoens nos Altares, e Igrejas dos Catholicos (13) Tertuliano tambem diſto faz mençaõ moſtrando que eſte rito ſe inhibio para deſemelhança dos Gentios (14) mas obſervando outros Pontifices, e PP. que Moyſés em o Templo, e Altar do Senhor admitio ornatos, e no Sancta Sanctorum pôs Cortina; vendo tambem que Salamaõ ornou com a mayor precioſidade, e riqueza o famoziſſimo Templo, e Altar que para Deos edeficou (15) approvàraõ que os Altares, e Templos ſe ornaſſem com o mayor primor, e compoſiçaõ reverente, ſendo a Deos tudo devido para decoro de ſua Divina Mageſtade (16) em cuja acçaõ Portugal tanto ſe eſmera (como he notorio) que com gloria, e credito excede a todas as Naçoens do Mundo.

O uſo dos ſinos para ſerviço da Igreja teve principio em Moyſés nas Veſtes Pontificaes com que por mandado de Deos veſtio a Aaram, em cujas fimbrias (como jà diſſemos) ſe viaõ pendentes campainhas, (17) para que foſſe ſentido quando entraſſe no Sancta Sanctorum; no que teve origem o tocarſe campainhas quando no Santo Sacrificio da Miſſa eleva o Sacerdote a Deos Sacramentado; e o Papa Sabiniano que ſocedeo no Pontificado a S. Gregorio, determinou que ſe uzaſſe de ſinos em as torres para

(12) *Virgil. Lucan. Juvenal.*

(13) *Decret. Can Cauſ. 26 q. 7.*

(14) *Tertul.*

(15) *Exod. Levit Reg.*

(16) *Decret. Can. Rom. Pontif.*

(17) *Exod. Origen. in Exod. Jozef. de Antiquit.*

para chamar o povo à aſſiſtencia dos Santos Sacrificios Divinos em os Templos. (18) Joaõ XXII. os mandou tocar à noite para ſe rezarem Ave Marias. [19) Outros Pontifices, e mais Prelados da Igreja determinàraõ ſe tocaſſem ſinos para diverſos miniſterios Eccleſiaſticos, o que ſe faz com diverſidade no modo conforme o coſtume do Paiz.

(18) *Conſtitut. Sabian. P.*

(19) *Conſtitut. Joan. 22. P.*

Offerecer nos Templos milagres de cera, ou pintados com figuras, em parte, ou em todo, das peſſoas que recebèraõ de Deos por meyo de ſeus Santos algũ grande favor, ou beneficio, teve principio, mas com diverſidade grande, na gentilidade (20) Dionizio Alicarnaſeo eſcreve que os Pelaſgos foraõ os primeiros que o fizeraõ, porque ſendo expulſos de ſuas terras, e indo logo ao Templo Dodoneo de Jupiter implorar o ſeu favor, recebéraõ hum beneficio; mas pertendendo-o avultado levantàraõ a Plutaõ hum pequeno Templo, e a Saturno hum altar offerecendo homens a eſte em Sacrificio, e àquelle cabeças de homens, aos quaes Hercules diſſuadio deſte facto, e lhe aconſelhou que em lugar das cabeças, e corpos humanos os fizeſſem de cera, e aſſim os offertaſſem, com o que logo achàraõ aos ſeus Deoſes propicios, e os que de cera naõ offertavaõ eſtas figuras, pintadas as dedicavaõ.

(20) *Dioniſ. Alicarnaſ.*

CAPI-

CAPITULO XVI.

Mostra quem instituhio na Igreja as Litanias, e Preces; a origem de se fazerem Procissoens festivas com bandeiras, Cruzes, danças, e festins, e o costume de fazer votos aos Santos.

COmo as miserias, e trabalhos nascèraõ com os homens, pois logo o primeiro homem adulterando do favor que lhe fizera Deos experimentou trabalhos, e miserias: tanto que conhecèraõ superioridade Divina, ou verdadeira, ou fabulosa, e se achàraõ com diversas calamidades oprimidos, logo por meyo de repetidas preces que lhe faziaõ, intentàraõ ser remediados; assim o mostraõ as letras Divinas (1) e o testeficaõ em antiquissimos livros quasi infinitos Autores nos successos da cega Gentilidade. (2) Omito, porque naõ intento na escrita ser extenso; os diversos modos, e invençoens com que seus preces faziaõ diversas Naçoens do Mundo, só intento substanciar a materia em que trato, e o mais deixo à investigaçaõ dos curiosos para que (querendo) se entertenhaõ.

Na Igreja Catholica deu Christo por Divino modo esta instrucçaõ a seus Discipulos; e estes prégando pelo Mundo a Evangelica doutrina, nos ensinàraõ que com preces repetidas poderiamos aplacar a ira de Deos justamente pelos nossos peccados merecida. (3) Paulo de Monte Cassino na historia

(1) *Vid. Exod. Levitic. Numer. Ps. in divers. Hierem. &c.*

(2) *Vid. Plat. Plutarch. Aristot. Hipocrat. Jozef de Antiq. Egesipum. Luc Apul. Virgil. Juvenal.*

(3) *Vide S. Evang. Acta Apost. Exposit. & PP.*

toria que eſcreveo dos Longobardos, diz, que experimentando Roma, e ſeus ſuburbios huma grande peſte occaſionada de huma innundação terrivel do Tibere, pois decreſcendo ſuas aguas, pela corrupçaõ deſtas ſe achou a terra cheya de venenoſas ſevandijas com que mais ſe inficionàraõ os ares; entaõ para modificar com humildes preces eſte caſtigo de Deos, inſtituira o Papa Pelagio as Litanias mayores com ſuas oraçoens, o que muito aprovou S. Gregorio Papa que no Pontificado lhe ſuccedeo, e a Igreja as aceitou. (4)

(4) *Paul. de Monte Caſſin. Hiſt. dos Longobard. Vid. Conſt. Pelag. Vid Conſt. Greg. Rit. Rom.*

Jà anteriormente Mamerco Biſpo de Vienna, na Galia Lugdunenſe, por cauſa de hum notavel terremoto (ſendo Pontifice Leaõ I. deſte nome) tinha inſtituhido outras Litanias menores com ſeus preces (5) e o Papa Agapeto por ſemelhantes cauſas determinou que proceſſionalmente andando à roda das Igrejas fizeſſe a Deos o povo Catholico repetidas rogaçoens. (6) Tertuliano diz que eſte coſtume he muito mais antigo, e ſó agora ſeria renovado (7) conſta que Moyſés, e Aaram jà o faziaõ. (8) S. Gregorio diz que o Apoſtolo S. Paulo na Cidade de Chenchreis Provincia de Achaia o praticara. (9)

(5) *Origen. Euzeb. Cezar.*

(6) *Vid Conſt. Agap.*

(7) *Tertul. L. 2.*

(8) *Vid Exod.*

(9) *D. Hieron. ex Gregor. contra Jovinian.*

As prociſſoens feſtivas tambem no Mundo tem antiguidade grande; pois a Gentilidade cega, querendo feſtejar com publico, e ſolemne aparato ſuas Deidades fementidas, para ſempre lhe ſer propicio o

ſeu-

ſeu favor, foy quem primeiro as inſtituhio. (10) Os Romanos quando mais triunfantes em o Orbe florecèraõ, com eſmero grande o eſtilàraõ; tinhão por coſtume fazer ſahir adiante varios jogos, e diverſas danças com divertidos galanteyos (11) quantidade de donzelas bem ornadas, e com capelas de flores na cabeça que eſpalhavaõ outras muitas do ſeu regaço (12) outra ordem de donzelas ſe ſeguia diffundindo odoriferos unguentos, e eſpalhando pelas ruas precioſos balſamos (13) ſeguia-ſe numeroſa multidão de gente, concorrendo os ſexos ambos com tochas acezas em as mãos, ſupplicando, e aplacando a geraçaõ das Eſtrelas Celeſtiaes (14) e logo ſe ſeguia multidaõ de muſicos inſtrumentos entre vozes mais, ou menos ſuaves. (15)

(10) *Nicul. Jan. Voog nos Atlas mundi. Servio. Plauto. Apulcio.*

(11) *Luc. Apul. lib. 2.*

(12) *Idem ibi.*

(13) *Idem ibi.*

(14) *Idem ibi.*

(15) *Idem ibi.*

Hia logo immediata huma companhia, ou coro de mancebos bem luzidos, levando veſtidas humas roupas brancas curtas, e ſem mangas; e pelo meyo deſta comitiva hião pregoeiros clamando ao povo com altiſonantes eccos, atenção. (16) Levavão tambem em carros, ou nos braços, ou em forma de andores as figuras dos ſeus Deoſes, entendendo que eſtes eſtimavão de andar em pès humanos; e ultimamente hião os ſeus Sacerdotes (na forma que praticavaõ) reveſtidos, levando em ſuas mãos, e braços as taboas do altar (17) para o que tudo tambem toldavão, e enramavão as ruas, do que faz mençaõ Valerio Flacco, e em tudo to-

(16) *Idem ibi.*

(17) *Idem ibi.*

caõ Plataõ, Plutarco, Tertuliano, Origenes, e Dionizio com Cataõ, e Lucio Apuleio (18) e quando as procissoens eraõ de triunfo, levavão arvoradas para sinal de vitoria as bandeiras que tinhaõ colhido em a batalha. (19)

A Santa Igreja Catholica nossa mãy tomando por empreza transmutar o profano em o Divino, depois que o Ceo permitio que Christo verdadeira Luz viesse ao Mundo (20) e com sua Real presença o illustrasse, sendo as trevas da Gentilidade confundidas, entràraõ os Apostolos Sagrados (21) e logo os Pontifices Vigarios do mesmo Christo em a terra a dedicar, e consagrar a Deos aquelles mesmos Templos em que os Barbaros adoravaõ a seus Idolos, e nelles lhe davaõ repostas os Demonios; e convertidas em muy Catholicos ritos as acçoens que elles obravão, permitiraõ que com procissoens publicas de applauso festejassem a Deos, e aos seus Santos, arvorado o estandarte da Cruz de Christo, e outras bandeiras de triunfo para sinal de vitoria, levando as Imagens Sagradas em andores com commetiva de luzes, e finalmente tudo o que ordinariamente costumamos.

O costume que temos os Catholicos de fazer votos, ou promessas aos Santos se livrarmos de tal, ou tal enfermidade, se deste, ou daquelle negocio alcançarmos o bom successo que pertendemos, he antiquissimo. Jà no tempo da Ley Escrita se praticava com

(18) *Valer. Flac. Servius. Plato. Plautus. Plutarch. Cato contr. Marcum Cecil. Tertul in Epist. Origenes. Dionis. lib. 7. Luc. Apul. l. 2.*

(19) *Nicul. Jan. Voog. Plaut. Serv.*

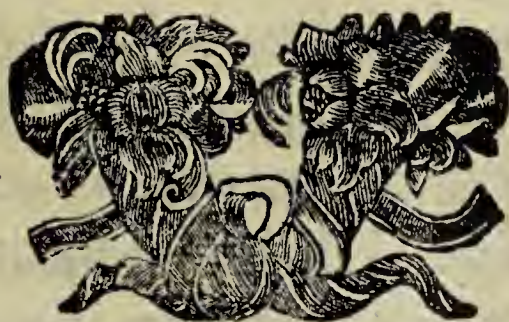
(20) *Joan. 1.*

(21) *Acta Ap.*

com Deos, e Moysés o naõ reprovou (22) os Profetas o ensinàraõ (23) os Santos Padres, e Doutores da Igreja o aconselhàraõ (24) mas da nimia facilidade com que muitas pessoas inconcideradamente (no que as mulheres se especialisaõ) fazem promessas, e votos, resulta a difficuldade nimia com que satisfazem ao que prometem, sendo melhor naõ prometer, do que depois de prometer naõ pagar.

(22) *Vid. Exod. Levit. Num.*
(23) *Vid Ps. in divers. & alios Phoph.*
(24) *D Cyprian. Ambros. Hieronim. August. &c.*

Os Gentios tambem jà antiguamente observavaõ este costume fazendo romarias, votos, e promessas aos seus Deoses, e às romages que faziaõ a pè descalço chamavaõ, como diz Viturvio com Jozefo (25) Sacrificios Nudipedales. Nestes foraõ os Romanos exactissimos; e Juvenal (satiricamente) com especialidade faz mençaõ da celebre romaria que Vernice (Irmãa d'El-Rey Agrippa como Egezipo diz (26) fez descalça ao Templo de Jerusalem (27) que jà desde entaõ saõ as mulheres devotas de tam longe, e ainda que lhe custe, inclinadas a fazer, e prometer romarias.

(25) *Josef. de Antiquitat. Viturv. his.*
(26) *Egesip.*
(27) *Juvenal.*

CAPITULO XVII.

Do principio porque aos Fieis contidos no gremio da Igreja concedèraõ os Pontifices Romanos Jubileos, Estaçoens, e Indulgencias, vigorando-se estas por meyo de Bullas Apostolicas.

SEmpre foy cuidado diligente de hum Pastor vigilante, acudir com remedio promptissimo às ovelhas que apascenta, quando por algum principio as considerar necessitadas; porque sendo o bom pasto vivere necessario para a sua vital, e quantitativa subsistencia, naõ só neste hade cuidar muito, evitando, que quando nos descuidos do pabulo infiuidas algum lobo faminto as naõ devore; mas estando sempre com remedios necessarios prevenido, porque como saõ viventes, pódem ter alguma mortal enfermidade.

Assim mesmo no rebanho numeroso das ovelhas de Christo, que no campo fertil da Igreja espiritualmente apascenta o Pontifice Romano seu vigilantissimo Pastor; que sendo cuidadoso, e solicito na sua espiritual utilidade, as prove de remedios saudaveis para que se aproveitem, e naõ periguem, evitando que os lobos infernaes, os quaes actualmente as perseguem, nunca façaõ nellas preza, ou as devorem; e vendo que Christo Pastor Divino deixou noventa e nove ovelhas no dezerto para ir buscar huma, que se distrahira (1) deixandolhe finalmente nos Santos Sacramentos pasto, e remedios

(1) *Math.* 18. *Luc* 15.

remedios ſaudaveis, tambem com Jubileos, Graças, e Indulgencias como ſaudaveis remedios as utiliſa, querendo que na meſma ſogeiçaõ do ſeu rebanho gozem de eſpiritual liberdade.

Entre os Hebreos ſe praticava hum indulto antiguamente a que chamavaõ Jubileo pleniſſimo, e ſe concedia de ſincoenta em ſincoenta annos, porque tantos durava; no anno deſta ampla conceſſaõ ſe ſoltavaõ todos os prezos, dava-ſe a todos os ſervos, e cativos liberdade, abſolviaõ-ſe todos os delinquentes, e diſſolviaõ-ſe todas as obrigaçoens, e contratos (2) Origenes, e Joſefo eſcrevem que Moyſés fora o que deu principio a eſte Jubileo, e lhe chamavaõ aſſim, concedendo-o primeiro em o Sabbado dia ſetimo, e no ſetimo mez tambem a que chamavaõ Sabbado dos Sabbados (3) de cuja ſolemnidade jà fallei. No anno quinquageſimo que diſſemos, atè os campos parece que gozavaõ deſte ampliſſimo indulto, porque não eraõ lavrados, e ſe por ſua virtude productiva davaõ alguns frutos ſem cultura, ou ſementeira, eraõ communs para todos que os quizeſſem colher; e depois com exceſſo frutificavão. De tudo fazem mençaõ Philo, e Euzebio. (4)

Na Igreja Catholica logramos com a mayor felicidade ſuperior indulto, e Divina Providencia, tambem Jubileo pleniſſimo, o qual dizem varios Eſcritores ter fundamento quando o Papa Calixto I. fundou a Igreja

(2) *Numer.*

(3) *Origen. ſup. Numer. Joſef. L. 3. Antiquitat.*

(4) *Phil. Hebr. Euzeb. L. 8. de Præpar. Evangelic.*

Igreja de Santa Maria Trans-Tiberim, e o Emperador Conſtantino a dos Sagrados Apoſtolos, pois ſendo eſtas logo viſitadas por grande concurſo dos fieis, lhe abrio aquelle Santo Pontifice generoſamente os ampliſſimos theſouros da Igreja; e continuando outros Pontifices ſucceſſores em erigir mais Templos a outros Santos, tambem as Indulgencias, e graças continuàraõ.

O Papa S. Gregorio, a tempo que Roma ſe vio com caſtigos do Ceo bem oprimida, referem outros Autores que para modificar a ira de Deos, implorando auxilio dos ſeus Santos, determinou em aſſinaladas Igrejas certas ſolemnidades fixas, a que chamou Eſtaçoens, naõ ſem antigo, e ſolido fundamento, pois como eſcrevem Catão, e Feſto Pompeo, chamavão tambem os Romanos, Eſtaçoẽs àquellas ſuas ſolemnidades, e ſacrificios, em que ſe recomendava eſtabelidade (5) e aos que viſitaſſem concedeu infinitas Indulgencias, e Graças.

(5) Cato. Feſt. Pomp.

O Papa Bonifacio VIII. correndo o tempo, e querendo abſolutamente diſſuadir o grande Jubileo que os Romanos tinhaõ com feſtividade publica de cem em cem annos inſtituhido à honra de Apollo, e Diana, por Valerio Publicola, como eſcreve Capitolino na vida de Gordiano, quando de Roma ultimamente tinhaõ ſido expulſos os Reys, e o Emperador Fellipo ultimamente a confirmàra todas as vezes que fizeſſe anno centeſſimo da fundação de Roma (6) e intentando

(6) Capitolinus. Feſt. Pomp. Nicul Jan. Voog.

tando eſte Pontifice converter em rito Catholico aquelle uſo Gentilico, tranſmutando em Divino o profano, inſtituhio para todos os Fieis de hum, e outro ſexo no Mundo todo exiſtentes, em o anno mil e trezentos do Naſcimento de Chriſto, o Jubileo do Anno Santo com remiſſaõ de todos os peccados, iſto de cem em cem annos, viſitando peſſoalmente em Roma os lugares determinados. (7)

(7) *Conſt. Ap. Bonif. 8. P. M.*

O Papa Clemente VI. ſabendo o laberinto de gente que por occaſiaõ deſte grande Jubileo concorreo a Roma, em que o povo (ſendo a Cidade eſpaçoza) ſe naõ podia revolver, encarecendo tambem os viveres; e que de taõ grande bem ſe poderiaõ aproveitar poucos, pois os dias da vida do homem eraõ poucos, determinou que o tal Jubileo ſe ampliaſſe, e foſſe de ſincoenta a ſincoenta annos. (8)

(8) *Vid. Conſt. Ap. Clem. 6. P.*

O Papa Xiſto IV. ultimamente reduzio eſte amplo Jubileo, permitindo o houveſſe de vinte ſinco em vinte ſinco annos para que mais Fieis o alcançaſſem, e aſſim no anno de mil quatrocentos e ſetenta e ſinco o celebrou (9) e o Papa Alexandre VII. no anno de 1500. extendeo eſte Sacro Indulto às mais Igrejas da Chriſtandade, donde emanou a conceſſaõ das mais graças, Indulgencias, e Jubileos que temos, cujo valor com diſtinçaõ excellente explicaõ os Theologos Moraes.

(9) *Vid. Conſt. Apoſt Siſti 4. P. M.* *Vid. Conſt. Ap. Alexandr. 7.*

CAPI-

CAPITULO XVIII.

Do modo que antiguamente ſe praticava em dar, e aceitar os juramentos reſpectivamente aos de hoje; e do uſo de proceder com Cenſuras contra os delinquentes contumazes.

DEpois que (jà antiguamente) a verdade, por ſe achar adulterada, e entre mil ludibrios opprimida fugio do Mundo, e para o Ceo ſe retirou, logo os homens ficàraõ confundidos no chaos da mayor obſcuridade; e parecendo navio ſem leme, ſino ſem ſom, e Mundo ſem Sol, torre ſem grimpa, tocha ſem luz, e vianda ſem ſal, logo entre dezaſocegos ſe viraõ confundidos, tendo a experimental noticia de que eſtavaõ gravemente perjudicados.

Para remediar falta taõ grande, achando-ſe como cego ſem moço, ou Toupeira ſem olhos, principiaraõ a andar às apalpadelas, ſentindo as mãos lezas para o tacto, e a cabeça variada, eſtupido o diſcurſo; mas como a vontade para o mal ſempre propende, logo lhe deſcubrio methodo com que envolvida a verdade com a mentira, procedeſſem a juramentos, deixando dubios os diſcurſos de quem ouve, porque ſe entaõ era como hoje, que quem mais jura mais mente, deixavaõ dubios os diſcurſos ſe mentiaõ, ou ſe fallavaõ verdade.

Para remedio da ſua credulidade procedèraõ a juramentos mais graves, e os faziaõ

ziaõ jurando pelos ſeus olhos, e pelos da peſſoa diante de que juravaõ (1) como Ouvidio faz mençaõ. Outros juravaõ pelos ſeus Deoſes como faz Cicero mençaõ (2) e o fez Eneas a Dido como Virgilio eſcreve (3) e outros quando por Jupiter juravaõ pegando em huma pederneira, e com ella fazendo tiro diziaõ, que aſſim Deos o arrojaſſe fóra da Cidade patria ſua como elle aquella pedra arrojava, ſe à verdade faltaſſe. Feſto o teſtefica. (4)

(1) *Ouvid. hic.*
(2) *Cicer. in Epiſt. ad Apium. Pulchrum.*
(3) *Virg. Æneid.*
(4) *Feſt. Pomp.*

O mayor juramento que os antigos faziaõ, era pela ſua boa fé, razaõ porque Núma Pompilio mandou no meyo de Roma edeficar hum Templo à Deoſa Fé, a donde ſe tomavaõ os ſolemnes juramentos (5) e ſe algum faltava à verdade, era havido por publico infame, e por tal ſeveramente punido (6) o meſmo praticavaõ os Egypcios, e outras Naçoens do Mundo; e o juramento que os Hebreos praticavaõ entre ſi, era taõ ſómente, vive Deos em verdade, em juizo, e em juſtiça (7) eſte ſe vio em Abigail com David, como do primeiro livro dos Reys ſe collige. (8)

(5) *Plutarc. Dioniſ. Egeſip.*
(6) *Bapt. Fulg. Viturv. Feſt. Pomp.*
(7) *Jerem.*
(8) *I. Reg.*

Em a Ley da Graça ſendo praticado, e licito o juramento, S. Paulo o fazia dizendo, Teſtemunha me he Deos (9) e o que hoje ſe pratica por diſpoſiçaõ do Emperador Juſtiniano eſpecialmente nos Tribunaes, ou preſença dos Juizes, he pôr a maõ direita ſobre os Santos Evangelhos, com penna de que

(9) *D. Paul.*

faltando à verdade ſer aſperamente caſtigado por perjuro.(10)

(10) *Imperat. Juſtinian. in Autent. de Santiſſimis Epiſcopis.*

O coſtume que a Igreja Catholica hoje tem em caſtigar os rebeldes, e dezobedientes contumazes, procedendo contra elles com Cenſuras, pondo Intreditos, e lançando-os dos Templos, he antiquiſſimo por ſeu modo, porque jà na Ley Eſcrita em tempo dos Hebreos, e Judeos ſe praticava, ſendo obſervadiſſimo coſtume lançarem fóra do Templo, e Sinagoga a qualquer que era dezobediente aos Pontifices contra o que a Ley diſpunha, e eſte de todos era vilipendiado. (11)

(11) *Jozef. de Antiq. Jud. Orig. Theoph.*

(12) *D. Cyprianus.*

Aos que aſſim ſaõ caſtigados chama S. Cypriano homens abſtidos (12) porque em tanto eſte ſuplicio lhe dura, em quanto com a Igreja naõ ſe reconciliaõ, porque fazendo-o, conhecendo a ſua culpa, e pedindo à Igreja perdaõ com humildade de ſeu notorio erro, a meſma Igreja como amante Máy logo a ſeu gremio os recolhe, e abſolvendo-os, os abraça; mas era bem que ſe ſentiſſe, para que os ſubditos a temeſſem, e naõ ſe fizeſſem atrevidos com ouſadia.

Eſta foy a cauſa porque os Pontifices Romanos querẽdo acudir com providencia de remedio a obviar eſpirituaes, e perniciofos damnos, procede como vemos com Cençuras atè os termos que obſervamos, para que cheyos de pejo os Catholicos mais ainda que os Judeos, quando da Synagoga expul-

expulſos, do que faz mençaõ o Evangeliſta Aguia (13) e tambem o Apoſtolo S. Paulo, (14) naõ ſejaõ no proceder temerarios, e logo naõ experimentaràõ o caſtigo de expulſos, que jà antiguamente tambem davaõ os Druydas, Philozofos Francezes como refere Julio Cezar, expelindo todos os delinquentes do Templo de ſeus Deoſes. (15)

(13) *Joan.*

(14) *I. Ad Corinth. 5.*

(15) *Jul. Cæſar. in Comentariis.*

LIVRO QUINTO

Vida Religiosa, e Monastica.

CAPITULO I.

Que cousa seja a Vida Monastica, e quaes os seus primeiros Instituhidores. Mostra-se que muitos Principes a illustràraõ, e nos dezertos viveraõ.

A Religiosa vida que hoje no vulgo se appelida Monastica, antiguamente Heremitica, e em Grego Anachoretica (conservando ainda hoje os dous primeiros titulos algumas Religioens Sagradas, com distinçaõ, respectivamente a seus Instituhidores) he certamente antiquissima, pois muitos annos antes da Vinda de Christo ao Mundo prevaleceo, e destas he que ao depois a formal vida Religiosa se dedusio.

Como todas as materias que naõ saõ de Fé pela Igreja diffinidas, estaõ expostas em opinioẽs varias, suposto eu naõ pertenda fazer opiniaõ por mim, entendo pelo que nos livros acho, que os Esseos a quem Plinio chama Essenos jà no tempo dos Hebreos foraõ no Mundo os primeiros que neste modo de vida se especialisàraõ por seu modo. (1)

(1) *Plin. in hist.*

Estes

Estes jà disjunctos, e jà conjunctos, na opiniaõ de Philo, a quem cita, e segue Euzebio, naõ viviaõ dentro das Cidades, habitavaõ em os montes, despresavaõ as riquezas, amavaõ a parcimonia, fugiaõ às distraçoens, por Filosofia natural tratavaõ de Deos, e atendiaõ a tudo que era Caridade do proximo. (2)

(2) *Philo apud Euzeb. lib. 8. de Praparatione Evangelica.*

Outros querem que o grande Profeta Elias no Carmelo, e o famoso Baptista nas montanhas de Judèa fossem os primeiros Instituhidores, e os exemplares primeiros de taõ santa vida. Outros o atribuem a Santo Antaõ, e a S. Paulo, natural da regiaõ de Thebas no Egypto. Outros lhe acrescentaõ S. Hilario (dizendo outros que Hilariaõ) S. Bazilio, S. Jeronimo; controversia que este mesmo Santo Doutor nos seus escritos expoem. (3)

(3) *D. Hyeron.*

Consistia esta Santa vida Heremitica, Anachoretica, e Monastica em viverem os seus professores nos hermos, montanhas, ou dezertos, ou solitarios, ou com muito pouca companhia, dando voluntariamente as costas a tudo o que era do Mundo, fugindo deste como capital inimigo, fazendo naquella soledade vida aspera, e penitente, e sendo só com Deos o seu trato, e familiaridade; alguns dos quaes tiveraõ infinitos imitadores enchendo-se os dezertos da Thebaida, Egypto, Syria, Palestina, e outros, que anciosa, e ambiciosamente buscavaõ taõ grandes mestres de espirito, procurando

do a ſua Santa companhia todos, como a ſoberanos exemplares, do que reſultou verem-ſe aquelles Varoens Santos preciſados a fazer Congregaçoens com certo inſtituto, e regimen, que depois approvado pélos Pontifices Romanos tiveraõ titulo de Religioens. Logo moſtrarey quaes deſtes as eſtabelecèraõ, e outros que à ſua imitaçaõ as fundàraõ.

Conſta dos Eſcritores antigos (reſpectivamente à antiguidade deſta inſtituiçaõ) que em tempo do Emperador Decio no anno de 253. principiou S. Paulo a vida heremitica; que S. Antaõ o buſcou no de 343. e q̃ o dito S. Paulo paſſára deſta para a melhor vida no meſmo anno, tendo 113. de idade.

Que Santo Antaõ tendo ſó 18. annos de idade, no de 271. foy para o dezerto, e no de 303. florecia jà grandemente em Santidade ſendo buſcado de muitos.

Que S. Hilariaõ ſe retirou aos dezertos da Paleſtina no anno de 307. tendo o meſmo emprego de Santa vida.

Que S. Athanazio inſtituhio em Roma a vida Monaſtica no anno de 340. a qual foy unida ao Sacerdocio por S. Euzebio Biſpo de Vercelli no anno de 350.

Que S. Martinho a introduſio em França no anno de 360.

S. Baſilio em Grecia no anno de 362.

S. Ambrozio em Milaõ no anno de 304.

* S. Agoſtinho em Africa no anno de 391.

Neſta Santa, e exemplariſſima vida florecèraõ

* *Leyaõ os Annaes de Baronio a Hiſtor. Eccleſiaſtica. ao V. Beda. Tertuliano. Euzebio, e outros.*

recèraõ por Santidade, innumeraveis Varoens,que ſervindo por ſuas agigantadas virtudes de gloria accidental a Deos, occaſionàrão muitas admiraçoens ao Mundo; e arraſtando ainda os mais illuſtres animos forão em ſeu ſeguimento grandes Principes, dos quaes para noticia aponto os ſeguintes.

Edilredo, e ſeu filho Coenredo Rey dos Inglezes ſe fizeraõ Monges no anno de 710.

Carlos Magno Rey de França ſe fez Monge no anno de 747.

Raquis Rey dos Longobardos ſe fez Monge no anno de 750.

Anſelmo Irmão de Aſtulfo Rey dos Longobardos ſe fez Monge no anno de 752.

Lothario Emperador ſe fez Monge no anno de 855.

Affonço IV. Rey de Heſpanha ſe fez Monge no anno de 927.

Hugo Rey de Italia ſe fez Monge no anno de 945.

Romualdo grande Senhor de Ravena ſe fez Monge anno de 974.

E finalmente outros muitos que aqui naõ repito.

CAPITULO II.

Que couza seja o Soberano estado da Vida Religiosa; quem fosse seu primeiro Instituidor, e quaes as primeiras pessoas que seguiraõ este Instituto.

PAra entrar a descrever a essencia quidditativa, e excellencias sublimadas da vida Religiosa, sinto hezitante o meu discurso, entre confuzoens sopîto; naõ só porque persinto a dissonante critica de seus preversos antegonistas, màs porque asinto reverente à opiniaõ do grande Agostinho, certamente sentenciosa: *Hos mores, hanc vitam, hunc Ordinem, hoc institutum, si laudare velim, neque digne valeo, & vereor, ne judicare videar, &c.* (1) se pois a obrigaçaõ de Escritor me preciza à fiel satisfaçaõ do meu projecto, e a formalidade da minha idéa naõ consente que fique truncado este composto, jà que em materias da minha proficaõ muito alheas temerario me arrojey a escrever, nestas que da minha proficaõ saõ proprias intrepido entro a explanar.

Por naõ parecer que affecto o que sincero escrevo, naõ seja meu grande Mestre o subtil Escoto, mas sim o Doutor Angelico, cuja sapientissima doutrina a mais se participa, o que haja de diffinir que couza seja a vida Religiosa. *Status Religionis* (diz o Angelico Doutor) *Est quidam modus vivendi, totum hominem Divino cultui applicans sub aliqua Regula, abducendo eum a curis sæculi retardantibus a perfecta charitate, & unione cum Deo.* (2) Como se differa em o nosso

(1) *D. August. lib. de Ecclesiæ moribus. cap.* 31.

(2) *D. Thomas ut colligitur ex* 2. 2. *quæst.* 186.

ſo idioma: A vida, ou Eſtado da Religiaõ, he hum certo modo de viver, que applica todo o homem ao Divino culto debaixo de alguma Regra que haja de ſeguir abſtraindo-o de cuidados do Mundo, q̃ o retirem da perfeita caridade, ou amor, e uniaõ com Deos.

Chamaõ commumente os Santos Padres Ceo à vida Religioſa: *Religio eſt Cœlum* (3) e com rezaõ certamente, porque attendida com os ſeus apices a diffiniçaõ expoſta, e ſendo à riſca pelos ſeus profeſſores obſervada, ſe póde conciderar que eſtà no Ceo o que no Clauſtro ſe exercita em taõ Religioſa vida. Paraizo de todo o goſto, e eſpiritual deleitaçaõ lhe chamou Santo Antonino: *Paradiſus voluptatis, delectationis, & gaudii;* e logo em outro lugar a appellidou: Morte figurativa: *Sancta Religio figurative vocatur mors: unde vulgariter Religioſi dicuntur mortui* (4) tambem com ſolido, e diſcretiſſimo fundamento; porque abdicando todas as dependencias mundanas, juſto he que ſe repute morto para o Mundo, o que ſó para ſervir, e amar a Deos hade ſer vivo.

(3) *Communit. SS. PP. & DD.*

(4) *S. Antonin. P. 1. tit. 5.*

Eſta ſem duvida he a cauſa, porque em muitas Religioens Sagradas, com raro acerto ſe pratîca, quando algum profeſſa, a tempo que ſe acha com o habito veſtido, deitar-ſe como morto, cobriremlhe o corpo com hum pano preto, e dobraremlhe os ſinos como ſinaes a defunto, ſervindolhe o habito de venturoſa mortalha, e o clauſtro Religioſo de muito ditoſa ſepultura; pois hade ſupor

o que à vida Religiosa se sogeita, que desde o instante que professa, para o Mundo morre, e para Christo ressucita, considerando-se no Ceo.

O que com prudente acerto (sem que medos lhe occasionem soçobros) faz eleiçaõ da vida Religiosa, mostra que assentio às inspiraçoens do Ceo, e attendeo aos concelhos de Christo (5) porque supposto se representem temores na Cruz para que o mesmo Christo os convida, dizendolhe que se o querem seguir a tomem (6) e mais se inclinem os animos tibios, e cobardes a lograr prazeres, que a suportar pezares, se attentos advertirem que em todos os Estados experimentaõ pezada Cruz, talvez os que naõ a quereriaõ, a da Religiaõ sendo voluntaria, e tendo-se nesta acçaõ por exemplar a Christo, que logo insinua naõ he a sua Cruz carga pezada, mas jugo leve (7) vigorados assim os animos se aceita com mil gostos esta Cruz, por tantos justamente appetecida.

(5) *Vid. S. Evang. in divers. loc.*

(6) *Math. cap.* 16.

(7) *Math. cap.* 11.

O Instituidor primeiro desta Religiosa vida com formalidade, em o gremio da Catholica Igreja, temos por certo, que foi Christo, o qual naõ só com palavras suas a ensinou (8) mas em certo modo com seu Santissimo exemplo a seguio. Os Apostolos sagrados nas suas pessoas a praticàraõ (9) e foy a primeira Communidade Religiosa, que houve na Ley da Graça, propagando-se logo com felicidade esta religiosa vida

(8) *Math. cap.* 19.

(9) *Math. cap.* 2. *& in diversis.*

na

na grande Communidade dos ſetenta e dous Diſcipulos, que ſe aggregàraõ ſeguindo do meſmo Chriſto a doutrina, ſendo os primeiros Chriſtãos, que houve em Jeruſalem (10) imitados de outros em Alexandria, ſupoſto eſtes todos de que tratamos naõ fizeraõ Communidade em rigoroſa clauſura.

(10) *Acta Apoſt.* 2.

Neſta religioſa acçaõ de Communidade em clauſura, verificaõ Eſcritores graves, que o ſexo femenino tivera a primazia, attribuindo a Martha irmã de Lazaro, a Marcelha, que com vozes louvou a Chriſto, e a outras virtuoſas mulheres daquelle tempo eſta excellencia; o que parece ſe comprova por verificar S. Dionizio, que no ſeculo primeiro do Naſcimento de Chriſto houvera jà dez Moſteiros, ou Recolhimentos de Virgens; ainda que ſuccedeſſe terem clauſura menos rigoroſa do que hoje. (11)

(11) *D. Dioniſ. in lib. de Hierarq. Eccleſiaſt. cap.* 10.

Para ſe julgar factivel eſta probalidade, tem por ſi o ſexo femenino terſe antiquiſſimamente eſtabelecido nelle (ſupoſto que com gentilicos ritos) a primeira Communidade, que como Convento, ou Recolhimento em clauſura conſta haver no Mundo, qual foy o das Virgens Veſtaes, inſtituido primeiramente por Aſcanio, filho de Eneas em Albalonga, e no Capitolio de Roma, das quaes diz Aulo Gelio, que a primeira Virgem elegida ſe chamou Amata (12) e do Convento, ou Recolhimento de Roma a primeira ſe chamou Gigania, hindo logo ſucceſſivamente Verenia, Camila, Tarpeya,

(12) *Aul. Gell.*

e outras, ſendo Numma Pompilio, como Protector deſtes Conventos, que mais em diverſas partes ſe fundàraõ. Em o noſſo Portugal vi eu veſtigios de hum, ainda do tempo dos Romanos, e o inſinuaõ as inſcripçoens em pedra, que no ſeu Templo li, e he (tranſmutado de profano em Divino) o Religioſiſſimo Convento de Chellas junto à famoſa Corte, e Cidade de Lisboa.

Deſde o anno de 159. do Naſcimento de Chriſto o Santo Pontifice Pio decretou as Ceremonias para a conſagraçaõ das Virgens, eſtabelecendo-ſe neſte ſexo o eſtado, e vida Religioſa. (13) S. Cypriano, e tambem Tertuliano nas ſuas Obras trataõ difuſamente neſta materia, approvando no ſexo feminino eſta Santa, e religioſa vida. (14)

(13) *Decret. Pii Pontif. Max.*

(14) *D. Cyprian. Tertulian.*

CAPITULO III.

Moſtra-ſe quem foraõ na Ley da Graça os primeiros, que eſtabelecèraõ diſperſamente Conventos para vida Religioſa, e quaes os primeiros, que com formalidade de Religioſa vida inſtituiraõ Ordens, ou Religioens Sagradas com votos ſolemnes, Regra certa, e approvaçaõ Pontificia.

JA' no Capitulo primeiro deſte Livro inſinuamos, que Santo Athanazio, S. Martinho, S. Bazilio, S. Ambrozio, e Santo Agoſtinho, cada hum com ſeus companheiros obſervàraõ a vida Religioſa; e porque naõ ſe comprova neſte caſo ſerem dezertos a ſua morada, mas ſim em Cidades de Roma, França, Grecia, Milaõ, e Africa

Ad hoc cap. vide S. Antonin. S. Petr. Dam. Caſſian. Paul. Morigia. Plati. Fleuri. Bollando. Yepes. Joſeph Pellicer. Juan Aguas. Pedr. de Pulgar. Pedr. Crecencio. Pio Roſſi. Bivar. Gueſnay. Suares. Lucas Acheri.

Africa, a ſua ſubſiſtencia, claramente ſe deve entender, que em Religioens, Conventos que fundaſſem, ſeriaõ as ſuas moradas; mas como eſta illuſtre acçaõ como jà moſtrei (1) ſe obrou deſde o anno 340. atè 391. do Naſcimento de Chriſto, conſta de varios Eſcritores, que antes, e depois houve outros Varoens notaveis, que por ſemelhantes principios puzeraõ em praxe a Religioſa vida em diſperſas Conventualidades, pois fazendo-o Santo Antaõ no Egypto em o anno de 303. Santo Hilariaõ na Paleſtina, anno de 307. e S. Pacomio em Thebas, anno de 318. achamos fez o meſmo S. Honorato em Lerino, anno de 426. e em tempo de S. Simaõ Eſtelita ſe achou fundado o Moſteiro dos Eſtuditas em Conſtantinopla, anno de 460.

(1) *Vid. cap. 1. lib. 5. deſta obra. Vide, Maurolico. Holſtenio. Siguença. Carlos Tapia. Spondano. Pariſeti. Paul. Ant. Ranci.*

Quem foſſe o primeiro que fundaſſe Religiaõ com formalidade, com Regra certa, e profiſſaõ de votos, e com approvaçaõ dos Pontifices Romanos, tem havido notabiliſſimos debates, e apologias odioſas com diſputa de antiguidades; e como naõ pertença ao meu aſſumpto apurar verdades em materia taõ opinativa, proteſto, que naõ he o meu intento offender alguma Religiaõ Sagrada, pois todas venero reverente, nem defender o que logo eſcreverei, ficando ſempre em todo ſeu vigor as opinioens, que ſeguem ſeus ſapientiſſimos Chroniſtas, e eu farei por ſeguir as dos que por nenhuma das partes conſiderar apaixonados.

Ordem de S. Bento.

A Sagrada Religiaõ Benedictina em o commum

commum dos Eſcritores ſe venera pela Ordem mais antiga, ſendo eſta a primeira, cujos profeſſores fizeraõ os tres votos, e teve toda a formalidade com authoridade Apoſtolica. Seu Fundador foy Saõ Bento, natural de Nurcia, Cidade de Umbria na Italia, naſcido em o anno de 480. deixou o Mundo no anno de 494. retirando-ſe ao dezerto, e finalmente vindo a Sublaco, ou Sublaqueo povo, que fora dos Latinos na vizinhança de Roma, ou naõ diſtante muitas legoas, naõ ſe reſolveo a fazer aqui o ſeu aſſento; pelo que procurando o monte Caſſino, nelle lançou os primeiros fundamentos de ſua Religiaõ no anno de 510. do Naſcimento de Chriſto, ajuntando a todos os ſeus Diſcipulos, que ſe achavaõ diſperſos, e no anno de 529. edificou o Moſteiro do monte Caſſino.

Creſceo tanto eſta nova plantà, que aparecendo grande arvore no Paraizo da Igreja naõ ſó extendeu ſeus braços em breve tempo a muitos Reynos, e Provincias, mas dilatou ſeus frondozos ramos nas Familias, ou Ordens Cluniacence, Camaldulenſe, Valiſumbrenſe, Monteolivenſe, Grandimontenſe, Ciſtercienſe, e Sylveſtrenſe, àlem de outras quatro que o Papa Martinho V. reduzio à Religiaõ Benedictina.

Eſta Religiaõ Sagrada deſde a ſua origem atè o Concilio de Conſtancia, dizem opinioens diverſas, que tem dado à Igreja cincoenta e cinco mil Santos cannonizados,

outros

outras que trinta mil, e outras contaõ quinze mil, ſendo certo que foraõ muitos, entrando neſta conta trinta e nove teſtas coroadas. Governou emfim eſta Religiaõ a Igreja, a quem deu trinta e ſinco Papas, duzentos Cardeaes, 1164 Arcebiſpos, 3512. Biſpos. *

A Religiaõ Benedictina tem experimentado em diverſos tempos grandes emulaçoens, e controverſias graves ſobre a ſua Primazia, moſtrando outras Ordens preferirlhes, tendo na fundaçaõ anterioridade. Naõ fallo nas que em o noſſo Portugal florecem, por naõ ſuſcitar memorias odioſas do paſſado; ſó aponto por exemplar a Ordem de S. Bazilio, que fundando-a eſte Santo Doutor ſendo Biſpo da Cidade de Cezarea na Capadocia em o anno 373. do Naſcimento de Chriſto, e dandolhe Regra em ſolemnidade de votos, precedeo ſem duvida muitos annos antes na fundaçaõ à Ordem Benedictina.

Mas porque no commum ſentir da Igreja, e intelligencia dos Doutores, he reputada por Religiaõ mais antigua a que primeiro foſſe pelos Romanos Pontifices approvada, e na calculaçaõ do Papa Innocencio II. ſe moſtra preferir na primazia da approvaçaõ a Ordem de S. Bento à de S. Bazilio ſuposto que taõ antigua *Secundum Regulam Beati Benedicti, Baſilii, &c.* o que por outros muitos principios ſe comprova; podemos ſem temeridade entender, que a Ordem de S. Bento

** Da antiguidade e excellencias deſta Religiaõ vide Ceſar. Baron. Card. in Annal. Belarmin. Card. Thomás Garçon de Bagnacavalo, Piazza Univerſale de tuttile profeſſioni del mondo Roberto Holchot. Benedictin. Luzit. Genebrardus. Trithemius. Pedro Raulino. Joannes Andrea. Gabriel Penoto. Boerius de Statu Eremitarum. Bonifatius Simoneta. S. Gregor. Mag. Angelus Manrique. Gofridus Card. Dioniſ. Carthuſ. Benedictus Hacfrenus. Thomas a S. Cyrilo. e outros muitos.*

Legito Lope de Olmedo, Barboza. Angel. Cherub. Hiacinte Dona. Hieron. Roman. Luis de Miranda. Octavio Pancirolo Dempſter. Marques

Ordem de S. Bazilio.

Vid. Gabriel Pennoto. Vuſpergenſe. Baptiſta Aloviſian. Ambroz. Eſteviano. Alanzuri. Vincencio Petra. Ambroz. Coriolan. Abram Bzovio. Roberto Holcoth. Lé payge. Luitprando. Moſcon.

Vid. Innoc. II. in Decret.

to

to por ſer primeiro que todas approvada, e confirmada, he de todas a mais antigua, logrando o explendor da Primazia.

CAPITULO IV.

Da Inſtituiçaõ das Religioſas Ordens de Valumbroza, dos Conegos Regrantes, de Grandemonte, da Cartuxa, de Santo Antaõ, e de Ciſter. Fala-ſe na de S. Bazilio, Santo Agoſtinho, e outras.

Ordem de Valumbroza.

A Ordem de Valumbroza foy fundada por S. Joaõ Gualberto, filho de pays nobiliſſimos, e natural da Cidade de Florença, o qual por occaſiaõ de hum prodigio que no ſeu tempo ſe vio abaixando huma Imagem de Chriſto Crucificado a cabeça a hum homem que pedio perdaõ (na ſua preſença) de hum aggravo cometido, logo com reſoluçaõ deixou o Mundo, e no anno mil e quarenta do Naſcimento de Chriſto inſtituhio eſta Ordem Religioſa.

Conigos Regrantes de S. Agoſtinho.

Vide. Felip. Bergomenſe Lour. Landtmerth. Valer. Embun. Cochier. Fr. Ant. da Purif. Anton. Galonio. Joaõ de Ipre. Murtene. Hyeron. Rom. Eugubino. Fr. Rafael de Ibi. Geminian. Felino. Crucio. Caſſialupo. Pandelfino. Polıdor. Virgil. Lancelloto.

A Ordem dos Conegos Regrantes tem contradiçoens reſpectivamente ao Fundador; o que ſó quero dizer he, que o Papa Alexandre II. em hum Concilio celebrado na Igreja de S. Joaõ de Latraõ determinou que os Conegos daquelle tempo adiante viveſſem a modo de Monges: iſto no anno de 1063. Mas para que naõ fique tanto em ambriaõ eſta noticia, referirey o que em diverſos Eſcritores acho reſpectivamente a eſta Religioſa Ordem.

Graves opinioens de doutiſſimos Autores

res aſſeveraõ que o grande Doutor Luz da Igreja S. Agoſtinho fora o Fundador deſta Ordem, quando exiſtindo Biſpo de Hyponia reformou os Conegos daquella Sé dandolhe Regra de viver, e novo Inſtituto de vida: Outros depois de apontàrem ſua primeira fundaçaõ no Convento de S. Salvador com o nome de Eſcopetinos, edeficado por Eſtefano, e Jacobo illuſtres Varoens de Senna com approvaçaõ do Papa Gregorio undecimo, dizem que em hum Convento chamado Lateranenſe ſituado no campo de Luca Regiaõ de Hetruria(a naõ ſer eſta Ordem aqui fundada)fora reformada,augmentada,e approvada pelo Papa Eugenio IV.equivocando talvez os nomes de Convẽto Lateranenſe com a Igreja de S. Joaõde Latraõ aſſima dita.

Outros Eſcritores dizem que o terceiro Convento dos Conegos Regrantes fora em Alga com o titulo de S. Jorge fundado por Lourenço Juſtiniano, depois Santo, natural, e Patriarca de Veneza, aos quaes deſtinguio dos Conegos Regulares em o modo de vida, e concervando-lhe a fórma do habito os deſſemelhou na cor azul, ſendo eſtes hoje chamados Conegos Seculares da Congregaçaõ do Evangeliſta, a quem vulgarmente na Corte de Liſboa reſpectivamente ao lugar em que fundàraõ, ſe chamaõ os Padres Loyos, eſtou pelo que ſente o Reverendiſſimo P. M. Franciſco de Santa Maria, douto, e ſabio Chroniſta.

Congregaçaõ dos Conegos Seculares do Evangeliſta.

De his & ſequent. Legito Indic.Scriptorum.

Outros diſputaõ antiguidades entre os

Conegos Regrantes, e Eremitas de Santo Agoſtinho, e ainda entre os Religioſos Agoſtinhos Deſcalços, a que tambem o vulgo Luſitano chama, Padres Grilos, reſpectivamente à ſua fundaçaõ neſte Reyno em hum lugar chamado o Grilo junto à Corte de Lisboa, ſervindolhe de fundamento o dizer, que Santo Agoſtinho primeiro viveo no Ermo, com vida reformada, e aſpera, doque foſſe Biſpo de Hyponia. Neſtas materias nada approvo, nem reprovo, eſtou pelo commum ſentir, aſſinto ao que mais veroſimel for, e acredito o que os Sapientiſſimos Eſcritores, e Chroniſtas deſtas Religioens Sagradas (que venero) eſcrevèraõ.

Eremitas de S. Agoſtinho.

Agoſtinhos deſcalços

A Religiaõ, ou Ordem de Grandemonte foy fundada por Santo Eſtevaõ, natural de Mureto, Provincia de Aquitania; outros dizem, que por Eſtefano, natural de Alvernia, e fundada em Aquitania. Convem todos ſe eſtabeleceu debaixo da Regra de Saõ Bento, no anno de 1076.

A Ordem da Cartuxa foy fundada por S. Bruno, no anno 1080. outros dizem q̃ no de 1086. ſendo motivo deſte facto o cazo bem ſabido de hum amigo ſeu Doutor de Pariz, o qual no juizo dos homens eratido por bom, e no Juizo de Deos (como meſmo publicou depois de morto) foy condenado. Era Bruno natural da Cidade de Colonia, Cathedratico de Filoſofia na Univerſidade de Pariz; foy a ſua fundaçaõ na Dioceze de Granoble Cidade de Galia Celtica; ſeu

Ordem da Cartuxa.

Inſti-

Inſtituto foy aſpero com abſtinencia, ſilencio, e clauſura, que hoje obſervaõ ſeus Religioſos Profeſſores modificada.

A Ordem de Santo Antaõ, dizem os antigos Eſcritores ſer inſtituhida por eſte Santo Eremita com modo aſpero de penitente vida, e rara abſtinencia; a qual Ordem ſe Gaſton Patricio de Vienna (como outros querem) em attençaõ ao meſmo Santo, de que lhe deu o titulo, a naõ inſtituhio, ao menos foy por elle ſuſcitada no anno 1095. do Naſcimento de Chriſto.

Ordem de S. Antaõ.

A Ordem de Ciſter foy fundada debaixo da Regra de Saõ Bento, poſta novamente em ſeu primeiro vigor, por Roberto Abbade de Moliſma, levando comſigo para eſta reforma vinte Monges; e a eſtabeleceo em hum lugar dezerto, e fragozo, chamado Ciſtercio, no Biſpado Cabilonenſe, Ducado de Borgonha, no anno 1098. do Naſcimento de Chriſto.

Ordem de Ciſter.

CAPITULO V.

Da Illuſtre Congregaçaõ da dita Ordem de S. Bernardo, da Fonteuradenſe, dos Humilhados, dos Permonſtratenſes, dos Guilhelmiſtas, dos Cruciferos, dos Trinitarios, Pauliſtas, Mercenarios, e das Ordens de Valdecouves, e Eſcolaſticos.

A Excelente Ordem, ou Congregaçaõ de S. Bernardo ſe verifica foy inſtituhida por eſte Caſtilionenſe Cavalheiro, natural de Borgonha, o qual por ſuperior impulſo, como

Ordem de S. Bernardo.

referem as Chronicas (1) tendo 22. annos de idade, recebeu na Religiaõ de Cifter o Santo habito, e com brevidade foy eleito Abbade de Claraval, anno de 1115. amplificando de tal forte efta Congregaçaõ illuftre, que antes de feu gloriofo tranfito, que foy no anno de 1153. tinha fundado jà 60. Conventos.

(1) *Chronic. de Cifter. p. 1.*

Ao noffo Portugal fe extendeo, adonde fez fundaçoens; e com generofa maõ do noffo invictiffimo Rey Dom Affonfo Henriques fe vê edificado o fumptuofiffimo Mofteiro de Alcobaça, dandolhe muitas rendas, e a feus digniffimos D. Abbades geraes o ferem fenhores Donatarios de treze Villas, adonde aprefentaõ Igrejas, poem Juftiças, e nomeaõ Officiaes de guerra, fendo tambem concedida a feus Geraes a honra de Efmoler mór dos Reys Sereniffimos de Portugal, para o que fempre tem na Corte de Lisboa hum digno fubftituto. O dito Mofteiro de Alcobaça he de tal grandeza, que refere o doutiffimo Fr. Bernardo de Brito, viviaõ nelle antiguamente 999. Monges: Para o throno de Portugal fahio com grande credito defta Religiaõ fagrada o Cardeal Rey Dom Henrique. (2)

(2) *De tudo vid. Raynaud. t 9. Laurenc. Zamora. Felipe Seguino. Viegas na Chro. Angelo Manrique. Fr. Bernard. de Brito nas fuas obras, e outros.*

Ordem de Fonteuradenfe.

A Ordem Fonteuradenfe fe diz que foy inftituhida com admiravel norma, por hum famofo Roberto de Abruffel; naõ achei com certeza em que anno, fó fim que feu fundador falecera no de 1117.

Ordem dos Humilhados.

A Ordem dos Humilhados foy inftituhida,

dizem

dizem hũs, q̃ no tempo do Emperador Henrique, outros q̃ no de Federico Emperador, por certos homẽs desterrados da Galia Cisalpina, os quaes tendo de seu Monarca perdaõ, delle alcançàraõ o indulto para esta Ordem, que fundàraõ, à qual cresceo com tanto augmento, e louvor, q̃ Innocencio III. e outros Pontifices seus successores a confirmàraõ.

A Ordem Permonstratensse foy instituhida na Diocese de Lauduno por S. Norberto, natural de Lorena, em o anno de 1120. extrahindo da Regra de Santo Agostinho o aspero Instituto, e alcançou do Papa Calixto II. a sua approvaçaõ.

Ordem dos Permonstratenses.

A Ordem dos Guilhelmitas foy instituida debaixo da Regra de S. Bento; naõ se verifica o nome do fundador, e se entende seria filho daquelle Santo Patriarca. Comprova-se ter sido no anno de 1124.

Ordem dos Guilhemitas.

A Ordem dos Cruciferos, a que outros Autores chamaõ dos Cruzados, (se he que naõ saõ duas diversas) tem duas opinioens por si; pois huns supondo-a antiquissima, dizem, que fora fundaçaõ do Papa Cleto, discipulo de S. Pedro, por huma revelaçaõ que teve, estabelecendo nella em Roma Hospital dos Enfermos peregrinos, e era do seu Instituto trazerem sempre comsigo huma Cruz; outros com mais probabilidade attribuem esta fundaçaõ a Cyriaco Patriarca de Jerusalem determinando aos seus Professores trouxessem sempre huma Cruz na mão. Innocencio III. e Pio II. favorecèraõ

Ordem dos Cruciferos, ou Cruzados.

vorecèraõ muito esta Ordem, e em alguns Conventos trazem os seus Professores habito negro com cruz branca, e encarnada no peito, seguindo a Regra de S. Bento.

Ordem da SS. Trindade.

A Ordem dos Trinitarios a que chamamos da Santissima Trindade, foy instituhida com revelaçaõ do Ceo, disposiçaõ, e approvaçaõ Pontificia por S. Joaõ da Matta, e S. Felix de Valois, que viviaõ em França junto ao campo Meldense; e fazendo Deos a mesma revelaçaõ ao Pontifice, lhe concedeu habito branco com Cruz no peito azul, e encarnada, sendo seu Instituto resgatar os Cativos, ainda a expensas da propria vida. Foy a sua erecçaõ no anno de 1208.

Ordem dos Paulistas.

A Ordem dos Eremitas de Saõ Paulo na Hungria foy estabelecida no anno de 1215. do Nascimento de Christo.

Ordem nos Mercenarios.

A Ordem dos Mercenarios foy instituhida por ElRey Dom Jaime de Aragaõ com titulo de nossa Senhora da Redempçaõ dos Cativos no anno de 1212. e trazem no peito sobre o Escapulario, e habito branco hum Escudête com as Armas do Reyno de Aragaõ, e por sima destas huma cruz com figura de Commenda. Dizem, que no anno de 1218. foy sua approvaçaõ pelo Papa Gregorio IX.

Ordens dos Escolasticos, e de Val de Couves.

As Ordens de Valdecouves, e dos Escolasticos foraõ ambas quasi no mesmo tempo instituhidas, e se entende ser no anno de 1219. e naõ consta que fossem muito seguidas.

CAP.

CAPITULO VI.

Das duas Sagradas Religioens Dominicana, e Franciſcana, Columnas da Igreja Catholica.

ESTES dous Santiſſimos Patriarcas companheiros, e amigos, que no meſmo tempo florecèraõ, S. Domingos, e S. Franciſco meus Padres, a quem em carne humana ainda neſte Mundo exiſtentes, por vezes, e ſó em huma vinte Anjos do Ceo ſerviraõ (1) eſtes que foraõ os dous Atlantes em cujos hombros ſe reparou a Monarquia da Igreja arruinada (2) as duas famoſiſſimas Columnas em que ſe ſuſtentou com eſtabelidade o eſpiritual edeficio (3) os dous protentoſos Cherubins que com as eſpadas do ardente zelo deffendèraõ o Paraizo Eccleſiaſtico (4) em fim eſtes dous eſclarecidos Santos hum dos quaes foy viſto no peito do Eterno Padre (5) outro no lado de JESU Chriſto (6) fundàraõ ſuas Religioens Sagradas quaſi em o meſmo tempo.

Ordem de S. Domingos.

(1) *Malvenda.*

(2) *in vita.*

(3) *Monopoli.*

(4) *Caetanus.*

(5) *Granat. Concion.*

(6) *Berchor.*

S. Domingos meu Padre, Heſpanhol de naſcimento, e da illuſtre familia dos Gulmoens, que conſervando a Virginal pureza (7) ſe applicava a todo o exercicio das virtudes, inſtituhio como famozo Patriarca ſua Sagrada Religiaõ no anno 1205. do Naſcimento de Chriſto, e logo no de 1220. foy pela Santa Sé Apoſtolica confirmada, ſendo os ſeus progreſſos tantos por virtudes, e letras

(7) *Malvenda & alii.*

letras em que se esmeràraõ seus venturozos filhos, que merecendo o titulo de Ordem dos Prègadores, com tal excesso (pelos principios ditos) a illustràraõ, que nas Universidades principaes do Mundo merecèraõ as cadeiras (8) e no Ceo alcançàraõ tronos; o que bem verifica o doutissimo Fr. Pedro Calvo suposto que Escritor antigo (9) apontando só do anno 1500. até 1618. mais de 3000. Religiosos celebres em Santa vida, ou com coroa de martirio, sem fazer mençaõ dos que em França Inglaterra, e Holanda em mais de 600. Conventos destruhidos foraõ pela Fé martyrizados, reputando-se 2600. em o numero.

(8) *Malvenda. Claveria. Pinelo.*

(9) *Fr. Pedr. Calv. Lima. e outros muitos. Vide Indic. Scriptor.*

Ordem de S. Francisco.

Meu Serafico, e grande Patriarca S. Francisco de Naçaõ Italiano, e nascido em Assiz inspirado por Deos, ouvindo seu Sagrado Evangelho, com o mayor zelo da salvaçaõ das Almas instituhio sua Religiaõ em o anno de 1208. conforme o opiniaõ mais certa (10) governando a Igreja Romana o Papa Innocencio III. e sendo Rey de Portugal D. Sancho I.

(10) *Fr. Marcos p. 1. livr. 1. cap. 7. Fr. Lucas tom. 1. in apparat. §. 5 n. 16. e an. 1208. n. 13. e an. 1210. n. 18.*

Em o anno seguinte se achou logo esta nova planta taõ crescida que fez vulto na Igreja de Deos, tendo jà cabeça, e membros com Prelados, e muitos subditos. No outro seguinte anno de 1210. foy vocalmente approvada pelo dito Innocencio III. e depois confirmada por huma Bulla de Honorio III. aos 29. de Novembro de 1223. tendo sido contra a opiniaõ de alguns (11) verda-

(11) *Fr. Hier. Roman. en la Repub. livr. 6. cap. 20.*

verdadeira, e legitima aquella approvaçaõ primeira, como declarou o mesmo Pontifice no Concilio Lateranense anno de 1215. (12) tendo meu Padre S. Francisco, e seus primeiros filhos professado os tres votos solemnes nas suas mãos (13) e esta mesma declaraçaõ fez tambem o Papa Honorio no anno de 1220. (14)

(12) Suar. de Relig. tom. 4. l. 2. cap. 7. ex Concil. Lateran.

(13) Fr. Lucas anno 1210. n. 16. an. 1215. n. 33.

(14) apud Rodrig. in Bular.

Rigorosamente fallando naõ instituhio meu Patriarca S. Francisco Regra a seus filhos, mas só lhe deu renovada aquella mesma Regra que Christo dera a seus Discipulos Sagrados, fundada no Santo Evangelho: assim o entendeo, e proferio o Papa Niculao III. em a Decretal *Exiit qui seminat* (15) razaõ porque attendido o fim do nosso Instituto respectivamente ao dos Apostolos deu Gregorio IX. Alexandre IV. e o Cardeal Vitriaco á minha Religiaõ Sagrada o titulo de Ordem dos Prègadores: *Hæc est Religio vere pauperum Crucifixi, & Ordo Prædicatorum, quos fratres Minores appellamus.* (16)

(15) apud. Rodrig. in Bular.

(16) Vid. Bular.

Havia só nove annos que estava esta Religiaõ approvada, e era jà o seu augmento taõ grande, que no Capitulo geral chamado das esteiras se achàraõ mais de sinco mil Religiosos a quem os Anjos ministràraõ (17) ficando nos Conventos outros muitos para servir as Communidades, e foraõ tantos os pertendentes que a este lugar concorrèraõ pedindo com instantes supplicas o Santo habito, que se aceitàraõ quinhentos noviços, havendo jà para a sua recepçaõ casas deputadas. [18)

(17) Vid. Chronic.

(18) Vid. Chron.

Vid & lege.
Marian. de Flor.
Gonzaga.
Rebolledo.
Lud. Bozio.
Pizano.
Fr. Marc. de Lisb.
Fr. Dam. Cornejo.
Miranda.
Agost. Manrique.
Felippe Dias.
Santes Pagnino.
Alcaçar.
Moura.
Villegas.
Garibay.
Salazar.
Fern. Lopes.
Willot.
Thritemio.
Lucio Marino.
Pelbarto.
Platina.
Matheus Alemaõ.
Ferrario.
Mariz.
Barezzo.
Vasconcelos.
Ant. de Silis.
Sospitel.
Merchancio.
Ant. de Veneza.
Franc. de S Clara.
Franc. de Mendoça.
Guilielmo Herinex.
Pedr. Berchorio.
Hieron. la Nuza.
Anton. Serpense.
Gaudenc. Bontemp.
E outros que nestas materias escrevèraõ vid. Indic. Scriptorum. ultra alegatos.

Esta pois foy a Primeira Ordem que meu Serafico Patriarca estabeleceo (fundando logo com igual espirito Segunda, e Terceira de que farey logo mençaõ) e chegou a tal augmento, que suposto hum corpo com tres cabeças pareça monstro, esta na grandeza o pareceo; entendèraõ os Pontifices Romanos a quem o Espirito Santo assiste que se podiaõ fazer licitamente concizoens neste mystico, e religioso corpo para o seu bom regimen, vendo-o jà taõ grande que ao Orbe todo occupava; e assim tendo os nossos Padres Claustraes, ou Conventuaes alcançado da benignidade Apostolica algumas dispenças para modificar os rigores do nosso Instituto, se dezanexou grande parte deste todo, sostendo por mercè Divina a rigorosa observancia, sem admitir aquellas dispenças permitidas, mas só concervando o Instituto primeiro no seu rigor.

Com algum excesso parece se anticipàraõ os doutissimos Padres Miranda, e Alva em assentar que a tal dispensa pelos Claustraes conseguida fora no anno de 1226. estando naquelle tempo ainda taõ fresca a memoria de meu Santo Patriarca, e por solida opiniaõ se entende ter sido no anno de 1244. concedendo-a o Papa Innocencio IV. e confirmando-a Alexandre IV. seu successor.

Os que com mais agigantado espirito naõ quizéraõ admitir a dispença solicitada em a Regra, fizeraõ entre si varias digres-

soens

ſoens eſtabelecendo, ou erigindo Congregaçoens diverſas, com diſparados titulos de Amadeos, Clarenos, Cezarenos, Collectaneos, Caperolos, do Capucho, ou do Santo Evangelho; os mais deſtes em fim ſe uniraõ com o titulo de Frades da mais eſtreita obſervancia, fazendo hum notavel corpo por ſi, a que deu principio Fr. Paulo de Frincis no anno de 1368. dezanexando-ſe da obediencia dos Conventuaes totalmente no anno de 1517. por Indulto de Leaõ X.

Ao primeiro Geral que eſte Pontifice nos concedeo transferio o Sello da Ordem com as mayores preheminencias (19) declarando ao dito Miniſtro geral da Obſervancia por verdadeiro, e legitimo ſucceſſor de noſſo P. S. Franciſco, com tanta ſuperioridade, e governo na Religiaõ, que por elle era confirmado no officio o Prelado Geral dos meſmos Conventuaes (20) ficando o da Obſervancia como Generaliſſimo intitulado Miniſtro Geral de toda a Ordem dos Frades Menores de S. Franciſco, gravando-ſe eſte meſmo Caracter no Sello Geral de ſeu Officio, mas deziſtio do acto da confirmaçaõ que agora diſſemos.

(19) *Bul. 1. & 2. apud Rodrigues.*

(20) *Vide P. Eſperança.*

Deſta venturoſa Obſervancia ſahio para mais reforma o P. Fr. Matheus de Baſchio Religioſo verdadeiramente Apoſtolico, e erigio no anno de 1526. ainda mayor reforma com capelo piramidal a que hoje ſe chama Ordem dos Capuchinhos (ſendo realmente a meſma Ordem, e Regra) e paſſados

Ordem dos Capuchinhos.

ſados dous annos, foy por indulto Apoſtolico nomeado, e eleito ſeu Geral (21) ficando aſſim a Ordem Serafica com tres Geraes independentes hum dos outros, para poder governarſe com mais commodidade eſta vaſtiſſima, e Serafica Monarquia, intitulando-ſe por diſtinçaõ em o principio o Prelado dos Conventuaes, Meſtre Geral, o dos Capuchinhos, Vigario Geral, mas o noſſo da Obſervancia, Miniſtro geral de toda a Ordem, como ainda hoje ſe appellida, e o moſtra a inſcripçaõ do ſeu Sello.

(21) *Gonzaga pag. 61. Daça l. 3. c. 39. Fr. Hyeronim. Serbo in Compend. prævileg.*

A eſte ſe oppozèraõ com demanda, ſofrendo mal eſte Caracter, os Conventuaes, ou Clauſtraes, ſendo Pontifice Urbano VIII. que remetendo à Sagrada Congregaçaõ dos Ritos a decizaõ deſte projecto, ficàraõ vencidos por ſentença no dia 22. de Março de 1631. o qual Decreto neſtas palavras finaliza . . . *Sacra Rituum Congregatio reſpondit nihil innovandum, & Miniſtrum Generalem de obſervantia legitime uſum fuiſſe, & uti poſſe titulo, & ſigillo cum inſcriptione Miniſtri Generalis totius Ordinis fratrum Minorum, & ita ſervari mandavit die 22. Martii, anno 1631.*

Vide Bular.

Tanto em fim creſceo em numero de Provincias, Cuſtodias, Conventos, Hoſpicios, Perfecturas, Parroquias, e Religioſos, eſta illuſtre Obſervancia eſpalhada pelo Mundo todo, que ſendo impoſſivel ao Miniſtro Geral governar tudo, e difficilimo o recurſo dos ſubditos a ſeu Prelado, ſe elegeo com unanime concenſo, e indulto Apoſ-

Apoſtolico hum Commiſſario Geral, dividindo-ſe pelos Alpes ſem cofuzaõ o ſeu governo, ficando aſſim duas familias Siſmontana, e Ultramontana com alternativa em Roma, e Caſtella, adonde os Monarcas daquelle Reyno daõ aos noſſos Reverendiſſimos Geral, ou Commiſſario Geral, o titulo de Grande de Heſpanha com outras ſublimes honras.

E tornando nòs ao principio de minha Religiaõ Serafica, depois que meu Patriarca S. Franciſco fundou a primeira Ordem dos Menores, inſtituhio ſegunda de Donas enſerradas, ou Freiras pobres, que tomou o nome de Ordem de Santa Clara, por ſer eſta ſua primeira planta, a quem meu Serafico Padre deu o habito na Cidade de Aſſis, anno de 1212. e logo a approvou o Papa Innocencio III. fazendolhe ainda mais ſolemne a approvaçaõ no anno de 1219. (22) e eſta por tambem conſeguir logo feliciſſimo augmento, ſe repartio em dous illuſtres ramos tomando humas o Inſtituto de Religioſas Deſcalças que guardaõ a primeira Regra, e outras o de Calçadas, que ſe denominaõ Urbanas, por ſer Urbano IV. o que lhe modificou as aſperezas no modo de vida, e a Reforma que S. Colleta fez, àlem de outros Inſtitutos que deſtes dimanàraõ, e em todos tem havido Profeſſoras que em Santidade florecèraõ.

Ordem de S. Clara.

(22) *Gonzaga pag. 3*

Ordem terceira Seculares.

Emfim ſatisfazendo obediente aos ditames do Ceo, e inſpiração Divina fundou

meu

meu S. Patriarca a Terceira Ordem no anno de 1221. (23) conforme o Eſpirito Santo lhe ditou como diſſe o Papa Clemente VII. (24) fazendoa para mayor reformação dos Seculares que em qualquer eſtado que ſeja vivem em ſuas cazas, como eſcreve o Collector dos Privilegios dos Mendicantes, e outros graves Autores. (25) Deulhe Regra que entaõ haviaõ de guardar, e por ſer ordenada a mortificar os vicios lhe chamou Ordem da Penitencia, e tambem lhe deu habito cor de cinza com pouca differença na figura do veſtido ordinario que os homens trazem (26) e em Italia com mais vulgaridade ſe uſa, ſupoſto houve alguns que por ſe reformarem nas veſtes o differençaraõ diſpoticamente em as fórmas.

(23) *Fr. Marcos p. 1. l. 9. c. 1. Fr Lucas an. 1221. a n. 23. Sillis prælud. 3.*

(24) *Apud Rodrigues Bul. 5.*

(25) *Bozzovio, Cordova, Miranda, Monte Olivete.*

(26) *Fr. Marcos. Fr. Lucas. Miranda Collect. Verb. cr. § quoad 1.*

Foy logo eſta Veneravel Ordem approvada por Honorio III. e Gregorio IX. a confirmou pela Bulla *Nimis patenter* dada em 26. de Mayo de 1227. depois a autenticou, e reformou o Papa Niculao IV. em 16. de Agóſto de 1289. ſendo S. Lucio, e S. Bona os primeiros que da maõ de meu S. Patriarca recebèraõ o habito. Deſta Terceira Ordem ſecular ſahio com grande gloria ſua a Ordem dos Terceiros Regulares, proferindo os tres votos ſolemnes com autoridade Apoſtolica (27) mas entre infinitas opinioens que ha no anno certo, dizem por diverſo modo os Eſcritores: Fr. Lucas entende que pelos annos de 1397. Fr. Marcos que pelos de 1401. e outros que no de 1362.

Ordem terceira Regular.

(27) *Sillis tom. 1. prælud. 3. e tom. 2.*

1362. (28) Guardaõ estes Religiosos em Portugal, Castella, e França a Regra que lhe insinuou o Papa Leaõ X. e outra em outros Reynos.

(28) Fr. Lucas. Fr. Marcos, &c.

CAPITULO VII.

De algumas Ordens Religiosas que sahiraõ da Serafica Familia, Reformas, e Fundaçoens para que concorrèraõ seus Filhos; e expoem-se primariamente no modo possivel a protentoza extençaõ a que no Orbe se dilata toda a Familia Serafica nas tres Ordens.

BEm reconheço, e confeço ser taõ deficil como contar no Ceo as Estrelas, o numero na Serafica Familia seus venturozos filhos; porque sendo Francisco meu Padre o Patriarca Abraham da Ley da Graça, lhe multiplicou Deos na terra os filhos como as Estrelas no Ceo (1) e se estas só o mesmo Deos sabe o numero (2) àquelles (com certeza) só Deos tambem sabe o conto. Conforme a melhor opiniaõ naõ se espera nas Estrelas augmento, nem diminuiçaõ em o numero, só se quando no dia do Juizo estas cahirem do Ceo (3) mas no Ceo da Religiaõ Serafica parece com actualidade hum dia do Juizo ver com diminuiçaõ cahir na terra Estrelas, admirando-se logo em outras muitas grande augmento em o numero; se pois os Mathematicos, e Astrologos só por provaveis conjecturas, ou mental estimaçaõ com o dedo se expoem a individuar no Ceo Estrelas, e em que cazas moraõ, eu que o naõ sou

(1) Ad illud. Genes. 26.
(2) Ps. 146.

(3) Matheus 24. Marcos 13.

ſou, tambem por eſtimaçaõ mental, e provaveis conjecturas moſtrarey as cazas, e contarey no Serafico Ceo as Eſtrelas, ſem parecer obra de dedo.

Confeço ingenuamente que olhando para eſte magnifico Ceo do Orbe Serafico em que vivo, me pôs em tal perplexidade a materia em que fallo, que indagando noticias, vendo livros, e buſcando Autores, nem pude conciliar as opinioens dos Autores, nem unir os computos na variedade dos livros, nem fazer juizo certo nas noticias verdadeiras; porque devendo-ſe eſtas extrahir participadas do Mundo todo, a que eſta Serafica Familia nas tres Ordens divizas, e ſubdivizas em hum, e outro ſexo ſe extende, faltaõ os meyos, e naõ acho os modos para conſeguir indefectivelmente os pertendidos fins, muito mais havendo de hora para hora varios augmentos em os numeros.

Hà cem annos a eſta parte, porque no de 1633. eſcreve Fr. Gaſpar de la Fuente, tinha o noſſo Reverendiſſimo Geral na ſua obediencia 119. Provincias com 4000. Conventos de Frades, e 2000. de Freiras com 120000. ſubditos. (4) O douto Chroniſta Fr. Manoel da Eſperança naõ differindo em o numero dos Conventos das Freiras, diz havia nelles em o dito anno 90000. Religioſas, e fica jà o computo aſſima diminuto reſtando ſó 30000. Religioſos em os Conventos dos Frades que neceſſariamente

(4) *Fr. Gaſpar de la Fuente.*

te haviaõ exceder muito eſte numero nos duplicados Conventos. (5)

Fr. Vital de Algeriza no anno de 1626. conta na obediencia dos Geraes Conventual, e Capuchinho 2800. Conventos, com 47000. Frades. (6)

Sabelico eſcreve, que no ſeu tempo havia 60000. Frades. (7) Genebrardo contou jà 90000. (8) O doutiſſimo Daça vendo diſparidade taõ grande, e attendendo a que na impreſſaõ poderia haver erro, atribue o dito numero aos Conventos, e naõ aos Frades. (9) Gonzaga, e Pizano neſtes computos differem. (10)

Fr. Pedro de Alva no anno de 1651. diz, que tinha a Obſervancia 140. Provincias, os Conventuaes 35. e a dos Capuchinhos 46. fazendo o numero de duzentas e vinte e huma Provincias (11) iſto ha 82. annos. Fr. Manoel Rodrigues contou 60. Provincias nos Capuchinhos. (12)

Fr. Joaõ de S. Franciſco contou ſó na ſogeiçaõ do Geral da Obſervancia no anno de 1671 vinte e ſeis mil cazas, e que na relaçaõ do Capitulo geral de Toledo conſtava terem 120000. Religioſos (13) e ſe iſto ha 62. annos, tendo ſempre a Ordem toda em todos os Reynos, e Dominios do Chriſtianiſmo hum continuo, e exceſſivo augmento em o numero das Provincias, Conventos, Religioſos, e Religioſas de toda a Familia Serafica, vejaõ que numero ao certo ſe poderà contar hoje em todas as tres Or-

(5) *Fr. Manoel da Eſperança no preludio da Chron.*

(6) *Fr. Vital no ſeu Epilogo eſtamp. no an. de 1626.*

(7) *Sabelico.*

(8) *Genebrard.*

(9) *Daça.*

(10) *Vid. Gonzaga, e Pizan. nas Conform.*

(11) *Fr. Pedro de Alva.*

(12) *Fr. Manoel Rodrigues. tom. 1. quaſt. Reg.*

(13) *Fr. Joaõ de S. Franciſco.*

dens, quando ſó neſte tronco da Obſervancia ſe contavaõ hà tantos annos cento e vinte mil.

Na ſegunda Ordem que meu S. Patriarca inſtituhio (fallando ſó na que chamamos de S. Clara, ſem fazer mençaõ dos ramos em que ſe dividio) contou hà muitos annos Thomaz Bozzio duzentas e quarenta mil Freyras ſogeitas ao Geral (14) naõ numerando os Conventos, e ſem fazer mençaõ das que em muitas partes aos Perlados do Ordinario ſaõ ſogeitas. Concidere o Leitor quantas mais em numeroſa multidaõ ſeraõ hoje as que em todos os Conventos ſogeitos aos tres Geraes da Ordem, Arcebiſpos, e Biſpos profeçaõ o Serafico Inſtituto.

(14) *Thomaz Bozzio apud Daça.*

Na Terceira Ordem Regular (logo na ſecular fallaremos) eſcreveo Sillis tinha em o ſeu tempo ſó na Congregaçaõ de Lombardia 16. Provincias com 143. Conventos. (15) Quando o Padre Alva eſcreveo depois, jà tinha mais 4. Provincias, àlem de outras tres em França, huma em Portugal, outras em Italia, e Heſpanha, ſem mencionar Conventos diſperſos que à Provincia de Santiago eſtavaõ ſogeitos (16) dizendo relaçaõ ao noſſo Geral da Obſervancia, o qual tem na ſua obediencia tantos ſubditos, que imperando Federico III. a tempo que a Ordem naõ tinha tanto augmento, offereceo ao Papa Calixto II. trinta mil Religioſos capazes de pegar em armas para deffender

(15) *Sillis.*

(16) *Alva.*

der a Igreja da potencia Othomana, ſem eſtes na Religiaõ fazerem falta. (17)

(17) In Chronic. Ord.

Solicitando pois a minha curioſidade algumas relaçoens mais modernas, conciderando nas tres Ordens Regulares o continuado, e exceſſivo augmento, olhando para o computo antiguo, que aſſinaõ os Autores que anteriormente alego, entendo ter a Religiaõ Serafica com probabilidade, e ſem temeridade ao tempo preſente

Na obediencia do Reverendiſſimo Geral da Obſervancia, entrando os Reformados - - - - - - - - - - -- 163 Provincias, 34U Conventos.
Na dos PP. Conventuaes 040 Provincias, 04U Conventos.
Na dos PP. Capuchinhos 066 Provincias, 13U Conventos.
Os PP. Terc. acho terem 034 Provincias, 03U Conventos.
E em toda a Familia - - 020 Cuſtodias.

Acho ter a Familia Serafica nos Padres Conventuaes, Obſervantes, Reformados, Capuchinhos, e Terceiros 612 Hoſpicios.
Como tambem nos meſmos
Padres - - - - - - - - 073 Perfecturas
Parroquias em que vivem, e ſervem 096
Miſſoens em que ſe exercitaõ 1104
Cazas de Noviciado 1765
Cazas de Eſtudos 2530

Religioſos profeſſos em a Familia Serafica toda naõ ſe pòde com certeza averiguar, entendo chegaõ a milhaõ.

Religiosas professas, cujos Conventos ao todo pelas razoens ditas se naõ pódem numerar, entendo chegaõ a quinhentas, e sincoenta mil que vivem no Serafico Instituto; vindo a ser (no sentir do doutissimo Fr. Luis de Granada) a Ordem Serafica só, taõ grande como as outras Ordens todas juntas. (18)

(18) *Fr. Luis de Granada in Concion.*

Religiosos que florecèraõ em virtude, e Santidade entrando neste numero os jà beatificados, e Canonizados, como tambem os 900. que se achavaõ com informaçoens autenticas, dos quaes pelos annos de 671. pedia a nossa Ordem ao Consistorio Romano a Canonizaçaõ de 14. juntos, e muitos que padecèraõ martyrio em diversas partes entre infieis, saõ todos mais de trinta e sete mil.

Religiosos que florecèraõ em letras, entrando Doutores, e Mestres com que insignes Universidades se illustraõ em sinco Escolas diversas, a primeira de Alexandre de Ales, segunda a do Serafico Doutor S. Boaventura, terceira a de meu grande Mestre o Subtil Escoto, quarta a illuminada de Raimundo Lulo, e quinta a de Ocamo Principe dos Nominaes, mencionando tambem 746. Escritores insignes 183. Autores Clacicos, e outros muitos que deixàraõ pelas letras celebre o seu nome, saõ mais de vinte e tres mil.

Da Ordem terceira Secular para eu expender as excellencias, o progresso illustrissimo

ſimo nas virtudes, as peſſoas que nella em Santidade florecéraõ, as Mageſtades que ſe lhe ſubordinàraõ, e o numero das peſſoas que recebéraõ com apreſſo eſte Serafico Inſtituto, carecia para iſto ſó de hum tomo inteiro, vendo que com eſte Santo habito ſe eſmaltàraõ 537. Principes da Igreja entrando Pontifices, Cardeaes, Patriarcas, Legados, Arcebiſpos, e Biſpos, como também 1786. Principes Seculares entrando Emperadores, e Reys, ſem fazer menção de titulares com que eſta, e a Ordem Serafica toda ſe acredita, muitos dos quaes augmentàraõ o numero dos Santos com que a Veneravel Ordem Terceira ſe adorna; e mais naõ digo porque a querer contar ſeus venturoſos profeſſores, e virtuoſos filhos, ſeria taõ impoſſivel como querer eſgotar o mar todo com huma concha.

Algumas outras Ordens diverſas naſcèraõ, ou tivèraõ dependencia para ſe fundàrem, da noſſa Serafica Religiaõ buſcando a ſua ſombra, ou tomando Inſtituto.

Ordem da Aſcenção.

A Ordem da Aſcençaõ foy fundada à ſombra da noſſa Ordem, e imitando a noſſa Regra, lhe poz alguns additamentos para haverem de ſeguir ſeus profeſſores, e variàraõ no aſſumpto. (19)

(19) *Fr. Artur. Fr. Lucas. Fr. Pedro de Alva.*

Congregaçaõ do Robando.

A Congregaçaõ das Donnas do Robando teve por ſeu fundador ao V. Fr. Hugo de Dina, Religioſo de meu P.S. Franciſco, no anno de 1275. (20)

(20) *Fr. Marcos p. 2. Fr. Luc. an. 1278.*

Ordem dos Minimos.

A Ordem dos Minimos foy fundada por

por S. Francisco de Paula em Calabria, nascido por intercessaõ de meu Patriarca S. Francisco, em cuja Religiaõ recebeo o habito, e depois fundou a sua com habito semelhante ao da nossa. (21)

(21) Fr. Hieron. Rom. l. 6. cap. 3. Fr. Marc. p. 3. l. 9.

Ordem da Conceiçaõ.

A Ordem das Freiras da Conceiçaõ foy fundada pela virtuosa, e illustre Portugueza D. Brites da Silva, filha de Rui Gomes da Silva, e de D. Isabel de Menezes, a qual de Dama do Paço da Rainha D. Isabel mulher d'ElRey D. Joaõ II. de Castella, se resolveo a buscar a vida Religiosa, e Serafica na Cidade de Toledo. Fez a sua fundaçaõ no anno de 1489. foy approvada pelo Papa Innocencio VIII. e por concessaõ de Julio II. se sogeitou à nossa Ordem. (22)

(22) Gonzaga pag. 21. Fr. Marc. p. 3. l. 8. Salazar na Chron. l. 8. Jardim de Portug. pag. 322.

Ordem da Annũciada.

A Ordem das Freiras Annunciadas, ou dos dez beneplacitos foy fundada em Bourgez, Ducado de Berri, em França pela Infante D. Isabel filha d'ElRey Luis II. por direcçaõ, e industria de seu Confessor Fr. Gilberto Niculao, Frade da nossa Ordem: foy confirmada pelo Papa Alexandre VI. em 12. de Fevereiro de 1501. e entregue ao cuidado da nossa Religiaõ, em tal fórma, que Paulo V. e Gregorio XV. lhe chamaõ da Ordem de S. Francisco. (23)

(23) Vide Bull. 28. apud Rodrig. & Bul. 2.

Ordem da Milicia Christãa.

A Ordem da Milicia Christã na protecçaõ da Conceiçaõ immaculada, teve na Italia por principal fundador o Duque de Mantua, com subordinaçaõ à nossa Ordem em que o mesmo Duque tomou o habito no Convento de Ara Cæli, e professou nas mãos do Papa

Papa Urbano VIII. em 21. de Janeiro de 1624. (24)

A Ordem das Convertidas extincta na Cidade de Pariz pelos annos de 1493. foy restaurada por Fr. Joaõ Tefero Religioso da nossa Ordem. (25)

A Ordem das Freiras do Hospital, ou de S. Joaõ da Penitencia foy neste Reyno restaurada pela Religiaõ Serafica em Freiras de S. Clara, sendo estas as primeiras que vestiraõ o seu habito pelos annos de 1540. na obediencia do Geral da Observancia. (26)

A Ordem dos Carmelitas descalços cuja reforma fez S. Thereza de JESUS, deu gloria à Religiaõ Serafica, pois S. Pedro de Alcantara filho seu muito nella em auxilios da mesma Santa trabalhou. (27)

A Ordem de S. Brizida foy fundada por esta gloriosa Santa, filha de meu P. S. Francisco na Terceira Ordem, e como tal foy em Roma sepultada em hum Mosteiro da Ordem de S. Clara no anno de 1373. (28)

A Ordem de S. Jeronimo em Portugal, e Castela foy fundada (pois se achava extincta) por filhos da Terceira Ordem de meu P. S. Francisco; os que em Castela, no dezerto da Lupiana com approvaçaõ que lhe deu o Papa Gregorio IX. no anno de 1323. e o V. Fr. Vasco seu companheiro Portuguez, e filho de S. Francisco a fundou neste Reyno em o Mosteiro de Pennalonga junto à serra de Cintra, dando-lhe approva-

çaõ

(24) Fr. *Vital de Algeriza in Epilog. Ord. S. Geneb. in Chron.*

Ordem das Convertidas.

(25) *Genebrard. in Chronic.*

Ordem do Hospital.

(26) *Archivo deste Mosteiro.*

Ordem dos Carm. Descalf.

(27) *Breviar. Serafic. & Chronic. in ejus vita.*

Ordem de S. Brizida.

(28) *Fr. Artur in Martyrolog.*

Ordem de S. Hieronimo.

(29) *S. Aninino p. 3. tit. 22. cap. 1. Veiga l. 1. cap. 7. Siguença en la Chron. p. 2. cap 1. 3. 8. Fr. Luc. an. 1377. Ordem dos Ermit. de S. Hyeronimo.*

çaõ o Pontifice no anno de 1389. (29)

A Ordem dos Ermitaens de S. Jeronimo foy fundada nos montes de Fezula perto de Florença por D. Carlos Conde de Monte Granello, e Gualter Marſo, ambos filhos de meu P. S. Franciſco na Terceira Ordem, e com a ſua Regra entaõ foy confirmada pelo Papa Gregorio XII. no anno de 1408. (30)

(30) *Fr Luc. anno 1405. Fr. Hieron. Roman. l. 6. c. 28. Salazar p. 1. l. 6. cap. 29. Ordem da Caridade.*

A Ordem da Caridade foy fundada no Biſpado de Chaalon em França por D. Guido, e outros ſeus companheiros filhos ambos de S. Franciſco em a terceira Ordem, com cuja Regra no anno de 1296. a aprovou o Papa Bonifacio VIII. (31) Muitas outras particulares fundaçoens ſe fizèraõ, mas iſto baſte para noticia, releve-me o Leitor a digreçaõ.

(31) *Fr. Hieron. Roman. l. 6. cap. 25.*

CAPITULO VIII.

Moſtra o principio das Ordens Cluniacenſe, Camaldulenſe, Grandemontenſe, Jeronimos, Montolivetanos, Olivetanos, Celeſtinos, e Gilbertos. Aponta a de S. Bazilio, Agoſtinho, e Jeronimo.

Ordem de S. Bazilio ad cap. 3. l. 5. Vide. Lucas Acheri. Odorico Vital. Oldrado. Joaõ Dam. de Becis. Guido de Arecio. Alagona. Pignatelli. Fr. Manoel Leal. Nebrid. d' Mundeleim. Arduino. Gravina, &c.

SUppoſto jà no Capitulo terceiro deſte quinto livro de paſſage mencioney, e em outras partes, algumas deſtas Religioens Sagradas, fugindo de diſcorrer em materias que naõ ſó ſaõ opinativas entre os Autores, mas odiozas; pouco mais ainda me quero alargar agora principalmente quando fallo nas Ordens de S. Bazilio, Santo Agoſtinho, e S.

Jero-

Jeronimo, naõ diſputando (pois a ſua antiguidade lhe deixou principio obſcuro) ſe foraõ fundadas por ſeus Santos Patriarchas, ou ſe em ſeu nome foraõ poſteriormente por outrem eſtabelecidas; e vendo que ſeus ſapientiſſimos Chroniſtas na primeira parte affirmaõ o que infinitos Eſcritores negaõ, fazendo-ſe da credulidade deſtes mais provavel a ſegunda, eu como profeſſor deſte eſtado me devo inclinar à primeira, com o commum ſentir dos fieis, venerando o que em geral, ou particular tiver ſido Deciſaõ da Igreja.

A Ordem de Santo Agoſtinho, ſuppoſto, que muito antigua nos ſeus Religioſos Eremitas, foy confirmada pela Santa Sè Apoſtolica no anno de 1256.

Ordem de S. Agoſtinho. ad cap. 3. l. 5.

A Ordem de S. Jeronimo, que tambem diſputa antiguidades, ſe entende foy inſtituida pelo meſmo Santo, edificando em ſua vida certo Convento, ou morada, junto a Belem, adonde viveo com outros companheiros, dandolhe certa Regra, e norma de vida, com aſpero Inſtituto; e ou foſſe eſte meſmo, ou outro ſemelhante (pois querem entender, que pelo decurſo dos tempos eſta Ordem ſe extinguio, e na formalidade ſe divercificou) foy approvada (dizem huns) pelo Papa Eugenio, e outros por Gregorio XII.

Ordem de S. Hyeronimo.

Vide AA. ſupra citat. & ad hos alios in Indice.

A Ordem Cluniacence da Obſervancia de S. Bento, he antigua, e foy fundada pelo Abbade Odon junto a Maſtioca, aldeya do

Ordem de Cluni. ad c. 3. l. 5.

Ducado de Borgonha, lugar que lhe dèra para este effeito, Guilhermo Pio, Duque de Aquitania.

Ordem da Camaldula.

A Ordem Camaldulence foy fundada por S. Romualdo, no monte Apenino, Regiaõ Hetruria, em hum lugar que se chamava Madulo, donde seu nome se deriva; deulhe aspero Instituto, e he antigua esta Ordem.

Ordem de Grande monte ad cap. 3. l. 5.

A Ordem Grandemontense foy instituhida por Estefano, natural de Alvernia, em hum grande monte, na Regiaõ de Aquitania; e depois a reformou Roberto Abbade de Molismа. Tambem he Ordem antigua.

Ordem de Monte Olivete.

A Ordem dos Montolivetanos foy erecta por Bernardo Ptolomeu com outros companheiros, junto à Cidade de Senna no anno de 1407. Depois passados annos, mudàraõ de sitio para hum monte vesinho, que intitulàraõ Monte Olivete, a qual Ordem com este nome foy approvada por Gregorio XII.

Ordem dos Olivetanos.

A Ordem dos Olivetanos foy primeiro fundada debaixo da Regra de S. Bento pelo B. Tolomei de Senna em Toscana, no anno de 1320.

Ordem dos Celestinos.

A Ordem dos Celestinos foy fundada pelo Papa Celestino V. quando vivia no Ermo antes de assumpto ao Pontificado; teve grande augmento, e variou em alguma parte da Regra de S. Bento, que ao principio seguio.

A

A Ordem de S. Gilberto foy fundada por este Santo no Reyno de Inglaterra, e no Imperio de Alemanha; naõ se averigua em que tempo, sabemos que he antigua, e que floreceo em Santidade.

Ordem de S. Gilberto.

Estas Ordens em cuja antiguidade ha mais duvida, vaõ só neste Capitulo expostas, para noticia do Leitor, naõ tratando de outras, que poderàõ ter havido na vastidaõ de todo o Orbe Catholico; e tornando outra vez à Serie em que hiamos, deixada no fim de minha Religiaõ Serafica, respectivamente aos annos de suas confirmaçoens, vejamos no Capitulo seguinte as que depois foraõ pelos Romanos Pontifices confirmadas, ultra das que jà apontey no Capitulo VII.

CAPITULO IX.

Das Ordens dos Sylvestrinos, Servitas, Carmelitas, Jesuatos, Jeronimos mendicantes, Escopetinos, Justinos, Ambrozios, Theatinos, Bernabitas, Jesuitas, Agostinhos Descalços; e da Congregaçaõ de nossa Senhora, dos Padres Nerios, e dos Benedictinos Reformados, das Ordens de S. Joaõ de Deos, e da de Christo, e de Santo Espirito.

ATtendido o que jà no principio deste quinto Livro disse, continuamos com a Religiosa Ordem Sylvestrina, a qual foy estabelecida debaixo da Regra de S. Bento no anno de 1233.

Ordem dos Silvestrinos.

A Ordem dos Servitas foy fundada no Pontificado de Martinho V. por Felippo,

Ordem dos Servitas.

 natural

natural de Florença, debaixo da protecçaõ de noſſa Senhora, pelos annos de 1256. atè 86. o Papa Benedicto II. e ſete Pontifices ſeguintes a approvàraõ.

Ordem dos Carmelitas.

A Ordem dos Carmelitas diſputa com o tempo da Ley Eſcrita a ſua antiguidade, tendo por ſeu primeiro inſtituidor ao grande Profeta Elias, de quem ſe diz lançàra os primeiros fundamentos deſta Religioſa Ordem junto ao monte Carmelo em Syria, razaõ porque ſe intitulaõ Religioſos de noſſa Senhora do Monte do Carmo, e deſta eſclarecida Ordem ſe eſcrevem maravilhas. A primeira Obſervancia da Regra que profeſſaõ, hà opiniaõ fora no Pontificado de Alexandre III. pelos annos de 1170. foy approvada por Honorio III. e novamente confirmada pela Sè Apoſtolica no anno de 1286.

Ordem dos Jezuatos.

A Ordem dos Jeſuatos foy fundada em Sena por S. Joaõ Columbino, foraõ chamados no principio Varoens Apoſtolicos, ſupposto naõ recebiaõ Ordens Sacras, e o Papa Urbano foy quem deu approvaçaõ a eſta Ordem.

Ordem dos Hyeronimos mendicantes.

A Ordem dos Jeronimos mendicantes, (ſe naõ he a de que jà tratàmos) dizem huns ſer a propria que inſtituhira S. Jeronimo em o Ermo; outros que a augmentàra Euſebio Cremonenſe, e outros que certos Cavalheiros illuſtres a inſtituhiraõ em Fieſoli no anno de 1406.

Ordem dos Eſcopetinos.

A Ordem dos Eſcopetinos occaſiona duvidas na ſua fundaçaõ, apontando-ſelhe

Autores

Autores varios; dizem que hum Agoſtinho a inſtituhira no anno de 1408.

A Ordem dos Juſtinos, ou de Santa Juſtina, que rigoroſamente ſe fundou Congregação em Padua, foy eſtabelecida louvavelmente no anno de 1409.

Ordem dos Juſtinos.

A Ordem de Santo Ambrozio foy com felicidade eſtabelecida em Milaõ no anno de 1433.

Ordem de S. Ambrozio.

A Ordem dos Clerigos Regulares Theatinos foy inſtituida por Pedro Carrafa, que depois ſe chamou Paulo IV. Pontifice Romano, em o anno de 1524.

Ordem dos Theatinos.

A Ordem dos Clerigos de Saõ Paulo, vulgarmente chamados Bernabitas, foy inſtituhida no anno de 1526.

Ordem dos Bernabitas.

A Ordem dos Jeſuitas, ou da Companhia de Jeſus, foy fundada por Santo Ignacio de Loyola no anno de 1535. e confirmada por Paulo III. Julio III. Pio IV. Pio V. Gregorio XIII. e outros quatro Pontifices, ultimamente approvada pelo Concilio Tridentino.

Ordem dos Jezuitas.

A Ordem da Hoſpitalidade, ou de Saõ Joaõ de Deos, foy fundada em Granada por eſte Santo Portuguez de naçaõ, ſendo Pontifice Alexandre VIII. pelos annos de 1550.

Ordem de S. Joaõ de Deos.

A Ordem dos Agoſtinhos Deſcalços foy Reforma dos Eremitas Calçados, erecta em Roma, e Italia. Fr. Thomè de Jeſus, Religioſo daquella Ordem (dizem que filho de huma illuſtre Senhora, chamada a Grila) a eſ-

Ordem dos Agoſtinhos deſcalços.

a eſtabeleceu em Caſtella, outro companheiro em França, e outro chamado Fr. Manoel de Poeiros, que depois tomou o apelido de Conceiçaõ, a quiz eſtabelecer tambem em Portugal no tempo de ElRey D. Sebaſtiaõ. A Sereniſſima Rainha Mãy o fez depois na Corte de Lisboa lançando os primeiros fundamentos no Moſteiro virtuoſiſſimo das Freiras Grilas.

Congreg. de N. Senhora.

A Congregaçaõ de noſſa Senhora foy fundada pelo B. Joaõ de la Barriera, Abbade da Ordem de Ciſter; no anno de 1577.

Congreg. do Oratorio.

A Congregaçaõ do Oratorio em Roma, chamada por outros dos Padres Nerios, foy fundada por Saõ Felippe Neri no anno de 1595.

Congreg. dos Benedictinos.

A Congregaçaõ dos Benedictinos Reformados de S. Mauro, foy fundada no anno 1618. e confirmada pela Sè Apoſtolica no de 1621.

Ordem de Chriſto.

A Regular Ordem de Chriſto, chamada dos Cruciferos, que em Portugal denominamos Thomariſtas, reſpectivamente ao ſeu Convento capital, foy inſtituida no anno de 1198.

Ordem do Spirito Santo.

A Ordem do Eſpirito Santo, chamada de Sancti Spiritus, foy primeiro fundada em Monpelher anno de 1198.

CAP.

CAPITULO X.

Das Ordens Militares, e das dos Terceiros Seculares.

PAra conſervar a Fè Catholica, e defender ao Chriſtianiſmo dos repetidos inſultos com que as Luas Othomanas, e Mauritanas perturbaõ com invaſoens inſolentes o ſocego publico das Monarquias, ſe erigiraõ em varios Reynos muitas Ordens Militares, alcançandolhe ſeus Principes com ſingulares Indultos, approvaçoens Pontificias; deſtas he que eſte Capitulo preſente primariamente trata.

Ordem de Malta.

A preclariſſima, e Religioſa Ordem Militar, que a reſpeito da ſua ſituaçaõ, e Commenda, chamamos hoje = de Malta, foy o ſeu nome proprio = Cavalleiros de S. Joaõ de Jeruſalem, em cuja Cidade (ſuppoſto, que preocupada dos Mouros) fizeraõ ſua fundaçaõ primeira, merecendo logo aprovaçaõ do Pontifice, e Patriarca, que exiſtiaõ, ſendo Ramondo, ou Pharamondo o ſeu primeiro Gram Meſtre. Foy ſua ſituaçaõ ſegunda na Ilha de Rhodes, que tomàraõ aos Turcos, e o Papa Clemente V. nella lhe aſſinou aſſento no anno de 1308. deſta os deſapoçàraõ outravez os Turcos no anno de 1523. ſendo Pontifice Adriano VI. e na Ilha de Malta hoje aſſiſtem invenciveis, e bem preſidiados, ſendo de todas as Naçoens barbaras os mais temidos, e de toda a potencia

tencia Mauritana o açoute mais cruel que os deſtrohe.

Ordem dos Templarios.

A Ordem dos Templarios, como graves Eſcritores dizem, tiveraõ ſeu principio no anno de 1128. ſuppoſto outros lhe aſſinaõ mais 20. annos, e outros, 10. de antiguidade; foy em Jeruſalem o ſeu eſtabelecimento, ſendo Papa Gelazio II. e a ſua habitaçaõ occupava parte do Templo do Santiſſimo Sepulchro. Creſceo em famozo aumento com Senhorio de terras, poſſeſſoens, e rendas de que ſe logràraõ mais de 200. annos, de tudo foraõ privados pela culpa em que ficàraõ convencidos da concurrencia com os infieis para a perdiçaõ dos Santos lugares, pelo que foy logo aquella Ordem toda deſtruhida ſendo Papa Clemente V. e ſuas poſſeſſoens ſe dèraõ aos Cavalleiros entaõ de Rhodes aſſima ditos, e a outras Religioens.

Ordem dos Teutonicos.

A Ordem dos Cavalheiros Teutonicos teve principio em hum nobre Alemaõ; foy tambem eſtabelecida em Jeruſalèm, confirmada, e approvada pelos Pontifices Romanos; naõ ſe aceitava nella (por Inſtituto) ſe naõ nacional de Alemanha, e na profiſſaõ faziaõ juramento de defender a Cruz de Chriſto, pelejando atè perder a vida, contra os inimigos da Fé. Seu principio foy no anno de 1164.

Ordem de Santiago.

A Ordem militar de Santiago teve ſua primeira fundaçaõ em Heſpanha, dizem huns Eſcritores que no anno de 1118. e outros

tros que no de 1170. ſendo Rey de Caſtella Fernando II. e Pontifice Romano Alexandre III. que a aprovou, e confirmou; em Portugal com eſtimaçaõ ſe concerva.

A Ordem Militar de Calatrava, cujo nome tomou do lugar primeiro em que ſe fez o ſeu aſſento, foy inſtituida por ElRey D. Sancho de Caſtella, outros lhe daõ por autor D. Ordonho, Biſpo de Salamanca no anno de 1164.

Ordem de Calatrava.

A Ordem militar de S. Bento, chamada em Heſpanha Ordem de Alcantara, porque neſta Villa foy o ſeu primeiro aſſento, teve por Inſtituhidor a ElRey D. Sancho de Caſtella no anno de 1176. Em Portugal com credito ſe reſpeita.

Ordem de Alcantara.

A Ordem do Tuzaõ de ouro foy inſtituhida por hum Monarca de Heſpanha no ſeu Reyno em o anno de 1233. na qual ha opinioens que verificaõ (ou ſeja a meſma renovada, ou outra do meſmo nome) fora ſeu Inſtituhidor Felippe Duque de Borgonha no anno de 1430.

Ordem de Tuzaõ.

A Ordem militar de Chriſto foy inſtituhida em Portugal por ElRey D. Affonſo IV. em o anno de 1320. e a confirmou o o Papa Joaõ XXII. a diverſos Reynos ſe participou pelos annos de 1347. Mas hei por refutada eſta opiniaõ dos Autores eſtrangeiros, porque acho nos naturaes mais verdade fora ElRey D. Dinis o que a inſtituhio.

Ordem de Chriſto.

A Ordem da Ala ſe inſtituhio por Af-

Ordem da Ala.

 fonſo

fonſo Rey de Portugal, mas adonde naſceo ſe extinguio.

Ordem da Eſtrela.

A Ordem da Eſtrela foy inſtituhida para Cavalleiros militares por Joaõ Rey de França no anno de 1350.

Ordem da Liga.

A Ordem da Liga foy inſtituhida para Cavalleiros militares por ElRey de Inglaterra no anno de 1354.

Ordem da Annunciada.

A Ordem dos Cavalleiros da Annunciada foy inſtituhida por Amadeo VI. Duque de Saboya no anno de 1420.

Ordem de S. Miguel.

A Ordem militar de S. Miguel foy inſtituhida por Luis XI. Rey de França no anno de 1469.

Ordem de S. Eſtevaõ.

A Ordem militar de S. Eſtevaõ foy inſtituhida em Florença no anno de 1562.

Ordem do Spirito Santo.

A Ordem dos Cavalleiros militares do Eſpirito Santo foy inſtituhida por Henrique III. Rey de França no anno de 1579.

Ordem da Monteza.

A Ordem militar da Monteza foy anteriormente inſtituhida por ElRey Dom Jaime de Aragaõ, e approvada pelo Papa Gregorio IX.

Como todas eſtas Ordens ſe achaõ em o eſtado Secular, parece-me que aqui ſem muita violencia póde caber o fallar nas Ordens Terceiras, que naſcidas de Religioens diverſas ſe achaõ no ſecular eſtado; e ſuppoſto alguns Autores, ha muito tempo eſcrevèraõ, que ſó minha Religiaõ Sagrada tinha Ordem Terceira, pois unicamente meu Patriarca S. Franciſco inſtituhio tres

Ordens,

Ordens, naõ implica a que por denominaçaõ, ou privilegio poſſaõ outras Religioens Sagradas ter Ordens Terceiras, como tem concedido eſte Indulto por Bullas e approvaçaõ Pontificia, o que muito Doutores ſem difficuldade verificaõ.

Ordem Terceira de S. Agoſtinho.

Que tenha Terceiros a Ordem de Santo Agoſtinho, o trata, e diz Joaõ Baptiſta Confetio, Manoel Rodrigues, Silveira, e Lezana; e o confirmaõ as Bullas de Bonifacio IV. Eugenio IV. e Martinho V.

Ordem Terceira de S. Domingos.

Que tenha Terceiros a Ordem de meu Padre S. Domingos, o dizem S. Antonino, Corduba, Lezana, Silveira, Rodrigues, e o confirmaõ as Bullas de Xiſto IV. e Innocencio VII.

Ordem Terceira de S. Franciſco de Paula.

Que tenha Terceiros a Ordem de S. Franciſco de Paula, o dizem Miranda, Lezana, Silveira, e Peyrines, e o confirmaõ as Bullas de Julio II. e Leaõ X.

Ordem Terceira do Carmo.

Que tenha Terceiros a Ordem Carmelitana, o trataõ Corduba, Miranda, Maurillo, Guadalaxara, Silveſtre, Silveira, e Carthagena, e o confirmaõ as Bullas de Xiſto IV. Niculao V. e Leaõ X.

Ordem Terceira dos Servitas.

Que tenha Terceiros a Ordem dos Servitas, o dizem Lezana, Silveira, e Joaõ Baptiſta Confetio, e o affirmaõ as Bullas de Paulo II. e Martinho V. com o que ſe finalizou o quinto Livro.

LIVRO SEXTO

Vida Conjugal.

CAPITULO I.

De como entre todos os Eſtados logra o do Matrimonio a primazia pela ſua antiguidade, ſendo no principio a todos indifferente. Moſtraõ-ſe as excellencias deſte nexo, e os extremos deſte vinculo.

LOgo quando no principio do Mundo o Artifice Soberano com admiravel providencia tendo formado os Ceos, criou a terra, e a quiz povoar de racionaes Creaturas, fazendo no Campo Damaſceno (como jà diſſemos) de barro humilde, ou limo da terra ao primeiro homem (1) vendo que naõ era bom o eſtar ſó (2) e que preciſamente para a propagaçaõ do Mundo (como eſtava decretado na mente Divina) lhe era neceſſario mulher, achando-ſe jà Adam no Paraizo adormecido, de huma coſta ſua formou a Eva (3) e foraõ eſtes dous Conſortes os primeiros cazados em o Mundo, e daqui foy tratavel, e licita a vida Conjugal a todos ſeus filhos, e deſcendentes indifferentemente,

(1) *Geneſ. cap. 1.*

(2) *Geneſ. ibi.*

(3) *Geneſ. ibi.*

te, ſem reſtricçaõ nos primeiros ſeculos.

Com tal nexo de amor indiſſoluvel quiz logo Deos que aquelles dous primeiros eſpoſos ſe trataſſem, que podendo-os formar diſtinctos, os fez conjunctos, fazendo de hum ſó individuo duas diverſas entidades, para que entendeſſem deviaõ ambas ſer affectuoſamente copuladas, e ficando Eva carne, e oſſos de Adam, conheceſſe Adam que era hum pedaço de ſi proprio ſua Eſpoſa Eva; porque como o amor hade ter objecto terminativo para o ſeu emprego, e o homem coſtuma amar ſeu ſemelhante, ficaſſe o amor de Adam em Eva, como Eſpoſa ſua, radicado.

Eſte eſpoſorio que Deos fez de Adam com Eva foy figura viva, como o Texto, e Padres dizem, do eſpoſorio que nos poſteriores ſeculos havia Chriſto fazer com a Igreja ſua Eſpoſa (4) ſignificando Adam dormindo a Chriſto morto, e Eva extrahida da coſta de Adam a Igreja extrahida do Coſtado de Chriſto, ficando Adam figura, e Chriſto o figurado; do que o meſmo S. Paulo deu aos cazados ſolidos documentos, dizendo aos maridos que amaſſem ſuas mulheres, como Chriſto amou a ſua Igreja (5) que ſe por eſta ſe expoz Chriſto a padecer cruel morte, naõ temeſſem por aquella exporſe aos mayores riſcos da vida; e ſendo ſempre como duas almas em hum ſó corpo (6) houveſſe entre ambos pelos nexos do amor copullaçaõ de vontades, e uniaõ

(4) *Paul. ad Epheſ. 5.*

(5) *Paul. ad Epheſ. Ep. 5.*

(6) *Math. 19.*

uniaõ fiel nas exteriores, e vitais acçoens.

Muitos entendimentos diſcretos, obſervando a acçaõ Divina na formaçaõ de Eva, curioſamente reparàraõ em Deos a formar naõ de outra parte, ſe naõ do coſtado de Adam, podendo-o fazer da ſua cabeça, ou pès; da ſua cabeça para que ambos pelo meſmo diſcurſo governados, em as idèas, e diſpoſiçoens naõ ſe dezuniſſem; dos ſeus pès, para que nos paſſos, e movimentos parecendo unidos em huma ſó vontade, ſe naõ deſgermanaſſem; e com acerto diſcorrem: que do ſeu coſtado a formàra, porque tendo eſte no meyo do corpo humano ſua natural exiſtencia, e ſervindo as coſtellas de guarda fiel ao coraçaõ, que no meyo do peito ſe ſitúa, como o tal coraçaõ (conforme dizem os Filoſofos) he o principio da vida (7) e ſolio em que reſide o amor, bem era que ſó da coſta de Adam foſſe formada Eva, para que conheceſſe as obrigaçoens que tinha, devendo com o mais exceſſivo amor ſer guarda fiel do coraçaõ de ſeu marido, vivendo ambos como por huma ſó vida, e havendo em ambos huma ſó vontade.

(7) *Philoſ. cum Ariſtotel &c.*

Naõ havia antiguamente excepçaõ alguma de peſſoa a quem ſe reſtringiſſe, ou naõ foſſe licito eſte matrimonial contrato (8) nos poſteriores ſeculos foy aos Sacerdotes, e Religioſas peſſoas inhibido por mayor perfeiçaõ do ſeu Eſtado (9) ſendo eſte ſupplicio juſto à humana natureza jà corrupta, ou prevaricada.

(8) *Joſeſ. de Antiq.*

(9) *in Decretal.*

Saõ

Saõ ſem duvida excelças as excellencias deſte vinculo, ſe forem bem concideradas; porque havendo paz, uniaõ, amor, e conformidade entre os cazados, ſendo de ambos igualmente os pezares, e os prazeres, e naõ ſendo em as vontades diſſonantes, nem nos genios diformes, modificando condiçaõ aſpera aquelle que a tiver riſpida, ſofrendo-ſe ambos, e ambos conçolando-ſe, naõ pòde deixar de ſer goſtoſa vida; mas a ſer pelo contrario, a reputo vivo inferno conciderando batalhas, e guerras vivas entre domeſticos inimigos, com tal differença, que ſe eſtas entre quaeſquer outros inimigos com brevidade naõ ſe finalizaõ, com huma boa compoſiçaõ acabaõ; mas entre os cazados ſe as guerras principiaõ, deficilimamente ſe compoem; as incivilidades permanecem, os odios creſcem, os enredos duraõ, os diſgoſtos ſe augmentaõ, as teimas perſeveraõ, o ciume ſe acende, as concic-encias ſe embaraçaõ, as leis ſe atropelaõ, a Alma ſe arriſca, e a guerra ſe acaba quando a vida ſe perde.

S. Bazilio ponderando as excellencias deſte eſtado, e vida conjugal, repara em a cauſa porque (ſendo certo por obſervaçoens repetidas) permitio Deos, que entre os cazados houveſſe ordinariamente mais amor da parte do marido para a mulher, do que deſta para o marido, e atribue eſte exceſſo à Providencia do meſmo Deos; porque creando eſte Senhor a mulher ſogeita ao homem

mem nas diſpoſiçoens do governo, conſelho, e doutrina, querendo que ſem o beneplacito, e permiſſaõ de ſeu marido nem hum paſſo mova a mulher, o homem para que com altivez naõ ſe enſoberbeceſſe, foſſe pelos effeitos do amor ſogeito à mulher, ficando ſeu eſcravo ao meſmo tempo que ſenhor, adorando-a, honrando-a, ſervindo-a, e ſuſtentando-a (10) que aſſim deve fazer, ſe naõ faltar às leys de bom marido; e a naõ ſer aſſim, ou a vida dos cazados ſerà morte, ou parecerà hum inferno vivo.

(10) *D. Bazil. lib. de Virginit.*

CAPITULO II.

De como no prudente acerto da eleiçaõ eſtà todo o bom ſuceſſo da vida conjugal. Moſtra-ſe que a Deos ſe ha de recorrer. Aponta-ſe o que na preſente materia antiguamente ſe praticava.

SE entre os Catholicos fora licito uzarſe o que entre os Gentios, e Barbaros ſe pratica, nem houvera nos diſcretos irreſoluçoens taõ grandes para tomar eſta vida, nem em os neſcios culpa de a apetecer com exceſſo; mas ſendo jà prohibido por qualquer cauſa o libello de repudio (1) com o acerto, ou dezacerto ſe haõ de por força accommodar. Coſtumaõ os Barbaros pela ſua errada ley ter tantas mulheres quantas poſſa commodamente ſuſtentar a ſua poſſibilidade; e os Gentios praticaõ ſem determinaçaõ de alguma ley, e por qualquer cauſa dimitir huma mulher, e receber outra; emmendaõ a ſua

(1) *Math. 19. Jus Can. Jus Civil.*

ſua eleiçaõ quando querem, e eſcolhem diſpoticos como lhe parece.

Se iſto ſe licitàra entre os Catholicos naõ houvera tantos arrependimentos, e taes enganos, tendo diante dos olhos o Adagio dos antigos: *Antes que cazes, olha o que fazes*; e como a vida conjugal ha de entre os dous permanecer em quanto a natural vida lhe durar, carece de prudentiſſima concideraçaõ qualquer dos dous contrahentes para o ſeu feliz acerto.

De dous modos vejo praticar no Mundo cazamentos, ou por amor, ou por contrato, mas de huma, e outra ſorte ſe experimentaõ muitas vezes mil enganos, melhor naõ conheço algum, e naõ ſey qual he peor: o amor he cego naõ buſca proporçoens, nem attende congruencias, obra exceſſos, e rompe em dezatinos; tanto que (às vezes com perigos de credito, e vida) alcança por eſpoſa a que pertende, e ve, ou que a indigencia o comprime, ou o brio ſe ultraja, ou a reputaçaõ ſe diminue, porque o preciſo lhe falta, converte-ſe o amor em odio de taõ penoza vida, e foy eſte o cazamento por amor. Se por contrato ſe ajuſta, tambem ſuccede o envolver mil enganos: e como neſte ſe naõ procura o amor, e buſcaõ-ſe ſó conveniencias, que ordinariamente ſaõ faliveis, eſtà eminente de huma, ou de outra parte (ſe de ambas naõ for) o diſgoſto, e arrependimento.

Para ſolido acerto deſta eleiçaõ devem

as peſſoas que quizerem tomar eſte eſtado pôr nas mãos de Deos as ſuas ſortes (2) naõ intentando em peſſoa que no naſcimento, e poſſes lhe tenha ſuperior deſſemelhança, antes procurando-a, e pedindo ao meſmo Senhor lha dè com as propriedades, e dotes que o Apoſtolo S. Paulo inſinùa: prudente ſofrida, caſta, cuidadoſa, benigna, piedoſa, obediente, callada, e recolhida (3) e logo deſta ſorte haverà entre os cazados hum laço indiſſoluvel de extremoſo amor, ſem haver diſplicencias, e pezares, nem ſe fazer precizo o que hum Filoſofo antiguo aſſeverou: que a mulher naõ havia apparecer, nem ſahir mais que tres vezes: a baptizar, a cazar, e a enterrar.

(2) *Pſ. 30. 16.*

(3) *ad Thimot. 2.*

Os Romanos que ſe prezavaõ muito de acertados nas ſuas eleiçoens, idéas, e maximas de governo, cuidavaõ muito (depois que modificàraõ o repudio que entre elles tambem Spurio Carvilio no anno 703. da fundaçaõ de Roma, introduzira (4) na mulher que para ſua eſpoſa eſcolhiaõ; e depois de a eleger lhe inſinuavaõ logo por ſinaes o como havia viver ſendo cazada, por naõ cahirem no erro em que os Hebreos delinquiraõ quando Moyſés anteriormente determinàra o repudio, ou o permitira. (5)

(4) *Dion. Alicar. lib. 2. Plutarc. in vit. Romuli.*

(5) *Jozef. de Ant.*

Mandavaõ à ſua preſença hum mancebo levando na maõ aceza huma tocha de panno enrolado, e candido, repreſentandolhe a vigilancia indefectivel que havia ter na obſervancia da caſtidade conjugal; huma

capella

capella de eſpigas de trigo que ſe lhe punha na cabeça, inſinuandolhe o quanto havia zelar a providencia da ſua caza; huma roca, e fuzo com lam para logo pôr na cinta, capacitando-a que ſendo cazada naõ havia eſtar ocioſa, antes com o mayor diſvelo para ajudar ſeu eſpoſo havia de trabalhar. (6)

A' imitaçaõ dos Romanos foy antigo eſtilo em Veneza, e outros mais povos de Italia o fazer-ſe tocar à eſpoſa juntamente com o ſeu noivo fogo, e agua, dandolhe a entender que ambos deviaõ igualmente ſer puros, e limpos. (7) Entre os Alemães era coſtume mandarſe à noiva ellegida para eſpoſa hum jugo com dous Bois (8) demonſtrandolhe que lhe havia ſer companheira nos trabalhos, pois eſtes nos Bois ſe ſimbolizaõ, e ſe viraõ antiguamente por timbre ſuas effigies nas famoſas torres, e palacios de Roma, Corintho, e Cartago. (9)

Em alguns povos de França, e Heſpanha ſe uſava, e ainda hoje em muitos Reynos ſe pratica, tirar o noivo do ſeu dedo hum anel com alguma pedra engaſtada, e da-lo à ſua eſpoſa, provindo eſte coſtume de outro que mais antiguamente ſe eſtillava de uſar de hum anel com pedra para ſellar as cartas de importancia. (10) Plinio tràs a deduçaõ deſta ceremonia por hum grilhaõ com que hum amante ſe prendèra a huma pedra, donde veyo a entenderſe pelo anel a ſogeiçaõ (11) Tertuliano o comprova. (12) vejaõ os curioſos diſcretos, e Jozefo no

(6) *Joſef. de Ant. Plutarc. Homer.*

(7) *Plutarc.*

(8) *Pier. Valer. Cornel. Tacit.*

(9) *Huberto. Carolo Floriano.*

(10) *Ateo Capito. Macrob. l. 7. Saturn. Blond. l. 9. de Rom. triumphante.*

(11) *Plin. l. 33. de hiſtor. naturali.*

(12) *Tertul. lib. de Velat. Virg. cap. 6.*

no livro 4. das Antiguidades, a Estrabo no livro 5. a Festo Pompeo, Plutarcho, e Plinio, Catullo Poeta, Homero na sua Odisea, e Ouvidio em os Fastos, acharàõ noticias divertidas de que podem extrahir utilidades para o acerto da sua eleição os que intentarem ter a vida conjugal.

CAPITULO III.

Dos costumes celebres, usos profanos, e ritos Gentilicos, que no Barbarismo cego, e Gentelismo idolatra antiguamente se virão, e por muitas Naçoens se imitàraõ, em cazamentos.

Celebres foraõ certamente os costumes que na antiguidade se praticàraõ respectivamente ao Matrimonio que alguns Autores apocrifamente escrevèraõ fora por Cecopre Rey de Athenas (antes dos tempos de Deucaliaõ) instituhido (1) razaõ porque o pintavão com duas caras; e sendo certo que no tempo de Moysés he que o Matrimonial contrato teve subsistenria (2) provindo (como dissemos) de Adam, e Eva nossos primeiros pays, suposto que sem fórma, o seu principio (3) se neste, ou por carencia de Ley, ou por falta de individuos se licitava a contração de Matrimonio ainda entre irmãos com irmãs como se vio em seus filhos, de que o mesmo Adam foy juntamente pay, e sogro, o que nos Hebreos em os primeiros seculos se admittio (4) naquelle posteriormente só entre sobrinhos, e sobrinhas,

(1) *Vide apud Trogum Pompeum.*

(2) *Ex lib. Numer.*

(3) *Genes. ubi supra.*

(4) *Ex Genesi. D. Cyprianus. Josef. de Antiquit.*

brinhas, ou tios, e tias (proximo grau) ſe concedeo.

Em os dous Patriarcas Abraham, e Jacob referem os antigos Eſcritores, por collecçaõ do Texto ſe obſervàra exemplariſado eſte coſtume, tomando aquelle por mulher diſpoticamente a Sara filha de Aaram ſeu irmão, e eſte a Lia, e Rachel filhas de Labaõ ſeu tio. Moyſés diſpoz, como tambem do Texto em o livro dos Numeros ſe collige, que os varoens tomaſſem mulheres do ſeu meſmo Tribu, e geraçaõ (5) S. Agoſtinho verifica o cuidado que os antigos pozéraõ em obſervar eſte coſtume, para que as poſſeçoens, e bens que logravaõ naõ ſe diſtrahiſſem, e na ſua propria geraçaõ com augmento ſe conſervaſſem. (6)

Foy a diſpoſiçaõ de Moyſés por obſervancia literal do Texto: *Erunt duo in carne una.* (7) que o varaõ tiveſſe ſó huma mulher, e foy Lamech o primeiro que excedeo eſta ley (8) S. Agoſtinho advertindo em Jacob já referido eſte exceſſo, o naõ reputa culpa, mas tolerado coſtume. (9) S. Joaõ Chriſoſtomo o comprova, fundado na carencia de prole que entaõ havia, ſendo utiliſſimo que o Mundo ſe propagaſſe (10) adulterou-ſe entre o Gentiliſmo eſte rito, e naõ ſem culpa grave ſe diffundio a varias Naçoens do Mundo todo, prevaricando libidinoſamente o que para fim neceſſario, honeſto, e juſto fora inſtituhido.

Os Romanos quizeraõ dar Leys a todo o

(5) *Ex lib. Numer.*

(6) *D. Auguſtin. l. 11. de Civit. Dei.*

(7) *Geneſ. 2. 24.*

(8) *Ex Geneſ.*

(9) *D. Auguſt.*

(10) *D. Joan. Chriſoſtom. homil. 55. in Geneſ.*

o Mundo parece foraõ os primeiros que nesta se prevaricàraõ. (11) Os Egypcios, Numidas, Taxilos, Garamantes, Parthos, Tracios, Nasamoens, Indianos, Scitas, Persas, e Mouros, totalmente se pervertéraõ; e como tinhão por fundamento, e fomento o sensual appetite para que tanto propende a inclinaçaõ humana, na falta de luz da Fé, outras muitas Naçoens do Mundo gostosamente os imitàraõ, e demasiando-se com mil excessos a barbaros costumes procedéraõ.

(11) *Josef. de Antiq. Catulo Poet.*

Os Antropophagos, Massagetas, Nasamoens, e Indos chegàraõ a tal excesso, que como se fossem bestas, ou féras irracionaes se ajuntavaõ com suas mulheres em publico, tendo muitas. (12) Os Scythas, Agartirsos, e Escocezes tivèraõ antiguamente as mulheres em commum, e seguindo a Republica de Plataõ eraõ tambem communs os filhos; com a mesma publicidade se ajuntavão. (13) Os de Arabia Felix observavão não ter mais que huma só mulher em matrimonio para cada huma geração, com a qual todos desta se ajuntàvaõ precedendo por ancianidade, sendolhe a morte infalivel se a outro de diversa geração admitia. (14) Os Massagetas, e Britanos não costumavaõ ter mais que cada hum huma só mulher, e não querendo parecer ambiciosos se aproveitavaõ della em commum. (15)

(12) *Ravis. Textor. in officina.*

(13) *idem ibi.*

(14) *Estrabo l. 16. de Geograph.*

(15) *Julius Cezar.*

Os Auxilos, e Nasamoens povos de Libia tinhaõ por costume quando algum ca-

zava

zava expôr ſua mulher a primeira noite a todos os convidados, iſto em honra de Venus; e depois vivia ſempre em caſtidade. (16) Os Adrimarchidas povos de Pennonia que habitavaõ junto do Egypto, levavaõ à preſença do ſeu Rey todas as donzelas que ſe queriaõ cazar, para que dellas fizeſſe primeiro o que lhe pareceſſe. (17) Os Eſcocezes praticavaõ levar primeiro ao Principe, ou Senhor do ſeu povo a dõzela que ſe havia receber, para que primeiro do que ſeu marido, uzaſſe della; e Mamoleo Rey deſta Naçaõ que foy ſeu terceiro Principe, tirou eſte horrivel abuzo, determinando que em lugar de acçáo taõ barbara pagaſſe ao Senhor do povo pela ſua virgindade hum ducado de ouro toda a mulher que quizeſſe tomar a vida conjugal. (18)

(16) *Plutarch. Silvius.*

(17) *Herodot. l. 4.*

(18) *Ravis. in Off.*

Fóy coſtume antiquiſſimo entre os Babilonios, e Aſſirios comprar por lanços communs em praça publica a mulher com quem algum houveſſe de cazar, uſo que poſteriormente imitàrão os Alarabes, e Mouros. (19) Nos povos de Cantabria ſe praticava dar o homem dote à mulher a quem queria receber (20) e nos de Lidia ſe concervou o abominavel uſo de ganharem as mulheres com publicidade illicita, e dezoneſtamente, os dotes com que houveſſem de cazar. (21) Os Medos, Magos, Ethyopes, e Arabes ſe deſoneſtavaõ com ſuas proprias mãys, e irmãs, e com eſtas vulgarmente he que contrahiaõ Matrimo-

(19) *Plutarch.*

(20) *Tacit. Roſſin.*

(21) *Eraſm. Plin. Livius.*

nio.

nio. (22) Os Ctiſtos habitadores de Tracia ſe deſpreſavaõ de cazar, e viviaõ ſem mulheres. (23)

Aqui me occorre que eſcrevendo neſta materia o famoſiſſimo Plataõ, diz que naõ podem bem viver os homens com mulheres, nem tambem ſem ellas podem os homens viver bem (23) e obſervando com Ariſtoteles os Filoſofos que a natureza dezeja ſempre o mais perfeito, razaõ porque appetecendo (como verificaõ as hiſtorias) muitas mulheres ſerem homens, naõ ſe conta que algum homem appeteceſſe o ſer mulher (24) deraõ occaſiaõ a queſtionar-ſe como ſe conſervaria melhor o Mundo ſe ſó com homens ſem mulheres, ou com mulheres ſós ſem homens? (25) Tem a primeira parte opiniaõ affirmativa com o fundamento de Deos em o principio do Mundo ter criado ſó ao homem, e ſupoſto de huma coſta ſua extrahio a mulher (26) ſe o naõ fizeſſe aſſim, havia conſervarſe o Mundo ſem mulher. Naõ falta quem a eſta opiniaõ ſe incline, obſervando a Pytagoras, Ariſtoteles, Alberto Magno, e ainda ao grande Apoſtolo S. Paulo. (27) Poderſehia aſſeverar, ſe à mente Divina não foſſe repugnante. (28)

A ſegunda parte da queſtão tem mais alguma probabilidade fundada em o ſentir de Ariſtoteles, e Galeno (29) reſpectivamente a aptidaõ da materia; mas como eſta não póde exiſtir ſem fórma, reputo apocrifas

(22) *Strabo. Elian. Cornel. Tacit.*

(23) *Valer. Max. Raviſ. Textor.*

(23) *Plato in lib. de Repub.*

(24) *Philoſophi. cum Ariſtotele.*

(25) *Torteles Academia 9.*

(26) *Ex Geneſ. 1.*

(27) *Pytagor. Phil. Ariſtol. l. 4. de Generat. animal. Alb. Mag. lib. 18. de animal. cap. 2. D. Paul. ad Corinth. cap. 11.*

(28) *Ex Geneſi. Non eſt bonum homin. eſſe ſol.*

(29) *Ariſtot. lib. de Generat. animal. Galen. lib 4. de utilitate partium.*

crifas taes opinioens, ſendo certo que ſem haver ambos os ſexos não ſe poderia o Mundo concervar.

CAPITULO IV.

Das pençoens laborioſas à que ſe ſogeitaõ os que tomaõ o eſtado, e vida conjugal.

HE tal a Providencia Divina, e diſpoſiçoens de Deos no governo do univerſo, que permitindo haja em todos, e para todos os eſtados peſſoas ſem temor expoſtas, parece lhe oculta os fins por lhe naõ deficultar os meyos, pois a naõ ſer aſſim, viviriaõ ſempre em irreſoluçoens os individuos, ſeriaõ as indigencias infaliveis, faltaria fermoſura ao Mundo, e eſte com facilidade acabaria.

Todos os modos de vida em que tem alguma ſubſiſtencia os mortaes certamente ſaõ pencionados, mas entre todos concidero a vida conjugal (pelo que reſpeita aſſim a hum como a outro ſexo) mais ſogeita a laborioſas pençoens, pois curioſo obſervo que extrahindo-ſe do gremio paternal hum homem na melhor flor de ſeus annos, não ha trabalhos a que ſe naõ ſogeite, perigos a que naõ ſe exponha, e cuidados com que não ſe atropele, jà cuidando o como ha de eſtabelecer a caza, jà como hade ſuſtentar a honra, e logo o como hade bem paſſar a vida com commodidade temporal.

Se a infelicidade de hum homem ſe encontra com huma mulher altiva, que naõ ſe ſubordine, com huma mulher louca que tudo lhe naõ baſte para galas, com huma mulher deſgovernada que ſó tenha ſobras de deſperdicios, oh que pencionada tem de ſofrer a vida conjugal! Mas que dirà de ſemelhante modo a triſte, e deſconſolada mulher ſe acerta com marido mal acondicionado, cioſo, e vicioſo! chora irremediaveis lagrimas, lamentalhe os deſcaminhos, e ſente os ſeus abſurdos; atè que vendo lhe falta ao preciſo da caza, e à ſuſtentaçaõ dos filhos tendo nos vicios exceſſo, ou ſe hade fazer eſtatua muda, ou ſe falando arguhio, logo pelo corpo pagou.

Eva foy a que pela ſua culpa occaſionou eſte trabalho ao ſeu ſexo, ficando todas as mulheres incurſas na condennaçaõ mais pennoſa à ſua altivès, ſendo eſta no Sacro Texto expreſſada: Eſtaràs no poder do marido, e elle te dominarà. (1) Tal ficou, e taõ preciza por eſte principio a ſua ſubordinaçaõ no Eſtado conjugal que a reputo pela mayor eſcravidaõ; porque ſe a qualquer eſcrava compra o que hade ſer Senhor, por ſeu dinheiro, a mulher que caza, compra com o ſeu dinheiro o ſer eſcrava; diſpende hum homem os ſeus toſtoens ſó para ter quem o ſirva, e huma mulher ſenhora por hir ſervir, e ficar cativa deſcarta-ſe dos ſeus toſtoens que podèra lograr em liberdade; doces achaõ muitas deſte grilhaõ os duros

(1) Geneſ. 3. 16

ros ferros, e goſtoſa a cadea em que ficaõ priſionadas, humas porque o naõ ſabem diſcorrer, e outras porque a alta providencia de Deos para a conſervaçaõ do Mundo aſſim o quer permitir.

Para ſinal deſta ſogeiçaõ, aponta Texto aſſertivo o Direito Cannonico, dera Deos os cabellos largos à mulher, prohibindolhe que os cortaſſem ſem licença dos maridos. (2) Marianna douto Eſcritor diz que no Concilio Illiberitano celebrado em Heſpanha no tempo de Conſtantino Magno ſe prohibio às mulheres eſcrever, nem receber cartas ſem licença dos maridos. (3) Por leys de Romulo mais antiguamente lhe tinha ſido prohibido com a meſma penna capital que o adulterio, o beberem vinho ſem licença dos maridos; Blondo para comprovaçaõ, florecendo pelos annos de 1450. diz vira huma antigua eſcritura de huns Romanos feita havia jà 300. annos, em que o marido dava licença a ſua mulher para o beber por tempo de oito dias quando pariſſe. (4) Egnacio Metello matou a ſua com açoutes porque ſoube que ſem licença o fez (5) Fauno Rey de Italia, e outros muitos por eſta culpa tiràraõ a ſuas mulheres a vida. (6)

Da pençaõ a que ſe expoem os cazados tendo, ou naõ tendo filhos, lhe reſultaõ em mais occaſioens exceſſivas pennas, que alegres goſtos, jà conciderando quaes ſeraõ (7) pois ſe vem a ſahir maos, ſentem os pays o ſeu mao ſucceſſo mais do que a ſua diſ-

(2) *C. Quæcumque 30. diſt.*

(3) *Joan. Marian. hiſt. de Heſp. l. 4. cap. 16.*

(4) *Blondo lib. de Roma triumphante.*

(5) *Idem ibi. Valer. Max. l. 6. cap. 13. de Servit.*

(6) *Viana nd Ovid. Metam. l. 1. n 16. Lactant. de falſa. relig. l. 1. c. 22.*

(7) *Eccleſ. 3. 18.*

graça propria (8) ou já ainda que bem procedaõ cuidando no eſtado, e ſahida que lhe haõ de dar, pois ſe aſſim naõ fizerem, poderaõ deſpenhar-ſe em percipicios, ou prevaricarem-ſe; iſto àlem do laboriozo diſvello a que eſtaõ ſogeitos de os criar, educar, e fazerlhe prompto (talvez que naõ tendo poſſes) o veſtido, e o ſuſtento; hà em fim nos cazados deſconçolaçaõ ſe naõ ha filhos; tendo-os tambem ſaõ deſconçolados, ſendo ſempre eſte eſtado appetecido dos mais.

O grande Emperador Antonino Pio diſſe que morria deſconçolado porque deixava filho (9) e Creſſo Rey de Lidia verificou que deſçonçolado morria porque os naõ deixava; O certo he que na vida conjugal ſaõ os mais os que dezejaõ eſta pençaõ; e certamente com juſtificada deſculpa, porque dizendo Chrizoſtomo ſerem os filhos imagem da Reſſurreiçaõ (10) quem os deixa, parece que naõ morre (11) daqui procede que os Juriſtas lhe daõ o efficaz Direito da repreſentaçaõ (12) reputando pay, e filho quaſi por huma ſó peſſoa (13) e o meſmo reſpectivamente às mãys.

(8) *In leg. iſti quidem §. ſine ff. quod met. cauſ. §. ſed Veteres. inſt. de noxal. act.*

(9) *Capitolin. in Anton. Pium.*

(10) *D. Joan. Chriſoſt. hom. 18. in Geneſ.*

(11) *Eccleſiaſt. 30. 4.*

(12) *L. 1 § 1. ff de ſuis, & legit. hæred. § cum filius; & §. ult. inſtitut. hæredit.*

(13) *L. ult. in fin. c. de impuber. & aliis ſubſt.*

CAPI-

CAPITULO V.

Moſtra finezas extremozas, e exceſſos notaveis que ſe obſervaraõ em peſſoas que contrahiraõ o eſtado conjugal.

NAõ ſey o que tem as finezas, e os exceſſos que ſaõ mais ordinariamente obrados pelas mulheres, que expreſſados pelos homens, ou ſeja pela docilidade do ſexo, ou pela natural propençaõ, pois tendo da pedra Iman a propriedade de atrahir, tambem a tem para fazer deſpenhar, ſabendo muitas vezes verificar com fraudulencias o que em algumas com realidade chega a expreſſar.

Sem fineza grande, e com grave appetite celebraõ os hiſtoriadores hum ſucceſſo celebre que em Roma pelos annos de 380. ſe obſervou em huma mulher viuva, que tendo ſido cazada com vinte e dous maridos ſucceſſivos, aos quaes todos dizia que muito amara, cazou novamente com hum homem viuvo que tambem o era de vinte mulheres ſucceſſivas huma a outra com quem cazara; e dizendo que amava muito a eſta, tanto que lhe morreo, ſahio a publico pelas ruas daquella fatal Cidade com huma capella de louro na cabeça, e huma palma na maõ moſtrando que havia alcançado a vitoria. (1)

(1) *Luigi Contarini Eſſempii delle donne. Pedro Mexia p. 1. cap. 34.*

Periandro Rey de Corintho vendo morta ſua mulher a quem queria com extremo, ſe fez entaipar no ſeu palacio, a donde

de andava em hum continuo paſſeyo chorando lagrimas, e dando vozes com que chamava, e falava á defunta como ſe eſtiveſſe viva atè que morreo tambem. (2) Menno vaſſalo de Nino Rey de Africa amando muito a mulher com quem cazàra, vendo que o ſeu Monarca lha pedia, offerecendolhe para eſpoſa em ſeu lugar huma filha ſua, e quando naõ lha deſſe, a furtava como fez, Menno naõ aceitando o partido a punhaladas ſe matou. (3) M. Plancio Numidico depois de haver ſogeitado Numidia à força de armas, vendo que Oreſtilla ſua mulher perdèra a vida, naõ podendo admitir coſolaçaõ na extremoſa penna ſe atraveſſou a ſi meſmo com hum punhal. (4)

(2) *Joſefo de Antiquitat.*

(3) *Gellio.*

(4) *Valer. Max.*

Tiberio Graco cazado com Cornelia filha de Scipiaõ Africano, achando hum dia no ſeu leito duas cobras macho, e femea, e explicandolhe os agoureiros que ſe mataſſe a femea morreria ſua mulher, e ſe ao macho, morreria elle, quiz voluntariamente experimentar eſte fato por fortuna perdendo com a morte do macho a ſua vida, para que ſua mulher a quem queria muito, naõ experimentaſſe tal fatalidade. (5)

(5) *Plutarco.*

Dario Rey de Perſia ſendo vencido por Alexandre, e deſpojado de grande parte do ſeu Reyno, moſtrou taõ generoſo animo, que nem ſe perturbou, nem ſe entriſteceo, mas dandoſe-lhe a triſte nova que ſua mulher era morta, porque a amava, chorou atè acabar a vida (6) e ſem buſcarmos tanta antiguidade, Rodrigo

(6) *Curcio, e Ariano.*

Rodrigo Sarmento Cavalheiro Hespanhol mostrou tal sentimento na morte de sua mulher que hum anno inteiro dormio vestido, nunca mais comeo sobre toalha, nem se assentou de alto. De modo semelhante se entende que anteriormente obrou Domingos Cataluzio Principe de Lesbo. (7) Outros fizeraõ excessos grandes.

(7) *Academia Franceza.*

De mulheres extremosas por seus maridos vio a antiguidade Laudomia mulher de Ificlo que acompanhando-o sempre a seu lado na guerra Troyana crudelissima, vendo-o morto lhe lançou os braços ao pescoço sem delle se apartar, e tirandolho ficou logo em terra morta às mãos do extremoso sentimento. (8) Antonia mulher de Germanico, e mãy do Emperador Claudio, vendo morto a seu marido, sentio a sua morte com excessos reputados por impossiveis.(9) Paulina mulher de Seneca vendo que o Emperador Nero mandára cortar a arteria a seu marido para que esvaido em sangue perdesse a vida, ella fez o mesmo a si propria acompanhando-o na morte. (10) Finalmente estes, e outros extremos semelhantes obràraõ por seus maridos outras muitas mulheres que no amor se acreditàraõ generosas.

(8) *Fulgoso.*

(9) *Maximo.*

(10) *Suetonio.*

Os historiadores celebraõ os excessos que Artemisa fez por Mausoleo seu marido, Julia filha de Cezar por Pompeo (11) Isicratea Rainha de Ponto por Mitridate (12) Sofia por seu marido Varro (13) Triaria por Lucio Vitellio (14) Tamisia por Tito (15)

(11) *Dion. Prus.*

(12) *Appiano Alex*

(13) *Mongdoneto.*

(14) *Plutarc.*

(15) *Plutarc.*

Li-

Livia Druſſila por Tiberio Auguſto (16) Emilia por Africano (17) Chilonia por Cleombroto (18) Sulpicia por Lentulo Cruſelio (19) Liſabela de Auſtria Rainha de França por Carlos IX. (20) Liſabetta filha de Ludovico Urbino por Roberto (21) mulheres extremoſas por ſeus maridos.

(16) *Dion. Pruſ.*
(17) *Valer. Max.*
(18) *Plutarc.*
(19) *Idem.*
(20) *Cezar Campan. lib. 3. hiſtor.*
(21) *Volaterrano.*

Semelhantes finezas experimentàraõ tambem em ſuas mulheres o Emperador Carlos IV. Ancio, Panteo, Ameto, Apuleio, Ligario, Straton Principe de Sidonia, Marco Curio, Abion, Blante, Crates Thebano, Anacarſes Scitha, Sexto Elio, Simaõ Athenienſe, Fabricio Romano, Fabio Maximo, os dous Filoſofos Democrito, e Anacreonte com outros muitos que por fugir à extençaõ, naõ repito. (22)

(22) *Apud Bugati. Appian. Plutarc. Juvenal. Marcial. Procop. Statius, Matteo Villani. Laert. Valer. Maxim. Plinio. Fulgoſ.*

Na gentilidade barbara ſe abaliſavaõ por mayores os exceſſos que as mulheres faziaõ por ſeus maridos, abraçando-ſe com ſeus cadaveres, lançando-ſe tambem com elles em o fogo, rito que ſe praticava na Azia Oriental (23) no Mogor, Ormùs, Coromandel, Bengala, Ethiopia, Perſia, Grecia, e outros muitos Reynos, ſendo tambem neſta acçaõ pontuaes os Brahamanos, e Turcos. (24)

(23) *Botero Relac. del mundo p. 1. l. 2.*
(24) *Anan. Ramuſ. Marco Polo. Vertam Luigi Contar. &c.*

CAPI-

CAPITULO VI.

Mostra, que ordinariamente naõ pòde haver no Mundo para o homem mayor trabalho, e ruina (ou cazado, ou por cazar) do que tratar, e sofrer huma mulher. Apontaõ-se por maravilha algumas em que este conceito se naõ vio verificado por heroicas acçoens que obràraõ.

A Todos se faz constante pelas letras Divinas, e humanas foraõ Adam, e Eva os primeiros dous consortes que no Mundo houve, e que Eva logo foy a mulher primeira por quem veyo todo o mal ao Mundo; occasionou a Adam seu esposo a mayor ruina (1) e motivoulhe o mayor trabalho (2) teve Adam de a sofrer todo o tempo que a tratou, pois acabàra Eva com Adam o que nem o mesmo demonio se atreveo a intentar, que para o preverter, por esta mulher he que o negoceou. (3)

(1) *Genes.* 2.

(2) *Genes.* 3.

(3) *Genes.* 3.

Naõ bastou este exemplo na cabeça alhea para que seus filhos, e netos achandose ainda solutos deixassem de participar este trabalho; e novamente persuadidos os virtuosos filhos de Seth pelas viciosas filhas de Caim, que sempre as mulheres para persuadir foraõ efficazes (4) as recebèraõ por esposas, e muito à sua custa experimentàraõ ruinas, e disgostos que sofrèraõ.

(4) *Bened. Fern. in Genes. sect.* 12. *d.*6.

Diz o Espirito Santo no Ecclesiastico, que melhor he o varaõ mao, que a mulher boa (5) sendo quasi o mesmo que dizer menos lastimado, e ferido sahirà o homem das

(5) *Eccles.*

mãos de ſeus inimigos, que das mãos de ſua amiga; menos danno fez Saul a David trazendo-o deſterrado, e fugitivo, do que Berſabea tendo-o em ſeus braços (6) de ver Sanſaõ a Dalila, e cativarſe de ſeu falço amor, reſultou cazar com ella, e tambem perder a vida. (7) Valerio diz que ouſada, e atrevida he a mulher para todo o que ama (8) Aureolo, e Media de Jaſon dizem que deve todo o homem pedir a Deos o livre de huma mulher atrevida mais que do meſmo demonio. (9)

Entre as feras, e barbaros animaes (notou S. Joaõ Chriſoſtomo) que nenhuma femea mata ao ſeu macho (10) e ſó a mulher com mais crudelidade que os brutos chega a matar ſeu marido, depois de ter por ella tolerado mil trabalhos; de muitas que o fizèraõ, fazem mençaõ as hiſtorias; e o Douto Mexia na ſua Silva, como tambem Textor na Officina contaõ ſucceſſos memoraveis de impiedade. Ryſimunda Princeza dos Gepidos matou a dous maridos Albino, e Hemilge Reys dos Longobardos (11) Albina Princeza de Lidia teve trinta e duas irmãas, todas cazaraõ, e matàraõ todas a ſeus maridos. (12) Quarenta e nove filhas de Danao (que mais teve) cazadas com outros tantos filhos de Egiſto conjurando-ſe huma noite, matàraõ todas a ſeus maridos. (13) Muitas as imitàraõ, remunerando deſta ſorte a ſeus maridos o trabalho de as ſofrer.

(6) 1. *Reg.* 20. & 21.

(7) *Jud.* 24.

(8) *Valer. in Epiſt. ad Rufin.*

(9) *Aureolus. Med. de Jaſ.*

(10) *D. Joan. Chriſ. homil* 14.

(11) *Mexia Silv. de Var. lic. l.* 2. *c.* 24.

(12) *Textor in off. Volater.*

(13) *Senec. trag. in Hercul. fur. Ovid. de art. am. l.* 1.

Foy

Foy mulher a primeira creatura que no Mundo houve dezobediente à voz de Deos (14) e muitas consecutivamente persegui-raõ a Igreja, e os seus Santos, arruinando outras ainda as mais famosas Monarquias: perseguio Jezabel ao Profeta Elias, Herodias ao grande Baptista, Justina a toda a Igeja, concorrendo para lhe introduzir o Arianismo; e muitas fazendo que se separasse a cabeça de seus membros, extrahindo, desterrando, e tiranisando a muitos Santos Pontifices. Fez Athalia com que se destruisse Judea, Cleopatra a todo o Egypto, Helena a inexpugnavel Troya, Bernice ao Imperio Assirio, Cedaça a Lacedemonia, Theophane ao Imperio Grego, Agripina ao Imperio Romano, as duas mulheres do Emperador Otho III. ao Imperio de Alemanha, Anna Bolena ao Reyno de Inglaterra, Musonia a Italia, e Brunichilde a toda a França.

Mas como o Mundo se compoem do bem, e mal, permitio com alta providencia o Artifice Soberano houvesse tambem algumas mulheres notaveis em o Mundo. Nas historias Divinas, e humanas achamos a fermoza Esther acudindo aos Israelitas, Judith degolando a Holofernes (15) Rahab livrando aos Soldados de Josué (16) Debora incitando aos Hebreos (17) Clotides trazendo a ElRey Clodoveo seu marido, e toda França à Fé de Christo; Gissa Irmã do Emperador Henrique fazendo o mesmo a Estevaõ

(14) *Genes.* 2.

(15) *Judith* 8. *&c.*

(16) *Josué* 2.

(17) *Judic.* 4.

vaõ ſeu marido Rey de Ungria, e a todo o ſeu Reyno; a filha de Uvincislao Rey de Bohemia reduzindo a todo o Reyno de Polonia, e a Micislao ſeu Principe com quem cazou; Tendo linda mulher de Agiulpho Rey dos Longobardos venturoſamente os converteo. Irene mãy do Emperador Conſtantino fez celebrar o Concilio Niceno, e a Emperatriz Pulcheria aõ Calcedonence, eſte para deſtruhir as herezias de Dioſcoro, e Eutiches, aquelle para reſtituhir o culto às imagens Sagradas; a todas ſe aventajou na gloria a Emperatriz Helena Santa, deſcobrindo a Cruz Santiſſima de Chriſto prenda eſpecioſiſſima da Igreja, e fazendo com que o Emperador Conſtantino filho ſeu, e todo o ſeu Imperio abraçaſſe o Chriſtianiſmo. (18)

(18) *Vid. Villeg. Flav. Dextr. in Chronic. an. 311. Baron. nos an. p. 3.*

Na hiſtoria humana encontramos a Placidia, e Dominica, eſta deffendendo a Conſtantinopla, e aquella o Imperio Grego do furor dos Godos; Joanna de Lorena no tempo de Carlos VII. deffendendo a França dos Inglezes; Zenobia Rainha dos Palmireos deffendendo-os do Perſa, e huma famoza irmã de D. Pelayo occaſionando a reſtauraçaõ de Heſpanha contra os Mouros. Para complemento, e credito da vida conjugal ſe abalizàraõ as celebres Amazonas deſpicando ellas ſós com viva guerra a morte de ſeus maridos. (19) As naſcionaes de Vinsberg na batalha em que ſahio vencedor Conrado III. ſendo-lhe concedido a partido

(19) *Mezia na Silva l. 1. cap. 10.*

partido que ſahiſſem levando ſó o que podeſſem às ſuas coſtas, uſáraõ da varonil induſtria de cada huma carregar com ſeu marido (20) As Lacenas mulheres dos Minias vendo-os prezos pelos Spartanos, e condenados à morte, a tempo que ſe havia executar a penna, pedindo, e dandoſe-lhe licença para entrar no carcere a darlhe os ultimos amplexos, os mudàraõ de habito trocando as veſtiduras, e ſahindo elles com veos pretos em o roſtro por ſinal de penna, a toda ſe quizèraõ ellas ſogeitar com eſta induſtria, achando-ſe por ſeus maridos em o carcere. (21) Socedeo iſto em outro tempo, que neſte ordinariamente ſó occaſionaõ a ſeus maridos ruinas, e trabalhos, ſendolhe precizo reveſtir-ſe de muito ſofrimento.

(20) *Floſcul. hiſtor. p. 2. cap. 4.*

(21) *Valer. Max. d. l. 4. c. 6.*

APPENDIX
A ESTE VI. LIVRO

Em que ſummariamente ſe expoem a todos os eſtados, e qualidade de peſſoas a precauçaõ, e utilidades da Vida continente.

A Todas as peſſoas de hum, e outro ſexo em qualquer eſtado que vivaõ, aconcelha o grande Apoſtolo S. Paulo, e com elle todos os Santos Padres, e Doutores da Igreja a exacçaõ utiliſſima (para o eſpiritual, e temporal) da vida continente; e como o eſtado de cazados foy o primeiro que no Mundo houve,

houve, devem ser os cazados os primeiros que vivaõ em castidade conjugal (1) esquecendo-se de libidinosos appetites as pessoas que tendo jà aquelle estado se achaõ no da viuvès; e naõ se lembrando, os que solteiros vivem, dos depravados gostos sensuaes com que o Mundo lhe brinda, e com tantos prejuisos espirituaes, e temporaes os intenta o demonio perturbar.

(1) *Vide Ep. D. Paul. & com. PP. & DD.*

Saõ os olhos as janellas por donde com facilidade grande a culpa entra; Jeremias lhe chama ladroens e salteadores, pois roubaõ os coraçoens das mulheres (2) e por isso o S. Job com os seus olhos fez concerto de naõ olhar para alguma (3) pelo perigo a que se expoem ainda a mesma Santidade. O Apostolo S. Pedro diz que saõ os olhos hũ adulterio dilatado, e continuo delicto (4) S. Cypriano verifica q̃ sendo os olhos do Aspide peçonha, saõ os da mulher pestilencia. (5) Naõ fora talvez David adultero, se naõ olhara para Barsabea (6) nem Aman incestuoso, se em Thamar sua irmã naõ pozera os olhos (7) Democrito sendo gentio tirou os olhos por naõ ver mulheres (8) e Alexandre Magno temeo visitar a mulher, e filhas de Dario, porque sabendo eraõ fermosas, ao mesmo tempo que se achava vencedor, receou ficar vencido. (9)

(2) *Hierem. c. 3.*

(3) *Job. 13.*

(4) *2. Petr. 2.*

(5) *D. Cyprian. l. de singul Clericor.*

(6) *2. Reg. 1.*

(7) *2. Reg. 13.*

(8) *Tertulian.*

(9) *Plutarch. Textor off.*

Nos Proverbios está dizendo Salamaõ que desviemos os passos da caza de mulher, e que naõ cheguemos ao seu portal, porque saõ portas da Morte, e do Inferno. (10) S. Agos-

(10) *Proverb.*

Agoſtinho verifica que quem naõ evitar a converſaçaõ das mulheres cahirá na mayor ruina (11) o Sabio inſinúa que tocar huma mulher he tocar hum Eſcorpiaõ (12) e S. Nilo depois de aſſeverar que a viſta de huma mulher he ſetta ervada que ao corpo, e eſpirito mata, diz q̃ he melhor ao homem moſſo chegar-ſe a hum activo fogo do que a huma mulher, porque o ardor do fogo farà fugir a maõ, e a da mulher naõ ſabe ſe o farà. (13)

(11) *D. Auguſt.*

(12) *Eccleſ. 26.*

(13) *S. Nilo orat. 2 contra vitia.*

Summo mal dos homẽs, e lança mais aguda com que o Demonio fere, chamou S. Joaõ Chriſoſtomo ás mulheres (14) e naõ ſem cauſa o mal que Euripides deſejava a ſeus inimigos era que as tiveſſem por inimigas (15) pois ſaõ mais indomitas que os brutos, e mais vingativas do que as feras. Alimentàraõ corvos a Elias (16) Aſpides temèraõ ao Baptiſta (17) Leoens perdoaraõ a Daniel (18) e ſalvou huma Balea a Jonas (19) mas huma mulher perdeu a todos, e a nenhum perdoou, ſe com ellas quiz tratar.

(14) *D. Joan. Chriſ homil. 14.*

(15) *Euriped. in Oedip.*

(16) *3. Reg. 17.*

(17) *Chriſoſt. hom. 14. in decol. Joan. Bap.*

(18) *Dan. 6.*

(19) *Joan. 2.*

Se pois o que he Catholico quer que lhe perdoe Deos, naõ ſe perca por mulheres, conhecendo ſer a continencia a mayor virtude, e a cẽſualidade o mayor peccado; quem para remedio deſta ſe ſogeitou ás pencionadas Leis do Matrimonio no meſmo eſtado ſem admitir diſtracçaõ, cuide de obſervar a Caſtidade conjugal vivendo com fiel ſubordinaçaõ à Ley Divina; Quem naõ tomou eſte eſtado deve naõ ſó ſer caſto, mas limpo, e puro,

puro, amando a virgindade, pois antecede esta ao celibato, e o celibato ao Matrimonio, que se a sorte dos cazados segue a natureza, a dos solteiros pende da Graça, e a dos Virgens participa da gloria.

Gloria grande merecèraõ certamente alguns cazados que naõ se contentando só com a felix obsservancia da castidade conjugal, concervàraõ ditosa virgindade no estado, e vida do Matrimonio; fazem mençaõ as historias dos Santos Valeriano, e Cezilia, Juliaõ, e Basilissa, Chrisanto, e Daria, Publio, e Anastacia, Marciano, e Pulcheria, Theophanes, e Theodora, Martiniano, e Maxima, Henrique, e Conegunda, Galaccion, e Epicteme, Eduardo com Editha, Ecardo com Catherina de Suecia, Estevaõ Rey de Ungria com huma filha de ElRey de Dalmacia, Ansberto com Anyadrisina, Egfrido com Edeltruda, Zacharias com Maria, Elzeario com Delfina, Boleslao com outra Conegunda, e Dom Affonço o casto Rey de Hespanha com Berta irmã de Carlos Magno. Deos os poz no Mundo para estimulo dos cazados, e protentoso exemplar para os que o naõ forem, incitando a todos que se naõ merecem a gloria de virgens, sejaõ ao menos castos em vida continente.

Sendo pois esta insinuaçaõ universal para todos de hum, e outro sexo, cazados, viuvos, solteiros, e ainda para os que viverem em qualquer outro estado, devem ser

todos

todos castos, e continentes, evitando naõ só offenças de Deos, mas a ruina de sua propria alma, e perjuizo grave de seu corpo; de se naõ absterem as humanas creaturas dos appetites venereos lhe provèm enfermidades, debelitaõ-se as forças, destroe-se a substancia, diminue-se a vida, e apropinqua-se a morte. (20)

Reputou o S. Job ao peccado peor do que o inferno (21) e por Geroglifico de hum peccador lascivo expoz o douto Picinello a figueira braba (que nòs chamamos do inferno) com este lemma *Durissima mollit.* (22) Ainda em muitos Gentios a quem faltava a luz da fé, era abominavel este vicio (23) cuidavaõ de refrear os appetites de Venus (24) e os que se distrahiaõ com excesso, eraõ punidos. (25) Avicena escrevendo na materia como quem a entendia, diz que hum só congresso sensual causa tal dispendio de forças, como quarenta annos de emissaõ de sangue na sangria (26) e Claudiano lendo aos pès da estatua de Venus este epigrafe: *Unusquisque se eviscerat luxuriosus* que a antiguidade pozera, discretamente cantou.

Luxuria perdulce malum, quæ dedita semper
Corporis arbitriis bebetat caligine sensus,
Membra que Circæis effæminat acrius herbis. (27)

(20) *Provebr.* 2. 18. *Luc.* 15. 13. *de fil. prodig.* *D. Bernard. Ab.* *D. Bernardin t.* 1. *Serm.* 24. *art.* 1. *Clem. Alex. Stro.* *Chrisost. hom.* 23. *Plinius. Galen.*

(21) *Job.* 14. 13.

(22) *Phelip. Picinel. Mund. simbolic. lib.* 9. *n.* 165.

(23) *Tertul. Livius.*

(24) *Valer. Max.*

(25) *Plato de Legib.*

(26) *Avicena apud Bisciolam lib.* 2.

(27) *Claudian. l.* 2. *de Stelic laud.*

LIVRO SETIMO

Vida Literaria.

CAPITVLO I.

Mostra as excellencias, utilidades, e effeitos da sabedoria; expoem o quanto para a aprehençaõ das sciencias se faz preciza a Arte da memoria; apontaõ-se algumas pessoas que nesta foraõ notaveis.

HUma das mais excellentes, e sublimadas prendas com que a sabedoria Divina adornou a creatura humana, foy o darlhe aptidaõ, e capacidade para que (suposto com o dispendio do seu disvelo) aprehendesse todas as sciencias; à primeira humana creatura que o Mundo vio, e algumas outras (pois he illimitavel o poder Divino) concedeo por modo superior o mesmo Deos esta ditosa profluencia, que lhe infundio com a mayor ventura; e suposto aos mais naõ poupasse o trabalho, quiz participarlhe a mesma gloria para os germanar em a coroa.

Das entranhas da terra sahe o ouro, e tambem nellas se acha o diamante, trazendo ambos entre si huma uniaõ taõ conforme, que suposto sejaõ remotas as patrias, sempre

ſempre ambos vem a fazer companhia: ainda que nos outros metaes ſempre o diamante luſtre, no ouro como em ſeu natural he que o diamante brilha; e ſe o ouro para merecer eſte engaſte, padece primeiro incendios, bem he que quem appetecer o precizo eſmalte das ſciencias ſofra primeiro diſvelos, e trabalhos.

Toda a ſabedoria, de Deos procede (1) e o demonio para poder tentar a noſſos primeiros pays, diſſelhe que ſeriaõ ſabios como Deoſes (2) ſim he verdade que a ſciencia incha (3) mas evitado o perigo deſta culpa, diz o Eſpirito Santo que a amemos. (4) Mais do que Reynos, e Solios eſtimou Salamaõ a ſabedoria (5) e com razaõ, parece, que a preferio às armas (6) porque ſe o poder tem as forças da vontade, a ſabedoria occupa o lugar do entendimento; e ſe nos exercitos ſaõ as vigias as que avizaõ do damno para que aquelle corpo naõ pereça por deſcuido; a toda a creatura ſervem os ſentidos de Soldados, mas de todos elles he a ſabedoria cintinela.

(1) *Eccl.* 1. 31.

(2) *Geneſ.* 3.

(3) 1. *ad Corinth.* 2.

(4) *Sap.* 6. 22.

(5) *Sap.* 7. 7.

(6) *Sap.* 6. 2.

O homem que por ſua culpa he ignorante, e neſcio, ſem que às ſciencias ſe applique, naõ he homem; he hum corpo ſem alma, ou hum homem pintado, como diſſe hum diſcreto: *Homo ignorans eſt quaſi homo pictus, & homo ſimbolice* (7) ou he nau ſem leme, barco ſem remo, campanario ſem ſinos, torre ſem grimpa, relogio ſem curſo, fonte ſem agua, jardim ſem flores, arvore ſem frutos,

(7) *Ivo Capac. Digeſt. tom.* 1. *Minoritas cognitionis.*

guiſado ſem ſal, e Mundo ſem Sol.

As utilidades, e effeitos da ſabedoria naõ ha alguem por mais ruſtico que ſeja, que as ignore; entre as que naõ repito, aclara os diſcurſos, ſopèa as vontades, expulſa os vicios, introduz as virtudes, encaminha a Alma, rege o corpo, explica os conceitos, utiliſa os homens,ferteliſa os campos, ſuſtenta os Reynos, deffende os Imperios, mede o Mundo, conta os Ceos, numèra as Eſtrelas, e trata de Deos.

Em todas as Monarquias do Mundo foy ſempre a ſabedoria eſtimadiſſima, e em muitos com exceſſo grande venerada, no que muito ſe abaliſou Grecia, Athenas, e Roma; mas ſendo neſtes, e em outros mais Imperios tantos, e taõ reſpeitados os ſabios, quantos, e quam attendidos os doutos, ſendo limitado mappa eſte volume todo para ſó delles expender hum abreviadiſſimo Cathalogo, offereço o abreviado Index ſó dos que allego neſte tomo, e remetome às obras illuſtriſſimas de todos, com que (oſtentando feliz ſabedoria) as mayores, e mais celebres Livrarias do Mundo ſe exornaõ.

Para a ditoſa comprehençaõ com que na vulgaridade ſe adquirem as ſciencias, he utiliſſima a arte da memoria, que como Plinio, e Quintiliano eſcrevem (8) foy inventada por Simonides Melico, como elle meſmo inſinùa [9] dandolhe occaſiaõ Scopas em Thezalia: foy eſta artificial, e local, carecendo o homem de aprehenſiva, e reten-

(8) *Plin. l. 7. Quintil. l. 11.*

(9) *Simonid. in l. de Orator.*

retentiva; e ſendo o entendimento, imaginaçaõ, e memoria, como partes neceſſariamente concurrentes, as officinas em que com a lima do diſcurſo ſe luſtraõ, e illuſtraõ todas as ſciencias, vejamos o como obraõ, para deſterrar ignorancias.

He o Entendimento hum lume natural que a Alma tem para entender, pois como propriedade, e natural virtude, Deos autor da natureza o deu à Alma (10) por elle, àlem de outras excellencias, ficou a creatura imagem do Creador (11) no Entendimento pouco a pouco vaõ entrando as eſpecies, e figuras das couſas, pois ſem ellas naõ he poſſivel entender (12) e ſupoſto ſejaõ obſcuras, e confuſas, acodem as ſemelhanças ſenſiveis como exemplar, para que o Entendimento poſſa entender, trabalhando induſtrioſo, e formalizado com a repetiçaõ de actos, poſſa adquirir habito, e entre com felicidade a raciocinar, e diſcorrer.

He a Imaginaçaõ huma potencia que o meſmo Autor da natureza poz no homem, com a qual julga de todas as couſas ſenſiveis, ou eſtejaõ preſentes, ou auſentes (13) por ſer cognoſcitiva, lhe deu a natuteza perſpicacia para concervar as imagens (14) e ſubtileſa para conhecer as qualidades nas viſiveis, ſendo taõ induſtrioſa que tem poſſibilidade para fazer huma ſó imagem de todas quantas tiver na repreſentaçaõ.

He em fim a Memoria natural huma potencia, pela qual o animo repete o que perce-

(10) *P. Leandr. de Granada trat. lus de marav. diſc. 4. §. 1.*

(11) *Geneſ. 1. 26. Eccleſ. 17. 1. Vid. Mag. ſent l. 2. diſt 16. §. 4. D. Thom p. 1. q. 93.*

(12) *D. Thom. p 1. q. 84. Scar de anim. l. 4. cap. 1. & 5.*

(13) *D. Aug. l. 12. c. 7.*

(14) *P. Leandr. cit. diſc. 1. §. 1.*

percebeo (15) ſendolhe ſempre util a cultura; Ariſtoteles lhe chamou Reminiſcencia (16) e aſſim a appellidaõ muitos ſabios (17) reſpectivamente à concervaçaõ das eſpecies inteligiveis: pelo que defecado o Entendimento de toda a materialidade, informado pelas qualidades dos objectos, e pulido pelas ſutileſas do diſcurſo, ſe faz digno receptaculo de todas as ſciencias, conſtituindo a creatura diſcreta, e ſabia, ſe ſe applica à vida Literaria, iſto com a prenda da natural, ou artificial memoria.

(15) *Cicer. de Rhet. & de invent. l. 2.*

(16) *Ariſt. l. de Anim. Policrat. Galen.*

(17) *Polyanth. verb. Memor. cum multi.*

Neſta excellencia ſe fizeraõ celebres (como referem Plinio, e Solinio (18) muitas creaturas: mencionando a Cyro Rey de Perſia, que chamava por ſeu proprio nome a todos os Soldados que trazia no ſeu grande exercito. Mitridates Rey de Ponto que falava vinte e duas linguas diverſas de outras tantas Naçoens que tinha na ſua obediencia: (19) Cyneas Embaixador de ElRey Pyrro no ſegundo dia que entrou em Roma, falou pelos ſeus nomes a todos os Senadores, e muita plebe que os acompanhavaõ. (20) Julio Cezar coſtumava juntamente eſcrever huma carta, notar outra, e converſar com os que aſſiſtiaõ, o que tambem ſe diz do Emperador Adriano (21) Elio Adriano dizia os nomes de todos quantos Soldados tinhaõ militado debaixo de ſuas bandeiras (22) Scipiaõ Aziatico irmão do Africano repetia os nomes de todos os habitadores de Roma (23) Seneca de ſi eſcreve que dizia

(18) *Plinius. l. 7. Solinus.*

(19) *Valer. & Plinius.*

(20) *Eutrop. l. 2. de la guerra Tarentina.*

(21) *Sparcian. & Plinius l. 7.*

(22) *Aurel. Vit.*

(23) *Plin. l. 7.*

zia dous mil nomes pela ordem que os achava, e repetia da meſma ſorte duzentos verſos, ainda do fim para o principio (24) Ariſtophano Poeta o excedeo na preſença de Ptolomeo Rey do Egypto (25) e Themiſtocles quaſi o igualou (26) mas Gorgias Leontino com admiraçaõ de toda Grecia, e Athenas parece venceo a todos na excellencia da memoria, e lhe levantàraõ na Ilha de Delfos huma eſtatua de ouro. (27)

(24) *Seneca.*

(25) *Viturv. in præfat. 7.*

(26) *Plin. l. 7.*

(27) *Plato in Gorg. Plin. c 4. l. 33. Valer. Max.*

CAPITULO II.

Da Gramatica, e Rhetorica; moſtra-ſe a ſua origem, e ſe lhe explanaõ as excellencias.

SEndo (como he) a Gramatica baze fundamental de todas as ſciencias, pois deſta carecem todas para a ſua intelligencia, e ſolida percepçaõ, faz-ſe accredora à primaſia na ordem com que me reſolvi a eſcrever. He eſte nome Gramatica, como Fabio verifica, derivado do antiguo, e Grego vocabulo Gramma, que quer dizer Letra (1) razaõ porque tambem antiguamente aos profeſſores deſtas letras chamavaõ Literatores, e appellidavaõ a eſta engenhoſa arte Literatura, nome que poſteriormente Suetonio atribuhio genericamente naõ tanto aos que chamamos hoje Letrados, quanto aos que tinhaõ qualquer applicaçaõ às letras. (2) A'quelles pois que hoje pelo ſom, e rigor da palavra nòs denominamos Gramaticos, chama-

(1) *Fabius de Gramatica.*

(2) *Sueton. hic.*

chamavaõ os Gregos, Grammatiſtas.

Teve eſta arte ao principio [como Suetonio inſinua] ſeu mixto de Rhetorica, e Oratoria (3) pois ſendo o ſeu miniſterio conſiſtente em ſaber falar pondo acertada direcçaõ nas vozes, deduzir as palavras, formalizar os conceitos, concordar os generos, e frazear com eloquencia; iſto meſmo inculcaõ a Oratoria, e Rhetorica, ſó eſpecialiſando-ſe com propriedade a Grammatica na aprehençaõ dos primeiros principios capacitando nas nominaçoens, moſtrando os numeros, generos, e caſos, preſentes, preteritos, e futuros; para que ſabidos os tempos, declinaçoens dos nomes, cazos, e conjugaçaõ dos verbos, inſtruhido o principiante nos rudimentos, e dando às ſylabas acertada conſonancia na loquella, appareça a Oraçaõ Grammatical bem composta, e bem regida.

Nobilita-ſe a Grammatica entre todas as ſciencias, porque das ſciencias todas he baze, e fundamento a Grammatica (4) tendo entre todas as artes, e eſtudos (como Quintiliano diz) mais proveito que apparato (5) os antiguos hiſtoriadores verificaõ ter ſido a arte da Grammatica inventada por Hermippo, mas eſte como diz Laercio dà primaſia no invento a Epicuro (6) e a Plataõ, Suetonio. (7) Entre os Gregos, Egypcios, e outras Naçoens antiguas foy menos tratavel eſta arte. Entende-ſe que Crates Malote depois da morte de Ennio, no

(3) *Sueton. lib. 1. de Gram.*

(4) *Fabius l. de Gram.*

(5) *Quintil. de Gram.*

(6) *Laertius l. 10.*

(7) *Sueton. hic.*

no tempo que diſtou entre a ſegunda, e terceira guerra Africana, foy o primeiro que introduſio eſta arte da Gramatica em Roma ſendo enviado áquella Corte por ElRey Attalo. (8)

(8) *Laertius. Euſeb. Diodor. Joſeſus.*

Foraõ antiguamente neſta arte eminentiſſimos Didymo, Marco Varro, Antonio Enipho, Marco Tulio, Nigidio Figulo, Valerio Probo, Palemon, Ariſtoteles, Suetonio, Theodoto, e Ariſtarcho; todos lhe dèraõ normas, e nella eſcrevèraõ, mas nos poſteriores ſeculos houve outros bem conhecidos que reduzindoa às mais perfeitas regras, ſapientiſſimamente a illuſtráraõ. (9)

(9) *Macrobius.*

A Rhetorica, arte ſempre eſtimadiſſima, que no ſentir dos diſcretos tem differença da Oratoria, e na opiniaõ de Cicero em ſinco partes ſe divide, ſendo eſtas as que deve ter aquelle que for bom Rhetorico (10) enſina o modo de falar com eloquencia, compor, veſtir, e ornar o que ſe diz, e eſcreve, para o que dà certas regras, e tem ſolidos preceitos. Sem a total fermoſura com que a obſervamos (eſcrevem com Diodoro antiquiſſimos Autores) que fora Mercurio o Inventor (11) Ariſtoteles atribue ſeu primeiro invento a Empedocles (12) e deſte ſentir he Quintiliano (13) tirando a primazia neſta gloria a Syrio Phenicides.

(10) *Vid. Cicer. lib. de Orator.*

(11) *Diodor. l. 1.*

(12) *Ariſt. de Rhet.*

(13) *Quintil. l. 3.*

Ao S. Henoch a daõ muitos SS. PP. e DD. em o anno 987. da creaçaõ do Mundo.

do. (14) Depois do diluvio restauràraõ a Rhetorica os filhos, e netos de Noè, especialisando-se nesta acçaõ Tubal vindo (como dissemos) fundar, e povoar a nossa Lusitania. (15) Os primeiros que com seus escritos a exornàraõ sabendo-lhe dar preceitos, e normas certas, foraõ Corace, e Crecias Lyracusanos (16) suposto outrem diga, que Corace, e Thisia Cezilianos. (17) Gorgias Leontino, e seu discipulo Issocrates a melhoràraõ na perfeiçaõ, motivo porque os Athenienses lhe levantàraõ estatua. (18)

Inculca esta scientifica arte aos seus professores notavel honra; no povo Romano repetidas vezes se observou serem alguns Rethoricos só por esta prenda, elevados a dignidades relevantes (19) Servio Sulpicio, Appollonio, e Molon, della extrahiraõ honras, e utilidades. (20) Hermagoras, Agamenon, Theodetes, Hermogenes, Seneca, Cicero, Pericles, Monelao, Nestor, Ulyses, e Paris foraõ na Rhetorica eminentes. Em o presente seculo ElRey D. Affonso V. nosso Monarca Lusitano foy Rhetorico insigne por eloquencia, e naturalidade.

(14) *D. August. de Civit. Dei l. 15 c. 23. Beda in Eplsiol. Perrer. in Genes. l. 7. Tertul. l. de Idolatr.*

(15) *Valer. Max. Appian. Alexandr.*

(16) *Volater. apud Ant. de Souz. p. 1. cap. 27.*

(17) *Polliodor. Vir.*

(18) *Pierio Valer. l. 49 Hyerogr. fl. 485.*

(19) *Servius.*

(20) *Budeus de Asse. l. 2. Plin. l. 7. c. 28. Hector. Pint. in Dial. 2. c. 26. p. 2. Pompon. let in leg. 2. §. deinde ff. de Orig. jur.*

CAPI-

CAPITULO III.

Da Oratoria, e Poesia; explanaõ-se os seus principios; declaraõ se as qualidades, e mostra-se destas duas scientificas artes a relevancia. Toca-se na Satyra, e na Historia.

A Oratoria que em todas as idades do Mundo mereceo sempre grande estimaçaõ, he huma arte scientifica que no seu expressivo inculca magestade; he o seu emprego louvar, e reprehender, ensinar, e admoestar, regulando por normas certas os seus dictames, attendida a mais relevante eloquencia na direcçaõ das vozes, composiçaõ do corpo, e correspondencia de acçoens, se chega a representar-se. Os antiguos chamàraõ à Oratoria, Sapiencia (1) e nella descobrem os politicos a mayor felicidade para o bem commum, pois a sua eloquencia sabe expellir da Republica os vicios, introduzir as virtudes, reformar os costumes, pacificar os animos, e socegar os tumultos. Mostrou muitas vezes a Oratoria eloquente (como as historias universaes referem] que tinha poder para humilhar soberbos, entronizar humildes, desfazer exercitos, levantar cercos, conciliar Monarcas, e deffender Imperios, para bem da patria, observancia das Leys, e publica conveniencia; razaõ talvez porque os Emperadores Leaõ, e Anthemio chamàraõ à voz dos Oradores Voz gloriosa. [2]

(1) *Omphalius. de elocutione cap. 5. in princip.*

(2) *In l. Advocatis 14. Cod. de Advocatis. divers. jud.*

Na formaçaõ do ſeu invento [ſe tambem ſe naõ deve a Phenicides] ha diſputa entre os Eſcritores; verifica-ſe que entre os Oradores Gregos Demoſthenes logrou a primaſia, como Marco Tulio Cicero entre os Latinos, ſendo de toda Roma o aſſombro illuſtrando a Oratoria. Os mayores homens, e Principes que no Mundo houve ſe applicàraõ antiguamente a eſta arte, moſtrando quanto a eſtimavaõ. Os Emperadores Cezar, Tiberio, e Auguſto a honràraõ; Socrates, Aſclebiades, Salluſtio, Ulyſes, Agamenon, Iſſocrates, Menelao, Appollonio, Pollion, e Livio com outros muitos ſe moſtràraõ na Oratoria peritiſſimos. (3)

He alma da Oratoria a Hiſtoria, pois com eſta aquella ſe illuſtra, e exemplifica, capacitando-ſe para mais mover os animos, e occaſionar honroſos appetites dignos de gloria, e fama. O primeiro que a eſcreveo (diz Plinio) que foy Cadmo Milegio (4) Euzebio, e Plinio ſupoem anterioridade neſta acçaõ atribuindo-a aos Hebreos. (5) Jozefo, e Plutarcho a ſuppoem dos Babilonios, e Egypcios. (6) Apuleyo, e Eſtrabo daõ a Pherecides a primaſia (7) e entre os Filoſofos a teve Xenophonte como Laercio eſcreveo. (8) Foraõ hiſtoriadores famoſos Thucidides, Herodoto, e Theopompo entre os Gregos; Titolivio, Criſpo, e Saluſtio entre os Romanos.

A Poeſia diſcreta logrou ſempre no Mundo excellencia: na antiguidade merece

(3) *Vid. Plutarch. de Claris orator. Textor in officina; & in tt. de Orator. in princip. Cicero de perf. orat. Hector Pinto ex aliis dialog. 2. c. 6.*

(4) *Plin. l. 7.*

(5) *Euſeb. l. 10 de Phræpa. Evang.*

(6) *Joſef. lib. 1. contra Apion. Plutarch. l. 6.*

(7) *Apuleyo l. in florid. Eſtrab. l. 1. de Geograph.*

(8) *Laertius in vita Philoſofor.*

ce o mayor credito, na poſteridade tem naõ menor gloria: ſabios ſe denominavaõ os Poetas [9] Santos os appellidou Tulio (10) Deoſes os venerou o Gentiliſmo: (11) Para illuſtrar todas as ſciencias, e faculdades apareceo a Poeſia no Mundo: Deos foy o que para louvor ſeu a permitio, e Moyſés (dizem) o primeiro que a inventou. (12) David famoſamente a ſeguio (13) e Maria Sacratiſſima lhe deu o mayor luſtre, compondo em metro ſeu ſoberano Cantico.(14) Foy antiguamente, e muito mais que hoje a Poeſia, eſtimadiſſima, e reputava-ſe verdadeiramente dom de Deos; nella faziaõ os antigos ſeu eſtudo principal para ſe inſtruir nos bons coſtumes (15) e era entre todos como ſingulariſſima prenda eſtimada.

Da meſma Igreja triunfante, e militante mereceo attençoens a Poeſia; porque no Ceo com verſos, e hymnos, a Coros, louvaõ a Deos os Anjos, e na terra, por imitaçaõ, com plauſivel culto o louvaõ os homens nos Coros. (16) Para eſte effeito com ſuas obras concorrèraõ Moyſés, e David, que jà mencionamos, imitando-os outros mais varoens inſignes que no Mundo florecèraõ, abaliſando-ſe neſta acçaõ o Luſitano Pontifice S. Damazo, e Urbano VIII. com outros muitos Padres, e Doutores que com hymnos para feſtividades proprias em diverſos metros moſtràraõ engenho, e luſtre.

Em particulares verſos dirigidos ao louvor Divino ſe eſmeràraõ engenhos delicados

(9) *Plat. l. 2. de Repub.*

(10) *Marc. Tul. orat. pro Archia Poeta.*

(11) *Quintil; Plutarc.*

(12) *Euzeb l. 2. de Preparat. Evangel. Joſeſus l. 2. de Ant.*

(13) *Joſef. l. 7. de Antiq. D. Hyeron. in Prol.*

(14) *Maldonad. in Luc. Carthagen. p. 1. l. 6. hom. 9. &c.*

(15) *Strabo l. 1.*

(16) *Ex Pſalmis. Eccleſia in Præfat. Miſſæ cum Angel. hymn. glor. tuæ canimus. &c.*

cados em Naçoens Catholicas; innumeraveis foraõ como os noticiosos sabem; e naõ sendo tanto de admirar no sexo varonil pela relevancia do discurso, quanto no feminil sexo; neste se fizèraõ celebres Falconia inclita Romana, que dos versos de Virgilio, e a Emperatriz Eudoxia que dos de Homero compozeraõ a vida de Christo transmutando o profano em o Divino com a mayor energia, e ellegancia.

Mas tambem pelo contrario: como a inclinaçaõ humana sempre para o mal propende, foraõ, e saõ infinitos os autores que com excesso vicioso se inclinàraõ ao profano em os seus versos, servindo alguns de escandalo aos ouvidos Catholicos, tomando exemplares gentilicos em cujas obras ha cousas indignas de se lerem, como se acham nas Eclogas de Virgilio, nos Metamorphozis, na Arte de Ouvidio, nos Epigrammas de Marcial, nos passos de Orlando de Ariosto, no Adonis, Epithalamios, e varias partes de Horacio, e de Marino. Em os nossos tempos tem havido, e ha alguns que talvez reputando suas obras mais, que as de Camoens Lusitano insigne, illustres, rompèraõ em dezatinos, e loucuras: deixo-os em silencio pois naõ quero parecer critico, e he materia odioza; quereriaõ parecer talvez Estacios, e Claudianos.

Os Gentios que com sinistro acordo discorrèraõ, no lugar em que a Moysés demos no verso a primasia, atribuem a Orpheo a origem

origem do Poetico invento, ſeguindo-ſe Homero, e Heziodo. (17) Os Latinos no ſentir de Tulio, e Quintiliano que eſcrevèraõ 510. annos depois da fundaçaõ de Roma, entendem que Livio Andronico, ſendo Conſules Appio Claudio, e Marco Tudittano, fora o primeiro Compoſitor em verſo, moſtrando ſeu raro engenho no pretexto de huma Comedia que curioſo fez. (18) Os Poetas dizem que ſua engenhoza arte fora enſinada por Jupiter ás Muſas. (19)

(17) *Porphyrius de invent. Poet.*

(18) *Tul. l. 1. de Tuſcul. Quintil. l. 10.*

(19) *Diodor. l. 6.*

Com o decurſo do tempo em que ſempre ſe aperfeiçoaõ os artefactos, variàraõ no metro os engenhos com diverſidade de inventos: os que diſſemos inventou Moyſés, foraõ aquelles que denominamos Exametros, ou Heroicos, que Homero, e outros Poetas imitàraõ. (20) Os que David, foraõ em modos differentes, porque, ou ſoaõ Jambicos, logo Alcaicos, e outras vezes Saphicos, que depois Horacio, e Pindaro imitàraõ (21) ſupoſto Horacio diga que os Jambicos fora invençaõ de Archilogo (22) tambem ſe inventou o Aſclepiadeo, e Bucolico de que faz mençaõ Diodoro dandolhe por authora a Daphne filha de Mercurio (23) da meſma ſorte ſe inventou o engraçado verſo Lirico, e mavioſo Pentametro, a que chamamos com vulgaridade Elegiaco, de quem aſſevera Horacio ſe naõ ſabe o autor (23) e em fim chegando a mayor exceſſo a abilidade dos homens naõ ſó apparecèraõ diſcretos outros inventos latinos, mas

(20) *Servius.*

(21) *Joſeſ. de Antiq.*

(22) *Horat. in Arte Poetica.*

(23) *Diodor. l. 5.*

(23) *Horat. hic.*

mas em Portugal, e Heſpanha ſe fizèraõ celebres (com eſpecialidade entre outros) os Sonetos, Romances, Sylvas, Redondilhas, Tercetos, Quartetos, Quintilhas, Sextilhas, Oitavas, Decimas, Glozas, Rellaçoens, Eligias, e Epigrammas na lingua nacional, com outros, tendo em as Naçoens eſtrangeiras diverſo nome, e fórma.

Aos curioſos, e diſcretos terà moſtrado a leitura o quanto ſe depravou nos objectos eſta Poetica arte, prevertida em picantes, e vergonhoſas Satiras dirigidas (ainda por hiperboles) a deſcompor. Jà entre os Gregos Demetrio natural de Tharſo foy deſte louco engenho primeira origem (24) conſecutivamente Menippo, e Marco Varro; e entre os Latinos, e nacionaes houve tantos imitadores que me pejo de os repetir, pois rediculando os ſeus engenhos affectaõ o epiteto de loucos, merecendo ſó com a cençura ſer louvados. De huma caſta de Deoſes a quem os meſmos Gentios reconheciaõ por immundos, deſcarados, e rediculos (diz Donato) tem a Satyra ſua deducaõ, pois aquelles taes Deoſes ſe chamavaõ ſatyros (25) ſe he que (como Feſto Pompeo eſcreve) naõ tras ſua origem de huma comida compoſta de mil mixurufadas ao goſto diſſonantes, que os Gentios antiguamente praticavaõ (26) a qual meſmo aſſim ſe chamava Satyra.

(24) *Ita Laertius. Aulo Gelio. Apuleyus.*

(25) *Donat. Calv.*

(26) *Feſt. Pomp.*

CAPI-

CAPITULO IV.

Da Filoſofia genericamente entendida. Moſtra-ſe a ſua origem, e conſiſtencia. Apontaõ-ſe os ſeus Inventores; e explanaõ-ſe os ſeus progreſſos. Toca-ſe na natural Filoſofia, e Moral.

A Moral, e natural Filoſofia, cuja denominaçaõ explica claramente a eſſencia, e por ſi meſma ſe define, he no ſentir de Boecio Severino, e outros Autores, hum diſcurſo claro, ou dom de clareza com que he por Deos dotado o entendimento humano capacitando-ſe para a feliz percepçaõ de todas as couſas deduzidas da boa razaõ, e inſtruindo-ſe na recta obſervãcia, e conhecimento das couſas naturaes, para q̃ bem reguladas as moraes acçoẽs poſſa com acerto proceder, (1) e he eſta baze fundamẽtal da eſpiculativa Filoſofia.

(1) *Boet. Severin. Plato. Seneca. Socrat. Plutarc.*

A Filoſofia eſpeculativa, que de ſemelhante modo unindo-ſe com a natural, he ſolido alicerce de todas as ſciencias, (genericamente entendida, antes que em eſpecificos methodos diſperſa) moſtra ter em Adam o ſeu principio, quando no eſtado da graça Deos lhe infundio (como nos primarios effeitos moſtrou) eſta, e todas as ſciencias. Eſcureceo-ſe nos ſeus filhos, pois lhe ficou hereditaria a ignorancia que logo participàraõ de ſeus pays (2) Suſcitou-ſe em Noè depois do diluvio eſta ſcientifica arte, ſe antes a naõ tinha jà participado aos Chaldeos. Moyſés a diffundio aos Hebreos, eſ-

(2) *Ex Geneſ.*

tes a communicàraõ aos Egypcios, e delles a tomàraõ os Gregos, a quem primeiro a ouviraõ os Romanos, e os Latinos. (3)

Quaſi todas as mais Naçoens do Mundo ſe inſtruhiraõ neſta ſcientifica arte, vindo a florecer naquelles primitivos ſeculos entre os Perſianos, os Magos; entre os Babilonicos, e Aſſirios, os Chaldeos; entre os Indianos os Cimnoſophiſtas (eſpecialiſando S. Jeronimo a Buddas; entre os chamados Britanos Celtas, e depois Francezes, os Druydas; entre os Phenices, Ocho; entre os de Tracia, Zalmoſſis, e Orpheo; e Atlante, entre os de Libia. (4)

Tomou eſte nome Filoſofia ſua deducaõ de Philo, e Sophia, vocabulos Gregos, que unidos querem dizer Amadores da ſabedoria. Sophiſtas ſe appellidavaõ muitos: e Pytagoras expellindo a vaidade que reconheceo, foy o primeiro por quem o nome de Filoſofo ſe intruduzio; mas reaſumindo os ſubſequentes Filoſofos diverſas nomenclaturas, e fazendo por ſi opinioens diverſas, algumas ſuperſticioſas, ſe naõ dimitiraõ o generico, affectàraõ nomes eſpecificos. (5)

Na Calabria enſinou Pytagoras, e ſe denominàraõ ſeus diſcipulos Filoſofos Pytagoricos. Thales que teve por diſcipulos os ſete Sabios de Grecia, e tambem ao grande Socrates, erigio a eſcola Grega. Socrates que teve por diſcipulo ao famoſo Plataõ, deu ſeu nome à propria doutrina; Plataõ, e ſeu diſcipulo Ariſtoteles, tambem intitulàraõ

(3) *Joſef. de Antiq. Cicer. Porphirius. Plutarc. Laertius. Quintilian.*

(4) *Laertius in vit. Philoſophor. Euzeb. de Prepar. Ev. Polibius. Aul. Gelio. Dioniſ. Alicarn. Appian. Alexandr.*

(5) *Marc. Tul. Cicer. Socrates, & alii. Cõmun.*

raõ ſuas doutrinas, Platonica, e Ariſtotelica, que depois ſe denominou Peripatetica, occorrendo tambem a dos Stoicos que erigio Zenon em Athenas, e a dos Academicos, que tambem teve por meſtre a Plataõ, ſendo em fim a doutrina Ariſtotelica a que com o decurſo dos tempos mais prevaleceo; e por ſer Ariſtoteles quem ſapientiſſimamente a illuſtrou, he appellidado Principe dos Filoſofos.

Averroes Arabe, Filoſofo inſigne, illuſtrou, e explicou a doutrina de Ariſtoteles com diſcretos, e ſcientificos Commentarios que eſcreveo; poſteriormente Alexandre de Ales, Alberto Magno, e os grandes meſtres ſeus diſcipulos, S. Boaventura, S. Thomàs, e meu ſubtil Eſcoto, eſtes com a doutrina daquelles erigiraõ as tres celebres eſcolas dos Bonaventuriſtas, Thomiſtas, e Scotitas. Tambem appareceo com luſtre a eſcola dos Nominaes erecta pelo ſabio Ochamo, a dos Reaes, e outras menos celebres em que tem lugar a dos Pyrronios, Cynicos, e Epicuros tomando o nome de ſeus Autores.

Entre os notabiliſſimos Filoſofos que antiguamente florecèraõ, temos àlem dos mencionados a Euripedes, Plutarco, Demoſthenes, Epitecto, Epicuro, Hypocrates, Galeno, Avicena, Diogenes, Heraclito, Democrito, Cicero, Cricias, Homero, Anaſſarço, Plauto, Auzonio, Zenon, Plinio, Temiſtocles, Archimedes, e outros muitos:

mas ſaõ os modernos em numero quaſi infinitos.

Se o que naõ he profeſſor deſta ſciencia quizer ſaber genericamente que couſa ſeja, qual o ſeu objecto, e terminativo fim, lhe moſtro ſer a Filoſofia hum conhecimento das couſas pelas cauſas, em quanto pela luz natural podem ſer eſpeculativamente perceptiveis. Tem dous objectos material, e formal: material ſaõ todas as couſas (como diſſemos) pelas cauſas cognoſciveis; formal: ſaõ eſſas meſmas couſas em quanto por nòs certa, evidente, e naturalmente podem ſer pelas ſuas cauſas, conhecidas. Seu terminativo fim he aclarar a verdade das couſas naturaes jà conhecidas; aperfeiçoar o entendimento por continuo exercicio de raciocinar; e pulir ao diſcurſo para perceber a ſciencia das couſas ſobrenaturaes; pelo que ſendo eſte o termo, e proximo fim, he o remoto chegar a poſſuir o que ſe dezeja lograr. Vamos moſtrando que couſa a Filoſofia ſeja por partes eſpecificas.

CAPITULO V.

Da Logica, ou Dialectica. Toca-ſe tambem na Etica, e moſtraõ-ſe ſuas diviſoens, tractabilidade, e origem

DEpois que a Sabodoria Divina ainda na capacidade gentilica diffundio com alta providencia o conhecimento das couſas, permitindo que ſoubeſſem inveſtigarlhe as cau-

ſas,

ſas, entràraõ com proprias idèas a inveſtigar ſubtilezas com variedade, e novidade de dictames que ſe participàraõ à poſteridade; e appellidando-ſe Filoſofos os mais ſabios, fizéraõ na Filoſofica ſciencia, para melhor ſe aprehender, varias diviſoens.

Socrates, de quem eſcreve Cicero no livro 5. das Toſculanas, fora o que trouxera do Ceo a Filoſofia (1) fez neſta varias diviſoens com appellidos diverſos, ſupoſto que dos Hebreos, e Gregos tinhaõ ſido originados. O meſmo Cicero o imitou tambem (2) e pelo decurſo do tempo ſe achou a Filoſofia dividida em ſinco partes: Logica, Etica, Fiſica, Metafiſica, e Mathematica; mas naõ ſendo eſta, parte da Filoſofia, modernos aſſevèraõ, fundados na doutrina de Ariſtoteles, e Plataõ, pois ſó concidèra as quantidades (3) achamos hoje a Filoſofia em Logica, ou Dialectica, a que alguns tambem ajuntaõ Etica, Fiſica, e Methafiſica, devidida.

A Etica cujo inventor foy Socrates, (4) he no ſentir de Ariſtoteles huma prudencia verſada no bem moral (5) S. Agoſtinho lhe chama ſciencia de abraçar o bem, e fugir o mal (6) e S. Ambroſio, fonte de boas obras, conduz para a perfeiçaõ, e augmento das virtudes, e deſtrubiçaõ dos vicios. (7)

A Logica, ou Dialectica a quem, conforme os eſtados, aſignaõ os antigos varios inventores, e ſe entende que antes de Plataõ

(1) *Cicer. l. 5. quaeſt. Tuſcul.*

(2) *Cicer. de Orat.*

(3) *Coment. Colleg. Conimbric.*

(4) *Poliod. Virg.*

(5) *Ariſt. 1. Rhet. cap. 9.*

(6) *D. Auguſt. l. 1. de morib. Eccleſ. cap. 24.*

(7) *D. Ambroſ. l. 1. de Off. cap. 27.*

taõ o fora Zenon Eleate (8) ſciencia rigoroſa como os Filoſofos diſputaõ, e chave de todas as ſciencias como os ſabios obſervão, e a luz da Igreja o confirma (9) entre dogmas infinitos explica (para clareza dos diſcurſos, e percepção das couſas) que couſa ſeja o conhecimento pratico, e eſpeculativo, em que conſiſta ſua razão, e oppoſição, ſe differem, ou não eſſencialmente, ou ſe pòde o meſmo conhecimento ſer ſimultaniamente eſpeculativo, e pratico.

(8) *apud Virg. Poliod. l. 1.*

(9) *D. Auguſt. l. 2. de Ordine cap. 13. & l. 2. de Doctr. Chriſt. cap. 36.*

Moſtra qual ſeja o ſeu material objecto, que em boa opiniaõ ſó o ſaõ os formaes conceitos; e qual o ſeu formal objecto, adequado, e de atribuiçaõ, expondo ſeus actos, habitos, e diviſoens de Docente, e Utente; ſe he, ou naõ [como diſſemos] verdadeira ſciencia, ſe das mais ſciencias he diſtincta, ou huma ſó em eſpecie, ou ſe da Filoſofia parte; e ſe he pratica, ou eſpeculativa,

Verifica que he ſimpliciter neceſſaria para adquirir as mais ſciencias; que [ſem ſer por eſte principio) em Deos, e nos Anjos ſuo modo ſe dà logica (10) deixando in humanis perceber ſuas diviſoens em genero, e eſpecie; e conhecer ſeus termos concretos, abſtractos, connotatos, abſolutos, univocos, equivocos, analogos, ſimpleces, e complexos, poſitivos, e negativos, finitos, e infinitos, communs, e particulares, &c. com todas as ſuas propriedades, e affectos.

(10) *Vide Soares, Molina, Hurtado Aureol. Gil, Rub. Foncec. & D. Bonav.*

Ex-

Expoem que couſa ſejaõ Enunciaçoens, e Propoſiçoens ſimples, e Cathegoricas, Compoſitas, Modaes, e Hipoteticas; como tambem que ſendo a diffiniçaõ explicativa da eſſencia da couſa, pòde bem ſer nominal, eſſencial, e accidental.

Enſina que couſa ſejaõ Entes reaes, e da razaõ nas clauſulas de exiſtente, e poſſivel, ou objectivo; dividindo-ſe no ſentido de muitos Filoſofos em negaçaõ, privaçaõ, e rellaçaõ, ſendo opiniaõ de outros haver tantos Entes da razaõ quantos os predicamentos ſaõ. (11) Diz que potencia os póde ſó fazer, e com que acto, e ſe para elle concorrem todas as tres operaçoens do entendimento; que eſpecies os repreſentaõ; e ſe Deos os póde fazer, e conhecer. Aponta o em que conſiſte formalmente toda a eſſencia dos Entes, ſuas denominaçoens extrinſecas, rellaçoens, cauſas, propriedades, e affectos.

(11) *Vide Arriaga, Hurtado. Compton. Telles. Mirandul Valeſ. Caetano. Sonc.*

Manifeſta que couſa ſeja Univerſal, e ſe ſe daõ univerſaes naturezas; como, e quando preſcindem das differenças; ſe precinde a univerſal das inferiores ſó com preſcizaõ formal, ou objectiva. Se o univerſal por natureza ſeja todo actual, ou potencial. Se a natureza commua ſe diſtingua dos ſeus inferiores, e tenha deſcenço a particulares. Se a univerſalidade conſiſta em natureza commua, ou em unidade, ou ſe em rellaçaõ, ou em aptidaõ; como tambem ſe nos predicados Methafiſicos ſe dem preſcizoens obje-

objectivas, ou ainda in Divinis.

Explica-se tem o universal unidade formal, numeral, e de precizaõ, e que distinçaõ entre estas unidades, naõ sendo reprovada a distinçaõ formal de meu grande Mestre o subtil Escoto. Se as unidades formaes differem entre especies diversas; se em a natureza commua saõ commuas, ou singulares. Que aptidaõ, e non repugnancia tenha em si o universal, ou como se destinguem entre si; e se a natureza na actual predicaçaõ conserva a universalidade.

Questiona (como em tudo) se se dà universal à parte rei no primeiro estado da natureza, ou ainda entre os graos Metafisicos, suposta a distinçaõ virtual do Doutor Anjelico; ou ainda no segundo, e terceiro estado. Insinua qual seja a abstracçaõ do universal, e que potencias a façaõ. Como se divida o universal em sinco especies; e se estas convem *univoce* no universal *genere summo*, apontando os particulares do mesmo universal, e tratando do Genero, Specie, Proprio, e accidente.

Explana todos os dez Predicamentos, e condiçoens para elles requisitas, seus atributos, e qualidades, diffiniçoens, propriedades, rellaçoens, e opposiçoens. Trata dos sinaes em commum, e em particular do natural, formal, instrumental, espiculativo, pratico, ex instituto, prognostico, demonstrativo, e commemorativo, com as suas relaçoens, vozes significativas, e o que importem seus conceitos. Dá

Dá finalmente a praxe de argumentaçaõ que pelos ſeis modos, Enthymema, Inducção, Exemplo, Sorites, ou graduaçaõ, Dylema, e Syllogiſmo: entre os Filoſofos ſe pratica com ſuas diffiniçoens, e diviſoens, expondo o Syllogiſmo em commum, e em particular, ſua materia, fórma, figuras, e modos de nellas concluir, deſcobrindo fallacias, tirando ſofiſmas, e enſinando as redduçoens. Tambem trata das demonſtraçoens, e premiſſas; do Syllogiſmo Expoſitorio, Obliquo, Hypotetico, e Modal; da ſciencia, e opiniaõ, complicaçoens das premiſſas, e dos Tropicos.

CAPITULO VI.

Da Fiſica como Eſpeculativa Sciencia. Aponta-ſe ſeu originario principio.

COmo os engenhos, e agudeza dos homens ſolicìta ſempre os progreſſos, e em ſempre excogitar novas idèas ſe empenha, vendo-ſe dezaſocegado o diſcurſo dos Filoſofos antiguos, entràraõ eſtes a raciocinar ſcientificamente do compoſto humano, inventando para iſſo huma peculiar ſciencia a que dèraõ o nome de Fiſiologia, ou Fiſica, nomes Gregos, como entendem muitos, trazendo com eſpecialidade aquelle ſua derivaçaõ *á Natura, & logos*, valendo o meſmo que filoſofar da natureza; Euzebio inſinùa ſe deve a Plataõ eſte invento (1) dizendo que

(1) *Euſeb. l. de Praeparat. Evang.*

dos Hebreos o extrahio; outros lhe daõ por autor a Ariſtoteles (2) e ſe verifica que Archelao foy o primeiro que a levou de Yonia a Athenas. (3)

(2) Valer. Max. Plutarch..

(3) Poliodor l. 1. c. 16.

Ariſtoteles que bem diffinio a Fiſica, diſſe ſer hum conhecimento do corpo natural pelas ſuas cauſas (4) e aſſim diſputa da natureza, cauſas, e propriedades do corpo natural, em commum, e em particular. Cicero lhe chamou explicaçaõ dos Egnimas da natureza. (5) Seu objecto adequado (no ſentir de Eſcoto) he o corpo natural, de tal ſorte que he a naturalidade razaõ formal do tal objecto. O D. Angelico o entende por nome de Ente movel. He ſciencia meramente eſpiculativa, pois ſó contempla o ſeu objecto; e ſupoſto parece que com a Medicina ſe envolve, razaõ porque em muitos Paizes, e ainda em partes do noſſo Portugal chamaõ Fiſicos aos Medicos, da ſciencia Fiſica tomou a Arte Medica ſó os ſeus principios.

(4) Ariſtot. 11. Meth. cap. 6.

(5) Cicer. l. 2. de Divinitate.

He da Fiſica acçaõ primaria declarar que couſa ſeja Natureza, e Natural, ou ſeja accidente, ou ſubſtancia em concreto, ou em abſtracto, dando-lhe ſua propria diffiniçaõ; ſupoſto no ſentir de Ariſtoteles tambem a materia, e fòrma ſubſtancial ſe poſſa chamar propriamente Natureza. (6) Explica como convem a Natureza com a Arte, e como eſta póde fazer obras da Natureza. Expoem os principios do corpo natural, em particular, e commum, ſendo ſuas

(6) Ariſtot 2. Phiſic. cap. 1. Text. 4.

partes

partes essenciaes, *& in facto esse* todas aquellas cousas que intrinsecamente conduzem para a sua composiçaõ, sendo seu principio *in fieri* a Materia, Fórma, e Privaçaõ.

Mostra respectivamente ao corpo natural, que se dá Materia prima (7) pela qual se entende hum Ente incomplecto, ou primeiro sogeito com aptidaõ para receber qualquer fórma substancial. Que tendo a Materia, e a Fórma diversas existencias, naõ pòde existir a Materia sem a Fórma, sendo propriedade sua a appetencia, e ficando incognoscivel *Sine ordine ad Formam.* Que he a Materia prima assim ingeneravel, eincorruptivel, que nem Deos como Autor da natureza a póde corromper sem milagre.

(7) *Cum Aristot. August. Ambros. Basil. & alii.*

Explica que sendo commummente Fórma aquillo que dà ser à cousa, se individua em Fórma substancial, e accidental, natural, e artificial, complecta, e incomplecta, ou informante; aponta quaes saõ produzidas, e creadas; Qual seja o sogeito dos accidentes, e se da sua potencia se eduzem as Fórmas accidentaes; se entre as peculiares Fórmas especificas se dê Fórma Cadaverica, ou de Corporeidade, questaõ entre as duas escolas Thomistica, e Scotistica debatida; se pódem muitas Fórmas informar a mesma materia. Que cousa seja Privaçaõ, e como se destingue do sogeito em que se dà.

Ensina que cousa seja causa Fisica em commum, e em particular, e o que importa no primeiro acto. Que ha causas ma-

teriaes, efficientes, formaes, e finaes, com divisaõ em causas fisicas, e moraes, universaes, e particulares, totaes, parciaes, e per accidens, necessarias, e livres, subordinadas, e naõ subordinadas, mediatas, e immediatas, intrinsecas, e extrinsecas, com seus diversos effeitos; e se Deos póde suprir a causalidade material, e formal, isto em que genero de causa.

Propoem a uniaõ das cousas intrinsecas entre si para constituir o composto, e se para a tal constituiçaõ baste só huma uniaõ entre materia, e forma. Que cousa seja uniaõ substancial, e como se destingua das partes. Se o composto fisico consista essencialmente em materia, fórma, e uniaõ. Se se destingue das suas partes *Simul sumptis & unitis* o todo fisico. Se o todo integral, e accidental se destingue das suas partes. Se o agente creado, e sublunar póde obrar *immediate indistans*; e como concorra Deos com os actos maos.

Explana a Predeterminaçaõ fisica. Se a causa segunda determine a primeira para especie, ou exercicio de acto, e se para individuo determine a causa primeira à segunda. Se a substancia he *immediate* operativa, ou mediantes os accidentes. Se a causa segunda tenha força de produsir effeitos sobrenaturaes. Se só a bondade seja razão constitutiva do fim *in esse finis*. Se o fim cause segundo o ser real, ou intencional, qual seja a sua causalidade. Se he o fim causa real, e

que

que agentes obraõ propter finem. Se ſe dà Caſo, e Fortuna, Fado, e Monſtro; confere as cauſas, e ſuas collaçoens com os ſeus effeitos *quo ad determinationem* aſſim em eſpecie, como em individuo, e os effeitos com as ſuas cauſas.

Trata *de Infinito, loco, & vacuo;* ſe eſte ſeja admitivel, e o continuo divizivel, ou tenha partes *In actu.* Moſtra que couſa ſeja infinito, ſe ſe admitte, qual he, que partes tem; e ſe o Cathegorematico nas creaturas he poſſivel. Como ſe dà eſpaço imaginario. Porque modos póde huma couſa eſtar na outra. Se póde alguma creatura exiſtir ſem ubicaçaõ. Se dous corpos podem juntamente eſtar em hum ſó lugar; ou ſe em muitos lugares pòde ao meſmo tempo eſtar hum corpo; e ſe ſe admitte vacuo.

Moſtra a duraçaõ das couſas, principio, e fim das creaturas. Que couſa ſeja Tempo, e ſuas partes. Se ſe pòde dar motu local in inſtanti, e mover-ſe por contrarios motus. Que diviſaõ, propriedades, e cauſas tenha o motu.

Diſputa da Geraçaõ, e corrupçaõ dos corpos, naturaes ſimplices, ou mixtos. Moſtra que couſa he Geraçaõ ſubſtancial; ſe nella *generice* ſe dà reſoluçaõ tè a materia prima; qual ſeja o ſeu termo, ſe fórma, uniaõ, ou compoſto? Com que razaõ convenhaõ para a Geraçaõ os viventes. Como ſe verifique ſer a geraçaõ de hum corrupçaõ de outro. Que couſa ſeja geraçaõ acciden-

tal,

tal, alteraçaõ, remiſſaõ, e qualidade. Se as qualidades contrarias pòdem juntamente exiſtir no meſmo ſogeito. Diz que couſa he agente, e paſſo, ſua reacçaõ, e exceſſo. Falla na acçaõ reflexa, e antipariſtiſi, na rarefacçaõ, e condenſaçaõ.

NOTANDUM.

COmo a Fiſica (famoſima ſciencia) tambem trate de *Cælo, & Mundo*, expreſſando as qualidades dos Corpos Celeſtes, lunares, e ſublunares, e todos os quatro Elementos; deſtes ſó conſecutivamente tratarey expreſſando curioſamente ao Leitor alguns incidentes da terra por fugir à extençaõ, pois he materia taõ vaſta que neceſſitava ſó eſta (hiſtoricamente tratada) o emprego de mais volumes; e como a materia dos Corpos Celeſtes tambem pertença à indagaçaõ Mathematica, quando deſta ſciencia, ou da Aſtrologia falarmos, entaõ (ſem confundir as ſciencias) alguma couſa tocaremos.

CAPITULO VII.

Do Elemento da Terra conforme os Fiſicos, Coſmografos, e Geografos praticaõ. Trata dos Metaes que a terra cria, terremotos que faz, evulcoens de fogo que lança.

COmo varias ſciencias (ſendo que algumas por principios diverſos) tratem as materias em que neſte capitulo ſummaria, e curioſamente fallo, ſendo meu intento (por evitar confu-

confusoens) dar a cada huma o que era seu, vejo que a Fisica, Mathematica, Geografia, e Cosmografia se embaraçaõ; mas pedindo venia a seus excelços professores, digo fisicamente com Aristoteles, e Ptolomeo (1) que he a Terra centro de toda a machina do Mundo, a qual mixta com o elemento da agua compoem entre si hum rotundo corpo, que a respeito do Ceo he como hum ponto de toda a maquina do Universo.

(1) *Aristot l. 3. de Cœl. Ptolom. in Almag. l. 1. cap. 5.*

Deste Elemento em que formaõ mil opinioens os Fisicos, fallàraõ já com differença grande os Filosofos antigos, e antiguos Padres (2) tendo por certo que na sua concavidade existe hum centro de obscuridade infinita, como jà o entendèra Epicuro. Verifica-se que o Elemento da Terra com o da Agua forma huma figura espherica, e rotundo globo, a quem em semelhante figura cerca o Ceo por toda a parte em igual distancia, sem que haja probabilidade verosimel na distancia que vay da terra ao Ceo.

(2) *Chrisost. homil. 14. & 27. in Epist. ad Hæbr. Theodoret. Theophil. in Cap. 8. ejusd. Lactant. Fermin. l. 3. de Divin. Instit. cap. 24.*

Entendem os que assima dissemos ser com diversidade de sciencias, peritos nesta, que (fundados na melhor opiniaõ de Ptolomeo, e Clavio (3) o tal corpo da terra, e agua tem de redondo 7U500. legoas, de diametro 2U385. e de semidiametro 1U193. como jà dissemos em outra parte. Que a maquina do Mundo se divide naõ só em tres partes como os Filosofos antiguos escrevèraõ, Azia, Africa, e Europa, mas em quatro, sendo esta a America que os modernos descobriraõ.

(3) *Ex Ptololom. & Clavio.*

Re-

Reputa-ſe por apocrifa jà hoje a opiniaõ de Parnimedes Filoſofo antiguo que no Ceo aſſinalou ſinco Zonas, cintas, ou faxas, verificando que as regioens terreſtes que cahem debaixo das duas ultimas Zonas, eraõ inhabitaveis, por eſtarem debaixo dos Polos, ſendo frigidiſſimas, e muy diſtantes do Sol; e as que ſe achavaõ debaixo da Zona media a que denominamos Zona Torrida, eraõ inhabitaveis tambem, porque como o Sol anda por ella, occaſiona calor inſoportavel por exceſſivo, fazendo movimento o Ceo entre os Tropicos. Ariſtoteles, e Plinio jà anteriormente o ſeguiraõ. (4)

(4) *Ariſtot. l. 2. Metaphyſ. c. 5. Plin. l. 7.*

A experiencia que he meſtra de todos, refuta eſtas opinioens; porque as terras do Norte, e partes ſetentrionaes que cahem debaixo do Polo Artico, eſcreve Olao Magno como teſtemunha experta ſerem habitadas (5) e debaixo da Zona Torrida tambem ſabemos que as terras conſiſtentes ſe habitaõ, como experimentaõ os que vivem no Reyno do Menemotapa, nas terras do Preſte Joaõ, nas Ilhas Malucas, em parte do Pirú, e na noſſa Ilha de S. Thomè, ſendo eſtas terras fertiliſſimas, e abundantes de gados, paſtos, frutos, e féras, como eſtamos lendo nas hiſtorias modernas.

(5) *Olao Magn. l. 1 de Partibus Septentrional.*

A exiſtencia dos Antipodas que muitos Filoſofos antiguos, Doutores, e Padres duvidàraõ, fazendoſe-lhe imperceptivel o modo na concideraçaõ de ter a figura de hum

hum Globo o Mundo (6) he verificada pelos Filosofos modernos com as vastissimas noticias por observaçaõ dos Nauticos, e Pilotos, que passando a linha duas vezes, se tem achado muitas em Goa, Malaca, Ormùs, Japaõ, e China. Em fim como sejaõ muitas as questoens que espiculativamente nestas, e outras materias trate a Fisica, baste o que para noticia abreviada toquey; e vejamos com a mesma brevidade o que se diz dos Metaes.

(6) *Lactant. l. 3. Divinar. Instit. Lucret. l. 1. Poet. D. August. l. 16. de Civit. Dei. Beda l. de Rarit. tempor.*

Sete saõ principalmente os Metaes que a terra em suas entranhas cria: Ouro, Prata, Azougue, Cobre, Estanho, Chumbo, e Ferro; destes mixtos, ou em parte, ou em todo formaõ os Alquimistas, e outros Artifices peritos diversas castas de metaes dignos de estimaçaõ, se he que o naõ faz às vezes algum sinistro successo por accidental incendio, havendo muitos autores deste parecer. (7) No seyo, ou entranhas da terra se criaõ estes metaes (8) e ordinariamente nos montes, e serros esteriles, como se vè no Carparo em Alemanha, no Canimeno em França, no Rodope, e Pangeo em Tracia, no Timolo em a Libia, nos Capitaes em a India, nos Perineos em Hespanha; e em Portugal naõ fallo, porque naõ só nos serros, montes, planos, vales, e rios de suas Brazilicas Conquistas ha immenso ouro que as Naçoens estrangeiras naõ ignoraõ porque o participaõ, mas ainda neste Reyno ha muito de que por lhe ser prohibida

(7) *Aristot. l. 3. Meteorum Theofrast. l. de Metalibus. Albert. Mag. Opusc. de Mineralibus. Georg Agricol. lib. de Ortu & causf. Sub ter. cor.*

(8) *Arist. l. de Meteor. & alii Philosophi com.*

  bida

bida a extracçaõ, naõ ſe utilizaõ.

De que materia ſejaõ gerados, ou ſe criem na terra eſtes metaes que diſſemos, como tambem outros Mineraes, Enxofre, Salitre, Geſſo, Caparroza, Azeviche, &c. que de todos neſte Reyno ha, opinaõ diverſamente os Autores, como em tudo; mas o commum ſentir comprova ſe geraõ de vapores, humidades, e humidas exhalaçoens da terra, e agua com a virtude dos rayos do Sol mais penetrantes, e influxo dos Aſtros, e Planetas, que conforme a diſpoſiçaõ das qualidades que achaõ, aſſim imprimem ſua penetrativa virtude com a qual os metaes ſe geraõ por altiſſima providencia de Deos Creador de tudo: aſſim o tem communmente os Eſcritores; e para moſtrar o quanto concorrem os Planetas para os metaes com ſeus influxos, dizem que o Sol he cauſa do Ouro, a Lua da Prata, Mercurio do Azougue: Venus do Cobre, Jupiter do Eſtanho, Saturno do Chumbo, e Marte do Ferro; os outros Mineraes tem o ſer pelo influxo de varias Eſtrellas que os procreaõ nos mixtos da terra, agua, e ar, com ſuas exhalaçoens, e humidos vapores.

As Perolas, e pedras precioſas ſemelhantemente ſe criaõ tambem na terra, e mar com a virtude do Sol, Planetas, e Eſtrelas fixas, conforme as diſpoſiçoens que acha, como Plataõ, Ariſtoteles, e outros antiguos, e modernos Filoſofos eſcrevèraõ. (9)

(9) *Ariſtot. l. de Meteor. Plat. l. de Metal. Geo'g. Agricol. Albert. Mag. & alii commun.*

Quanto

Quanto aos terremotos, ou tremores da terra de tres modos os tem obſervado os Filoſofos, e he materia de que trataõ autores graviſſimos. (10) O primeiro modo porque ſuccedem eſtes effeitos, he quando o tremor faz mover a terra de huma a outra parte, como no Reyno de Perù ſaõ ordinarios; ſegundo, quando levanta, ou abaixa a terra derrubando tambem montes, e edeficios, como na Cidade de Arequina ſe vio; ficando quaſi aſſolada no anno de 1582. e outro na Cidade de Lima com eſtrondoſa ruina no anno de 1586. outro na Coſta de Chile, que derrubou altiſſimas montanhas, e tapou rios, ſaindo em ambos o meſmo mar com furioſo impeto do ſeu centro. Terceiro, quando o tremor he tal que arranca os montes, e os leva comſigo correndo largo eſpaço, como no anno de 1581. ſe vio na Cidade da Paz, que derrubando huma altiſſima ſerra, correo a terra continuadamente legoa, e meya, e entulhou huma grande lagoa, como referem varios Eſcritores Eſtrangeiros.

(10) *Seneca l. 6. quaſt. natural. Cap. 4. Plut. l. 3. de Plac. Plin. l. 2. c. 79. Alb. M. l. 3. tr. 2. Mirandul l. 1. de Exam vanitat. Ariſt. l. 2. c. 7. da Meteor.*

Seneca, Melezezio, e Avaximenes com outros Filoſofos antigos, e modernos apontaõ cauſas diverſas à producaõ de taõ ſiniſtros effeitos. (11) Dizem haver eſtes ſucceços quando nas concavidades da terra entrando alguma porçaõ grande de ar que ſe augmente, ſoccede fecharſe a caverna por donde entrou, e porque naõ acha ſahida, ficando violento, faz tremor; outros, que

(11) *Seneca l. 1. quaſt. natural. Meleſius Avaximen. & alii.*

nas entranhas da terra talvez que corcomidas das aguas ſuccede por concavidades cahirem pedaços grandes da meſma terra que fazem eſtremecer a ſuperficie; outros, que os fogos ſubterraneos q̃ ſe geraõ nas entranhas, e concavidades da terra, buſcando, e naõ achando ſahida, neſte diſcurſo, ou rompem, ou fazem tremer a terra; outros, que a abundancia das exhalaçoens, e humidos vapores que ſe geraõ na concavidade da terra, quando ſaõ em tal abundancia que parece jà naõ cabem, buſcaõ dezafogo; e ou arrebenta, ou treme, ou ſe move a terra para os expellir do ventre; eſtes ſucceſſos ſe obſervaõ em qualquer tempo do anno, mas com eſpecialidade no inverno, e ordinariamente nos lugares montuoſos, e ilhados.

Obſervàraõ alguns Filoſofos, que peleyjando nas concavidades da terra dous ventos contrarios occaſionavaõ terremotos grandes, e mais perigoſos nas povoaçoens ſituadas entre montes; de hum faz mençaõ Plinio nos Paizes de Modena, em que correndo dous montes arrazàraõ Cidades, e povoaçoens inteiras. (12) Outras vezes em cazo ſemelhante ſe abrio a terra ſovertendo inteiramente Cidades, tornando-ſe a fechar a tremenda ſcizura que abrio, ſem ſe perceber, o que ſe vio nas Ilhas Ennaria, e Eubea, como na Tracia, e Phenicia junto a Sydonia. Outras vezes he o terremoto tal que levanta, e revolve a terra mudandoa de hum

(12) *Plin. l. 2. c. 8.*

hum lugar para outro, como ſe vio no Campo de Marrocos em o anno ultimo do Imperio de Tiberio (12) outros dizem que de Nero. Outras vezes de tal ſorte levanta a terra, que faz montes adonde o naõ eraõ, o que ſe vio em Puzol junto do lago de Averno.

(12) Plin. l.2.c.83.

Eſtes meſmos effeitos, dizem ſucceder no mar, achando-ſe novas Ilhas por terremoto levantadas; outras vezes debaixo do mar ſe tem aberto a terra, e ſorvido as aguas deixando peixes em ſeco, como ſe vio em Oſtia pouco diſtante de Roma, ſendo Conſules Marco Antonio, e Publio Donabella; e em tempo do Emperador Theodozio ſe vio outro, deixando em ſeco as Naus que com bom vento navegavaõ; e outras vezes ſuccede mudar o terremoto o naſcimento, e correnteza dos rios, como ſe vio na Liguria, e outras mais partes que os Hiſtoriadores referem.

Outras vezes as exhalaçoẽs ſahindo impetuoſamente das entranhas da terra cuberta de agua, alevanta taõ alto que cubrindo a ſuperficie, impellio, e afogou grande numero de gente, como ſuccudeo ao Exercito de Trifon entre as duas Ilhas Vulcanas junto a Tolemaida; outra vez em terra troce os edeficios, ou lhe ſorvete os alicerces como ſe vio em Azia, e Bythinia (13) e tambem em Niza. Outras vezes como as exhalaçoens que cauſaõ os terremotos ſaõ quentes, ſe vem a inflamar de tal ſorte, que levan-

(13) Euſeb. in chronic. Flegonte.

levantando incendio arroja chamas de fogo por bocas que abre a terra, e abraza adonde chega.

Saõ os a que chamamos Vulcoens de fogo, huns montes, ou altos ſerros, em cuja eminencia ſe acha aberta huma dilatada boca, pela qual vomitaõ incendios, expellindo lavaredas, arrojando cinzas, e elevando pedras abrazadas tudo com horroſo eſpanto. Entre os antigos, e modernos Eſcritores ſe fazem mais celebrados o Etna, e o Vezuvio. He o Etna a que chamaõ Mongibello hum altiſſimo monte no Reyno de Cezilia junto à Cidade de Catania, em cujo cume todo o anno eſtà neve; na ſua concavidade ſe ouvem grandes bramidos, e eſtrondos; lança pela boca grandes chamas, às vezes com ſemelhanças de globos de fogo com tanto fumo, e cinzas que chegaõ a 100U. paſſos em redondo. (14) O Vezuvio, chamado Monte de Soma, taõ grande como eminente, eſtà na vezinhança de Napoles, delle referem couſas notaveis os Eſcritores, e da parte occidental em que Puzol ſe acha ſituado, experimentaõ os moradores terriveis effeitos occaſionados de fogo, e cinzas.

(14) *Solinus c. 11.*

No Reyno de Perù ha outro, que ſendo menor na elevaçaõ dos incendios, foy exceſſivo nas cinzas que lançou ſobre a Cidade de Quito, e ſuas vizinhanças, em que ſe naõ podia dar paſſo, nem ſe viaõ ruas, ou caminhos no circuito de baſtantes legoas,

che-

chegando-se a escurecer o ar com as grandes nuves de cinza.

Os Vulcoens de Guatimala em o Reino de Mexico saõ notaveis, assim pela eminencia destes montes, como pela quantidade de fogo que vomitaõ; diz a Historia daquelle Reyno que no anno de 1586. desde o mez de Julho atè o fim de Dezembro de dia, e noite esteve hum destes montes lançando rios de fogo pela boca, que correndo ao plano se convertiaõ em cinzas; com que se arruinou a Cidade, e houve mortandade grande. Na Ilha de Irlanda os tres montes Ecla, Elga, e o da Cruz, tem cheyas as eminencias de neve, e as extremidades de fumo: muitas vezes o Elga pela boca lança fogo, e grandes pedras queimadas, ouvindo-se no seu concavo muy espantosos bramidos.

Em Ilhas da Coroa de Portugal, referem os nossos Escritores tem havido medonhos fogos sahidos da terra por occasiaõ de terremotos: especializaõ a Ilha de S. Jorge, e mencionaõ hum tremendissimo succésso em que a terra abrio taes bocas, que com bramidos disparou grandes pedras; fez correr pedaços de serros, e montes arrebatados, e dezunidos pela violencia do fogo que expellia, fazendo tal fumo, e tantas cinzas que o ar escureceo, e muita gente espirou. Tudo atribuem os Filosofos às qualidades da terra, atracçaõ dos vapores, exhalaçoens quentes, e secas, mineraes diversos, e mixtos, como Salitre, Enxofre, e Caparroza, &c. (15)

(15) *Plin. l. 35. Cornel. Tacit. Jorge Agricola Lib. 4. por totum.*

CAPI-

CAPITULO VIII.

Expoem-se à curiosa leitura as propriedades, e effeitos dos outros tres Elementos, Agua, Fogo, e Ar, conforme os Fysicos, e mais Sabios expertos em outras Sciencias praticaõ.

HE o Elemento da Agua aquelle que entre os mais mereceo lograr a primazia, e que no meyo delle Deos creasse o Firmamento (1) mostra ser mais poderoso que os outros, pois senhoreando a Terra a humedece, e frutifica, predominando sobre o fogo a quem extingue, e consome; e subindo á meya regiaõ do Ar, alli com suas nuves causadas dos grossos vapores da terra he taõ favoravel à vida humana, que mediante ella vivemos, e com a sua falta experimentariaõ os homens a dos alimentos, que pela sua frutificaçaõ nos offerece a Terra.

(1) *Genes.* 1.

Este Elemento he frio, e humido, e como mais leve que a terra, està situado sobre ella, com a qual forma hum Globo, ou corpo esferico, e rotundo, occupando, ou cobrindo a setima parte da mesma terra, sem exceder ordinariamente os lemites em que a Divina Omnipotencia o clausurou. (2) Muitos querem que em lugar mais eminente como Elemento exista a Agua, e David sobre os Ceos a concidèra. (3)

(2) *Genes.* 1.

(3) *Ps.* 148.

Só em sinco Mares principaes quer com Ptolomeo o Doutor Angelico, e o nosso famoso Barros se divide o que sabemos cobre

a Terra:

a Terra: Mar Occeano, Mar Mediterraneo, Mar Vermelho, Mar Perſico, e Mar Caſpio. (4) Saõ as aguas do Mar ſalgadas, naõ ſó pelas razoens que Ariſtoteles enſina, mas pelas tres que S. Bazilio, S. Izidoro, Dioſcorides, e Pico Mirandulano inſinuaõ. I. Por naõ ſe corromperem, ficando perniciofas aos mortaes: II. Por ſer apta vivenda para os pexes neceſſarios à ſuſtentaçaõ humana: III. Porque naõ ſe congelaſſe impedindo a navegaçaõ, e comercio das creaturas (5) mas de todas eſtas he mayor razaõ a altiſſima Providencia de Deos.

Quanto ao fluxo, e refluxo do Mar, ſe moſtraõ com eſpecialidade no Occeano as ſuas operaçoens em o tempo de 24. horas duas vezes; e diſputando qual ſeja a cauſa de tal volubelidade deſte Elemento, cujo diſcurſo como S. Juſtino eſcreve, acabou à vida a Ariſtoteles (6) com a poſſivel probabilidade ſe entende que a Lua lhe occaſiona os movimentos de Oriente a Poente, nos creſcentes, e nos minguantes; e niſto aſentaõ famoſiſſimos Filoſofos. (7)

Mas jà entrando na duvida, ſe eſtà o Mar mais alto do que a terra, ſupoſto tinha patronos a opiniaõ affirmativa fundandoſe os Autores na interpretaçaõ dos Pſalmos, como tambem no capitulo V. de Hyeremias, e capitulo 28. de Jacob, tem-ſe a parte negativa por opiniaõ mais provavel com a obſervaçaõ de repetidas experiencias, e ſentir de S. Jeronimo, Agoſtinho, Chriſoſtomo,

(4) *Ptolom. l. 7. Geograph. cap. 5. D. Thom. in Meteor. Barros Decad. 2. l. 8. cap. 1. ex Ariſtot l. 2. Meteor. cap. 1. Herodot. in Elio.*

(5) *D. Baſil. hom. 4 Exam. D. Iſidor. l. 3. Erimol. Dioſcor. l. 5. cap. 9. Pico Mirand. in Concluſ.*

(6) *D. Juſt. M. in Paraneſi Nazian 2. or. 1. contra Julian.*

(7) *Ptolom. l. 2. c. 12. Cicer. l. 2. de Natura Deor. Eſtrab. l. 3. de ſitu Orbis. Levin l. 2. de ocult. nat. mir. c. 41. Alb. M. l. 2. tr. 3. c. 6. D. Thom. in 2, d. 14. q. unic. art. 5.*

ſoſtomo, Damaſceno, Contarino, Caetano, Oncala, Egidio, e Lipomano. (8)

(8) D. Jer. in Pſ. 32.
D. Aug. in Pſ. 135.
D. Chriſoſt. hom. 9.
Damaſcen. l. 2. Fidei c. 9. & 10.
Egid. l. 2. Exam.
Contar. l. 2 de Element.
Lipom in c. 1. Genes.
Caetan. Oncala &c.

Do Elemento do Ar eſcrevem com vulgaridade os Autores que occupa deſde a ſuperficie da Terra, e Agua atè a Esfera do Fogo, ſendo humido com exceſſo, porque recebe as humidas exhalaçoens da Terra, e Agua. Dividi-ſe eſte Elemento em tres partes, que Franciſco Juſtino, e outros graviſſimos Autores apontaraõ: Superior, Media, e Infima, fazendo-ſe eſtas menſuraveis diſtancias cognoſciveis por diſtinctas propriedades, e effeitos. Na Superior ſe geraõ os Cometas por razaõ da viſinhança do Elemento do Fogo: na Media ſe congelaõ as Chuvas, Neves, Rayos, Pedras, e outras tempeſtades: na Infima habitaõ as Aves, e todas as Racionaes, e Irracionaes creaturas. (9)

(9) Franc. Juſtin. & alii AA.

Neſte Elemento ſe vem muitos, e varios accidentes, pois ora eſtà quente, logo frio, humas vezes mais frio, e outras mais quente, variando os exceſſos conforme a conſtituiçaõ das terras, Reynos, e Provincias, reſpectivamente às partes em que ſaõ os rayos do Sol mais, ou menos perpendiculares; e humas vezes ſe vè o Ar mais claro, outras mais turvo a reſpeito dos vapores da terra, e agua que ſempre eſtaõ ſubindo à regiaõ ſuperior, e parte concava; que pela ſuperficie convexa ſempre o Ar como Elemento eſtà claro ſem a menor alteraçaõ; e para os dous Elementos da Agua, e Terra

con-

concorre muito em diverſificados effeitos (que naõ exponho) eſte Elemento do Ar. (10)

Que diſtancia, ou profundidade tenha o Elemento do Ar deſde a Terra, e Agua té a regiaõ do Fogo, ha opinioens, mas conforme os computos de Fernelio, Clavio, Borocio, e Joaõ de Sacro Boſco importa quaſi ſincoenta e dous milhares. (11) Que pela parte concava, ou inferior parte naõ tenha o Ar figura rotunda a reſpeito dos montes, e vales que preocupaõ a Terra, he opiniaõ mais commua; mas pela parte ſuperior he admitida pelos Autores com mais probabilidade. (12)

Do Fogo (quarto Elemento) queſtionaõ os Fiſicos, e outros ſabios, e verificada a ſua exiſtencia com a opiniaõ commua autoriſada por S. Baſilio [13] entendem os mais que he ſobre a terceira regiaõ do Ar. (14) He por ſua natureza calido, e ſeco, tendo com mais exceſſo a propriedade de calido participada do Ar; entendem os Autores que he Elemento puro, e ſimples ſem mixto algum de outro contrario, como tem os outros Elementos. Naõ tem o Fogo em ſi como Elemento algum incendio com materia alhea na parte ſuperior, e media; ſó na infima ſendo contiguo com o Ar havendo agente, e paciente; tambem no Fogo como Elemento naõ ha fumos, porque he reſolluçaõ de toda a humidade, e aſſim na ſua eſfera eſtà luzente, nem lá podem chegar as

(10) *Vid. Ariſtot. in Meteor. & l. 2. de Generat. Plin. l. 37. de Hiſt. naturali. Alb. Mag. l. 2.*

(11) *Fernel. l. 1. Coſmotheor. Cap. 2. P. Clavius ad c. 1. Joan. de Sacr. Boſc. & Brocii l. 1. Coſmograph. c. 2.*

(12) *Hurtad. de Cælo de 3. S. 5. P. Telles d. 46. S. 4. PP. Conimb. l. 3. de Cælo cap. 8 quæſt. 1.*

(13) *D. Baſil hom. 3. Hexamer. & com. Philoſ.*

(14) *Cum Ariſtot. l. 2. de Cælo c. 3. a tex. 18. Origen. hom. 13 in Exodum. D. Aug. l. 22. de Civit. D. Clem. 1. Stromat. D. Hyer. Ep 123. ad Fab. D. Thom. apud Aleman Philo Jud. l. 3. de v. Moiſ. P. Hurtad. de cal. d. 3. S. 4.*

Nuves, porque eſtas naõ paſſaõ da ſegunda regiaõ do Ar, nem ſobem ſobre a ſuperficie da Terra por opiniaõ de Vitelio mais que 52U. paſſos (15) outros acreſcentaõ, e diminuem, dizendo huns que 77U. paſſos, e outros que 288U. (16)

(15) *Vitelius hic.*

(16) *Juſtin. in Sacr. Boſco.*

CAPITULO IX.

Da Metafiſica. Moſtraõ-ſe ſeus dogmas principaes, e expendem-ſe Autores que nas tres partes da Filoſofia eſcreveraõ.

A Metafiſica aſſim chamada, cujo nome ſoa ſciencia ultra natural, e diſſemos ſer da Filoſofia a parte terceira, mereceo ſer appelidada por Ariſtoteles Filoſofia prima, e por anthonomaſia Filoſofia Theologica (1) pois tranſcendendo ás razoens fiſicas, trata de couſas à viſibilidade remotas, e contempla couſas Divinas em quanto com o lume natural ſe pòdem perceber. Outros lhe chamaõ ſabedoria por inveſtigar couſas excelſas, e oſtentar principios certiſſimos.

Diffinio Ariſtoteles a Metafiſica, Hum conhecimento das couſas extrahido de ſuas altiſſimas cauſas. (2) He eſpiculativa, e verdadeira ſciencia, porque tem demonſtraçoens, e cognoſçoens evidentes, e neceſſarias. Seu objecto adequado naõ he Deos, nem ſubſtancia immaterial em quanto a Deos, e aos Anjos comprehende, nem Ente diviſo em dez generos, nem finalmente ſubſtan-

(1) *Ariſtot. de Metaph. l. 1.*

(2) *Ariſt. l. 4. Metaphis. cap. 1. & Lib. 11. Cap. 1.*

ſubſtancia em quanto abſtrahe do material, e immaterial, finito, e infinito; mas ſim o Ente univerſaliſſimo commum a Deos, e ás creaturas, à ſubſtancia, e ao accidente. Seu material objecto he o Ente em toda ſua latitud; e o ſeu objecto de attribuiçaõ he Deos (3) todos os Sabios a eſtimaõ, as Leys Canonicas, e Civis a reſpeitaõ.

(3) *Ita Compton. Arriag. Oviedo. Vid. Scot.*

Entre a numeroſidade de materias que a Metafiſica comprehende, e por naõ ſer difuſo, naõ expreſſo, moſtra que couſa ſeja o Ente; como ſe divida em Subſtancia, e Accidente, Deos, e creaturas; e ſe a razaõ de Ente tranſcenda formalmente todas as couſas que debaixo delle ſe contem. Como o Ente ſe divida em acto, e potencia. Que couſa he o ſer das creaturas *ab æterno*. Como ſe diſtingaõ a eſſencia, e exiſtencia. Qual ſeja o principio de individuaçaõ, da unidade, verdade, e bondade, propriedades do Ente. O em que conſiſta a formalidade do mal, e ſuas cauſas.

Moſtra outras diviſoens varias do Ente em perfeito, e imperfeito, finito, e infinito, dependente, e independente, ſimples, e compoſto, contingente, e neceſſario, em acto, e em potencia, em ſubſtancia, e accidente, *per ſe*, e *per accidens*. Explica que couſa acreſcente a ſubſiſtencia à ſubſtancia. Que o Accidente neceſſariamente deve inherir a ſogeito; e ſe eſta inherencia he eſſencial razaõ do Accidente. Se pòde, e deve inherir hum accidente a outro accidente; e ſe o accidente

cidente eſpiritual póde ſer eduſido da potencia de ſogeito corporeo, ou o corporeo da potencia eſpiritual; e para que o ſabio, e curioſo Filoſofo ſe poſſa bem capacitar neſta ſciencia, fazendo-ſe bom Logico, Fiſico, e Metafiſico, jà que por naõ encher as margens, e difficultar o prelo pareci avarento na alegaçaõ de Autores, àlem dos primeiros Doutores, e Meſtres que no capitulo IV. deſte livro apontey, lhe offereço o abreviadiſſimo Cathalogo dos ſeguintes, para que buſcando, e lendo, fiquem em todas as tres mencionadas partes da Filoſofia inſtruhidos.

Carolus Racconi.
Georgius Pachimerius.
Euſtachius a D. Paulo.
Joannes a S. Thoma.
Franciſcus de Rees.
Coſmas Alemanus.
Jacobus Priers.
Cornelius Valerius.
Blaſius a Conceptione.
Joannes Murmelio.
Carolus de Abra.
Auguſtinus Húnæus.
Joannes Cæſareus.
Raphael Sancius.
Claramontius.
Petrus Hiſpanus.
Van. Sichen.

Joannes a Cruce.
Georgius Stengelius.
Ferdinandus Caſtrilho.
Georgius Ferrarius.
Balthaſar Tellez.
Theophilus Raynaudus.
Joannes Nieremberg.
Maſtrius.
Poncius.
Bonetus.
Maſſius.
Murcia.
Campanella.
Caramuelis.
Caetanus.
Fraſenius.
Soares.
Vaſquius.

Me-

Merinerus.
Onka.
Smiſing.
Martines.
Capella.
Verdu.
Gallegus.
Flandria.
Serna.
Arauſius.
Villegas.
Villalpandus.
Commentaria Collegii Conimbricencis S. J.
Melchior de Caſtro.
Maginus Paieſius.
Bernardus Pennafiel.
Auguſtinus Bernaldus.
Martinus Smiglecius.
Rodericus de Arriaga.
Benedictus Pereira.
Hyeronimus Dandyno.
Matheus Riccio.
Franciſcus Rodericus.
Chriſtophorus a Sacro Boſco.
Antonius Rubeus.
Franciſcus Gonçales.
Jacobus Biderman.
Niculaus Cabeo.
Joannes Lorins.
Phelippus Trieu.
Jullius Scotus.
Franciſcus Hurtado.
Petrus Hurtado.
Thomaz Comptonus.
Paulus Valius.
Academia Lovianenſis.
Academia Complutenſis.

Et hoc ſufficiat.

CAPI-

CAPITULO X.

Da Medicina. Mostra-se a sua origem, augmento, e excellencia. Expoem-se as suas divisoens, antiguidade, empregos, e projecto.

HE todo o cuidado dos homens a concervaçaõ da saude, sem a qual periga a propria vida (1) e Deos que de tanto bem foy o Autor (2) e depende da sua suprema vontade a nossa vida (3) por altissima providencia foy o que tambem creou a Medicina para saude dos homens (4) tambem o mesmo Senhor creou os medicamentos (5) querendo acudissemos com promptidaõ aos remedios; os quaes ordinariamente saõ precisos para ajudar a obra da Natureza; determinou que honrassemos aos Medicos pois saõ os que remedios nos applicaõ (6) e se as enfermidades nos homens procedem as mais das vezes de excessos, o que deshumanamente fizéraõ nossos Pays primeiros foy causa de padecermos nòs taes enfermidades.

(1) *Proverb.* 29. 2.
(2) *Genes.* 2.
(3) *Ps.* 29. 6.
(4) *Eccles.* 28. 2.
(5) *Eccles.* 38. 4.
(6) *Idem* 38. 12.

Fez a necessidade com que a Medicina se reduzisse a espiculaçaõ, e praxe tendo só sido no principio huma mera experiencia. (7) Quem fosse desta Arte o Inventor primeiro, tem diversas opinioens: Diodoro escreve que Mercurio entre os Egypcios (8) Plinio diz que Arabo filho de Appollo (9) Clemente, que os Egypcios (10) outros atribuem o invento a Apis famoso Rey desta Naçaõ; outros a Esculapio filho terceiro de

(7) *Cornel. Celso.*
(8) *Diodor. Sicul.*
(9) *Plin. l.* 7.
(10) *Clem. Alex.*

de Arsippo, e Arsione; outros a outro Esculapio filho primeiro de Apolo; outros a Arabo filho do mesmo Apolo, e Babilonia; e os mais com Macrobio querem que fosse o mesmo Apolo (11) a quem os gentios tributàraõ adoraçoens de Divino.

(11) *Macrob. l. 1. de Saturnal.*

O antiguo Venuto na sua Harmonia tem que Misray neto de Noè foy o primeiro que principiou a ensinar Medicina por arte (12) dizendo que deste he que os Egypcios a aprendèraõ. O certo he, ser o invento da Medicina antiquissimo: consta que jà na doença, e morte de Jacob asistiraõ homens experimentados, e doutos com o caracter de Medicos, e deste tempo fazem no Texto Sagrado mençaõ delles as letras Divinas, (13) Salamaõ com sua feliz sabedoria fez sobre as virtudes das plantas hum livro medicinal (14) este se perdeo, e alguns Rabinos disseraõ que o Santo Rey Ezechias, para haverem de recorrer a Deos os homens, o queimàra. (15)

(12) *Ventus in Harmonia.*

(13) *Genes. 50. 2. Exod. 21. 19. & in multis.*

(14) *Ex 3. Reg. 4. 33.*

(15) *Apud Matute sup. idade 4 c. 16.*

Ficou assim passando o Mundo muitos seculos sem haver com formalidade Medicina, valendo-se os homens de observaçoens, e experiencias, para o que como Plinio, e Estrabo dizem, ou expunhaõ às portas das cazas, e Templos seus enfermos, procurando dos mais experimentados em queixas semelhantes, o concelho, tomando-se em assento (16) ou aprendiaõ dos Brutos os remedios que faziaõ nas suas enfermidades (17) e por este modo he que mise-

(16) *Plin. l. 8. Estrabo l. 8. de Geogr.*

(17) *Mexia na Silva l. 2. cap. 41.*

ravelmente ſe governavaõ: ſó os Gregos adiantando-ſe mais neſte projecto diſcorrèraõ jà ſcientificamente experientes dividindo com alguma formalidade a Medicina em tres partes: Diethetica, Pharmaceutica, e Chyrugica.

Correndo mais, e com velocidade os tempos, em o anno 3520. da creaçaõ do Mundo, 484. antes do Naſcimento de Chriſto (18) em cuja opiniaõ de Autores Medicos differem pouco os Hiſtoriadores, (19) naſceo Hippocrates Grego na Ilha de Coos em que por ſeu Pay Heraclides era Principe, e XVII. neto de Eſculapio [20] o qual por normas ſcientificas, e praticas pòs em toda ſua perfeiçaõ a Medicina, examinando as memorias antiguas, e expondo remedios novos; ſogeitou a natureza ao ſeu conhecimento, conciliou a razaõ com a experiencia; e ſendo da nova Medicina o Inventor, foy o primeiro que a reduſio a forma de ſciencia, e abreviou tudo em aforiſmos.

(18) *Iſtomachus l. de Hipocrate ſeſt. Franco ſup. q. 4. n. 4*

(19) *Fleſcul. hiſt. p. 1. cap. 7. an. mundi* 3618.

(20) *Henriq. Meibon. in com. ad Hippocrat.*

Pelos annos (com pouca differença) 160. do Naſcimento de Chriſto tambem em Roma floreceo Galeno, natural de Pergamo Cidade de Azia, ſendo Emperadores Antonino Pio, Marco Aurelio, e Commodo: fez-ſe depois de Hipocrates o mais famoſo na Medicina, deixando por obra, e ſapientiſſimos eſcritos no mayor eſplendor eſta ſciencia, razaõ porque os Romanos, e os Gregos a ambos levantàraõ eſtatua, merecendo

recendo tambem feliz laureola, Mercurio, Izidis, Prodico, Acron, Oziris, Apis, Oro, Chiron, Arabo, Cadmo, Podalyro, Machoon, Caſſio, Calpitano, Aruncio, Avicena, e outros que antes, e depois de Galeno foraõ com diverſificados dogmas na ſciencia Medica expertiſſimos.

Sabido pois que a Medicina he ſciencia eſpeculativa, e pratica, e que ſe como pratica conduz para a applicaçaõ dos remedios, como eſpeculativa trata do corpo humano fiziologicamente, obſerva os elementos, qualidades, e mixturas, temperamentos, idades, humores, eſpiritos, e callido innato de partes ſimilares, e organicas, de faculdades, e ſuas funçoens, do ſono, ſonhos, e vigilias, das cauſas, e ſintomas das doenças, dos dias decretorios dellas, com os motus criticos, e paulatinos, dos ſinaes diagnoſticos, e prognoſticos.

Contempla a Medicina por capitulos innumeraveis, infinitos achaques que ſuccedem ao corpo humano, ou em todo, ou em parte delle, pois he o corpo humano ſeu objecto, ao qual ſe reduz o que ha no Mundo. Obſerva as qualidades da Lua dos mais Planetas, e doze Signos Celeſtes, como tambem as quatro quadras do anno tudo a reſpeito do compoſto fiſico qual he o noſſo corpo.

Divide-ſe a Medicina em ſinco partes: na primeira ſe concideraõ as couſas naturaes, na ſegunda as cauſas, e enfermidades,

na terceira o modo de concervar a ſaude, na quarta os ſinaes que moſtraõ ſaude, e enfermidade, e ſeu termo proſpero, ou adverſo, na quinta cura as enfermidades. (21) Eſta quinta parte ſe divide ainda em tres: Dietetica que he ordenar o regimento, Pharmaceutica que he evacuar os humores, e Chirugia que he curar queixas externas, como feridas, chagas, naſcidas, tumores, ou couſas ſemelhantes.

(21) *Galenus Introd. cap. 5. Ariſtoteles. Apuleus.*

Foraõ ſempre eſtimadiſſimos no Mundo os Medicos, e reſpeitada a Medicina. Ao primeiro Medico que entrou em Roma, e foy Archagato filho de Liſis, natural do Peleponeſo ſendo Conſules Lucio Emilio Paulo, e Marco Livio no anno 535. da fundaçaõ de taõ illuſtre Cidade, deu o Senado Romano grandes iſençoens, e honras; e ſupoſto que obſervado o ſeu methodo foſſem poſteriormente reprovados, e expulſos de Roma, e Italia toda por Marco Cataõ Cenſorino (22) e em Babilonia tambem naõ admitidos (23) nem por iſſo (ſendo a tal opiniaõ de alguns Eſcritores regeitada) deixàraõ de prevalecer em notavel eſtimaçaõ, honrando muitos Principes com ſeus eſtudos eſta faculdade: taes foraõ Dioniſio Rey de Cizilia, Mitridates Rey de Perſia, Giges, e Sabor Reys de Media, Hermes Rey do Egypto, Adriano Emperador de Roma, e Conſtantino IV. de Conſtantinopla com outros muitos por Ficino mencionados (24) e por Eliano eſcritos. (25) Entre os muitos

(22) *Cato Epiſt. ad Marc. fol. Plin. vid. l. 29.*
(23) *Herodot. l. 1. Eſtrabo l. 16.*
(24) *Ficin. Ep. 1. ad Thom. Valer.*
(25) *Elian. l. 9. cap. 22.*

muitos Autores que nesta sciencia escrevèraõ, exponho aos curiosos para o seu divertimento, poucos, e saõ os seguintes:

Hipocrates.	Cornelio Celço.
Galeno.	Merola.
Aristoteles.	Duretto.
Avicena.	Baldivino.
Egidio.	Gaspar Bravo.
Egineta.	Baglivio,
Agatino.	Amato Lusitano.
Albertino Botino.	Mirandela.
Matasanos.	Alexandre de Frodizeo.
Ambrosio Pareo.	Albenzoar.
Dioscorides.	Christovaõ da Veiga.
Durando.	Daniel Senneto.
Botallo.	Duarte Madeira.
Asclepiades.	Antonio Muza Barzabulo.
Fallopio.	Lazaro Riverio.
Boneto.	Joaõ de Colle.
Silvio.	Alexandre Massaria.
Eliano.	Alexandre dos Anjos.
Aquilera.	Cypriano de Barroja.
Esculapio.	Averroes.
Torello.	Arnoldo de Vilanova.
Altomar.	Benedito Vitorio.
Garcia.	Brunetto.
Hortulano.	Lucas Tozi.
Fernelio.	Joaõ Curvo Semedo.
Ferrara.	
Ambrosio Nunes.	

Suposto a Cirurgia seja parte da Medicina, como naõ seja sciencia mere espiculativa, em outro lugar a trataremos, obviando confuzaõ.

CAPI-

CAPITULO XI.

Da Mathematica, Aſtrologia, e Aſtronomia. Moſtraõ-ſe os ſeus inventos, e expendem-ſe os ſeus objectos.

EStas relevantes ſciencias que foraõ digno emprego dos eſtudos, e curioſa eſpeculaçaõ de Varoens taõ famoſos, e ſabios que o Mundo teve, ſendo diverſas em os nomes, quazi o meſmo vem a ſer em os officios: Enſina a Mathematica as Conſtituiçoens da Esfera, e a diffine dizendo ſer hum corpo, ou couſa ſolida contida em huma ſuperficie, (tendo figura de hum Globo) em cujo meyo ha hũ ponto, chamado Centro da Esfera, do qual todas as linhas levadas à circunferencia ſaõ iguaes, mas a linha recta que paſſa o centro, e chega ás ſuas extremidades de huma, e outra parte, chama-ſe Exos da Esfera.

Moſtra que a Esfera ſe divide ſegundo a ſubſtancia, e ſegundo os accidentes; aponta o numero de diverſas Esferas, e as partes em que ſe divide o Mundo; define as regioens Elementares, penetra as operaçoens dos Elementos, repara na ſituaçaõ dos Pólos, obſerva os movimentos dos Ceos, configura o globo da terra, e agua em corpo rotundo, conta no Ceo as Eſtrelas moveis, e fixas, a qualidade, e quantidade dos Planetas, a diverſidade dos ſignos, e ſuas operaçoens, os creſcentes, minguantes, influxos, e effeitos da Lua, as qualidades,

curſo

curſo, eſtados, alturas, e operaçoens do Sol; e aqui achamos já ligadas, e complexas eſtas ſciencias.

Mas para que poſſamos abreviar o muito que eſta ſciencia comprehende, baſta conſtarnos que trata do Meridiano, Climas, Circulos, Orizontes, Zodiacos, Colluros, Equinocios, Tropicos, Aſtrolabios, Zonas, Paralelos, Motus, Eclipſes, Eſtaçoens, Demonſtraçoens, Incrementos, Computos, Pontos, Atomos, Momentos, Tempos, Mutaçoens, Aſcençoens, Deſcenſoens, queſtionando neſta, e outras materias.

Logo conſecutivamente ſe obſervarmos o de que a Aſtrologia Aſtronomica curioſamente trata, acharemos que (com pouca deſſemelhança) tambem da Esfera, Planetas, Aſtros, e diverſidade de Eſtrelas, expondo ſeus movimentos, influxos, de monſtraçoens, e prognoſticos, tocando outras, e muitas Methamaticas, materias que contempla, e envolve. Inſinúa pelo que nos Aſtros obſerva, ſe haverá doenças, frios, tempeſtades, terremotos, Eclipſes, chuvas, ſecuras, abundancia, ou eſterelidade de frutos; e ainda obſervada a phiſica conſtituiçaõ da creatura, e o aſpecto do Planeta em que naſceo, faz huma, e outra ſciencia ſeus prognoſticos, debaixo da Diſpoſiçaõ Divina: Salva a Aſtrologia Judiciaria prohibida, em que (por tocar neſta materia) ſe vier a propoſito, falarey.

Se agora curioſamente quizermos inveſtigar

vestigar daquellas illustres sciencias o principio, indagando quem fossem seus primeiros Inventores, e heroes nellas mais peritos, acharemos que (sem dar credito aos sonhos de Julio Firmico) por opiniaõ de Diodoro (1) e Hermon (2) que os Chaldeos asseverando que os Planetas conduziaõ para alcançar o bem, e fugir do mal, entràraõ a fazer observaçoens nos Astros por insinuaçaõ dos Egypcios a quem as ensinàra Mercurio, ou Actino filho do Sol como Diodoro refere (3) mas Jozefo diz que aos Egypcios as ensinou Abraham, dos quaes se participàraõ aos Chaldeos, e Gregos. (4) Pherecides, Syro, Pithagoras, e Thales que entre os Gregos praticàraõ primeiro estas sciencias, escrevem as aprendèraõ dos Egypcios, e Chaldeos: Plinio atribue este invento a Atlante filho de Libia (5) ou a Jupiter Bello (6) e Servio insinùa que Prometheo foy quem primeiro ensinàra estas sciencias aos Assirios. (7)

Repudiadas estas opinioens, e outras com mais probabilidade admitidas, se entende que Seth filho de Adam foy o primeiro inventor destas famozissimas Artes (8) e aos sete Planetas poz o nome. (9) O S. Henoch quarto neto de Seth qualificou mais as normas destas sciencias [10] e foy Noè quem as participou ao Mundo depois do diluvio, e dividio o anno em doze mezes solares (11) assinando as quatro Estaçoens de tempo.

Poste-

(1) *Diodor. l. 3.*
(2) *Hermon ad Ovid.*
(3) *Diodor. sup. l. 3.*
(4) *Josef. de Antiq. lib. 1.*
(5) *Plin. l. 7.*
(6) *Plen. l. 6.*
(7) *Servius sup. Eglog. 6. Virgil.*
(8) *Josef. de Antiq. lib. 1. cap. 3.*
(9) *Cedrenus in Compend. historiali.*
(10) *Genebrard. in Chronic. Euzeb. de Præpar. Evangelica.*
(11) *Matute na Prosap. de Christo. id. 2. cap. 1. §. 1.*

Poſteriormente muitos mais Inventores houve que para a perfeiçaõ deſtas ſciencias concorrèraõ; porque Hyparcho inventou varios inſtrumentos Mathematicos, e Aniximandro Mileſio formou a Esfera (12) Cleoſtrato achou os Signos, Pythagoras a Eſtrela de Venus, Endimion as qualidades da Lua, Eolo a ſciencia dos ventos, Thales Grego, Sulpicio, e Palamedes explicàraõ os Eclipſes (12) ſupoſto Cicero atribua o invento da Esfera a Arquimedes (13) e Diogenes a Muſeo (14) affirmando Viturvio que Tirreſtes deſcobrio o vento Aquilo. (15)

(12) *Plin. l.7.c.56. & lib. 2. cap. 12. Textor in officin. p. 2. tit. Aſtolog.*

(12) *Plin. l. 2. & 3. Eſtrabo l. 6.*

(13) *Cicer l.1.Tuſc.*

(14) *Diogenes.*

(15) *Viturvius.*

Neſtas ſciencias foraõ famoziſſimos o S. Rey Ezechias, S. Dioniſio Areopagita, S. Juſtino Martyr; naõ menos o grande Patrica Abraham como Suidas refere (16) os tres Reys Magos, o celebrado Julio Cezar, e antiquiſſimo Rey Anco com outros muitos; em fim apontarey jà aos curioſos alguns dos muitos Autores que neſtas ſciencias ſcientificamente eſcrevèraõ, para que nelles ſe devirtaõ.

(16) *Suid verb. Abraham.*

Ariſtoteles.	Regio Montano.	Manilio.
Ptolomeo.	Higinio.	Hipparco.
Alfragano.	Gelio.	Alcmeon.
Rodigino.	Cleomedes.	Arzabel.
Pubarchio.	Poſſidonio.	Albartegnio.
Boecio.	Eratoſthenes.	Origenes.
Ammiano.	Viturvio.	Cenſorino.
Macrobio.	Propacio.	Eſtrabo.
Heziodo.	Campano.	Policiano.
Ploclo.		Hermete.

Calippo.	Joaõ de Monte Regio.	Joaõ de Royas.
Marciano Capella.	Elias Veneto.	Abram Aven.
Heraclides Pontico.	Pedro Nunes.	Eudoxo.
Joaõ Stocflerino.	Joaõ de Regio.	

CAPITULO XII.

Das qualidades, e numero dos Ceos, Planetas, Aſtros, e Eſtrellas em cujo diſcurſo as ſciencias Fiſica, Medica, Aſtrologica, Aſtronomica, e Mathematica ſe occupaõ.

JA' que dos quatro Elementos fica alguma couſa eſcrito, naõ he juſto occaſione aos Criticos motivo de cençura, moſtrando que tendolhe dado noticias da Terra, as naõ teria tambem para lhe dar do Ceo, devendo eu ſolicitalas mais do Ceo do que da Terra; mas porque da Terra, e Ceo trataõ as ſciencias em que anteriormente falley, fallarey em nome das ſciencias, pois no meu naõ me atrevia; e naõ privando aos curioſos de noticias, nem faltando ao que as ſciencias inculcaõ, expendo jà abreviadamente o que na materia do preſente titulo os Sabios inſinuaõ.

Saõ os Ceos de natureza mais nobres, e elevada que as couſas materiaes, e corporeas deſte Mundo todo, porque ſendo eſtas compoſtas com huma meſcla de todos os quatro Elementos, tem natuteza corruptivel; mas o Ceo naõ ſó he livre, e izento de

toda

toda a corrupçaõ, mas huma materia ſimples, e naõ compoſta, nobiliſſima, e reſplandecente, concervando-ſe na meſma fórma em que foy por Deos creado ſem mudança nem impreſſaõ alguma que o preturbe, ſendo a ſua ſuperioridade, e excellencia tanta, que pela virtude activa dos movimentos que faz de Oriente a Poente, e por meyo de ſeus Planetas, e brilhantes Aſtros ſe vivificaõ todas as creaturas, e o Mundo todo ſe concerva, iſto com tanta dependencia, que ſe o Ceo ceſſaſſe em ſuas voltas, e occultando a luz paraſſe em o ſeu gyro, logo as creaturas todas pereceriaõ: deſte ſentido foraõ S. Agoſtinho, S. Baſilio, S. Dioniſio, Philo, Plataõ, e Ariſtoteles. (1)

Em o numero dos Ceos ha diverſas opinioens: os Egypcios, e Chaldeos affirmavaõ que eraõ oito os Ceos, cuja opiniaõ ſeguiraõ Plataõ, e Ariſtoteles (2) muitos PP. e DD. affirmàraõ que eraõ tres fundados no que S. Paulo eſcreve depois que foy ao terceiro Ceo arrebatado; outros Filoſofos, Aſtrologos, e Aſtronomos peritiſſimos com a opiniaõ de Tebicio, Jorge Pubarchio, Alarbe Albareno, Juan Monreal, e Affonço, Rey Heſpanhol affirmavaõ que eraõ onze (3) mas opiniaõ commua, e mais ſeguida conta doze.

No quarto Ceo mais vezinho á Terra eſtà a Lua Planeta primeiro, tem de circulo em ſeu luſtroſo Globo 186. legoas. O ſegundo em que eſtà Mercurio (que he huma

(1) *D. Auguſt. l. 3. de Trinit. c. 4. D. Baſil. hom. 6. Examer. D. Dioniſ. l. 4. de Divinis nom. Philo in lib. de Fabrica mundi. Plato in Theo. Ariſt. l. 2. de Generat. cap. 10. & in lib. de Generat. animalium cap. ultimo.*

(2) *Ariſtot. l 12. de Metaphiſica. cap. 8. Plato l. 10. de Repub.*

(3) *Tebicius. Georg. Pubarchi. Alarbe Albaren. Affonço R. de Heſpanha.*

Eſtrela, ou globo de luz aſſim como os mais Planetas) tem quaſi 50. legoas de circuito, e he o menor de todos. No terceiro Ceo eſtà o terceiro Planeta que he Venus, cujo globo de luz tem 198. legoas em redondo, e he o precurſor do Sol. No quarto Ceo eſtà o Sol mayor de todos os Planetas, e com ter a terra 7500. legoas em circuito, he o Sol 166. vezes mayor que toda a terra, na qual faz Veraõ, e Inverno, aſſinala Horas, Dias, Mezes, e Annos, fazendo duas vezes ſolſtiticio, hum a 22. de Dezembro que he o menor Dia, e outro a 22. de Junho que he o Dia mayor do Anno; como tambem moſtra dous Equinocios, hum a 22. de Março, outro a 22. de Setembro.

No quinto Ceo eſtà o quinto Planeta Marte, cujo luminoſo globo he duas vezes mayor que a Terra. No ſexto Ceo eſtà o ſexto Planeta Jupiter, cujo luminoſo globo he 95. vezes mayor que a Terra toda. No ſetimo Ceo eſtà o ſetimo Planeta Saturno, cujo globo he mayor que a Terra 91. vezes. No oitavo Ceo chamado Firmamento eſtaõ as Eſtrelas fixas ſempre na meſma diſtancia ſem movimento ſendo eſtas innumeraveis, ſupoſto os Egypcios, Caldeos, e Babilonicos lhe aſſignàraõ numero a certa quantidade de Eſtrelas a que concideràraõ, e obſervàraõ os influxos, expondo-as em 48. imagens, com a locaçaõ de 1U22. Eſtrelas principaes.

Eſte tal numero de Eſtrelas foy por elles

les devidido em ſeis partes, ou em ſeis diverſas grãdezas: na primeira ordem puzeraõ as 15. mais luminoſas, e lhe chamàraõ as Eſtrelas de mayor grandeza: na ſegunda ordem as de ſegunda grandeza que aſſignàraõ 45. Eſtrelas: na terceira 208. na quarta 464. na quinta 212. na ſexta 49. acreſcentando a eſtas 5. nebuloſas, e 9. tenebroſas.

Todas as Eſtrelas que concidèraõ os peritos na parte ſetentrional ſaõ em numero 360. tres ſaõ da primeira grandeza, 18. da ſegunda, 81. da terceira, 167. da quarta, 58. da quinta, e 13. da ſexta, huma nebuloſa, e 9. occultas. Na parte Meridional concidéraõ as Eſtrelas em numero 316. ſete da primeira grandeza, 18. da ſegunda, 63. da terceira, 164. da quarta, 54. da quinta, e 9. da ſexta com huma nebuloſa.

Todas as Eſtrelas que concidèraõ no Zodiaco, ou Orbe dos ſignos, ſaõ em numero 350. ſinco da primeira grandeza, 9. da ſegunda, 64. da terceira, 133. da quarta, 105. da quinta, e 28. da ſexta, tres nebulozas, e duas occultas.

Do oitavo Ceo dizem que tem tres movimentos, hum proprio, e dous preternaturaes; O que faz, e experimentamos cada 24. horas he proprio do primeiro movel, ou decima esfera, movendo-ſe ſempre de Oriente a Occidente; o que faz de Occidente a Oriente em tempo de 49U. annos que he proprio da nona esfera; e o que faz

faz proprio ſeu, a que chamaõ de trepidaçaõ, ou de acceſſo, e receſſo, o qual movimento em cada hum anno naõ gaſta mais que tres minutos. Dizem que deſte oitavo Ceo à Terra ha vinte e ſeis milhoens, 979U531. legoas. Que tem de concavo 169. milhoens, 593U750. legoas; e que tem de groſſura 26. milhoens, 98U823. legoas. Se fallàra Lucifer verdade, e com tanta preſſa como hum rayo naõ decèra, diria eu que fora elle o que ſem tanta falibilidade as medira, e mais miudeza as contára. Eſcrevi o que os Autores inſinuaõ.

O nono Ceo a que Ptolomeo chama primeiro movel (4) e outros o contaõ ſegundo, na opiniaõ de todos naõ tem alguma Eſtrela, e por ſer diafano lhe chamaõ Ceo criſtalino, e aqueo, porque neſte Ceo ſe collocàraõ. Dizem ter eſte Ceo dous movimentos: hum preternatural cauzado da decima esfera, ou primeiro movel em eſpaço de 24. horas, e outro movimento proprio, no qual gaſta 49U. annos, e ſe move cada anno 26. ſegundos. Da Terra até eſte nono Ceo dizem ſer 53. milhoens, e ter de concavo 339. milhoens, 187U500. legoas.

(4) *Ptolomaus.*

O decimo Ceo, e eſte he o a que commummente chamaõ primeiro movel, faz o ſeu movimento complecto em 24. horas, e a eſta esfera obedecem todos os outros orbes, e Ceos, e ainda a regiaõ do Fogo, e Ar, cujo movimento he muito regular, e uniforme. Eſta esfera em hum dia natural de

24.

24. horas passa pelos 360. graos que contem a circunferencia do Orbe, e máquina universa; e pela parte concava segundo a opiniaõ de Alfraxano anda 253. contos 317U20. legoas com hum movimento de Oriente a Occidente sobre os dous Pólos do Mundo, Artico, e Antartico. (5)

(5) *Alfraxano hic.*

O undecimo Ceo a quem S. Agostinho, S. Joaõ Damasceno, S. Boaventura, e S. Thomàs, Beda, Justino Theologo, e celebre Mathematico, Alexandre de Ales, e outros DD. chamaõ Impireo, naõ fazendo mençaõ de duodecimo Ceo, he o lugar em que Deos reside com todos os Espiritos Angelicos, e Bemaventurados: verificaõ que he immovel, e naõ tem materia determinada a movimento, he mais que todos resplandecente, e lucidissimo, de sua natureza uniforme, esferico, e rotundo, sem nenhuma Estrela; he finalmente immenso mar de toda a fermosura, Mundo Angelico intelectual, e Divino, lugar soberano que Deos tem preparado para os seus escolhidos. (6)

(6) *D. August. D. Bazil. D. Joan. Damsc. D. Bonav. D. Thom. V. Beda. D. Justin. Alex. de Ales.*

Tres movimentos fazem os Ceos: o primeiro he proprio do decimo Ceo, que se move de Oriente a Poente, como cingindo, ou abraçando os outros 9. Ceos que tem debaixo de si, aos quaes todos move, e faz dar a mesma volta que elle dà de Oriente a Poente no espaço de 24. horas. O segundo movimento he proprio dos nove Ceos, e o fazem de Poente a Oriente. O terceiro movimento he collateral ladeando-se com

espaçosa

eſpaçoſa proporçaõ atè o Pòlo Artico, e entaõ cauſa Veraõ; e atè o Pòlo Antartico occaſionando entaõ o Inverno. Plataõ, e Ariſtoteles entendèraõ que eſte movimento dos Ceos era cauſado por impulſo ſuperior. (7) Muitos Padres, e Doutores entendem que a cada Ceo deu Deos hum Anjo para o mover, o que naõ implica à Fé, como os meſmos verificaõ (8) e o tempo que cada Ceo gaſta em o ſeu motu, enſinaõ os Mathematicos por obſervaçoens, e conjecturas, mas com diverſidade nas opinioens.

(7) *Plato l. 1. de legib. Ariſtot. l. 8. Phiſicæ. & l. 10 Mathem.*

(8) *D. Dioniſ. Areopag. l. 15. de Cæleſt. Hier. a. q. & c. 8. de Divinis nom. D. Aug. l. 3. de Trinitate. c. 4. D. Gregor. P. l. 4. Dialog. c. 4. D. Bonav. l. 2. ſent. d. 14. ar. 13. q. 2. D. Thomas. opuſc. 10. ar. 3. & q. 6. de Potent. art. 3.*

CAPITULO XIII.

Do Direito Civil, e Canonico. Moſtra ſua Origem diviſoens, ſubdiviſoens, e materias que in utroque Jure ſe comprehendem. Aponta algumas fórmas de antigo Direito, ou Leys antiguas de que eſtas ſe eduziraõ.

DEixadas jà opinioens gentilicas que tudo atribuhiaõ a ſuas falſas Deidades, e omitidas as aſſeveraçoens de Poetas que pintavaõ como queriaõ, tendo jà feyto mençaõ no capitulo terceiro do terceiro livro deſta obra, de alguns legisladores famoſos que no Mundo houve, e aſſentando que Deos com a mayor formalidade depois que inſinuou o Direito natural, deu no alto do monte Synai a Moyſés o Direito, ou Ley Eſcrita; no capitulo preſente antes que do Direito expendamos algumas accepçoens, vejamos jà que quer dizer, ou de donde ſe origina eſte vocabulo *Direito*.

Eſta

Eſta que hoje paſſando jà de pratica a eſpiculativa ſe reconhece muito famoſa ſciencia, denominada *Direito*, que na voz latina ſoa *Jus*, e ſe entende por *Ley* (1) tendo duas ſignificaçoens eſpeciaes que notou Driédo (2) admitte tres ethymologias: Primeira chama-ſe *Jus - quod juſtum ſit* (3) Segunda chama-ſe *Jus* a *Jubendo*, pois he *Juſſum* o participio de *Jubeo*, de que extrahida a ultima ſylaba fica *Jus*. (4) Terceira Jus deriva-ſe de *Juſtitia* (5) e porque a cada hum dà o ſeu jùs, iſto he o ſeu direito, por iſſo eſte que no vocabulo Portuguez ſe diz *Direito*, na voz latina ſoa *Jus*. (5)

Significada pois a Ley por eſta palavra *Jus* (6) definem Ulpiano, e Celço o Direito: *Jus eſt ars boni & æqui* (7) admittindo os DD. deſtinçaõ *de æquo ad bonum*. (8) He ſeu objecto a Juſtiça; e eſta de dous modos ſe entende: Primeiro genericamente por toda a virtude: Segundo pela eſpecial virtude de dar a cada hum o que he ſeu; no primeiro ſe entende o que he ajuſtado às normas da razaõ, no ſegundo ſe ſignifica a equidade que a cada hum ſe deve de juſtiça. (9) Os PP. e DD. attendo às Eſcrituras às quaes ſe accommoda o commum ſentir, tem *per ſignificationem ſtrictam Juris - Fucultas quædam moralis, quam unuſquiſque habet vel circa rem ſuam, vel ad rem ſibi deditam*; (10) daqui ſe diz Jus *in re*, e Jus *ad rem*.

Tem a Ley varias diviſoens, e ſubdiviſoens: ſaõ as principaes, Ley da Natureza, Ley Divina, e Ley humana. A Ley da na-

(1) *Patet.ex §.ſingulorum.Inſtit. de Rer. divis. & l.jus natur ff. de legibus.*

(2) *Driedo l. 1 de libert. Chriſtian.*

(3) *Conan. lib. 1. comment. Jur. civil.*

(4) *Suar. Granat. lib. 1. cap. 2.*

(5) *L Juſtitia ff. de Juſt. & Jure.*

(6) *Origen. cap. 3. D. Iſidor. lib. 5. D. Aug. l 38. quæſt. D. Thom. 2. 2. q. 57. ar. 1.*

(7) *Ulpian. Jur. con. Celço.*

(8) *Ludov. Vivar ad Aug l. 2. de Civ. Dei cap. 17. & lib. 6. Ariſt. 5. Ethic. c. 10.*

(9) *D. Thom. 2. 2 q. 57.*

(10) *Vid. etiam Briſonium lib. 9. de Verb. ſign. Verbo Juris.*

tureza chamada Direito natural se subdivide no sentir de Tribuliano em Direito primario, e secundario: o primario que he *institum à natura* compete a todos os animaes racionaes, e irracionaes, sendo diffinitivo *Quod natura omnia animalia docuit, quæ in Cælo, quæ in terra, quæ in mari nascuntur.* O secundario só a todas as creaturas racionaes compete (11) e este outra vez se subdivide em Ley creada, e positiva, ou Direito positivo, e natural, chamado Direito das gentes. (12)

A Ley Divina que no sentir de Plataõ *Est gubernatrix universi existens in mente Divina* (13) se subdivide pelos Theologos em Eterna, e Temporal: I. *quia in ipso Deo est;* II. *quia ab ipso Deo immediate fertur* (14) e esta segunda ainda outra vez se subdivide em Ley Escrita, e Ley da Graça (15) que os Theologos tornaõ a subdividir em positiva, e negativa (16) ficando (com explicaçaõ esta Ley: Divina, e Humana. (17)

A Ley Humana que o Doutor Angelico subdivide *in Jus gentium, & civile,* subdividindo este outra vez in *Jus scriptum & non scriptum,* sendo este rigoroza Ley, e aquelle *Consuetudo*, o qual tambem *quo ad substantiam* tem verdadeira razaõ de Ley (18) admitte na torrente dos Doutores *in utroque Jure* muitas outras subdivisoens, sendo entre todas essenciaes, e especialissimas, Ley Civil, e Ley Ecclesiastica, ou Direito Cannonico, e Civil, de que (só tocado) neste capitulo falamos, pois he materia vastissima, e diffusa.

Achaõ-

(11) *Tribulian. hic de Jure naturali.*

(12) *ad Rom.2. D. Aug. tr.6. in Joan. D. Isidor. l. 2. & 3. Ethimolog. In Decret. d.1. Vid. in Jure Civil. Instit. de Jure naturali gent. & Civili, & l 1. ff. de Just. & Jure. Cicer. lib 1. de legib.*

(13) *Plat. in Thimæ.*

(14) *D. Thom. 1.2. q. 91. art. 3.*

(15) *Lege novum, & Vetus Testam.*

(16) *D. August. de Vera Relig. D. Thom. de necessitate hujus legis.*

(17) *Proverb. 8 ad Rom. 13. D. Aug. Sup. c. 31.*

(18) *Vid Suar Granatens. l. 5. c. 1. § 2.*

Achaõ-ſe enlaçados eſtes dous Direitos Cannonico, e Civil; e ſendo emprego de ambos o bem commum, e bom regimen das gentes, ſó differem em que o Civil obriga ſó com comminaçaõ de pennas, e o Cannonico preciza humas vezes tambem com pennas, e outras com cençuras, e peccado, diſtinguindo-ſe ao meſmo tempo os dous Direitos nas clauſulas de commum, e Eſtatutario, em que o Civil comprehende ſó aos ſeculares, ou na obſervancia da Ley commua por Juſtiniano (de que logo fallaremos) eſtabelecida, ou na Eſtatutaria que os Monarcas em ſeus Reynos determinàraõ; e o Cannonico comprehende naõ ſó aos Eccleſiaſticos, e Regulares, mas a todos os filhos da Igreja, ou na obſervancia preciza tambem da Ley commua poſta pelos Pontifices Romanos, ou na Eſtatutaria [chamada Conſtituiçoens] poſta pelos Arcebiſpos, e Biſpos nas ſuas Diocezes. (18)

Infinitas no Eſtado ſecular tinhaõ ſido as Leys antiguas, e achandoas o famoſo Emperador Juſtiniano em a mayor confuſaõ reduzidas a duzentos mil corpos de livros, ſendo tres os volumes de mayor reſpeito que reſpectivamente a ſeus Autores ſe chamavaõ Hermogeniano, Gregoriano, e Theodoziano, os mandou entregar aos homens mais ſabios do ſeu Imperio, para que unidos os reduziſſem ſubſtancialmente a hum ſó volume (19) o que fizeraõ, e o Emperador o confirmou, mas hoje jà naõ exiſte. (20)

(18) *Joan. Andr. Panorm. in c. 1. de Jure Calumn n.7. & ſumitur ex cap. Non debet de Conſang. & affin. Gratian. in Jus Canon. d. 1. 2. & 3. per tot. ex Iſidor. lib. 5. Ethimol. cap. 1. & ſeq. & Expoſ. in Rub de Conſtit.*

(19) *Bald. poſt tex. in lib. Jurisperit. 3c. ff. de cauſis.*

(20) *ex tt. Cod. de Juſtiniano.*

Com as memorias antiguas pelo decurſo dos tempos ſe foraõ purificando, e aperfeiçoando as Leys; e das que ſe hiaõ innovando ſe fizèraõ tres volumes em que ſe incluiraõ todas as forças do Direito, tendo o titulo de Pandetas, e Digeſtos, e deſtes conſecutivamente ſe viraõ ſincoenta livros, e o Compendio do Direito. Ficàraõ as ſuas Conſtituiçoens reformadas pelo Emperador Juſtiniano com o titulo de livro dos Autenticos, havendo hoje jà neſtas materias grande numeroſidade de volumes cheyos de Titulos, e Tratados, conſtando o Digeſto de 50. livros, o Codigo de 12. ſendo eſte o fundamento, e fonte de todo o Direito reſtricto ultimamente nos quatro livros da Inſtituta, e merecendo o Direito Eſtatutario Luſitano ſublime credito nos 440. titulos com que a Ordenaçaõ deſte Reyno ſe illuſtra.

Infinitas concidero as materias de que hum, e outro Direito Civil, e Cannonico (com deſtinçaõ nas Criminaes) repectivamente trataõ; e mencionando algumas por noticia ao Leytor, moſtro que ſendo a ſubſtancia de Juſtitia, & Jure, trata de authoritate Judicis, das Acuzaçoens, e Inſcripçoens, Appellaçoens Civeis, e Crimes, Compenſaçoens, e Concizoens, Condutores, e Procuradores, Conſtituiçoens, e Contratos, Fazendas, e Fiſcos, Depoſitos, e Denunciaçoens, Commercios, e Mercadorias, Aquiſiçoens, e Adopçoens, Tutores, e Curado-

res,

res, Pupîlos, e Patronos, Inceſtos, e Adulterios, Divorcios, e Repudios, Emancipaçoens, e Dotes, Herdeiros, e Heranças, Legados, e Legatarios, Compras, e Vendas, Penhores, e Hipotecas, Teſtamentos, e Teſtemunhas, Preſcriptos, e Preſcriçoens, Acçoens, e Tranſacçoens, Execuçoens, e Excepçoens, de Manu Regia, & punitione delinquentium.

Illuſtrárão ao Direito com ſeus eſcritos.

GUarnecio, ou Irnerio, denominado Lucerna Juris.

Joaõ Baſſian Cremonenſe - Lucerna Juris.

Bartholo Piceno, e Baldo - Lucernæ Juris.

Donello nos Commentarios do Direito.

Chriſtovaõ da Paz nos Scolios da Ley.

Cardozo, na praxe dos Juizes.

Frederico Hiltropio, nos Proceſſos Judiciaes.

Colero, nos Proceços executivos.

Calvolo na praxe Judicial.

Chercano, nas Opinioens commuas.

Joaõ Copino, na queſtoens de Direito.

Cornelio Brediato, nas Appellaçoens.

Borgnino, no Reportorio das Decizoens.

Cabalino, nas Rezoluçoens Criminaes.

Monticello, nas Regras Criminaes.

Carolo Tapia, nos Direitos Reaes.

Gabriel Pereira, de Manu Regia.

Franciſco Lucas de Parma, no Fiſco.

Gabriel Velaſques, nos Laudemios.

Ludovico Rodolfino, do Braço Secular.

Marco Cautello, nas Donaçoens.

Gutier-

Gutierres, nas Tutellas.
Bruario, nas Heranças.
Cevallos, nas Violencias.
Carrozio, nas Execuçoens, e Sequeſtros.
Cyriliano, na Summa Criminal.
Campano, Cartario, Graphis, Griveldo, nas Dicizoens; e outros &c. naõ mencionando por Eſcritores a Juliano, Papiniano, Julio, Graciano, e outros ſemelhantes que ideàraõ Leys, multiplicando eſtas os nomes pelos de ſeus Inventores.

Mais ſe eſpecialiſáraõ no Direito Cannonico em materias ſingulares, expendendo Sapientiſſimos eſcritos

Franciſco Leaõ, no Foro Eccleſiaſtico.
Anaſtacio Gerſon, nas Immunidades.
Seraphino, nos Privilegios, Juramentos, e Decizoens.
Niculao Garcia, de Benefitiis.
Peres de Lara de Univerſariis.
Bellete, nas Exquiſiçoens Clericaes.
Jacob Strozio, de Offitio Vicarii.
Gabriel Velaſco, e Rodrigues nos Privilegios.
Lotherio, de Re Benefitiali.
Joaõ Franciſco, do poder do Capitulo Sede Vacante.
Pavino, da Viſitaçaõ do Capitulo Sede Vacante.
Fellino, nas Conſtituiçoens.
Charanta, na Summa das Bullas.
Mozzio, nos Contratos.
Bermodo, nos Concubinatos,

Bona-

Bonacoſſa, nos Matrimonios.
Pechio, de Teſtamentis Conjugalibus.
Cenedo, na Pratica Cannonica.
Campanil, in Diverſorio Juris Cannonici.
Molina, Barboza, Soares, e outros, de Juſtitia, & Jure.
Franciſco Paulino Berſi na Pratica Criminal.
Bonacina de Legibus, & Clauſulis.
Franciſco Salgado, na Protecçaõ Real.

E finalmente outros muitos, mas o que fica dito baſte.

CAPITULO XIV.

Da Theologia Moral, e ſua praxe. Moſtra a deduçaõ do ſeu nome, vaſtidaõ a que ſe extende, e materias de que trata.

A Theologia Moral que com todos os Direitos ſe enlaça, e contem tantas materias ſuſcitadas por Sapientiſſimos Autores, illuſtradas com opinioens quaſi infinitas, he entre todas reputada vaſtiſſima ſciencia, pois no foro interior, e exterior nada à ſua comprehençaõ ſe occulta, e tudo com grande utilidade noſſa eſpiritual, e temporal, nella ſe trata.

Moral ſe denomina, derivado o nome *à More* (iſto he, do coſtume) porque dos coſtumes, e acçoens naõ ſó externas, mas internas ſubtiliſſimamente trata. Lorca diz que meſmo ſignifica o coſtume (1) e Soto eſcreve que o coſtume por eſta ſciencia ſignificado he huma certa inclinaçaõ natural para

(1) *Lorca diſp.* 21.

ra

ra obrar, ou hum frequente acto livre da vontade com ſua natural inclinaçaõ. (2) O Doutor Angelico enſina que he eſte coſtume modo repetido de obrar, com tal deſtinçaõ que ſe naſcer da determinaçaõ voluntaria do Operante, ſe dizem ſeus actos materiaes, *ſive ad mores ſpectantes*, e ſe a tal repetiçaõ de obrar naõ contèm livre determinaçaõ da vontade *proprie non dicitur mos, ſed aſſuetudo*, a qual naõ induz louvor, ou vituperio, merito, ou demerito *Sicut in moribus humanis*, os quaes ſaõ ſó louvaveis, ou vituperaveis; e neſtes actos ſó exiſte a moralidade, pois pelos actos humanos merece, e deſmerece a creatura, podendo-ſe eſtes entender *latiſſime, magis proprie, & ſtricte* com a formalidade que os Moraliſtas o explicaõ. (3)

(2) *Soto hic.*

(3) *Apud D.Thom.*

He ſciencia eſta (em boa opiniaõ) juntamente pratica, e eſpiculativa, e para a ſua perfeita acquiſiçaõ muito conduzem os Filoſoficos principios, pois tendo muitas diffiniçoens diverſas Fiſicas, e Metafiſicas, eſſenciaes, e diſcretivas, admitte ſubtiliſſimas diviſoens, e ſubdiviſoens, como tambem deſtinçoens congruentes, e neceſſarias.

Trata ſapientiſſimamente eſta ſciencia de *Juſtitia, & Jure*, da Ley *in genere* em quanto comprehende a Eterna, Natural, Poſitiva, Eccleſiaſtica: enſina ſe a Eccleſiaſtica penal obrigue em conciencia. Que couſa ſeja Cençura Eccleſiaſtica, quando, como, e em que caſos he juſta. Quantas caſtas ha de Excomunhoens, quem as pòde pôr, e abſol-

ver,

ver, e em que pennas, ou Cenſuras incorre quem trata com excommungados: quaes ſejaõ os tolerados, e vitandos: que couſa ſeja Interdicto, e Ceſſatio a Divinis: que couſa ſeja Irregularidade, e os que a incorrem por abuzar das Ordens, por defeito natural, ou corporal, por bigamia, por infamia, e outros crimes graves. Aponta as Propoſiçoens pelos Pontifices condennadas; as Excõmunhoens reſervadas da Bulla da Cea, e às que os Illuſtriſſimos Arcebiſpos, e Biſpos nas ſuas Diocezes reſervàraõ: trata tambem das ſuſpençoens.

Moſtra que couſa ſeja Fé, ſuas diviſoens, e objecto; que Fé he neceſſaria *neceſſitate medii, & præcepti*; da infedilidade, e Excõmunhaõ em que cahem os Hereges; trata da Eſperança, e Caridade; da bondade, e malicia dos actos humanos; Do homicidio caſual, ou voluntario, e duelos; do furto, e rapina; Quando, e como ſe contrahe obrigaçaõ de reſtituir; da reſtituiçaõ, e poſſeſſores de boa, e de mà fé; do mutuo, e uſura; dos Cambios, e Cenſos, das compras, e vendas, dos Contratos, uſuras, e ſimonias; da ſuperſtiçaõ, Idolatria, blasfemia, e Sacrilegio.

Trata dos Eſponſaes, e ſuas diſſoluçoens; do Matrimonio, e ſuas qualidades, de ſuas nulidades, e divorcio, e de ſeus impedimentos impedientes, e dirimentes, do eſtupor, e adulterio. Moſtra q̃ couſa ſeja voto, quantos ha, como, e quando obrigaõ; q̃ couſa ſeja Indulgencia, e Jubileo; que couſa a Immuni-

munidade Ecclesiastica, a quem valha, e em que casos, que cousa o Jejum Ecclesiastico, como, e a quem obriga, e dezobriga. Trata finalmente & unico verbo esta sciencia de todos os dez preceitos capitaes da Ley Divina, dos sete peccados mortaes, sete Sacramentos, e sinco preceitos da Igreja; explica as Bullas Pontificias, illustra a da Cruzada, e mostra os privilegios dos Regulares, como tambem outras muitas materias.

Mas porque esta sciencia preclara he privativa a meus muitos Veneraveis Irmãos os Senhores Sacerdotes que a seu cargo tem o ser Juizes, e Ministros do Sacramento da Penitencia, e nem todos para as congruentes resoluçoens do foro interno podem fazer nas Aulas applicaçaõ à Postila desta sciencia, digo

Para os Romanistas Confessores.

DEvem muito cuidar, e saber a obrigaçaõ do Confessor, que sciencia, e prudencia lhe he precisa, o quanto deve servir a todos de exemplo, e evitar todo o escandalo. A moderaçaõ que com os Penitentes deve ter; as occasioens proximas, e peccados de costume que deve evitar, incumbindolhe o pacificar discordias, fazer que se restitua o alheyo, e intimar a todos admoestaçoens saudaveis.

Deve saber o inviolavel sigillo que deve guardar; se lhe pòde ser licito em alguma occasiaõ usar da sciencia da Confiçaõ para

supri-

ſuprimir algum mal, ou eſtorvar algum peccado; que couſa ſeja conciencia, e em que potencia reſida; o como eſta ſe divida em recta, erronea, dubia, opinativa, e eſcrupuloſa, que couſa ſeja peccado, como ſe divida, e deſtingua, ſe de algum modo ha peccados veniaes que multiplicados conſtituaõ hum mortal, em que peccados ſeja preciſo declarar as circunſtancias, e quaes os que naõ admitem parvidade de materia. Se he licito, quando, e como o mentir, e o jurar; como, e quando ha de obrigar a reſtituhir, atè quanto, e em que caſos pela Bulla póde mandar compôr.

Para abſolver deve obſervar os actos do Penitente; ſe leva contriçaõ, ou atriçaõ, que dor, que exame, e que propoſito, evitando em tudo Confiſſoens nullas, e ſacrilegas Communhoens, em attençaõ a ſalvar, e naõ perder as Almas a quem lhe incumbe moſtrar o que baſta para pôr em Graça, ſabendo primeiro o que he neceſſario *neceſſitate medii, & præcepti* para a ſalvaçaõ.

Eſtas, e outras muitas couſas que por naõ ſer diffuſo nem confuſo naõ exponho, ſaõ preciſamente neceſſarias à comprehençaõ dos Confeſſores, os quaes naõ ſó como Romanciſtas, mas como profeſſores da Theologia Moral, àlem dos muitos Santos Padres que com ſeus ſapientiſſimos eſcritos a illuſtràraõ, exponho para que melhor ſe capacitem, alguns Doutores, e Autores que nas materias de Theologia Moral eruditamente eſcrevèraõ.

Leſſio.
Barboſa.
Caſtro Palau.
Covarruvias.
Maſtrio.
Filiucio.
Navarro.
Caetano.
Molina.
Armila.
Corduba.
Salazar.
Paſqualigo
Azor.
Sanches.
Kugler.
Lezana.
Railer.
Marino.
Capiuſchi.
Catalani.
Belarmino.
Reginaldo.
Bearchino.
Babenſtuber.
Henriques.
Ledeſma.
Coninch.
Iſamberth.
Averſa.
Tamborino.
Cheliſon.
Carpenſe.
Hurtado.
Camerota.
Vaſques.
Fagundes.
Saientes.
Henriques.
Lugo.
Amico.
Salas.
Lopes.
Angles.
Vilalobos.
Caſpenſe.
Rebelo.
Tabiena.
Piſanel.
Valentio.
Sylvio.
Alano.
Machado.
Miranda.
Garzia.
Ruteo.
Viguer.
Aragon.
Poncio.
Trullench.
Fauſto.
Rodrigues
Beja.
Herrera.
Merlino.
Mareſcot.
Reginaldo.
Squilante.
Chelliſon.
Paſſerino.
Chamerota.
Graffis.
Pezancio.
Lublin.
Pitigian.
Nigro.
Ripa
Baunio.
Mercer.
Silveſtre.
Sporer.
Salmanticenc.
Bezumbau.
Lacroix.
Layman.
Diana.
Soto.
Suares.
Portel.
Leandro.
Antonio do Eſpirito S.
Torrezilha.
Belſenſe.
Leandro do Sacram.
Vera Cruz.
Dicaſtilho.
Montalbano.
Murcia.
Corell.

CAPI-

CAPITULO XV.

Da Theologia Especulativa. Mostra se a sua Origem, e as materias de que trata; expende-se desta famozissima sciencia a singular relevancia.

A Theologia especulativa Rainha de todas as sciencias, pois pelas materias altissimas de que trata, tem o cognome de Sagrada, occupando na Igreja os mais sublimados tronos, e dando a seus Sapientissimos Professores (mais que as outras sciencias todas) elevados creditos, traz a origem de seu nome dos dous vocabulos Gregos *Theos*, e *Logos*, que no sentir do grande Agostinho idem valet, ac *sermocinatio de Deo.* (1)

(1) *D. Aug. l. 8. de Civit Dei Cap.* 1.

Contem em si esta relevante sciencia varias divisoens, e denominaçoens, porque *proprie sumpta, ratione medii seu luminis quo illustratur,* de tres modos se destingue, pois se pòde appellidar com tres nomes: Theologia de visaõ, de revelaçaõ, e de raciocinaçaõ; attendidas as tres luzes com que Deos illustrou ao homem: luz da Gloria, luz da Fé, e luz da Razaõ. (2)

(2) *Com. Theologi.*

Ratione subjecti tambem de tres modos a Theologia se denomina: Theologia de Deos, dos Bemaventurados, e dos Viadores: a primeira diz-se Comprehensiva, porque Deos a si, e a todas as cousas comprehende, (3) a segunda, Intuitiva, porque os Bemaventurados vem a Deos mesmo como he; [4] a terceira, Discursiva, pela qual os Viadores

(3) *Vid. ad Hebr.* 4.

(4) *Theologi com. ex Sacra Pagina.*

dores da maravilha das creaturas inferem as excellencias do Creador, e das Sagradas Efcrituras chegaõ a extrahir com demonftraçoens dogmas Catholicos; *Prima eft in fubjecto, adæquato, fecunda in fubjecto claro, tertia in fubjecto obfcuro.*

Ratione objecti tambem efta fciencia de dous modos fe divide: *Theologia nefceffariorum, & Theologia contingentium*; aquella *Refpicit Deum ad intra, & fecundum fe*; efta *Deum fpectat operantem ad extra, & per refpectum ad creaturas.*

Ratione methodi ainda fe devide de dous modos; dizendo-fe Theologia pofitiva, ou expofitiva, e Theologia efcolaftica, ou efpeculativa: aquella tem por minifterio pôr, e expôr os Myfterios de Fé, Catholicas verdades, e Evangelica Doutrina por modo Oratorio: efta por modo efcolaftico, e filofofico com fylogifmos, e argumentos queftiona, e apura as materias mais imperceptiveis.

Efta Theologia em que primeiro fallo, tem a Deos por feu formal, efpecificativo, e terminativo objecto: he util, e neceffaria ao lufimento, concervaçaõ, e augmento da Igreja (5) por acçaõ declarativa, probativa, deffenfiva, e difcurfiva(6) he a noffa Theologia fciencia, no fentido em que a fciencia foy pelo Filofofo diffinida(7) por fciencia efpeculativa a reputaõ varios Authores, outros com deftinçaõ o impugnaõ: Efcoto Doutor fubtil diz fer fimpliciter pratica. (8)

(5) *Colig. ex 2. ad Thimotheum. Concil. Conftanc. fect.* 8.

(6) *Ex D. Auguft. de Trinit. Cap.* 1.

(7) *Ariftot. 6. Ethic.*

(8) *D. Subt. quaft.* 4. *Prolog.*

Trata

Trata esta sublimada sciencia, de Deos Uno em si subsistente. Da Existencia, e Essencia de Deos; e com Escoto affirma ser a Existencia seu quidditativo predicado. Inquire se por algum modo se pòde Deos deffinir. Explica no modo possivel seu Divino Entendimento, e Intellectiva Potencia, e qual seja o seu primario, e secundario objecto. Trata da sciencia da simples intelligencia, e visaõ; e inquire se conhece Deos os futuros contingentes absolutos.

Expoem a razaõ formal constitutiva, e destintiva da Essencia Divina. Trata das Perfeiçoens Divinas em commum, e investiga se as perfeiçoens attributaes, e modificantes sejaõ *intensive* em numero infinitas, e em Deos existaõ *formaliter*, *virtualiter*, ou *eminenter*. Mostra as perfeiçoens dos Divinos Attributos; e com Escoto resolve que as rellaçoens Pessoaes se destinguem *formaliter* da Divina Essencia. Trata de suas perfeiçoens modificantes, ou attributos negativos; da Simplicidade, Immensidade, e Infinidade de Deos; como tambem da sua Eternidade, Immutabilidade, e Infalibilidade.

Mostra *in Divinis* a pluralidade de Pessoas: *Trinitas in Personis, & Unitas in Essentia*: que o Filho de Deos he Deos consubstancial, e coeterno ao Pay, naõ creado, mas gerado; e o Espirito Santo tambem Deos consubstancial ao Pay, e Filho. Inquire se se dà producaõ intrinseca in Divinis; se as razoens com que esta se prova, sejaõ demonstraveis,

e se

e se ha mais de huma producçaõ; se as Pessoas productas *immediate* procedaõ *per Naturam Divinam*, ou pelo Entendimento, e Vontade, e se foy alguma Divina Pessoa improducta; como se destinguaõ as Processoens, e se a do Espirito Santo seja geraçaõ. Mostra as Relaçoens in Divinis.

Trata da Incarnaçaõ do Verbo Divino, e Uniaõ Hipostatica, entra a ventilar se a creaçaõ da Alma de Christo, geraçaõ de sua Humanidade, e uniaõ della com o Verbo, sejaõ acçoens realmente destinctas. Se a Uniaõ Hipostatica fosse feita em unidade de natureza, ou de Pessoa, e isto por verdadeira composiçaõ. Se o Divino Verbo terminou Humanidade assumpta por razaõ da subsistencia absoluta, e commua, ou pela da relativa, e pessoal. Se o Verbo assumindo Humanidade, naõ só suprisse a sua subsistencia, mas a sua existencia. Se Deos como commum a tres Divinas Pessoas, por razaõ da subsistencia absoluta podia assumir humana natureza. Se poderia o Divino Verbo assumir a natureza Angelica, como fez à humana.

Trata da substancia, e subsistencia dos Anjos; dos seus dotes, e qualidades; do motu local dos Anjos; da sua virtude cognoscitiva ainda a respeito das cousas materiaes, e immateriaes; da vontade, e amor dos Anjos, e da sua producçaõ; da malicia dos Anjos, e penna dos Demonios.

Trata de todas as obras da criaçaõ do

Mundo

Mundo; da Creatura humana quanto á eſſencia da Alma; da uniaõ da Alma com o corpo; de todas as Potencias da Alma; do conhecimento da Alma ſeparada; da producaõ do homem quanto à Alma; do fim eterno da producaõ do homem; do eſtado, e condiçaõ do primeiro homem *quoad intelectum*; da Graça, Virtude, Juſtiça, que tinha no eſtado da innocencia, e dominio que lograva. Trata da preſciencia, e predeſtinaçaõ; em varias materias da Graça; do modo porque Deos governa o Mundo, e finalmente envolve em ſi eſta ſciencia outras muitas materias Theologicas que nas Aulas ſcientifica, e eſpeculativamente ſe diſcutem. Illuſtràraõ eſta ſciencia com ſeus eſcritos

S. Jeronimo.
S. Agoſtinho.
S. Bazilio.
S. Athanazio.
S. Gregorio.
S. Joaõ Chriſoſtomo.
S. Hilario.
S. Fulgencio.
S. Cypriano.
Alberto Magno.
Hugo Cavello.
Capreolo.
Marſilio.
Vanek.
Iliſung.
Pennafiel.
Rubion.
Poncio.
Fabro.
Ovando.
O D. Serafico.
O D. Angelico.
O D. Subtil.
Pedro Lombardo.
Alexandre de Ales.
Maſtrio.
Durando.
Caetano.
Aureolo.
Elias Cretenſe
Peres.
Licheto.
Gabriel.
Vaſques.
Paulo Merger.
Baſolo.
Mairon.
Rada.
Ricardo.
Miranda.
Tertuliano.
Henrique.

Ricardo outro.
Souza Lusit.
Egidio Lusit.
Valonio.
Herrera.
Benjumea.
Llamasar.
Delgadilho.
Suares.
Tatareto.
Canariense.
Plateli.
Valentia.
Vumel.
Vigerio.
Antonio André.
Bartholomeu de Torres.
Almain; e outros.

Mas porque na Theologia Positiva, e Expositiva tambem devo fallar, sendo esta pratica sciencia para Praticas, e Sermoens taõ util, na qual hoje tanto se esmèraõ os engenhos mais delicados, farey huma breve Peroraçaõ.

A meus muitos amados Irmãos Prègadores da Evangelica Doutrina.

HE taõ alto, taõ sublime, e taõ relevante o Ministerio a que vos applicaes Vòs ò Evangelicos Prègadores, que substituhindo ditosamente o lugar dos Apostolos Sagrados, verdadeiramente de Christo sois Discipulos; e expondo aos Catholicos a verdadeira Theologia nos Pulpitos, mereceis os mais sublimados creditos. Como eu em Elogios vossos posso ser averbado de sospeito, sendo os tres sentidos da Escritura Sagrada - Historico, ou Literal: Mistico, ou Moral, e Acomodativo, percebendo-se este por extençaõ, e aluzaõ: o Literal por proprio, e metaforico; e o Mistico, ou Moral por Allegorico, Tropologico, e Anagogico, quero só mostrar que em todos estes

sinti-

ſintidos por expoſiçaõ eminentiſſima ſó de Hugo Cardeal em ſuas obras aos Textos da Eſcritura, ſendo a vòs applicados, deveis conſiderar o que ſois, e o que haveis de obrar.

Prædicator velut Sol Oritur.
Prædicator eſt os Domini.
Prædicator eſt oculus.
Prædicator Tuba dicitur.
Prædicator dicitur Tonitruum.
Prædicator eſt ſicut Rete.
Prædicator dicitur Canis.
Prædicator eſt Seminator.
Prædicator eſt Sagita.
Prædic. dicitur Æſcandens ſonat, & ardet.
Prædicator eſt Bos triturans.
Prædicator dicitur Pecatorum Incantat.
Prædicator Lingua eſt Calamus Spiritus S.
Præd. eſt Pater corripiendo, Mater lactando.
Prædicator debet eſſe Dies, & Nox.
Prædicator ſignificatur per Columbam
Prædicatores ſunt Manus Domini.
Prædicatores ſunt Milites Domini.
Prædicatores ſunt Equi Dei.
Præd. ſunt Evangeliſtæ, & Judices Eccleſiæ.
Prædic. poſſunt dici Virtutes Cælorum.
Prædicatores ſunt ſagittæ pennatæ.
Prædicatores dicuntur Meſſores.
Prædicatores Sancti, Lucernæ ſunt.
Prædicatores ad cervam comparantur.
Prædicatores Chriſti, Organa veritatis.
Prædicatores Opera, dicuntur Fulgura.
Prædicatotes Oſſa Eccleſiæ dicuntur.

Præd. dicuntur Nubes, vel Nebulæ.
Prædicatores ſunt ſigniferi Dei.
Prædicatores ſunt Tubæ Domini.
Prædicatores deberent eſſe ſicut Angeli.

Prædicatio debet eſſe talis ut inteligant Auditores. Prædicanda omnia quæ ſunt ad ſalutem neceſſaria. Paſſionem Domini prædicare debent. Sanatum peccatorem debent reddere Chriſto. Non debent ceſſare a reprehenſionibus. Debent oſtendere bonam, & ſanam Doctrinam. Debent recte vivere, & humana contemnere. Debent habere opera Juſtitiæ, & Miſericordiæ. Terribiles, & blandos ſe exhibere debent. Debent eſſe vita ſpirituales, & zelo ferventes. Debent immitare Apoſtolos in omnibus quæ poſſunt. Debent poſt Prædicationem ſe convertere ad Orationem.

Expoſitores, e Autores da Theologia expoſitiva. Todos os Santos Padres e Doutores da Igreja Latina, e Grega que eſcrevèraõ.

Nicol. de Lira.	Lonher.	O Incognito.
Hugo Card.	L'Blanc.	Mendonça.
Corn. Alapid.	Pachioqueli.	Menochio.
Cor. Janſenio.	Tertuliano.	Barradas.
Origines.	Berchorio.	Valaſques.
Carthuziano.	Toſtado.	Baeza.
Theophilato.	Barberio.	Tirino.
Caſſiano.	Pineda.	Naxera.
Caetano.	Stela.	Philo.
Silveira.	Cellada.	Maldonado.
Abulenſe.	V. Beda.	Caſſiano.
Lorino.	O Imperfeito.	Boſtrenſe.

To-

Toledo.
Haymon.
Pineda.
Rabano.
Salmeiraõ.
Oliva.
Lipomano.
Alcuino.
Theodoreto.
Ruperto.
Pereira.

Oleaſtro.
Apiconio.
Spanner.
Gayeto.
Celço.
Illiſung.
Janſenio.
Izichio.
Laureto.
Pinto.
Cartagena.

Pulſito.
Magn. Gerhohi.
Dedinger.
Stromair.
Franc. Papo.
Maximil. Deza.
Joan.Gerſon.
Hantaler.

E outros quaſi infinitos.

LIVRO OITAVO

Vida Militar.

CAPITULO I.

Mostra a Origem desta famosissima Arte taõ celebre em o Mundo; quem foraõ seus primeiros Inventores, e quaes os solidos preceitos com que instrue aos que a professaõ.

A Vida Militar que aos seus Professores com gloria, e credito autorisa, e por suas excellencias relevantes muitos Academicos illustres (contra a opiniaõ de Cicero (1) às letras a prefiriraõ, por ser a que com suas maximas, e valor constante coroa Principes, deffende Reynos, e sustenta Monarquias, primeiro parece se praticou no Ceo quando o Arcanjo S. Miguel destruhio a Lucifer, e seus sequazes em a primeira batalha (2) e depois na terra foy Marte Deos da Gentilidade (como quiz asseverar Diodoro Siculo) o primeiro que a praticou. (3) Cicero diz que foy invento da Deosa Pallas (4) e escreveo Jozefo que Tubalcaim depois do Diluvio foy o primeiro que esta Arte conheceo, e exercitou (5) mas sem armas,

(1) *Marc. Tul. Cicer. hic.*

(2) *Apoc. c. 12. v. 7.*

(3) *Diodor. Sicul.*

(4) *M. Tul. Cicer. l. 3. de Natur. Deorum.*

(5) *Jozef. l. 1. de Antiq. c. 3.*

armas, e ſem preceitos, como Lucrecio verifica (6) ſem temeridade (pelo que jà deixamos dito) podemos entender que Setubal em ſua fundaçaõ primeira de Portugal, foy o primeiro theatro deſta gloria. (7)

(6) Lucrec. hic.

(7) Vide.

Outros querem com o meſmo Jozefo por outro modo entendido foſſe antes do Diluvio por Tubalcaim mencionado eſte invento; e que depois delle fora Nino Rey dos Aſſirios o primeiro que com quantidade de gente em campo, mas ſem ordem, deu batalha (8) e Aralio VII. Rey do meſmo Reyno foy o primeiro que formou exercito com ordem, e diſciplina Militar, uſando de paos, pedras, e outros inventos para a peleja, que antes ſe fazia às punhadas, e daqui vem eſte nome, ou vocabulo Latino - *Pugna*, de que pelo noſſo idioma ſe entende - Peleja, ou punhada. (9)

(8) Juſtin hiſt. l. 1.

(9) Colig. ex Lacrtio.

Logo todos os Principes, e Monarcas do Mundo querendo eſtabelecer os ſeus Dominios, concervar ſuas Coroas, e perpetuar os ſeus Imperios entráraõ a dar normas certas aos Militares, no que os Romanos ſe eſmeràraõ muito com o mayor cuidado (10) determinando a ſeus Capitaens mais experimentados, e valeroſos (jà havendo diverſa qualidade de armas) eſcreveſſem, e enſinaſſem a ſeus Soldados o bom regimen, e militar diſciplina que haviaõ de obſervar, o que cada vez mais ſe foy aperfeiçoando, e hoje ſe vè reduzido à melhor praxe, ſupoſto que com diverſo methodo, e coſtumes

(10) Pier. Valer.

varios

varios em as diversas Naçoens de que se compoem o Mundo.

Ensina esta Arte Militar aos Soldados

O como haõ de obedecer aos seus Officiaes mayores, e Subalternos.

O como haõ de saber menear as armas ás vozes, ou som de caixa.

O como se haõ de exercitar os Soldados para serem destros.

O como se haõ de pôr, e recomendar às sentinellas.

O como se haõ de tomar, e dar as ordens, Santo, e senhas.

O como se haõ de formar os Esquadroens.

O como se ha de acampar, e alojar Infantaria, e Cavalaria.

O como se ha de peleijar em Campanha aberta.

O como se haõ de fazer os movimentos na Cavalaria, e Infantaria.

O como se haõ de pôr os Cercos.

O como se haõ de abrir as minas, e contraminas.

O como se haõ de dar os assaltos.

O como se ha de em huma Praça meter soccorro.

O como se haõ de fazer levas para os Presidios.

O como se ha de proceder com os fugitivos, ou presioneiros.

O como se haõ de dar os saques.

O como se ha de mover, e levantar o Exercito; e outras mais cousas.

Ao Soldado Artilheiro ensina esta famosa Arte

Que advertencias ha de ter antes de carregar as peças.

Como se haõ de cortar os cartuxos, e que pezo respective à peça.

Como ha de usar dos soquetes.

Que proporçaõ haõ de ter as cucharas.

Como se ha de dar vento, ou folga às balas.

Que quantidade de polvora se ha de dar aos cartuxos.

Que advertencia em ordem ao cavalgamento das peças.

Como se haõ de fazer as pontarias, e dar fogo.

Como na terra, e como no mar.

CAPITULO II.

Mostra qual he a incumbencia especial do Militar Soldado Engenheiro, e as cousas em que se deve estabelecer o seu cuidado. Apontaõ-se alguns Autores que nas Militares materias escrevèraõ.

COmo nem só com as mãos, e braços o bom Militar peleja, mas tambem com o Entendimento desvelado, e cuidadoso seu Cabo, ou vigilante Official labóra, ainda fazendo-se necessaria a malicia na Milicia, para que prevendo-se os damnos se anticipe a providencia do remedio: he preciso que o experimentado Engenheiro preparando-se mais para defender do que para offender, alguma Praça por culpa sua se naõ tome.

Que a fortificaçaõ das Praças ſeja exercicio eſpecial dos Militares Engenheiros, he ſabido ainda dos que naõ ſaõ Militares; e para em todas as Monarquias haver Engenheiros eminentes, cuidàraõ ſempre os Principes de que em Aulas publicas (antes de ſe exercitar) eſtudaſſem. Nas guerras de Phenicia, Troya, e Roma daõ Plinio, e Valerio Maximo a entender foraõ Principes, e famoſos Capitaens os primarios Engenheiros; e he certo que por induſtria deſtes ſe conſeguio que Reynos, Cidades Caſtelos, e Fortalezas naõ perigaſſem.

Foy eſta Arte ideada para ſerem as Praças bem deffendidas, e todas ſuas partes flanqueadas, obſervada a diſtancia da parte deffendida, à parte de que ſe pòde offender. Para ſer pois nos ſeus projectos bem ſocedido, deve o Militar Engenheiro ter ſciencia da ſolida conſtrucçaõ, medidas certas, e idèa do edeficio, dos angulos reiterantes, tenalhas, meyos beluartes, beluartes com golas, flancos, faces, angulos, e cortinas.

Ha de ſaber que ha flanco recto, e obliquo, ou primeiro, e ſegundo; obſervarlhe a conveniencia dos parapeitos, e a neceſſidade dos foſſos, attender à utilidade das trincheiras, terraplenos, falſasbragas, contra eſcarpas, eſtradas encubertas, explanadas, e ſeparadas como meyas Luas. Deve ter intelligencia dos revelins, tenalhas, e coroas; obſervar os reductos, e linha de circunvalaçaõ; ſaber como ſe coſtumaõ atacar as Pra-

çaſ,

ças, como ſe lhe poem batarias, e contrabatarias, e às minas como ſe fazem contra minas; e finalmente como ſe deve haver nos rebates.

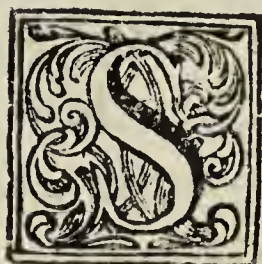
Para ſer o Militar Engenheiro bem ſocedido nas emprezas deve obſervar a fortaleza das muralhas, a qualidade, e quantidade da artelharia, o bem montado della, a pervençaõ, e bom recolhimento da polvora, ver de donde podem bloquear, fazer que ſe arrazem montes de donde bombeem, ter Murteiros, e todos os petrexos belicos prevenidos, e preparados.

Autores que eſcrevèraõ na Arte Militar.

O Conde Purlilias.
Cavallero de la Valleri.
D. Franciſco Lurago.
Don Diego Henriques de Villegas.
Julio Cezar Tirrufino.
Antonio de Ville.
Pietro Opezinghi.
Obizzo Anibale.
Galeaço Gualdo.
Alexandre Patricio Armacano.
Eliano.
Viturvio.
Zepeo.
Lanceay.
Mario Suborgnano.
Diego Garcian.
Lucio Lentulo.
Guilhelmo Choul.
Luis Mendes de Vaſconc.
Dioniſio Halicarnaceo.
Antonio Callo.
Onaſſandro Platonico.
Apiano Alexandrino.
Erard. A. Engenheiro.

E outros muitos.

CAPITULO III.

Moſtra o Originario principio dos Inſtrumentos belicos, e armas defenſivas, e offenſivas de que os Militares antiguamente uſavaõ, e das que hoje praticaõ.

SAbido jà que a malicia humana ideou ſempre todo o mal naõ ſó para ſe colorar a ſi, mas para offender aos outros, jà chamando à vingança, zelo; jà intitulando ao odio, deſpique, ſuſcitando diſcordias, e occaſionando guerras naõ ſó Reaes, mas domeſticas, e Civis; he juſto que exponhamos quem foraõ deſtes Inſtrumentos belicos os Inventores.

Praticava-ſe antiguamente quando ſe aceitavaõ duèlos, havia dezafios, pendencias, ou guerras, pelejar a braços havendo punhadas, dentadas, e couces, como Lucrecio, e Herodoto eſcreveràõ (1) logo depois ſe foy introduzindo o uſar de paos, e pedras em as peleijas, como refere Diodoro. (2) Hercules dizem foy o primeiro que para defenſa propria veſtio huma pele de Leaõ, e fabricou para arma offenſiva de hum pao groſſo, huma maſſa; do que veyo eſcrever Plinio que os Africanos foraõ os primeiros que com armas ſemelhantes chamadas (na ſua lingua) Phalanges, fizèraõ guerra aos Egypcios. (3)

(1) *Lucret. Poet. Herodot l.* 4.

(2) *Diodor. l.* 1.

(3) *Plin. l.* 7.

Querem os Hiſtoriadores que Appollo foſſe o primeiro Inventor de arco, e Scitha filho de Jupiter o que para deſpedir do arco inven-

inventou ſettas, e frexas. (4) Panthazilea (4) *Plin.* Rainha das Amazonas dizem inventou a alabarda, machadinha, e faxa de armas. Os Venabulos para os Officiaes de guerra, foraõ invento de Pizèo. Os Dardos foraõ invençaõ de Etolo filho de Marte; e dos de Etholia as lanças. (5) (5) *Plin.*

Herodoto, e Plinio diſcordaõ no inventor do Elmo, Eſpada, e Lança; porque eſte quer foſſem os de Lacedemonia, e aquelle que os Egypcios (6) outros dizem que os de Ethiopia foraõ os que inventàraõ as lanças. (6) *Plin. l. 7. Herodot. l. 4.* Præto, e Acrizio tendo entre ſi pendencias, ſe diz foraõ os inventores dos eſcudos, e outros dizem que Chalco filho de Athamante. (7) Midas Meſſenio achou a lorica, ou ſaya (7) *Herodot. l. 4.* de malha. Os de Caria inventàraõ capacetes com penachos. Os de Ethiopia as armas ervadas. Os de Thracia inventàraõ lanças, ginetas, e picas; outros dizem que Tirheno, ficando ſó ſendo a fouce, ou eſpada com figura de arco, invento dos de Thracia. (8) (8) *Clemente.*

Mas entrando logo com artificios de ferro, e bronze, ſupoſto o que diz Diodoro, fora Marte o primeiro que poz em campo exercito de ſoldadeſca jà armada para dar batalha (9) ſe entende que deſtes metaes (6) *Diodor. l. 6.* formàraõ Eudoxo, e Architas varios engenhos de guerra com eſpecialidade os trabucos, e Epeo os vaivens para bater as muralhas de Troya no ſentir de Plinio (10) e Viturvio diz fora dos Carthaginenſes eſte invento para demolir os muros de Cadiz. (11) (10) *Plinio lib. 7.* (11) *Viturv. lib. 10.*

Clazo-

Clazomenio, e Artemon para omesmo effeito inventaraõ as mantas fortes (12) em outros Authores acho ser hum só Artemon Clazomenio. Outros daõ por author destes artefactos a Dionizio, como tambem o engenho dos Arietes para o mesmo effeito; outros o attribuem a Epeo; outros aos Carthaginenses; outros aos Phenices; finalmente outros a Moyzes. Em o pelejar a cavallo se diz tiveraõ os de Thesalia a primazia, assim como os de Phrygia em pelejar de carro. (13)

(12) *Poliodor. l. 2.*

(13) *Hæc ex Pli. lib. 7. Celio l. 19. c. 32. Herodot. lib. 1.*

Do terrivel, e diabolico invento da Artelharia naõ se póde verificar o author, tal ves que por premissaõ Divina, pois se fez indigno de ter nome em a terra huma vil creatura que teve industria para destruir, e abrazar o Mundo. Quem os Authores apontaõ, e lhe fabricaó este fabrefacto, he hum Alemaõ por nome Artilhero, como querem huns, (dando nome ao que fez) ou chamado Bertoldo, como dizem outros, sendo este tal o mesmo que inventou tambem a polvora, de quem os Venezianos [primeiro que todos) a participáraõ (14) havendo de pelejar contra os Genovezes.

(14) *Volaterrano. Mendoça. Fern. Lopes na Chronic. del-Rey D. Joaõ I.*

Naõ teve formatura no seu principio como agora este belico instrumento; porque fabricandose de varias pranxas de ferro bem apertadas com arcos do mesmo, a que chamavaõ Bombarda, (15) hoje com mais pernicioza perfeiçaõ, assim de ferro, como de bronze, fortissimas, e de varios calibres se

(15) *Niculao Berardo, vid. Text. in eff.*

vem

vem fundidas, a que nem os ſoberbos baixeis, altas torres, fortiſſimos caſtellos, ou graviſſimas muralhas eſcapaõ, tendo eſte invento deduçaõ nos terribiliſſimos murteiros para ſe deſpedirem bombas, a que em fórma quaſi ſemelhante correſpondem as granadas, que na guerra manuzeaõ os ſoldados, tudo ordenado pela malicia do demonio para tirar aos homens a vida.

Alguns Authores modernos que quizeraõ apurar antiquiſſimas verdades, verificaõ ſer mais antiga a invençaõ da polvora, e artelharia, ainda fundados no meſmo que Textor eſcreve na ſua officina hiſtorica, obſervados os ſucceſſos que mencionaõ os Chroniſtas antigos; e ſendo aſſim, tambem diſputaõ em tal cazo a meſma antiguidade (como ſupponho) os arcabuzes, eſcopetas, béſtas, eſmirilhoens, clavinas, bacamartes, eſpingardas, e piſtólas, que conſecutivamente ſe uſáraõ em mar, e terra como vemos.

CAPITULO IV.

Apontaõ ſe algumas guerras, e antiquiſſimas batalhas que na terra, e mar por diverſidade de accidentes ſe fizeraõ famoſas, humas, e outras celebres.

SEndo Deos (como he) Senhor de todos os exercitos, (1) e de cuja poderoſa mão pende a ſorte (2) que ou entre felicidades ſe conſegue, ou entre pennalidades ſe experimenta, bem he que pelos exercitos do Senhor entremos a mencionar os que o Mundo admirou

(1)

(2)

rou grandes exercitos,havendo desde as primeiras guerras do Mundo celebradissimas batalhas.

Capitaneando Moysés ào Povo Hebreo, e dispondo-o assim Deos como Senhor dos exercitos sahio com innumeravel multidaõ de povo a buscar liberdade na terra de promissaõ,levando quasi seiscentos mil homens de armas capazes de dar batalha; e sahindolhe Tetmosi Rey do Egypto a cortar o passo em o mar vermelho com seiscentas carretas armadas, sincoenta mil homens de cavallo, e duzentos mil de pè, ficàraõ todos perdidos, e no mesmo mar afogados, pois dividindose as agoas, passou Moysés com seu exercito a pé enxuto, e o exercito dos Egypcios (unindose logo as mesmas) foy infelizmente submergido (3)

(3) *Exod.* 14.

Capitaneando Josué o Povo Hebreo, e tendo só quarenta mil soldados,sahiraõ contra elle em batalha vinte e quatro Reis Idolatras com duas mil carretas armadas, e trezentos mil soldados combatentes, dos quaes todos Josué com os seus, ajudando-o Deos, gloriosamente triunfou. (4)

(4) *Josue* 11. *& vid. totum suum lib. & Judic.*

Com duzentos mil soldados dos onze Tribus de Israel, e dez mil do Tribu de Judá, sahio por vontade de Deos a campo El-Rey Saul contra ElRey Amalech, e sendo os Amalecitas innumeraveis, ficàraõ logo vencidos, e Saul foy o vencedor. (5)

(5) 1. *Reg. cap.* 15.

Com cento e sincoenta mil soldados se poz em campo Senacherib Rey dos Assirios

para

para combater, ou assolar a fortissima Cidade de Peluzio nos confins do Egypto, deffendida com o soccorro de Taraca Rey de Ethiopia; mas por disposiçaõ Divina querendo destribuir aos Hebreos, ficou este soberbo Rey com todo seu exercito perdido, tornando só com dez companheiros a Ninive, adonde seus proprios filhos o matáraõ. (6)

(6) 4. Reg. cap. 19.

Com cento e vinte mil soldados a pè, e doze mil de cavallo mandou ElRey Nabuchodonozor a Holofernes seu Capitaõ general contra os Hebreos, que habitavaõ em Cezilia, Damasco, e no Monte Carmello, de huma, e outra parte do Jordaõ, e com todo este numeroso exercito foy só pelo pequeno povo de Bethulia destruhido, acudindo com industria a valerosa Judith. (7)

(7) Ex lib. Judith

Com trinta mil soldados de pè, e sinco mil de Cavallo taõ sómente accometteo Alexandre Magno a Dario Rey da Persia, que tinha seis centos mil homens, e ficáraõ vergonhosamente vencidos. Refez-se logo de gente ElRey Dario, pondo logo mais quatrocentos mil homens em campo de pé, e a cavallo, e nesta batalha segunda lhe succedeu como na primeira. Terceira vez poz Dario em campo mais cem mil homens de guerra, em cuja perda ficou seu Reyno assolado, Dario morto, e Alexandre Magno triunfante. (8)

(8) Ex Fascicul. temporum.

Com dous milhões de soldados por terra e mar, sete centos mil do seu Reino, e

trezentos mil de ajuda, que lhe deu outro Monarcha, com mais tres mil Naus, e duzentas galeras ſahio Xerxes Rey de Perſia para expugnar Grecia toda; mas naõ ficou bem deſta empreza; porque matandolhe o inimigo em mar, e terra hum milhaõ e novecentos mil homens, perdido ſe retirou com poucos. (9)

(9) *Oroſio, & Faſcicul. tempor.*

Com cento e vinte ſinco mil homens de pé, e a cavallo, e quinhentas Naus de guerra ſahio o Magno Pompeo contra os Corſarios que perſeguiaõ a todo o povo Romano. (10)

(10) *Ex comment. Cæſaris.*

Com exercito de ſincoenta mil cavallos, duzentos e ſincoenta mil homens de pè, e infinito apparato belico ſahio Metridates Rey de Ponto contra os Romanos (como refere Celio) e diz Sabelico ſe valera dos Reys de Azia, Armenia, e Scythia. (11)

(11) *Celio. Sabelico hic.*

Com cem mil homens de pé, e vinte mil a cavalo Soldados ſeus, com mais dez mil acavalo com que o ajudou Galia, e Liguria, e oitenta mil de pé que lhe chegàraõ de Cartago, poz Annibal tremendo exercito contra os Romanos. (12)

(12) *Raviſ. Text.*

Com cem mil homens de pè, e vinte dous mil de cavalo, e quinhentas Naus de guerra poz exercito Antonio contra Cezar que tinha duzentas e vinte Naus de guerra, vinte mil homens de cavalo, e oitenta mil de pè. (13)

(13) *Dion Prus.*

Com ſetenta mil homens de pè, dez mil de cavalo, e ſetenta e ſinco Elefantes armados poz Antigono Rey de Macedonia exer-

cito

cito contra Seleuco Principe de Siria, o qual tinha quatrocentos Elefantes, cento e vinte carretas de guerra, dez mil homens de cavalo, noventa e quatro mil de pè. (14)

(14) *Appiano.*

Com oitocentos oitenta e ſeis mil Soldados de pè, e cavalo puzèraõ exercito os Gregos contra os Troianos por vingarem o rapto de Elena, tendo os Troianos em defença ſeiſcentos e ſeſſenta mil Soldados, e perto de ſinco mil Naus de guerra, em o mar; mas o que naõ podiaõ bem fazer os Gregos, vencèraõ ſó os enganos de Sinon. (15)

(15) *Darete Phrigio.*

Com ſeiſcentos mil Soldados de pè, vinte e quatro mil acavalo, e oito mil carretas armadas em guerra ſahio Seſoſtre Rey do Egypto para conquiſtar a Arabia. (16)

(16) *Diog. l. 2.*

Com trezentos mil homens de armas ſe poz em campo Carlos Martelo Rey de França, e conſeguio notabiliſſimas emprezas. (17)

(17) *Ermilio.*

Com duzentos mil Soldados ſahio Uttiges Rey dos Godos, e poz cerco a Roma para a tomar, ou deſtruhir. (18)

(18) *Eſtrabo.*

Com duzentos e ſincoenta mil Soldados Triganes Rey de Armenia fez guerra aos Romanos, e foy vencido por Luculo Capitaõ Romano tendo cem mil Soldados de pè, e de Cavalaria ſincoenta mil. (19)

(19) *Biondo.*

Com ſetecentos mil homens de pè, e ſetenta mil acavalo, ajudando ſetenta mil Toſcanos, e Sabinos, vinte mil Umbros, e Sarſenates, ſetenta e ſete mil Sannitos, ſin-

coenta mil Japigezes, e Mesapios, trinta mil Lucanos, trinta mil Marcinos, e Ferrentanos, àlem de vinte e seis mil cavalos com que todos concorrèraõ, destruhiraõ os Romanos aos Francezes que pertendiaõ destruhir a Roma. (20)

(20) *Polibio.*

Com trezentos mil Soldados sahiraõ os Povos de Elvecia intentando mudar-se de paiz, e sahindolhe Ariovisto Rey de Germania com hum poderozo exercito para os destruhir, lhe acudio Julio Cezar, e deixou mortos oitenta mil Germanos. (21)

(21) *Ex Comment. Jul. Cesar.*

Com trezentos mil Turcos de todas as Naçoens barbaras do Mundo sahio Baiazeto Othomano contra os Christãos que ajudados por ElRey de Ungria, eraõ só oitenta mil. (22)

(22) *Paul. Jovio.*

Com duzentos e quarenta mil Turcos sahio seu general o Baxà Osmano para desbaratar os Persas. (23)

(23) *Cezar Campana.*

Estas, e outras quasi infinitas batalhas por numerosos exercitos ideadas pela arte militar, tem havido em o Mundo com mortandade de innumeravel gente, fazendo-se mais celebres humas do que outras pela variedade de accidentes, e succeços: Notavel foy a mortandade que experimentou o tremendo exercito dos Turcos no assalto que deraõ a Sisach, Castelo forte do Capitolio de Zagabria. (24) Celebres foraõ pela mortandade de gente inimiga as batalhas que em occasioens diversas dèraõ contra os Turcos Frederico Tieffenbach, o Conde Ferdinan-

(24) *Jansonii. Campana.*

do

do de Ardech, Pedro Huſſaro, Medino Toti, Sigiſmundo Tranſilvano. Naõ menos a em que Coſroas Perſa matou na Paleſtina quaſi novecentos mil Chriſtãos (25) a em que Tito na Judea matou hum milhaõ, e cem mil Hebreos (26) a em que Mario Capitaõ Romano matou trezentos e quarenta mil inimigos (27) a em que Miltiades Athenienſe matou duzentos mil Perſas a Dario; (28) a em que Carlos Martelo Rey de França matou trezentos e ſincoenta mil Viſogodos (29) Truela Rey de Heſpanha na batalha do Salado a quatrocentos mil (30) Affonſo I. Rey de Portugal no Campo de Ourique, Conquiſta de Lisboa, Santarem, &c. Manoel Rey de Portugal na Conquiſta da India (31) e outros em diverſas occaſioens que naõ repito.

(25) *Textor.*

(26) *Textor.*

(27) *Floſcul. hiſtor.*

(28) *Textor.*

(29) *Textor.*

(30) *Vaſconſel. Maris. Mariana. Caſtilho.*

(31) *Duarte Nunes. Brandaõ. Faria.*

CAPI-

LIVRO NONO

Vida Maritima, Nautica, e Piſcatoria.

CAPITULO I.

Moſtra quem primeiro teve no Mundo eſta Vida, e inventou navegarſe pelo mar. Aponta-ſe quem ideou as embarcaçoens primeiras.

NA terra, e naõ no mar ſabemos todos creou Deos a noſſos pays primeiros, ſupoſto tambem nos pexes lhe deu dominio (1) e os filhos de Adam como ſe naõ coubeſſem na terra, por neceſſidade huns, e os mais delles por cobiça, ſem temerem ariſcar, e fiar a propria vida de duas taboas, atrevidamente como ſe fora firme, e fixo o criſtalino centro, fazem moradas ſobre o mar, naõ havendo perigo que os acobarde, nem ſucceſſo que os intimide, ainda que diante de ſeus olhos tenhaõ exemplos notaveis.

(1) Geneſ.

Como eſta vida Maritima (na qual a cada paſſo ſe encontraõ infinitas mortes, em que a ſalvaçaõ corre o mayor riſco) tenha ſeu principio deſde o principio do Mundo, diſcordaõ os Autores na materia do ſeu primeiro invento; porque Eſtrabo diz que El-

Rey Minos fora o primeiro que ſe embarcou, moſtrando ter Senhorio no mar (2) Diodoro diz que fora eſte invento de Neptuno (3) querem outros que dos Cretenſes; o primeiro factor de embarcaçoens diz Hygino que tambem fora Neptuno: Diodoro diz que o foy Tiphis, e Tibulo: Plinio, que Danao: Euzebio que os Somatraces: e Clemente, que Atlante. (4)

(2) *Eſtrabo lib. 10. de Geograph.*

(3) *Diodor. l. 6.*

(4) *Vide Hygin. Diodor. Plin. Euzeb. Clem.*

A primeira navegaçaõ (diz Plinio) foy principiada no mar vermelho por ElRey Eritheo entre as Ilhas que ali ha, iſto em humas pequenas Barquinhas que ao principio ſe inventàraõ, e deſte ſentir he tambem Fabio Quintiliano. (5) Outros querem naõ foſſe Eritheo (que em outras partes acho Erichthreo) mas ſim os de Miſſia, e Troyanos os primeiros que meteràõ pè em Barca, e as inventàraõ para paſſarem o mar de Heleſponto contra os de Thracia.

(5) *Plin. l. 7. Fab. Quint. l. 10.*

Por huma Barca pois (ſe naõ foy Arca) principiàraõ as navegaçoens em o Mundo, e de tal ſorte com multiplicidade ſe foraõ os inventos augmentando, que por varias Ideas ſendo a vida Maritima bem frequentada, e ſeguida, ſe acha com embarcaçoens infinitas de diverſas lotaçoens, e qualidades que nos Reynos Eſtrangeiros tem pelas linguas nacionaes diverſos nomes com que humas das outras ſe deſtinguem.

Em o noſſo Portugal com diverſidade no tamanho, e na figura vemos Barcas, Barcos, Moletas, Lanchas, Saveiros, Xinxas, Ca-

Catraias, Canoas, do que tudo ordinariamente ſe uſa para as peſcarias; como tambem Fragatas, Botes, e pequenas Lanchas, e Eſcaleres para breves, e peſſoaes tranſportes; Caravelas, Sumaças, Setias, Gavarras, Barcos longos, Hiates, Pinques, Tartanas, Galeras, Charruas, Pataxos, e Navios para reconducçaõ de fazendas, e miniſterio de guerra.

Mas tornando à formalidade da materia, inveſtigando com probabilidade quem foſſe o que ſobre as aguas para que os homens naõ perigaſſem, e morreſſem todos, em hum Baixel lhe deu modo de vida, digo que foy ſó o meſmo Deos, quando no tempo do univerſal diluvio determinou a Noè que de madeira fizeſſe huma arca, para que elle, e outras mais creaturas ſe ſalvaſſem ſem morrerem afogados no medonho mar daquelle diluvio. (6)

(6)

A' imitaçaõ deſta protentoſa arca de que foy Deos o Inventor primeiro, à qual meſmo Jozefo como eſcrevem alguns Autores, e Berozo Chaldeo, como refere Jozefo chamou Navio, ſe fariaõ as mais Naus, e poſterior a eſta foſſe muito em bora a primeira Nau grande que ſe vio (conforme eſcreve Plinio) huma que mandou fabricar ElRey Danao, a qual paſſou do Egypto a Perſia, ſupoſto Euzebio verifique a fabricàraõ os de Samotracia, e Clemente que ElRey Atlas. [7] Os mais aſſeveraõ que Neptuno.

(7) *Jozeſ. lib. 1. antiquit. Plin. lib. 7. Euzeb. lib. 1. de Præpar. Evang. Clem. Beroſ. Chald.*

CAPI-

CAPITULO II.

Do que deve ao menos ter ſciencia pratica o bom Nautico para que as embarcaçoens naõ periguem. Trata de alguns que para mais facilmente navegar, deſcobriraõ meyos, e de outros que primeiro ideàraõ ligeiras embarcaçoens.

SEmpre he certamente prodigio grande do poder Divino participado ao ſer humano, que ſendo o mar o mais ſoberbo Elemento pelos influxos da Lua, e impetuoſidade dos ventos a mayor volubilidade, poſſaõ os homens com mais, ou menos trabalho navegalo em todo o tempo, e buſcarem os portos que dezejaõ, ſem que ſe percaõ, ſupoſto careſſaõ do mayor ſentido para que naõ periguem.

Eſte deve ſempre, e primeiramente haver no Piloto que a governa lembrado (ſe he Catholico) da conta que ha de dar a Deos daquellas Almas ſe por ſua incuria a embarcaçaõ ſe ſubmergir, ou for a pique; e ſe o naõ he, ſempre deve cuidar muito no como deve dar conta de ſi; para o que ſe lhe faz preciſo ſer pratico na carta de marear, e ſciencia da agulha para o bom governo do leme. Para ſe exercitarem os Nauticos, e ſerem expertos na ſua arte, devem ter noticia (com eſpecialidade o Piloto) da Aſtrologia para obſervar os ſeus dictames, tendo conhecimento pleno das declinaçoens, e curſo do Sol, dos circulos do Zodiaco, do

Orizonte, dos Tropicos, dos Polos, longitud, e latitud do Ceo, e Terra, dos Paralelos, do Emisferio, Zenith, Centro, e da linha Equinocial, da altura, e graus do Mediterraneo, ſabendo tomar o Sol, e conhecendo ſciente, e advertido para o nocturno tempo as Eſtrelas que lhe haõ ſervir para governo.

Todos eſtes principios da vida maritima, e nautica referem os Hiſtoriadores que fora invento dos Fenicios. Os Copas, e Plateas inventàraõ por dous modos, remos; Icaro inventou as vellas (ſe Eolo como Diodoro diſſe o naõ fez) os maſtros, e antenas do Navio foraõ invento de Dedalo; os de Hetruria inventàraõ as ancoras, a que Eupalamio acreſcentou os dentes, ſe o naõ fez (como outros querem) Anacharſis; Pizeo inventou a quilha, e eſporaõ; e Tiphis inventou o leme. (1)

Dos que primeiro ideàraõ em diverſos modos varias embarcaçoens ligeiras, e com effeito as fabricàraõ, ſe diz que os Hircos inventàraõ os Bateis, e os Fenicios as Barcas; que as embarcaçoens de remos foraõ invento dos Erytheos; que Amocles Corintho inventàra as de tres remos, e Damaſthenes as de dous como Thucidedes refere; os Cartaginenſes como Ariſtoteles diz as inventàraõ de quatro remos; Neſichthon Salamino diz Polibio que as inventou de ſinco; Xenagoras Ceziliano as inventou de ſeis; e Alexandre Magno de doze, que

(1) *De his omnib. Vide Plinium l. 2. 7. & 10. Achiles Boetio no Emblem. 74. Pedro de Medina l. 5 de Arte Navigat. & alios.*

atè

atè o numero de quinze foy invento de Ptolomeo Sother; de Demetrio filho de Antigono atè trinta; de Ptolomeo Philadelpho até quarenta; e de Ptolomeo Philopater a que outros chamaõ Triphon atè ſincoenta. (2)

(2) *Vide Plin l. 7. Diodor. l. 5. S. Izidor. Etymol. Thucidedes. Polibio lib. 1. Appian bel. Civ. l. 5. Jul. Polib. lib. 1. Blondo l. 6 Triumph. Horat.*

Das mais embarcaçoens ſe diz que os de Chypre inventàraõ o Bargantil; os de Salamina, ou Athenienſes inventáraõ as Charruas para carga; Hippio Tyro inventou com outra forma Navios largos para o meſmo; as Naus grandes diz Plinio foraõ invento de Hipotirio; as Naus mayores com cubertas foraõ inventadas dos Thezalios; Pizeo foy o primeiro que lhe accreſcentou as poupas; os Phenices, Eſclavonios, Chypres, Copas, Circences, e outros, foraõ inventores de quaſi todas as embarcaçoens que àlem deſtas jà aſſima mencionamos, ſendo eſta a intendencia da vida Nautica, e Maritima. (3)

(3) *Vid. Plin. l. 7. Feſto Pompeo. Eſtrabo l. 7. Plin l. 10. Herodot. l. 5.*

CAPITULO III.

Moſtra quem primeiro inventou a Peſcaria; quem eſtimou em muito eſta curioſa arte; quem primeiro na terra firme inventou viveiros para ter como no mar os pexes vivos. Apontaõ-ſe os nomes de pexes que ha no noſſo Portugal, e os modos de ſe peſcarem, e quem inventou o ſal.

DE Peſcadores (ſabemos todos) elegeo Chriſto aos Sagrados Apoſtolos para ſeus Companheiros, e Diſcipulos (1) que conſtituhio Principes da Igreja, logrando eſte modo de

(1) *S. Math.*

vida a mayor honra, suposto jà anteriormente tinha a Arte Piscatoria grande credito. Desta, como Euzebio refere, foraõ primeiros inventores os de Phenicia (2) foy estimadissima dos Romanos que della faziaõ hum grande apreço.

(2) Euzeb. l. 1. de Præpar. Evang.

O Emperador Nero, como refere Suetonio, foy taõ inclinado a esta arte, que nella muito se divertia, costumando pescar com rede de fio de Ouro, e seda, materia de que tambem eraõ as cordas porque puxava. (3) O Emperador Augusto entende-se foy o inventor da pescaria com anzol; e costumava muito pescar com elle. (4) Daqui veyo que por estimaçaõ desta arte muitas familias Romanas tomàraõ appellido dos pexes; algumas Hespanholas o concervaõ, e o tem algumas Portuguezas, como saõ o de Robalo, Lamprea, Sardinha, Pescada, Cassaõ, e outros bem conhecidos na Corte.

(3) Sueton. in ejus vita.

(4) Rai: in offic.

Os Romanos faziaõ tanto gosto da arte Piscatoria, que com custo grande, e inexplicavel deligencia extrahiaõ pexes estrangeiros de varios rios, e golfos para procrear nos mares da Italia em que os lançavaõ; e de Cayo Hircio se refere foy o inventor primeiro de fazer viveiros de pexe na terra firme. Missor, e Selech se tem pelos primeiros inventores do Sal: tudo referem varios Historiadores.

Os modos porque commumente se costuma pescar em nosso Reyno, he com anzoes, tarrafas, espinheis, cubos, covos, e

redes

redes de diverſos nomes, e com differentes modos, ſendo mais celebres entre todas as redes de arraſtar, xinxas, e armaçoens. Tambem para os pexes mayores ſe uſa de grandes, e groços anzoes, e arpeos; no Brazil vi peſcar noſſos nacionaes à eſpingarda, e aos Gentios que aſſiſti, e aldeei, vi peſcar à maõ nadando velosmente, e tambem à frecha os vi peſcar da borda dos rios.

Ha em o noſſo Portugal infinitas caſtas de pexes, e deliciofos mariſcos, tudo em grãde abundancia, aſſim no Mar, como nas Lagoas, e Rios; de mariſcos temos Mixilhoens, Berbigoens, Cibas, Xocos, Lulas, Oſtras, Lapas, Perceves, Polvos, Navalheiras, Carangeijos, C,apateiras, Longueiroens, Ameijoas, Cadelinhas, Camaroens, Eirozes, Burros, Ouriços, Santolas, Lagoſtas, Trutas, e Lampreas.

De Pexes temos Lingoados, Fataſſas, Douradas, Vizugos, Salmonetes, Ruivos, Gorazes, Caxuxos, Azevias, Cabras, Salemas, Peſcadas, Carapaus, Enguias, Sardinhas, Chixarros, Cavalas, Sardas, Serras, Lixas, Canejas, Tintureiras, Arrayas, Ouregas, Sargos, Saveis, Abroteas, Fanecas, Barbos, Robalos, Oeiros, Moreas, Xarroucos, Pargos, Chernes, Judeos, Melgas, Safios, Congros, Caçoens, Badejos, Rodovalhos, Corvinas, Bonitos, Albacoras, Atuns, Pexe Galo, Pexe Rato, Pexe Sapo, Pexe Prego, Pexe Solho, Pexe Eſpada, Pexe agulha, Pexe Anjo, Pexe Rey.

Ha

Ha em fim outras infinitas caſtas de Pexe groſſo, e muito mais miudo nos Rios, e mares deſte Reyno, huns que ſe comem, e outros de que ſe naõ uſa que naõ nomeyo, e finalmente outros deſconhecidos atè dos meſmos Peſcadores. Naõ uſamos de Tubaroens, Toninhas, Eſpadartes, e Baleas, havendo muitos. No Brazil que tem mais falta de Pexe, e o melhor he a Cavala, ſe uſa commumente do Xareu, e da Balea.

CAPITULO IV.

De alguns Pexes monſtruoſos que ha em diverſas Naçoens do Mundo, iſto he, nos mares de diverſos Reynos, e Imperios.

SEndo a Balea o mayor, e mais monſtruoſo Pexe que nos mares do Mundo conhecemos, e aos navegantes intîmida, pois com ſó huma rabanada que dè com ſua cauda, ou badanas póde fundir huma embarcaçaõ ligeira, e perder-ſe ainda huma de alto bordo, razaõ porque eſtas, e aquellas, ou com artelharia lhe atiraõ, ou com eſtrepito que fazem as afugentaõ, coſtumando ſeguir as embarcaçoens que vaõ ſeguidas, e he ſua peſcaria (ſupoſto que de muita conveniencia) perigoſa, tem ſó por inimigo ao Eſpadarte que com repetidas punçoens lhe tira a vida, ainda que na grandeza a naõ iguala.

Parece incrivel, mas tem atteſtaçaõ de Autores graves, que na Islanda ſe vem Baleas taõ grandes como montanhas, e tem muitas

muitas novecentos, e sessenta pès de comprido, que occupaõ quatro geiras de terra (1) e segundo Appiano Alexandrino que escreveo as guerras Civìs dos Romanos, tradusido por Alessandro Braccio Florentino, acho fazer mençaõ de Baleas tamanhas como duas geiras de terra, que explica ser cada huma tanto, quanto costumaõ lavrar dois Bois hum dia todo. (2) Massario o confirma (3) e Donato Calvo tambem o refere. (4)

(1) *Joan. Maria Bonardo ne la Minera del Mondo l. 4. c. 5. Vicenzo Tanara Econom. l. 4. f. 406.*

(2) *Appian. Alexandrino trad. por Alessandro Braccio de le guerre Civili de Romani.*

(3) *Massar. l. 1. cap. 32.*

(4) *Donato Calvo Resolut. 30.*

Nas prayas do mar de Inglaterra da parte do Setentriaõ se achou morto no anno de 1532. em o dia 7. de Agosto hum Pexe monstruosissimo, que depois de estar muita parte delle comida dos outros Pexes, Aves, e Feras, mal podia hum cento de carros levar o que delle restava. (5).

(5) *Olao Magno l. 25. cap. 9. e dis o vira.*

Nos mares da Noroega ha pexes de taõ estranha grandeza, e tambem Baleas, de cujos ossos se forma por maõ de Officiaes todo o madeiramento de huma caza, e ainda os trastes q̃ nestas costumaõ servir como bancas, assentos, e outras cousas necessarias; mas as pessoas que nellas moraõ tem a pençaõ de estar sonhando sempre que se afogaõ, ou que andaõ no mar entre horriveis tormentas. (6)

(6) *Olao Magno Hist. de Paesi setentr. l. 11. c. 15. e 16.*

Do Pexe Remora escrevem os Historiadores que ainda havendo no mar grande tormenta ferrando-se em huma Nau por grande que seja, a faz parar mais fortemente que huma pezada ancora. (7) No mar mayor de Constantinopla ha huns taõ grandes Pexes chamados Moloni, que desfeitos enchem sinco, ou seis Botes cada hum; como tambem

(7) *Tomaso Tomai Giardino del Mondo cap. 4. Baptista Fidel. Cent. 5. c. 16. Messia Roseo. selva rinov. pag. 4 c. 19. Athanas. Chicher Monum. dela China.*

bem outro grande Pexe chamado Cisila que naõ só nada, mas como hum Passaro voa. (8)

(8) *Baptista Bald. Ragion. de marav. l. 3.*

Na Africa ha Tatarugas taõ grandes, com especialidade em Cuba que sobre sua conxa, ou casca leva quinze homens, movendo-se com este pezo. (9) No Reyno de Gedrosia ha Pexes de tal grandeza, que de seus ossos se fazem traves para cazas. (10) Na India em o rio chamado Conchi ha grandes pexes com forma humana, e outros com a figura de Bois, e de Cavalos. (11)

(9) *Leon. Africano*

(10) *Grov. Mar. Tur. Prato de curiosità. fol. 43.*

(11) *Agostiniano suplem. de Chron. l. 15. Jacom. Philip. de Berg.*

Em Arlen de Hollanda anno de 1403. por occasiaõ de huma grande tormenta se vio huma Serea, da cintura para sima mulher, a qual comia paõ, fiava, e adorava o Crucifixo, ministrandoselhe, mas só naõ falava. (12) Na Costa da Pescaria India Occidẽtal, em o anno de 1546. foraõ colhidas nove Sereas femeas, e sete machos com forma humana da cintura para sima, e de mais grande corpo as femeas do que os machos. (13)

(12) *Gio. Laercio l. déla Fiandra l. 8. Brettio déla marav. de Fiandr l. 8. c. 4. Serpetto. Mercato.*

(13) *Dimas Bosco. Danielo Cartoli hist. de Asia p. 1. l. 7. fol. 487.*

Galantes Pexes se achaõ na China, que conforme os tempos mudaõ a natureza, de Inverno vivem nas aguas, e de Veraõ se transformaõ em Passaros que voaõ. No mar da Arabia o Pexe Signofenice tem as escamas listradas de ouro, e prata; e o Pexe Lucerna faz de noite tanta Luz com sua lingua como huma tocha aceza. (14) Por Lambalo Grego foy descoberta huma Ilha no Occeano em que vio Pexes com forma redonda, e pès à roda, huma Cruz no meyo do lombo, e em cada extremidade desta hum olho, e huma orelha. (15) Baste para noticia curiosa.

(14) *Gio Maria Turre. prato de Curiosità fl. 43.*

(15) *Diodor. Sicul. Bossio l. 2. c. 6. Pietro Messia. Mambrin Ros. Franc. Sansovin. Selva renovata.*

LI-

LIVRO DECIMO

Vida Officiosa.

CAPITULO I.

Dos Julgadores, Advogados, Escrivaens, Tabaliaens, e Requerentes; dos Meirinhos, Alcaydes, e Carcereiros. Tocaõ-se antiguidades celebres; e mostra-se quem foraõ os primeiros Juizes, quando se estabelecèraõ, de que materia eraõ as suas varas, quem primeiro instituhio os carceres, e inventou os azylos.

TEndo jà anteriormente mostrado quem fossem os Legisladores primeiros, e expendido qual fosse no Direito Civil, e Canonico o seu principio, devemos passar do espiculativo ao pratico, mostrando as operaçoens de quem as poz em execuçaõ.

He assim no Estado secular como no Ecclesiastico o Officio de Julgador entre todos mais terrivel; porque tolerando crueis pençoens, e sofrendo o mais laborioso disvello, a naõ ter em sua maõ huma vara chea de olhos como Isaias vio *Virgam vigilantem ego video* (1) melhor era aos que pertendem esta vida tomar o concelho de Christo, que naõ

(1) *Jerem. c.* 1. 11.

obſtante determinar ſejaõ ſabios aquelles que julgaõ a terra *Erudimini qui judicatis terram* (2) diz que quem naõ quer depois ſer julgado, naõ ſe exponha a julgar *Nolite judicare, & non judicabimini* (3) pois ordinariamente ſe naõ vem ſahir do Mundo bem julgados aquelles que tomàraõ por officio julgar o Mundo; e carregados de encargos, ſem que na hora ultima lhe valhaõ os reſpeitos que attendeo, os dinheiros que adquerio, e as peitas que em donativos aceitou, correm as Almas dos Julgadores o mayor riſco, pois que oneradas as ſuas conciencias, como *Omne grave tendit deorſum* (4) expoem-ſe a ſahir do Tribunal Divino para o eterno percipicio.

(2) *Pſ.* 2. 10.

(3) *Math.* 7. 1. *Lucæ* 6. 37.

(4) *Ita Philoſophi.*

No Povo Hebreo ſe verifica haver os primeiros Julgadores, entre os quaes ſantamente logrou Moyſés a primaſia (5) ſuppoſto alguns Hiſtoriadores digaõ que Cecrops contemporaneo de Moyſés jà antes delle era Juiz. O certo he que entre os antigos taes Miniſtros naõ havia, ſó ſim hum reſpeito tal aos mais prudentes, e mais velhos que voluntariamente lhe obedeciaõ, e como a Oraculos os conſultavaõ.

(5) *Jozefo l.* 1. *& l.* 10. *Antiquit.*

Os Athenienſes conſecutivamente foraõ depois os que com formalidade inſtituhiraõ Juizes, ou Julgadores, ſendo Nino o primeiro que obteve eſte regimen (6) que poſteriormente obſervàraõ os Romanos aos 3185. annos da Creaçaõ do Mundo, tempo em que ſe diz naſceo Abraham. O Magiſtrado dos Julgadores, ou ſeis Juizes do governo

(6) *Juſtino.*

governo entre os Areopagitas, foy famoſo, e celebrado, e por Solon inſtituhido (7) e o que entre os ſeis ſe ordenava a mais votos, indefectivelmente ſe obſervava.

(7) *Plutarch. D. Aug. l.* 18. *de Civ. Dei.*

Os Lacedemonios por determinaçaõ de Lycurgo ſeu Legislador admittio tambem Julgadores, mas por lhe evitar o perigo da cobiça, deſterrou de ſeu Reyno todo o dinheiro de prata, e ouro, mandando-o ſó bater de ferro. (8) Entre os Romanos novamente para julgar, ſe inſtituhiraõ Senadores, mas ElRey Tarquino o Soberbo, vendo que os taes ſe corrompiaõ com dinheiro, eſtabeleceo ſó entre dous Conſules como rectos Julgadores o governo todo (9) e foraõ eſtes Lucio Junio Bruto, e Lucio Tarquino Collatino (10) e naõ parando ainda aqui eſte modo de governo que durava hum ſó anno, dahi o mais atè doze, ſuccedendo conjurarſe contra os Romanos quarenta Cidades dos Latinos, para o que concorreo Octavio Manilio genro de Tarquino, foy eſte, e os mais Conſules expulſos, elegendo-ſe Ditadores. (11)

(8) *Plutarch.*

(9) *Titol. l.* 2. *Dioniſ. Alicarn. l.* 4

(10) *Iidem ibi.*

(11) *Feneſtela. Titoliv.*

Aſſim ſe entràraõ a denominar os Julgadores entre os Romanos, ſendo nome que avocàraõ dos Gregos (12) ou como quer Licinio, dos Albanos (13) ou dos Cartaginenſes como diz Trogo Pompeo (14) e foy eleito o primeiro Ditador Tito Largio (15) e jà a eſte tempo ſe admitiaõ officiaes menores de Juſtiça que àquelles eraõ ſubalternos, a que chamavaõ Magiſtrados, ſobre os

(12) *Dion. Alic. lib.* 5. *Antiquit.*

(13) *Licinio.*

(14) *Trog. Pomp.*

(15) *Titoliv. l.* 2.

quaes ainda immediatos aos Ditadores, tinhaõ jurisdiçaõ os Tribunos (16) dos quaes foy Aulo Sempronio o primeiro, e andando estes officios de Justiça nos Patricios, e pessoas graves, Publio Licinio Calvo os adulterou no anno 355. da fundaçaõ de Roma pondo-se em homens populares, a tempo que pelos Romanos já estava o Decemvirato instituhido, no anno 300. daquella fundaçaõ. (17)

(16) *Polibio l. 3. Plutarch.*

(17) *Titoliv. l. 3.*

Com estes, e outros nomes semelhantes se appellidavaõ os Julgadores, e officiaes de Justiça entre os Romanos, que tambem para os pupilos admittiaõ Patronos, Advogados, e Requerentes, Escrivaens, e Tabaliaens com vocabulos diversos aos nossos, sendo mais ordinario aos Alcaides, Meirinhos, Carcereiros, quadrilheiros, e outros semelhantes o nome de Lictores que hoje os mesmos Romanos chamaõ Esbirros; e estes eraõ os que acompanhando (como ainda hoje) aos seus Ministros lhe levàvaõ adiante as varas, que naõ era só huma a cada hum, mas hum molho dellas atadas, e dentro delle algumas pequenas alabardas, ou machadinhas. (18)

(18) *Vid. Titoliv. Dionis. Alicarn. Plin. l. 8.*

As prisoens de Carceres, ou Cadeas para os delinquentes foy invento d'ElRey Anco (19) como tambem as algemas, e grilhoens. Jozefo, e Herodoto diz ser isto mais antigo, e o atribuem a Nembroth, pois foy este o primeiro Juiz no Mundo que punio asperamente a quem quer q̃ achou com-

(19) *Titoliv.*

pre-

prehendido em delicto. (20)

As fintas, tributos, ou Cenços que os Julgadores, ou Justiças poem ao povo por cabeças, tivèraõ principio no povo Hebreo, a quem Moysés por disposiçaõ de Deos as poz (21) os Romanos muito as praticàraõ, (22) e os Athenienses os seguiraõ. (23) O primeiro que inventou, e determinou couto, ou azilo, foy Hercules em a Cidade de Athenas. (24)

(20) *Jozef. de Antiq.* *Herodoto de Antiq.*

(21) *Exod. cap. 30.*

(22) *Titoliv.*

(23) *Josef. l. 3. ant.*

(24) *Stacio lib. 12. de Thebaida. Vide hunc tom. l. 3. c. 3.*

CAPITULO II.

Dos Cirurgioens, Anatomicos, Quimicos, Boticarios, Herbolarios, e Sangradores. Mostra-se a sua origem, e antiguidade. Expendem-se os seus empregos.

A Arte Chirurgica denominada por alguns Autores Medicina ministrante, e certamente he parte da mesma Medicina, tendo como esta por objecto o corpo humano, nelle fizicamente opèra vendo-o necessitado; se pois da Medicina em outro lugar jà tratámos, da Chirurgia agora alguma cousa diremos.

Deriva-se este nome Chirurgia de Chiros palavra Grega que quer dizer - mãos, e de - Gio - que quer dizer obra, e he o mesmo que dizer - Artifice natural que cura os danos externos, e isto faz o Chirurgiaõ nos nossos corpos, sem que este nome, e exercicio prive de excellencia a Arte, ou lhe diminùa o credito que por seu exercicio mereceo, e por sua antiguidade conseguio.

Nesta se iguala com a Medicina esta Arte,

Arte, pois tivérão ambas igual o nascimento, sem que esta daquella se destinguisse nos sogeitos, que hoje vemos dividida nos Officios. Seu primeiro Inventor parece foy Esculapio, de quem os Gregos verificaõ foy o primeiro que atou chagas, e feridas. (1) Estrabo na sua Geografia diz que o famoso Hipocrates se a esta Arte naõ deu o ser, ao menos a suscitou vendo o quanto para o corpo humano era precisa. (2) Comprovase que Archagato filho de Lizis natural de Peleponesso foy o primeiro Medico Chyrurgiaõ que entrou em Roma no anno oitocentos e sinco da sua fundaçaõ, e vendo o bem que curava as chagas, e feridas o chamàraõ sarador, e lhe dèraõ as izençoens, e foros dos Cavalheiros, ou Patricios Romanos; mas depois que obsérvàraõ usava de cortar membros, e darlhe fogo o appellidàraõ verdugo, e aos mais que o imitàraõ, sendo em fim dezestimados, e expulsos, mas posteriormente chamàdos. (3)

Diffine Mascardo a Chirurgia ser huma antigua, e certa parte de toda a Therapeutica, e hum habito do Entendimento pratico adquirido com espiculaçoens, e muitas experiencias. (4) Guido, e Tagaucio em pouco lhe differem, dizendo he Arte que ensina o modo, e qualidade de obrar. (5) Pertence à Chirurgia, e he o seu ministerio separar o que está junto, e extirpar o superfluo, usando de ferro, tezoura, navalha, lanceta, pinça, e cauterios; une o separado com remedios,

(1) *Plinio l. 29.*

(2) *Estrab. l. 8. Geograph.*

(3) *Herodoto. Plutarc. Estrabo.*

(4) *Mascard. de Chyrurg.*

(5) *[illegible] rin Tagauc. in Chirurg.*

remedios, fios, agulhas, ataduras, e chumaços; faz incizoens, dilata as fiſtulas, cura as feridas, e diſſolaçoens, corta a parte eſtiomenada, extirpa as landoas, e lobinhos, cicatriza, applica cauſticos potenciaes, e ruptorios, conſolìda as fracturas, desfaz as naſcidas, e reſolve de varios modos os tumores. Finalmente para o Chirurgiaõ exercitar bem ſua Arte, deve obſervar o que Amato Luſitano lhe diz nos ſeguintes verſos, em que o Chirurgico miniſterio ſe vè.

Dez couſas deveis trazer
Sempre freſcas na Memoria,
Para que com muita gloria
Poſſais os malles vencer.
Tempo, modo de viver,
A cor, e enfermidade,
A natureza, a idade,
A arte, e a Regiaõ.
Os accidentes que daõ,
E do tempo a variedade. (6)

(6) *Amato Luſitano.*

A Anatomia ſe deriva das duas palavras Gregas Ana - que quer dizer couſa direita, e Tomos - que quer dizer - diviſaõ, o que tudo junto ſoa - direita diviſaõ. He eſta Arte huma perfeita diviſaõ, ou artificioſa reſoluçaõ do corpo humano em ſuas partes. (7) Querem os Eſcritores que foſſe tambem Hipocrates o primeiro inveſtigador da Anatomia, e Director da ſua praxe. Herophilo o ſeguio, Eraſiſtrato o imitou, Clauſias, Geſnero, e Galeno o accreditàraõ. Deſta curioſiſſima Arte obſervada, e verificada nos

(7) *Ambroſ. Pareo. l. 2. de corpor. hum Anatom.*

nos corpos mortos, ſe ſeguem exactos, e experimentaes conhecimentos para a utilidade Phizica dos corpos vivos. Para os curioſos lerem a ponto deſta Arte alguns Authores, e no fim do Capitulo exporey os da Cirurgia.

Plinio de Anatom.
Celio Rodigino cap. 29. libr. 16.
Celço lib. 1. de Re Medic.
Ambrozio Pareo l. 2. de Anatom.
Franciſco da Fonceca Henriques Socor. Delphico.
Mathias Honcamp. de hom. figurato.
Octavio Scarlat. de hom. ſimbol.
Regnero l. de mult. organ. fol. 299.
Laurent. Beerlinc verb. Anatom.
Geſnero in vita Galeni.

Os Boticarios, cuja notavel Arte ſe chama Pharmaceutica, tem o nome derivado de hum vocabulo grego Boteco, que aſſim ſe dizia entre elles o lugar em q̃ os medicamẽtos ſe guardavam, e ſeu invento he tam antigo como a Medicina: aſſim o verificam os Eſcritores; e nella parece ſe comprehende a Arte Quimica, e Herbolaria.

Ao Boticario pertence ſaber a definiçam dos medicamentos, a elevaçaõ delles, e ſua compoziçaõ, conhecer as plantas, as pedras, os mineraes, e as partes dos animaes; indagarlhe as virtudes, e qualidades, ſaber extrahir as agoas, eſpiritos, e ſais, tirar tinturas, e extractos, fazer cozimentos e conſervas, unguentos, oleos, lenimentos, electuarios, xaropes, arrobes, triagas, emulçoens, pilulas,

-lulas, torciſcos, colirios, bezuarticos, e balſamos, e por eſta razam Bravo diffinio diſcretamente a Pharmaceutica: Pharmatia eſt inſtrumentum Medicinæ dogmaticæ; (8) e aqui fica jà a ſciencia dos Quimicos, e Herbolarios envolvida na Pharmaceutica; porque ſendo do Herbolario a ſciencia conhecer as ervas, e ſaberlhe as virtudes, ou preſtimo, e a do Quimico extenderſe a mais, pois que tambem no conhecimento, e propriedades dos mineraes ſabendo fazer quintas eſſencias, tirar os ſais, e extrahir os Eſpiritos, tudo iſto pertence à Pharmaceutica, e bem o ſabe o curiozo e experiente Boticario.

(8) *Brav. ſect. 1. reſolut. 12.*

Os primeiros Inventores, e os que primeiro dèraõ exercicio a eſta arte nobiliſſima em todos os ſeculos do Mundo eſtimada, ou foraõ Gentilicas Deidades, ou primeiros Reys do Mundo. Langio diz que entre os Egypcios (por opiniaõ de Diodoro Siculo) foy Mercurio, outros que Araco filho de Apollo, outros que o meſmo Apollo; e outros, que Apis Rey dos Egypcios (9) neſtes Povos, e em Babilonia, Roma, e toda Europa foy ſempre eſta Arte eſtimadiſſima. Neſtas admiraveis Artes, ou conjuntas, ou disjuntas da Medicina, eſcrevèraõ.

(9) *Eſtrabo. Plinio. Diodor. Sic. Herodoto.*

Ariſtoteles.	Paulo Zicardo.	Jacobo Silvio
Plinio.	Joaõ Vekero.	Dioniſio Daça
Hipocrates.	Jacobo Alchindo.	Dioſcorides.
Tertuliano.		Andrè de Laguna.
Teobaldo.		

Ga-

Gabriel Griſley.
Guilherme Plucencio.
Valerio Cordo.
Jozé Quercetano.
Bernardo de Senio.
Chriſtovaõ de Honeſtis.
Paulo Barbeti.
Niculao Limery.
Moyſés Charàs.
Joaõ Zuelſoro.
Niculào Propozito.
Andrè Mattiolo.
Jeronimo de la Fuente.
Luis de Oviedo.
Madama Foquet.
Muzonio.
Gordonio.
Razis.
Guido.
Theobaldano
Bauderon.
Fernelio.
Bravo.
Vid. Valdecebros.

Os Herbolarios tem ſeu principio em Chiron filho de Saturno (10) e dizem ſer eſte o primeiro que as applicou a feridas, e chagas, conſtando ainda entaõ ſó de ervas a Medicina ſem liçaõ. (11) Cornelio Celço dà eſta applicaçaõ a Aſclepiades (12) e Euzebio o invento a Apollo (13) ElRey Metridates admiravelmente eſcreveo a natureza das ervas: Pomponio o traduzio em Latim. Vulgarmente ſe olha para Dioſcorides, e Valdecebros jà mencionados.

Os Sangradores tambem tem ſua ſciencia no conhecimento das veas, e ſua concizaõ; por diſpoſiçaõ da Medicina fazem as operaçoens, e teve eſta acçaõ jà entre os antigos principio no Hippopotamo monſtro que ſe cria em o Nilo, do qual ſe diz que quando ſe ſente carregado, buſca na terra modo com que ſe fira em huma perna, e lançan-

(10) Plin. l. 7.
(11) Plin. ibi Ouvid.
(12) Cornel. Celç. l. 5.
(13) Euzebio.

lançando baſtante ſangue, alivia. (14)

(14) Plin. hiſt.

Autores que da Chyrurgia, ou mixto, ou ſeparado da Medicina eſcrevèraõ.

Galeno.	Leonardo Botaldo.	Ludovico Septalio.
Fabricio.	Niculao Florentino.	Ambroſio Pareo.
Eſcrodero.	Gaſpar Torreol.	Pedro Floreſto.
Eſcribonio.	Guilherme Placentino.	Joaõ Carolo.
Tagaucio.	Arnaldo de Villa nova.	Faventino.
Guido.	Amato Luſitano.	Alcacer.
Falopio.	Joaõ Eſperling.	Lanfranco.
Mercado.	Pedro de Barros.	Gordonio.
Cornelio.	Joaõ Bravo.	Pereda.
Autuario.	Cezar Magati.	Bertapala.
Dioniſio Daça.		Areteo.
Franciſco Valerio.		Vigo.
Joaõ Andrè da Cruz.		Aecio.
Antonio da Cruz.		Theodoro.
Antonio Ferreira.		Almanzor, &c.

CAPITULO III.

Da Arte Muſica, Poetica, e Pictoria. Moſtra-ſe o ſeu Invento, e admiraõ-ſe os ſeus progreſſos. Aponta-ſe quem inventou os inſtrumentos.

A Muſica de que Caſſaneo eſcreve ter em o Ceo naſcimento (1) e o Evangeliſta lhe admitte repreſentaçoens da Gloria (2) ſe naõ tem por ſeu Inventor a Jubal quinto Neto de

(1) *Caſſan. in Theatr. Glor. Mundi. p. 10. Concid. 51.*

(2) *Apoc. c. 5. 8. & c. 14. 2. & cap. 15. 2.*

Caim, certamente foy este quem aos instromentos com arte a acomodou, conforme o que a Sacra Escritura refere. (3) Como seu invento he muito antigo, razaõ tem de discordar nelle os Escritores; porque Plinio diz a inventàra Amphion (4) filho de Jupiter, e Antiopia; Horacio diz, que Orfeo, e Lino (5) Estacio, que Orpheo (6) Euzebio, que Zetheo, e Amphion Irmãos (7) Solino, que os Candianos (8) Polibio que os Arcàdes (9) Diodoro, que Mercurio (10) e Jozefo, que Tubal filho de Lamech. (11) Outros finalmente lhe apontaõ diversos inventores, como a Apollo, Museo, Tamyrides, Izis, Bardo, Oures, e outros.

(3) *Genes.4 21.*
(4) *Plin. l. 5.*
(5) *Horat art. Poet.*
(6) *Stac. l. 1. Thebaid*
(7) *Euzeb l 2. de Præpar. Evang.*
(8) *Solino.*
(9) *Polib. l. 4.*
(10) *Diodor. l. 1.*
(11) *Josef. l. 1. antiq.*

Licurgo dizia que a Musica era natural ao homem (12) Macrobio o approvou dizendo que na Musica dos Orbes Celestes principia a nossa vida. (13) Deos a ensinou aos homens para alivio dos seus trabalhos (14) para modificar suas molestias (15) para recrear o Entendimento (16) para excitar o animo (17) para alegrar o Mundo (18) e para se louvar ao mesmo Deos. (19) Em o Ceo cantaõ os Anjos (20) em o Ar cantaõ as Aves, e apenas na terra a humana creatura nasce, se chora, já se lhe canta, sem que admire o ter na Musica socego hum innocente, pois nelle achaõ alegria, e alento ainda os irracionaes.

(12) *Lycurg. apud Patrit. d c. 15.*
(13) *Macrob. l. 2.*
(14) *Chrisolog. ser 10.*
(15) *Patrit. de Regn.*
(16) *D. August.*
(17) *Ptolom.*
(18) *Cassaneo in T.*
(19) *Ps. in diversis.*
(20) *S. Scrip in div.*

Foi-se aperfeiçoando a Musica pelo decurso do tempo em diversos Reynos, e Naçoens, fazendo-se novos Inventores; e suposto

poſto Diodoro Siculo diz fora Mercurio o que achàra a harmonia das vozes (21) outros neſta, e nas mais materias Muſicas achaõ que com as idèas de Marſias, Olympias Phrigio, Cario, Melanopides, Antippo Sapho, Damon, Polymeſto, Pytherno, Philoxeno, e Simon Magneſio a Muſica ſe aperfeiçoou.

(21) *Diodor. l.* 1.

Pela diverſidade de opinioens que ha neſta como em todas as materias, querem huns que eſte nome - Muſica tenha ſua deduçaõ de Mercurio, outros - da Muzas, e outros de Moyſés, attribuindo-ſe a cada hum deſtes o ſeu invento (22) e concidèro ſer certo que Moyſés foy o primeiro que cantou louvando a Deos, quando ſahio do Egypto com o Povo de Iſrael livre jà do cativeiro de Faraó (23) mas Adam o primeiro Muſico que houve como Parafraſtes aſſevèra, dizendo *Primum cecinit Adam* (24) e aſſim havia ſer, pois Deos lhe infundio todas as ſciencias.

(22) *Pineda. Marco Var. Zarlin c.* 10. *Salin. c.* 2. *D. Pedro Ceron.*

(23) *Exod.* 15. *num.* 10.

(24) *Parafraſt. hic*

Depois do univerſal diluvio em que o Mundo todo pereceo (25) em Noè, e ſeus filhos [por premiſſaõ Divina] a Muſica ſe concervou, participando eſtes ſeu uzo ao novo Mundo. Macedo refere ſe achàraõ eſcritos em verſo como parte da Muſica os vaticinios que eſcrevèra a Sybilla Caldea que ſe chamava Sambetha (26) e era nora de Noè. Ha opiniaõ que Chamo, e Meſraimo deſta deſcendencia foraõ os que novamente participàraõ aos Egypcios (depois do tal

(25) *Ex Gen.*

(26) *Maced. Supr. Arte Magn. Conſ. tom.* 1. *l.* 2.

tal diluvio) esta Arte Musica (27) a Sagrada Escritura menciona, ou dà a entender que no tempo de Labaõ, e Jacob jà se cantava (28) e que ElRey David fora insigne musico. (29) Deste famoso Monarca se escreve que para louvarem a Deos instituhira quatro mil cantores (30) e se naõ desprezava de os acompanhar no canto, entendendo discreto lhe naõ diminuhia esta acçaõ a Magestade Real (31) ElRey Salamaõ seu filho a expensas proprias no Regio, e magnifico Templo que acabou de edeficar (32) os concervou. Temos aos nossos olhos bom retrato, e exemplar.

Mas naõ he de admirar que de hum Rey Soberano fosse a Musica gostoso emprego, naõ só querendo se louve a Deos a coros com multiplicadas vozes, mas ao som de bem afinados orgãos (33) e naõ só ao toque se naõ tambem ao musico concento de tantos, e taõ sonoros sinos (34) como a estas horas que isto escrevo, estou ouvindo, se naõ só tudo a Deos he dedicado, e devído, mas o mesmo Christo Rey de todos os Reys mostrou ser a Musica do seu aggrado, pois na Ley da Graça refere Cassaneo com varios Autores que o mesmo Senhor foy o primeiro que cantou (35) acçaõ que os Evangelistas escrevem fizera no Cenaculo (36) Maria Santissima Mãy sua escreve, S. Agostinho que cantou (37) Baronio diz que a Senhora no templo aprendèra (38) e o mesmo Santo Doutor que Christo a seus Sagra-

(27) *P. Athanas. Kirche.*

(28) *Genes. c.* 31.

(29) 1. *Reg.* 16.

(30) *Paralel.* 1. *c.* 15. 16. *e* 25.

(31) 2. *Reg.* 6. 8

(32) *Pineda de Rebus Salom. l.* 3. *c.* 13.

(33) *Ps.* 48. 49. 50.

(34) *Ps.* 50.

(35) *Cassaneo de Conciderat.* 51.

(36) *D*

(37) *S. August. in Serm. de Anunc.*

(38) *Baron. an.* 60. *n.* 14. *& seq.*

Sagrados Discipulos ensinàra. (39)

(39) S. August. in Anot. Dominica.

Pela Arte de Contraponto se devide a Musica conforme o commum dos Autores em Harmonica, Metrica, ou Mensural, e Rhithmetica; ou em canto de Orgaõ, e canto chaõ. Quem se fizer experiente nesta arte, ha de ter plena noticia da invençaõ da maõ, e vozes da mesma Musica, saber a definiçaõ das letras, e signos; as vozes de cada signo, e as propriedades por donde se canta; as mutanças, claves, signaes, e proporçoens; as figuras, pauzas, e suas valias; a perfeiçaõ das figuras, e alfadas; as entoaçoens, mutanças, e semelhanças em claves diversas; reconhecer as vozes que ha em cada signo por cantorìa, e as partes do Compasso, bem advertidos os intervalos, oito tons, falsas, e ligaduras; e finalmente com estas, e mais miudezas se farà destro em o Canto Unisonus, Multiforme, Coral, Gregoriano, Figural, e Mensural.

Para Deos em a Musica ser louvado deixàraõ os Apostolos jà solidos documentos, e preceitos. S. Ignacio Papa ordenou se cantasse a Coros; S. Ambrosio instituhio na Igreja Mediolanense o canto chaõ; S. Ephem erigio na sua Igreja o canto de Orgaõ; Vitaliano Papa inventou o canto à Romana, e o concordou com o Orgaõ; S. Gregorio Magno ensinou a fazer as ascençoens, e descençoens, e pellas letras Dominicaes compoz o Canto da Igreja que chamamos Gregoriano; S. Leaõ Papa reformou

mou o canto dos Hymnos, e Pſalmos, alterando o coſtume antigo. Outros Pontifices, e graves Autores eſcrevèraõ deſta inſigne Arte dandolhe preceitos, e regras, dos quaes aponto

S. Damazo Papa.
Joaõ XX. Papa.
Joaõ XXII. Papa.
Benedicto VIII. Pap.
S. Jeronimo D.
S. Ambroſio D.
S. Joaõ Damaſceno.
S. Thomaz D. Ang.
S. Bernardo.
S. Cezilia.
Sambetha Sybilla.
Salamaõ.
Alexandre Magno.
Boecio Severino.
Adriano Tuberno.
Franchino Gafforo.
Glareano Patricio.
Marcheto Paduano.
Joaõ Peres de Moya.
Domingos Marcos.

Vicencio Luſit.
D. Pedro Cerone.
Martin de Tapia.
Franciſco Salinas.
Joaõ Ottobio.
Jozè Zarlino.
Horacio Tigrini.
Vincencio Galiley.
Pedro Poncio.
Jacobo Fabro.
Euclides.
Genebrardo.
Braz Rozetto.
Biſcargui.
Miravelte.
Aratuzi.
Bermudo.
George Riccio.
Meſraymo.
Gregorio Rhano.

D. Luis Gongora. Luis de Camoens. Gracilaſſo. Joaõ de Mena. Hernando de Herrera. Lope de Vega Carpio Manoel Thomás. Antonio de Souza. Jorge de Monte Mayor. Franciſco de Sá de Miranda. Franc. Rodrig. Lobo. Jorge Ferreira. Simaõ Machado. Boſcam. Figueiroa. e outros muitos, e inſignes modernos.

Da Poeſia em que fallo quando trato das ſciencias, ſó aqui (tocando) falarey entre as mais Artes. Foy ſempre a Arte Poetica eſtimadiſſima em todas as idades do Mundo, e ſupoſto ao principio naõ teve normas certas, como ſe vè nos verſos das Sybillas, e em alguns antigos Heſpanhoes, e Portuguezes, como as profecias do Bandarra,

que

que saõ trovas, em fim se aperfeiçoou pelos Poetas Gregos, e Latinos que ao curioso Leitor jà menciono, e outros na marge.

Homero.	Cleophon.	Auzonio.
Antimacho.	Euripedes.	Livio.
Appollonio.	Sophocles.	Plauto.
Rhodio.	Architas.	Terencio.
Aristenes.	Calimaco.	Seneca.
Parthenio.	Phocilides.	Perseo.
Heziodo.	Theacrito.	Catulo.
Alceo.	Symonides.	Ennio.
Hermippo.	Pisandro.	Claudiano.
Alexis.	Lucilio.	Marcial.
Aristofano.	Epicamo.	Stacio.
Diodoro.	Tirteo.	Virgilio.
Eutiches.	Appollodoro.	Ovidio.
Menandro.	Demophilo.	Horacio.
Alcimenes.	Tibulo.	Juvenal.
Aristrarcho.	Ennio.	Lucano.

Da Arte Pictoria que compete na antiguidade com a Poetica como escreve Petracha (13) refere Plinio que Gyges natural de Lidia foy seu primeiro Inventor (14) e em Grecia se atribue este invento a Polignoto Atheniense como diz Theophrasto, (15) naõ obstante dizer Aristoteles que fora Pirrho parente de Dedalo. (16) O primeiro parecer tem approvaçaõ de Plinio. (17) Os Gregos affirmaõ que em Sicionia foy a Invençaõ primeira da Pintura, e outros que em Corynthо; os Egypcios como Plinio diz tambem mostraõ que entre elles se inventou esta Arte seis mil annos antes

(13) Petrarch. de Prosper. Sort. dialog. 41.

(14) Plin. l. 7.

(15) Theophast.

(16) Aristotel.

(17) Plin. l. 35. cap. 9.

que paſſaſſe a Grecia (18).

(18) Plinio hic.

Todos os antigos Eſcritores comprovaõ que da ſombra que faz o corpo humano, obſervadas ſuas linhas, ſinaes, e movimentos ſe originou, e inventou a Pintura (19) ſendo ſó hum borraõ, ou ſombra ſem mais cores o que entaõ ſe praticava, com alguns ſinaes, e deſta ſorte tem Plinio a inventou Philocles Egypcio, ou Cleantes Corintho (20) e que foraõ Ardices, e Thelaphanes os primeiros que a exercitàraõ. Alguns eſcrevem que Cleophanto natural de Corintho fora o primeiro que miſturou cores diverſas na Pintura; mas o Floſculo hiſtorico diz que neſte engraçado engenho logrou Timantes Grego muito antes a primazia pelos annos quaſi 3600. da Creaçaõ do Mundo (21) outros reputaõ ainda a invençaõ da Pintura mais antigua (22)

(19) Quintilian. lib. 10.

(20) Plin. l. 35.

(21) Floſcul hiſt. p. 1 cap. 7.

(22) Vid. o livr. Defenſa de la Pintura.

Sempre a Pintura foy eſtimadiſſima Arte, e a honràraõ muitos Principes. Alexandre Magno entrava muitas vezes na officina de Apelles. (23) ElRey Demetrio fazia o meſmo a Prothogenes. (24) O famozo Socrates entendeo ſe honrava ainda mais com eſta Arte; e em Grecia ſe exercitavaõ nella ſó as peſſoas principaes ſendo prohibido aos homens vìs o aprenderem-na. (25) Entre os antigos Pintores ſe celebraõ

(23) Textor.

(24) Mexia.

(25) Mexia c. 17. Plin. l. 56. Huerta in Plin. l. 7. cap. 38. Eraſm. l. 3.

Arotogenes.	Ciclias.	Serapion.
Apelles.	Timagoras.	Amulio.
Timantes.	Bulano.	Cleophanto.
Ariſtides.	Socrates.	Pythis.

Ni-

Nicias.	Polygnoto.	Ardices.
Parrazio.	Philocles.	Thelaphanes,
Aglaophon.	Giges.	e outros.

Foy entre todos prodigioſo S. Lucas Evangeliſta.

Dos Inventores de Inſtrumentos que neſte capitulo prometi moſtrar, temos a Jubal de quem o Texto diz foy pay dos que cantàraõ Cythara, e Orgaõ (16) a elle ſe atribue o invento. Quintiliano diz que por Orgaõ ſe entende hum nome generico a todos os inſtrumentos (17) ſupoſto Plinio ſem noticia das letras Sagradas aponta Orpheo por Inventor da Cythara, ou a Amphion. (18) em o nome de Cythara incluem os Latinos o de Harpa. Alguns atribuem a invençaõ da Harpa a Apollo; a da Viola a Mercurio; a da Gaita Paſtoril a Cibelles; a da Flauta grande, a Marſias; a Flauta pequena a Pan; os Pifanos, aos Arcades; a Sanfonina, aos Trogloditas; a Trombeta que chamamos Xaramella a Dirceo, as Trombetas grandes de Metal a Pizeo; mas em tudo iſto ha opinioens, ſe ſe naõ verificàraõ mais em Moyſés, e David eſtes inventos, ou na peſſoa de Tubal.

(26) *Geneſ 4. 21.*

(27) *Quintil. l. 9. cap. 4.*

(28) *Plin. l. 7. c. 56. De hoc vide Plin. Jozef. Plut. Diodor. Dioniz. Thucidides. Polibio. Aul. Gelio. Appian. Virgilio. Euzeb. Horacio.*

CAPITULO IV.

Da Geometria; Eſcultura, e Arquitetura. Moſtra deſtas tres excellentes Artes os empregos, e aponta os Inventores.

SUpoſto em materias Geometricas neſte Tomo jà tocamos, agora (ſeguindo ſempre o Laconico eſtilo, falaremos.) Sabem os Doutos que a Geometria he Arte de medir por linhas, e pontos certos; e ſem pleno conhecimento deſta Arte ſe prohibia antiguamente entrar nas Academias. (1) De Noè, ou de Abraham traz a ſua antiguidade praticada aos Egypcios. (2) Homèro foy o primeiro que principiou a expender ſuas doutrinas; Anaximandro quem diſpoz a primeira taboa Geographica; Hecateo o que deu as primeiras regras à Geometria. (3)

(1) *Quintil. Joſeſo l 1. antiq.*

(2) *Jozef l. 1. de Antiquit.*

(3) *Laert. l. 2.*

Eſta he a Arte que pelo engenhozo diſvello de ſeus profeſſores divide o Mundo todo em 360. graus, cada grau em 60. minutos, cada minuto em 60. ſegundos. Cada minuto tem mil paſſos Geometricos, cada paſſo tem ſinco pès, cada pè doze polegadas, cada polegada doze linhas, e cada linha doze pontos. Cada grau do circulo da terra tem ſeſſenta mil paſſos, que valem o meſmo que 60. milhas de Italia, 25. legoas de França, e 18. legoas de Portugal, e Caſtellà. Por eſte principio chegaõ a colligir os Geographos ter a terra de circumferencia

6480. legoas, e da ſuperficie até o centro 1030.

Para ſabio emprego, e acertado exercicio deſta Arte eſcreveo Timoſtenes os portos dos mares; Ptholomeo Egypcio os rios, montes, e Reynos; Diogneto e Archelao certas jornadas, e peregrinaçoens. Marco Tulio refere que Pythagoras ampliou, e augmentou muito eſta Arte, obſervando-ſe deſde entaõ melhor as formas, balizas, intrevalos, e grandezas. (4) Neſta Arte tem os curioſos doutos por Eſcritores famozos que a expendèraõ a

(4) *Cicer. lib. de Orator.*

Jozefo.	Eſtrabo.	Celo Rodiginio.
Plinio Maior.	Prataõ.	Ptolomeo.
Hecateo.	Diodoro.	Pythagoras.
Thimothenes.	Quintiliano.	Marſilio.
Diogneto.	Philo.	Bravo Ramires.
Anaximandro.	Herodoto.	
Homero.	Archelao.	
	Bibaldo.	

A Eſcultura Arte taõ inſigne, e notavel que reprezentativamente moſtra aos noſſos olhos como viva a creatura que, ou proxima, ou antiguamente (talvez paſſados ſeculos inteiros) foſſe morta, tem a antiguidade do ſeu invento, entre opinioens quaſi obſcura. Epicado, a quem Macrobio allega, diz que em Hercules tem a Eſcultura ſua origem tanto que vencedor de Heſpanha matàra a Geriaõ, e entaõ mandou fazer de madeira varias efigies dos ſeus Soldados mortos (5) Dioniſio aponta os Pelaſgos por Inven-

(5) *Epichad. apud. Macrob.*

Inventores (6) Diodoro affirma que foraõ os Ethyopes, e que destes aprenderaõ os Egypcios (7) Lactancio diz que o primeiro Inventor fora Prothogenes (8) Pedro Mexia diz que o foy Tubalcaim. (9) O certo he que antes de Jacob jà havia esta Arte, porque da S. Escritura consta que indo de Mezopotamia levara furtadas sua Espoza Rachel as Estatuas de seus Deozes. Salvo o melhor discurso, me parece fora o mesmo Deos desta estupenda Arte o primeiro Inventor, quando à sua Imagem, e semelhança formou Adam nosso Pay primeiro. (10)

(6) *Dion lib. 1. de Annal. Rom.*

(7) *Diodor. l. 4.*

(8) *Lactant. l. 2. de Doctr. divin.*

(9) *Mexia Silva de var. lic. l. 1. c. 26.*

(10) *Genes. 1.*

De barro, pau, e pedra se fabricàraõ no Mundo as primeiras Estatuas; e aperfeiçoando-se cadaves mais esta Arte, escreve Plinio se fabricàra em Roma a primeira Estatua de Cobre que Espurio Cassio mandou erigir à Deoza Ceres. (11) ElRey Pharnaces dizem mandàra fazer a primeira Estatua de Prata em sua figura, e Georgias Leontino a sua de mociço, e fino ouro; de cujo metal foy Marco Attilio Glabriaõ o primeiro que em forma equestre, e a cavalo mandou levantar Estatua a seu Pay. (12)

(11) *Plin l. 34.*

(12) *Plin. l. 2.*

Carece muito esta Arte assim como à Pintura da Symmetria, a que Esplenor natural da Ilha de Isthmo deu com seus escritos normas certas, e medidas, pois sem estas se faria desproporcionado, e monstruoso o artefacto. Em preciosas pedras, Ouro, Prata, Cobre, e Marfim se admiraõ em varios Reinos, e Imperios do Mundo obras prodigio-

zissimas;

zissimas; e Roma parece na Escultura levou a Palma. Leyaõ os curiosos as maravilhas do Mundo. Na Arte de Escultura foraõ celebres, e insignes

Bezel.	Protogenes.	Mirmecides.
Mintor.	Praxiteles.	Prigoteles.
Alcon.	Leoncio.	Euricion.
Phydias.	Calicrates.	Miron.
Lysippo.	Policleto.	Betho.

Na Arquitetura florecèraõ em o Mundo homens peritissimos, e muitos Principes soberanos a estimàraõ; e me parece que desta Arte se deve o primeiro invento à Natureza; porque vivendo no Mundo os primeiros homens em os bosques, e montanhas como Feras, os foy a necessidade pouco a pouco precizando a fazerem domicilios. Os primeiros se fizéraõ de ramos de arvores que truncàraõ (13) e logo buscando a Natureza mais abrigo cavàraõ nas extremidades em que facejavaõ os montes fazendo covas como lapas em que moravaõ, do que refere Estrabo foraõ os Trogloditas na Hesperia os Inventores. (14)

Correndo o tempo, e observando os homens que as Andorinhas só por instinto natural faziaõ ninhos de barro em que se recolhiaõ, ideàraõ o meter na terra paus a pique impondolhe atadas varas de diversas arvores intermeandolhe barro, e cobrindo as cazas por sima de canas com feno, e folhas largas de plantas Silvestres, e de algumas arvores. Viturvio o affirma (15) e eu o con-

(13) *Viturvio.*

(14) *Estrabo l. 7. de Geograph.*

(15) *Viturvio.*

o confirmo, porque no primeiro modo que antes desse vi, e achey vivendo nos retiros dos Certoens do Brazil as duas naçoens de Gentios que busquei; e no segundo modo os deixey vivendo depois de aldeados, suposto que nas cazas que em espaçoza aldea lhe mandey fazer, entrasse jà algum genero de Arquitetura, porque as fabricàraõ Officiaes nossos com medidas certas, e direitas ruas, mas na materia se naõ diversificàraõ, só na forma, e nesta se costumaõ fazer quasi todas as moradas de cazas que se achaõ fóra das Cidades, e Villas do Brazil; e ainda nestas vi eu algumas de pessoas pobres, fóra das ruas principaes. Em Castella, França, Aquitania, e Phrygia diz Viturvio que ainda no seu tempo assim se usavaõ. Diodoro diz que tambem no Egypto. (16)

(16) Viturv. Sup. Diodor.

De grandes, e groços ladrilhos de barro secos ao Sol (a que nós chamamos - adobes) se foraõ posteriormente fazendo edeficios, como ainda hoje vemos muitos de limitada Arquitetura, e correndo o tempo, tendo antes sido Doxio filho de Gelio (como Plinio diz) o primeiro que erigio cazas de barro (17) Hyperbio, e Eurialo de Ladrilho, (18) Vesta filha de Saturno escreve Diodoro foy a primeira a quem se attribue o invento da Arquitetura (19) e abrindo a violencia das aguas essas entranhas da terra, mostrou aos homens excellentes pedrarias, ricos Jaspes, e finos Porfidos para que dezempoado o humano entendimento uzasse de

(17) Plin. l. 6.

(18) Idem.

(19) Diodor. l. 6.

de fantezias, e idéas com que a Arquitetura se aperfeiçoasse em sumptuosas fabricas, que no Orbe todo, hoje admiramos, dividida jà hoje a Arquitetura em obra Jonica, Dorica, Toscana, Corynthia, e Composita, como ensina o celebre Viturvio, e outros que desta Arte escrevèraõ (20) e eu das dez maravilhas do Mundo direy já (só tocado) alguma cousa para credito mayor desta Arte.

(20) *Viturv l.1.c.2. de Arquitet. Jacob Baros. de Arquitet. Sebast. Serl l. 1. Pier. Valer. l. 46.*

CAPITULO V

Mostra summariamente as dez maravilhas do Mundo, e aponta as mais celebres Cidades de todo o Orbe, em cujas sumptuosas fabricas, e protentosos edificios se esmerou a Arquitetura.

PAra que o curioso Leitor me naõ critique, e supondo-me talvez hidropico de noticias, me chame avarento, pois se naõ tomasse a empreza de fugir à extençaõ neste volume, cuidando só de dizer muito em pouco, podèra offerecer-lhe muitas mais, quero summariamente expender o que o titulo deste Capitulo contém.

Plinio, Herodoto, e outros graves Autores (1) apontaõ as Piramides do Egypto por primeira maravilha do Mundo em que a Arquitetura se esmerou; foraõ famosa fabrica dos Reys do Egypto por ostentar sua grandeza, e opulencia, cuidando assim de ter occupados seus vassallos. Erigio-se a primeira em a Cidade de Arsino, duas em

(1) *Plin. hist. nat. libr. 36. cap. 12. Herodoto. Dionis. Alicarn. & alii.*

Memfis, e outras duas no lago de Meride; a mayor dellas occupa em circulo tres mil quinhentos e trinta e dous pès; a ſegunda tem dous mil novecentos e quarenta e oito; e a terceira que ſendo na grandeza inferior às mais he na fabrica da Arquitetura, e lavor de precioſas pedras Ethiopias; a mais excellente tem ſó trezentos ſeſſenta e tres pès em cada face da ſua engraçada perſpectiva. A forma he quadrangular, larga em o naſcimento, e aguda em o fim; em huma ſe occupàraõ trezentos, e ſeſſenta homens affectivos no eſpaço de vinte annos; e em tres das outras ſe gaſtou o tempo de ſetenta, e oito annos, e quatro Mezes.

O Palacio de Troya que alguns dizem mandàra fabricar Ciro, e outros que Ylion Monarca daquelle Reyno (2) foy prodigioziſſimo. Occupava eſte o circuito de quinhentos paſſos, e era fabricado ſobre trezentas, e ſeſſenta colunnas de Alabaſtro finiſſimo: tinha nos angulos quatro torres de exceſſiva altura, cujos tectos interiores eraõ de fino Criſtal com pedras preciozas intertexto; ſobre cada huma das torres eſtava huma figura toda de ouro em ſima de huma grande colunna de odorifero Cedro, e ſobre a cabeça ſe ſuſtentava com o mayor primor lavrado o capitel da colunna, tendo volubilidade a figura, porque fabricada por Aſtrologos, e Nigromanticos, por ſi moſtravaõ os tempos, e prognoſticavaõ o bom, ou mau eſtado da Republica. Tinha huma

(2) *Apollodor. l. 3. Virgil l. 2. Æneid. Dioniſ. Alicarn. Dares Phrig.*

ſó

ſó porta perigoza, nella ſe viaõ em vulto todas as Imagens de ſeus Deoſes, e dentro havia hum Templo dedicado à Deoſa Palas.

O Templo de Ephezo em çuja Arquitetura, e Eſcultura ſe gaſtàraõ duzentos e vinte annos continuos, foy fabricado com deſpeza dos mais poderozos de Azia, e dedicado à Deoſa Diana: tinha de comprido quatrocentos e vinte ſinco paſſos, e de largo duzentos e vinte, com cento vinte e ſete columnas de ſeſſenta pès de comprido, atè mais do meyo primuroſamente lavradas, e com admiraveis figuras eſculpidas, no que por dezempenho dos Reys de Azia (que ſucceſſivamente cada hum hia pondo ſua) ſe empenhàraõ os Eſcultores mais famozos, com credito de Tezifonte Arquiteto inſigne. Foy queimado eſte celebre Templo por Eroſtrato, que atrevido lhe poz o fogo por eternizar ſeu nome com eſte facto taõ horrivel. (3) Os de Ephezo o reedificàraõ, e erigiraõ com a meſma perfeiçaõ, mas os Godos quando paſſáraõ a Africa novamente em vivo fogo o abrazàraõ. (4)

(3) Salino c. 43.

(4) Plin. hiſt. nat. lib 36. cap. 14.

Os Laberintos de Creta, Leno, e Italia, foraõ celebrados no Mundo. Fez Dedalo o de Creta com cem ruas de muitas voltas, e muitas portas em circuito, fazendo-ſe quaſi impoſſivel o ſahir a quem nelle entrava: dizem que para ſepultura de ElRey Merides ſe fabricàra eſte Laberinto de que ſe naõ acha veſtigio, ou noticia. Sabe-ſe que

Porſena Rey dos Toſcanos mandàra fazer para ſeu ſepulcro na Cidade de Chiuzo o Laberinto de Italia com trezentos pès de comprimento em cada frente, e quinhentos de altura, ſobre a qual elevou ſinco Pyramides, cada huma de ſeſſenta e ſinco pès de largo, cento e ſincoenta de alto, vendo-ſe ſobre cada huma dellas huma grande planxa de Bronze, e ſobre ella hum Cavallo Pegazo, com humas campainhas prezas por certas cadeas, que movidas do vento, por admiraçaõ ſoavaõ; ſobre a Pyramide do meyo eſtava outra de cem pès de altura, e em ſima hum plano de que ſe elevavaõ mais quatro Pyramides que imitavaõ na altura às de baixo. (5) O Laberinto de Lena dizem foy prodigioziſſimo: tinha cento e ſincoenta columnas de admiravel grandeza fabricadas com eſtupenda arte por Rhodo, Cinolo, e Theodoro Arquitetos muito inſignes. Houve tambem no Egypto outro notavel Laberinto, em que depois de ſe andar por intrincados caminhos ſe ſubia por grandes eſcadas a huma muy grande ſala guarnecida com columnas de fino Porfido, e Jaſpe em que ſe viaõ eſculpidas as Eſtatuas dos Deoſes, e Reys do Egypto. Na parte ſuperior deſta grande ſala havia cazas de que ao parecer ſoavaõ como trovoens; e na parte inferior de todo eſte edeficio havia cazas obſcuras, e ſubterraneas, mas primoroſamente lavradas.

(5) *Plin. hiſtor. natur. l. 7. c. 13.*

Os Obeliſcos eraõ tambem Piramides altiſ-

altiſſimas de huma ſó pedra fabricadas, e conſagradas pelos Gentios ao Sol. ElRey Mitris mandou fabricar a primeira, e ElRey Sotis a quatro, cada huma de quarenta e oito covados de altura, em huma das quaes ſe diz andàraõ vinte mil homens occupados. Amenoſis levantou mais dous Obeliſcos na Cidade de Oſpolis com cem covados de alto; e em Alexandria ſe levantàraõ outros dous ambos dedicados a Cezar, hum dos quaes mandou levar Divo Claudio para Hoſtia, e paſſado tempo foy para Roma conduzido pelo Tibere, e levantado no Circo maximo; tinha cento e vinte ſinco pès de alto; chamavaõlhe a agulha de Cezar; mas em o anno de Chriſto 1586. foy mandado levar, e erigir em a Praça de S. Pedro pelo Papa Xiſto V. extrahida huma grande bola de Bronze que tinha em ſima, adonde ſe dizia terem eſtado os oſſos, ou cinzas de Trajano. (6)

(6) *Plin. hiſt. nat. l. 36. cap. 9. 10. & 11.*

O Mauſoleo de Artemiſa, aſſim chamado porque eſta Rainha o mandou fabricar para Sepulcro de ſeu marido Mauſoleo, tinha pela parte Meridional, e Setentrional ſetenta e tres pès, e de alto vinte ſinco covados guarnecido pela parte exterior nas quatro faces com trinta e ſeis maravilhozas columnas ſingularmente fabricadas pelos quatro mais inſignes Eſcultores daquelle tempo Eſcopa, Briaſe, Thimoteo, e Leocare; e ſupoſto Artemiſa morreo antes do Mauſoleo ſe acabar, os Artifices lhe quize-

raõ

raõ dar fim para ſublimar ſeu credito neſta maravilha do Mundo admiravel. (7)

(7) Plin l. 36. cap. 5. e 6

O Coloſſo de Rhodes era huma magnifica, e ſumptuoſa Eſtatua de Bronze dedicada ao Sol, em cuja fabrica gaſtou doze annos Lindio Eſcultor famozo; tinha taõ notavel grandeza que (como refere Plinio) ſentado hum homem no dedo menor de hum ſeu pè lhe naõ cobria a unha delle, do que ſe póde inferir qual ſeria o Corpo. Cahio em terra com hum medonho terremoto duzentos e dez annos antes do Naſcimento de Chriſto, tendo eſtado em pè o tempo de ſincoenta e ſeis. (8) Oſman Rey dos Arabes tomando Rhodes o deſtruhio, mandando-o desfazer, e conduzir em novecentos camelos todo o metal que ſe reputou em vinte e ſete mil arrobas. (9)

(8) Euzeb. hic.

(9) Plin. l. 7.

Os muros de Babilonia famoſa Cidade dos Chaldeos foraõ contados por maravilha do Mundo: tivèraõ em circuito pela noſſa conta reſpectivamente à que aponta Plinio, quinze legoas, de altura duzentos pès, e ſincoenta de groſſura; a materia da ſua fabrica era ladrilho cozido, e betume do rio Euphrates, que excedia a todo o genero de argamaſſa (10) mandou-os fazer a Rainha Semiramis para credito de ſua opulencia, e grandeza. (11)

(10) João de Mena.

(11) Plin. ſup. cit.

O Sublimado Templo que ElRey Salamaõ mandou fazer, e foy a Deos conſagrado, grande maravilha foy do Mundo. Toda a Arquitetura parece ſe eſmerou em ſua fabri-

fabrica: basta para credito de sua superior grandeza o dizerse que setenta mil homens trabalhavaõ nella, só dando serventia a oitenta mil Officiaes; havia àlem de todos estes mais tres mil e seiscentos homens que asistiaõ com varias incumbencias, guardas, vigias, e administraçaõ; com tanto silencio se obrou que nem se sentia haver ferro, por que vinhaõ (permittindo-o Deos) bem ajustadas as pedras todas; pela parte exterior era de Marmore branco lavrado, e dourado em partes, do que se pòde colligir qual seria o interior, e infinito ouro que havia. Gastàraõ-se nelle vinte e nove milhoens, e setecentos mil ducados, e durou a obra de sua factura sete annos, e meyo (12)

(12) Reg. l. 4. Ps. 117 Jozef. de antiq. lib. 8.

O Magnificentissimo, e em tudo Regio Palacio de Mafra em cujo continente trabalhaõ ha duplicado tempo que no de Salamaõ muitos mil homens, com despeza tambem de muitos milhoens, seria injuria o naõ ser contado por decima maravilha do Mundo; pois contendo no seu ambito o mais prodigioso Templo que na qualidade, e perfeiçaõ admirou o Orbe, e hum magnifico Convento em que trezentas pessoas Religiosas (com pouca differença) habitaõ, e nas cazas vagas que tem se podem recolher mais de outras trezentas, he obra nascida do incomparavel zelo, e generozo animo de nosso Augustissimo Monarca, exelço Rey, e Senhor D. Joam V. do nome entre os Reys de Portugal; mas porque a outrem esta dis-

cripçaõ pertence, he precizo me abstenha sem que com meu tosco estylo, e mal aparada penna intente, e chegue a violar tanta Magestade, expondo o ascenço, e atrio magestoso daquelle Templo; a famoza sublimidade de seu Portico; a maquina de todo seu frontespicio; a elevada fermosura de seu zimborio, e torres; a maravilha pasmoza de seus relogios, e sinos; a excellencia da pedraria interior, e exterior do seu Templo; a grandeza, qualidade, e quantidade de seus capiteis, e columnas; a beleza de tantas Estatuas de Jaspe; a consonancia, e numero dos seus orgãos; a magnificencia de seu jardim; a capacidade suspensiva de todo o Convento, e Officinas; e o sumptuoso edificio dos torreões, e Palacio que toda esta magestosa fabrica circula, com os thesouros, e preciosidades todas, que para o culto de Deos em si contem. Nesta maravilha decima do Mundo me remeto a quem a escrever.

CAPITULO VI.

Appendix ao antecedente Capitulo.

NAõ dezejo, Leytor amigo, và isto a enfadarte, quando só o meu intento he curiosa, e sabiamente divertirte; e como no corpo do Capitulo que acabou te naõ dey a noticia toda que em seu titulo prometi, por sahir mayor do que eu queria, agora neste Appendix ao tal Capitulo, te quero participar.

Como

Como na Arquitetura prendem quantos edeficios vem os noſſos olhos, dos quaes ſe adorna a fermoza maquina do Mundo, ſe faz preciſo (pois que tratàmos deſta Arte) mencionar quaes foſſem no Mundo os primeiros, e mayores edeficios. Quem das Divinas letras tem noticia, ſabe que Caim filho de Adam foy o primeiro que edificou Cidade, e a cercou de muros, a que poz o nome de Henoc ſeu filho (1) baſtantes annos depois de eſtar eſte naſcido. (2) Plinio que naõ teve luz das Eſcrituras, affirma que a primeira Cidade, ou povoaçaõ que houve no Mundo, foy Cecropia, fundada por El-Rey Cecrope antes dos tempos de Deucaliaõ. (3)

Eſcrevem outros que Argos foy a primeira Cidade do Mundo, a qual como diz Eſtrabo, he a que o Poeta Homero chamou Pelaſgica, e a fundàra ElRey Phoroneo, da qual Lucano faz mençaõ; naõ ſendo equivocada eſta com outras duas Cidades do meſmo nome, huma Argos em Attica, outra Argos em Achaya. (4)

Outros dizem que fora Thebas chamada depois Dioſpolis a Cidade primeira que Phoroneo fundàra, vivendo nos tempos de Jacob: os Egypcios o affirmaõ, e Eſtrabo parece o comprova (5) e finalmente outros daõ à antigua Cidade de Syciaõ (entre todas) a primazia. Só ſe verifica porque a S. Eſcritura o aſſevèra, deverſe a Caim, como diſſemos a primeira fundaçaõ, ſem que

(1) *Ex Geneſi. Joſef. l. 1. Antiq. D. Aug. de Civ. Dei l. 18. cap. 8. Beroſ. de flor. Cald. lib. 1. Chriſoſt. in Gen.*

(2) *D. Aug. ubi ſup.*

(3) *Plin. hiſt. nat. Juſtin. l. 2.*

(4) *Vid. Plin. ſup. Eſtrab. l. 1. Geogr. Homer. Lucan. l. 6. Pharſ.*

(5) *Eſtrab. l. 17.*

tambem falte quem diga fundàra outras seis Cidades - Mauli, Thehe, Jesea, Celet, Jebet, e a outra que se naõ logrou. (6)

(6) Philo in Antiq. Bibl.

As Cidades mais famosas que antiguamente houve no Mundo, de que hoje ha só leve noticia quando nellas tocaõ as historias, foraõ a Cidade de Ebron a que por antonomasia chama o Evangelista S. Lucas Cidade de Judà, e o Cardeal Baronio diz era populosa, e situada nas montanhas de Judéa, em a qual se viaõ as sepulturas dos quatro Patriarcas (que alguns Autores lhe daõ este titulo) Adam, Abraham, Izaac, e Jacob (7) A antigua Cidade de Dan depois chamada Cezarea, em cujo continente se achavaõ os doze Tribus de Israel. (8) A famosa Cidade de Jerusalem antes de sua destruiçaõ; a Cidade de Damasco em que Izaac foy nascido; e finalmente outras naõ taõ celebres por muito populosas, quanto notaveis por antigas.

(7) Baron. in annal. Hyeron. Natur. Jesu annot. in Luc c. 1. Pedr de Ribadan. Jozef. Carm. l. 3. c. 22.

(8) Gabriel. Bermondo Viag. de Egip. l. 2. c. 1. fol. 93. Vincenzo Berdini. hist de la Palestin. p. 1.

Populosa, e celebre foy a Cidade de Babilonia que Nembrod fundàra na antigua torre de Babel (9) a qual tinha quatrocentos e oitenta estadios, ou dez legoas de circuito, com muralhas de duzentos pès (e mais) de altura, e sincoenta de largura, por sima do qual andavaõ seis carroças a passeyo emparelhadas, com duzentas e sessenta torres: nos muros desta como maravilha do Mundo jà falàmos, e em seu circuito vareaõ os Autores. Competio com esta Cidade a famosa Ninive que de comprido dizem

(9) Genes. 11. Herodot. Jozefo.

tinha

tinha a meſma grandeza, outros verificaõ exedia, e tinha muros com cem pès de alto, em que rodavaõ tres coxes de parelha, e ſe afermozeava com mil e quinhentas torres de duzentos pès de altura, logrando em fim mil e duzentos annos de duraçaõ, e mais tivera, ſe o Imperio Aſſirio naõ paſſára aos Gregos, e Babilonios. (10)

(10) *Herodoto l. 1. Arrian. l. 8. Diodor. l. 3. c. 1. e 4.*

Naõ deſmerecem memoria pela grandeza, e fermoſura as notaveis, e antiguas Cidades de Troya, Carthago, Corintho, Lacedemonia, e Athenas (11) a ſempre celebrada Roma, que mereceo ſer cabeça do Mundo, teve no ambito de oito legoas, e meya, quatrocentos e ſincoenta mil vezinhos com ſoberbiſſimos palacios, com fortiſſimos muros, muitas, e altas torres; e para que ſua ſublime maquina, e Arquitetura, em huma palavra diga, de que ſe poſſa colligir o mais, ſó o Amphiteatro de Eſcaulo, ou Sila (ſem ſer o que mais ſe admirava) eſtava ſobre trezentas e ſeſſenta columnas: tinha tres mil figuras de metal, e oitenta mil homens cabiaõ nelle. (12) Baſte por noticia.

(11) *Propert. l. 4. Ovid. Metam. 6. Claudian. Virgil. Æneid. 3.*

(12) *Joaõ Roſſin. de Antiq. Rom. e. Andre Fulv. de Antiq. Romæ. Thom. Dempſter.*

CAPITULO VII.

Das Artes de Cavallaria, Alveitaria, e Ferradoria. Mostra os seus ministerios, aponta os seus Inventores, e diz quem foraõ os primeiros que usáraõ de ajaezar os cavallos.

A Arte de Cavallaria que entre todas sempre foy estimadissima Arte, como huma das mais principaes, e mais illustres, porque mais propria do que todas ao exercicio dos mayores principes que o Mundo teve, razaõ porque muitas Naçoens quizeraõ avocar a si este taõ grave como engenhozo invento, tem como as mais opinativo o seu principio, pois a antiguidade lhe deixa admitir diversidade de Inventores.

Cavallo se chama o generoso bruto pella inclinaçaõ que tem de cavar com as mãos na terra (1) e sendo domavel para receber o ensino (principal emprego desta Arte) deu occasiaõ a que alguns Filozofos gentios admitissem verdadeiro discurso ao Cavallo, e o entendimento de Aristoteles se sogeitasse a dizer que tinha memoria, vendo se lembrava do que lhe ensinaraõ. (2) Avicena o comprova (3) Homero, e Virgilio o accreditaõ, admirando com algum discurso a sua fidelidade, e attribuindolhe lagrimas na morte de seus Senhores. (4)

(1) *S. Isidor. l. Etim. Virgil l. 3. Georg.*

(2) *Aristot. l. de Natur.*

(3) *Avicena hic.*

(4) *Homero. Virg. l. 11.*

Na qualidade destes brutos se admite singularidade, e excellencia respectivamente aos terrenos em que nascéraõ: Manoel

Fili-

Filiberto Duque de Saboya, Suetonio Tranquilo, Pomponio Mela, Affonço Venereo, Bohemio, Solino, e Abſirto eſcrevèraõ q̃ os que naſcem nas Heſpanhas comprehendendo Portugal, e Caſtella ſaõ mais excellentes, fortes, ligeiros, e fieis do que todos que ha no Mundo, eſpecialiſando os Andaluzes; (5) pelo que o diſcreto Souza Luſitano diz que aquelle celebre Cavallo de Julio Cezar naſcèra em Portugal. (6) Marcial dà primaſia na eſtimaçaõ aos das Aſturias (7) Plinio aos de Galiza (8) Horacio aos de Argos (9) Propercio aos de Elide em Grecia (10) Virgilio aos de Agrigento de Cezilia (11) e Claudiano aos de Cerdenha, Alemanha, França, Corcega, Scythia, Argeo, Irlanda, e Napoles (12)

(5) *Emman. Filibert. Sueton. Tranq. Pompon. Mela. Affonc. Vener. Bohem. Solino. Abſirt*
(6) *Man. de Far. e Souza Epitom. das hiſt. Portug. c. 10. § 13.*
(7) *Martial.*
(8) *Plin.*
(9) *Horat.*
(10) *Propert.*
(11) *Virgil.*
(12) *Claudian.*

De maravilhas da fidelidade de taõ nobre, e generoſo bruto andaõ cheas as hiſtorias: Nizo Senenſe as conta dos que tinha o Emperador Caligula (13) Jeronimo Roman, dos de Ludovico XII. Rey de França; (14) Pineda de hum do Principe Caſtrioto; (15) Filaredo do de Antiocho (16) Homero do de Achiles (17) Plinio do de Nicomedes (18) e ſe de mais quizerem ſaber noticias, leyaõ a Solino, a Plinio no l. 8. a Schede in Chronicon; a Petrarca l. de Utràque fortuna, Dialog. 30. a Pomponio Mela l. 2. cap. 47. a Eſtacio l. 9. a Vincencio in Speculo tom. 1. l. 18. a Eliano l. 6. cap. 47. a Tarquîlo c. 55. a Pontano, Dion, Paulo Jovio, e outros.

(13) *Niſo Senenſ.*
(14) *Jeron. Roman.*
(15) *Pineda.*
(16) *Filaredo.*
(17) *Homer.*
(18) *Plin.*

Mas diſcorrendo curioſamente nos empregos deſta Arte, eſcreve Diodoro Siculo que Neptuno fora ſeu primeiro Inventor (19) Herodoto, que Zebar de Pico (20) e outros que Bellerophonte filho de ElRey Glauco (21) quando ſobre o Cavallo Pegazo foy contra a Chimera, como Horacio diz (22) Virgilio eſcreve que os Peletronios, a que outros chamaõ Lapítas, povos de Thezalia em Grecia foraõ os primeiros que enſinàraõ a arte de domar Cavallos, porque eſtes primeiro que todos inventàraõ os freyos, e mais arreyos com que ſe domeſticaõ, e governaõ. (23) Apianno diz que os Numîdas praticàraõ o pelejar acavallo, ſupoſto que ſem freyos nem jaez algum (24) e Plinio affirma que os de Phrygia inventàraõ o meter cavallos nas corroças enſinando-os para eſte effeito. (25)

(19) *Diod. Sicul. l. 6.*
(20) *Herodot.*
(21) *Plin. l. 7.*
(22) *Horat. in Cant.*
(23) *Virgil. l. 3. Georgic.* *De his vide Cardan in l. de rer. varietate.* *Cel. Rodig. l. 5. & 11. cap 63.* *Angel. Polic. in Miſcelan.* *Gaſp. de Rib. in apoſtil.*
(24) *Apian. Alex.*
(25) *Plin.*

No exercicio deſta Arte ſe occupàraõ goſtozos Alexandre Magno, o Emperador Carlos V. Julio Cezar, e muitos outros Principes Soberanos dos Reaes Tronos de França, Caſtella, e Portugal, ficando à primeira nobreza deſte Reyno o caracter de Cavalheiros - que ainda hoje com credito concervaõ, deduzido do honrado exercicio de Cavalleiros, que antes tivèraõ ſeus altos Progenitores, ſendo eſta a mayor honra de que os Perſas muito ſe prezavaõ, e o mayor favor que os Romanos a algumas peſſoas de ſegunda nobreza permittiaõ.

Eſta Arte nobiliſſima enſina os modos

com

com que ſe haõ de domar, enfrear, enſinar, e montar os Cavallos aſſim à brida como à gineta; a conhecer a bondade dos meſmos brutos pelas raças, ſinaes, cores, largura dos peitos, proporçaõ do colo, e feitio da anca; a idade em que ſe haõ de recolher os Potros às Eſtrebarias, a fórma que haõ de ter nas prizoens, o modo com que ſe devem pençar, limpar, e tratar; como ſe haõ de ameſtrar nas picarias; como ſe lhe haõ de enſinar habilidades; a idade em que ſe haõ de celar, e enfrear; as cautelas para que ſe naõ desboquem; e o como ſe ha de emmendar os que por fogozos, e eſquentados, ou por froxos, doces, e brandos naõ enfreyaõ, ou por outras muitas razoens que iſto ſuccede.

Inſinua o como ſe deve andar a paſſo, e de andadura; como ſe ha de evitar o empinarem-ſe, e fazer corcovas, quando ſe deve uſar da eſpora; como ſe lhe deve enſinar a fazer lados, entender a perna, e ajudas, a correr carreira com concerto, a fazer trotes, galopes, voltas, e redobres; a puxar os braços, pizar em hum ſó lugar, fazer curvetas, e ſuſpençoens de mãos, lanços, chaças, repeloens, e arremetidas, e voltar de todos os modos; como os haõ de fazer andar na eſcaramuça, correr lanças, canas, juſtas, Patos, alcanzias, e parelhas; tambem o como ſe haõ de enſinar a toirear, e entrar nas Praças com luzimento, e ainda a deſtrar para a Arte Militar.

A Arte de Alveitaria enſina o como ſe

haõ

haõ de conhecer, e examinar as idades, achaques, e defeitos dos cavallos; o como, ou por que ſinaes ſe lhe conhecem todas ſuas enfermidades; quaes ſaõ as que os cavallos, e mais beſtas coſtumaõ ter (26) como ſe lhe haõ de curar as fracturas, tumores, toces, inflamaçoens, diſſolaçoens, luxos, poſtemas, fleimoens, areſtins, eſparavoens, chagas, e outras feridas.

(26) *Paſchalio l.61. Percludio cap. 21. Galen. de mor. Equ.*

A Arte de ferrar he huma mera participaçaõ da de Alveitaria, e nella ſe inclue eſta, a quem ſe permite o exercicio de ſangrar, e carregar os cavallos, e mais beſtas, de curarlhe algumas chagas, e mataduras, de lhe applicar fogo, e cauterios, de eſpalmar, e ferrar os cavallos, remedearlhe as encravaduras, e ferraduras mal aſſentadas.

Deſtas excelentes Artes eſcreveraõ entre outros mais

Monſieur de la Buſſiniene.
Monſieur Eſpiney.
Monſieur del Campe.
Monſieur Rouutay.
Monſieur de Beaurepe.
Mareſcal François.
Mareſcal Expert.
Le Par fait Mareſcal.
Don Juan de Aries Alva.
D. Franciſco Peres Navarrete.
Juan Gomes Eſcamilla.
Horace de Franchini.
Pirro Antonio Ferrato.
Mago Cartaginenſe.
Paſchoal Gracciolo.
Pietro Creſcenço.
Giordano Rufo.
Cezar Ruini.
Carlo Ruini.
Gervais Markam.
Felippo Scaço.
Miguel de Paraçuelos.

Bal-

Balthezar Ramires.
Juan Baptiſta Ferrato.
D. Bernardo de Vargas.
Martin Arredondo.
Franciſco Pinto Pacheco.
Dom Manoel Dias.
Publio Vigecio.
Aldroando.
Herman Calvo.
Plagonio.
Redondo.
Abſirto.
Anatolio.
Hierocles.
Diocles.
Theomeniſto.
Colombo.
Pluvinel.
Eugenio Maçano.
Frederico Griſſon.

CAPITULO VIII.

Das Artes Venatoria, Gladiatoria, e Ludatoria. Referem-ſe ſeus primeiros Inventores, coſtumes que obſervavaõ os Antigos, de que ſe extrahiraõ os que ſaõ agora praticados.

A Arte Venatoria que em todos os ſeculos do Mundo mereceo lograr eſtimaçoens grandes, pois ſendo para o exercicio da natureza humana (ſe naõ he com exceſſo grande) muito util, he entre todas a mais divertida, e curioſa, deve ſeu primeiro invento a Diana filha de Jupiter, e Latona, razaõ porque os Gentios a intitulàraõ Deoſa da caſſa, e lhe ſacrificaõ victimas em reverentes holocauſtos. (1)

Mas ſupoſto Diana foſſe pelo Gentiliſmo adorada ſendo como he Deidade fabuloſa, e fementida, em opiniaõ mais ſolida naõ ſe verifica nella eſte invento, mas ſim em

(1) *Cicer l.3. de natura Deorum. Cartario l 6. de Imag Deorum. Joaõ Boccacio l. 5. Genealog. Deorum. Ravis. Text. p. 2. off. Mitol. cap. 8. Natal com. l. 3.*

em Caim, Lamech, Nembroth, e Ezaù, ſendo eſtes os primeiros Caſſadores que o Mundo logo em ſeus principios vio; e andando o tempo ſe participou eſta Arte aos Thebanos, Phrygios, Iſmaelitas, e Idumeos: ultimamente a todas as Naçoens do Mundo, pois nella por todos os Imperios, e Reynos ſe vè gente goſtoſamente exercitada. (2)

(2) Chriſtov. Soar. de Figueiroa Plaça univerſ. diſc 57.

Fez o exercicio da caſſa a muitos homens, preclariſſimos, quaes foraõ Ulyzes, Achiles, e Diomedes nas hiſtorias celebrados: a Endimiaõ, Aretuza, Cephalo, Adonis, Helimo, Panope, Hippe, Orion, Parthenio, Animon, Atlanta, Adonis, Pocris Hipolito, e Calixto, os quaes neſta Arte deraõ principio aos creditos do ſeu nome que poſteriormente em outras acçoens abalizàraõ, conſtituindo-ſe para mayores emprezas animoſos, e esforçados.

Pelos mayores Politicos que o Mundo teve, entrou eſta Arte a ſer (mas ſem exceſſo) aos Principes recomendada; e como eſtes ſe naõ ſubordinaõ facilmente a preceitos, Mitridates Rey de Ponto andou à caſſa ſete annos affectivos, ſervindolhe quando à noite ſe deitava de ſobre-ceo o Ceo, pois em todo eſte tempo ſe naõ recolheo ao Palacio. (3) Hum gram Caõ dos Tartaros eſquecido de todo o governo, e ſó na caſſa divertido, ſahia a ella por largo tempo com ſinco mil caens, e dez mil homens caſſadores que ſuſtentava. (4) Outro Rey da Perſia tanto ſe influio na caſſa, que andando dias, e noi-

(3) Raviſ. Textor in off. verbo venatoris.

(4) Bapt. Ramus. vol. 3. cap. 26. Franc Roman. narr. del Rein. de Congo cap. 4 Vincenz. Berdini hiſt. de la Paleſt. p. 2. miſ 36.

e noites largo tempo com grande comitiva, matou tantas Cabras Silveſtres, e outros animaes com pontas, que ſó das ſuas càveiras poſtas com as pontas viradas para fóra, mandou fazer por galanteyo huma altiſſima, e curioſa torre. (5)

(5) *Pietro de la Vale Viag. di Perſia. lett. 1. adi 17. Março 1617.*

Para o miniſterio da caſſa ſe entende fora Ulyzes o primeiro que de Troya depois de deſtruhida trouxe a Grecia paſſaros, e aves de rapina como Aſſores, Falcoens, Neblis, e outros para o miniſterio da caſſa do ar. (6) Deſtas temos neſte Reyno Perdizes, Codornizes, Rolas, Tordos, Ades, Ganços, Galeiroens, Mergulhoens, Batardas, Pombos, Narcejas, Eſtorninhos, Galinholas, Poupas, Maſſaricos, e Maſſaricos reaes; e de caſſas do chaõ, temos Coelhos, Lebres, Veados, Corças, Gamos, Javalìs, e outras; no Brazil temos Cotîas, Pacas, Tátùs, Caitatùs, Capivaras, Antas, Quatîs, Guaribas, Coxinos, Veados, e Lontras como no Reyno, ſendo eſtas caſſas do chaõ; e do ar temos Motuns, Jâcùs, Papagayos, Jacotingas, Jacupemas, Inhumas, Zabelcis, Jaſſanans, Cavans, e outras infinitas do ar, e chaõ, que naõ repito.

(6) *Belon. Francez l. 2. de Avibus.*

A Arte Gladiatoria que S. Cypriano eſcrevendo a Donato, reprovou (7) por ſer o ſeu terminativo fim o derramar ſangue humano, e eſta Arte ter tal ſabedoria, que naõ ſó faz a maldade, mas enſina a fazela, teve ſeu principio antiquiſſimo, e ſe entende deverſe o ſeu invento aos Romanos. Della

(7) *D. Cyprian. Ep. ad Donat.*

la faz mençaõ Julio Capitolino na vida dos Emperadores Maximino, e Balbino, sendo de seus Inventores a idèa adestrar por este principio aos mancebos para que quando fossem à guerra, ou se achassem em algum conflito dezembaraçadamente, e sem temor pelejassem; e os Romanos Emperadores praticavaõ antes de sahirem à guerra, mandar primeiro fazer exercicio aos Gladiadores. Esta Arte se aprende hoje com espada preta para se saber exercitar a branca; e deste curioso exercicio se naõ desprezaõ muitos Cavalheiros, e principaes pessoas.

A Arte Ludatoria que comprehende todos os jogos, e danças, ou bailes, ou a pè, ou acavallo, por opiniaõ de alguns Autores, devem a Hercules filho de Jupiter, e Alcmena o seu invento, sendo o primeiro que os ordenou no monte Olimpo junto a Piza, e Elis Cidades de Arcadia, e em honra de Pelopes se dedicàraõ a Jupiter. (8) Outros affirmaõ que os Povos Datylos de Idà inventàraõ este exercicio (9) e outros que Iphyto restaurou este invento quatrocentos e oito annos antes da destruiçaõ de Troya. (10) Herodoto diz que estes jogos Olimpicos eraõ como contendas, e se faziaõ acavallo (11) dando-se huma Coroa de ramos de Oliveira ao que ficava vencedor.

(8) *Plin. l. 7. Diodor. l. 5. Plutarc. in vita Thæsei.*

(9) *Estrab. l. 8. de Geogr. Diodor. l. 6.*

(10) *Solino.*

(11) *Herod. l. 8.*

Outros antigos modos de jogo havia entre os Gregos, huns se chamavaõ Pithios de que Ovidio faz mençaõ (12) tendo o nome de seu Autor; outros chamados Isthmos

(12) *Ovid.*

mos inventados por Thezeo, de que trataõ o mesmo Ovidio, e Plutarco (13) aquelles se faziaõ de dia, e estes como encamisada de noite, mas todos acavallo, e armados os Cavalleiros de donde se extrahiraõ os que hoje vemos em toda Europa praticados.

(13) Ovid. 4. Met. Plutarc.

Os Antigos Romanos entre outros jogos, e festejos que faziaõ mais Gentilicos, praticavaõ o jogo Circence de que Apiano, Servio, Tulio, e Virgilio trataõ (14) este se fazia em hum espaçoso cerco sahindo dous a dous os Cavalleiros emparelhados, e merecèraõ estas festas o titulo de festas Romanas pela sua gravidade. Ainda em Roma se usavaõ outras, a que chamavaõ festas Saturnaes, e no mez de Dezembro se celebravaõ cada hum anno com a mayor solemnidade, sumptuoso apparato, e grande alegria (15) e finalmente usavaõ outros muitos jogos de Cavallaria.

(14) Apian Guer. civ. Servio sobre o l. 3. das Georgic. Tul. Cicer. Tuoliv. Virgil. l. 5.

(15) Marcial. in Geneb. Justin. l. 43. Macrob

O Jogo do Xadrez que entre nòs se pratica, he taõ antiguo, que foy inventado 3635. annos logo depois de creado o Mundo; dizem fora o discretissimo Xerxes seu autor. (16) O jogo das Tabolas com dados, e o da Péla foy inventado pelos de Lidia em Azia (17) suposto Plinio diga que o jogo da Péla fora inventado por Pytho, que bem o podia ser com diversidade no modo. (18) Do jogo de Dados faz mençaõ Persio com todos os pontos que nelles vemos, e tambem nelles fala Plauto (19) certamente foraõ

(16) Plutarc. Macrob.

(17) Herodoto l. 1.

(18) Plin. hic.

(19) Persius. Plauto.

raõ antiquiſſimos; ha opiniaõ ſe foraõ inventados pelos Gregos, ou ſe pelos Romanos, como de Euripedes ſe entende. (20) O jogo dos pares, e nones que os pequenos jogaõ, tambem he antiquiſſimo, e delle faz mençaõ Suetonio Tranquilo na vida do Emperador Auguſto Cezar (21) O jogo pelos dedos (como adevinhaçaõ) huns fexados, e outros abertos, que certamente he galante, e o vi jugar a Italianos, foy tambem antiguamente inventado pelos Gregos. (22)

(20) *Euripedes.*

(21) *Suet. Tranq. in vita Auguſti.*

(22) *Varro.*

A Dança Pirrhica por muito antigua ſe entende foy a primeira; della trataõ muitos autores, e lhe daõ muitos Inventores (23) o certo he que deſta antiquiſſima dança, e daquelles antigos jogos naſcèraõ os infinitos que agora vemos; alguns como Arte ſe aprendem, e com elles (ſe naõ entra vicio) a ocioſidade ſe diverte.

(23) *Plin. l. 7. Sueton. Tranquil. Lucio Apuleyo. Dion. Alicar. l. 7. Solino. Eſtrabo.*

LIVRO UNDECIMO

Vida Laborioſa.

CAPITULO I.

Dos Agricultores, Cavadores, Plantadores, Poceiros, Lavradores, e Valadores. Moſtra quem foraõ os primeiros que ſe occupàraõ neſtes exercicios, e fizeraõ invento para taõ neceſſarios miniſterios.

HE (na opiniaõ de muitos SS. PP.) a vida laborioſa, e ruſtica do campo, aſſim para bem da Alma, como para utilidade de corpo, entre todas excellente vida (1) porque abſtrahida da ocioſidade que he mãy de todos os vicios, a Alma nunca tanto ſe perturba, e com o exercicio ſe faz o corpo ſaudavel. Gentio era Marco Tulio, e o conciderou tambem aſſim, quando em huma Oraçaõ que fez em defença de Roſcio Amerino, diz que a vida camponeza, e ruſtica he melhor do que a vida Civil, pois eſta com os vicios, e laſcivias facilmente ſe corrompe, e aquella he meſtra da temperança, juſtiça, e diligencia. (2)

(1) *D. Auguſt. D. Hyeron. D. Ambroſ. D. Hylar.*

(2) *Cicero in orat. pro Roſc. Amer.*

O primeiro que moſtrou ao Mundo eſta laborioſa vida foy Deos, quando ſem tra-

trabalho, e antes de formar Adam plantou o delicioſo boſque do Paraizo (3) e Adam foy o primeiro que com ſuor do ſeu roſto (4) cavou, e plantou a terra. Bom dezengano era eſte para os grandes, altivos, e ſoberbos do Mundo: lembraremſe que ſeu primeiro aſcendente foy hum pobre cavador de enxada.

(3) Geneſ. 1. cap. 2. v. 8.

(4) Cicer. l. 2. de natur. Deor.

De Adam ſe participou a ſeus filhos o miniſterio, e delle herdàraõ os trabalhos. Cicero quiz verificar fora a Deoſa Ceres Inventora primeira da Agricultura (4) Jozefo com opiniaõ mais ſolida atribue a Caim filho de Adam eſte invento (5) pois fora elle o primeiro que achou o modo de lavrar a terra; e ſendo eſte o Agricultor primeiro com ſeu trabalho, tambem foy o primeiro que em a terra poz plantas, e ſemeou; eſte tambem o primeiro Valador, e o que inventou primeiro pôr balizas em arcos nas fazendas para ſaber cada hum o que era ſeu. (6)

(5) Jozeſ. l. 1. Ant.

(6) Jozeſ. ubi ſupr.

Correndo o tempo, como Deos pelo peccado de Adam tinha amaldiçoado a terra, e produzia eſpinhos (7) eſcreve Servio que para eſta procrear, inventàra Pitumno o lançarlhe eſterco, razaõ porque lhe chamàraõ Eſterquilino (8) e cuidando mais os homens na Agricultura, ſendo pela neceſſidade preciſados, continuàraõ a cavar a terra, e porlhe plantas, do que Noè depois que ſahio da arca foy o primeiro inventor, e por ſua propria maõ plantou a vinha (9) e lhe

(7) Geneſ 3. v. 17.

(8) Servio in l. 9. Eneid.

(9) Jozeſ. l. 1. ant. Geneſ c. 9.

lhe colheo o primeiro fruto, plantandolhe tambem as mais arvores, pois Deos por ſua miſericordia permittia jà que produziſſem; e advirto que o invento de Pitumno foy poſterior.

Os antiguos que naõ tivèraõ luz das Eſcrituras, com ſiniſtro acordo diverſamente eſcrevèraõ, e tendo a Deoſa Ceres (como diſſemos) por primeira Inventora de toda a Agricultura (materia que em outra parte deſte tomo jà tocàmos) em opinioens ſe dividiraõ. Atheneo eſcreve que as vides para plantar vinha foraõ inventadas junto do monte Ethna em Cezilia por Oreſteo filho de Deucaliaõ. (10) Plinio diz que Eumolpho natural de Athenas foy o primeiro Agricultor que plantou vinhas, e as mais arvores. (11) Diodoro diz que o inventor de todas as arvores, e vinhas, e mais plantas que careſſem de agricultura, foy Bacho que chamàra Oziris. (12) Propercio diz que o Inventor de tudo iſto foy Icaro pay de Penepole em Athenas. (13) Servio, e Virgilio dizem que Minerva achàra a Oliveira, e inventàra em Athenas o azeite. (14)

Neſta materia ſó mais ſe verifica o que refere Euzebio fundado no meſmo dizer de Plinio (ſupra) que a bebida inventada por Dioniſio, ou Bacho fora Cerveja feyta de cevada, porque naquellas terras, e em todo Egypto ſe naõ produziaõ, nem criavaõ vinhas (15) aſſim como nos Paizes, e terras do Norte ainda hoje, por iſſo ſe uſa de cer-

(10) *Atheneo.*

(11) *Plin. l. 7.*

(12) *Diodor. l. 4.*

(13) *Proper. l. 2. Eleg.*

(14) *Diodor l. 6. Servio. Virgil.*

(15) *Euzeb. l. 11. de Præpar. Evang.*

veja, e de fóra ſe levaõ os vinhos. O primeiro que os moſtrou a França foy Arunthe natural de Hetruria em Italia. (16)

(16) *Plutarc in vita Camili.*

O Miniſterio da lavoura foy ſempre muito eſtimado, e andando neſta occupaçaõ Cincinato, foy de Lavrador eleito Ditador, e Emperador Romano: o meſmo ſocedeo a Curio, e outros (17) mas naõ ſó entre os Romanos, porque em outros Reynos, e Naçoens ſe vio a lavoura exercitada pela propria maõ dos meſmos Principes, e Monarcas: nella ſe occupàraõ Attalo, Archelao, Hieron, e Philometer (18) A Xenophonte (como Cicero teſtefica) parecia naõ haver occupaçaõ mais propria de hum Principe, que a lavoura (19) Tem toda a Nobreza. (19)

(17) *Cicero. Caſſan. in catalogo glor. mundi concid. 37. vide.*

(18) *Plin.*

(19) *Tul. in cato. Tex. in l. Nunquam l. Colon. 15. l. 1. cod. de Agricolis.*

Mas porque os antigos praticavaõ com trabalho exceſſivo o lavrar à mão ſem mais ajuda, nem inſtrumento que hum agudo pao, como os hiſtoriadores dizem, foy Briges no ſentir de Plinio, Oziris no parecer de Servio, e Tripolemo na opiniaõ mais comprovada de Virgilio, e outros, o primeiro que inventou a fórma de arado (20) ſe he que Ceres o naõ foy, pois dizem inventàra toda a ferramenta de que ſe uſa para lavoura, e mais cultura. (21)

(20) *Plin l. 7. Servio. Virgil.*

(21) *Virgil. Servio.*

E porque a terra para a produçaõ das Plantas padecia eſterilidade de agoas, entrou o engenho dos homens a cavar, e fazer poços para das entranhas da meſma terra as extrahir, do que eſcreve Plinio fora Da-

naо

nao primeiro Inventor vindo do Egypto a Grecia (22) mas certamente he paradoxo, porque a Escritura Sagrada encontra este dizer, verificando que Abraham, e Isaac, e depois delles os Hebreos quando com Moysés sahiraõ do Egypto, fizèraõ (cavando) em os dezertos muitos poços (23) e isto foy no ajustado computo dos Escritores, naõ menos que 393. annos antes que Danao nascesse neste Mundo.

(22) Plin. l. 7.

(23) Genes. 16.

Foy o tempo mostrando mais esperiencias aos homens, e querendo modificar o seu trabalho, principiàraõ a domar, e domesticar os Bois; pelo que escreve Diodoro fora Dionisio segundo filho de Jupiter, e Prozerpina o primeiro que os meteo no arado a lavrar a terra (24) suposto outros dizem que foy Ceres, outros que Briges, e outros que Tripolemo (25) Em Hespanha refere Tibulo fora ElRey Abides o que ensinàra àquelle povo ainda barbaro, e rustico a lavrar com Bois em o arado. (26)

(24) Diodor. l. 4. e l. 5.

(25) Plin. Virg.

(26) Tibulo.

Jà aberta, lavrada, cavada, regada, e cultivada a Terra, quiz a providencia de Deos como Creador de tudo, que mediante o trabalho humano (para se verificar sua palavra Divina (27) a terra procreasse naõ só espinhos, mas flores, naõ só plantas, e arvores Silvestres, mas frutiferas, para que com seus deliciosos pomos os homens se sustentassem, havendo-os só anteriormente no inaccecivel Paraizo. (28) Por diversos Reynos, e Provincias foraõ com muita novida-

(27) Genes. sup.

(28) Genes. sup.

vidade aparecendo: Em o anno 680. da fundaçaõ de Roma trouxe as primeiras Cereijas das partes de Pontho a Italia Lucio Lucullo (29) e no tempo do Emperador Augusto Cezar lhe trouxe Sexto Papinio de Africa por novidade humas pequeninas Maçans; depois aparecèraõ Figueiras, e outras mais arvores frutiferas, que de humas a outras Naçoens se participàraõ.

(29) *D. Hyer. test.*

Principiaraõ-se a transplantar, e enxertar por diversos modos as arvores, e plantas, e diz Macrobio que desta acçaõ foy Saturno o primeiro Inventor. (30) Columella explica os taes modos (31) Valdecebro as propriedades, Dioscorides as virtudes, sendo talvez, que de todos Plinio a fonte. Desta sorte conduzidas humas, transplantadas outras, e outras por diversos modos enxertadas, se achaõ em o nosso Portugal como Jardim do Mundo as mais peregrinas flores, as mais engraçadas plantas, as mais gostosas hortaliças, os mais saudaveis legumes, e as mais deliciosas frutas, que por dezempenho, ou credito da Agricultura, e singular bondade do terreno, nenhum outro Reyno as tem em tanta variedade, e abũdancia, nem taõ boas; e falando só nas frutas ordinarias de Portugal, e Brazil sua Conquista, temos. No Reyno

(30) *Macrob. l. 1. Saturnal.*
(31) *Columel. lib. de Arbor.*

Figos de diversas castas.	Peros de divers. castas.
	Maçans de div. castas.
Uvas de divers. castas.	Laranjas da China,
Peras de divers. castas.	doces, e azedas.

Li-

Limoens doces, e azedos.
Limas doces, e azedas.
Ameixas de diverſas caſtas.
Ginjas garrafaes, e Galegas.
Cerejas de diverſas caſtas.
Marmellos camoezes, e galegos.
Melancias, e Meloens.
Pecegos, e Romans doces, e azedas.
Damaſcos, e Frutas novas.
Abrunhos, Amoras, e outras.

No Brazil temos entre outras
Limoens, e Limas como no Reyno.
Melancias como em Portugal.
Bananas.
Batatas.
Annanazes.
Araſſazes.
Goyabas, Supocaias.
Mamoens.
Mangas, Càjuzes.
Cocos, Aningas.
Carnaûbas.
Araticuapés.
Araticupanans.
Marmeladas.
Janipapos.
Jacas, Ubaias, Embús.

CAPITULO II.

Dos Aceifeiros, Atafoneiros, Moleiros, Padeiros, e Forneiros. Moſtra-ſe ſua origem, e ſeu utiliſſimo Invento.

MIl modos tem o homem de ganhar a vida com o ſuor do ſeu roſto, e alguns ha para a concervaçaõ commua taõ precizos, que o Mundo padeceria, ſe o homem por neceſſitado naõ ſe ſogeitaſſe; porque como a noſſa natureza mais appetece o deſcanço que a fadiga, ſe tiveſſem todos abundancias, fugiriaõ

giriaõ todos com o corpo ao trabalho.

Achado jà o invento da cultura, lavoura, e cementeira de trigo, e enfadados os homens do ruſtico alimento de Bolotas com que atè eſte tempo ſe ſuſtentàraõ (1) havendo de aceifar, ou cegar o paõ recolhendo o fruto do ſeu trabalho, e tendo-o naõ menor neſte laborioſo exercicio, eſcreve Plinio que Ceres fora inventora do modo, e os enſinàra (2) ſendo tambem a que primeiro inventou a fouce para eſte effeito. (3)

(1) Plin. l. 7.

(2) Plin. l. 7. Diodor. l. 6.

(3) Virgil.

Juſtino em ſeu Epitome he de opiniaõ que Triptolemo nos campos da Cidade de Eleuzis, ſendo Ericteo Rey de Athenas inventàra, e enſinàra aos homens aceifeiros o como haviaõ de cegar com fouce. (4) Ovidio diz que Triptolemo fizera eſte invento em Grecia, e Azia (5) e eſte invento atribue Tibulo a Oziris. (6) Eu tenho por mais certo que Caim filho de Adam ſendo o primeiro que lavrou, e ſemeou, tambem foy o primeiro que no trigo poz a fouce, cegando, e enfeixando, pois he antiquiſſima eſta acçaõ deſde o povo Hebreo, como ſe collige do Sacro Texto, e do ſonho de Jozè do Egypto quando lhe pareceo eſtava com ſeus Irmãos atando em o campo fexes de trigo jà cegado, ou aceifado. (7)

(4) Juſtin. in Epit. l. 2.

(5) Ovid. Faſt. 4.

(6) Tibul.

(7) Vid. S. Pag. hic & in diverſ.

He de crer que antes de algum outro Invento, uſariaõ do trigo os antigos na meſma fórma que antes de deſcuberto uſavaõ das bolotas, pois, ou crù, ou torrado, ou coſido em agua ao fogo, o comeriaõ; porque

que naõ tinhaõ outro modo. Diodoro Siculo, e Plinio eſcrevem que Ceres foy a primeira que em Athenas, Italia, e Cezilia deu exercicio a Atafoneiros, e Moleiros, pois de moinhos, ou atafonas foy a primeira Inventora. (8)

(8) Plin. l. 7. Diodor. Sicul. l. 6.

Servio eſcrevendo ſobre o livro nono da Æneida, he de diverſo parecer; porque diz tivera Pitumno (já mencionado) a outro irmão chamado Pilumno, e eſte fora o Inventor das atafonas, ou moinhos para ſe moer o trigo, pela qual razaõ era muito honrado dos moleiros, e atafoneiros, a quem os antigos chamavaõ Piſtores, e Pizores. (9)

(9) Servius in l. 9. Æneid.

Para do trigo jà moido em farinha ſe fazer paõ houve naõ menor difficuldade em o modo, pois ainda neſte tempo nem padeiros, nem forneiros tinhaõ exercicio, e os naõ havia; atè que ſe inventou o fazerſe da farinha amaſſada com agua, paõ que ao principio ſempre era aſmo, e primeiro o coziaõ ao fogo como bolos a que chamamos - do borralho, e ultimamente em fôrno, de cujo invento, diz Plinio, naõ houvera noticia em Italia, ſe naõ depois da guerra de Perſia, que foy pelos annos 580. da fundaçaõ de Roma, e entaõ houve Pádeiros, e Forneiros. (10)

(10) Plin. c. 11. libr. 18.

Com a ruſticidade dos antiguos era facil, e boa de accomodar, e faltos de noticia, naõ eraõ coſtumados a manjares perfeitos, e delicados, pois a neceſſidade os compelia

pelia a comer frutas silvestres, persuadome a que talvez naquelle tempo primeiro os Pàdeiros, e Forneiros amassariaõ, tenderiaõ, e cozeriaõ o seu paõ, fazendo-o naõ só de toda a farinha, mas com toda a semea, e farello; porque muito depois se inventàraõ em França as joeiras, cirandas, e pineiras groças, que se faziaõ de sedas de cavàllo (como escreve Plinio, e em Hespanha ultimamente se inventáraõ as pineiras finas, que ao principio se faziaõ de linho, e no Egypto de juncos, e papel, em Italia finalmente de sedas. (11)

(11) Plin. de supr. dictis lib 18.

Mas naõ obstante tudo o dito, pondo os olhos na Sagrada Escritura, encontro nella Jacob mandando seus filhos ao Egypto comprar paõ (12) e sendo os Hebreos sem duvida aquelles que primeiro deraõ à terra cultura, e semeàraõ o trigo, naõ sem razaõ me capacito seriaõ tambem elles os primeiros inventores de se fazer do trigo, paõ, e do Texto consta o foraõ buscar, porque famintos. (13)

(12) Genes c.42.

(13) Genes. ubi supr.

Memoravel foy esta fome; e de nove faz mençaõ a Escritura, que a todas experimentàraõ os Hebreos. A primeira foy logo no principio do Mundo vivendo Adam, e Eva (14) a segunda vivendo Lamech; (15) a terceira no tempo de Abraham (16) a quarta no tempo de Isaac (17) a quinta no tempo de Jacob (18) a sexta no tempo de Boos, e Ruth (19) a setima no tempo de David [20] a oitava no tempo de Elias Pro-

(14) Genens. 1.
(15) Genes. 5.
(16) Genes. 12.
(17) Genes. 16.
(18) Genes 42.
(19) Ruth. 1.
(20) 1. Reg. 21.

Profeta [21] e a nona no tempo de Elizeo em Samaria. [22]

(21) 3. Reg. 17.

(22) 2. Reg. 6.

De huma notabiliſſima fome ſe faz mençaõ no Teſtamento novo, a qual vaticinou Agabo Profeta, e eſta preocupou ao Mundo todo deſde Levante a Poente, vendo-ſe precizados os homens a comer raizes da terra (23) naõ ſeria eſta taõ temida em certos Paizes da Noroega, ſe he certo o que Bartolini, e Niculó Angelo Tinaſſi eſcrevèraõ: que alli ſe faz huma certa caſta de paõ; que ſe lhe concerva, e dura quarenta, e mais annos amaſſado ſem corrupçaõ, tanto melhor quanto mais antigo; he coſido entre pedras (parece que de ſevada, e trigo) mas pòde hum homem ſem temer a fome, fazer de huma vez paõ para toda a vida. (24)

(23) *Acta Apoſt. c.* 11.

(24) *Thom. Bartol. l.*6. *de la Medicina de Popoli de Dinam. Niculó Angelo Tinaſi Giornale de Literati del* 1669.

CAPITULO III.

Dos Cozinheiros, Paſteleiros, Confeiteiros, Azeiteiros, Taverneiros e Queijeiros. Moſtra quem, quando, e como ſe inventàraõ diverſidade de iguarias nas mezas, e ſobremezas para goſto, e regallo do corpo humano.

JA' no capitulo antecedente fica dito a parcimonia que talvez por neceſſidade obſervàraõ os primeiros povoadores do Mundo, e coſtumando eſtes ſó comer para viver, os ſeus deſcendentes primeiros ſó coſtumavaõ viver para comer; que como ſaõ appetencias da natureza humana, ſupoſto ſeja Filoſofia certa, que ninguem apetece o mal, ſe naõ com apparencias

(1) *Com. Philozof.* de bem (1) achàraõ finalmente efte bem, e muito à fua cufta vieraõ a experimentar o mal, pois que fem defpezas nutrindo-fe os antiguos com o que a terra voluntariamente produzia, depois fe lhe corrompeo a natureza com as iguarias que para proprio appetite inventàraõ.

Entrou-fe a cuidar no modo com que o corpo tiveffe regalados, e faborofos mantimentos, e naõ fe praticando neftes algum genero de tempero, deu Coco aos cozinheiros nome, e principiou a haver cozinhas, e Cozinheiros. Hiperboreo filho de Marte diz Plinio fora o primeiro que matàra Boy (2) mas entendo que ainda a efte tempo fe fazia o que eu vi obrar aos Gentios com que lidey, guardando o primitivo inftituto, pois matando qualquer Ave, ou animal quadrupede, da mefma forte que o criàra Deos, affim fó defpedaçado, e fem mais modo nem tempero o affavaõ mal em efpetos de pao, e o comiaõ.

(2) *Plin. l. 7.*

Como nenhuma coufa ao principio tenha fer perfeito (3) foraõ os antigos pouco a pouco fazendo inventos, e jà fobre as carnes que affavaõ, coftumavaõ lançar bagos de trigos, e vinho (4) a tempo que eraõ jà paffados baftantes annos da Creaçaõ do Mundo, pois ainda muitos depois refere Afclepiades, natural de Chypre, que reinando Pigmaleaõ no Oriente naõ havia ainda o ufo de comer carnes (5) e Cheremon Eftoico efcreve que os Sacerdotes Egypcios nem

(3) *Fabio Quintiliano.*

(4) *Virgil.*

(5) *Afclepiades.*

nem ainda ovos, ou leite comiaõ, dizendo que os ovos era carne clara, e deſtilada, e o leite ſangue ſó demudado na còr (6) e os Indios Brachmanes, como Euzebio teſtefica, naõ comiaõ couſa que padeceſſe morte. (7)

(6) *Cheremon.*

(7) *Euzeb. l. 6. de Præp. Evang.*

Eſte coſtume obſervàraõ muitos annos os Gregos, Cretenſes, Athenienſes, e Babilonicos, como eſcrevem Euripides, e Xenocrates (8) e da meſma ſorte os Eſpartanos ſeguindo as Leys Cibarias de Lycurgo (9) atè que ſe demaſiàraõ os Gregos, e em ſua imitaçaõ os Romanos havendo logo cozinhas, e tendo exercicio grande os Cozinheiros, inventando-ſe pelo tempo adiante infinita variedade de iguarias que ſe davaõ em publicos, e eſplendidiſſimos banquetes, tendo que fazer os Paſteleiros, Concerveiros, e Confeiteiros logo deſde o tempo que ſe deſcobriraõ os materiaes conducentes para eſta variedade de viandas que eſtamos vendo praticadas.

(8) *Euripedes Xenocrates.*

(9) *Valer. Max.*

Chegou iſto a tal exceſſo (ſendo jà inventado por Mizor, e Selech o uſo do ſal) que para naõ faltar em qualquer tempo o regalo, inventou Marco Lelio viveiro grande de Aves (10) e depois o imitou em Roma o Emperador Alexandre, como refere Lampridio (11) Outros os fizèraõ de pexes. Hirpino inventou o fazer tapadas para nellas terem prompta caſſa groſſa, e miuda para os banquetes (12) como hoje vemos ter ſó para divertimento os Principes, e pa-

(10) *Plinio.*

(11) *Samprid.*

(12) *Plin. l. 8.*

ra utilidade propria alguns particulares. Em Inglaterra he mais commum. Para evitar os excessos estabaleceo Cataõ Leys Cibarias em Roma; mas no Egypto gastou Cleopatra duzentos e sincoenta mil ducados só em huma cea (13) Naõ falo no banquete de Balthezar, e outros de que a Escritura falla.

(13) Plin. l. 9.

Os Azeiteiros, em cujo nome comprehendo os Lagareiros, isto he, os que fabricaõ, e vendem o azeite, tambem tem muito antiguo o seu principio: Cicero, e Diodoro atribuem, ou a Minerva, ou a Aristeo o seu invento (14) porque dizem os ensinàraõ a extrahir da azeitona o azeite; mas Justino affirma que os Athenienses foraõ os que primeiro delle usáraõ, e o vendèraõ. (15) Herodoto entende que esta acçaõ foy primeiro dos da Cidade de Epidauro (16) mas Plinio assenta que Aristeo Atheniense foy o que inventou os lagares, e moinhos de azeite, que usára deste, e se principiava a vender.

(14) Cicer. l. de Natur. Deor. Diodor. l. 5.

(15) Justin l. 13.

Eu quasi suponho estas opinioens apocrifas, lembrando-me, diz a S. Escritura que no tempo de Noè sahira da arca huma Pomba, e quando a ella tornàra, levava hum ramo de Oliveira no bico (16) e Jozefo nas Antiguidades Judaicas diz que jà Moysés usava de azeite, por melhor concervar o lume para os Sacrificios (17) e tudo isto he muito mais antiguo do que o que contèm as opinioens referidas, e expostas.

(16) Genes 8.

(17) Jozefo de Antiquit.

Os primeiros Tarverneiros (isto he) os

pri-

primeiros que publicamente abrirao taverna, e puzèrao caza para vender vinho, diz Herodoto que forao os de Lydia em Azia; e como estes tinhao sido inventores de muitos jogos, para hum, e outro effeito abririao a palestra. (18) Com superstiçao antigua, mas graciosa inventou Staphilo filho de Sytheno a misturar, e lançar agua no vinho. (19)

O invento de coalhar o leite, e queijar, dizem Diodoro, e Plinio se deve a Aristeo, pois foy o primeiro que o fez (20) e Gorgoris, como Justino escreve, inventou tirar o mel (21) mas discorre com opiniao mais segura quem attribue aos Hebreos estes inventos; porque certamente forao os que primeiro usárao de leite, e mel (22)

(18) *Herodoto.*

(19) *Diodor. Sicul. l. 5. Plinius.*

(20) *Diodor. Plin.*

(21) *Justin. l. 44.*

(22) *Jozef. Ant.*

CAPITULO IV.

Dos Oleiros, Paneiros, Sombreireiros, Tintureiros, Tendeiros, e Pineireiros. Mostra se quem forao os Inventores destes exercicios, e os que primeiro nestes ministerios se occupàrao,

NO tempo em que os homens viviao à providencia de Deos com a generalidade que no Mundo vivem todas as mais creaturas, nao cuidavao tanto no regalo, e alinho do seu corpo, como hoje, em que parecendo a alguns que huma camiza de fino linho lhe offenderà o coiro, se nao contentao sem as usar de cambraya, ou hollanda, que lhe nao mortifique a pelle: nao repàrao na superfluidade

dade do custo, por naõ privar de delicias a carne.

Assim mesmo podiaõ viver sem Olarias, pois ou o Sol com a virtude dos seus rayos lhe ministrava nas plantas, e pomos o sustento, ou o fogo sem mais que o intenso de suas chammas lhe preparava as iguarias com que se costumaõ sustentar; mas como se prevaricou no interior, e exterior a humana natureza, foy erradamente permitido que o corpo exteriormente se vestisse, assim como o individuo interiormente se tratasse.

Em fim: inventou-se a Olaria, e houve logo o Officio de Oleiro em o Mundo; discordaõ os Escritores (como succede em tudo o que he antiguo) em quem fosse o primeiro inventor de Olaria. O mesmo Plinio se encontra; porque no capitulo 7. de sua historia dà por inventor a Chorebeo natural de Athenas, e no livro 35. aponta a Dibutades por seu primeiro inventor (1) mostrando-o natural de Sycionio, e factor deste invento em Corintho.

(1) *Plin. l. 7. Plin. l. 35.*

Outros dizem que Rheco, e Theodoro na Ilha de Samo foraõ os primeiros inventores da Olaria; outros que Demaratho natural de Chorintho, pay de Tarquino Prisco, a quem acompanhàraõ Eugrammo, e Euchiro indo desterrado para Italia, e naquelle Paiz deixáraõ estes o tal invento. Lisistrato natural de Sicionia, e irmaõ de Lisippo foy o primeiro que fez obras de barro

por

por molde, e daqui ſe foy inventando o fazer vazos, e toda a mais louça. (2)

(2) De tudo o contheudo Vide Plinium.

Mas porque toda ſorte de louça que ſe fazia era à maõ, ou quando muito por moldes, entrou Anacharſis Filoſofo natural de Scythia a facilitar eſte projecto inventando a roda em que os Oleiros trabalhaõ, como alguns Authores dizem (3) e para, até em materia taõ ligeira haver opinioens, Homero o contradiz, e Diodoro affirma ſer eſte invento de Thaleo ſobrinho de Dedalo (4) outros querem foſſe Hyperbio natural de Corynthо, o inventor.

(3) Plin. l. 7. Diogenes Laertio l. 1. Eſtrabo l. 7. Ephoro, & alii.

(4) Diodor. l. 5.

Sabido pois que os Paneiros ſaõ entre nòs aquelles que ſó tem a incumbencia de publicamente vender panno de linho, e outros generos ſemelhantes, pelos quaes, outras naçoens entendem os que fabricaõ o meſmo panno, e a eſtes chamamos nòs teceloens, ou tecedeiras, por ſer miniſterio em que neſte Reyno ordinariamente ſe occupaõ molheres, deixando aos homens o exercicio de tecer pannos de lan, bem he que por naõ fazermos confuzoen,sdeixemos iſto para quando do tal officio tratamos.

Os Sombreireyros (derivado o vocabulo do nome Heſpanhol - Sombrero) pelos quaes entendemos os que fabricaõ chapeos, denominando ſó Chapeleiros aos que depois de feitos os vendem, trazem naõ tanto antiguo, quanto obſcuro o ſeu principio; porque coſtumando os antiguos trazerem ſempre as cabeças deſcobertas, naõ ſe pòde verificar

rificar o tempo em que os chapeos, ou carapuças principiàraõ a ter uſo. De agulha (como hoje vemos muitas) ſe entende foraõ inventadas pelos de Phrygia habitadores do monte Yda, que neſta obra de agulha ſe occupavaõ, digo das carapuças; e dos chapeos que ſó aos Principes, e Senhores ſe permitiaõ, entendem huns, que foraõ os Athenienſes primeiros Inventores; outros, que os Toſcanos, e outros que os Britanos, pois foraõ eſtes os primeiros que para ſemelhante obra uſàraõ do pello de animalejos. (5)

(5) *Vide Euzeb. Varronem. Juſtinum. Servium.*

Os Tintureiros na opiniaõ de Plinio trazem ſeu principio dos da Cidade de Sardis em Lydia, os quaes foraõ primeiros Inventores de tingir as lans, mas naõ eſpecifica de que cores, ou com que tintas. (6) Polux em o livro primeiro ao Emperador Commodo diz por opiniaõ dos Tyrios que Hercules inventàra o Carmezî. (7) O meſmo Plinio mencionado diz que de huns pequenos pexes que ſe criaõ em huma conxa, quando feridos ſe tirava huma tinta que tinhaõ na gragaַnta de q̃ uſavaõ antiguamente os Tintureyros, e era a còr como de Roza. (8) Ainda o meſmo Plinio aponta outra tinta extrahida tambem de outro ſemelhante pexe a que chamavaõ Murex, ou Conchylium. (9)

(6) *Plin. hic.*

(7) *Polux l. 1. de Verbis idoneis ad Commod. Imperat.*

(8) *Plin. l. 9. c. 36.*

(9) *Plini ubi ſupr.*

Os Tendeiros (que aſſim chamamos aos que em pequenas loges coſtumaõ vender varios generos comeſtiveis, e naõ comeſtiveis, e às de mais porte denominamos - lo-

ges

ges de Mercearia) tem antiguo o ſeu principio; deſtes com eſpecialidade falla Tulio Cicero, e reputa o ſeu exercicio por couſa baxa, e vil (10) ſe tem ſeu emprego em couſas ordinarias. Herodoto diz que foraõ inventores deſte miniſterio os de Lydia. (11) Jozefo diz que o coſtume de comprar, e vender he quaſi deſde o tempo de Noè. (12) Os Pineireiros tivèraõ em Heſpanha o ſeu principio, em França o ſeu invento; no Egypto, Italia, e mais Reynos da Europa o ſeu exercicio. Vejaõ o cap. 2. deſte 11. livro.

(10) *M.Tul. Cicer. l.1.Offitior.*

(11) *Herodot.l.1.*

(12) *Jozef.l 1 ant.*

CAPITULO V.

Das Fiandeiras, Tecedeiras, Coſtureiras, Rendeiras, e Lavandeiras. Moſtra-ſe a antiguidade, e Origem deſtes miniſterics, e quem os inventou para limpeza, e tratamento do corpo humano.

SEndo Deos como he em todas ſuas obras admiravel, o he naõ menos em ſua alta Providencia; pois inſinuando aos homens que ponhaõ os olhos nas Aves, e obſervem como ſe trataõ, que conciderem os Lirios do campo, pois ſem trabalhar, nem fiar ſe veſtem (1) fia das humanas creaturas ſe utilizem com ſeu trabalho, fiando, tecendo, e cozendo o linho, que feyto em panno ſerviſſe para cobrir a noſſa nudêz, e para iſſo o criou, depois que a mais fatal miſeria fez a noſſos primeiros pays abrir os olhos. (2)

(1) *Math.c.6.*

(2) *Geneſ. 3.*

Quem foſſe a primeira creatura que tendo

do conhecimento da erva,a que chamamos - linho - entaõ por obra da Natureza nascido, agora por diligencia, dos homens semeado, ha opinioens como em tudo: Plinio diz que Arachne donzella, natural de Lydia fora a primeira a que se atribue este invento. (3) Ovidio no seu Methamorphozi disto mesmo faz mençaõ, expondo que Arachne como fosse muito sabia em o fiar, e tecer, tivera huma contenda grande com Minerva,a qual a converteo em Aranha. (4)

(3) *Plin.l.7.*

(4) *Ovid.4. Metamorphos.*

Mas observado bem,o mesmo Plinio no mencionado livro se contradiz; pois refere que os Egypcios inventàraõ as artes, e modos de tecer. (5) Outros alludindo à fabula de Ouvidio dizem que com effeito Minerva fora a inventora de todos os tres ministerios, fiar, tecer, e cozer, pelo que os antiguos chamavaõ a estes ministerios - Arte de Minerva. Outros asseveraõ que Pallas inventàra o fazer rendas, ou que estas tivèraõ principio com agulhas, chamandoselhe antiguamente - apegamentos.

(5) *Plin.ubi sup.l.7.*

Auzonio, e Ouvidio celebres Poetas attribuem com singularidade a Pallas o invento de fiar, e tecer, mostrando-a nestes exercicios eminentissima (6) mas Closter filho de Arachne,como verifica Plinio,foy o primeiro que para fiar inventou os fuzos. (7) Em Italia se prohibia por Ley expressa que nenhuma mulher sahisse ao campo com roca na cinta, nem fosse fiando por lugares em que se achasse trigo semeado, pois tinhaõ

(6) *Ovid. in Arte amandi.l.1. Auzon.*

(7) *Plin.*

nhaõ niſto ſuperſticioſamente mau agouro. *

* *Toca a mattria deſte cap. no 19. do 1. livro deſta obra.*

Mas tudo o ditto reputaremos apocrifo ſe olharmos para as letras Sagradas; porque os Hebreos com muita anterioridade praticàraõ o uſo do linho (8) ſupoſto que no Deuteronomio o uſo de veſtiduras tecidas de lan, e linho foſſe prohibido (9) mas poſteriormente, ou ſó de linho, ou ſó de lan foraõ permitidas, hoje de toda, e qual ſorte ſaõ com muita vulgaridade uſadas.

(8) *Colig. ex Sacr. Pag. Exod.* 9.

(9) *Deuter.* 22. *Joſue* 2.

E porque o linho depois de fabricado, feito em panno, cortado em roupa, coſido, ou com rendas, ou ſem ellas, e trazido no corpo, ou pelos ſudoriferos excrementos ſe enxovalha, ou por qualquer outra cauſa ſua alvura, e candidez ſe macùla, foy preciſo que a razaõ natural fizeſſe nos rios de agua lavar a roupa, tendo com eſte miniſterio as Lavandeiras exercicio de veraõ laborioſo, e muito mais trabalhoſo de Inverno; e para que em tudo houveſſe providencia, inventou Nicias Megarenſe o lavarſe a roupa com ſabaõ, que elle primeiro fabricou, para a branquear. Plinio he de contrario ſintir, porque aos Francezes he que atribue eſte invento. (10)

(10) *Plin. l.* 28. *cap.* 12.

CAPITULO VI.

Dos Alfayates, Bordadores, Algibebes, Çapateiros, e Curtidores. Mostra-se quem de todas estas Artes foraõ os primeiros Inventores, que costumes observàraõ, e que antiguidade tivèraõ.

BEm podiamos sem temeridade dizer que o officio de Alfayate he officio do peccado; pois o primeiro peccado fez ao primeiro homem Alfayate, quando sem moldes, e sem tezoura, por naõ ter donde cortar, naõ de fino panno, e lustrosa seda, mas de verdes folhas para si cozeo a primeira gala (1) que lhe servio de cazaca, e de camiza para cobrir sua nudez. (2)

(1) Genes. 2. & 3.

(1) Genes. ibi.

Seus filhos que jà de outra sorte achàraõ a nossos primeiros pays vestidos, pois Deos lhe tinha jà dado tunicas de pelles (3) destas continuàraõ a fazer vestidos para si; e aperfeiçoando-se pouco a pouco estes primeiros Alfayates, fóraõ dando figura aos vestidos o geito do corpo, pois ainda nem de outra seda havia córtes, e vestiaõ todos do mesmo panno.

(3) Genes. 3.

Correndo tempo foy dimittida a aspereza das pelles, e só usadas por grande delicia as lans, e destas que tambem ensinou Pallas a fiar (4) inventou a mesma o fazer vestidos. (5) Euzebio tratando das cousas de Phenicia diz que Uso descendente da geraçaõ de Siculo fora o primeiro que inventou fazer vestidos para os corpos, ou de

(4) Plin. Diodor. l. 6.
(5) Diodor. ibi.

lan,

lan, ou de cabellos de animaes. (6) Varro escreve que esta casta de cobertura do corpo fabricada de cabellos de cabra, e outros animaes teve em Cilicia o seu invento, e por isso se chamavaõ estas vestiduras - Celicio. (7)

Os Povos de Scythia, chamados Ceres, dando ao exercicio dos Alfayates mayor estimaçaõ, foraõ os que inventàraõ a seda de folhas de certas arvores que tinhaõ no seu Paiz (8) do que tambem Virgilio nas Georgias faz mençaõ (9) e Solino o commenta de outra sorte. (10) Plinio escreve, que na Ilha de Coa se achàraõ primeiramente os Guzanos chamados Bombyces, hoje taõ conhecidos fabricadores da seda. (11) Servio diz que estes mesmos se achavaõ entre os Ceres. (12)

Aristoteles, e Plinio referem que Pamphilia filha de Platis inventàra o modo de se tirar, fiar, e tecer a seda. (13) No tempo do Emperador Aureliano pelos annos 284. de nossa redempçaõ se principiou a usar tendo tanto valor hum arratel de seda como outro de ouro. (14) Pelos annos 550. se principiou jà a lavrar quantidade de seda por toda Europa, e della entràraõ os Alfayates a fazer vestidos com medidas justas, e em diversas fórmas, como em outra parte jà neste livro faley.

Mas entrando o luxo, e jà naõ satisfeitos os homens vestidos desta sorte, entràraõ a ter exercicio os Bordadores ficando os ves-

(6) *Euzeb. l. 1. de Præpar. Evang.*

(7) *Varro.*

(8) *Plin. l. 7.*

(9) *Virgil. l. 2. Georgic.*

(10) *Solin. hic.*

(11) *Plin. l. 11.*

(12) *Servio hic.*

(13) *Aristot. l. de Animalib. Plin. l. 11.*

(14) *Vopisco.*

veſtidos mais precioſos, e mais ricos, quando jà naõ ſó tecidos com fino ouro (o que Atalo Rey de Azia inventou, como Plinio eſcreveo (15) mas bordados com agulha como os Phrygianos inventàraõ, ſem variedade de cores, ou com variedade dellas, que aſſim foy dos Babilonicos o Invento, e Marcial o aſſeverou. (16)

Taõ pouco ſe cuidava de precioſidade de veſtidos em o principio do Mundo, como ſe praticava em trazer os pès calçados; pois nos primeiros ſeculos andavaõ os homens com os pès nùs, e como entre todos era eſtylo comuniſſimo nenhum diſto ſe deſpreſava; principiou a uſarſe o calçado por hum toſco, e pequeno reſguardo de pelles cruas de animaes ſem forma nem figura, e era o que nos pès ſe trazia; mas correndo o tempo inventou Boetho, ou Boethio, como diz Plinio, a arte de C,apataria (17) curtindo primeiro os couros, e ſolas para com mais commodidade ſe fazerem os calçados, que de tenues ſervilhas paſſáraõ a ſer çapatos, ſupoſto hoje por moda bem redicula de çapatos ſe achaõ quaſi tranſmutados com antigua novidade em ſervilhas.

Mas deixadas neſta materia as mais opinioens que encontro, tenho ſó por certa a que com as letras Sagradas ſe autoriſa; porque lendo no Exodo que aparecendo Deos a Moyſés em huma C,arça, e querendo eſte examinar certo prodigio, lhe mandou o meſmo

(15) *Plin. l.8. e l. 23.*

(16) *Martialis P. E toca-ſe neſtas materias em o cap. 19. do 1. livro deſta obra, attendida a variedade de muitos AA.*

mo Deos que primeiro descalçasse os çapatos (18) e sendo sinal certo de que se usavaõ já naquelle tempo, pois andava Moysés calçado; estou pela opiniaõ que dos antiguos Hebreos sahiraõ os primeiros C,apateiros. Dos Algibebes se diz como dos Alfaiates se escreve.

(18) Exod. 3.

CAPITULO VII.

Dos Ourives do Ouro, e Prata, Cravadores de Diamantes, Ensaiadores, e Moedeiros. Trata-se de quem primeiro descobrio aquelles preciosos mineraes; quem primeiro mandou bater moedas, e se mostra quem para taõ engenhosas artes descobertas achou invento,

NA mais, ou menos estimaçaõ que o Mundo dà às cousas, consiste toda sua valia, e preciosidade; porque se os homens mais fizessem caso do ferro, e menos preciassem a prata, e ouro, certamente valeriaõ estes metaes muito menos do que o ferro; eu o vi com os meus olhos nos gentios a quem já disse que assisti, pois dezestimando o ouro, e chamandolhe barro amarelo, só de huma ordinaria faca, ou machado, ou qualquer pedaço de folha velha para as suas flexas faziaõ a estimaçaõ toda; só a isto diligenciavaõ roubar, e do ouro (se alli fosse permittido, e o houvesse) nada cuidariaõ de extrahir.

Mas como a cobiça, e ambiçaõ nos homens fosse sempre subindo de monte a monte, vendo mais luzir o ouro, e prata, desfazem serros, arrazaõ montes, supprimem

mem, e cortaõ rios, cavaõ, e dezentranhaõ vallas, para que se enchaõ de estimaçaõ do Mundo,[a] ficando cheyos quando com abundancia possuidores dos metaes a que o Mundo dà a mayor estimaçaõ, sem que para os possuhir se lhe represente imposibilidade que naõ possaõ commodamente vencer, nem perigo que hajaõ de recear.

Ha opiniaõ entre os Escritores quem fosse o que primeiro descobrio ouro, e prata. Herodoto escreve que no monte Pangeo de Tracia a donde ha abundancia destes metaes fora o descobrimento primeiro. (1) Plinio refere que Cadmo natural de Phenicia foy o primeiro que logrou com fortuna este invento. (2) Diodoro o attribue aos povos Dactilos do monte Yda. (3) Outros finalmente mais se diversificaõ em opinar apontando a Ericthonio, Ceaco, e Mercurio por primeiros descobridores da prata, e a Eclis, Thoàs, e Sol filho de Occeano por descobridores do ouro, de que Theacreo Appio, e Estruzio se diz foraõ os primeiros artifices, a que vulgarmente chamamos ourives da prata, e ouro, que com mais razaõ àquelles chamaõ os Hespanhoes Plateros.

(1) *Herodot. l. 6.*
(2) *Plin. l. 7.*
(3) *Diodor l. 6.*

Correndo mais o tempo, crescendo a industria, e gostando mais os homens de usar ouro, e prata, diz Ephoro que esta se principiou a lavrar melhor na Ilha Egina por Phidon (4) e Estrabo dà a Phedon a primazia (5) Herodoto dà aos de Lydia por Inven-

(4) *Ephoro.*
(5) *Estrab. l. 8. de Geograph.*

ventores (6) e Praxiteles em tempo do grande Pompeo foy o primeiro que inventou fazerem-ſe eſpelhos de burnida prata (como Plinio eſcreve) no que foy eſte primeiro Artifice; e deſtes dous metaes ſe continuou a fazer varias obras como eſtamos vendo.

(6) *Herodot.*

Naõ acho Eſcritor que ao certo diga quem primeiro buſcou, e inventou uſarem-ſe Diamantes, e pedras precioſas: fabuloſamente no ſentir de Plinio ſe atribue a Prometheo eſte invento (7) Appiano lhe moſtra antiguidade antes da terceira guerra Africana (8) Homero o ſuppoem depois da guerra de Troya (9) Euzebio o contradiz apontando mais de 350. annos antes deſta (10) Jozefo dà em todos eſtes inventos a primaſia aos Hebreos (11) eu o creyo, porque a Sagrada Eſcritura o inſinùa; pois quando Moyſés por mandado de Deos ornou aos Sacerdotes lhe poz aneis, e cadeas, ou colares de ouro vendo-ſe engaſtadas neſte em os hombros duas, e no Racional pendente ao ſeu peito, doze precioſiſſimas pedras bem pullidas, e cravadas (12) occupaçaõ que vemos ter os Pullidores, e Cravadores de Diamantes.

(7) *Plin l.37.*

(8) *Apian. Alex.*

(9) *Homero.*

(10) *Euzeb. l. de Præp.*

(11) *Jozef l.3. Antiq.*

(12) *Exod. 28.*

E tratando finalmente dos Enſayadores, e Moedeiros, ſem que por eſtes entenda (como entre nòs ſe denominaõ) certos homens previlligiados que da moeda tem cuidado, e conta, mas ſim todos os que tem por officio o fabricàlla, acho tambem na

materia opinioens infinitas; e praticando-se no principio do Mundo o comprar com humas cousas a outras, concordaõ só os historiadores em que foy de coiro, ou sola o primeiro dinheiro que se vio usar no Mundo.

Naõ chegaõ a averiguar por nenhum principio quem foy o primeiro que mandou bater, e cunhar moeda, nem qual o primeiro Ensayador, ou Moedeiro que a fabricou, principalmente fallando das de ouro, e prata, pelo que diz Plinio que o nome destes naõ chegou ao nosso conhecimento [13] só Herodoto escreveo que os de Lydia foraõ os primeiros que fabricàraõ moedas de ouro, e prata para usarem dellas. (14)

(13) *Plin. l. 33.*

(14) *Herodot. l. 1.*

Eu naõ dando na materia muita razaõ a Herodoto por ter repetidas vezes visto a S. Escritura, facilmente me deixo persuadir que muito antes de haver Lydia no Mundo foy proprio dos primeiros filhos de Adaõ este invento; naõ assevero de que metal fosse a materia, mas digo que no tratamento, e estimaçaõ foy dinheiro. Jozefo escreve que Caim gostàra jà de o ajuntar [15] O Texto diz que Abraham comprara com dinheiro para Sara a sepultura (16) e a Jozè do Egypto foraõ seus Irmãos comprar trigo com dinheiro. (17)

(15) *Jozef. de Ant.*

(16) *Genes. 23.*

(17) *Genes. 42.*

Em o anno 647. da fundaçaõ de Roma se principiou naquelle Emporio (q̃ se duvida fosse jà Imperio) a bater, e lavrar moeda de ouro (18) e se chamàraõ Ducados as primeiras que se fizèraõ (nome que se lhe con-

(18) *Plin.*

cerva

cerva hoje) e antes, porque no anno 484. da meſma fundaçaõ ſe principiàra a fazer jà a moeda de prata (19) ſendo o cunho que ſe lhe poz hum carro com dous cavallos. Titolivio, e Eutropio ſaõ opoſtos à opiniaõ de Plinio, porque diſcordaõ no anno, e Eutropio naõ diz que em Roma, mas que ſe vira, e conhecèra moeda no Mundo no anno ſexto da primeira guerra Africana, que foy o de 483. da fundaçaõ de Roma. (20)

(19) *Plin. ſupr.*

(20) *Titoliv. in Rom. Entrop. l. 2. hiſt.*

O dinheiro de metal, e cobre que ſe uſa, foy no ſentir de Plinio, invento de Servio Tullo Rey de Roma (21) era moeda groceira, e naõ lavrada, como Timeo eſcreve, tendo por cunho de huma parte a figura de Jano com duas caras, e da outra a poupa de hum navio (22) contra o ſentir de Plinio, que diz era figuras de Gado o ſeu cunho, ao que aſſentia Macrobio, porque a eſte tempo em Italia ainda naõ havia, nem tinha reinado Jano. (23) Ovidio, e Eutropio aſſevèraõ ſer eſte invento de Saturno. (24)

(21) *Plin. l. 33.*

(22) *Plin. hic. Timeus.*

(23) *Macrob. ad. l. 18. Plin. cap. 3. Vid. Saturnalia.*

(24) *Ovid Faſt. 1. Eutrop. l. 1.*

CAPITULO VIII.

Dos Fundidores, Sineiros, Caldeireiros, Latoeiros, e Pichelleiros. Moſtra a antiguidade no invento; aponta quem primeiro achou o fogo, e deſcobrio os inferiores metaes.

CHea de eſcuridaõ eſtava a terra quando Deos no principio do Mundo fez a Luz (1) e fabricando com alta providencia aquelles dous grandes luminares para de dia, e de

(1) *Geneſ. 1.*

noite illuſtrar ao Orbe todo (2) diz quando jà humanado, e naſcido, que elle viera introduzir o fogo em a terra, e que nenhuma outra couſa queria, ſe naõ que ſe acendeſſe; (3) mas entendido eſte fogo pelo de ſeu amor Divino, vejamos antes de tudo quem primeiro achou, e acendeo no Mundo o fogo material.

(2) Geneſ. ibi.

(3) Luc. 12.

He opiniaõ de Virtuvio que no principio do Mundo em que andavaõ mais às eſcuras os homens, ſendo as arvores agitadas pelos ventos, e roçando-ſe com violencia dous troncos hum com o outro, ſahio fogo, e daqui o aprendèraõ os homens a tirar, e concervar, ajuntandolhe mais lenha. (4) Diodoro pelo contrario affirma que foy Vulcano o primeiro que achou o fogo, cauſa porque o fizeraõ ſeu Capitaõ os Egypcios; (5) e outros attribuem eſte invento aos povos Ydeos Dactilos. Aſſinto com a experiencia à opiniaõ primeira, porque achandome eu em outra parte do Mundo, quando na America a duas Naçoens de Gentios (como diſſe) aſſiſti, naõ tendo com eſpecialidade huma dellas jà mais communicaçaõ com gente, lhe via ſempre que queriaõ, ferir fogo, esfregando dous pequenos paos hum com outro: aſſim o acendiaõ, e eu meſmo para experimentar o fiz com minhas mãos algumas vezes.

(4) Viturv. l. 2. Archit.

(5) Diodor. l. 1.

Andando o tempo (diz Plinio) Pyrodes filho de Cilice inventou o tirar fogo da pederneira, e Prometheo o enſinou a receber;

ber, e concervar na iſca (6) para deſta ſe communicar à materia em que melhor ſe concervaſſe. Para alumear de noite no interior das cazas, diz Clemente, que inventàraõ os Egypcios as candeas (7) e para com fortidaõ, e violencia ſe acenderem lenhos, ou carvoens para derreter metaes, diz Eſtrabo, que inventàra os folles Anacharſis natural de Scythia. (8)

(6) Plin.l.7.

(7) Clem.Alex.

(8) Eſtrab.l.2. Geogr.

Como naõ podia haver no Mundo fundidores ſem primeiro haver materia (iſto he) metaes que ſe fundiſſem variando muito as opinioens em os inventos, diz Eſtrabo, que o Chumbo foy primeiro deſcoberto nas Ilhas Caſſiterides por Midacrito. (9) Solino diz que (por opiniaõ de Calidemo) fora o Eſtanho achado em huma parte de Creta chamada pelos antiguos - Caltis. (10) Plinio eſcreve que Cynira filho de Agriopa em a Ilha de Chypre naõ ſó fora quem deſcobrio o Eſtanho, mas inventàra a tenàs, martello, e mais traſtes com que depois de fundido ſe coſtuma fabricar. Os de Pannonia certa parte de Ungria (diz Clemente) o principiàraõ a uſar (11) ſendo em fim por opiniaõ de Plinio, e Diodoro os povos chamados Ydeos Dactilos deſcobridores, e inventores dos mais metaes. (12)

(9) Eſtrab.

(10) Calidem. apud Soli.

(11) Plin l.7. e 34. Clem.

(12) Plin.Diodor.

Lydo natural de Scythia, em o ſentir de Ariſtoteles [13] Dela natural de Phrygia na opiniaõ de Theophraſto (14) os Thelchines no parecer de Eſtrabo (15) foraõ no Mundo (como eſtes Autores dizem] os primei-

(13) Ariſtot.

(14) Theophraſt.

(15) Eſtrab.l.14.

meiros que inventàraõ vazar, fundir, e soldar os metaes, do que com a variedade de metaes, ou puros, ou ligados que se descobriraõ, foraõ inventados os officios de que neste breve capitulo trato, ficando praticado o uso do Bronze, Lataõ, Estanho, Cobre, e Chumbo. Mas com licença dos mencionados Escritores dou mais credito à Sagrada Escritura em que achando a Tubal Caim fabricando Bronze, entendo serem todos estes inventos mais antiguos (16) e em tempo de Moysés jà devia haver Fundidores; porque havia sinos. (17)

(16) Genes. 4.

(17) Jozef. de antiq. & vid. S. Script.

CAPITULO IX.

Dos Relojoeiros, Ferreiros, Sarralheiros, Espadeiros, e Espingardeiros. Aponta quem fossem destas artes os Inventores, e mostra sua muita antiguidade no invento.

Disposta pelo Artifice mais supremo a divisaõ do tempo em dias, e noites (1) e dando inteligencia aos homens para nas noites, e dias fazer subdivizaõ em horas, quartos, e minutos, diz Macrobio que este nome - Hora tomou o vocabulo de Appollo, que em Grego se diz - Horo, e mais proprio na lingua Egypcia, pois pelo Sol (que pelos Poetas Appollo se denomin a) foy primeiramente o dia repartido em doze horas.

(1) Genes. 1.

Dizem que Hermes Trimegisto em o Egypto servindolhe de incentivo hum animal dedicado a Serápis foy o primeiro Inventor

ventor desta divizaõ; e Anaximenes Milezio natural de Lacedemonia fez com a sombra do Sol o primeiro invento que pelos Gregos foy chamado - Gnomon, e por nòs Relogio do Sol (2) que em quanto com vulgaridade o naõ participou, se admittia por observaçoens divizaõ de horas, ou olhando para Oriente, Zenith, e Poente, ou reparando de huns para outros dias na sombra que em diversos edificios o Sol fazia.

(2) *Plin.l.2.cap.72. e 76.*

Em o anno 595. da fundaçaõ de Roma, referem alguns Autores que Scipiaõ Nasica inventàra o Relogio de agua, que caindo pinga a pinga com proporçaõ por hum estreito foramen gastava justamente o tempo de huma hora; mas este invento atribuhio Viturvio a Cresibio natural de Alexandria. (3) Cicero no que escreve (se bem se reparar) a hum, e outro involve. (4)

(3) *Viturv. l. 9. de Architet.*

(4) *Cicer. l 2. de Natur. Deor. & l. 2. de quæst. Tuscul.*

Correndo o tempo, apurando-se aos homens o discurso, ou por impulso da naturalidade, ou por repetidas experiencias se inventou à imitaçaõ do de agua o relogio de area de que usamos com o nome de Ampulheta; e tambem as agulhas de marear; mas subindo o invento mais de ponto, e esmerando-se a curiosidade engenhosa nesta arte, se fizeraõ relogios de ferro, bronze, prata, e ouro com rodas, e pezos naõ só dando por engenho em hum sino as horas, mas com o mostrador apontando-as com quartos, e minutos igualmente repartidos, mostrando tambem o curso, e movimento dos Planetas,

tas,

tas, e dias do Mez. Hoje ſe fazem huns de doze, outros de vinte e quatro horas, conforme o uſo do Paiz, huns com repetiçaõ, outros ſem ella, mas por notabiliſſimos inventos, e engenhoſa ſubtileſa, e quem foſſe deſtes o Inventor primeiro naõ he ao certo conhecido dos hiſtoriadores.

Os Ferreiros tem certamente muito antiguo o invento da ſua arte; dividem-ſe (como ſempre) em opinioens os Autores: huns dizem que os Ciclopas foraõ os primeiros que fabricàraõ ferro; querem outros que os Calybas foſſem os Inventores primeiros da Ferraria (5) outros tem que Selmente, e Damnameneo foraõ na Ilha de Chypre os primeiros deſcobridores do ferro (6) e Herodoto affirma que o primeiro artifece, e Inventor de ajuntar, e ſoldar ferro foy Glauco natural de Chio. (7) Eu moſtro o que os hiſtoriadores eſcevèrraõ, e creyo o que a Sagrada Eſcritura diz com tanta mais antiguidade que entre os Netos de Adam he mencionado jà Tubal Caim por official em todas as obras de bronze, e ferro. (8)

(5) *Lege Plin. hic.*

(6) *Clem. Alex.*

(7) *Herodot. l. 1.*

(8) *Geneſ. 4 v. 22.*

Os Sarralheiros em o noſſo Portugal fazem figura à parte, e ſaõ rigoroſamente ferreiros de obra miuda fabricada ao torno, e lima; conſtituhe-ſe mais engenhoſa a ſua arte, mas delles ſe diz o meſmo que dos Ferreiros. Os Eſpadeiros tem por Inventores da ſua arte aos Thracianos, ſendo a primeira figura de eſpada que houve como huma

fouce

fouçe, da qual (ſupoſto que mais pequena) tem imitaçaõ às com que hoje ſe pratica cortar a erva, ou trigo; o tempo, e uſo das couſas enſinou a fazer eſpadas de varios modos. Plinio dà por inventores das eſpadas aos Lacedemonios. [9] Da arte, e officio dos Eſpingardeiros vide na Arte Militar quando da Artelharia, e mais armas jà tratamos.

(9) Plin. l. 7.

CAPITULO X.

Dos Contratadores, Mercadores, Douradores, Impreſſores, Livreiros, Cirieiros, e Curradores. Moſtra-ſe a antiguidade no invento deſtas artes; e trata-ſe das mayores Livrarias do Mundo.

TOda chea de idèas, ancioſa de intereces, e chea de cubiças he certamente a vida do homem, que envolvido nas vaidades do Mundo ſervindolhe de eſtimulo proprio o luzimento alheyo, a inveja o arraſta, e a miſeria propria o percepita; pençaõ terrivel dos mortaes, que eſtando nas mãos de Deos as ſuas ſortes (1) nenhum com a ſua ſorte ſe contenta! (2) Chamava meu P. S. Franciſco à pobreza ſua Senhora (3) e debaixo de ſuas bandeiras conſeguio no Mundo mil vitorias: os homens a deſpreſáraõ, e fazendo-ſe eſcravos das riquezas, ou bem, ou mal adquiridas no Mundo ſe expoem a mil perigos.

(1) Pſ. 30.
(2)
(3) Ex Chron. Seraph.

A muitos vivem ſogeitos os Contratadores, e Mercadores, pois ſendolhe mais

certas as perdas do que as ganancias, muitas vezes lhe ſuccede que na meſma hora que ſe achavaõ no auge da mayor riqueza, ſe viraõ no lodo da mayor miſeria, e vivendo muito inteiros no trono do luzimento, ſe vem quebrados, e desfeitos no tumulo da infelicidade.

A eſte modo de vida (de que Plinio eſcreve fora inventado para beneficio dos homens (4) ſendo na fórma que os Troyanos o praticavaõ, e naõ do modo que os homens hoje uſaõ, tal que foy por Horacio (ſendo Gentio) reprovado (5) e Cicero no livro primeiro dos officios o naõ approva) ſe applicáraõ Varoens muito excellentes, como foraõ Plataõ, Solon, Hypocrates, Tales Milezio, e outros muitos, ſervindolhe ſem cobiça de exercicio honeſto o que hoje a muitos ſerve de percipicio afrontoſo.

Ha opiniaõ entre os Eſcritores ſobre quem foſſe no Mundo o inventor primeiro deſte tal modo de vida. Plinio diz que foraõ os de Phenicia (6) e Plinio parece que tambem ſe contradiz apontando Libero Pater; (7) Herodoto eſcreve foraõ os de Lidia. (8) Diodoro lhe aponta por inventor a Mercurio (9) Julio Cezar verifica que como a tal ſe levantàraõ eſtatuas (10) e Jozefo entende ſer eſte invento muito mais antiguo do que ſe refere, pois jà quaſi no tempo de Noè fora praticado. (11)

Os Douradores tem o ſeu principio quaſi taõ antiguo como artifices do ouro em que

(4) *Plin. l.* 33.

(5) *Cicer. l.* 1. *offic.*

(6) *Plin. l.* 7.

(7) *Plin. ibi infra.*

(8) *Lib.* 1. *Herodot.*

(9) *Diodor. l.* 6.

(10) *Jul. Ceſ. in com.*

(11) *Joſef. l.* 1. *Ant.*

que jà falamos, e ſe atribue eſta idèa aos meſmos inventores, que correndo o tempo tanto ſe apuràraõ, que com eſte artefacto fizeraõ parecer ouro aos metaes inferiores, ſuperficialmente dourando-os jà com fogo, jà com agua, e jà com fumo, atè que finalmente em diverſo officio dèraõ na idéa de ſe bater entre delgados pergaminhos o graõ de ouro eſtendendo-o em huma folha tenue para que aſſim atè paos, e pedras ſe douraſſem como vemos.

Os Impreſſores, e Livreiros diſputaõ ſua antiguidade; e ſendo certo que de livros manuſcritos houve antiguamente muitos com encadernaçaõ ornados, de que ſe viaõ cheas muito graves Livrarias, merecendo ſeus autores ſublimado credito, e ſendo dignos de toda a eſtimaçaõ alguns originaes que ainda hoje ſe achaõ, he ſem duvida que a Impreſſaõ os divulgou, e o prelo os accredita por muitos principios, excellentes.

Ha duvida quem foſſe da impreſſaõ o primeiro inventor, e pertende Polliodoro tirar todas, dizendo, que com curioſa indagaçaõ achára ſer hum Cavalheiro Alemaõ chamado Joaõ Cutembergo, naſcido em a Cidade de Moguncia, adonde ſe exercitou primeiro eſta arte, achando tambem o meſmo a nova fórma de tinta que para o tal miniſterio uſaõ, e ainda hoje os Impreſſores praticaõ (12) dahi a 16. annos em o de 1458. Conrado tambem Alemaõ a eſtabaleceo

(12) *Polliodor. l. 2. Pineda na Monarchia Eccl. l. 1. c. 13. Floſcul. hiſt. p. 2. c. 5.*

leceo em Roma, e depois maravilhoſamente Niculao Genſon Francez, dizem que a aperfeiçoou, e pulio (13) participando-ſe, e no fim a muitos Reynos eſtrangeiros adonde ſe reconhece utiliſſima, e eſtimadiſſima.

(13) *Idem ibi Poliod.*

Os primeiros livros que ſe imprimiraõ (como eſcreve Raphael Volaterrano) foraõ os que eſcreveo Santo Agoſtinho *De Civitate Dei* (14) e os que Lactancio Firminiano compoz *De Divinis Inſtitutionibus*. Outros Eſcritores com menos razaõ o contradizem, entendendo que na China fora mais antiguo o invento da impreſſaõ que poſteriormente pelos Moſcovitas, e Tartaros ſe nos participàra.

(14) *Raph. Volater Mexia Sylva. de var. lic. l. 3. c 2.*

Muito mais antiguos que os Impreſſores foraõ ſem duvida os Livreiros no exercicio; ſeiſcentos, e ſetenta annos antes do diluvio foy compoſto o primeiro livro de que temos noticia, por Henoch quinto Neto de Adam (15) Noè o concervou em o diluvio, e os Judeos o conſumiraõ (16) Beda, e Tertuliano nelle falaõ. (17) Hum anno depois do diluvio ſe entende fora eſcrito em Chaldea outro livro de hiſtoria (18) mas he certo, e de fé que o livro de Job, que alguns diſſeraõ, o eſcrevèra Moyſés em o Egypto (19) e S. Jeronimo o achou nas linguas Hebrea, Chaldea, e Syriaca attribuindo-o ao meſmo S. Job, foy o primeiro que ſe compoz. (20) Seguio-ſe a hiſtoria do Genezis atè o cap. 34. do Deuteronomio que Moyſés eſcreveo (21) e o imitàraõ conſecuti-

(15) *D Aug. de Civ. Dei l. 15 c. 23.*
(16) *Origen in Joan. tom. 8. cap 1. & homil. ſup. l. Numer.*
(17) *Beda in Ep Judæ. Tertul. de habit mul.*
(18) *Beroſo.*
(19) *Matute c. 6. ex Ant. Beuter.*
(20) *D. Hyer. in prolog. ad lib. Job.*
(21) *Matute. d. §. 3.*

cutivamente Jozuè, e outros Eſcritores Santos.

Dando mayor exercicio aos Livreiros, e adorno às Livrarias, compoz Salamaõ oito mil livros (22) Ariſtrarcho fez commentàrios ſobre mil livros, Galeno eſcreveo cento e trinta volumes, Theophraſto trezentos, Servio Sulpicio cento e oitenta, Chriſippo ſete centos. Plataõ, Ariſtoteles, Origenes, Chriſoſtomo, Agoſtinho, e outros que na antiguidade florecèraõ, compuzèraõ numeroſa multidaõ de livros; mas por eſtes ſe naõ devem entender corpos de livros como v. g. eſte volume, mas ſem livros como v. g. os doze que em ſi contem eſte unico tomo; iſto, ou conjunctos, ou em Tratados diſperſos.

(22) Genebrard. in Cron.

Sendo pois primeiro que todos (no commum ſentir dos Eſcritores) os Hebreos, os Gregos, os Egypcios, e os Chaldeos quem primeiro cuidou em livros (23) quer Laercio que Anaxagoras (24) e Aulo Gelio que Piſiſtrato tirano de Athenas fora o primeiro que ajuntàra Livraria. (25) De Athenas extrahio Xerxes muitos mil volumes quando a tomou, e os conduſio a Perſia; e em tempo de Seleuco (a que outros chamaõ Nicanor) Rey de Macedonia ſe reſtituhiraõ. (26) Os Ptolomeos Reys do Egypto ajuntàraõ taõ famoſa Livraria que ſe diz continha quaſi ſetecentos mil volumes. (27) Os Reys de Alexandria, e Pergamo em competencia hum do outro as tivèraõ famoſi-

(23) Jozefo contra Apion.

(24) Laercio l. 2.

(25) Aul. Gel. l. 6. S. Izidor. Etim. l. 6. Volater. antrop. 8.

(26) Aul. Gel. ſupr.

(27) Ammian. Marcel. Senec. Aul. Gel.

(28) Plin. l. 15.

famosissimas (28) a Livraria de Theophrasto unida com a de Aristoteles (que lha deixou) foy muy notavel, e celebradissima. (29) Em Roma se admira a do Vaticano, sendo tambem notavel a de Frederico Feltrio Duque de Urbino, e a da Universidade de Oxonia. Pamphilio Martyr, ajuntou entre Catholicos, a primeira com trinta mil volumes. (30)

(29) Estrab. l. 13.

(30) S. Izidor. l. 6.

Os Cirieiros trazem seu principio muito antiguo jà desde o tempo dos Hebreos, Romanos, e Pelasgos. (31) Os Curradores posteriormente ao tempo em que se principiou a usar calçado. (32)

(31) Jozef. de Antiq.

(32) Idem ibi.

CAPITULO XI.

Dos Cabeleireyros, Barbeiros, Vidraceiros, Correeiros, Celeiros, Albardeiros, Cordoeiros, e Odreiros. Mostra-se a origem, e antiguidade no invento destas Artes.

NAõ tem as creaturas humanas no seu corpo cousa que mais o orne, componha, e afermozee que os cabellos, pois hum discreto escreve que nos meninos parecem mimo, nas mulheres accreditaõ a fermosura, nos homens inculcaõ respeito, e affectaõ veneraçaõ aos velhos, que a naõ ser assim, pareceriaõ taõ mal como o Jardim sem flores, a planta sem folhas, o prado sem relva, e arvore sem frutos.

Os antiguos se presavaõ tanto dos cabellos, que delles faziaõ offerta, e reverentes Sacrificios a seus Deoses. [1] Os noivos praticavaõ

(1) Cornel. Tacit.
Silio Italico.
Statio Papinio.
Octavio Scarlatino.
Titolivio.
Luciano.
Aldiovano.
Julio Cezar.
Plutarcho.
Accio.
Tibullo.
Ovidio.
Virgilio.

ticavaõ cortar alguns hum ao outro offerecendo-os a Hipolito que idolatravaõ, para terem ſucceſſo feliz na ſua pertençaõ. (2) Nos funeraes dos mortos levavaõ todos ſoltos os ſeus cabellos (3) outros os enchiaõ de pòs (4) e outros os arrancavaõ da cabeça para ſinal de ſentimento (5) as mulheres Egypcias obſervàraõ eſte rito (6) Os de Ninive enchèraõ os ſeus de pò, e cinza para ſinal de penitencia. (7)

(2) Pauzan. l. 2. de Hipolito.
(3) Aldiovan.
(4) Homer. Illiad. 21. Virgil. Æneid. 12.
(5) Jul. Cæſ. l. 6. de bello Galico.
(6) Octav. Scarlat. in hom figurato.
(7) Joan c. 13.

Coſtumavaõ os homens nos ſeculos antiguos para ſinal de ſentimento naõ cortar os cabellos, nem fazer a barba (8) e nos poſteriores ſeculos o contrario ſe praticou, pois para o meſmo effeito rapavaõ naõ ſó as cabeças, mas as proprias ſobrancelhas. (9) No preſente ſeculo todo metido a módas dando-ſe o mayor exercicio aos barbeiros, rapaõ-ſe as cabeças deſprezando os cabellos proprios, e eſtimando os dos hereges em cabeleiras; e ſendo oprobio nos antiguos o fazer de cabelos brancos, pretos (10) hoje por gravidade fazem ainda nas cabeleiras os cabelos pretos, brancos: ſem eſta vaidade louca ſe diz que em o noſſo Portugal fora o Senhor Rey Dom Pedro o primeiro que uſou cabeleira preta para juſto adorno da Mageſtade. Em França he moda mais antigua. Amburgo lhe deu eſtimaçaõ; tem os Cabeleireiros bem que fazer pelo officio, porque a vejo mòda bem ſevandijada.

(8) Cicer. l. 4. in Verrem.
(9) Diodor. de Iſid. & Oriſid. Jul. Firmic de iis.
(10) Martial l. 2. Epigram. 3.

Os Barbeiros (cujo officio no tempo antiguo naõ tinha exercicio, pois ſe prezavaõ

vaõ muito os homens de ter barbas na cara, e as mandavaõ por caſtigo rapar a algum delinquente) tivèraõ por inventores da ſua arte aos povos Abantes, que por ſerem muito belicozos, e naõ terem nelles que pôr mãos os inimigos, tiravaõ os cabellos das barbas para melhor peleijar (11) ſupoſto alguns dizem que eſte coſtume ſe extrahira dos Arabios, ou dos Miſſios. Era naquelle tempo coſtume tanto que algum mancebo tinha barba que lhe foſſe apontando, o levavaõ à Ilha de Delphos offerecer a Deos as primicias dos ſeus cabellos. Thezeo obſervou eſte coſtume, e por naõ ter ainda barba ſe lhe rapou na teſta o cabello [12] iſto ſem aquella razaõ, mas talvez por tal principio ſe pratica hoje por moda.

(11) *Plutarch. in vita Theſei.*

(12) *Plutarch. ibi.*

Aſſim ſe introduzio o barbearſe de ſorte que jà Alexandre Magno mandava a ſeus Capitaens que fizeſſem andar aos Soldados todos com as barbas feitas. Scipiaõ Africano todos os dias fazia a barba, e o meſmo ſe eſcreve do Emperador Auguſto Cezar; o que ſe naquelle tempo era de admiraçaõ neſte o fazerſe naõ cauſa novidade. (13) Em Italia apparecèraõ os primeiros barbeiros em o anno 490. da fundaçaõ de Roma.

(13) *de his vide Plin in hiſt. natur. l. 7.*

Os Vidraceiros diſputaõ tambem antiguidade, pois como Plinio eſcreve, ha huma parte de terra em Syria a que chamaõ Phenicia, e fica perto de Judèa nas raizes do Carmello, adonde ſe acha huma lagoa chamada Candebæa, da qual naſce o rio Beló,

e corre

e corre por junto da Cidade de Ptolemaida no eſpaço de ſinco mil paſſos em que entra no mar, em cuja ribeira (tresbordando) de ſeus limos, ervas, e lodo tudo envolvido com arêa infundindolhe virtude o calor do Sol, e ſalitrando-ſe, ſe fórma ultimamente excelentiſſimo vidro de que ſe fazem admiraveis obras (14) e daqui ſuponho tiràraõ idèa os fabricadores de vidro para dar exercicio aos Vidraceiros que com excellencia da arte ſe eſmeraõ nos artefactos. Os Venezianos artifices ſempre foraõ eminentes, mas a fabrica que ha hoje em Portugal (a expenſas de noſſo grande Monarca) tudo excede. Eſcreve-ſe que huma filha de Noè inventàra o primeiro eſpelho.

(14) *Plin. hiſtor. natural. l. 36. Jozefo l. 2. de belo Judaic.*

Os Correeiros trazem ſeu principio de huns povos de Thezalia chamados Peltronicos; e da meſma ſorte os Celeiros, pois foraõ aquelles os que Virgilio diz inventàraõ, e fizèraõ arreyos, jaezes, e cella para os cavallos (15) ſupoſto Diodoro dà a Neptuno a primazia (16) e Horacio a Belerophonte. (17) Deu eſte invento occaſiaõ a que os Albardeiros formaſſem officio à parte fazendo tal fórma de jaezes naõ ſó para as beſtas menores, mas para as grandes de carga; ſe eſte invento naõ foſſe primeiro que o das celas, e ambos muito mais antigos do que os Autores allegados eſcrevéraõ, pois por teſtemunha de Jozefo jà os antiguos Hebreos uſavaõ ſervirſe com beſta

(15) *Virgil in Georgic. l. 3.*
(16) *Diodor. l. 6.*
(17) *Horat. in Cant.*

de carga, a qual he certo lhe naõ haviaõ pôr sobre os lombos (18) e só quando se usou domar, e montar cavallos he que se inventàraõ as cellas.

(18) Jozefo de ant.

Os Cordoeiros mostraõ ter a mesma antiguidade, pois eraõ as cordas precizas para o mesmo ministerio; jà para outros ministerios, e serviço se usavaõ no tempo de Moysés como do Texto consta (19) os Odreiros saõ no invento do seu officio antiquissimos jà do tempo dos Hebreos; e do Genesis consta que Abraham puzèra hum odre de agua às costas do filho que tivèra de Agar, e chamàra Ismael. (21)

(19) Numer. 3.

(21) Genes. 21.

CAPITULO XII.

Dos Entalhadores, Imaginarios, Carpenteiros, Torneiros, Tanoeiros, Coxeiros, Cabouqueiros, Canteiros, Alvineos. Mostra-se a antiguidade de seu invento, e tocaõ-se algumas particularidades na materia.

SAõ certamente estes primeiros seis officios hoje taõ necessarios, e estimados, que sem elles muito mal se governaria o Mundo, incomodando-se na sua falta os homens. Todos seis se reduzem só a hum, que he o de Carpentaria, pois em madeira, e quasi com os mesmos instrumentos exercita cada hum, ou neste, ou naquelle ministerio a sua incumbencia; mas porque entre nòs se pratica o dividirse esta intendencia em officios diversos, tomando cada hum o nome das obras

obras em que privativamente tem o ſeu emprego, todas com ſua divizaõ intituley, e tocarey em todas.

A toda a obra de madeira chamaõ ſem diſtinçaõ os hiſtoriadores - *Opera lignaria*: e ainda com as mencionadas diviſoens digo que he antiquiſſima ſua arte em o Mundo, e jà no tempo dos Hebreos. Os Entalhadores tivèraõ ao que parece ſeu principio na eſtupenda fabrica do Propiciatorio, e tabernaculo que o meſmo Deos como Supremo Artifice ideou (1) e por iſſo com maxima razaõ tem ainda hoje eſta arte nos Templos Sagrados o ſeu emprego, participando primeiro da ſua excellencia o Templo que Salamaõ dedicou a Deos. (2)

(1) *Exod.* 26.

(2) *Regum.* 4. l.

Da arte dos Imaginarios (ſupoſto que naõ em madeira) parece foy o meſmo Deos primeiro Inventor quando à ſua Imagem formou o primeiro homem (3) e adulterandoa com a mayor inſolencia os homens, fizeraõ eſtatuas, ou imagens que atrevidos idolatràraõ, pondo-as em lugar de ſeu Deos. (4) Entre nòs tem os Imaginarios, e Eſtatuàrios ſua diſtinçaõ; porque exercitando-ſe eſtas ordinariamente em obras, e figuras de pedra aſſim Divinas como profanas, aquelles ſó tem por particular empreza fazer Imagens Sagradas.

(3) *Geneſ.* 1.

(4) *Vid. lib. Exod.*

Os Carpenteiros parece podiaõ ter ſua diſputa com os Caixeiros, ſe ainda quizermos deſtes ſupor diſtinto officio; porque

tendo a Moysés por ſeu primeiro inventor quando Deos no Monte Sina lhe mandou fazer huma arca (5) ſe he que jà antes diſto naõ havia exemplar entre os Hebreos, attendido o livro do Exodo (6) e de Noè ſabemos que diſpondo-o Deos fez outra famoza arca (7) do que ſe colhe ter ſeu invento a origem deſde o principio do Mundo. Aſſentando niſto como certo, vejamos o que neſta materia os Hiſtoriadores eſcrevèraõ.

(5) *Deuter.* 10.

(6) *Exod.* 7.

(7) *Geneſ. c.* 6.

Jozefo no livro 8. das antiguidades aponta Inventores da Carpentaria aos de Tiro (8) a cujo Rey ſupplicàra Salamaõ officiaes para trabalhar no Templo que para Deos fazia; mas Plinio ſendo de diverſo parecer, refere fora Dedalo o primeiro Inventor deſta arte, para cuja exacçaõ elle meſmo inventàra a ſerra, enxò, e olivel com ſua chumbada; tambem o grude para unir as taboas (9) Perdice ſobrinho de Dedalo no ſentir de Ovidio (10) ou Thalao ſobrinho do meſmo Dedalo na opiniaõ de Diodoro foy o inventor da ſerra, e do compaſſo. (11)

(8) *Jozeſ. l.* 8. *ant.*

(9) *Plin. l.* 7.

(10) *Ovid. l.* 8. *Metam.*

(11) *Diodor. l.* 5.

Os Torneiros tivèraõ por meſtre, e primeiro Inventor da ſua arte a Theodoro Samio, pois foy o primeiro que inventou o torno, e chave, dando regras de como ſe havia uſar delle. Os Tanoeiros tem a Seuſipio por Inventor da ſua arte, e foy o que primeiro enſinou a unir com arcos as aduèlas,

fazendo-

fazendo-ſe pipas, e outras vazilhas, ou vazos ſemelhantes para recolhimento do vinho, azeite, e quaeſquer outros licores. Dizem que Penteziléa Rainha das Amazonas inventàra a ſegura, traſte principal daquelle officio. (12)

(12) *Hæc ex Plin.*

Os Coxeiros (porque aqui quero entender naõ os que aſſim ſe chamaõ, e governaõ as carruages altas, mas os que como officiaes as fabricaõ) tivèraõ por Inventora de ſua arte a Minerva quarta filha de Jupiter, e de Coriphe como eſcreve Cicero. (13) Plinio he de opiniaõ contraria, porque eſcreve foraõ os de Phrygia os primeiros Inventores, e que primeiro fabricàraõ carruages de quatro rodas (14) e ſe atè no officio de Canaſtreiros quizermos fallar, o qual parece tambem no de Carpentaria ſe inclue, acharemos por opiniaõ de Servio que delle foy Ceres a Inventora. (15)

(13) *Cicer. in lib. de natur. Deor.*

(14) *Plin. ſupr.*

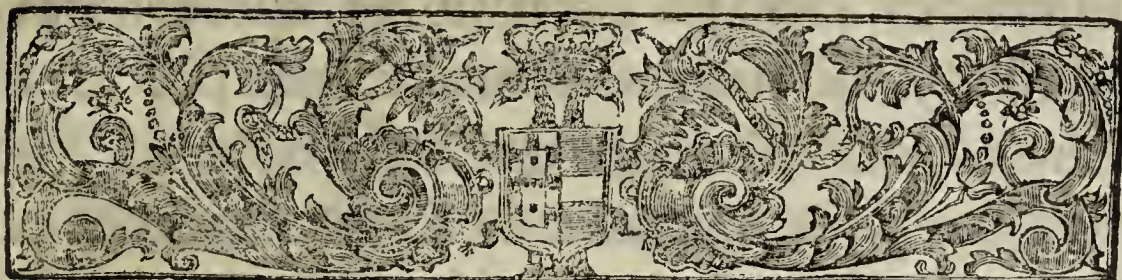
(15) *Serv. Sup. l. 4. Georgic.*

Os Pedreiros (cujo officio em o de Cabouqueiros, Canteiros, e Alvineos ſe divide, ſendo os primeiros aquelles que das pedreiras coſtumaõ arrancar a pedra; os ſegundos, que a preparaõ com picoens, eſcodas, e eſcopolos pondoas em aptidaõ para ſervirem nos edeficios; os terceiros, que de toſca pedra, e cal fazem ao camartelo, e colher as ordinarias paredes) tivèraõ aos filhos de Adam por primeiros Inventores; (16) Caim foy o primeiro que arrancou pedra, que a lavrou por ſeu modo, e que tam-

(16) *Jozef. de antiq. lib. 1.*

tambem fez paredes, e muros; aperfeiçoaraõ-se mais na torre celebrada que por idèa de Nembroch se fez depois do diluvio, e posteriormente no famoso Templo de Salamaõ se vio esta arte em todos os tres ministerios aperfeiçoada. (17) Na mencionada torre se viraõ os primeiros tejolos; e Cynira inventou as telhas. (18)

(17) *Vide Exod. & Jozef. de ant.*

(18) *Hac ex Plin.*

LIVRO DUODECIMO

Vida Perdida.

ANTILOQUIO.

SEndo certo como ſabem os diſcretos que moral, e fizicamente vive o homem, e que com a deficiencia total dos vitaes alentos, ha de em fim ſatisfazer ao infalivel eſtatuto perdendo a vida, me faz admiraçaõ grande haja no Mundo humanas creaturas que a intentaõ ganhar nos meſmos exercicios que as poem em aptidaõ de a perder; e ſe a meſma vida he morte, como lhe pòde ſer a morte vida? Mas como vejo muitos a acabaõ antes de acabar, naõ acabando de entender que he certamente exercicio de morte o que naõ he recta occupaçaõ na vida, ſendo a minha idèa neſta obra moſtrar por todos os modos o Conſtitutivo de hum Varaõ perfeito, e vendo ſe diz eſtar perfeito tudo o que ſe moſtra acabado, querendo eu neſte capitulo pôr à preſente obra complemento, ſem faltar à formalidade do meu aſſumpto, jà em a vida perdida moſtro a obra acabada; e vendò que em muitos he huma perdiçaõ o modo

modo de vida que exercitaõ atè que a Parca corte o fio, e naturalmente morraõ, moſtrarey com divizaõ a vida perdida: Vida perdida por exercicio: Vida perdida por natureza.

DIVIZAM I.

Vida perdida por exercicio.

CAPITULO I.

Dos Comediantes, Reprezentantes, e Farſiſtas que nos teatros, e tablados publicos tem por vida o fazer tragicomedias, e comedias. Moſtra-ſe a origem de que teve deducaõ eſte exercicio. Aponta-ſe quem foy deſta arte o Inventor.

COm maximo acerto diſcorreo quem toda a vida do homem com huma comedia, ou tragicomedia a comparou; porque ſe daquella differe eſta em reprezentar trágicos, e triſtes os finaes ſucceſſos, e a outra em moſtrar comicos, e plauſiveis os ſeus principios, parecendo de huma, e outra ſorte huns, e ſendo outros os Farſiſtas que reprezentaõ, pois como homens de duas caras naõ ſaõ aquillo que moſtraõ, nem inculcaõ permanencia: taõ pouca ſe experimenta na vida humana, que naõ tendo ſubſiſtencia em hum ſó eſtado, atè parece que as naturezas ſe mudaõ nos accidentes, pois entre variedades, e ſucceſſos ſe encontraõ goſtos com pennas, prazeres com pezares, fortunas com diſgoſtos,

riquezas

riquesas com miserias que precisando ao homem naõ ter sempre a mesma cara lhe faz ser hum, parecer outro.

Nas Comedias se està vendo reprezentado o que o Mundo com realidades verifica; porque affectando os homens ser o que naõ saõ, vivem como naõ haviaõ viver se pelo que foraõ bem regulassem o que eraõ: assim vivem no tablado deste Mundo, e assim ganhaõ vilmente a vida os farsistas reprezentantes no tablado da Comedia, em que se vè o discreto sendo Bobo, o nescio feito Galan, ao vilaõ feyto Dama, ao sezudo feito farça, ao fraco feyto valente, ao nobre feito lacayo, ao muxila feito Duque, ao pedinte feito Rey: isto em quanto naõ affectaõ reprezentaçaõ de Divindades, sendo este modo de vida huma perdiçaõ.

A fórma, e costume de fazer tablados escreve Cassiodoro que tivèra nos Gregos a sua origem (1) porque querendo estes nos dias feriados, e festivos ter algum divertimento para descanço das fadigas desta vida, naõ só nas cazas particulares, e grandes, mas ainda nos bosques erigiaõ tablados a que chamavaõ Teatros em que se divertiaõ com varios, e graciozos festejos.

O primeiro que inventou fazer Teatro diz Euzebio que fora hum Dionisio (2) do que ervio Sentendeo o erigira à honra do Deos Bacho. (3) Plutarco refere na vida de Thezeo que houvera tambem Teatros em Athenas (4) e Estrabo faz mençaõ de que anti-

(1) *Cassiodor. in Epistol.*

(2) *Euzeb. l. 2. de præpar. Evang.*

(3) *Servius.*

(4) *Plutarch. in vita Thæsei.*

antiguamente os houvèra tambem na Ilha de Antidorro na veſinhança de Alexandria. (5) Paſſou finalmente eſte coſtume aos Romanos, entre os quaes ſe praticou fazer theatros, ou tablados em o anno 391. da fundaçaõ de Roma ſendo Conſules Cayo Sulpicio Petico, e Cayo Licinio Eſtolon, mandando vir de Hetruria reprezentantes, e farciſtas para com galanteyos, e momos divertir publicamente ao povo afflito com peſtilenciaes enfermidades. (6)

Quinto Catulo (como eſcreve Plinio) foy o primeiro que inventou toldarem-ſe os tablados, ou theatros (7) e Marco Eſcauro ſendo Edil o imitou em outro tablado publico que fez por trinta dias (pois era coſtume fazerem-ſe taes dias determinados. (8) Cayo Curio no tempo de Julio Cezar fez dous tablados portateis de madeira para ſe repreſentar Tragicomedia, e o grande Pompeo (como diz Cornelio Tacito) foy quem primeiro em Roma mandou fazer tablado fixo de boa pedraria para que nelle como em lugar certo, e publico tiveſſe o povo o ſeu divertimento vendo fazer as Comedias. (9) Scipiaõ Africano, e Valerio Sempronio ſendo Conſules inventàraõ o pôr cadeiras nos tablados publicos para os Senadores, e Cavalheiros; e para as peſſoas limpas mandou fazer como degraus de eſcada com taboados para ſeu aſſento, o que ainda hoje entre nòs vemos praticado, determinando que a gente ordinaria do povo viſſe as Comedias a pè. (10)

(5) *Eſtrab. l. 17.*

(6) *Plutarch. Plinius. Servius.*

(7) *Plin. l. 19.*

(8) *Plin. l. 36. c. 15.*

(9) *Cornel. Tacit. Plutarc. Sueton. Tranquil.*

(10) *Titoliv. l. 4. de bel. Macedon. Plutarch. Valer. Max.*

Opri-

O primeiro que compoz Comedia em verſo, e fez que ſe recitaſſe publicamente em tablados, foy Livio Andronico no anno 513. da fundaçaõ de Roma: iſto entre os Latinos (11) e o imitàraõ goſtoſos Accio, Pacuvio, Seneca, e Ovidio: das Tragedias, e Tragicomedias diz Quintiliano fora Eſchilo o inventor, e primeiro que as compoz, (12) merecendo a primaſia entre os antiguos, e principaes autores das Comedias Ariſtophanes, Eupolis, e Cratino. Varro atribue aos Athenienſes o invento das Comedias: e traz eſte vocabulo ſua origem da palavra Grega - Comazein, que quer dizer zombar, ou galantear. He eſte modo de vida viliſſimo por inſinuaçaõ das letras Divinas, e Leys humanas.

(11) *Donati Calv.*

(12) *Quintil. l. 10.*

CAPITULO II.

Dos Dançadores, Jogadores, e Toureiros. Moſtra-ſe a antiguidade deſtes exercicios: Aponta-ſe quem, e como os inventou.

NAõ pòde negar quem com acerto diſcorrer, que he vida perdida o exercicio que neſtes tres miniſterios os homens tomaõ por vida, pois imitando ordinariamente ao Gentiliſmo barbaro, excedem ao divertimento licito, e ficando o ſeu miniſterio vicioſo antes ſe pòde chamar - morte do que vida, pois a chega moralmente a perder quem em ſemelhantes exercicios (por vida) ſe reſolve occupar.

Inventàraõ os antiguos as danças, ou bailes para alivio nos ſeus trabalhos, e a poſteridade adulterando eſte fim, fatigando-ſe neſte exercicio deſcobrio neſte trabalho o ſeu alivio, fazendo vicioſo o que por paſſatempo ſe licitava. Os Doutores Moraes, e Miſticos com ſolidos fundamentos o arguem (1) outros reputaõ eſte exercicio por incentivo da deshoneſtidade (2) muito mais no preſente tempo o fariaõ ſe obſervaſſem os meneyos, e acçoens que com as modas pelo Demonio introduzidas hoje ſe obraõ em diverſas danças; e como eſtas ſe fazem por quaſi infinitos modos, dando a diſſoluçaõ licencioſa a cada huma ſeu nome, occulta-ſe o de ſeus Inventores.

(1) *D. Auguſtin. D. Ambroſ. D. Hyeron. & alii. ex operib.*
(2) *D. Cyprian. D. Bernard. D. Fulgent.*

Os que tem, ou por vicio, ou por officio ao jogo, e Jogadores ſe appellidaõ, tambem ſe occupaõ em exercicio depravado: he morte a ſua vida, e a que tem lhe naõ condùz de utilidade para a morte, pois he ſempre, ou morte viva, ou vida morta. O Jugador eſquece-ſe de ſi, e atè de Deos ſe chega a eſquecer quando, influido no exercicio do jogo o deixou ficar por vicio, ou por officio, entrando ao principio com pès de lan por divertimento.

Tem neſte Mundo o jogo perdido a muitos homens, e tambem tem totalmente deſtruhido a muitas cazas; porque, ou induzidos de taõ goſtoſo appetite, ou prezumindo de arguir exceſſo aos mais em a deſtreza, ou arraſtando-os a ambiçaõ no ganho,

nho, ou parecendolhe que ficaõ mal ſe naõ recupèraõ a perda, cada vez mais ſe individaõ, atè que de todo ſe perdem. Chega-ſe a perder no jogo (para que de huma vez tudo diga) a honra, o credito, a fama, a fazenda, a ſaude, a vida, e a Alma; a honra, porque muitos como dezeſperados chegàraõ a jugar as mulheres que recebèraõ: o credito, porque cahiraõ em infamia (como eſcrevem os Doutores (3) a fama, porque acabado o que tinhaõ que jugar, entraõ a furtar; a fazenda, porque, ou a empenhaõ, ou a perdem toda, deixando mulher, e filhos em o mayor dezamparo; a ſaude, porque ſe enchem de paixoens, cançaõ os eſpiritos, eſquentaõ o cerebro, e enlouquecem (4) a vida, porque ſe deſpicaõ de hum pique, ou deſconfiança às facadas; e a Alma, porque em tal caſo (eſtando antes tambem preocupada de outros vicios a que eſte a incitou) para o Inferno caminha (5)

A iſto tudo ſe expoem os jugadores que tem eſte officio por vida, ſe chegaõ a exceder o divertimento licito, e moderado, porque em tanto ſó tem o appellido de curioſos. Os antiguos a que toda via naõ faltava a luz da razaõ, deſta ſorte o praticavaõ, e os primeiros jogos que os hiſtoriadores mencionaõ ſe viraõ no Mundo, e ainda hoje entre nòs ſe concervaõ, foraõ a choca que os pequenos jogaõ em as ruas, buſcando por lugares mais acommodados aos adros: Perſeo falla neſte jogo. (6) O das Damas, e Xadrez

(3) *Paris de Puteo in verſ. lud honor n. 9. & verſ. ludus eſt n. 14.*

(4) *Caſialup. de Ludo. n. 27. Par. de Put. ſup.*

(5) *Juan Huarte de S. Juan Examе de ingenios cap. 8. in fin. Stefan Coſta in tract. de ludo. Tulius in l. offic. Galen. l. art. medic. c. 12.*

(6) *Perſeus.*

drez que ſe jogaõ em huma taboa, e dizem o inventàra Xerxes 3435. annos depois da creaçaõ do Mundo. (7)

(7) *Plin.*

O truque de taco do qual naſceo depois o da laranginha, e bola ſaõ antiguos, e mais ainda o ſaõ o dos dados, tabolas, e pella, que como refere Herodoto, foraõ inventados pelos de Lydia. (8) Plinio na opiniaõ diſcrepa, aſſeverando que hum homem chamado Pytho fora o que inventou jogarſe a pella (9) depois ſe introduzio o dos pares, e nones, que he como adevinhaçaõ, no qual falla Suetonio Tranquilo na vida do Emperador Auguſto Cezar (10) outros mais de que Perſio, e Plauto fazem mençaõ; e ultimamente o das cartas, e neſte mil variedades, humas que inculcaõ galanteyo, e outras que induzem perdiçaõ: ſendo deſtas nas cazas de jogo mais communs os do Pacau, Banca, centos, piques, quinto, quarto, e arrenegada.

(8) *Herodot. lib.* 1.

(9) *Plin. lib.* 7.

(10) *Sueton. Tranq. in vita Auguſti Cæſaris. Vide Perſium, & Plautum.*

O exercicio, e vida dos Toureiros tambem he por natureza vil, e mais proxima aos incidentes da morte que à concervaçaõ da vida: ha opinioens ſobre quem inventou o tourear; querem huns foſſem os Pelaſgos, outros que os Athenienſes, e outros que os Romanos. O certo he ſer rito Gentilico injuſtamente em Reynos Catholicos tolerado, e às peſſoas Eccleſiaſticas (por Direito) atè nas viſtas prohibido, he lutar com huma braba féra, e expor voluntariamente a vida a huma morte infeliz, e diſgraçada (11)

(11) *De his vide Plin. Plaut. Tullium Juſtin. Cyprian. & ex Jur. Can.*

CA-

CAPITULO III.

Dos Bebados, Ladroens, e Homicidas. Propoem-se exemplares monstruosos nestes vicios. Mostra-se ser morte vergonhosa o persistir no exercicio de taõ depravada vida.

PAra tudo ha gente no Mundo: e suposto a natureza humana (como a Filosofia ensina) naõ appetece o mal se naõ com a razaõ, ou apparencias do bem (1) ha no Mundo homens que viciando voluntariamente o mesmo bem, conhecem, e appetecem o seu mal; estes saõ os bebados, que experimentando outras vezes, lhe faz mal o muito vinho, sempre o appetecem pelo muito que o gostaõ, e sempre lhe sabe muito bem.

(1) *Com. Philos.*

He este hum dos vicios mais pessimos que póde ter qualquer homem, que se este no raciocinar tem o distinctivo do bruto (na razaõ de animal) tomado do vinho parece que de hum bruto se naõ distingue. Ver no Mundo a hum homem bebado, he ver hum bruto, ou hum cavallo sem freyo, hum barco sem leme, Campanario sem grimpa, relogio sem pendula, e roca sem fizo. Faz o demasiado vinho ao entendido, louco; ao sezudo, fallador; ao fraco, valente; ao forçoso, cobarde; ao melencolico, alegre; ao honesto, lascivo; ao sadio, enfermo; e somnolento ao esperto.

Jà o ver a quatro bebados entrar na taverna, visitar as pipas, observar as medidas, escorrupixar os copos, jugar duas mãos, fazer

fazer gritarias, contar ſuas farças, armarem bulhas, fazerem-ſe amigos, dezafiar a huns, ameaçar a outros, e compor-ſe tudo com quatro azeitonas, e mais vinho, he certamente couſa vergonhoſa! Eſta he a vida de muitos que principiando a beber, ou para coſimento do eſtomago, para terem alento no trabalho, ou taõ ſómente por moderado uſo vendèraõ fazendas, deſtruhiraõ cazas, diſſipàraõ bens, roubàraõ os alheyos, ficàraõ ſem credito, perdèraõ a honra, e com vida taõ perdida por exercicio porque vièraõ a demaſiar-ſe no vinho com o mayor exceſſo, perdèraõ antes de tempo naturalmente a vida.

No capitulo 18. do primeiro livro deſta obra arguì jà eſte abominavel vicio, de que para emmenda de outros puz exemplares monſtruoſos; ſe mais quizerem ver ainda em homens graves que cahiraõ neſte erro, tem a Cleomenes Rey dos Eſpartanos que de propoſito ſe embebedava para pelejar à imitaçaõ dos Tracios (2) Andebunto Rey de Inglaterra que a todos os comeres bebia com o mayor exceſſo, com o copo na maõ cahio morto (3) Atila que pela ſua tirania ſe intitulou *Flagelum Dei*, bebeo vinho com tal exceſſo que arrebentandolhe as veas, eſtalou (4) Niſeo tirano de Siracuſſa ſendolhe dito pelos agoureiros que morria, para ſe deſpedir do vinho, embebedouſe para morrer. (5) Se em Horacio lerem as acçoens de Cataõ, Homero, e Ennio homens famoſos

(2) *Pilitian. Dante.*

(3) *V. Beda.*

(4) *Paul. Jovio Elog.*

(5) *Plutarch.*

famosos no Mundo lhe acharàõ a nodoa, e deslustre que lhe occasionou o muito vinho. (6)

(6) *Orat. l. 3. & in Epist.*

Os Ladroens de quem se diz tivèraõ a Jepte por seu Inventor, e Principe, e hé o seu officio roubar os bens alheios, humas vezes despojando a seus proximos da bolça, e outras privando-os da vida, tem certamente vida perdida por exercicio, e sendo colhidos, ou prezos, tem por ley expressa em todas as Monarquias violenta, e afrontosa morte: só no Reyno de Inglaterra (ouvi dizer) se perdoa aos que por trique (isto he por habilidade, e sem violencia) furtaõ.

Tem antiquissimo principio este pessimo, e depravado uso: jà delle a Sagrada Escritura fala no tempo de Jacob, de Jozè, e de Labaõ (7) e Deos o prohibia naõ só na Ley Escrita (8) mas tambem Christo na Ley da Graça (9) he entre todos os Doutores, e PP. como pernicioso vicio reprovado, e pelo Direito commum he todo o delinquente severamente punido (10)

(7) *Genes. c.* 30. & 31. *c.* 40.
(8) *Exod.* 20. *Levitic.* 19. *Deuter.* 5.
(9) *Math.* 19.
(10) *In Jur. ff. d Furto.*

Introduzio-se no Mundo este vicio, e maligno uso depois que a inveja, cubiça, e ambiçaõ prevalecèraõ; e chegou logo a tal excesso, que naõ satisfeitos jà os homens de roubar por todos os modos que podem, os bens alheyos, querendo avultar furtando, se expozèraõ atrevidos sem temor nem da Justiça Divina, nem da Humana, a ser crueis homicidas, ou por vingança de qualquer natural, e licita rezistencia, ou porque (co-

mo homem morto naõ falla) o ſeu inſulto ſe naõ divulgaſſe, ou ſoubeſſe, e nunca alguem os prizionaſſe.

Dos que exercitàraõ eſte modo de vida infame (11) moſtraõ por eſcandalozos exemplares os hiſtoriadores antiguos a Eſpartaço, o qual de pequeno ajuntando-ſe com outros, e exercitando-ſe em furtos limitados, veyo a ſer, como nenhum do ſeu tempo, famoſo ladraõ de eſtradas, e facinoroſo homicida, e tanto chegou a enriquecer com os bens alheyos, que fazendo-ſe forte com gente armada, poz guerra atrevidamente aos Romanos, mas colhendo-o às mãos foy caſtigado como merecia. (12)

(11) Ex Jure.

(12) Colio.

Titigia ladraõ famoſo que toda ſua vida (neſte officio) gaſtou em os boſques de Arcadia ſahindo a fazer latrocinios indiziveis, ſem que ainda fortificados lhe eſcapaſſem povos pequenos, nem armados perdoaſſe a viandantes, tirandolhe por goſto cruelmente a vida, e roubando-os. (13) Euribato ſe nos roubos, e homicidios o igualou, na malicia, e deſtrezas engenhoſas o excedeo. (14) Ataba, e Numenio unidos, foraõ dous ladroens taõ dezalmados, que com a mayor inſolencia nada reſpeitàraõ, roubando cazas, e tirando vidas. (15)

(13) Zenodoto.

(14) Textor. in off.

(15) Herodoto.

De outros muitos faz mençaõ a antigua hiſtoria; mas para moſtrar que eſte vicio chega tambem aos grandes, aponto ao Emperador Nero, e a Caioverre Governador

de

de Cezilia pela Republica Romana, famozissimos ladroens ao grave, pois cuidando ambos de ensopar em si os bens de todos, por industrias fizeraõ seus todos os dinheiros, e riquezas dos que dominavaõ, vendendo as mercès, tomando as posseçoens, desfardando as cazas, e despojando de toda a preciosidade, e riqueza atè os templos dos Deoses. (16)

(16) *De Ner. vide Cornel. Tacit. de Caio Ver. vide Lactant. Firmin. l. 2.*

CAPITULO IV.

Da Arte Meretricia, e Bruxarias. Mostra a malignidade dos enfeites concurrentes para afectar as lascivas fermosuras. Expoem a antiguidade nos seus malignos inventos.

NAõ sem justificadissima causa unî estas duas Artes pèssimas em hum só capitulo, porque como ambas inculcaõ transformaçoens da creatura, sendo as transformadas muitas, hum he o que as tranforma. He o demonio autor de todo o mal, e sendo estas artes por natureza pèssimas, quem podia ser o inventor dellas se naõ o mesmo demonio?

Saõ as Almas templo de Deos, e membro de seus membros, que unidos no mistico corpo da Igreja, tem por cabeçaa Christo (1) mas desmembrando-as o peccado, e o demonio transformando-as, facilmente ficaõ com luciferina arte para os mais pestiferos exercicios reunidas. Taes saõ os de que trata o capitulo presente, e ambos disputaõ antiguidade grande, mostrando as

(1) *1. ad Corint. 3. 2. ad Corint. 6. Ephes. 4. & 5. Coloss. 1.*

mesmas letras Divinas jà no tempo de Judas filho de Jacob (se naõ he ainda mais antiguo) ter em Thamar a Meretricie seu principio; (2) e jà no tempo de Saul ter em Pytonissa a Bruxaria o seu invento. (3)

(2) Genes. 38. Ruth. 4. 2. Regum.
(3) 1. Reg. 28.

Tem dominaçaõ nos animos cobardes a Meritricie como insinuou o Evangelista Aguia (4) e he trato, e officio taõ asqueroso, taõ baxo, taõ infame, e taõ vil, quanto naõ pòde bem a penna explicar. Saõ suas cazas como açougue publico, no qual se expoem para o povo carne de varios animaes ao talho. Saõ tolleradas pelo Direito Civil, por evitar mayor ruina (5) mas em publica Praça por hum Porteiro vil apregoadas. Naõ sey possa haver no Mundo mayor miseria, nem que huma mulher torpe possa chegar a mais fatal desgraça.

(4) Apoc. 17. & 19.
(5) Vid. in Jurisconi.

Nesta cahiraõ algumas mulheres antiguamente, e como eraõ menos em o numero, dellas os Escritores historiàraõ. Plinio Herodoto, e Plutarcho fazem mençaõ de Rodopea: Propercio, de Taide; Mondogneto, de Lamia; Gelio, de Gliceria, e Leoncia; Origenes, de Celia, Ermia, e Sempronia; Claudiano, de Laide; Crinito, de Trine; Livio, de Faucola; Dante de Sinope, e Flora; Costo, de Polinda, e Beronice; Paulo, de Rosmanda; Sexto Aurelio, de Fausta; Contarino, de Porcia; Bergamo, de Lucrecia; Plutarcho, de Cleopatra. Hoje qualquer mundano farà mençaõ de muitas mil. (6)

(6) Plinius. Herodot. Plutarch. Propertius. Mondognete. Gelio. Origenes. Claudian. Crinito. Livio. Dante. Thom. Costo. Paul. Diacon. Sext. Aurel. Luigi Contarini. Fillippo de Bergamo. Plutarch.

Muito

Muito conduzio para este lascivo trato, que moralmente he morte viva, a invençaõ dos enfeites, cheiros, e unguentos, estimulos tudo da lascivia, do que foy autora, e inventora Venus mulher mais torpe que o Mundo teve, a quem os Gentios deraõ adoraçoens como Deosa, cativos da sua formosura (7) esta foy a que estabeleceo a arte Meretricia como affirma Lactancio Firmiano (8) e a que induzio as mulheres da Ilha de Chypre que ganhassem publicamente com seus corpos (9) como refere Justino; este costume se imitou pelas mulheres de Babilonia, participou-se às Assirias, Gregas, Hetrurias, e Romanas, como Herodoto, e outros escrevèraõ (10) Para os enfeites concorreo Medèa (11) tambem os povos Abantes.

(7) *Ovid. Virgil.*

(8) *Lact. Firm. l. 1. Histor. Sacra.*

(9) *Justin. hist. l. 18.*

(10) *Herodot. Plutarch. Alex. Mag. Diogenes.*

(11) *Clemente.*

A Arte de Bruxaria diabolica, e abominavel he emprego mais proprio das mulheres que dos homens, por serem aquellas mais faceis de enganar pelo demonio, o qual como Inventor, e mestre de taõ maldita arte lhe dà traças muito suas para este exercicio. He deste o primeiro ensayo arrenegar de Deos, e offerecerse ao demonio fazendo, e tendo com elle hum expresso pacto, de tal sorte que hum demonio lhe assiste sempre como Anjo da sua guarda.

He sabida, e a muitos muy notoria a occupaçaõ em que as Bruxas se exercitaõ, pois sendo màs para si mesmas (12) o saõ tambem com especialidade para as crianças innocen-

(12) *Ripa. Dionizio. Joaõ Oven.*

nocentes cujo ſangue extrahem com o perigo de vida as menos vezes, que as mais he com morte certa (13) capacitandoas o demonio (principalmente às que ſaõ velhas) que com aquelle innocente ſangue bebido lhe hade ſer a mocidade renovada. (14)

(13) Mart. del Rio.

(14) Marſil. Ticin. l.2. de vita longa cap. 11. Pedro Cieza in deſcript. Indiæ. Ovid. Faſtor. 6

Para mais a ſeu ſalvo fazerem as Bruxas o ſeu effeito, ſe convertem por arte do demonio em diverſas formas, transformando-ſe ordinariamente em limitadas figuras para mais ſe lhe facilitarem as entradas (15) outras vezes fazem o ſeu emprego para provocar a actos venereos; outras tirando honras, e fazendo perder vidas; outros roubando peças, e extraindo fazendas, uſando para eſtes, e outros effeitos de unguentos, e unturas com ajuda do demonio fabricadas; (16) ſe os curioſos quizerem mais ſaber neſta materia, leyaõ os ſeguintes autores abaixo poſtos por naõ occupar tanto as margens.

(15) D. Hyron. in Epiſt. ad Paul. D. Auguſt. l.21. de Civit. Dei. D. Thom 2.2. quaſt. 12. art 2.

Baptiſta Codronchio.	Antonoio Ferreira.	Grillando.
Sebaſtiaõ Michel.	Garcislao Inca.	Apuleyo.
D. Ramires del Prado.	Peres de Lara.	Plutarcho.
D. Franciſco de Affonceca Henriques.	Creſpeto.	Plinio.
AmericoVeſpuzio.	Propercio.	Senneto.
	Boetho.	Rozeo.
	Zacuto Luſitano.	Xiphilino.
	Remigio.	Torreblanca.
	Brognolo.	Joaõ Oven.
		Hyeronimo Vida.

CAPI-

CAPITULO V.

Da Arte Magica, e ſuas muitas divizoens. Moſtra ſe a ſua antiguidade, e Origem; Declara-ſe o ſeu invento. Toca-ſe na Judiciaria, ſendo todas prohibidas em uſo.

A Arte Magica em que muitos antiguamente florecèraõ com o ambicioſo dezejo de ſaber couſas futuras, e tem ſua deduçaõ dos principios Phizicos, e Mathematicos, como os Eſcritores aſſevèraõ, e ſendo (como me capacito) directa, ou indirectamente ſeu Inventor primeiro o demonio, teve (como Plinio, e Euzebio eſcrevéraõ) em Perſia a ſua origem por Zoroaſtes Rey dos Battrianos aos quatro mil annos da creaçaõ do Mundo, mil cento e oitenta e ſinco annos da fundaçaõ de Roma, e novecentos antes da guerra de Troya. (1)

Foy Thezalia a primeira Regiaõ que ſe infamou com eſta arte (2) e Plinio achou (como diz) ainda reliquias della no ſeu tempo em a ley das doze taboas. (3) Pythagoras, Empedocles, Democrito, e Plataõ foraõ nella eminentiſſimos, e Hoſtaſthenes fez glozas ſobre ella. (4) He moralmente fatal perdiçaõ de vida o ſeu exercicio. He ſua empreza adivinhar futuros mediante o pacto com o demonio; ſaõ ſeus membros os ſeguintes, e eſſes as ſuas divizoens.

Geomancia - modo de adivinhar pela terra. Mantuano faz della mençaõ (5) he heretica,

(1) *Plin. l. 30. Euzeb. l. 10. de Præpar. Evang. & in l. de Tempor.*

(2) *Lucan. l. 6. de bel. Pharſalic. Apuleyo l. 1.*

(3) *Plin. l. 3.*

(4) *Plin. l. 30.*

(5) *Mantuano in Apeleon.*

retica, e ſuſpeita de pacto. (6)

Hidromancia - era modo de adivinhar pela agua; heretica, e ſuſpeita de pacto. (7)

Aerimancia - modo de adivinhar pelo ar; heretica, e ſuſpeita de pacto. (8)

Pyromancia - modo de adivinhar pelo fogo; prohibido, e ſuſpeito de pacto. (9)

Chyromancia - modo de adivinhar pelas linhas das mãos; falça, vãa, e eſcandaloſa, prohibida como tal. (10)

Nicromancia - modo de adivinhar pelas ſombras, ou corpos mortos; condemnada por Direito Divino, e humano (11)

Rabdomancia - modo de adivinhar por entre dous paus iguaes, e encantados, a que vulgarmente ſe chamava - Varinha de Condaõ; uſava-ſe de mais modos, mas todos ſaõ prohibidos.

Dactilomancia - modo de adivinhar pelos aneis fabricados com certos caracteres, e encantados; prohibida.

Alectromancia - modo de adivinhar pelo Abecedario dividido em partes iguaes.

Arithmancia - modo de adivinhar pelos computos, e letras da Arithmetica.

Onomancia - modo de adivinhar pelas ſignificaçoens dos nomes, e ſuas Ethymologias. He tolerado em o fazer Anagramas.

Phizionomia - modo de adivinhar pelas feiçoens do roſtro, permittida em quanto ſe contèm dentro dos lemites da natureza, (12) mas em quanto julga dos dons Divinos, he reprovada, e prohibida. (13)

Ono-

(6) *Extravag. Siſti 5. an.* 1586.

(7) *Extravag Joan.* 22. *& Siſti.* 5. *an.* 1586.

(8) *In Extrav. Siſti.*

(9) *Siſt.* 5. *& in c. Igitur.* 26.

(10) *Barboza de Poteſtat. Epiſcop. & in Extravag. Siſti.*

(11) *Levitic.* 10. *Deuteron.* 18. *Judic.* 12. *Iſaiæ.* 8. *Job.* 13. 1. *Reg.* 6. 4. *Reg.* 1. *In Jure C. qui ſine Salv.* 26. *q. c. Nec. mirum.* 26. *q.* 5. *l. prætor.* § *adverſ. c. de Sepulchr. viol. l. mult. c. de Malef. l.* 2. *t.* 23. *part.* 7.

(12) *Bonacin. in præc. Decalogi diſp.* 3. *q.* 5. *D. Thom. p.* 1 *q.* 115. *art.* 4. *Mayol. t.* 2. *can. col.* 2.

(13) *D. Paul. ad Cor.* 1. *cap.* 12. *v.* 1. *Torreblanc l.* 7. *c.* 7. *Binsfeldio in l. Reg.*

Onomancia - modo de adivinhar pelas unhas; prohibido.

Ariola - modo de adivinhar pelos Idolos, e aras (14) he prohibida por falſa, e heretica (15) jà no Deuteronomio ſe prohibia. (16)

Cephalmancia - modo de adivinhar pela cabeça de qualquer creatura, aſſada no fogo, e encantada com certos ritos, e ceremonias.

Eſtoicheomancia - modo de adivinhar pelas primeiras palavras que ſe encontraõ, aberto qualquer livro.

Coſcinomancia - modo de adivinhar por huma joeira, ou crivo, ou pineira.

Cleidomancia - modo de adivinhar por hum prego, ou cravo de metal pregado no meyo de hum circulo cheyo de letras barbaras.

Cratomancia - modo de adivinhar por hum bocado de paõ metido por maõ de Sacerdote na boca de outrem.

Caſtrolomancia - modo de adivinhar por huma garrafa cheya de agua com huma luz diante poſta na maõ de huma Donzella.

Acriſtalomancia - modo de adivinhar por pedaços de criſtal, moſtrando o demonio figuras.

Caſtropomancia - modo de adivinhar pelos eſpelhos encantados, para ſaber o termo das doenças.

Axiomancia - modo de adivinhar por enxòs, e machadinhas luzentes.

Pardenomancia - modo de adivinhar ſe a

(14) *D. Iſidor. l. 8. etim c. 9.*

(15) *Suar. l. 2. Decal. cap. 37. Tolet. in Sum. l. 4. cap 14. n. 2. Simanc. de Cathol. inſtit. t. 3 a n. 1. Zech. in ſum. p. 1. t de fide c. 14.*

(16) *Deuter. c. 18.*

mulher eſtà virgem, ou naõ.

Amniomancia - modo de adivinhar pela tunica, ou membrana da creatura quando naſce.

Omphalomancia - modo de adivinhar pelos nòs da vea umbrical, ou do embigo, quando naſce a creatura.

Auruſpicina - arte de adivinhar pelas entranhas, membros, fibras, e partes dos animaes naõ ſó racionaes, mas irracionaes, que de todos fazia o gentiliſmo Sacrificio. (17) Os antiguos ainda ſubdividiaõ eſta em oito partes que por fugir à extençaõ naõ individùo, e dellas trataõ os Autores que à marge aponto. (18)

Augurio - modo de adivinhar pelas vozes de diverſos animaes, com eſpecialidade de diverſas Aves.

Auſpicio - modo de adivinhar pelo voo das meſmas Aves.

Preſtigio - he pôr fantezias no ſentido commum para revelar os futuros.

Aſtrimancia - he modo de adivinhar pelas Eſtrelas as vidas, mortes, e naſcimentos das creaturas.

Pytonica - modo de hir por familiar a qualquer parte do Mundo.

Acabala - modo de adivinhar pelas letras, e figuras.

Horoſpicio, e Horoſcopio - modo de adivinhar pelas horas do dia.

Sortilegio - modo de adivinhar pelos dados, naipes, e ſortes.

(17) *Juvenal. Joan. Stuchius. Sueton. Horat. Virgil. & primo vide S. Script. Pſ. 1 5. v. 37. Exech. c. 23. v. 39. 4. Reg. 16.*

(18) *Silius Italic. Lucan. Mantuan. Jozefo. Lactancio. Mayolo. Seneca. Arnobio. Alex. Neapol. Stuchie. Camerario. Luciano. Nicephor. Euzeb. & alii.*

Ima-

Imaginaria - modo de adivinhar por imagens de cera, pedra, e pau.

Encanto - he para com palavras confundir os ſentidos.

Notoria - he modo de aprender todas as ſciencias ſem meſtre, nem eſtudo, nem exercicio algum.

Breviaria - he pôr ſinaes, caractères, ou letras em hum papel, traxendo-ſe eſte aò peſcoço.

Caratheria - modo de adivinhar por rubricas, e cifras.

Ligatura - modo de fazer impotentes aos homens.

Chimica - modo de mudar a ſubſtancia de hum metal em outro.

Aſtrologia Judiciaria - he a fonte donde manaõ todas eſtas ſuperſtiçoens, em quanto concidèra, e julga os futuros contingentes, e por modos ſuperſticioſos faz nas Eſtrellas, e Aſtros ſiniſtras obſervaçoens, e varios diſcurſos; o que tudo, e quaſi tudo o que contem as eſpecies da Magica mencionadas he prohibido no uſo pelos Pontifices Romanos com eſpecialidade por Siſto V. in Extravag. jà alegada; e neſtas materias eſcrevèraõ os Autores que aos curiozos (ſe quizerem mais individuar noticias) jà exponho, e ſaõ os ſeguintes:

S. Agoſtinho.	Phyloſtrato.	ximo.
S. Cypriano.	Caſſiodoro.	Herodoto.
S. Thomàs.	Origenes.	Jamblico.
S. Izidoro.	Valerio Ma-	Catullo.

Lemnio.
Egydio.
Mexia.
Mendoça.
Pedro Binsfeldio.
P. Antonio Vieira.
Thomàz Moro.
Estacio Pipino.
Bento Remigio.
Joaõ deMena.
PaulloGrilando.
Joaõ Azor.
Tostado.
Estrabo.
Yèpes.
Glicas.
Pictorio.
Juvenal.
Claudiano.
Martin del Rio.
Martin de Roã.
Carlos deBaucio.
Torre Blanca.
Bulengero.
Aristophanes.
Covarrubias.
Reuclino.
Pletomnio.
Joaõ Brodeo.
Zonaras.
Anniano.
Cardano.
Arnobio.
Marcial.
Candido Brognolo.
Thomàz Sanches.
Guilhelmo Pariziense.
Celio Rodiginio.
Joaõ Diacono.
Simaõ Mayolo.
Predro Gregorio.
Alexandre ab Alex.
Raphael de la Torre.
Valle deMoura.
Nicephoro Calixto.
Alexandre Neapol.
Octavio Scarlatino.
Francisco Pico.
Lucano, e outros.

CAPI-

CAPITULO VI.

Dos Feiticeiros, Mezinheiros, e Benzedores. Falla nos Amentadores, e Emprazadores: tocando só estas materias.

JA' bastava o que no capitulo antecedente fica dito para que claramente se conhecesse a malevolencia destas artes, que como tambem se estabelecem no magisterio do demonio, necessariamente haviaõ ser moralmente lastimosa perdiçaõ de vida para os que as exercitaõ, ficando justamente accredores à mayor infamia, de que por nenhum pertexto, conforme as letras Divinas, e humanas, se escuzaõ, pois que todos os Catholicos, e Sapientissimos Escritores as abominaõ como cousa do demonio, e vigorosamente as reprovaõ.

Os Feiticeiros, a que os Latinos chamaõ tambem Emplasmadores, tem seu exercicio (por pacto com o demonio) em perseguir as humanas creaturas, ordinariamente sendo rogados de outras, sem que seja necessaria outra causa mais que huma raiva, vingança, ou inveja; e tambem algumas vezes por exercicio e influxo da malignidade propria. Costumaõ para isto observar os quatro humores de que o corpo humano se compoem, isto por ciencia do demonio, que com elles magistralmente opèra, para que no mais apto se possaõ introduzir achaques, e enfermidades varias, atormentando gravemente o corpo da miseravel, e paciente creatura,

Vejaõ os Autores allegados no fim deste cap. 6.

creatura, affectando ſempre o parecer doença natural, para q̃ alguns Medicos obſervando os ſyntomas apparentes que o demonio, illudindo-os, lhe repreſentavaõ, teimando em lhe applicar remedios, e vencer ſalarios, atè que deſtruida a natureza, e exhaurida a bolça (repugnando em tanto, que os Exorciſmos da Igreja ſe lhe appliquem) vem a perder a vida, ſem ſaber de que, ſe a Igreja por ſeus Miniſtros naõ acudir, por mais que a Medicina ſe empenhe ſcientificamente a curar.

Os Mèzinheiros concordaõ quaſi com os Feiticeiros, e ſaõ ſuſpeitos de pacto com o demonio, pois o ſeu curativo que he ſempre por palavras muitas vezes Santas, e Divinas, com cruzes, bençãos, e acçoens, he abſolutamente prohibido, aſſim como o curar dos Feiticeiros, diſſolvendo por affectada, e diabolica virtude os maleficios que, ou elles meſmos, ou outros fizeraõ, o que na melhor opiniaõ naõ pòdem ſem fazer novo maleficio; e ſó os Miniſtros da Igreja tem autoridade para (com o poder Divino) poder curar queixas eſpirituaes; nem o enfermo ſem culpa graviſſima pòde admitir curas dos taes mèzinheiros, e feiticeiros pela razaõ do pacto que ſe inclue, e envolve entre mil modos eſtravagantes, e rediculos obſervados neſtas curas.

Vide infra.

Paul. ad Cor. 1. 12. & 14.

Os Benzedores (naõ falo em os que benzem, ou curaõ *Per gratiam gratis datam*, pois ha peſſoas a quem Deos quiz dar eſte dom) coinci-

coincidem com os mezinheiros, e pelas razoens jà ditas ſaõ ſuas benzeduras ſuperſticioſas como no Mundo por uſo, ou abuſo ſe praticaõ; os Theologos Moraliſtas as reprovaõ, e neſte erro cahem mais do que os homens as mulheres, que como ſaõ mais metidas a devotas, facilitaõ-ſe mais com affectada virtude neſtas benzeduras, ou bixancoros.

Os Amentadores, e Emprazadores cujo officio, e exercicio he bem ſabido (repreſentando-ſe eſte neceſſario, pois conduz para o goſto dos Principes nas reaes caſſadas; e aquelle util, pois domeſticando dos meſmos Touros a brabeza com facilidade nas conduçoens os aggrèga para a ſuſtentaçaõ commua) reputa-ſe por ſuſpeito de pacto, ſendo abominavel, e prohibido como eſpecie de Feitiçaria. Iſto baſta na preſente materia em que jà diſſe mais por outra vez, e ſe quizerem os Leitores mais noticias, pòdem ler em os ſeguintes Autores ſobre eſte capitulo.

Traliano.
Gordonio.
Varraò.
Mayolo.
Caetano.
Farinacio.
Grillando.
Azor.
Llamas.
Zerola.
Quinto Sereno.
Martin de Arles.
Torreblanca.
Gatinaria.
Taranta.
Simancas.
Cardano.
Jacob Graffis.
Torreblanca.
Thomàz Moro.
Valle de Moura.
Martin del Rio.
Vera Cruz.
Eſtevaõ Bubalo.

Andrè

André Lourenço.
Pedro Thyrreo.
Franciſco Pico.
Joaõ Oven.
Leſſio.
Jamblico.
Beza.
Sonco.
Ripa.
Sanches.
Bozio.
Moura.
Foſtado.
Bodino.
Candido.
Ciruelo.
Leoncio.
Genebrardo.
Binsfeldio.
Eſpirengerio.
Toſtado.
Baſſimo.
Tralliano.
Aſpiculeta.
Amniap.
Carlos de Baucio. *

* *Sed non Legito prohibis hicto, neque in alia materia.*

DIVIZAM II.

Vida perdida por natureza.

CAPITULO VII.

Dos Enfermos actuaes, e habituaes. Moſtra de que procede aos mortaes as doenças, e achaques que padecem, pondo-ſe em proxima aptidaõ de perder fizicamente a vida.

NOs Seculos antiguos em que as vidas dos homens eraõ mais largas, entendia o barbaro Gentiliſmo que de ſeus falſos Deoſes quando irados lhe procedia immediatamente alguma doença que padeciaõ, e aſſim querendo modificarlhe (por utilidade propria) o ſeu furor, lhe offereciaõ em cruento Sacrificio o filho, ou prenda que mais extremoſos amavaõ. (1) Devota impiedade! Com perda de alhea vida queriaõ concervar ſem enfermidade a ſua propria.

(1) *Alceo. Polybio. Plutarch.*

Seneca

Seneca (ſupoſto que Gentio) com claro diſcurſo obſervando, e reflectindo o bem empregadas que eraõ as enfermidades nos impios, que com a morte acabavaõ, todo eſtimulado eſcreveo: *Miranda res eſt impium mortuum eſſe, cum nunquam vixerit* (2) reputando por gravifſimas enfermidades actuaes, e habituaes aos vicios que naõ ſó moral, mas fiſicamente tambem mataõ, diz que he de admirar morra o impio, ſem nunca ter vivido.

(2) *Seneca.*

Saõ as enfermidades (como os Doutores Miſticos aſſevèraõ) mimos, e favores de Deos (3) mas reſpondem impacientes os impios que naõ querem de Deos eſſes mimos, ou favores; Deos os faz para que os homens com eſte deſpertador cuidem logo de applicar promptiſſimos remedios para ſaràrem das enfermidades da culpa reſtituindo-ſe à vida da Graça; e os peccadores tendo de graça eſte ſaudavel remedio (ſem poderem dizer como o Paralitico da Picina (4) pois no meſmo ponto, e hora Deos como Medico Divino lhe acode, naõ ſe querem aproveitar, de ſorte que huns pejando-ſe, e repugnando ao vomito de ſuas culpas fazem como diz S. Jeronimo incuravel a ferida: *Si erubeſcit ægrotus vulnus Medico detegere, quod ignorat Medicina non curat* (5) outros oppondo-ſe à tolerancia de todo o eſpiritual remedio ao Divino Medico de nenhuma ſorte buſcaõ, e perſiſtindo com actual, e habitual enfermidade, morre moralmente a Alma, e fiſicamente o corpo, tendo ſuccedido a muitos

(3) *S. Thereſ. in oper. D. Auguſt. de Civit. Dei.*

(4) *Joan. 5.*

(5) *D. Hyeronim.*

ſerem ſepultados no inferno em corpo, e Alma. (6)

(6) *Vid. P. Andrada in Itiner.*

Mas paſſando jà (ſem digreçaõ) do moral para o fiſico, queſtionaõ os Doutores da arte Medica, qual ſeja a cauſa das enfermidades nas creaturas humanas; e obſervando os modernos as maximas de Hipocrates, Galeno, Avicena, Ariſtoteles, e outros antiguos que com ciencia, e experiencia na materia eſcrevèraõ, dizem huns que o fomento, e formento das noſſas enfermidades he a craſſidaõ, a qualidade, e algum exceſſo dos comeres, que, ou ſendo por natureza indigeſtos, ou naõ os podendo o eſtomago por alguma das cauſas ditas digirir; naõ fazendo o cozimento, e fermentaçaõ neceſſaria, ſe corrompem, e participando-ſe à maſſa ſanguinaria os excrementos, padeſſe o corpo enfermidades. *

* *Hipocrates. Galen. Avicen. Ariſtol. & ex his recentiores AA. Medicin. ſuo loco expoſiti.*

Aſſevèraõ outros que da intemperança dos climas; outros, que da groſſura das aguas, ou crueza de outras; outros, que da veſinhança das lagoas; outros, que da corrupçaõ dos ares; outros, que do influxo dos Planetas; outros, que da variedade dos tempos; e outros, que da dezigualdade das quadras, procedem aos mortaes as enfermidades que padecem, o que tudo a meſma experiencia nos moſtra, pelo que em os noſſos corpos ſentimos, pois, ou motivando-o os vapores que da terra ſe levantaõ, ou occaſionando-o o nimio calor do Sol que tudo abraza, ou cauſando-o a demaſiada chuva que

tudo

tudo innunda, as enfermidades ſe geraõ, e nós gememos. *

Outros Eſcritores dizem que da mà compleiçaõ da creatura, e depravada conſtituiçaõ dos humores, ou fleumaticos, e frios, ou aduſtos, eſcorbuticos, e colericos gerados na creatura, ou pela intemperança no beber, ou pelo exceſſo na laſcivia, ou pelo trato violento, ou pela falta de exercicio moderado (a naõ ſer por algum dos modos aſſima expreſſados) ſe gèraõ as doenças, e enfermidades, fazendo a muitos homens caqueticos, e deixando a outros hidropicos; conſtituhindo a outros eticos, ou tizicos, e outros ficando pobres, e corruptos; outros com erpes malignados, e outros com parlezias, e eſtupores, todas certamente enfermidades mortaes, com que a vida de ordinario fizicamente ſe perde ſem que os remedios facilmente aproveitem.

Outros finalmente ficando com habituaes, achaques, ou tolhidos por ciatica, ou cegos por gota ſerena, ou tartamudos, e lezos por accidente apopletico, ou coxos, e aleijados por nacença, e qualquer dezaſtre, ou gotozos pela mà qualidade de humores, ou em fim padecendo outras ſemelhantes enfermidades, e outros experimentando o achaque da velhice que he doença habitual, ſem remedio, vem neceſſariamente a pagar o tributo à natureza fiſicamente perdendo a vida, e cuſtandolhe mais que aos moços o apartarſe deſte Mundo, talvez por lhe te-

rem mais amor jà que mais tempo o logràraõ, chegaõ precizados a ſogeitarſe à morte eſtranhando-o por ſer a primeira vez. *

CAPITULO VIII.

Das Mortes naturaes, cazuaes, e repentinas. Moſtra-ſe os irreperaveis damnos no dezacerto tanto que a Alma ſe ſepara, e a terribilidade do Juizo a que por força ſe ſogeita.

COncluindo-ſe a vida da creatura por diſpoſiçaõ do Creador, e chegado o dia, e hora por todas ignorada (1) havendo neceſſariamente de dar complemento, e ſatisfaçaõ ao infalivel Eſtatuto (2) chega com rebuços a morte, a huns fazendo-ſe medonha, e a outros deſconhecida, quando jà com mais, ou menos preça fazendo o ſeu effeito (ſe de repente naõ vem) principia a exercitarſe nos deſpojos, pois quebrantando as forças, ventilando os alentos, desfalecendo os eſpiritos, enfraquecendo as potencias, debilitando os pulſos, fugindo o calor, parando na circulaçaõ o ſangue, privando do exercicio aos ſentidos, e totalmente desfalecendo o coraçaõ; ſendo eſte o principio da vida (3) he em tal cazo o ultimo deſpojo da morte. (4)

He a morte no commum ſentido dos Doutores huma ſeparaçaõ da Alma com fiſica privaçaõ da vida. (5) Plutarco eſcreveo que o homem naturalmente principia a morrer, tanto que entra a caducar (6) ainda

(1) *Math.* 25. 13.

(2) *ad Hebr.* 9. 27.

(3) *Com. Philoſ.*

(4) *Com. Medic.*

(5) *Ariſtoteles. Plato. Galen.*

(6) *Plutarch.*

da Seneca requintou mais este conceito dizendo, que apenas a creatura nasce, logo para a morte acceleradamente caminha (7) tanto se verifica esta asseveraçaõ Catholica, suposto escrita por huma pena gentilica, que tendo approvaçaõ dos misticos Doutores, com a mesma experiencia se comprova quando vemos que com mais, ou menos annos, e em toda a idade ; a humana creatura morre, algumas tanto que nascem, e outras antes de viverem fóra do claustro materno, nem ser nascidas.

(7) Seneca Ep. 24.

Em tudo isto entendo discorreria o Santo Job, quando disse, que os dias da vida do homem eraõ breves (8) S. Jeronimo nos que vivèraõ, ou dez mil annos (tanto que a morte chega) os suppoem iguaes (9) e Santo Agostinho em tudo o que tem fim generaliza esta brevidade de vida (10) porisso David reputando toda sua idade por dias, mencionou annos só na eternidade (11) e como a morte a ninguem guarda respeitos, e igualmente entra em as cabanas dos pobres, como nos Palacios dos Principes, o que ainda hum gentio observou (12) porisso devem certificarse todos de qualquer sexo idade, e qualidade que sejaõ por mais que desejem, ou affectem duraçoens na vida, haõ de os seus annos nesta parecer dias, e só annos na Eternidade.

(8) Job. 10.

(9) D. Hieron. in Epitaph. Nepotiani ad Heliodor.

(10) D. August. in Ps. 61.

(11) Ps. 76. 6.

(12) Horatio.

He opiniaõ certa entre os Doutores fundados no que se colige do livro da Sabedoria (13) que Deos naõ fez a morte, nem se alegra

(13) Sap. 1. 13. Sap. 2. 23.

gra com a destruiçaõ dos vivos, antes creou ao homem immortal, ou inexterminavel, isto he, em estado que a Alma se naõ apartasse do corpo, nem este se exanimasse, mas o homem (a seu tempo) em corpo, e Alma ao Ceo subisse; porèm como chegou a peccar o primeiro homem, pelo peccado entrou no Mundo a morte, e constituhindo-se penna justa do peccado, como chegou a todos o peccado, a todos tambem chegou a morte. (14)

(14) *Rom. 5. 12.*

Infinitas vezes succede fazerem os mesmos homens anticipar a morte sem que naturalmente (isto he) por natural enfermidade, ou velhice percaõ a vida; isto succede nas mortes cazuaes, e repentinas, pois dando occaziaõ a algum precepicio, e desastre, ou tirando huns aos outros a vida, ou de qualquer outro modo, quando repentinamente em qualquer accidente chega a morte, se faz naõ só corporal mas espiritualmente mais sensivel a total perdiçaõ de vida, pois ordinariamente experimenta irreparaveis dannos no dezacerto a Alma tanto que do corpo se sepàra.

Desta qualidade de mortes, e outras ainda mais insolitas estaõ as historias cheias, hũas succedidas por alegria, e gosto grande, outras occazionadas por grãde penna, e sentimento: aponto ao curioso leitor alguns Escritores em que as lí (15) e naõ como a resoluçaõ de as expender por ser minha empreza escrever laconico, e fugir a digreçoens,

Vide (15) *Valer. Maxim. de morte non vulg. Textor. t. de gaudio & ris. mortui. Huerta no probl. do rizo. Aul. Gel. nas noites Atic. Franco nos Camp. Elizios. Floresto nas observaçoens. Astolfo na Offic. historica. Barros. nas Decad. Plutarc. Galen. Fulgozo. Mexia. e outros muitos.*

çoens, podendo fazer hum volume grande só nesta vastissima materia.

Naquella separaçaõ da Alma (em que eu fallava) quando do corpo saindo, se retira, ponto que ninguem póde evitar, só se no Mundo naõ nascer(16)e nem com o mesmo Filho de Deos se dispençou, he que està todo o perigo; porque importaria menos que naturalmente morresse o corpo, se naõ houvesse o risco de morrer espiritualmente a Alma, que para esta assim naõ padecer morte eterna, havia o homem necessariamente ter neste Mundo vida ajustada.

(16) *D. Aug. in Joan.*

O Juizo particular de Deos a que a Alma, tanto que separada do corpo, he conduzida, inculca pelo risco da sentença a mayor terribilidade: assim o entendem S. Ambrosio, e S. Anselmo ponderando as palavras de S. Paulo (17) e mais claro ainda o insinuou o Ecclesiastico (18) se pois tanto que a morte chega naõ he jà tempo de merecer nem desmerecer, claro fica ser só tempo de premear, e castigar o que se tiver merecido, ou desmerecido, e assim convinha à rectidaõ da Justiça Divina, pois o mais seria demorar o premio aos bons, e dilatar o supplicio aos màos.

(17) *D. Ambr. & D. Anselm. in Ep. D. Paul. 9. 27. ad Hæbreos.*

(18) *Eccles. 11.29.*

O tempo em que se fórma este Tribunal, e se conclue este Juizo, he precisamente o mesmo instante da morte de cada hum: todos os Santos o temèraõ, e muitos conciderando este perigo dezejariaõ naõ ter no Mundo apparecido, pois ao dia em que nascèraõ,

(18) *Job. c. 3.*

cèraõ, amaldiçoàraõ (18) Que ſuccederà aos miſeraveis peccadores que vivèraõ toda ſua vida diſtrahidos, e no fim ſem a neceſſaria penitencia acabàraõ? No Juizo da penitencia, e exame de noſſas conciencias he bem que nos condemnemos, antes que nos condemnem: mas no Juizo de Deos ninguem antes que o condemnem ſe condemne.

Neſte particular Juizo conſequente fatal da morte ha de a Alma ter, ou boa, ou mà ſentença, e entre ellas ha differença grande para os bons, e para os màos, que como a ſalvaçaõ, e condemnaçaõ ſaõ extremos naõ ſó diſtantes, mas oppoſtos, nunca ſe podem unir em hum ſó ſogeito. Sogeite o homem o ſeu juizo em vida à concideraçaõ da morte para que com modificados temores eſteja prevenido chegando neceſſidade taõ extrema; que ſe o neſcio tem ſó as eſperanças na vida, e guarda os temores para a morte, o prudente guarda as eſperanças para a morte, e tem os temores na vida.

CAPI-

CAPITULO IX.

Mostra a mayor duraçaõ de tempo que os homens tivèraõ nesta mortal vida; e o quanto attribuhia o Gentilismo às tres Parcas, e Fados os incidentes da morte. Apontaõ-se com probabilidade as razoens porque antiguamente eraõ as vidas mais largas.

ADmirados os homens que agora vivem de ver o pouco que a vida dura, e observando o que referem as letras Divinas, e humanas dos homens que no primeiro seculo do Mundo, e atè o tempo do universal diluvio vivèraõ, entràraõ a questionar se eraõ Solares, ou Lunares aquelles annos; desta nascèraõ ainda novas opinioens nos homens ideados pela variedade de seus discursos, porque huns verificàraõ naõ ter naquelle tempo mais de tres mezes cada anno; outros disseraõ que cada mez era de tres dias; e outros escrevèraõ que cada dia era de tres oras; mas refutando-se comó apocrifas estas opinioens taõ sinistras, mostro em poucas palavras com a razaõ, com a Fizica, e com a Sacra Escritura, Padres, e Doutores serem no tempo antiguo os dias, mezes, e annos, como agora.

He sem duvida que creando Deos o Ceo, e a terra (1) dispoz, e regulou com alta providencia esta prodigiosa maquina do Mundo; e com o Sol, e Lua que no quarto dia o mesmo Deos creàra, quiz se abalizassem os tempos, os dias, e os annos. (2) Em

(1) Genes. 1. 1.

(2) Genes. 1. 14.

 o sexto

o sexto dia formou Deos o primeiro homem (3) o qual viveo novecentos, e trinta annos; isto assentado como certo (4) digo com a milhor opiniaõ (5) que foraõ Solares, e naõ Lunares estes annos, ainda que Marco Varro Author antiguo o impugna (6) e sendo esta opiniaõ dos DD. e PP. se confirma com a razaõ; porque

(3) Genes. 1. 27.

(4) Genes. 5.

(5) Jozef. l. 1. ant. Lactant. Firm. D. Aug. l. 15. de Civitate Dei.

(6) Marc. Varr.

Cada hum anno Solar (como contamos os que vivemos) tem doze Luas numeradas de conjunçaõ a conjunçaõ: logo se os annos que v. g. Adam no primeiro seculo viveo, foraõ Lunares, segue-se que no presente seculo vivemos nòs mais do que Adam. Prova-se. No presente seculo tem havido homens que vivèraõ 130. annos Solares, os quaes sendo numerados - Lunares, mostra-se que chegaraõ a viver por esta conta mais de mil e trezentos annos, tendo só Adam no primeiro seculo vivido, como diz o Texto, novecentos e trinta annos. Logo se he opiniaõ communissima que as idades agora saõ mais curtas, segue-se (sem duvida) que os annos que Adaõ, e outros vivèraõ, foraõ Solares.

Ex Genes. 5.

A Fisica, e natural Filosofia mostra que de doze annos principia o homem (com pouca differença) a ter potencia de gerar: a Escritura diz que Caim de setenta annos geràra oito filhos (7) logo, se estes annos fossem Lunares (attendido o que fica dito) segue-se que de seis annos, e tantos mezes os gerou; logo se isto segundo a ordem da

(7) Genes. 5.

natureza

natureza he impoſſivel, e hum anno Solar he o meſmo que doze Lunares, ſegue-ſe que naõ eraõ Lunares ſe naõ Solares os annos que Adam, Caim, e outros vivèraõ.

Prova-ſe com a meſma Eſcritura ſerem entaõ os mezes do anno como agora, tendo cada hum (huns pelos outros) trinta dias, e cada anno doze mezes; porque da arca de Noè em tempo do diluvio, ſe refere que andando ſobre as aguas, parou, e deixou de andar nellas em o dia 27. do ſetimo mez. No ſetimo mez ſe moſtra, naõ conſtar de tres o anno, e no numerar os dias ſe moſtra que de tres ſó naõ conſtava cada mez. (8)

(8) *Geneſ. 6.*

Mas para que naõ fiquem em ſilencio os annos que Adaõ, e muitos de ſeus deſcendentes vivèraõ, achamos nas letras Divinas os ſeus annos na fórma ſeguinte computados. (9)

(9) *Geneſ. 5.*

Adam viveo 930. an.	Heber viveo 467. an.
Eva (em boa opiniaõ) 930.	Jacob viveo 175. an.
Seth viveo 912. an.	Joſuè viveo 110. an.
Cainan viv. 910. an.	Salamaõ ſó 94. an. *
Malalael viv. 895. an.	Tobias viv. 112. an.
Enoch viv. 965. an.	Sara viveo 117. an.
Reu viveo 302. an.	Jared viveo 962. an.
Nacor viveo 148. an.	Faleg viveo 239. an.
Aram viveo 205. an.	Sarug viveo 230. an.
Matuzalem viveo 969. an.	Tharè viveo 205. an.
Noè viveo 905. an.	Abraham viv. 175. an.
Arfaxad viv. 338. an.	Lamech viv. 777. an.
	Sem viveo 600. an.
	Sala viveo 433. an.

* *Outra opiniaõ tem 57. 17. que tinha quando entrou a reinar, e 40. que reinou.*

Izaac viveo 185. an.
Aram irmão de Moyſés 123. an.
Heli viveo ſó 98. an.

Job viveo 103. an.
Moyſés viv. 120. an.
Judith viv. 195. an.

Nos poſteriores ſeculos em que as idades jà eraõ mais curtas, achamos nas letras humanas, e nas Eccleſiaſticas - a

Perpena que viveo 100. an.
Metello P. dos Idolos viv. 100. an.
Gorgias Leontino viv. 307. an.
Iſocrates viv. 100. an.
Hipocrates Coo viv. 104. an.
Orbileo Benevent. viv. 100. an.
Neſtor viv. 300. an.
Lizimaco viv. 100. an.
Argatorio viv. 300. an
Dandone viv. 500. an.
Litonio viv. 300. an.
Tito Fulonio viveo 150. an.
Joaõ de Tempos viv. 361. an.
Narcizo Patriarcha viveo 116. an.

S. Antaõ Ab. viveo 105. an.
Egidio Ab. viveo 100. an.
Tito diſcipulo de S. Paulo 101. an.
S. Paulo I. Eremita viveo 113. an.
Pacomio Ab. viveo 110. an.
Proſdocimo B. viv. 114. an.
Florẽtino viv. 123. an
Guarino Biſpo viv. 110. annos.
Vicencio viv. 120. an.
Cronio Anacoreta viveo 155. an.
Hugo ſuceſſor de S. Bern. viv. 117. an.
Simaõ Cleofas viveo 120. annos. (10)

(10) *Textor. Baronio. Barbarano. Ribadaneira, & alii.*

Os Poetas, Filoſofos Stoicos, e Aſtronomos antiguos attribuhiaõ às tres fabuloſas Parcas os incidentes da morte, e denominando-as Cloto, Lachezis, e Antropos, diziaõ

diziaõ ter a primeira a roca, a ſegunda o fio, e a terceira o corte; outros as confundiaõ com as Fadas, e de humas, e outras verificavaõ depender a ſorte, ou boa, ou mà da morte. (11) Outros finalmente às Parcas, e Fados attribuhiaõ todos os effeitos naturaes, e voluntarios, todas as inclinaçoens a vicios, e a virtudes, todas as paixoens do animo, todas as tentaçoens, dezejos, e concupicencias (12) e como neſtas materias prende o ajuſtado, ou dezajuſtado da vida, com apparente razaõ lhe attribuhiaõ, como diſſemos, os incidentes da morte.

(11) *Homero. Heziodo. Licofron. Marcial.*

(12) *Seneca. Ptolomeo. Democritus. Epicuro. Criſſipo Eſtoico.*

As razoens porque com probabilidade ſe entende eraõ antiguamente, mais do que agora, as vidas largas, ſuponho ſer porque naquelle tempo tinhaõ os homens melhor compleyxaõ, harmonia, e proporçaõ de humores. II. porque naõ uſavaõ de viandas fortes, e indigeſtas, nem tanto, como agora, variaõ de manjares. III. porque naquelle tempo, mais do que agora, eraõ mais benevolos os influxos dos Planetas, os aſpectos, e conjunçoens dos Aſtros. IV. porque mais proximos a Adam tivèraõ noticia, por elle participada, das virtudes curativas que em ſi continhaõ os mineraes, ervas, e plantas. V. porque a Divina Providencia quiz entaõ alargar mais a vida aos homens, pois aſſim convinha para a multiplicaçaõ, e propagaçaõ do Mundo; mas todos eſtes (aſſim como a todos nòs indefectivelmente hade ſoceder) morrèraõ, e acabàraõ, vindo

(13) Job. 14. 5. Ps. 88. v. 49. Eccles. 9. v. 12. 1. Reg. 15. 32. Isaiæ 2. 10. Eccles. 12. 5. ad Rom. 5. 12. ad Hebr. 9. 27.

do a experimentar os horrores da ſepultura. (13)

CAPITULO X.

Da formalidade que os Gentios obſervavaõ com os ſeus mortos, o diverſo modo de ſepulturas que lhe davaõ, os exceſſos que obravaõ, as honras, e vilipendios que lhe faziaõ. Toca-ſe nas Pyramides, e Obeliſcos que peſſoas grandes para ſepultura propria fizeraõ.

SEjaõ os Obeliſcos, e Pyramides (materia em que por outro principio jà falley) a primeira que ſe trata neſte capitulo, para que ſe veja o como a vaidade da vida ſe perpetuava entre os antiguos ainda nos horrores da morte; pelo que Plinio ainda que gentio chama a eſtas obras huma oſtentaçaõ vãa para demonſtraçaõ de grandezas Reaes (1) e Diodoro reputando eſtalagens os Pallacios em que os Principes habitaõ quando vivos, aprova, e reputa por cazas, e habitaçoens perpetuas as que com magnificencia ſe fabricaõ para depois da morte. (2)

(1) Plin. hic.

(2) Diodor.

Na mais ſolida opiniaõ naõ ſe erigiaõ tanto os Obeliſcos, quanto as Piramides para ſepulturas dos Principes, pois conſta que os que fabricàraõ Obeliſcos, tivéraõ o fim de dar ſatisfaçaõ a votos, ou promeſſas; intentando outros por tal principio modificar a ira de ſeus Deoſes quando com algum barbaro inſulto os tinhaõ eſtimulado. (3)

(3) Plin. Heſiod. Juſtin.

Tinhaõ os Obeliſcos (a que a poſteridade chamoū agulhas) figura rotunda, com

altura,

altura, ou grandeza desmensurada. Referem os Escritores que no Egypto tivèraõ sua origem, e consecutivamente em Roma a sua imitaçaõ, sendo ElRey Mitres Rey dos Egypcios o primeiro que tal mandou erigir em a Cidade do Sol (4) ElRey Socris seu successor levantou quatro de quarenta e oito covados de altura, e Ramases que reinou ao tempo em que Troya se destruhio, mandou fabricar dous: hum de quarenta covados, e outro de noventa e nove pès em altura. A estes Monarcas imitàraõ outros, como foraõ os Reys Mirne, e Phio, a quem outros Escritores chamaõ Smare, e Eraphio. ElRey Ptolomeo Philadelfo o fez tambem em Alexandria. (5)

Dos referidos, e outros muitos que houve com especialidade no Egypto, conduzio dous a Roma o Emperador Augusto Cezar (6) extrahidos da Cidade de Helio-poli, dos quaes hum que refere Plinio ter sido obra de ElRey Semneserteo (7) foy levantado na praça, e Circo maximo; e o outro que fabricàra ElRey Sesostris foy erecto no campo Marcio. Tambem o Emperador Cayo Caligula conduzio outro que se colocou no Vaticano (8) e deixados outros.

Das Piramides faz tambem (com outros) Plinio mençaõ, e diz houvèraõ tres entre as Cidades de Memphis, e Delta (9) em huma das quaes que era mayor, escreve Diodoro que trabalhàraõ trezentos e seten-

(4) *Plinius l. 36.*

(5) *Vide Plin. Estrab. Herodot. Cornel. Tacit.*

(6) *Ammian. Marcelino.*

(7) *Plin. hic.*

(8) *Plin. l. 16.*

(9) *Plinius.*

(10) *Diodor. lib. 2.* ta mil homens vinte annos (10) a qual fez para sua sepultura ElRey Chemis, a quem Herodoto chama Cheope (11) mas se esta (11) *Herodoto.* assim como a segunda que edeficou Chabreo como diz Diodoro, ou Cheprene, como tem Herodoto, e a terceira que fez ElRey Micerino, foraõ na opiniaõ de Estrabo, e Marcial as que se reputàraõ por huma das maravilhas do Mundo em que jà falley (12) (12) *Diodoro Herodoto. Estrabo. Marcial.* achamos outras nas historias, cuja primeira invençaõ no sentir de Diodoro se atribue aos Ethiopes, e muitas que entre os Hebreos se praticavaõ por deposiçaõ de Jozefo, sendo fabricadas todas para sepultura dos mortos. (13) (13) *Diodor. Jozef. l. 2. ant.*

Das mais acçoens que com seus mortos a Gentilidade fazia, e o titulo deste capitulo aponta, fazem mençaõ muitos historiadores antiguos. (14) (14) *Plin. Raviʃ. Text. Massini. Aulo Gel. Viturv. Cicero. Lucan. Servius. Herodot. S. Hyeron.* Entre os Egypcios quando algum morria, lhe extrahiaõ os intestinos, e depois de os lavarem lhos introduziaõ outravez com varios unguentos, e aromas; logo metiaõ o tal corpo setenta dias em sal; passados estes o tiravaõ em hum lençol todo cuberto de goma, que metido em huma imagem de madeira oca para este effeito fabricada, o enterravaõ entaõ com grande pranto, depois de feitas estas honras.

Os Tibarenes tanto que viaõ algum que caducava por velhice, o penduravaõ no campo em paos, ou ramos de arvores. Os Ethiopes denominados Macrobios, metiaõ

aos

aos ſeus mortos em huns Sepulchros de vidro. Os Naſamoens ſepultavaõ aos ſeus mortos aſſentados. Os Albanos habitadores do monte Caucazo reputavaõ por iniquidade o fazer cazo, nem ter com os mortos attençaõ, e os ſepultavaõ com deſprezo. Os Hircanos vendo eſtar algum para morrer, o lançavaõ aos caens ainda ſemi-vivo. Entre os Scithas quando algum morria, enterravaõ com elle vivas as peſſoas que mais o amàraõ. Os Taxilos lançavão os corpos de ſeus defuntos aos Butires para que os comeſſem.

Os Bactrianos botavão aos caens (que criavaõ para eſte effeito) os corpos dos que erão jà velhos. Os Caſpios lançavão a quaeſquer féras os corpos dos ſeus defuntos. Os de Thracia enterravão os ſeus mortos com grandes galhofas, e rizos. Os Ethiopes lançavão ſeus mortos às profluencias dos rios, tendo eſta pela mais honrada ſepultura. Os Nabatheos reputavão a ſeus mortos como eſterco, e nas eſtrebarias botavão os corpos de ſeus Principes. Os Aſſirios metião a ſeus defuntos em mel, e os untavão todos com cera. Os Parthos expunhaõ ſeus defuntos às aves para que os comeſſem. Os Hiperboreos embriagavaõ a ſeus velhos, e os deſpenhavaõ de hum rochedo dandolhe no mar a ſepultura. Os Scythas Aziaticos coſtumavaõ com grande feſta comer aos ſeus mortos, e beber pelas caveiras. Os Romanos finalmente, e à ſua imitaçaõ outras

muitas Naçoens do Mundo praticàvaõ queimar aos ſeus mortos, e dar às cinzas ſepultura.

CAPITULO XI.

Dos Funeraes, nojos, e lutos antigua, e modernamente praticados por occaſiaõ de mortes. Tocaõ-ſe cazos eſtupendos. Apontaõ-ſe tambem mortes inſolitas.

HE antiquiſſimo no Mundo entre os que tem luz da razaõ moſtrar com expreſſoens externas nas mortes de ſeus parentes, e amigos o ſentimento; e tendo ainda no Gentiliſmo os funeraes, nojos, e lutos o ſeu principio, hoje em racionaes normas ſe vè no Chriſtianiſmo praticado.

Em o Povo Hebreo tivèraõ jà eſtas acçoens a ſua origem (1) mas com diverſidade; porque ſe depois de ungidos, e amortalhados em candidos lençoes os ſeus defuntos com funeraes moderados rapavaõ a cabeça, e barba veſtindo-ſe de eſcuro ſaco para moſtrar o mayor ſentimento com lagrimas em o ſeu luto, como tambem Iſaias inſinùa (2) e com veſte ſemelhante chorou Jacob a Jozè ſeu filho, e tambem David a ſeu filho Abſalam (3) agora ſe uza o veſtir em todo o corpo hum preto luto, e deixar crecer as barbas. Entre os Hebreos durava o nojo trinta dias; em a diverſidade de Naçoens que ha no Mundo ſe pratica hoje por varios, e differentes modos.

(1) D. Hyeronim. ex Sacra pagina.

(2) Iſaia.

(3) D. Hyron.

Os Romanos que prezumiraõ de mais

politicos

politicos, e attentos, foraõ exactissimos nos funeraes de seus Principes: duravaõ estes o tempo de sete dias, e acabados estes levavaõ a figura de seu Emperador ungida com infinitos aromas, e unguentos entre mil ceremonias, a huma praça publica adonde estava feito hum muito elevado mausoleo cheyo de muitas luzes, adonde repetindo outras muitas ceremonias, ultimamente era queimado como se usava naquelle tempo. Herodiano faz mençaõ deste antiguo rito. (4)

(4) *Herodian. lib. 4.*

Foy em Roma Junio Bruto o primeiro em cujas exequias, e funeral pomposo houve fórma de Sermaõ, do qual foy Valerio Publicola o Orador; muitos historiadores tem esta acçaõ por mais antigua no invento: huns a atribuem aos Gregos, e outros aos Athenienses por Solon seu legislador (5) e só nas exequias, e funeraes dos Varoens se praticava; mas pelo decurso dos tempos concedeo o Senado Romano que tambem nas exequias de matronas se orasse. (6)

(5) *Aulo Gel. lib. 17. Anaximenes Orator.*

(6) *Plutarch. in Vita Camilli.*

Este costume de orar nas exequias dos Defuntos se pratica entre os Catholicos por indulto do Papa Pelagio primeiro. S. Isidoro entende que se usava jà no tempo dos Apostolos (7) mas S. Ambrosio segue a opiniaõ que procedèra esta ceremonia dos Hebreos. (8)

(7) *D. Isidor.*

(8) *D. Ambros.*

Em os enterros praticavaõ os antiguos hir o corpo adiante de tudo, e consecutivamente todos os que o acompanhavaõ. (9) O uso de tumbas, ou esquifes tambem he

(9) *Servius. Virgil. de Pallante.*

antiquissimo (10) e só ao defunto precediaõ trombetas que lhe tocavaõ. (11) O costume de pôr grandes pedras sobre as sepulturas com letreiros gravados, e escudo de armas aberto ao buril teve sua origem dos Gregos a quem imitàraõ os Romanos (12) e finalmente as honras todas que nos funeraes, e exequias (dito melhor, no sentir de Servio, obsequias (13) que se fazem aos defuntos, se ampliáraõ desde o Pontificado de Joaõ XVIII. (falo entre os Catholicos) tendo fundamento na representaçaõ de Odilon Abbade Cluniacence, e se offerecèraõ mais fervorosamente Sacrificios pelos mortos (14) sendo jà costume entre os Gregos, e Romanos offertarem varias oblaçoens. (15) Omitto fazer mençaõ de varias mortes insolitas, porque para nossa confuzaõ, e exemplo naõ só estaõ cheas as historias, mas com os nossos olhos as estamos muitas vezes vendo.

(10) *Marcello.*
(11) *Virgil.*
(12) *Cicero l. 2. de legib.*
(13) *Servius hic.*
(14) *D. Petrus Damian.*
(15) *Plutarch. Ti-*

CAPITULO XII.

Trata dos ultimos paracismos da vida, dos crueis estragos da morte, da ultima constituiçaõ do corpo tanto que espira, e finalmente da corrupçaõ, e resoluçaõ ultima do corpo na sepultura.

JA' no capitulo 8. precedente deste livro mencioney o que neste escusava repetir; e só para dar complemento à formalidade do assumpto desta obra, omittidas as opinioens de Monravà, e outros modernos Escritores Lusitanos que venero,

venero, e li curiosamente, assim como nos doutos Mirandela, e Feliciano de Almeida, observey a fórma da geraçaõ do homem que no principio desta obra (com attençaõ aos antiguos) naõ segui, agora concluhirey brevissimamente com o commum sentir dos mais.

Morta finalmente a racional, e vivente creatura, e prostrado aquelle fizico composto pelos estragos da morte, como Monravà no corpo humano descobrio naõ menos que vinte e sinco humores que compoem a massa sanguinaria, e della saõ filtrados, e segregados pelas visceras, sendo serto que a Alma està em todo o corpo, e em qualquer parte delle, he sem duvida que retirando-se a Alma, e sepultando-se o corpo todos os humores padecem corrupçaõ; ficaõ logo estupidos todos os sucos animaes que circulavaõ pelos nervos, e davaõ fortaleza aos membros para os sentimentos, e movimentos; e vay logo a terra produzindo o seu effeito reduzindo o cadaver a podridaõ.

Monravá cap. singul.

Os instetinos primeiramente se corrompem por causa do excremento nelles detido; aos miolos chega logo a corrupçaõ por serem de sustancia tenue, e fria; tambem logo acomete o figado por receber em si o sangue mais excrementicio, e crasso às carnes em que os humores se embebiaõ, vay logo tambem a corrupçaõ; e ultimamente chega à sustancia cartiliginosa, e ossos esponjozos;

jozos; ultimamente no commum ſentir de muitos Doutores ſe reſolve o corpo, dizem huns que em tres, e outros que nos quatro Elementos, que todos Monravà nega; ſendo muito para admirar o que S. Agoſtinho diz, ficar de hum corpo na ſepultura ſó duas onças de terra, razaõ porque nunca a terra creſce por mais corpos q̃ ſe enterrem em huma ſepultura; nella acaba tudo, e com eſta reſoluçaõ tomo eu a de dar jà o fim a eſta obra complectado o projecto da minha idèa com a ultima reſoluçaõ do corpo na ſepultura.

D. Aug.

Finis Laus Deo, B. Virgini, ac Glorioſæ Annæ, Parenti Franciſco, ac B. Joſepho.

IN-

INDICE DOS LIVROS DA SAGRADA ESCRITURA EM O VELHO, E NOVO TESTAMENTO,

Dos Sagrados Concilios, Bullas, e Constituiçoens Apostolicas, Santos PP. e DD. da Igreja, Dos Interpretres, e Expositores Ecclesiasticos das letras Divinas. Dos Doutores, e Autores em todas as sciencias, e Artes Liberaes, Politicas, Mecanicas, Profanas, e Serviz. Com cujas opinioens, e jà corretos Escritos este unico Tomo por allegaçaõ, e remiçaõ se accredita, e ennobrece.

Aos Leitores Sapientissimos protesto que se naõ obstante o nimio trabalho que me occasionou neste Index o exame dos Autores, escrupulisando depois de acabada a obra se acazô por alegaçaõ, ou remiçaõ apontaria alguns que, ou em todo, ou em parte fossem prohibidos, ou naõ estivessem correctos (sendo precizo buscar os antiguos para satisfaçaõ do meu assumpto, e delles me parece naõ extrahi cousa repugnante) assim aos Indices como no corpo do volume, hey por riscados os que estiverem inhibidos, e posta a nota - Authoris damnati, & operis permissi,*nos que em todo, ou em parte estiverem tolerados, suposto ha muitas equivocaçoens de nomes com outros que naõ tem prohibiçaõ. Em tudo me sogeito à preza da fé, e disposiçaõ da S. Igreja Catholica Romana.*

A

Attenta

Jozê

Monfieur

INDICE SEGUNDO

DE ALGUNS HISTORIADORES, Eſcritores, Annaliſtas, e Chronografiſtas Eccleſiaſticos, Politicos, e Profanos,

Que Do Mundo univerſalizado, e ſingularizado hiſtoriàraõ. Com cujas Opinioens por extraçaõ do primeiro Index eſte volume ſe accredita, e aos curioſos ſe participa

Appol-

Sulpicio Severo, na Historia Sacra. Sine coment: Drusii.
Francisco Marchezi, no Diario Sacro.
Sexto Bononiense, na Biblioteca Santa.
Jacobo Perim, de Statu Græcorum.
Xenophonte, de Gestis Græcorum. Sine coment. aliorum.
Berozo, de Floribus Chaldaicis.
Erasmo Mussio, de Ægyptiorum Republica.
Gabriel Berbondo, Historia de lo Egypto.
Mezancio, de Historia Ægyptiorum.
Pedro de Miranda, in Tractatu de Orbe, & Urbe Romana.
Baptista Egnacio, de Romano Principatu.
Julio Obsequente, de Prodigiis Romanorum.
Andrè Palladio, Maravilhas de Roma.
Antonio Maria Gioiozi Maraviglie de Roma.
Bartholomeu Marliano, Antiguidades de Roma.
Joaõ Rossino, de Antiquitatibus Romæ. Cum nota in Comment.
Bartalo Marlio, de Antiquitatibus Romæ.
Andrè Fulvio, in Antiquitatibus Romæ.
Francisco Spinola, in Tractatu de Antiquit. & dispos. Romanorum.
Eutropio, de Gestis Romanorum.
Belingerio, de Triumphis Romanorum.
Thomàs Dempster, nas Antiguidades de Roma. Hic permit.
Titolivio, na Historia Romanã.
Libio Padovano ne la Historia Romanã.
Andre de Parma, in vita Imperatorum.
Aristides Milezio na Historia de Italia.
Sigonnio, de Regno Italico.

Felippo

INDICE SEGUNDO

DE ALGUNS HISTORIADORES, Eſcritores, Annaliſtas, e Chronografiſtas Eccleſiaſticos, Politicos, e Profanos,

Que Do Mundo univerſalizado, e ſingularizado hiſtoriàraõ. Com cujas Opinioens por extraçaõ do primeiro Index eſte volume ſe accredita, e aos curioſos ſe participa

Nicolás Janòz Voog, nos celebres Atlas Mundi.
Hartman Schedel, no famoſo Tomo Ætas Mundi.
Jozefo Rozacio, in ÆtatibusMundi.
Pedro Bonze, de Origine Mundi.
Affonço de Avila, in Tractatu de Opere Mundi.
Beredo, de Curſu Mundi.
Manoel Bricerio, de Orbe.
Philo, in Fabrica Mundi - non Maximilian. Philo.
Franciſco Alumno, ne la Fabrica del Mondo.
Giováni Franceſco Anania, ne-la Fabrica del Mondo.
Geováni Lorenço Anania, en la Hiſtoria del Mondo.
Bonardo Trattegiano, ne-la Minera del Mondo.
Marco Polo, ne-la Maraviglie del Mondo.
Giovánia Maria Bonardo, ne-le Maraviglie del Mondo.
Annanias Fabio ne-lo Trattato del Mondo.
Juan Botero, en la Rellacion del Mondo.
Chriſtiano Maſſini, ne-la Hiſtorie del Mondo.
Giovanni Mandavilla, ne-le Maraviglie del Mondo.

Giovanni Tarcagnota, Hiſtoria del Mondo.
Giovan Tarſagni Hiſtoria del Mondo.
Tomazo Tomai, Giardino del Mondo.
Lucio Ampelio,(naõ Appuleio) Noticcie del Mondo.
Fr. Bartholomeu de Oſſuna Hiſtoria do Mundo.
Selim, de Mirabilibus Mundi.
Germano, in Chronico Orbis terrarum.
Franciſco de Lorim, in Tractatu de Mundo.
Franciſco de Alba, in Mirandis Orbis.
Abramo Orteli, Theatrum Orbis terrarum.
Wernero Roleuvind, in Faſciculo temporum.
Cezar Campana, na Hiſtoria do Mundo.
Eneas Sylvio na Hiſtoria do Mundo, cum retractat. & non de geſtis Concilii Baſilienſis.
Antonio Poſſevino, Hiſtoria del Mondo.
Joſeph Script. Latin. de Antiquitatibus.
D. Pedro Cubero, in rebus Mundi.
Pedro Celio, de Statu Mundi.
Jacomo Saliani, nos Annaes do Mundo.
Veſpaziano Angelico, Memorial do Mundo.
Cornelio Tacito, nos Anaes do Mundo.
Chriſtiano Adricomio, nos Annaes do Mundo.
Caſſaneo Cor. in Catalogo Gloriæ Mundi.
Iſſachardo, in Apologia communis Orbis.
Dechales, Mundo Mathematico.
Phelippo Pincinello, Mundo ſimbolico.
Celio Rhodigino, de Antiquitatibus.
Fabio Pictor, de Aureis Sæculis.
Joaõ Bohemo de Moribus Gentium.
Ravizio Textor in Officina hiſtorica.
Baptiſta Fulgozo de Mirabilibus in cap. 6. deleto §. 62.
Baptiſta Baldigara, Deſcripçaõ das maravilhas.
Aſtolfo ne-la Officina hiſtorica. Appol-

Appollodoro, Archilogo de Temporibus.
Afcanio Centorio na Officina hiftorica.
Joaõ Baptifta Porta Maravilhas da narureza, & non in Magia naturali prohibita.
Belforeft in Tractatu de Prodigiis naturæ.
Plinio in Hiftoria naturali.
Francifco Ptolomeu de Vetuftabus admirandis.
Luigi Contarini, Giardino del Mondo.
Francifco Spinola in Tratatu de Antiquitate.
Miguel Juftiniano in Theatro vitæ humanæ.
Lourenço Beerlinch in Theatro vitæ humanæ.
Pedro Baviftau nas Hiftorias antiguas, naõ no terceiro livro.
Reginaldo Pello de Adverfitatibus naturæ.
Areftas Bibliotecario, na Hiftoria Pontifical.
Ilhefcas, na Hiftoria Pontifical.
Octavio Panciroli, in Tractatu de Ecclefia Romana.
Octavio Patricio, de Ecclefia Romana.
Niculao Sandero, na Monarchia Ecclefiaftica.
Pineda, na Monarchia Ecclefiaftica.
Sebaftiaõ Cezar de Menezes, na Hyerarquia Ecclefiaftica.
Nicephoro Calixto, na Hiftoria Ecclefiaftica.
D. Rodrigo da Cunha, na Hiftoria Ecclefiaftica.
Evagrio, na Hiftoria Ecclefiaftica.
Sozomeno, na Hiftoria Ecclefiaftica.
Rufino, na Hiftoria Ecclefiaftica.
Beda V. na Hiftoria Ecclefiaftica.
Theodoro, na Hiftoria Ecclefiaftica. Non exprohibitis.
Simaõ Metaphrafte, na Hiftoria Ecclefiaftica.
Euzebio Cezarienfe, na Hiftoria Ecclefiaftica.
Niculao Taleone, Hiftoria Santa.

Sulpi-

Felippo

Beda, in Hiſtoria Angliæ.
Andrè Eborenſe nos Annaes de Olanda, deletis delendis.
Poliodoro, na Hiſtoria de Inglaterra.
Briecio, Maravilhas de Flandres.
Franciſco de Wande in Hiſt. lachimoſa Regni Scotiæ.
Pauzanias, de Regione Beotica.
Olao Magno, Hiſtoria dos Paizes Setentrionaes.
Jozè Betuſſi, Hiſtoria de Verona.
Lancillotti Perug - Hiſtoria Olivetana.
Monſieur de Loir, Hiſtoria do Levante.
Aſcanio Centorio, Hiſtoria da Tranſilvania.
Vincenzo Bardini, Hiſtoria da Palleſtina.
Chriſtiano Adricomio, Hiſtoria de Hieruſalem.
Jacobo Aſdrek, Hiſtoria da Paleſtina.
Brochardo, na Deſcripçaõ de Hieruſalem. Non ille Calvin.
Stefano. Luzigniano, Hiſtoria de Chipre.
Franciſco Riberenſe, de Statu Perſico.
Carlo Paſſi, Hiſtoria de la Perſia.
Catatinzeno, Hiſtorie de la Perſia.
D. Franciſco de Olivares Murilho, Hiſtor. Turqueſca.
Jacobo de Miranda, in Hiſtoria Africana.
Luca de Linda, Tratado de la Tartaria.
Andrè Arbatenſe, de Statu Tartariæ.
Guido, Hiſtoria dos Scythas.
Alfonço de Ovaglia, Hiſtoria do Reyno de Cile.
Paulo Veneto, in Hiſtoria rerum Orientalium.
Joaõ Bohemo, Hiſtoria de Barbaria.
Leandro Albero Tratado da Romanhia.
Chriſtoforo Borri, Rellaçaõ do Reyno de Conxinxina.

Teles,

Niculao

Niculao Serpetro, Maravilhas de Portugal.
Niculao de Oliveira, Excellencias de Portugal.
Ferdinando Cortes, Narraçaõ de Heſpanha.
Madera, Excellencias de Heſpanha.
Tamaio, nas Novidades antiguas de Heſpanha.
Lucio Siculo, na Heſpanha illuſtrada.
Joaõ Marianna, nas Couſas de Heſpanha.
Caramuel, nas Couſas de Heſpanha.
Fr. Franciſco Diago, nos Annaes de Valença.
Avila, in Theatro Matriti.
Salazar, Hiſtoria das Indias de Heſpanha.
Martino Clevero, Hiſtoria das Filipinas.
O P. Antonio Cordeiro, na Inſulana Portugueza.
Roberto Gagvin, de Francorum geſtis.
Aymonio, de Geſtis Francorum.
Pietro Mattei, Hiſtoria de França.
Molina, Galia deſcripta.
Guicciardino, na Hiſtoria de França, naõ de Italia.
Pipino Maſſon, de Mirabilibus Galiæ.
Andrè de Cheſne, Hiſtoria de França.
Miguel Angelo Mariani, Memorias de la Francia.
Felippo Briecio, Maravilhas de França.
Bolonhes Sinforiano, in Horto Galico.
Neriemberg, na Hiſtoria natural.
Methaſtenes, de Juditio temporum.
Spondano David, de Secretis naturæ.
Henrique Celio, de Antiquitate.
Antonio Pimenta, de Rebus naturalibus.
Poliodoro Virgilio (correcto) de Inventoribus rerum.
Papinio Michel, de Differentibus invent.
Valerio Maximo, de Inſtitutis antiquis.
Joaõ Emicilo na Hiſtoria varia.
Andrè de Piza, in Tractatu de mirabilibus.

Plataõ,

Pierio Valeriano nos Geroglificos.
Villadiego, no Catalogo.
Mexia, na Silva de varia liçaõ, non in cap. 9. libri 1.
Eſtrabo, na Geografia ; Correcto.
Pedro à Natalibus, nos Annaes.
Zonaras, em os Annaes.
Flavio Dextro, nos Annaes.
Cornelio Tacito, nos Annaes.
Cedreno, na Chronologia, e Compendio hiſtorial.
Caſſiodoro, nas Chronicas.
Auberto Mirrheo, in Cronicon.
Gordono, na Chronica.
Hirſauger in Cronico.
Marco Maximo in Cronicon.
Onufrio, in Cronico.
Julliano Toletano, na Chronica.
Guilhelme Matheo, no Eſpelho hiſtorial.
Joaõ Buſshers, no Floſculo hiſtorial.
Joaõ Schimidi, no Diario hiſtorial.
Blozio, no Floſculo hiſtorial.
Joaõ Michrel, Syntag. hiſtorial.
Alfonço Loſchi, no Compendio hiſtorial.
Lourenço Surio, na hiſtoria varia expurg. an. 1559.
Sozomeno, na Hiſtoria Tripartita.
Socrates, na Hiſtoria Tripartita.
Theodorico (naõ - Conrado) na Hiſtoria Tripartita.
Victor (non - Conradus) na Hiſtoria Tripartita.
Ludovico Dolce, ne-lo Diario hiſtoriale, Correto.
Cocleo, na Hiſtoria varia.
Dionizio Alicarnaceo, na Hiſtoria varia.
Sine notis aut commentis aliorum.
Joaõ Emicilo, na Hiſtoria varia.
Gregorio Maçano, na Hiſtoria varia.
Hector Boetho, na Hiſtoria varia. Baſ-

Baſte para o curioſo Leitor, a quem advirto que nem neſte ſegundo Indice vaõ todos os Hiſtoriadores de cujas noticias para eſta obra me valì, nem no Indice primeiro vaõ expreſſados todos os Autores que por allegaçaõ, e remiſſaõ apontey, por lhe naõ occazionar molaſtia na leitura; como tambem nem a todos os que vaõ incertos nos Indicices cito no corpo do Volume por ſeus nomes por naõ encher mais as marges fazendo-as imperceptiveis para o Prelo.

INDICE TERCEIRO

DOS LIVROS, E CAPITULOS todos desta obra.

LIVRO PRIMEIRO.

Das primeiras acçoens, e operaçoens da Creatura Humana.

LIVRO SEGUNDO

Da Vida Espiritual.

LIVRO TERCEIRO

Da Vida, e Estado Real.

LIVRO QUARTO

Vida Ecclesiastica.

quem

LIVRO QUINTO

Vida Religiosa, e Monastica.

CA-

LIVRO SEXTO.

Vida Conjugal.

LIVRO SETIMO.

Vida Literaria.

LIVRO OITAVO

Vida Militar.

CAP.

CAPITULO III.

Mostra o originario principio dos instromentos bèlicos, e armas dessensivas, e offensivas de que os Militares antiguamente usavaõ, e das que hoje praticaõ.

CAPITULO IV.

Apontaõ-se algumas guerras, e antiquissimas batalhas, que na terra, e mar por diversidade de accidentes se fizèraõ notaveis humas, e outras celebres.

LIVRO NONO

Vida Maritima, Nautica, e Piscatoria.

CAPITULO I.

MOstra quem primeiro no Mundo teve este modo de vida, e inventou navegar-se pelo mar. Aponta-se quem ideou as embarcaçoens primeiras.

CAPITULO II.

Do que deve ao menos ter sciencia pratica o bom Nautico, para que as embarcaçoens, naõ periguem. Trata de alguns que para mais facilmente navegar descobriraõ meyos, e de outros que primeiro ideàraõ ligeiras embarcaçoens.

CAPITULO III.

Mostra quem primeiro inventou a pescaria; quem estimou em muito esta curiosa arte; quem primeiro na terra firme inventou viveiros para ter como no mar os pexes vivos. Apontaõ-se nomes de pexes que ha no nosso Portugal, os modos de se pescarem, e quem inventou o sal.

CAPITULO IV.

De alguns pexes monstruosos que ha em diversas Naçoens do Mundo, isto he, nos mares de diversos Reinos, e Imperios.

LIVRO DECIMO.

Vida Officiosa.

CAPITULO I.

DOs Julgadores, Advogados, Escrivaens, Tabaliaens, e Requerentes; dos Meirinhos, Alcaides, e Carcereiros. Tocaõ-se antiguidades celebres, e mostra-se quem foraõ os primeiros Juizes, quando se estabalecèraõ, de que materia eraõ as suas varas; quem primeiro instituhio os carceres, e inventou os azilos.

CA-

LIVRO UNDECIMO

Vida Laburioza.

LI.